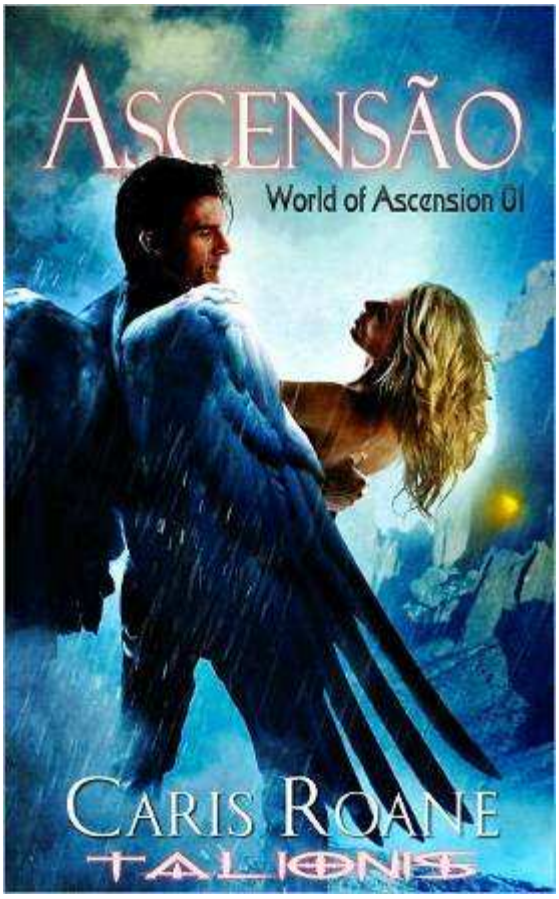

FIRST TIME IN PRINT!
ASCENSION
VAMPIRE.
WARRIOR. LEGEND.
LOVER.
CARIS ROANE



Ascenção - Livro 1

Caris Roane

Série World of Ascension

Traduzido e Revisado do Inglês
Indicação: *Aline A.*
Revisão Inicial: *Gaia (cap. 1 S.M.)*
Revisão Final e Formatação: *Thais*
Capa: *Élica*
Talionis

Alison Wells não é uma mulher comum. Nascida com poderes sobrenaturais, nunca pôde fazer amor com um homem sem colocá-lo em grave perigo. Mas quando sua visão especial revela um homem musculoso e glorioso subindo com suas asas poderosas, ela sente uma atração irresistível que não pode resistir, mesmo quando ele diz a ela: — Vim por você. Seu sangue pertence a mim. Kerrick é um vampiro e um guerreiro que lutou contra a fome de amor por uma mulher ao longo dos últimos 200 anos. Como guardião da Ascensão, jurou proteger Alison dos exércitos dos vampiros da morte que anseiam por seu sangue e seu poder. Mas Kerrick tem seus próprios desejos - um desejo proibido de abrir seu coração e veias para Alison. Compartilhar seu sangue... Satisfazer sua sede... E selar seus destinos para sempre.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Comentário da revisora Thaís: Mais uma história de vampiros sexys, fortes e que vivem para lutar contra os caras maus!! Além, é claro, de uma mocinha que precisa ser defendida, que tem certos traumas e encontra um mocinho que se encaixa perfeitamente e lhe traz completa felicidade! A história termina bem no auge e me deixou ansiosa pelos próximos acontecimentos. Um bom livro!

TERMINOLOGIA DA ASCENSÃO

Ascendente (subst.). Um humano mortal da terra que se mudou definitivamente para a segunda dimensão respondendo à chamada para a ascensão humana mortal. O humano mortal que experimenta as características da chamada para a ascensão, em algum momento se sente compelido a responder à chamada para a ascensão, normalmente, demonstrando significativo poder sobrenatural.

Ascendido. Humano mortal que tenha respondido ao chamado para a ascensão e assim começa ou seu rito de ascensão.

Ascensão. O ato de mudar-se permanentemente de uma dimensão para uma dimensão superior.

Cerimônia da ascensão. Para a conclusão do rito de ascensão, o mortal sofre uma cerimônia em que a lealdade às leis da Segunda sociedade são professadas e os atributos da essência vampira junto com a imortalidade são concedidos.

Chamada para a ascensão. O período de tempo, geralmente de várias semanas, em que o ser humano mortal, tem experimentado alguns ou todos, mas não preso, a obrigação de aceitar: sonhos específicos sobre a próxima dimensão, profundos anseios e desejos de natureza sobrenatural e inexplicáveis visões, e possivelmente visitas a qualquer uma das Fronteiras dimensionais, etc. **Ver Fronteiras.**

Rito da ascensão. Período de três dias durante o qual um ascendente contempla a ascenção à dimensão superior.

Fronteiras. Certas áreas geográficas que formam fronteiras dimensionais em ambas as extremidades de uma via dimensional. O caminho dimensional é um ponto de acesso através do qual a viagem pode ocorrer de uma dimensão para a próxima. **Ver Passagem.**

Breh-heddenn. Um ritual de profunda união entre companheiros, que só pode ser experimentado pelos guerreiros mais poderosos e as mulheres mais extraordinariamente talentosas. Os efeitos do breh-Hedden podem incluir, mas não estão limitados a: a experiência de um aroma específico, a atração física/sexual extremas, perda de pensamento racional, comportamento sexual primitivo, necessidade inexplicável de se unir, necessidade profunda da experiência poderosa do mergulho da mente, etc.

Cadroenn. (Termo de uma língua antiga.) O nome para o fecho de cabelo que prende na nuca o longo cabelo ritual dos Guerreiros de Sangue.

Central. O escritório da atual administração que acompanha o movimento vampiros da morte em ambos as dimensão a da Segunda Terra e da Mortal com a finalidade de alertar aos Guerreiros do Sangue e os da Milícia sobre as atividades ilegais.

Área Escura. Região de não espaço que pode ser encontrada durante as meditações e/ou com fortes capacidades sobrenaturais de escurecimento. Tais habilidades permitem ao ascendido se mudar para não espaço e permanecer lá ou usar o espaço inferior, a fim de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Vampiro da Morte. Qualquer vampiro homem ou mulher, que bebe sangue de seres mortos ou até a morte torna-se automaticamente um vampiro da morte. Vampiros da morte podem ter, mas não estão limitados, as seguintes características: aumento notável da força física, uma tez de porcelana independente de qualquer que seja a etnia, a longo prazo os vampiros da morte têm uma reputação de ficarem muito semelhante, com um fraco azulado em sua pele de porcelana, a beleza do rosto aumenta grandemente, capacidade de encantar, escurecimento das asas ao longo de um período de tempo. Embora os vampiros da morte não tenham gêneros específicos, a maioria é do sexo masculino.

Mundos dimensionais. Onze mil anos atrás, o primeiro ascendido, Luchianne, fez a difícil transição da Terra Mortal ao que ficou conhecido como Segunda Terra. No início dos milênios quatro outras dimensões foram descobertas, com Luchianne sempre liderando o caminho. Ascendentes de cada dimensão apresentam uma expansão dos poderes sobrenaturais que tinham antes da ascensão. Dimensões superiores são geralmente vedadas para a dimensão abaixo.

Duhuro. (Termo de uma língua antiga.) Uma palavra de respeito que na antiga língua combina o ofício espiritual ao mesmo tempo de servo e senhor. Para chamar alguém de duhuro é oferecer um profundo elogio, sugerindo grande valor.

Sangue Morto. Sangue extraído de um mortal ou de um ascendido que está a ponto de morrer. Este sangue é de natureza altamente viciante. Não há tratamento conhecido para quem

toma de sangue morto. Os resultados da ingestão de sangue morto incluem, mas não estão limitados a: poder físico, mental, ou sobrenatural aumentados, uma sensação de euforia extrema, um profundo sentimento de bem-estar, uma sensação de onipotência e destemor, a tomada do poder sobrenatural do corpo do hospedeiro, etc. Se o sangue morto não é tomado em uma base regular, resulta em extremas cólicas abdominais. Nota: Atualmente, há um antídoto, não para o vício em sangue morto em si, mas para os vários resultados da ingestão de sangue morto. Isto significa que um vampiro da morte que bebe sangue morto e em seguida, bebe o antídoto não mostra o usual efeito colateral físico da ingestão de sangue morto, isto é, sem a palidez ou o fraco azulamento da pele, sem os recursos de embelezamento, sem o escurecimento das asas, etc.

Dobrar. Processo de desmaterialização, já que alguns acreditam que não seja uma verdadeira desmaterialização de si mesmo ou de objetos, mas sim uma dobradura do espaço para mover-se ou a objetos de um lugar para outro. Há muito debate científico sobre este assunto já que atualmente nem uma ou outra teoria pode ser provada.

Rede. Tecnologia usada pela Central que permite o rastreamento de vampiros da morte principalmente junto as Fronteiras da Terra Mortal ou da Segunda Terra. Vampiros da morte, por natureza, carregam um sinal forte e rastreável, ao contrário dos vampiros normais. **Ver Central.**

Guardião da Ascensão. Prestigioso título e classificação dado apenas para todos os Guerreiros de Sangue, que também servem na guarda de ascendentes poderosos durante seus ritos de ascensão. Em milênios passados, Guardiães da Ascensão foram também aqueles ascendentes mais poderosos, que se ofereceram em serviço único e poderoso para a Sociedade da Segunda Terra.

Alto Administrador. A designação dada a um líder de um Território da Segunda Terra.

Espada Identificada. Uma espada forjada na metalurgia da Segunda Terra que tem a capacidade sobrenatural para se identificar a um único ascendido. O processo de identificação envolve segurar a espada pelo punho por vários segundos contínuos. A identificação de uma espada a um único ascendido significa que apenas uma pessoa pode tocar ou pegar na espada. Se alguém tenta tomar posse da espada, que não o proprietário, essa pessoa vai morrer.

Guerreiro da Milícia. Um das centenas de milhares de guerreiros que servem à sociedade da Segunda Terra como uma força de policiamento para crimes habituais e crimes civis como uma força que luta, em esquadrões, para combater os vampiros da morte na Terra mortal e na Segunda Terra.

Mergulho da Mente. A capacidade de penetrar outra mente e experimentar os pensamentos e memórias de outra pessoa. A capacidade de receber outra mente e permitir que a

pessoa experimente seus pensamentos e memórias. Essas habilidades devem estar presentes a fim de completar o breh-Hedden.

Névoa. Criação sobrenatural projetada para confundir a mente e, assim, esconder coisas ou pessoas. A maioria dos mortais e ascendidos são incapazes de ver através ou a própria névoa. O ascendido mais poderoso, no entanto, é capaz de ver a névoa, que geralmente aparece como uma malha intrincada, ou uma nuvem, ou um revestimento.

Terra Mortal. O nome dado a Primeira Terra ou o mundo atual moderno conhecido simplesmente como terra.

Não espaço. O incognoscível, regiões não mapeadas do espaço. O espaço entre as dimensões é considerado como espaço inferior, bem como o espaço encontrado dentro do escurecimento.

Meninos bonitos. Apelido dado aos vampiros da morte desde que a maioria deles é do sexo masculino.

Vidente. Ascendido dotado com a capacidade sobrenatural de dominar os fluxos de futuro e informar sobre eventos futuros.

Fortaleza de Videntes. Grupos de videntes são tradicionalmente reunidos em complexos concebidos para proporcionar um ambiente altamente pacífico, reforçando assim a capacidade do Vidente, de poder rastrear os fluxos de futuros. As informações recolhidas em uma Fortaleza de Videntes são para benefícios do Alto Administrador local. Alguns acreditam que o termo fortaleza surgiu como um protesto contra as condições prisionais como os videntes, muitas vezes têm de suportar.

Dividir ressonância. Dividir ressonância é um estado de expressão vocal, incluindo a fala, em que a ressonância pode ser dividida em duas ou mais. Ressonância, quando dividida, tem um profundo impacto sobre o ouvinte. Dividir ressonância pode ser usada para encantar, criar ênfase em uma conversação, expressar uma variedade de emoções ao mesmo tempo, e aumentar sensações durante o sexo. Quando usada junto com a telepatia, o dividir ressonância pode causar severa dor dentro da mente do ouvinte.

Alta Administradora Suprema. A governante da Segunda Terra. Ver Alto Administrador.

Território. Para o propósito da governabilidade, a Segunda Terra é dividida em grupos de países chamados Territórios. Porque a população total da Segunda Terra é apenas um por cento

da Terra Mortal, os Territórios foram estabelecidos como um meio mais simples de administrar a lei da Segunda Sociedade. Ver Alto Administrador.

Passagem. Gíria para um caminho dimensional. **Ver Fronteiras**.

Twoling. Qualquer um nascido na Segunda Terra é um Twoling.

Vampiro. O estado natural do homem que ascendeu. Cada ascendido é um vampiro. As qualidades de ser um vampiro incluem, mas não estão limitados a: a imortalidade, o uso de presas para tirar sangue, o uso de presas para liberar enzimas químicas potentes, aumento da força física, o aumento da capacidade sobrenatural, etc. Luchianne criou o termo vampiro no momento da sua ascenção para a Segunda Terra para identificar em uma palavra a totalidade das mudanças que ela experimentou em sua ascensão. Desde o início, a tomada de sangue era visto como um ato de reverência e de ligação, e não como um meio de levar a morte. Mitos na Terra Mortal em torno da palavra vampiro foram em sua maior parte para personificar o vampiro da morte da Segunda Terra. Ver vampiro da morte.

Guerreiros de Sangue. Uma unidade de combate de elite normalmente composta por sete poderosos guerreiros, cada um com capacidades sobrenaturais espetaculares e capazes de lutar contra vários vampiros da morte a qualquer momento.

Asas. Todos os ascendidos eventualmente produzirão asas a partir de suas travas de asas. Travas de asas é o termo usado para descrever as aberturas nas costas dos ascendidos a partir do qual as penas e as superestruturas, frequentemente em forma, de malha emergem. Montagem de Asas envolve uma corrida hormonal que alguns comparam a liberação sexual. Voo é uma das melhores experiências de vida ascendida. As asas podem ser sustentadas em uma variedade de posições, incluindo, mas não limitadas a: plena abertura, fechadas, montagem agressiva, voo, etc. Surgem ao longo de um período de tempo que vai de um ano para várias centenas de anos. Asas podem, mas nem sempre, serem pequenas na primeira década, depois crescer nas décadas seguintes.

CAPÍTULO 1

Kerrick estava no balcão do Blood and Bite, procurando uma mulher, a mulher certa, aquela que o manteria de cabeça reta, a que ansiava. Suas coxas tremeram, os músculos pesados pelo trabalho duro de uma hora atrás, exigindo alívio. A fome vivia nele agora, profunda, implorante, feroz. Ele era um vampiro e um guerreiro. Precisava do que precisava.

Mas algo mudou e agora ele ansiava.

O que ansiava, entretanto, não podia ter.

Ele fez seus votos.

Seu olhar deslizou pelo fundo do Clube Phoenix, nos muitos cantos escuros, nas cabines profundas acolchoadas e cobertas de veludo vermelho, as últimas luzes estroboscópicas piscando para disfarçar as escuras ações que traziam mulheres mortais em massa para as articulações dos vampiros. O bar tinha uma única luz real, reforçada por um espelho alto atrás de uma paisagem de centenas de pedras - como garrafas. O resto do clube caía na escuridão ao redor das bordas.

Gemidos vibrantes pontuavam o barulho do clube e fizeram suas coxas contraírem novamente.

Ainda assim, o que precisava não estava aqui, não era uma foda qualquer. Despertou algumas horas atrás, com um zumbido no peito que não ia embora, uma necessidade não satisfeita e que agora gritava. Não era apenas sexo, mas sexo foi o que o atraiu a este lugar para começar. Caçava com sua virilha, mas não podia encontrá-la. Não aqui. Nem sequer olhou. Não podia olhar. Ele fez seus votos, porra.

— Está ouvindo?

Kerrick virou seu olhar para Thorne. — Merda. Desculpe. Não.

— Que diabos está acontecendo com você esta noite? — Thorne, o líder dos Guerreiros de Sangue sentou num tamborete ao lado dele com um copo Ketel One[1].

Kerrick se inclinou apoiando seus quadris contra o bar e se virou para fazer uma varredura na pista de dança. A alta música sexy bombeava através do clube escuro. Sombras passavam de lá para cá, mulheres rindo, homens as perseguindo como faziam desde o início dos tempos. Ele balançou a cabeça. — Já teve uma coceira que não podia coçar? — Ouviu Thorne puxar uma respiração profunda depois expirar como se estivesse respirando na água.

— Claro. Todas as noites da minha vida.

Kerrick espalmou sua nuca e esfregou. Os músculos estavam tensos, mas estiveram tensos por alguns séculos. Quanto tempo estava aqui? Doze. Sim, seus músculos estavam apertados há doze séculos. Como seria essa tensão toda saindo de seus músculos?

Ele se virou na direção do barman, em seguida, bateu o copo no balcão. Sam Finch, proprietário do Blood and Bit, se aproximou com uma garrafa de Marker's[2] e recarregou o copo com dois dedos do ouro líquido.

Kerrick acenou agradecendo, em seguida, engoliu o uísque. Sentiu queimar quando engoliu. Deixou o fogo devorar sua garganta. Inspirou os vapores, sentiu suas veias derretendo um pouco, mas sem alívio. Nunca havia alívio, apenas uma ligeira reversão. — Onde está Medichi?

— Eu disse a você — disse Thorne. Sua voz sempre soava como se tivesse sido maltratada com uma grossa lixa. — Eu o mandei para Awatukee. Todo mundo já está fora. Novamente, o que diabos há com você?

Kerrick fez uma careta. — Merda. — O resto dos guerreiros receberam suas atribuições para a primeira rodada de combate, mas - como todas as noites para um guerreiro - qualquer

[1] *Marca de Vodka*
[2] *Marca de whisky*

coisa podia acontecer e, geralmente, acontecia. — Tenho essa sensação incômoda que todo o inferno está prestes a se libertar. E nem sequer é lua cheia. — Kerrick bateu no balcão mais uma vez. Sam recarregou. Sempre teve cuidado com os guerreiros, permanecendo perto. — Isso será Endelle.

— O que será Endelle? — O telefone de Thorne zumbiu. Ele empurrou Kerrick, em seguida, pôs o pequeno cartão em seu ouvido. — Sim. — Ele balançou a cabeça e soltou um monte de sim, senhora no minuto seguinte.

Kerrick moveu seus quadris e torso, seu olhar preso em Thorne. Os olhos castanhos do irmão estavam avermelhados e não pelo choro - Ketel One demais e nenhuma razão para soltar a garrafa. Thorne manteve seus dedos ao redor do copo, acariciando seu polegar acima e abaixo no vidro frio. Ele era o número um de Endelle, e Endelle não respondia a ninguém. Ela liderava a principal força de paz em seu mundo, e os guerreiros eram dela para comandar. Também era uma banana de dinamite, iluminada, pronta para explodir.

Kerrick puxou outra respiração profunda. Seu olhar desviou para a pista de dança. Uma batida ímpia fazia as mulheres e os homens girarem e colocar suas mãos em todos os lugares. Uns poucos dentes perfuravam pescoços, o que obrigou Kerrick a puxar outra respiração profunda. Devia estar lá e obter algum alívio. Sangue ajudaria. Então, estar dentro de uma mulher. No entanto, quanto tempo duraria o zumbido? Nestes dias, nem mesmo dois minutos, então qual era o ponto?

Além disso, o que precisava não estava balançando os quadris numa pista de dança e precisava do que prometeu nunca mais tomar novamente. O que precisava era de um perfume destinado somente para ele, um mito, uma mulher que poderia preencher todos os desfiladeiros profundos do seu coração. E mesmo se a encontrasse, estava preso; mãos e tornozelos amarrados, amordaçado, o coração bloqueado por uma gaiola de aço de culpa. Então... merda.

Engoliu o Maker, e bateu no balcão novamente. Sam mais uma vez muito próximo.

— Sim, senhora. — Thorne esmurrou a coxa de Kerrick e chamou sua atenção. Ele olhou para Kerrick, mas continuou falando no telefone. — Está certa que não quer outra pessoa? Esse guerreiro em especial precisa de R e R[3]. Na verdade, acho que deve ser retirado da noite. — Ele afastou o telefone de sua orelha e fez uma careta. Kerrick podia ouvir os gritos, as palavras eram as mesmas que ele usava quando estava apenas um pouco chateado. Ele sorriu e tomou um gole. Endelle perdeu a sutileza alguns milênios atrás.

Endelle. Puta sobre rodas, mas morreria por ela. Foi quem impediu seu mundo de afundar sob a iniciativa do inimigo e Kerrick a servia, todos o faziam. Os Guerreiros de Sangue a amavam, odiavam, e malditamente a respeitavam.

— Sim, senhora. — A cabeça de Thorne balançou, e mais sim se seguiram. Finalmente, fechou seu telefone e o encaixou na fenda superior de seu kilt de couro preto. Usava roupas de batalha e logo sairia, como o resto deles. — Tem uma atribuição.

[3] *No original rest and recreation: Descanso e lazer.*

— Agora, disso é que eu estou falando. — Precisava de sua espada numa mão e seu punhal na outra. Lutar sempre ajudava, sempre tirava alguma tensão de seu pescoço. Ficou em pé, pronto para a ação. Thorne apenas o olhou.

— O que? — Kerrick soltou.

— Pode ser uma mulher.

Kerrick balançou a cabeça. — Ela quer que eu proteja uma mulher mortal? Que porra é essa? Sabe do voto que fiz, assim como Endelle. Não protejo fêmeas.

Thorne encontrou seu olhar de frente, sem piscar.

— Merda. — Kerrick fincou o pé, baixou o queixo. Dividiu sua ressonância. — Não vou fazer isso. — Ele fez um voto e pelo inferno se o trairia só porque sua Chefe Suprema queria assim.

— Endelle requisitou você, ninguém mais. Nunca me obriga a atribuições, de modo que deve ter suas razões. Além disso, não deu mais detalhes. Ela viu algo em suas meditações, que como bem sabe, nem sempre é de arrasar.

— Sou melhor lutando. Com o humor que estou, poderia esmagar crânios com minhas próprias mãos esta noite. — Seu bíceps flexionou e estremeceu, um puro-sangue no portão.

— Desculpe. Ela quer você.

A canção terminou abruptamente e a voz de Kerrick estrondou ao longo do edifício: — Foda-se.

Toda conversa, de uma extremidade do clube à outra, parou por cerca de três segundos. Kerrick olhou em volta e quem olhava em sua direção imediatamente desviou o olhar. Guerreiros não eram conhecidos por seu temperamento doce.

Thorne levantou de seu assento, os olhos cor de avelã duros como aço. Encontrou o olhar de Kerrick de forma precisa. — Não tem escolha.

— O inferno se não sei, e essa seria Jeannie.

— Jeannie? — Thorne gemeu. — Que diabos está falando? — Seu telefone tocou, e ele se virou para Kerrick de novo quando o levou ao seu ouvido. — Sim — ele latiu. — Oh. Oi, Jeannie. Desculpe. O que foi?

Jeannie trabalhava no Comando Central. Todas as atribuições da noite fluíam da Central direto para Thorne. A Central mapeava toda a área metropolitana de Phoenix e sabia exatamente onde o inimigo operava e onde os guerreiros precisavam estar. Kerrick estreitou os olhos, os dedos flexionados em torno de seu copo. Imaginou sua espada numa mão, o punhal na outra. Sua frequência cardíaca aumentou.

— Entendi — disse Thorne. Ele voltou seu telefone ao mesmo bolso e deixou outro conjunto de suculentas obscenidades voarem. — Certo. Tem um indulto. Quatro meninos bonitos ativos num beco no centro. Sabe o que fazer.

— Quatro — Kerrick murmurou, balançando a cabeça. Quase sorriu. Bateu no ombro de Thorne. — Obrigado — disse ele. — Mas, por favor, apenas me tire desta outra tarefa de merda.



Alison Wells estava sentada em seu escritório, à beira de sua poltrona creme, na cadeira do terapeuta, seu BlackBerry preso à orelha. A última coisa que queria era ter uma conversa com sua irmã sobre sua vida amorosa, mas por alguma razão Joy a estava pressionando para começar a namorar novamente.

Respirando fundo, Alison disse: — Acho que está esquecendo que o último homem que fez amor comigo acabou na sala de emergência... sangrando e inconsciente.... — Ela apertou seu telefone fortemente, as memórias dolorosas enchendo sua cabeça.

— Não tão alto — Joy gemeu. — Meus tímpanos são normais, lembra?

— E estou dizendo que não quero falar sobre meu ex. Fechei este capítulo da minha vida na mesma noite que o levei ao hospital e nada, nada, me fará abri-lo novamente.

— Lissy, já faz três anos. Talvez as coisas tenham mudado. Talvez algumas das suas habilidades especiais tenham se acalmado um pouco. Talvez possa encontrar algum enorme musculoso que possa lidar com todo seu poder. Quero dizer... realmente. Deve tentar de novo. Realmente.

Alison suspirou quando o anseio familiar encheu seu peito até que mal podia respirar. Por que não podia ser mais parecida com Joy, sua irmã mais nova, a pequena Joy, a irmã normal, a irmã com um marido lindo e um adorável menino de nove meses?

Eram como o dia e a noite. Joy com seus cabelos encaracolados castanhos e olhos escuros que se parecia com seu pai, enquanto Alison com seus cabelos lisos loiros e olhos azuis parecia com a mãe. A única coisa em comum com sua irmã era sua altura. Perto de 1,80 cada, foram ambas provocadas durante todo o ensino secundário e também no ensino médio.

Joy fez seu melhor e foi Líder de Torcida.

Alison encarou sua altura como o que era, mais uma coisa que a diferenciava dos demais.

Seu olhar patinou sobre o lado oposto da parede vazia da sala, bem como pelas paredes sem imagens. Ela vendeu os móveis há uma semana para o terapeuta assumir o essencial de sua prática. Além de uma estátua alta sentada no centro da mesa de café, seu escritório era um deserto, tão seco quanto o ar exterior, sem vida.

Seu olhar se deslocou para a escultura de alabastro, e uma maldição silenciosa trabalhou em sua língua. O último remanescente de seu período de oito anos na prática privada era essa estátua agravante. Alisou o cabelo já puxado para trás numa trança apertada. Se apenas sua irmã não ligasse para discutir sua vida amorosa, talvez não se sentisse tão pronta para gritar.

— Por favor, Lissy — Joy disse numa voz que enviou um frio de alerta por sua coluna. — Realmente acho que deveria tentar novamente.

Todo o fôlego abandonou o corpo de Alison enquanto ela olhava a família de alabastro. Pensou em seu sobrinho, que amava mais do que jamais imaginou ser possível, uma de suas ligações à normalidade como tia Lissy.

Seu coração rachou e então quebrou em milhões de pedaços.

Isso não podia estar acontecendo, esta verdade no tom desesperado de Joy, finalmente revelava a razão de seu telefonema.

Oh. Não.

Por fim, respirou fundo. Falou severamente. — Joy — ela sussurrou. Seu coração batia de forma questionável.

— Sim? — Nada mais que um guincho neste momento.

Querida irmã. Querida e normal irmã. — De quanto tempo está? Seis semanas? Oito?

— Acabou de ler minha mente? Não pode, lembra? Infringiu a regra da mamãe.

— Não li sua mente. Não o fiz, não sem sua permissão. — Outra respiração, mais um esforço para acalmar seu coração instável. Precisava da verdade, mas não queria ouvi-la. — É só que não fala da minha vida amorosa há, oh, vamos ver, três anos. Realmente. Então, de quanto tempo está? — Ela não queria saber. Joy, por favor, não diga isso.

Um suspiro pesado seguiu. — Dois meses, uma semana. Só não sabia como dizer.

Alison usou sua mão livre para dobrar o braço da cadeira. — E pensou que eu ficaria chateada? — Droga, seus olhos ardiam como se tivesse acabado de esfregá-los com pimenta. Chateada não começava a descrever o que sentia. Chateada seria um passeio preguiçoso na praia.

Apertou os olhos e se inclinou, se dobrando para manter tudo dentro sem derramar nada. Só tinha um desejo: que o mundo acabasse agora.

Um segundo filho. Um marido, uma casa, o pequeno TJ, e agora outro bebê a caminho.

— Claro que vai ficar chateada — disse Joy. Sua cadência abrandou. — Acha que não notei como, quando estamos juntas, você segura TJ - e não o solta até carregarmos o carro? Mesmo assim tenho que o arrancar de seus braços.

— Viu, não é?

— Oh, Lissy, sei como olha para Ryan e eu. Acha que, mesmo por um segundo não entendo o quanto seu coração está quebrado? Que tipo de irmã acha que sou?

Alison podia jurar que era mais cuidadosa, mais circunspecta, mas talvez fosse como um tomate maduro tentando não ser vermelho. Deveria saber que sua irmã veria através dela. — Vai dar tudo certo. — Ela limpou o rosto úmido.

— Com o inferno. Sinto muito, Lissy. — Um suspiro suave, então. — Talvez possa...

— Por favor, não — gritou ela. — Nem mais uma palavra. Por favor. — Ela apertou os olhos enquanto se recompunha. — Tenho uma ideia. Por que esquecemos isso por um momento. — Ela se arqueou de sua posição articulada e se forçou a ser uma boa irmã. — Quero ouvir todos os detalhes sobre essa nova vida, então me conte tudo. Quando foi que descobriu? — Mais lágrimas desceram por seu rosto.

O tenor da voz de sua irmã voltou ao suave usual zumbido agudo quando desfiou todos os seus sintomas, angústias e emoção. Fazia xixi demais, suas hemorróidas estavam uma merda - e ela nem sequer passou os três meses, muito obrigado - e era pior apenas por ficar acordada. Mas, oh, Deus, mal podia esperar até que sentisse o primeiro movimento da vida, o interior profundo esvoaçando, a certeza de um novo bebê a caminho.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Alison ouviu e fez todos apropriados ooh, aah e até mesmo apertou a mão no peito o tempo todo. Seu olhar se fixou na dura estátua de alabastro, esculpida para mostrar as imagens de pai, mãe e filho, um símbolo de unidade interna, a representação exata do objetivo da terapia. Ela se achou tão inteligente no momento que a comprou.

— Tenho que usar calças de maternidade já... — Joy sacudiu, como um carro ganhando velocidade.

Alison se levantou e contornou a mesa de café. Posicionou-se em frente à janela, em seguida, olhou abaixo para ver as figuras de alabastro, uma vez mais. Adorava tudo sobre a escultura até que o primeiro filho de sua irmã veio ao mundo. Então o significado mudou, se transformou, formando bordas afiadas, que continuavam a fatiar Alison.

— Já falamos sobre nomes. Ryan realmente quer uma menina...

A mente de Alison vagou sobre sua própria luta peculiar. Ela nasceu com uma variedade bizarra de habilidades estranhas que tornavam impossível chegar perto de um homem; estranhos dons extra-sensorias - que nem sempre tinham um final controlado, especialmente se fosse pega num momento, bem, de crescente paixão.

Um voto de celibato seguiu a viagem até a sala de emergência, uma exigência absoluta dadas suas tão especiais habilidades.

Mas isto, Joy, vivendo sua vida da maneira normal, jogava brasas sob os pés de Alison.

— Vamos ver berços amanhã e Ryan quer pegar um daqueles carrinhos duplos...

Ela se inclinou sobre a mesa e avaliou o ponto exato de equilíbrio necessário na palma da estátua pesada em uma mão. Seria capaz agora, já que vinha trabalhando duro nos últimos seis meses em correr, levantar peso, saltar, girar.

Que bom neste momento ser tão forte.

Envolveu uma mão em torno da estátua, em seguida, a levantou. Ergueu a família na altura dos ombros arqueados, em seguida, seu pulso lentamente apoiou a estátua em sua mão. Ela a apertou um par de vezes. Cima, baixo. Cima, baixo.

— Ainda vai à mamãe e papai, certo? — Joy perguntou.

— Absolutamente — ela disse, forçando o entusiasmo, mas foi como empurrar batatas cruas por uma peneira. — A mãe me mataria se eu não aparecesse.

Três dias a partir de agora. Precisaria de cada segundo para ganhar perspectiva, lembrar de todas as coisas boas de sua vida, para ser capaz de ficar ao redor de sua irmã e não ser superada por qualquer ciúme ou desespero.

Porra.

— Então, a mãe disse que já tem uma ideia para sua dissertação. Deve estar emocionada sobre o início das aulas novamente. Sempre quis voltar.

Alison não podia ouvir mais, não podia responder com uma voz feliz mais uma vez. Sim, estava voltando para a escola, e sim, parte dela estava animada, mas Joy tinha a vida que Alison queria, a vida normal com amor, um homem bom, bebês. Não, não conseguia dizer mais uma palavra positiva.

Decidiu mentir e falou em voz baixa. — Ouça, Joy, meu último cliente acabou de chegar então é melhor eu ir.

— Oh, sim, claro. Vemos-nos na mãe e no pai.

— Pode apostar.

— Amo você.

— Eu te amo mais.

Alison apertou o botão vermelho pequeno, em seguida, jogou seu celular de lado na almofada da poltrona. Manteve o olhar fixo na janela de quatro por oito. Os olhos dela queimaram de novo e sua garganta apertou.

Seu último cliente não chegaria tão cedo.

Ela tinha tempo... para endireitar sua cabeça.

Flexionou seu braço poderoso. Oh, mas não devia fazer isso. Realmente não devia. Foi uma locatária responsável no edifício médico nos últimos oito anos. Isso poderia ser classificado como insano.

Apesar de seu raciocínio calmo, girou para ficar com o ombro esquerdo de frente para a janela. Puxou o braço direito de volta. Até levantou o joelho esquerdo para maior estabilidade e força, como um lançador de Diamondbacks[4]. Então, sem permitir que seus pensamentos a confundissem no momento, mirou a estátua na janela de vidro acima do sofá de chenile verde e a jogou com toda a sua força.

O vidro estilhaçando soava como céu e por uma fração de segundo, realmente pôde sorrir. O momento se arrastou em câmera lenta até que a realidade a atingiu e percebeu exatamente o que fizera. Sem pensar, estendeu a mão e pegou uma bolsa no tempo, retardando o avanço da janela quebrada, até que parou.

O quê?

O quê?

Todos os vidros congelaram no lugar. Mesmo a estátua flutuou um metro além da soleira.

Olhou para sua mão, a palma para cima, os dedos se enroscando dentro. Sentiu o puxão no braço inteiro, como se um elástico grande estivesse estendido e se agarrasse a algum objeto distante, invisível, e então o segurasse firme.

Balançou a cabeça, atônita.

Alison Wells... humana... segurando o tempo na mão.

Como isto era possível?

Como muitas de suas habilidades especiais eram possíveis? Desde menina, podia fazer incríveis façanhas sobrenaturais, mas com que propósito? Seus poderes simplesmente não faziam sentido em seu mundo. Não tinha utilidade para eles, nenhuma maneira de exibi-los sem ser enviada para a Área 51 e estudada como um projeto de ciências.

Além disso, qual a vantagem, se nunca seria capaz de aproveitar uma pequena bolsa de tempo e segurá-la em sua mão?

---

[4] *Os Arizona Diamondbacks são uma equipe de Baseball da Major League Baseball sediada em Phoenix, Arizona, EUA. Eles estão na National League.*



Uma vez que Kerrick estava preparado para a batalha, chamou a Central e se dobrou, fazendo uma desmaterialização rápida até o beco no centro de Phoenix. A viagem durou um segundo áspero, talvez dois, um passeio escuro através do baixo-espaço, um esquecimento, em seguida, a súbita consciência dura, uma corrida cega de adrenalina seguida por uma explosão de endorfinas. Chegar era estar preparado... para qualquer coisa.

Kerrick era um dos guerreiros mais poderosos na Segunda Terra. No entanto, ele tinha uma falha, uma rachadura a ocultar. Não podia se dobrar a outro local. Precisava de assistência cada vez que partia, da central ou de um dos seus irmãos guerreiros, mesmo de Endelle às vezes.

Quando seus pés golpearam o asfalto, ele caiu lentamente agachado, porque lá estavam eles. Seu olhar acompanhou as pálidas e azuladas criaturas quando saíram rindo direto do beco - vampiros da morte.

Deus, eram lindos, parte da atração para chamar os mortais ao seu alcance, no seu encalço. Eram criaturas míticas, ainda que muito reais nas trevas, que caçavam vítimas durante a noite para ocultar o fraco azulado de sua pele convertida. Os não-mortos. Oh, respiravam, seus corações batiam, mas a crença básica de certo e errado há muito foi jogada no chão e comida pelos vermes. Qualquer resquício de humanidade foi enterrado no vício do sangue morrendo, uma fome pior que nicotina, heroína, Jack Daniel, e todos os vícios juntos.

Kerrick estendeu sua visão sobrenatural e viu o sangue grosso espalhado sobre as presas, lábios, bochechas e queixo, um troféu vermelho de caça. Três deles. Onde estava o quarto?

O sol estava quase subindo, ainda noite, e estes três bastardos sem dúvida acabavam de matar um mortal cada. Estavam eufóricos, girando em círculos, empurrando um ao outro como amigos bêbados saindo de um bar às duas da manhã. O beco, com uma tela de arame de um lado e no fundo e do outro lado tiras desgastadas, não fornecia anonimato para os habitantes da Segunda Terra, o que significava que esses bastardos não davam a mínima se fossem vistos.

Cristo.

Eles também estavam em seu estado mais perigoso. Poder fluía através daquelas veias agora, como esteroides, maduros com a morte. Esses vampiros seriam espremidos e não sentiriam nenhuma dor.

Coisa boa ele estar aqui. Apenas alguns guerreiros eram grandes o suficiente, fortes o suficiente, rápidos o suficiente para lidar com esses idiotas, e ele era um deles. Além disso, mais que qualquer outra noite que conseguia se lembrar por muito tempo, precisava dessa luta. Seus músculos doíam para se mover, voar, e sim, para matar.

Algo estava no vento. Algo grande. Podia sentir.

Flexionou seu braço direito, pesado de músculos e construído a cada dia para suportar o peso de sua espada. Usando sua mente, dobrou o metal fino de aparência maldita forjado por sua mão de um armário de armas seguro no porão de sua casa. Deus, amava essa sensação, a

aderência envolvida com couro para encaixar nos dedos, o peso ímpio, o equilíbrio. Esta era sua espada, ligada somente a ele. As bordas eram tão afiadas como aço de samurai, uma lâmina de dois gumes de aço-carbono destinada a destruição.

Seu bloqueio começou a arranhar, se preparando para a batalha, uma vibração que entrou em sua virilha e apertou suas bolas. Usava equipamento de voo, resistentes sandálias pretas amarradas até os joelhos com caneleiras, um kilt de couro preto grosso e um pesado cinto de fios cravejados, também de couro preto, a fivela abaixo na cintura, correndo acima do peito, sobre seus ombros, e sua espinha para permitir suas asas. Na frente uma abertura no cinto segurava uma adaga no ângulo exato e necessário para seu alcance. Em cada pulso usava um protetor de couro batido preto.

Ele puxou a adaga e começou a fazer um giro completo com a arma, pegando o cabo a cada vez, definindo a jogada no ritmo da batida do seu coração encharcado de adrenalina. Tinha suas armas há muito tempo. Eram suas amigas mais íntimas e só as trocaria por novas, quando não houvesse mais nenhum metal para polir ou afiar.

Uma espada na mão direita. Uma adaga como um punhal para lançar na esquerda. A vida não ficava melhor do que isto.

Com um pensamento, inchou os músculos de suas costas e as asas começaram a sair, voando através dos bloqueios, um orgasmo de movimento que inundou seu corpo com um aumento da força masculina. Prazer chicoteou por suas coxas até os pés, em seguida, acima através de sua virilha, seu abdômen, ombros e braços.

Suas asas abriram, deslizando em sua altura enorme, outra razão que pudesse lutar contra esses bastardos - Guerreiros de Sangue tinham suas próprias asas, como deuses para a batalha.

Boa. A vida era boa.

Seu olhar não vacilou um milímetro de sua presa. Poderia se levantar no ar, mergulhar, em seguida, cortar cada cabeça antes que um segundo se passasse. Não, queria que esses alimentadores-noturnos pagassem a vida que roubaram, e vissem, pelo menos, um momento de terror antes que seu DNA à base de carbono voltasse à Mãe Terra, de qualquer dimensão. Com o Criador como testemunha, ele sempre os fazia pagar.

O quarto vampiro da morte virava a esquina fechando sua retaguarda e sorrindo, sua pele tão pálida e afiada com azul que parecia translúcido à luz do beco escuro.

Um dos bastardos avistou Kerrick e alertou os outros. Como um grupo se viraram em sua direção.

Tempo de brincar.

Sorriu quando asas brotaram de cada um dos vampiros, as penas todas pretas e nenhum dos vãos tão grandes quanto o dele. Espadas brilharam nas mãos, dobradas de abrigos subterrâneos onde os alimentadores-noturnos viviam durante o dia.

Ele criou uma neblina forte, que manteria o que precisava acontecer bem longe dos olhos ou ouvidos de qualquer mortal nas proximidades. Névoa, quando presente, trabalhava na mente para criar confusão. O mortal comum, ou mesmo ascendente nessa matéria, simplesmente deixaria de registrar qualquer coisa coberta de névoa.

Ele varreu suas asas num único impulso vigoroso abaixo, em seguida, disparou em linha reta acima no ar flutuando cerca de trinta metros acima. Esperou, as asas flutuando, o coração calmo, forte, firme, determinado. Girou sua adaga novamente. Flip. Flip. Flip. Catch. O toque suave de seus dedos no cabo do punhal, uma pressão mortal, letal e pronto para o lançamento. O dedo indicador da mão direita acariciava o punho de sua espada.

O ataque veio, dois pela esquerda, dois pela direita, subindo no ar, um esquadrão coordenado completo com gritos de guerra. Ele se moveu com seu dom singular - a velocidade. Tornou-se um borrão e cortou em um padrão cruzado até que rompeu uma asa e um corpo caiu. Pegou um vampiro da morte no alto do tronco e agarrou a cabeça, assim como o ombro e parte de uma asa.

Dois no chão.

Faltam dois.

Estes últimos eram mais qualificados, bem treinados, mas ele soltou o punhal e pegou o vampiro da esquerda na garganta. Uma espiral de asas se seguiu quando o menino bonito perdeu o controle. Enquanto isso, o vampiro restante, poderoso pelo que drenou, retiniu o aço. O braço de Kerrick reverberou com o choque, mas oh como era bom sentir. Ele permitiu que o vampiro mostrasse suas habilidades enquanto percebia cada batida das asas de seu adversário, o impulso dos pés, a descida do braço da espada.

Ele se entregou na batalha, querendo a prática, querendo manter os produtos químicos agora correndo em seu sangue e alimentando seu cérebro com um monte de satisfação.

Como uma enxurrada o vampiro da morte veio para ele, um rugido em sua garganta. Kerrick pegou sua espada num movimento ascendente, jogou o braço num círculo a fim de pegar o braço de seu oponente, em seguida, jogou a espada fora do alcance do vampiro da morte. A força do golpe e a súbita falta de peso da espada enviaram seu oponente girando mais duas vezes antes que suas asas pegassem o ar.

Mas já era tarde demais.

Kerrick voou para ele, puxou os joelhos para cima, então plantou os dois pés no peito do vampiro da morte, empurrando-o atrás na direção do chão. Puxou suas asas pela metade, em seguida rapidamente prendeu seu olhar no dele. As asas do adversário desaceleraram, mas a gravidade puxou Kerrick forte. Levantou os braços, em seguida, mergulhou. Sua espada perfurou o abdômen do inimigo logo abaixo do esterno. Um grito encheu o ar.

Meio segundo antes do menino bonito atingir o asfalto Kerrick abriu suas asas e deslizou os últimos metros de volta a terra.

Respirando com dificuldade, fez uma pausa para puxar suas asas rapidamente através de seu porta asas. Uma vez que estavam fechadas, seus músculos voltaram ao normal, e pegou sua adaga ainda presa na carne do segundo oponente. Ele limpou a lâmina, duas passadas no kilt. Dobrou o punhal, outra desmaterialização rápida do aço, de volta ao seu armário de armas.

Terminou o trabalho rapidamente, cortando o resto das cabeças bonitas. O sangue que morria estava alterado, suas características permitindo que todos os vampiros da morte acalmassem o próximo mortal do sentimento de temor e, portanto, davam segurança a eles antes

que seus dentes tomassem sua jugular. A pele, com sinais de azul, era... requintada, principalmente à noite, e esse era exatamente o ponto para atordoar a vítima com sua beleza natural.

Ele verificou a área a procura de mais sinal do inimigo, mas nada voltou a ele, exceto o estrondo distante de um motor de Harley. Quando começou a recuperar o fôlego, dobrou sua espada de volta ao armário.

Espalhou mais névoa ao longe, puxou seu telefone do bolso, então discou uma vez. Respirou fundo outra vez e ficou em pé. Suor derramava. Podia sentir o cheiro do sangue de seus adversários em sua pele e no couro de seu equipamento, armas e kilt. Olhando abaixo, o sangue respingava até mesmo nas suas sandálias e pés descalços.

— Central.

— Ei, Jeannie — disse ele, recuperando o fôlego. — Quatro para pegar. Faça isso rápido.

— Nem mesmo é um quarto depois das seis, quase escuro.

— Sem merda.

Ela suspirou. — Acho que essa vai ser uma daquelas noites e nem sequer é lua cheia. Certo. Bloqueado. Cubra seus pintinhos. — Kerrick fechou os olhos. Um flash de luz brilhante levou os corpos, os restos, o sangue do chão.

Ele fez seu caminho até o topo do beco e sentiu o peito apertar. Esta era a parte do seu trabalho que detestava. Mortais drenados e mortos sempre o balançavam. O fim do beco escuro estava a cerca de cinquenta metros à sua esquerda. Apartamentos decrépitos se assentavam em frente numa linha baixa, barras em todas as janelas do primeiro andar.

Moveu-se rapidamente até que viu o que foi escolhido para alimentar o vício dos vampiros da morte e o que foi feito deles. Então seus pés desaceleraram se arrastando através da lama.

Apenas um adulto entre eles. Cristo. Ele teve um monte de anos para se acostumar com a carnificina, mas esta estava fora dos trilhos.

Ele engoliu a bile.

A mãe estava num ângulo estranho, drenada, as costas quebradas. Dois rapazes à sua esquerda, os pescoços devastados pela alimentação. No entanto, o pior estava à sua direita, uma jovem adolescente com a pequena saia empurrada acima, em torno de sua cintura, e as pernas abertas, as coxas brancas cobertas de sangue. Ele caiu de joelhos, levantou o rosto e os braços para o céu escurecendo, então soltou um rugido.

A agonia familiar inundou seu peito, um sofrimento que vivia nele agora, ditando o progresso de cada noite, rasgando sua alma. Puxou as pernas da moça juntas e puxou a saia abaixo. — Foi vingada — ele sussurrou. — Que sua viagem para os braços do Criador seja rápida, e possa encontrar a paz.

Paz.

O que seria isso? Nunca dormiu uma noite toda. Nenhum dos guerreiros o fazia. Ele acordava com as imagens terríveis, e estas provavelmente o torturariam mais de uma vez nas próximas semanas.

Ele puxou seu telefone de novo, discou, ordenou a captação. Fechou os olhos e viu o clarão de luz.

Uma vez que o trabalho estava feito, falou em seu telefone. — Jeannie, me teletransporte de volta ao porão. Agora.

— É isso aí.

Ele sentiu a vibração.

Uma vez em sua casa, na sala cavernosa escura abaixo de sua casa, caiu de bruços no chão de cimento, em seguida, esticou os braços. Não tinha saída para a dor que sentia, para a fúria. Tudo que podia fazer era isso: ter um momento para lamentar, em seguida, reafirmar seus votos de vingança contínua, viver sua existência solitária, de serviço dedicado à Endelle como um Guardião da Ascensão.

Por que fazer um voto,
Quando todos os votos eram quebrados?
Coleção de Provérbios - Beatrice of Fourth

CAPÍTULO 2

Alison olhou para os dedos, ainda fechados em garras virados para cima. Ela continuou testando puxar seu braço. Não estava sequer certa de quanto tempo estava ali, perplexa com o que fez.

Doce Jesus.

Uma bolsa de tempo.

Certamente acabava de ultrapassar todos os limites da natureza agora.

Então, o que isso fazia dela? Como se não soubesse: uma aberração, um show de uma só mulher.

Olhou para a janela quebrada, os cacos de vidro, iluminada pelo padrão de luz nas proximidades do estacionamento, uma chuva de vidro brilhante suspenso dois andares acima da terra. Então, exatamente por quanto tempo estava parada aqui, congelada no lugar, atordoada pela enormidade do que fez, do que ainda estava fazendo?

Ela olhou mais uma vez para todos os vidros estilhaçados, apenas espumando longe, imóveis, um poema visual suspenso no tempo.

Um nódulo se formou na sua garganta do tamanho de seu carro, e não o Chevy, mas o Hummer super-dimensionado. Seus olhos pareciam ter pimenta de novo. Ela só não entendia quem era. Como podia estar fazendo isso, de pé em seu escritório cheio de caixas, sua mão estendida, os dedos em concha, um pedaço de tempo preso dentro? De onde toda essa capacidade sobrenatural vinha? E que possível finalidade poderia ter?

A estátua da família pendurava pela pura força de seus poderes apenas três metros ou mais além da janela, apontando o estacionamento de asfalto como se fosse mergulhar numa piscina.

Ela puxou o braço atrás lentamente e sentiu a atração dura em seus músculos. O tempo recuou para ela, uma reversão letárgica. A estátua voltou pelos fragmentos de vidro, todos voltando em perfeito acordo para voltar a formar uma janela sem mácula. Ela nunca experimentou alguma destas habilidades antes, estagnação de objetos, recuperação de bolsas de tempo.

A estátua agora assentava na palma da sua mão, e ela soltou seu aperto sobre o infinito. Sentiu uma vibração estranha e rápida em torno dela que se afastou, como ondulações num lago. Na distância soou um estrondo sônico, ação-reação.

Ela pôs a estátua mais uma vez na mesa de café, em seguida, voltou a sentar na poltrona. A energia cantava através de seus nervos e fazia os cabelinhos de ambos os braços arrepiarem. Ela tremia.

Ela puxou uma respiração funda depois da outra. Ela endireitou os ombros. Que noite estranha essa se tornou - sua irmã estava grávida, seu coração esmagado de novo, e agora um par de novos poderes.

Perfeita.

Quando sentiu a histeria crescer, como um gêiser em seu peito, colocou a mão sobre a boca e respirou longo e profundo pelo nariz. Ela fechou os olhos e se obrigou a relaxar.

Ela tinha um cliente em breve, nos próximos dez minutos ou assim, seu último cliente. Precisava ficar firme um pouco mais, então poderia ir para casa e ter um colapso se quisesse. Agora, precisava ser profissional.

Certo. Ela relaxou e estendeu as duas mãos para frente como se isso mantivesse o mundo à distância. Ela respirou.

Ela ouviu uma sirene à distância, não era incomum em torno dos grandes complexos médicos. O hospital estava apenas uma milha abaixo da estrada.

Sua frequência cardíaca diminuiu. Ela podia respirar melhor.

Então se não era normal, o que era? Assim, sua alma estava com esta estranha ferida aberta de novo porque sua irmã teria seu segundo filho? Então, ela tinha um problema que nunca seria capaz de resolver nesta vida, neste planeta? Assim o faziam milhões de pessoas. Por que deveria ser diferente, mesmo que fosse muito diferente? Ela não estava morrendo de fome. Tinha uma boa profissão e uma casa própria. Tinha uma família que a amava sem ressalva. Sim, tinha algumas perdas graves que estava lidando, mas quem não as tinha neste mundo duro, injusto e às vezes brutal?

Assentiu para si mesma várias vezes escorada em sua determinação. Selou a ferida profunda, em seguida pôs sua mente no seu futuro, um futuro mais que excelente.

Assentiu com a cabeça.

Certo.

Quando seu telefone zumbiu contra seu abdômen através do bolso de seu kilt, Kerrick finalmente levantou do chão de cimento em seu porão. Esta era apenas a primeira onda de luta. Precisava se limpar e ficar em movimento. A menos, claro, que Endelle ainda o quisesse no dever de cão de guarda.

Ele estendeu seus sentidos, como fez no bar, e pegou a identidade de quem chamava. Thorne podia ir para o inferno, mas não ia responder seu telefone agora. Endelle teria que encontrar alguém para servir como guardião da mulher. Thorne poderia fazê-lo ele mesmo, ou qualquer um dos outros irmãos guerreiros. Servir como guardião para uma fêmea o deixaria vulnerável e tinha cuidado de nunca ficar nessa posição, então sim, os irmãos podiam pegar a folga.

Enquanto se dirigia ao chuveiro, ele dobrou fora seu kilt manchado de sangue e as armas no arnês, as pesadas sandálias de guerreiro, protetores de couro dos pulsos, e a suada cueca. Deixou as roupas caírem no chão de cimento frio numa trilha atrás de si.

Uma vez no banheiro, virou o registro com força total e deixou o calor da água subir.

Alcançou com ambas as mãos atrás do pescoço, soltou o cadroen de couro, o fecho ritual usado por todos os guerreiros, e soltou seu cabelo. Colocou o fecho sobre a pia, o último de vários que sua esposa - há muitas décadas atrás trabalhara com as próprias mãos. Tocou a fita, os intrincados bordados, rolando-o para olhar a miniatura esculpida de punhal feito de presa de rinoceronte, que garantia a peça junta.

Memórias de sua esposa voaram por sua mente, de suas pequenas mãos ágeis, seu amor pelo fio de seda colorido e agulha. Ela fez vários cadroen para ele durante os dez curtos anos que ficaram juntos. Este era o último deles. Décadas fazendo guerra desgastavam mesmo as mais duras peças de couro.

Ele se virou, em seguida, entrou no que era essencialmente uma lavagem de carro como chuveiro. Moveu-se num círculo lento, permitindo que todos os oito jatos poderosos lavassem os restos da batalha recente.

Seu telefone soou de novo, o idiota extraordinário ouvindo.

Como antes, estendeu seus sentidos. Thorne novamente. Ele suspirou. Precisava de mais um minuto para limpar sua cabeça antes que contratasse o próximo round.

Terminou na frente da saída principal, fixada a 2,5m com um jato num ângulo forte. Plantou as duas mãos no azulejo liso e frio e deixou a água quente cair na parte detrás do seu pescoço e trabalhar os músculos por todo seu ombro. Seus longos cabelos se separaram e deslizaram para frente, formando uma parede de cada lado do rosto. Sangue e suor rodavam pelo ralo. Não costumava se desfazer depois de uma matança, mas Cristo, essas crianças.

Algo mudou em seu mundo. Crianças estavam fora dos limites há séculos. Agora os vampiros da morte sugavam o que queriam, infligiam dor à vontade, tiravam a inocência como queriam.

Seu cérebro apertou. Os músculos ao redor dos olhos espremeram apertados. Respirou o ar úmido, queimando suas narinas, em seguida, tentou fechar seu cérebro. Falhou.

Porra. Chegou a um impasse, entre seguir seus votos e a vingança da qual não podia recuar. Seu peito parecia estar amarrado com uma pedra, carregando a maldita coisa por todos os dias e noites.

Concentrou-se na água batendo contra sua pele. Puxou o ar e se forçou a respirar, dentro e fora, dentro e fora. Ele se acalmou. Esfregou o peito esquerdo e estremeceu com a agonia queimando abaixo, e que não tinha nada a ver com a musculatura.

Infelizmente sua audição era muito evoluída e o telefone soou de novo, uma mosca implacável no mundo do guerreiro.

Thorne novamente.

Muito. Fodido.

Fechou a água e se enxugou. Enrolou a toalha na cintura. Escovou seus cabelos fortemente com uma escova de cerdas duras. Levaria poucos minutos, porra. Olhou para o cadroen, mas se recusou a pegá-lo. O deixaria pelo resto da noite, uma pequena rebelião, e para o inferno com as regras e a tradição.

Moveu-se para seu armário de armas e mentalmente abriu o armário de aço reforçado. Chamou as largas portas duplas. Sua espada e punhal ensanguentados estavam paralelos e à espera, exatamente onde os enviou do beco. Usando panos macios, limpou ambas as armas do sangue, em seguida dobrou os panos para a lavanderia. Pela manhã, após o trabalho da noite acabar, ele passaria óleo e estenderia suas armas.

Vivia no porão de sua mansão em Scottsdale Two. Ele moldou um alojamento no quarto estreito: um lugar para sua cama, equipamento de treino, um armário de armas trancado. Ele mesmo gastou uma fortuna construindo um banheiro enorme, que se encaixasse com um guerreiro de seu tamanho e ocasionalmente até mesmo suas asas.

Seu telefone soou outra vez. Não era Thorne desta vez. Cruzou para seu kilt ainda amontoado no chão de cimento, em seguida, pegou o telefone. — Sim, Jeannie.

— Graças a Deus — ela sussurrou. — Estamos na merda. Endelle esteve gritando com Carla durante os últimos dez minutos porque Thorne não podia alcançá-lo. Temos uma situação em Paradise Valley e ela quer você lá. Agora. Está comigo?

Kerrick atraiu uma respiração profunda. — Thorne está com Endelle? — Isso não podia estar acontecendo.

— Exato. Ele disse para falar a você que não tem nenhuma escolha desta vez.

Kerrick afastou o telefone de seu ouvido e proferiu uma violenta série de obscenidades. Quando conseguiu falar com voz normal novamente, disse: — Dê-me os detalhes.

— Thorne quer fazer algumas correções.

— Tudo bem.

A voz profunda e áspera de Thorne ao fundo chegou aos seus ouvidos. — Nós realmente não sabemos o que está acontecendo. Você pode ou não pode ter que proteger a mulher. Agora mesmo tem um menino bonito apenas fora da grade.

— Então, por que Endelle parece ter a calcinha enfiada no rabo?

— Ela disse que saberemos mais uma vez que se encarregue do nosso caso de instabilidade mental fora do campus.

Kerrick respirou fundo pelo nariz. Certo. Poderia cuidar do vampiro da morte. Após isso, se acontecesse de ter uma mulher mortal precisando de proteção, Thorne poderia resolver isso. — Estou dentro.

Ele podia sentir o alívio de seu irmão. Endelle devia tê-lo pego pelas bolas desta vez, mas por quê?

— Vou passar de volta para Jeannie. Ela vai dar-lhe os dados do que e onde.

— Ei, Kerrick — Jeannie começou, — deve se dirigir a um complexo médico em Paradise Valley. O menino bonito está totalmente montado. Avise quando estiver pronto.

— Obrigado, Jeannie. — Ele desligou seu telefone.

Ele deixou cair a toalha encharcada pela limpeza dos restos da batalha, então dobrando seu telefone o enfiou no bolso na cintura do kilt. Com um gesto de sua mão enviou seu equipamento diretamente à lavanderia.

E a guerra contra os vampiros da morte simplesmente continuava a rolar.

Fosse como fosse.

Conforme ajustava seu arnês, sustentou o punhal na mão, em seguida, enfiou-o mais uma vez na abertura frontal. Odiava a natureza da sua fraqueza pessoal, sua incapacidade de se desmaterializar, o que o obrigava a chamar Jeannie para que a Central pudesse fazer uma dobra no tempo/espaço até Paradise Valley.

Maldição.

Ah, infernos. Havia sido um animal enjaulado, pelo menos nos últimos dois séculos, um leão que rugia por algum tipo de libertação.

E hoje à noite... bem, esta noite, por qualquer motivo, cada nervo em seu corpo estava em chamas. Depois que cuidasse do caso fora do campus, voltaria para o Blood and Bite. Precisava achar e beber um pouco de algum fornecedor, talvez um pouco de sexo também. Sim, alguns dedos de uísque e definitivamente poderia aproveitar um pouco de relaxamento horizontal com alguma ação direta de uma jugular envolvida.

Talvez então... Cristo, talvez então se sentisse normal.



Alison abriu os olhos e a mesma sirene ainda soava abaixo na rua, se aproximando, então cessou, fazendo isso pelo menos três vezes nos últimos dez minutos ou perto disso. Aparentemente, o paciente de alguém precisava de sérios cuidados de emergência médica.

Ela ainda estava sentada em sua poltrona, puxando a respiração num suspiro após o outro, tentando se acalmar, tentando deixar seu cérebro racional dar sentido aos acontecimentos recentes. Uma caminhada poderia ajudar, mesmo que fosse apenas em torno de seu escritório.

Ela estava prestes a se levantar para esticar as pernas quando ouviu a porta abrindo. Mexeu-se na cadeira para olhar sobre seu ombro. Seu último cliente chegou, Darian Greaves.

— Alison — disse ele. — Nossa última consulta. Devo dizer que me sinto muito triste.

Ele sempre parecia ter saído direto de uma cena do filme Os Bons Companheiros. Apesar do fato de viver numa quente e casual Phoenix, nunca usava nada diferente de um terno de lã muito fino para ir às suas consultas, todo de preto hoje, incluindo a camisa sob medida. Em contraste, a gravata de seda amarela cortava uma linha perfeita no peito musculoso. Ele parecia um mosquito superdimensionado vestido da cabeça aos pés de Hugo Boss.

Era muito bonito, com a cabeça careca de forma perfeita, lisa e bronzeada, sobrancelhas negras espessas e bem cuidadas, seus olhos eram escuros e grandes, de formato redondo, parecendo quase infantis. Em seu dedo mindinho direito, usava um anel de ônix preto. Tinha apenas um defeito, sua mão esquerda estava deformada, e devido à forma como os dedos se curvavam, achava que poderia ter havido algum dano nos nervos em algum tempo passado.

Durante o ano que passou em sua terapia, seu primeiro e único ano, pelo que podia saber, ele permaneceu um mistério, bloqueado. Especialmente desde que era o único cliente cuja mente ela foi incapaz de penetrar, não importava o quanto tentasse. Uma anomalia. Ela não recorria com frequência a entrar na mente de um cliente. Com Darian, porém, não podia sequer roçar a superfície de seus pensamentos, muito menos penetrar na profundidade da sua psique. Porque, foi a pergunta que ela foi incapaz de responder.

Ele foi vítima de monstruosas formas de abuso infantil, físico e sexual, todos sofridos nas mãos de um pai adotivo. Mesmo que fosse sincero sobre seu passado conturbado, ainda assim não houve progressos significativos, quase como se ele recitasse suas mazelas por trás de uma parede de concreto de doze metros de espessura. Se estivesse seriamente empenhado em sua recuperação, ainda exigiria uma ou duas décadas de terapia, nada menos. Uma coisa ela sabia com certeza: não poderia ser sua terapeuta. Em sua opinião, ele precisava de um psiquiatra barra pesada e um monte de medicação.

Ela olhou para o relógio novamente. Como sempre, ele chegou precisamente na hora, nem um minuto além das seis e meia. Ele não podia deixar sua corporação, seu comando, como gostava de chamar seus funcionários da Empresa Greaves nem um segundo antes do marcado. Gostava muito de pontualidade.

— Não acredito que eu possa falar com você na saída da escola de pós-graduação — disse ele, contornando a poltrona dela e indo para o macio sofá de chenile verde e macio. Ela prendeu a respiração. Ele cheirava tão estranhamente, parecia limão misturado com... o quê? Terebintina? Agora, isso também era uma anomalia. Com sua aparência sofisticada, deveria estar cheirando, no mínimo, a Obsession[5].

— Como é triste ver todas essas prateleiras vazias — observou ele, enquanto parava na frente da estante na parede. Ele balançou a cabeça ligeiramente. Depois de um momento, se voltou, então atravessou o resto da distância até o sofá. Ele sentou, alisando seu casaco enquanto o fazia. Cruzou a perna sobre o joelho, tão formal, tão cavalheiro.

[5] *Perfume da Calvin Klein.*

Pousou seu olhar sobre ela, mas ela descobriu que não tinha nada a dizer a ele. Depois da conversa com Joy e depois de segurar um pedaço do tempo em sua mão, de alguma forma sua mente se tornou um completo vazio.

— Está se sentindo bem? — ele perguntou, seus olhos se estreitando.

Alison, mais uma vez começou a respirar profundamente. Pensamentos de Joy iam à deriva em sua mente, bem como a janela quebrada e a reversão de tempo. Tudo parecia estar mudando. Mesmo seus sonhos nas últimas duas semanas se transformaram, mudando para imagens estranhas e inusitadas, algumas assustadoras, algumas intrigantes.

Joy, a inversão do tempo, sonhos estranhos.

Darian com ternos de lã fina sob medida, uma mente psicótica, e nenhum Obsession.

Ela se inclinou atrás. — Por que sempre me procura, Darian? Para ser bem honesta, não acredito que eu tenha ajudado você em todo este último ano.

Ele levantou uma sobrancelha arqueada e sorriu. Ele até deu uma risadinha. — Direto ao ponto. Sempre gostei disso em você. Como nos últimos doze meses, está certa, não estava interessado na terapia, apenas em você. Queria conhecê-la. Quando isso aconteceu, gostaria que esquecesse tudo sobre a escola de pós-graduação e viesse trabalhar para mim.

O que estava errado com sua voz? Soava estranha, como se sua ressonância se dividisse não uma, mas várias vezes. Ela sentiu uma pressão estranha dentro da sua cabeça. Apertou os olhos e bloqueou a sensação. A pressão diminuiu tão rapidamente como começou. Ela abriu os olhos.

— Incrível — ele murmurou, o olhar fixo nela.

— O que é incrível?

— Você, é claro. Quero que me diga que irá considerar a ideia de trabalhar para mim.

Ela balançou a cabeça. A sugestão a atordoava. — Espero que não se ofenda, mas estou totalmente comprometida com a terapia como profissão. Simplesmente não tenho vontade de entrar no mundo dos negócios. — Ela, portanto, não queria que ele a pressionasse ainda mais.

— Trabalhar para mim envolveria muito mais que a habitual troca de bens e serviços. Acredito que poderia mantê-la em constante desafio, satisfeita, e certamente faria valer a pena.

Como poderia dizer-lhe que nunca trabalharia para ele, nem em um milhão de anos, nem por todo o dinheiro do mundo. — Sinto muito — disse ela com firmeza. — A resposta continua sendo não.

Seu olhar escuro intimidava o dela. Ela descobriu que não podia desviar o olhar para longe dele. O que ele disse? Será que consideraria mesmo trabalhar para ele?

No momento seguinte ele estava na frente dela sobre seus joelhos. De joelhos. Ele pegou o braço dela e esfregava o interior de seu pulso, o lugar macio ao longo de suas veias. Ele acariciou sua pele para frente e para trás. — Diga sim — ele sussurrou, sua voz ainda carregada por uma estranha ressonância. Por que ela não o temia? Ele era grande, musculoso e poderoso, o tipo de homem que imaginava em obscuras missões, profundamente enterrado em alguma selva do Terceiro Mundo. Ela sentiu isso desde o princípio, sua presença completa e absolutamente letal.

Ela deveria temer sua proximidade. O medo seria normal, mas todos os seus instintos estavam suspensos em algum tipo de êxtase.

— Eu te darei qualquer coisa que queira — disse ele. — Tenho uma grande riqueza à minha disposição. Diga que virá até mim, alie-se comigo, trabalhe lado a lado comigo. Diga isso e te darei o mundo.

Ele daria o mundo a ela.

Ela não queria o mundo, queria o que Joy tinha, e ele definitivamente não poderia dar isso.

No entanto, de alguma maneira ela se inclinou em direção a ele, aproximando-se, sem medo. Seu pulso acelerou quando ele acariciou seu braço. Desejo de uma distinta natureza sexual se abateu sobre ela, uma chuva suave em sua pele. Acaso ele a estava seduzindo?

— Está sentindo isso, não é? Diga que sim, Alison. Nós seriamos magníficos juntos. — A ressonância dividida se abatia sobre ela, acenando para ela. Ela queria dizer sim.

Sua respiração vinha em rápidos e curtos haustos. Sentia as pálpebras pesadas. Isso não estava certo. Mas não conseguia se conter.

Ela respirava, o que significa extrair mais de sua sedução inebriante para dentro dela, mas o cheiro dele, limões e terebintina, chocava seus sentidos. Ela virou o rosto para longe e apertou os olhos. Sua mente clareou e apertou os ombros e costas contra a cadeira. — Sinto muito, Darian. Não tenho nenhum desejo de trabalhar com você agora ou nunca. Poderia oferecer meia dúzia de mundos e ainda recusaria.

Ela estremeceu, então sentiu a respiração de Darian sobre seu pescoço. Ele deu uma risadinha. — Meia dúzia de mundos — ele murmurou. — Não tem ideia do quão poético sua escolha de palavras é, quão perfeita, quão prodigiosa, e sinto em você, percebo em você, uma completa negação da minha proposta. Mais uma vez me sinto muito triste, como se estivesse perdendo uma amiga, talvez a única amiga verdadeira que já tive. Que pena. — Será que estava conseguindo arranhar a garganta dela com os dentes? No entanto, ela ainda não podia se mover.

Ele liberou seu pulso e, como se nunca estivesse tão perto dela de forma alguma, mais uma vez sentou no sofá e, novamente, cruzou as pernas na altura do joelho.

— Eu sinto muito, Darian. — Sua mente parecia um pouco estranha. Acaso ele acabava de se ajoelhar na frente dela? A memória parecia vaga agora, indistinta, como um sonho.

— Isto é mais que lamentável — disse ele, — e eu também sinto muito. Quero que entenda e se recorde do meu pesar. Sei que temos que seguir por caminhos separados, e acredito que isso ficou claro para mim desde o início, mas eu realmente, realmente queria que fosse o contrário.

Pelo mais curto dos momentos, seu coração amoleceu por ele. Ela acreditava que estava sendo sincero. Ela nunca viu esse pesar em seu semblante antes. No entanto, via isso agora. Teria o julgado mal de alguma forma?

A porta da frente da recepção do seu consultório bateu se abrindo e um segundo depois uma das dentistas da sala ao lado apareceu na porta. Era uma ruiva, alta e linda, sua pele homogeneamente sardenta, mas duas manchas alarmantemente vermelhas saltavam em suas bochechas.

Alison se levantou. — O que aconteceu?

A jovem olhou para ela e para Darian depois de volta para ela. — Eu sinto muito incomodá-la, mas um dos pacientes odontológicos de Kelsing foi assassinado bem na calçada. — Ela jogou uma mão trêmula atrás dela

— Quer dizer um acidente? Atropelado por um carro?

Ela balançou a cabeça para trás e para frente. — Não. Sua garganta. Rasgada. Desfigurado. Aqui no pátio. A polícia já isolou a área e uma ambulância acabou de chegar. Pensei que deveria saber. Já avisei todos nos consultórios deste andar.

— Obrigada — Alison sussurrou enquanto a mulher se virava e saia correndo. Ela olhou para Darian. Ela ainda tinha a obrigação de terminar sua hora com ele. Por outro lado, qual era o ponto? Ainda assim, esperou que ele se decidisse.

Ele se levantou, um meio sorriso nos lábios, a tristeza em seus olhos. Fez um gesto com um braço estendido em direção à porta. — Bem, acho que devemos ver do que todo esse alarido se trata, não é? Talvez o relato tenha sido exagerado.



Kerrick sentiu a vibração enquanto a Central o dobrava até os arredores do complexo médico em Paradise Valley.

No momento que sentiu o asfalto sob suas sandálias pesadamente amarradas, enviou uma parede de névoa na frente e atrás dele. Queria pegar este filho da puta e em seguida dar o fora. Ia deixar Thorne lidar com qualquer que fosse a fêmea mortal que estava fazendo Endelle agir como uma cadela cretina.

Enquanto se preparava para materializar sua espada na mão dele, sustentou o pensamento.

Algo estava errado.

Ele examinou a área e amaldiçoou. Por que Jeannie não disse que o circo já chegara na cidade? O estacionamento estava cheio de veículos de emergência e o que fosse, já aconteceu há um tempo, mais tempo do que levou no chuveiro. Uma longa extensão de fita amarela estendida cercava uma cena de crime cheia com um grupo em uniformes, embora não fosse capaz de ver o centro da cena de sua posição.

Ele deslizou seu telefone do bolso e teclou.

— Central. Como estamos indo?

— Jeannie, que diabos está acontecendo? Já há uma enxurrada de médicos e carros da polícia e outros forenses por aqui.

— Eu não sei o que dizer. — Um turbilhão de toques se seguiu. — Não estou conseguindo ver nada.

— Merda. — Havia apenas um motivo para a rede de inteligência da Central não saber dessa bagunça. Greaves estava aqui. Puta merda. — Está certo. Vê alguma trilha de neblina?

— Há algumas menores em torno dos vampiros da morte, e de você, claro. Estou vendo uma área maciça a oeste de onde você está, a cerca de dezoito metros de distância. Vê um Ramada ou algo assim?

— Não, mas a festa está bem ali na frente.

— Puta merda — gritou Jeannie. — Tem que ser o comandante. Mesmo você não conseguiria fazer névoa assim, e faz isso melhor que ninguém.

— Tem que ser Greaves. Fique perto.

— Pode deixar. — Ouviu mais sons de toques.

Ele se abaixou. Ele podia ver a vítima de onde estava agachado. Ela estava estendida na calçada, uma mulher cujo cabelo preto encaracolado era apenas visível sob um lençol branco. Em volta dela o cimento estava manchado de vermelho. Seu coração afundou até seu intestino. Ela foi drenada em público, muito tempo antes do anoitecer. E agora ele tinha um circo para administrar.

Que diabos o Comandante estava fazendo num complexo médico? O que exigia a pergunta: por que os vampiros de morte apareceram por aqui também?

Ele se levantou, em seguida, andou uns bons vinte metros para o oeste. Manteve sua névoa densa. Qualquer mortal olhando em sua direção experimentaria uma confusão mental e não conseguiria vê-lo.

Uma turma de curiosos cercava o local, cobrindo as escadarias de cimento e se espremendo sobre uma passarela dois andares acima para assistir o desenrolar dos eventos. Na frente da passarela, o vampiro da morte flutuava cerca de oito metros acima do chão e girava num círculo preguiçoso, a euforia estampada no rosto, sangue na boca. Suas asas negras, em sua total amplitude, escondiam um bom número de espectadores de vista.

Kerrick agarrou seu telefone, em seguida, trouxe-o para seu ouvido novamente. — Encontrei nosso objetivo principal. Grandes asas também, o que significa que tem algo perto de poucos séculos. Está girando entre dois conjuntos de escadas, gozando como o diabo de uma altura acima da saída do dreno. Pelo menos teve o bom senso de enevoar primeiro a área. — Kerrick podia ver uma tênue estrutura como uma teia em torno do vampiro da morte, mas seu poder de penetração ultrapassava em muito a capacidade do menino bonito para criar a substância que confundia a mente.

— Além da assinatura do vampiro da morte, há duas outras assinaturas fortemente marcadas nas proximidades.

— Duas? — ele gritou.

— Uma delas é, provavelmente, do Comandante — Jeannie disse. — Mas e a outra?

— Quem infernos sabe? — ele baixou o telefone, mas continuou na linha.

Toda a situação o irritava muito. A única diretriz que o exército do Comandante honrava era a lei do sigilo absoluto. No entanto, o sangue que limpou mais cedo, assim como a mulher que estava agora na calçada, foi deixado para qualquer um ver. Assim, ou o exército de Greaves estava ficando desleixado ou já não tinha ordens para fazer a limpeza. De uma forma ou de outra, a guerra estava se tornando um novo tipo de pesadelo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele fez uma varredura rápida de todos os indivíduos presentes; desde os policiais e técnicos de emergência, espectadores perto da cena do crime, até os vários grupos amontoados por todas as escadas, até que na passarela acima do pátio encontrou uma fêmea loira cujo olhar estava fixo não no lençol branco e nos cachos negros, mas no vampiro da morte girando no ar. Todo mundo - menos ela - estava focado na cena do crime.

Inferno Santo.

Por toda a lei natural, ela não deveria ser capaz de ver o vampiro da morte, mas seu rosto tinha uma expressão de aturdimento, então soube que ela não estava olhando para um dos malditos expectadores parados naquele lugar. No entanto, como isto era sequer possível, e o que significava?

O vampiro da morte escondeu parte dela da vista. Kerrick fortaleceu sua neblina e se moveu para sua direita. Quando a via plenamente mais uma vez, o tempo ficou mais lento, se espessando, depois parou, como uma forte pisada nos freios.

Seus lábios se separaram para permitir a entrada de mais ar. Uma sensação de conhecimento fluía por sua mente, seu corpo, um rio largo de erotismo. A mortal era tão familiar para ele como o sangue descendo em sua garganta, embora ele não tivesse ideia de quem ela era. Ela tinha pelo menos 1,90m de altura, loira, olhos azuis, uma figura elegante, embora fosse parte de um pequeno grupo nas estatísticas. Ele a conhecia.

Seu organismo iniciou um zumbido dedicado. Mesmo suas asas contidas vibravam. Como a conhecia? Procurou em suas memórias. Nada veio a tona. O mesmo rio de conhecimento mais uma vez fluía através dele, como se já estivesse dentro dela em todos os sentidos possíveis, ou que de alguma forma sabia que em breve estaria com ela. Puta merda. A parte abaixo das suas costas se contraiu e começou a crescer e ficar rígido.

Certo. Desta forma era o inferno de desvio do alvo.

Ele se recompôs e repôs seu foco sobre a situação. Algo estava realmente errado.

Ele se moveu alguns passos novamente para sua direita, a fim de completar a sua observação dos espectadores na passarela, mas o cara da cabeça giratória ainda bloqueava a visão.

Santo filho da puta, então, era verdade. O Comandante Greaves estava de pé bem próximo da mortal, tão calmo quanto à vontade e ainda inclinava a cabeça para Kerrick com uma leve curvatura de reconhecimento. Naturalmente Greaves podia ver através de sua névoa. Puta merda. Inferno Santo. Que diabos estava acontecendo aqui? O que o Comandante estava fazendo com esta fêmea mortal? Não admira Endelle estar pirando.

Deve ser uma ascensão em andamento, mas tudo que estava vendo era completamente sem precedentes.

Apesar do choque, entretanto, precisava se preparar para a batalha.

Ele respirou um profundo suspiro e sentiu a vibração familiar através dos músculos de suas costas, o doce tamborilar que precedia a ignição de suas asas através das suas contenções. Ele as deixou planar. Deixou se estenderem até sua máxima altura e largura. Ele as estendeu e as manteve no extremo da sua estrutura até que sua cabeça girava com as endorfinas, e um brilho do

suor pela luta iminente corria por toda a superfície de sua pele. Queria que Greaves se lembrasse da extensão de seus poderes, se lembrasse que não era um guerreiro comum e que se queria ir cabeça-com-cabeça, Kerrick estava malditamente pronto, aqui e agora, neste lugar, neste momento. Traga-essa-merda-para-cá-agora.

O comandante, no entanto, apenas inclinou a cabeça outra vez, reconhecendo a apresentação de suas asas como uma ameaça. Então se virou para a mulher e disse algo. Portanto, sim, ele a conhecia. Depois disso, simplesmente partiu, deixando o local na direção oposta, se afastando da multidão que cobria as escadas. Sem flashes, sem espetáculo, esse homem, esse vampiro, apenas manobras infinitas e estratégias, o bastardo.

Kerrick sacudiu telefone de volta até seu ouvido. — Jeannie?

— Fale? Problemas?

— Preciso saber se uma das duas assinaturas simplesmente saiu do radar.

Uma pausa, seguida por uma série de tecladas rápidas.

— Sim. Desapareceu. Isso é uma coisa boa?

— Muito. Uma delas era o Comandante Greaves.

Jeannie assobiou. — Puta merda.

— Digo o mesmo. Agora me diga, a outra assinatura ainda marca ponto na sua tela?

— Sim, embora a leitura esteja um pouco distorcida.

— Não estou surpreso. Acho que a segunda assinatura pertence a uma mortal.

— Está me sacaneando?

— Não.

— Nunca ouvi falar de tal coisa.

— Nem eu.

— Então temos um vampiro-em-criação ou o quê? Pode ver o que está dentro de sua cabeça, ver se ela tem sido chamada para brincar com um par de presas?

— Dê-me um segundo.

Kerrick estendeu seus sentidos em direção a ela e tentou dirigir-se até a mente da mulher, mas que porra, ela tinha escudos, como paredes de granito.

Ele olhou para a mulher e fez uma careta. Quem diabos era essa mulher? Ela era alta para uma mortal e usava o cabelo puxado atrás numa severa trança na parte de trás da cabeça, que a mantinha em grave controle. Ele conseguiu isso. Ela era de fato bonita, com grandes olhos azuis, lábios cheios e sensuais, um nariz reto, e naquela fração de segundo quando olhou para ela, um terceiro tipo estranho de reconhecimento rasgou por seu corpo e seus hormônios explodiram direto para o espaço sideral. Porra, estava atraído por ela como maçãs pela gravidade. Sua virilha queimava. Mas que diabos?

Suas asas ondularam em antecipação, apertadas e escorregadias como se o futuro de repente tivesse voltado e agarrado o presente pelas bolas. Sua virilha acesa pegava fogo de novo e sentia as pálpebras pesadas e baixando. Os músculos das coxas pularam e seu bíceps flexionou. A mulher tinha poder. Merda, como aquilo o excitava. Fazer amor com essa mulher seria como entrar em um furacão de sensações.

Ele a queria. Agora. Queria ela embaixo dele. Queria estar dentro dela e bombeando duramente.

Que porra é essa?

Por um momento ele arrastou suas asas para meia-abertura, curvado pela cintura, plantou as mãos sobre os joelhos, e se forçou a tomar uma respiração profunda após outra. Por todos os seus votos, de repente ele conhecia a tentação, profunda, a tentação que abrasava a alma. A palavra hifenizada da língua antiga veio à sua mente, breh-Hedden. Companheira-vinculada. Do tipo que ele acreditava ser apenas um mito, mas aqui estava ele, praticamente fora de si pela necessidade e o desejo. Seria possível?

Ele fechou os olhos e forçou seu cérebro a desacelerar rapidamente. Essa merda não era para acontecer. Além disso, com um vampiro da morte ainda pairando no ar, precisava se concentrar. Ele tinha um trabalho a fazer. Ele bombeou mais ar em seus pulmões.

Quando se acalmou, se levantou, em seguida, fez uma rápida varredura. Fez um perfil dos poderes da fêmea. Eram tantos. Telepatia, empatia, pulso manual, e podia se desmaterializar. Nenhum mortal jamais ascendeu com a capacidade de teleporte... com exceção de um... Endelle. Não admira que o comandante pareça apostar em algum tipo de reclamação sobre ela. Puta… Puta merda.

Endelle devia saber, e agora ele se sentia como se fosse enganado em alguma coisa. Ele balançou a cabeça, de um lado para o outro, numa forte negativa. Nada disso importava, não o que estava experimentando, nada que Endelle tenha planejado, nada. Tinha um voto a manter e iria mantê-lo.

Um pouco mais calmo, trouxe o telefone ao ouvido. — Não posso dizer o que está acontecendo com a mulher porque não posso entrar em sua cabeça.

— O quê? — ela gritou. — Pode entrar na cabeça de qualquer um.

— Não na dela. — Sua voz era áspera, como se tivesse engolido uma caixa de tachinhas. — Pelo menos não dessa posição que estou.

— Então o que fazemos com ela? — Jeannie perguntou. Parecia tão chocada como ele se sentia.

— Conhece as regras.

— Sim, sei. Nenhuma interferência. Blá-blá-blá.

— Amém a isso. Vou apenas terminar de me livrar do vampiro da morte e vamos ver o que acontece ao longo das próximas quarenta e oito horas. É melhor deixar Endelle saber o que está fazendo. Diga a ela que Greaves estava aqui, assim como diga também a ela sobre a força da assinatura da mulher no radar. Saberei mais para reportar mais tarde.

— Eu estou fazendo isso agora.

Dedilhou o telefone, e mais uma vez ele voltou para o pequeno bolso estreito de seu kilt.

Ele convocou um tipo diferente de respiração profunda e desviou o olhar para o menino bonito.

Tempo de cuidar dos negócios.

Quem pode compreender a atração dos Companheiros Vinculados,
exceto aqueles que estão presos em suas teias?
Provérbios Coletados, Beatrice dos Quatro

CAPÍTULO 3

Alison soltou um suspiro profundo desde que Darian finalmente a deixou, já que não podia compreender o que estava vendo. Uma alucinação, talvez?

A criatura alada flutuava lentamente num círculo a cerca de dez metros de distância dela. Era muito bonito, extraordinariamente belo até. O cabelo castanho escuro era longo, muito além de seus ombros. Era musculoso como um fisiculturista e usava apenas calças cargo preta, sem sapatos, sem camisa. Ostentava um par de enormes e brilhantes asas negras, as penas mal se movendo, mas o mantendo tanto no ar como girando muito lentamente. Seu queixo e tórax tinham manchas de sangue, seus pés, oh, Deus, estavam a uns dois metros do chão. Seus olhos estavam fechados e parecia eufórico, como um viciado em drogas que acabava de tomar uma dose de sua fonte favorita.

Seu estranho rodopio lembrava algo como um pesado filme de animação por computação gráfica. Na verdade, o pátio inteiro tinha a aparência de um set de filmagem, dezenas de pessoas amontoadas na extremidade da passarela e descendo as escadas, todos conversando em voz baixa, as mãos cobrindo bocas, e uma série de veículos de emergência e pessoal autorizado. O centro das atenções era um corpo estendido no cimento, rodeado por uma fita amarela, a visão bloqueada por vários oficiais, graças a Deus. Dado o sangue no corpo da criatura, só podia presumir que ele a matou, da forma como um vampiro de cinema mataria sua presa.

Então o que exatamente era essa coisa com pele de porcelana que pairava no ar sem qualquer suporte de cabo aparente? Acaso estava realmente o vendo? Será que existia? Um psicopata que, de alguma forma, conseguiu amarrar asas em suas costas, sem nenhuma presilha? E como conseguiu esconder o flutuador na coluna?

Ela balançou a cabeça em descrença absoluta. Piscou várias vezes. Ela olhou para os espectadores para ver suas reações a essa estranha criatura, mas ninguém, nem uma daquelas pessoas estavam olhando para ele, confirmando sua suspeita de que estava tendo alucinações.

Ela se moveu mais perto da grade e olhou para ele. A familiar sensação de aperto puxou seu coração, um desejo que não conseguia explicar, um anseio que a atormentou pelas últimas semanas, mas certamente não por esse monstro?

— Al-is-on — emergiu numa cadência melodiosa da boca da criatura. — Estou pronto para você.

Ele falou o nome dela?

Ela formou um pensamento e deixou-o voar para fora de sua mente: *Por que ninguém pode vê-lo?*

O esquisito de presas parou de rodopiar, mergulhou em direção ao cimento, depois parou para flutuar parado no ar a apenas alguns centímetros acima do solo. Suas asas ondulavam lentamente. Ele virou as costas para ela enquanto olhava para os espectadores, em seguida, entrou em seu campo de visão conforme seu olhar saltou de rosto em rosto por toda a escada. No entanto, ninguém olhou para ele. Então, sim, talvez ele só existisse na cabeça dela. Ela assistiu *Uma Mente Brilhante* e leu uma série de histórias de casos de esquizofrenia durante o curso de seus estudos.

Suas asas se agitaram e seu corpo se moveu um pouco mais conforme seu olhar percorria ao longo dos pequenos grupos de espectadores em todo o entorno até que ele a encontrou.

Ele encontrou seu olhar e sorriu. Os ombros relaxaram.

Alison, ele disse, seus lábios não se moviam. *Então minha irmã estava certa e está aqui depois de tudo*.

Telepatia. Ele era capaz de se comunicar telepaticamente com ela.

Um par de presas, presas se distendendo, espessos incisivos brancos contra lábios perfeitos. Riscos vermelhos matizavam os sulcos entre os dentes.

Presas?

Asas?

Sangue?

Sua mente dava voltas e voltas no mesmo ponto. A palavra vampiro, uma vez mais atravessou seu cérebro, e-outra-e-outra-e-outra-vez, deixando-a tonta.

O lento e perfeitamente bem executado giro descendente das brilhantes asas negras da criatura a enviou novamente flutuando acima. Ele se elevou em direção a ela e mais uma vez conversou com ela telepaticamente, seu olhar escuro fixo no dela. *Estou aqui para tomar seus poderes para que eu possa destruir o que é mal no nosso mundo. Seu sangue pertence a mim agora.*

Conforme suas palavras reverberavam na sua cabeça, seus tornozelos ficaram pesados como se fossem lentamente cheios com cimento. Ela tentou se mover, mas não conseguiu. Ele queria tomar seu sangue?

Náuseas subiram através de seu estômago, como se seu corpo soubesse coisas que sua mente ainda não podia compreender.

Quem é você? Ela enviou. O movimento de suas asas fazia com que as folhas das copas das figueiras em torno se agitassem como se uma brisa enchesse o pátio. *Por que posso ver você quando ninguém mais pode?*

Ele ignorou as perguntas e em voz alta disse: — Devo ter seu sangue.

Ela balançou a cabeça. Seu peito se sentiu apertado. Como era possível após todo esse tempo, após todos estes anos de nenhuma esperança, após três décadas de vida presa a poderes que não faziam sentido no reino humano normal, encontrar um terrível ser alado, talvez até mesmo um vampiro, que podia realmente compartilhar suas habilidades, mas que só tinha sua morte em mente? Por que não podia ter encontrado um bom rapaz?

Quando chegou à passarela, no entanto, seus nervos se acalmaram. Ele era tão incrivelmente bonito, tão agradável aos olhos. Será que realmente precisava ter medo de tal criatura?

Ela apoiou suas mãos sobre o corrimão e sorriu, um sorriso encantador. Ele arrastou as asas atrás e virou as pernas para o lado. Ele aterrissou com facilidade e se abateu sobre ela, uma parede espessa de músculos primorosamente formados, um esvoaçar de penas brilhantes, um show de presas. Mesmo enquanto o sangue em seu peito ficou à vista, ainda assim, sua mente se afiava e seus instintos incendiavam.

Sim. Ela deveria ter medo.

Para toda a duração de sua vida adulta, Alison nunca, nunca se aventurou numa desmaterialização à vista de outras pessoas. Era uma de suas regras, uma regra importante, que há anos a ajudou a se sentir como se tivesse um lugar no mundo, que todos os seus dons excepcionais e inúteis poderiam existir lado a lado com a normalidade.

Mas este monstro já deixou sua intenção clara, e agora mesmo, esta regra teria que ser desconsiderada. Alucinação ou não, e embora se sentisse completamente apavorada em desaparecer diante de Deus e de todo mundo, fixou o pátio abaixo e se moveu até lá com um pensamento seguido por uma breve vibração de sangue e ossos.



A cabeça de Kerrick girou enquanto observava a fêmea mortal fazer um teleporte da passarela para uma posição a não menos de três metros de distância, de costas para ele enquanto olhava para o vampiro da morte agora atordoado. Kerrick estava prestes a intervir, suas asas vibrando, enquanto o menino bonito explicava sua missão. Suas palavras por si só, seu propósito confesso, forçaram Kerrick a fazer uma pausa, um vampiro da morte pronto a destruir o que era mau? Será que realmente obedecia ao comandante?

Mas então a mulher dobrou. Sabia que era possível porque já fez uma leitura de seus poderes. No entanto, uma vez que ele mesmo não podia fazer o teletransporte, ficou hipnotizado, e nem um só cabelo de sua apertada trança loira ficou fora do lugar.

Ele a olhou de cima a baixo por trás.

Usava calça preta, sapato de salto baixo e um leve top de seda verde colado ao seu corpo. Parecia elegante e controlada, como se mantivesse sob controle por um confortável aperto, assim como seus cabelos. Ele então engoliu isso. Ela provavelmente passou a maior parte de sua vida se contendo, tentando não assustar todo mundo, pelo que ela era ou do que era capaz de fazer. Sim, realmente entendia isso.

As narinas dele se inflaram e um súbito perfume de lavanda tomou conta de seu cérebro. Droga, estava tonto! Ele esfregou o centro de seu peito sobre o coração. O cheiro fez acelerar seus batimentos da maneira como ele às vezes se sentia depois de deixar atrás meia dúzia de Criadores em rápida sucessão. Sim, assim se sentia. Maldição. A superfície de sua pele estava quente e

parecia ansioso. Isto era o que precisava, o que o esteve chamando desde que despertou com aquele estranho zumbido em seu peito. Ele deu um passo adiante e inalou mais do cheiro de lavanda. Santa merda, era o perfume do seu sexo. O vício atravessou seu corpo, subitamente duro e cheio.

Ele queria aquela lavanda nos lábios e descendo por sua garganta. Queria o corpo dela embaixo do dele. Ele queria as costas dela se arqueando atrás, seus quadris encontrando os dele. Queria estar dentro de sua mente. Porra... queria seu sangue.

Inferno Santo. Ele recuou, e balançou a cabeça. Ele ordenou que sua mente... seu corpo... de novo. Forçou-se a ter pensamentos racionais, como que tinha um trabalho a fazer e esta era uma mera mortal e jurou nunca se envolver com uma mulher, enquanto permanecesse um Guerreiro de Sangue.

Um movimento na passarela trouxe seu olhar cortante de volta ao trabalho em sua incumbência. O louco estava agora em cima do corrimão, as asas pretas batendo lentamente. Sustentava seu equilíbrio com a prática de séculos.

Hora de acabar com isso. Ele afastou a mais densa parte de sua névoa, a fim de se revelar para a mulher.

Cortou a distância, em seguida, bateu as mãos em seus braços. — Não se mova — ele ordenou.

A cabeça dela virou em sua direção enquanto a girava para ele. Ele reposicionou suas mãos para que ela o encarasse agora, mas ainda tinha seu agarre sobre ela.

Porra, hora de ficar duro mais uma vez. Nunca viu olhos como os dela, azuis claros, luminosos, com círculos dourados em volta, requintados. Seu corpo despertava novamente, uma tocha chicoteada pelo vento, chamas por toda parte. Ele provavelmente deveria deixá-la sair de seus braços, mas ele, certo como o inferno, com certeza não queria.

Seu olhar caiu nos lábios entreabertos e um rosnado ressonante e possessivo se formou em sua garganta.

— Quem é você? — ela perguntou, sua voz um sussurro rouco. — Vai me matar?

Ele balançou a cabeça. — Estou aqui para protegê-la. — Outros pensamentos se embaralhavam em sua cabeça. *Sempre irei proteger você. Nasci para te proteger. Vou servir como seu guardião, agora e para sempre*.

Breh hedden - *Companheira Vinculada* - atravessava sua cabeça mais uma vez.

Inferno, claro que não. Não ia acontecer. Porra... inferno... não.

— Você nasceu para me proteger? — ela perguntou, seus olhos arregalados, sua testa enrugada. — O que é? E o que quer dizer com guardião e esse *bray* alguma coisa quer dizer?

— Você acabou de ler meus pensamentos, embora meus escudos estejam todos em vigor? — Puta merda! A mulher podia entrar na sua cabeça, envolver sua mente, ler sua mente, uma habilidade que ia muito além telepatia. Ele conhecia apenas outra mulher na Segunda Terra capaz de fazer isso... Endelle. Jesus. A mulher diante dele tinha um muito fodidamente grande poder.

Com os lábios entreabertos, enquanto seu olhar se movia para frente e para trás de seu rosto à sua asa direita, depois sua asa esquerda, ao seu coldre de ombros, então abaixo para seu

kilt e suas pesadas sandálias tipo gladiador. — O que é? — ela repetiu, a voz caindo para um sussurro.

Ele puxou uma respiração profunda e de alguma forma encontrou o poder de liberar seus braços. — Vai ficar parada e quieta enquanto dou conta daquele vampiro da morte?

Ela olhou nele de cima a baixo. Ela piscou várias vezes. Ele sentiu sua mente pressionando contra a dele, e a deixou mergulhar dentro. Ela cambaleou um pouco, mas depois de um momento se retirou, relaxada, depois assentiu. — Vampiro da Morte? Como um vampiro mortal, — ela perguntou.

Quão confusa devia estar agora mesmo. — Sim, e preciso que fique exatamente onde está para que não se machuque. Vai fazer o que digo enquanto cuido da criatura alada no corrimão?

Ela olhou para o vampiro da morte expectante e balançou a cabeça. — Sim — ela disse, com voz ofegante. — Certo. Sim. — Ela engoliu em seco.

Ele passou por ela, arrastando suas asas de lado para evitar bater nela. Ele ignorou o cheiro de lavanda que agora o assaltava como um ciclone.

Parou alguns metros à sua frente, bloqueando a visão do vampiro da morte dela. Ele estendeu suas asas para ambos os lados, tanto quanto podia, outro movimento de proteção, o olhar fixo sobre o inimigo.

Sua presa fez uma careta e se levantou no ar, buscando seu olhar.

— Desça — Kerrick chamou.

— Deixe-nos guerreiro — o vampiro da morte gritou. Elevou-se ainda mais alto até que podia ver a mulher, então sorriu.

— Venha abaixo e me enfrente — Kerrick ordenou. Ele materializou sua espada marcada em seu punho direito uma vez mais, o couro que enrolava o punho calmante contra sua palma. Ele puxou a adaga do coldre peitoral.

— Não vou lutar com você. Não estou aqui para isso — o vampiro da morte gritou. — Preciso do sangue da mulher.

— Bem, não pode tê-lo.

— Não entende, Guerreiro Kerrick. Posso destruir o Comandante Greaves se tomar seu sangue. Minha irmã, uma Vidente muito poderosa, me contou sobre uma mortal, Alison Wells, a mulher atrás de você, que estaria aqui hoje, esta noite. Ela teria todo o poder que eu precisaria para fazer o que deve ser feito. Você e eu queremos a mesma coisa. Dê um passo ao lado e me deixe tirar o sangue dela.

Enquanto Kerrick enfrentava o vampiro da morte, no entanto, tinha apenas um recurso. — Hoje, infelizmente, estou entre você e a mulher. Vai ter que me enfrentar em vez disso, exatamente como o faz. — Quando o vampiro da morte não afastou seu olhar para longe da mulher, aquela que ele chamou de Alison, Kerrick expandiu sua ressonância e trovejou: — Olhe para mim!

Só então o insano voltou sua atenção para longe dela. Encontrou o olhar de Kerrick e gritou: — Acaso o sacrifício desta mortal não vale a pena para ver o comandante morto?

— Não negociamos sobre as vidas dos mortais. — Kerrick sabia que não seria tão simples. Precisava que o vampiro da morte o atacasse, mas o menino bonito estava fixado na mulher, e a última coisa que queria era acabar perseguindo o bastardo através do ar.



Thorne voltou para o Blood and Bite num péssimo humor.

Endelle foi uma cadela reclamando sobre a ingratidão de Kerrick, a atitude insubordinada, e toda a teimosia, então dedicou a Thorne uma palestra de dez minutos sobre como precisava melhorar seu controle sobre seus irmãos guerreiros.

O-que-a-merda-fosse.

Ele assentiu e disse que tinha todas as coisas sob controle, o tempo todo querendo saber em quanto tempo poderia voltar para o campo. Dado o humor dela, no entanto, duvidava que estaria fazendo muito mais coisas por um tempo, que ficar olhando para o maldito relógio.

Endelle ia mantê-lo perto hoje à noite, um dever que detestava. Infelizmente, seu desagrado sobre a atitude de *dane-se* de Kerrick era apenas metade do problema. A outra metade fez suas bolas chegarem tão perto de seu corpo, que podia sentir os pelos mais curtos.

Ela disse sem rodeios que estava reincorporando Marcus, com efeito, de imediato.

Puta merda. Marcus. Marcus. Ex Guerreiro de Sangue que fez um salto permanente para a Terra Mortal na noite que a esposa e filhos de Kerrick morreram.

Deus nos ajude.

— Preciso de uma bebida, Sam.

— É para já, jefe.

Porra.

Marcus.

Merda.

Endelle poderia muito bem ter convocado os irmãos ao mesmo tempo e jogado uma granada acesa em sua direção. É claro que os guerreiros poderiam usar os músculos de Marcus, bem como seus quatro milênios de experiência, mas que merda... Marcus?

Ele soltou um suspiro pesado, o que nascia depois de reuniões longas demais com a toda poderosa. Ele se empoleirou em seu banco favorito, que ficava no fim do balcão e que o deixava manter uma vigilância constante sobre todo o salão, as fileiras de veludo vermelho cobrindo as cabines, a pista de dança, o corredor escuro que levava aos banheiros, e é claro todo mundo sentado no bar. Ele se acomodou, seu cotovelo esquerdo sobre a madeira polida, seu joelho direito se projetando para o salão, então ergueu o olhar para Sam.

— De volta tão cedo, jefe? — Sam perguntou. Ele falava em sua voz de bartender em plena expansão, desde que a música batia e inibia a conversa em voz alta dentro do clube. Ele jogou a

toalha no ombro, fez surgir um copo no bar com a mão esquerda, em seguida, despejou uma quantidade razoável de Ketel One gelada com a direita.

Thorne olhou para o copo e sentiu o alívio o alagar antes mesmo que desse o primeiro gole. Sam retomou ao seu trabalho de polir os copos e teve a grande mostra de sabedoria em manter sua boca bem fechada. Thorne não ficou surpreso. Samuel Finch, dono da boate vampiro, tinha olhos astutos, o tipo que olhava, pegava uma rápida impressão, fazia um julgamento, que sempre o levava a manter sua boca fechada.

Os guerreiros estavam numa tempestade de merda. Parecia que uma ascensão principal estava em andamento, uma fêmea, que sem dúvida fez Greaves ostentar uma furiosa ereção, o bastardo. É claro que ia tentar chegar ao ascensor em primeiro lugar, para transformá-la se pudesse. Se não conseguisse, maldição, enviaria seus asseclas para matá-la. Ele sempre se perguntava o quanto autocontrole era necessário para Greaves conter seus instintos assassinos. É claro que, por lei não poderia prejudicar tanto os ascensores quanto os ascendentes em absoluto, nem Endelle poderia atacar o exército de vampiros da morte de Greaves ou qualquer outro. No entanto, quantas vezes desejou que Endelle pudesse dar rédeas soltas e acabar de vez com essa guerra. Infelizmente, se Endelle ou mesmo Darian começassem uma matança absoluta, seria o mesmo que lançar uma arma nuclear. O único fim possível seria uma vasta destruição, o que naturalmente não beneficiaria ninguém.

Ele esfregou a mão pelo rosto e jogou mais Ketel para dentro.

O resultado era que Endelle gastou seu traseiro dia e noite para manter os dois mundos a salvo de afundar sob as ambições do Comandante, e era por isso que ele daria sua vida por ela, não obstante ela ser uma cadela.

Seus esforços, porém, não o evitavam completamente, e todas as noites o comandante enviava vampiros da morte por todo o maldito mundo. Ontem à noite, Thorne lutou com três vampiros da morte russos que falaram com ele com palavras que soavam como patins de gelo cortando um lago congelado. Ele os derrotou, mas foram três filhos da puta ferozes.

Alguma coisa tinha que sobrar para a administração de Endelle logo. Greaves parecia quilômetros à frente da organização de Endelle, e não apenas em recursos humanos; o idiota tinha um plano viável e estava trabalhando nele. Ele passou a maior parte de seu tempo persuadindo a alta Administração de todo o mundo a unirem suas forças. Quando conseguisse o suficiente deles ao seu lado e quando seu exército, uma combinação de soldados regulares e vampiros da morte chegassem apenas a proporção correta, bem, não era preciso ser um gênio para descobrir o que iria acontecer a seguir.

Nesse meio tempo, cabia aos Guerreiros de Sangue manter o número de vampiros da morte sob controle. Apenas o grupo de elite de Thorne tinha poder sobrenatural, bem como a pura força física para matar vampiros da morte noite após noite, às vezes lutando sozinhos e às vezes lutando contra três ou mais dos meninos bonitos, ao mesmo tempo.

Havia outra unidade de policiamento, é claro, os guerreiros da milícia regular. Esses esquadrões serviam na Segunda Terra em todo o globo e, como os Guerreiros de Sangue, trabalhavam para manter os vampiros da morte sob controle. No entanto, geralmente era preciso

pelo menos quatro guerreiros da milícia para derrubar um vampiro da morte e, mesmo assim, as baixas eram pesadas.

Os guerreiros da milícia tinham campos de treinamento e recebiam treinamento regular com os Guerreiros de Sangue, embora nos últimos meses, dada as atividades nas várias fronteiras de Phoenix, o treinamento que os guerreiros poderiam oferecer nos campos se reduziu a um fio.

Linha de fundo? A administração de Endelle estava oficialmente na merda.

Certo, talvez Endelle estivesse com razão. Talvez Marcus fosse necessário.

Quem estava enganando? Marcus deveria ter sido reconvocado quinze anos atrás, quando o primeiro dos Altos Administradores desertou, a caligrafia proverbial na parede. Mas, puta merda, seus irmãos guerreiros não ficariam contentes, especialmente Kerrick. Porra, Kerrick teria uma convulsão no momento que visse o filho da puta. Quando a esposa de Kerrick morreu, Marcus disse coisas a ele que nenhum homem nunca deveria dizer a outro homem.

Seu olhar se moveu para Sam, que esfregou mais os copos, que já brilhavam como diamantes. Ele os arranjou em linhas finamente arrumados, a distância perfeita de um oitavo de polegada entre eles. Ele polia todas as garrafas, da mesma maneira, um caleidoscópio de âmbar e azul, amarelos e verdes contra a parede espelhada. Ele arrumava e varria. O homem tinha orgulho.

Outro garçom, sobrinho de Sam, servia bebidas acima e abaixo do balcão, mas Sam se mantinha perto de Thorne. Se um Guerreiro de Sangue estava presente, Sam o servia pessoalmente. Tinha mais de um século agora.

Thorne bateu seu copo no balcão. Sam avançou, em seguida, derramou a vodka novamente.

— Pode muito bem me dizer — disse Sam, um grito suave acima da música.

O olhar de Thorne pulou para o dele. Fez uma careta. Deslocou o joelho sob o balcão, em seguida, formou um triângulo de proteção com as mãos ao redor do copo. Com o polegar direito esfregou a profunda cicatriz sulcada em perpendicular no interior de seu pulso esquerdo, um corte antigo que se estendia quase até o centro de sua mão. Sam se aproximou, virando uma orelha na direção dele.

— Nada a dizer. — Merda, sua voz soava mais rouca que nunca. Muitas noites sem dormir.

Sam bufou. — Esteve com Endelle. Sempre tem algo a dizer. Está sangrando desde os riscos em suas costas.

Thorne queria rir com a imagem, mas não conseguiu. Baixou o olhar. Levantou o copo mais uma vez aos lábios. Um pesado suspiro correu fora de sua garganta ressecada, e a acalmou com um longo e sólido deslizar da vodka. Deixou o ardor flutuar abaixo. Já não fazia caretas. Não estremecia há anos. Fez um pacto com a Ketel que ambos mantinham... diligentemente.

Algo cavava na parte detrás de sua mente. O que foi que Kerrick disse? Uma coceira que não podia acalmar? Maldita frase correta, ele tinha uma coceira.

Thorne encontrou o olhar de Sam novamente. — Ela está trazendo Marcus de volta.

Sam soltou o copo na sua mão, em seguida, mergulhou com a velocidade sobrenatural de vampiro e o pegou antes de cair no chão. — Santa merda — ele murmurou enquanto se levantava. Sua cabeça balançou de um lado para o outro. Era um homem pequeno com um tórax parecido

com um barril. Seus ombros eram largos e não tinha quadris. Usava suspensórios, porque não havia cinto capaz de manter suas calças no lugar. — As coisas estão tão ruim assim, jefe? Pensei que ela disse que só o traria de volta se chupasse o negro para fora dos seus saltos stilettos.

Thorne deu de ombros, mas o que diabos mais podia fazer? A decisão já estava tomada.

Tinha apenas uma resposta agora, e bateu no balcão novamente.

Seu telefone vibrou enquanto Sam tornava a encher seu copo. Ele olhou para a mensagem. Sorriu. — Luken acabou de mandar uma mensagem — ele gritou. — Ele exterminou seis e está chegando aqui.

Sam soltou um grito. — Seis. Este é Luken. É um guerreiro poderoso.

Thorne assentiu. Luken era o pacificador do grupo, e com Marcus chegando daqui a duas noites, a capacidade de Luken para manter a fraternidade em equilíbrio seria posta à prova.

— Todos os guerreiros chegarão mais tarde?

— Dentro de uma hora.



Alison estava com os braços em volta do estômago, nada menos que a seis metros de distância, ou a um momento do homem alado chamado Kerrick, Guerreiro Kerrick. Nos últimos dez minutos ele deixou sua intenção clara para ela. Ele pretendia protegê-la. Do que chamava a si mesmo, seu guardião? Ele reiterou, cerca de uma dúzia de vezes, que o vampiro da morte não levaria seu sangue esta noite. O que tudo isto significava?

Agora mesmo, sua cabeça girava, e por causa de toda a adrenalina em seu sistema, seus braços e pernas tremiam como se tivesse um constante arrepio. Acaso estava olhando para sua morte, aqui e agora?

Apesar do número de vezes que o vampiro da morte mudou de posição, no entanto, o guerreiro Kerrick manteve seu corpo poderoso alado entre ela e a bela criatura de pele clara ainda no corrimão.

Ela percebeu a tática do guerreiro: fazer o assassino se aproximar, ao invés de arriscar que conseguisse ser separado dela, o que a deixaria vulnerável a ataques.

Oh, Deus. Isso estava mesmo acontecendo? Ela passou seus braços apertados em torno da sua cintura. Os tremores a varreram uma vez mais. Certo. Precisava obter controle dessas sensações em seu corpo. Ela se recusava a olhar para a criatura de asas negras por mais tempo. Preferia se concentrar em... Kerrick. Sim, seu nome era Kerrick... Guerreiro Kerrick.

Ela puxou uma profunda respiração. Melhor.

Tanto quanto podia questionar a realidade da situação, precisava admitir que, se tudo isso ainda fosse parte de uma alucinação elaborada, tinha uma imaginação bem fértil.

A pele do guerreiro era de uma rica cor dourada, em contraste marcante com a pálida do vampiro da morte. Ele usava um kilt de couro preto e um arnês, que descia pelo centro de suas

costas, entre as asas. Em seus pés estavam sandálias tipo gladiador. Parecia talhado para a guerra, uma espécie antiga de guerra, uma guerra travada no deserto.

A discussão entre o assassino e Kerrick continuava, sempre com a recusa do guerreiro em negociar. O vampiro da morte muitas vezes voou para longe da grade para fazer uma tentativa ou duas de olhar para Alison, mas ele nunca deixava de voltar para o refúgio do poleiro sobre a passarela de dois andares de altura, um impasse que proporcionou a ela a chance de continuar sua avaliação sobre seu pretenso guardião.

Ela não conseguia entender nem a magnificência das asas, mais altas, vários metros do que ele, nem a intricada musculatura em volta que as apoiavam. As penas eram de um branco muito puro, em contraste com o par negro brilhante do assassino. Ela queria chegar adiante e tocá-las, para ver como faziam, o que faziam. Seria aquela estrutura rígida ou flexível, e como poderiam surgir asas deste tamanho apenas de suas costas? Por outro lado, como ela podia fazer metade das coisas que podia fazer? Ler mentes, enviar explosões de poder inexplicável com as mãos, desmaterializar, prender pedaços de tempo para remontar janelas quebradas?

O homem, o guerreiro, ocupava pelo menos seis metros quadrados e cada parte exposta de seu corpo exibia pesados músculos, rasgados. Ele tinha cabelo ondulado negro e grosso, que parecia estar úmido, fluindo longe de seu rosto e abaixo de seus ombros alguns centímetros. Todos os músculos do seu corpo foram trabalhados, provavelmente por anos deste tipo de serviço de polícia ou militar, ou o que fosse que ele fizesse.

Ela olhou dele para o vampiro da morte. A criatura com asas pretas lembrava o estereótipo do vampiro, era bonito de uma forma que hipnotizava, e usava suas presas para beber das pessoas até a morte. Em contraste, Kerrick não era nada como a imagem popularizada, esquisita e magra. Não, era todo um homem, guerreiro, e incrivelmente bem constituído. Não aquelas coisas da noite que alimentavam as lendas dos vampiros e tudo. Era muito mais que isso. Ético, protetor, um guardião autoproclamado.

Ela tocou sua mente.

Ele. Era. Honorável.

A ansiedade que sentiu antes voltava a carga máxima e se intensificava, esmagando seu coração. Ela se inclinou ligeiramente, se esforçando para recuperar o fôlego. O que era essa sensação dentro dela, este anseio? E por que isto a invadia tão profundamente neste momento?

Um arrepio correu sobre seus ombros e ela se endireitou. O que disse Joy para ela não mais que uma hora atrás, para sair e encontrar um fisiculturista, que talvez um homem desses pudesse lidar com sua variedade de habilidades? Poderia este homem-guerreiro-guardião-vampiro, o que quer que fosse, dar conta de tudo que ela pudesse apresentar de si mesma para ele?

Ela lutou para respirar, e um zumbido peculiar vibrava estranhamente através de seu corpo. Seus lábios pareciam inchados e sua pele formigava... por toda parte. Desejo proibido há anos descia profundamente em seu abdômen. Oh, Deus, realmente estava trincando pela pura necessidade sexual ardendo dentro dela.

O guerreiro alado se endireitou de repente. Virou-se para ela, seus olhos quase enlouquecidos. Ele apontou sua espada para ela. *Deve parar com isso agora.* Engraçado como ela sabia que ele se referia ao seu desejo por ele.

Ela balançou a cabeça várias vezes até ficar sem fôlego conforme o assassino se lançava a partir do corrimão. Por um doloroso segundo temeu que sua distração pudesse ter custado a vida do guerreiro alado. E o quão típico seria isso?

Para sua surpresa, Kerrick simplesmente se virou e num borrão de movimento tão rápido a ponto de ser imperceptível, lançou-se contra seu oponente.

No momento seguinte, o espaço aéreo entre o segundo e terceiro andar do complexo se tornou um vórtice de asas girando e se contorcendo, as espadas em duelo e grunhidos selvagens.

Ela assistia atônita aos movimentos rápidos e brutais. Em questão de segundos, no entanto a quietude encheu o ar. O corpo de asas negras estremeceu e caiu na terra. Pesado.

Com um suspiro, Alison se aproximou da criatura, querendo oferecer sua ajuda, mas o sangue saía de um ferimento profundo no peito e corria para o cimento. Seu estômago se revirou. Ela cobriu a boca. Não havia como pudesse sobreviver.

Sua cabeça estava embalada num ninho de asas negras quebradas, e ele ergueu a mão para ela. Era tão bonito.

Deve vir para nós. Deve nos ajudar a acabar com essa guerra.

Mas que guerra? Ela enviou. Não recebeu nenhuma resposta. Os olhos dele estavam fechados enquanto seu corpo tremia incontrolavelmente. Um momento depois, ficou quieto.

Kerrick flutuava ao lado dela. Começou a arrastar suas asas para dentro do seu corpo. Ela se mexeu e viu como uma por uma as penas começavam a estreitar até pontos incrivelmente finos e desapareciam na passagem ondulante de suas costas. Seria sua imaginação, ou seus músculos se expandiam e estreitavam para se reconfigurar numa forma masculina mais normal também?

Ela piscou várias vezes. Sua cabeça estava cheia de nuvens.

Asas? Uma batalha de espadas em pleno ar?

Ela voltou sua atenção para o vampiro da morte aos seus pés. Balançou a cabeça, atordoada.

Vampiro da morte?

Acaso alguma dessas coisas era real?

Ela se forçou a respirar. Sentia-se tonta, instável sobre seus pés. Ela expandiu ao máximo seus pulmões, arrastando o ar. Seu braço esquerdo ainda estava enrolado sobre seu estômago, mas sua mão direita agora cobria a boca.

Kerrick caiu sobre um dos joelhos e colocou a mão na testa de seu inimigo. Os ombros caídos.

Sua empatia explodiu, um de seus dons mais suaves. Ela o leu em outra inalação profunda de ar. Sentiu o cansaço em sua alma e viu a escuridão dentro dele. Ele levava esse fardo por um longo, longo tempo, mais do que algumas poucas décadas.

Uma sensação de sua vida passou por sua mente. Percebeu séculos, mas como isso era possível? Bem, o homem tinha asas enormes, aparentemente existia fora dos limites da

possibilidade terrestre agora. Séculos e, em seguida, o desespero ainda batia sobre ele em ondas duras e angustiantes. Ela queria tocá-lo, colocar a mão em seu ombro, dar a ele apenas um pouco de alívio. Mas o que realmente sabia sobre ele, e pior, será que podia machucá-lo acidentalmente, se chegasse perto demais?

Com a mão dele ainda na testa do assassino, ele fechou os olhos, então murmurou, — Que o mundo possa facilitar sua partida e que possa encontrar a paz.

Graça no meio da vingança?

Quem era este homem? Guerreiro? Guardião? Vampiro?

Ela deu um passo longe dele.

Ele pôs de pé sua total e impressionante altura. Enquanto seu olhar deslizava das costas dele até seus longos cabelos negros, passando pelo seu perfil, o desejo uma vez mais, e ainda assim inapropriado, retornou a plena potência. Ela nunca viu um rosto tão agradável, o nariz reto e forte, seus lábios cheios, as maçãs do rosto altas e pronunciadas. Seu cabelo negro e grosso convidava a exploração. Seus olhos eram de um verde requintado, quase um tom esmeralda.

Sua altura a deixava - mesmo com seus 1,90m - sentindo-se uma anã. Realmente se sentia feminina ao lado dele, uma sensação incomum. Um profundo desejo ameaçava engoli-la inteira. Deu mais um passo atrás. Não conhecia este homem, ou anjo, ou guerreiro, ou vampiro.

Então, o que na terra era ele, e o que tudo isso significava?

Ele puxou um cartão de um dos variados bolsos de seu kilt e então o manuseou. Quando o levou à sua orelha, percebeu que ele segurava um telefone.

Ele falou em voz baixa. — Oi, Jeannie. Sim, o peguei. Um a ser removido. Faça Thorne saber. A outra assinatura? — Seu olhar prendeu em Alison, — Ela está bem aqui ao meu lado. Vou dispersar os mortais e chamar de volta para a segunda remoção.

Dispersar os mortais? Segunda remoção?

A irrealidade da situação, mais uma vez revirava em sua mente. Um surto psicótico parecia mais razoável para ela agora, diante de todas as coisas que acabava de presenciar e que ainda testemunhava. Ela piscou duramente. Talvez se relaxasse tudo isso simplesmente desapareceria. Ela fechou os olhos e respirou profundamente várias vezes.

Ela abriu os olhos, mas seu anjo guerreiro ainda estava lá. Ele sorriu torto. — Desculpe, linda. Sou real. — Ele acrescentou: — Deve pensar que está perdendo seu juízo.

— Bingo — ela sussurrou suavemente.

Ele colocou seu telefone tipo cartão de volta no bolso do seu kilt e com sua voz profunda e ressonante vibrando sobre o corpo dela como um violoncelo, disse baixinho, — Pode querer cobrir seus olhos.

Ao mesmo tempo em que sua mão se aproximava de seu rosto, uma luz ofuscante enchia o pátio pelo espaço de tempo de talvez um ou dois segundos.

Deslizando sua mão, ela viu que o corpo do assassino desaparecera, bem como quaisquer vestígios de sua morte. O cimento na área parecia intocado.

Ela se lembrou do vidro da janela que quebrou, o pedaço de tempo que congelou, a recuperação do vidro, o tempo retrocedido, um erro transformado em acerto. Ela olhou para o

guerreiro ao lado dela. O que fez, o que podia fazer, combinava com suas próprias habilidades. Ela tinha tais poderes, talvez não exatamente os mesmos que os dele, mas as leis básicas da física da terra tinham um significado diferente para ela do que para qualquer outra pessoa no mundo. Podia puxar coisas do outro lado do planeta para sua mão. Podia fazer um bolo a partir do zero, sentada em outra sala.

Pensou na estátua. Ela sustentou a palma para fora. Ela trouxe a absurda escultura isolada na mão dela do mesmo jeito que ele fez para recuperar sua espada na batalha, como se a trouxesse do nada. Precisava desse guerreiro-anjo-guardião para descobrir.

Ele olhou para aquilo e sua mandíbula se endureceu. Suas sobrancelhas se juntaram, formando um sulco. Ele encontrou seu olhar mais uma vez e acenou com a cabeça. Segurou sua espada em punho, então a soltou, não para cair no cimento, mas para ser devolvida onde quer que estivesse, fosse onde inferno fosse. Ela pensou e o pensamento enviou a estátua de volta para a mesa de café em seu escritório.

Ele estreitou olhos e balançou a cabeça. — Não tenho nenhuma ideia do que fazer com você.

Isso faz com que sejamos dois, ela enviou.



Kerrick lutou, embora esperasse que nada disso transparecesse. A deusa loira parecia confusa, frustrada, até mesmo desesperada, ainda que sua preocupação não estivesse focada na sua situação. Ao contrário, uma loucura se apoderava dele. Esta mulher ainda era um campo de lavanda e queria vagabundear através desse campo pelo próximo século, talvez para sempre.

Então, quem é você? O fluxo era telepático, o que roçaria sua mente, mas não penetraria. Ela poderia escolher responder ou não.

Ela levantou as sobrancelhas e os lábios se separaram. Ela puxou um pouco de ar, algo que parecia precisar muito, em seguida, respondeu direto em sua mente: *Alison Wells, e você é Kerrick? Guerreiro Kerrick? É isso mesmo?*

Ele balançou a cabeça. Apertou os olhos fechados. *Jesus, você cheira a lavanda.*

— Oh — ela disse em voz alta.

Quando ele abriu os olhos, ela estava com os dedos pressionados contra os lábios. — Estou sentindo o cheiro de especiarias marroquinas — ela disse em voz alta. Ela sorriu de repente. — Não exatamente cravos. Mais como... cardamomo. Sim, você cheira como cardamomo. Amo essa especiaria.

Oh. Deus.

Ela podia sentir o cheiro que ele estava emitindo, um perfume que só tinha um sentido em seu mundo e só podia ser detectado por alguém que significasse algo para ele. Merda. Estava com muitos problemas. Mais uma vez, tinha a sensação que Endelle armou para ele. — Acho você

linda... — disse, rangendo os dentes, porque este era um eufemismo. — O que explica o cheiro... de novo.

Suas sobrancelhas franziram. Era tão bonita. Dolorosamente. Ela parecia confusa, mas seus olhos azuis com aros dourados brilhavam. Ele a observou engolir em seco e outra onda pesada de lavanda varreu sobre ele. Ele precisava fugir dela, mas não conseguia fazer seus pés se moverem.

Seu olhar começou a marcar trilhas em seu corpo e vagar da cabeça aos pés. Ele queria que o olhasse e ficou feliz por estar usando o kilt de couro e apenas o arnês para as armas sobre o peito. A indumentária da batalha alada dava a ela um monte de paisagem para cobrir.

Ela diminuiu a distância entre eles, em seguida, colocou a mão em seu braço, como se para ter certeza de que era real. Ela olhou em seus olhos. Ele sabia que deveria impedi-la de tocá-lo, de estar tão perto, mas não podia.

— Guerreiro Kerrick — ela sussurrou, como se tentasse entender. Seus olhos azuis escurecendo.

— Apenas... Kerrick — disse ele. Sua voz soava como se estivesse caindo num buraco.

Ele podia ouvir seu coração batendo contra suas costelas. Lavanda mais uma vez correu sobre ele e sabia, ele sabia, que se a levasse a algum lugar privado, a teria sob ele numa fração de segundo.

Nunca em sua vida experimentou nada tão avassalador como olhar em seus olhos. Ele queria entrar nela, não apenas agora. Ele queria para sempre. Quem era ela, que sendo uma mera mortal, exercia tal profundo chamado sobre ele? Como poderia apenas ficar perto dela fazê-lo querer jogar ao vento, sem olhar para trás, o voto que fez tantas décadas atrás?

Uma janela se abriu e o dourado sol se derramou, despertando esperanças há muito tempo mortas de volta à vida. Poderia ser diferente com esta mulher que tinha tanto poder? Poderia fazer o que foi incapaz de fazer por sua primeira esposa e o filho deles? Por sua segunda esposa e seus dois filhos? Poderia manter Alison Wells viva? Poderia, desta vez, ser diferente?

Aqueles claros olhos azuis acenavam para ele como nada antes. Tudo sobre ela o atraía.

Seu corpo ficou tenso. Ele se esticou em direção a ela.

Seu telefone vibrou.

— Merda — ele murmurou. Fez uma dura careta e recuou. Ele arrancou o telefone de sua cintura e o levou à sua orelha. — Sim, Jeannie.

— Achei que devia saber, a fêmea está toda iluminada e bem perto de você. Algum problema?

Montes deles. — Não. Não se preocupe. Ela e eu estamos conversando agora mesmo.

— Aaah. Bom saber. Mulher inteligente. Será que sabe que é um vampiro?

— Jeannie — ele murmurou, uma ponta de advertência em sua voz.

— Entendido, então.

— Jeannie, um destes dias...

— Promessas, promessas.

Fechou o telefone e devolveu-o ao lugar. Ele se sentiu desorientado. Tudo parecia estar se movendo sob seus pés e não conseguia encontrar um terreno sólido. E agora esta mulher

encontrou seu primeiro vampiro. O que achava de passar um tempo com a coisa real, ou talvez beijar a coisa real?

Ele olhou para Alison novamente, sua testa enrugada, o brilho dos olhos azuis, os lábios inchados. Ele balançou a cabeça. — Não posso ir lá. Quero, mas não posso.

Ela assentiu com a cabeça em rápidos movimentos, mas ainda exalava aquele aroma de lavanda, como se tivesse se banhado há um minuto atrás.

Ele balançou a cabeça também. — Sei que isso deve ser tão confuso como o inferno e devemos falar, mas tenho que cuidar do resto primeiro.

Ela assentiu com a cabeça novamente

Deu dois passos na direção dela.

Não vou a lugar nenhum, ela mandou as palavras precipitadamente em seu cérebro e congelou seus passos novamente. Ele se virou para encontrar seu olhar mais uma vez.

Cardamomo, ela enviou. Os olhos fechados, lábios entreabertos. Inconscientemente, tinha certeza daquilo. Ela acabava de liberar outra onda de lavanda, que quase o fez ajoelhar. O que quer que fosse isso entre eles, era malditamente mútuo.

Ele tremia por dentro quando se virou e fechou as mãos nos punhos amarrados. Não podia fazer isso. Recusava-se a fazer isso. Quem quer que ela fosse, o que quer que fosse, não podia se envolver, não com ela, não desta forma. Ela não era apenas sexo para ele. Não, era um inferno de muito mais. Era a heroína principal, e se não tivesse cuidado seria arrastado para algo que jurou nunca mais fazer novamente.

Ele se moveu na direção da escada. Colocou a mão em ombro após ombro, embora não para confortá-los. Os espectadores, por sua vez retornavam aos seus vários escritórios, não mais se lembrando da fatalidade abaixo.

Ele se moveu de volta, abaixo pelas escadas, para a multidão reunida ao redor do corpo e com o mesmo esforço, constante e tranquilamente enviou o resto dos espectadores para longe do pessoal de emergência. Aproximou-se dos médicos de emergência, que por sua vez já não lembravam que uma mulher morreu. Voltaram a seus veículos e, um por um, foram embora.

Os *breh-hedden* (companheiros vinculados) ocorriam tão raramente que dificilmente havia informações suficientes quanto à sua validade. Este autor acreditava que os Guerreiro de Sangue companheiros vinculados bem poderiam ser parte da mitologia da ascensão. Nada mais.
Extraído do Tratado da Ascensão, de Philippe Reynard.

CAPÍTULO 4

Alison assistiu enquanto o Guerreiro Kerrick colocava as mãos sobre uma pessoa após a outra. O que eles viram? Certamente não um guerreiro de cabelos compridos do tamanho de um jogador da NBA vestindo um kilt de couro preto e parecendo um deus. Ela ficou admirada, pois cada indivíduo simplesmente se afastava da cena do crime e voltava para o complexo médico.

Ele trabalhou diligentemente até mesmo sobre os veículos da polícia e de emergência, fazendo-os saírem do estacionamento. Finalmente, ele se deteve sobre o corpo coberto. Mais uma vez ele pegou seu telefone estranho do bolso de seu kilt, falou com uma mulher que ele chamou de Jeannie e fez a mulher falecida desaparecer.

Ele voltou a ficar à sua frente. Ele fechou os olhos por um momento, suas narinas se expandindo. Quando ele abriu os olhos fez uma careta. — Por que você tem que cheirar a lavanda? — Mais uma vez o seu aroma de pesadas especiarias, de um rico cardamomo, fluiu em torno dela.

Ela não podia acreditar na maneira como seu corpo respondia ao seu perfume, como se ele pertencesse a ela e a mais ninguém, como se ela tivesse de tê-lo ou morrer. O que era um absurdo, completamente irracional.

Ela atraiu outra respiração profunda e fez um gesto para o cimento agora limpo. — O que você fez? Para onde foram a mulher e o outro homem alado?

Ele sustentou seu olhar. Ele estendeu a mão para ela, em seguida, deixou-a cair. — Eu faço o trabalho de limpeza interdimensional quando os vampiros da morte caçam na Terra Mortal. Nós trabalhamos duramente para não deixar evidências do nosso mundo para trás.

Alison acenou com a cabeça como se essas palavras fizessem perfeito sentido para ela. — Então, você tem uma descrição do trabalho que envolve certificar-se que nós, nós aqui deste mundo, não percebamos nada de sua existência.

— Em parte. Toda noite eu patrulho as fronteiras e combato mais desses seres que se alimentam a noite. Alguma coisa disto faz sentido para você?

Ela balançou a cabeça. — Será que algo disso deveria fazer sentido? Vampiros da morte? Fronteiras? O que você acha? — ela odiava a nota histérica em sua voz. Ela colocou uma mão no peito, um sentimento de profundo e inexplicável vazio ainda a possuía. Ela tomou outra profunda respiração. — Certo. Então, onde estão os corpos?

— Em um necrotério na Segunda.

—Segunda?

— Segunda Terra. Mesma terra, diferentes dimensões. Poderes evoluídos. Porra, você realmente não está em sua chamada para a ascensão, não é?

— Desde que não tenho ideia do que qualquer dessas coisas significa, eu acho que a resposta teria de ser não.

— Mas eu vi você dobrar da passarela diretamente para o nível do solo na minha frente.

— Dobrar? Oh, você quer dizer a coisa de desaparecer e reaparecer? Sim, eu nunca fiz isso antes em público.

— Mas você já fez isso antes.

— Claro. Desde a infância, embora no início isso acontecesse principalmente por acidente.

— Qualquer outra pessoa em sua família é capaz de fazer isso?

Ela balançou a cabeça. — Minha mãe é telepata, mas isso é tudo.

— Mas você pode me ver — ele afirmou. — Você desmaterializa, você pode dobrar os objetos, e você desliza em minha mente facilmente.

Ela assentiu com a cabeça, seu olhar fixo no dele.

Ele soltou um pesado suspiro e balançou a cabeça. — Você tem uma porrada de poder, mas você não tem as características habituais da passagem por um rito de ascensão, então agora mesmo você é um mistério para resolver.

Ela o observou. Ele era real? Mais uma vez ela pousou a mão em seu bíceps, buscando por uma âncora. Ele parecia real.

As narinas dele se inflaram de repente. Ele fechou os olhos como se estivesse com dor.

Tudo bem, ela precisava abrir a porta. Ela precisava saber a verdade sobre ele, sobre o que ela estava vendo e tocando. — Então, você é um vampiro....

— Sim. O mundo ascendido é um mundo dos vampiros, mas não da forma depreciativa como figuram na pior das tradições de Bram Stoker.

— Exceto pelos vampiros da morte.

Ele balançou a cabeça. — Você está vendo a fonte desse aspecto particular da cultura dos vampiros desde que o vampiro que acabei de despachar realmente usava suas presas para alguma merda realmente barra pesada. No entanto, a maioria dos ascendidos residentes na Segunda Terra usam suas presas corretamente, para tirar sangue e dar prazer sem fazer mal. — Ele procurou o seu olhar por um longo momento. — Eu não posso nem ler a sua mente e eu deveria ser capaz de fazê-lo, o que significa que você tem escudos poderosos no lugar. Quem é você?

Mais uma vez, ela declarou seu nome. — Alison Wells. Eu tenho um consultório de aconselhamento e psicologia aqui neste edifício. Ou tinha um. Eu estive para fechar a sala durante os últimos dois meses. Eu acabei de ver meu último cliente.

Ele estreitou o olhar e baixou a voz. — Seu último cliente foi Darian Greaves?

Ela assentiu com a cabeça. — Sim.

— Cristo. — Ele empurrou uma mão pelos grossos cabelos negros, o que despertou nela repentinos desejos. Ela puxou outro fôlego e olhou de volta para seus olhos verdes. — Você conhece Darian?

— Merda. É tão estranho ouvir você chamá-lo pelo seu primeiro nome. Ninguém faz isso. Não aqui na Segunda. Ele é conhecido como o Comandante ou Greaves e é um dos principais jogadores. Ele tem grandes planos para o nosso mundo, assim como para a Terra Mortal, a sua terra, e esses planos envolvem guerra, conquista e escravidão. Agora mesmo ele está a caminho de ser muito bem sucedido. Presumo que ele não tenha discutido suas ambições com você ou sua natureza de vampiro.

Ela balançou a cabeça. — Não. Mas ele me ofereceu um emprego.

— O que? — ele gritou.

Sua voz rica e profunda vibrou sobre ela, e ela se forçou a dar um pequeno passo para trás. Tudo o que ele fazia, tudo o que ele era, enviava ondas de desejo através de seu corpo. — Ele

queria que eu me juntasse a suas fileiras. Ele disse que iria me dar qualquer coisa que eu desejasse e agora eu vejo que ele realmente não estava brincando, estava?

— Não.

— Eu disse que não poderia trabalhar para ele. Eu nunca poderia trabalhar para um homem desse tipo.

— Mas você o teve em tratamento. — Mais ou menos uma pergunta.

Ela suspirou. — Eu não acho que você poderia chamar o que eu estava fazendo de tratamento. — Ele tinha uma capacidade de manipular as sessões. Eu muitas vezes acabava por revelar coisas sobre mim que eu não queria, muito no estilo Hannibal Lecter e Clarice. Embora ele nunca falasse diretamente de seus erros, ele dividia um grande número de fantasias comigo, que geralmente envolviam um nível avançado de brutalidade. É claro que ele insistia que nunca pensaria em agir fora daquelas fantasias. Se... se eu realmente posso acreditar que você é real, e que Darian é da Segunda Terra como você disse, então isto explicaria muita coisa, mas oh-meu-Deus, dizendo essas coisas em voz alta me faz pensar que eu estou pronta para o hospício.

Ele sorriu de repente. — Eu não sabia que hospício era um termo clínico.

Ela não conseguiu segurar uma risada. — Bem, confesso que ajuda a rir. Mas Segunda Terra. Terra Mortal. Realmente?

— De onde você supõe que eu venho?

Mais uma vez Alison balançou a cabeça. — Eu não tenho ideia, mas nos últimos quinze minutos eu tenho tentado determinar se eu estou ficando louca ou não.

Ele sorriu. Mesmo os seus dentes eram bonitos, embora tenha sido estranho ver as pontas de suas presas aparecendo, quase tão pronunciadas como quando ele estava lutando. Na verdade, naquele momento elas foram quase imperceptíveis.

— Você não está louca — disse.

— Como se parece a Segunda Terra?

Seu olhar suavizou-se, algo que ela não esperava. — Em áreas desenvolvidas, onde se reúnem os ascendidos, a arquitetura é incrível e há jardins em toda parte.

— Quer dizer, como jardins públicos?

— Em parte. Basta imaginar um mundo de jardins, onde os mais disputados prêmios são dados para a horticultura e design.

A imagem, foi justaposta com guerreiros vampiros vestidos em kilts de couro, sacudiu sua mente. — Jardins?

— Estendendo-se por quilômetros. Mas, ao mesmo tempo, estes jardins só são permitidos dentro dos limites das áreas urbanas da cidade. Além das áreas designadas, a Segunda Terra está em estado bruto. O rio Colorado ainda não tem represas e passa por buracos feitos pelas marés regulares, até desaguar, sem impedimentos, no Mar de Cortez.

Um mundo ainda cheio de primitivas áreas selvagens ainda que completamente civilizado.

Ela pensou que ele acabara de descrever a si mesmo, bruto, em estado selvagem, ainda assim, civilizado. A sensação causou um reboliço nela. Ela tremia, e desejo mais uma vez enviou

uma onda através de seu corpo. Ele fechou os olhos, narinas queimando de novo, e estremeceu como se ela tivesse acabado de machucá-lo.

O que a atingiu de volta foi o cheiro dele, aquele cheiro exótico de cardamomo mais uma vez invadiu seu corpo. Ela conteve um suspiro, em seguida, engoliu em seco. Obrigou-se ao ponto focar-se.

— Então, são os mesmos nomes de lugares, ou são diferentes na Segunda Terra?

— Mesmos. — Ele sorriu, apenas um viés torto para o lado da boca e absurdamente sexy. — Torna tudo mais simples.

Ela assentiu com a cabeça. Fazia sentido. — Eu tenho tantas perguntas. Você pode ficar por um tempo? Falar comigo?

Ele procurou nos seus olhos, mas balançou a cabeça. Sua mandíbula formou uma linha teimosa que não pressagiava nada de bom para o pedido dela. — Infelizmente, Alison Wells, eu não tenho um precedente legal para permitir que você retenha nenhuma informação sobre o que aconteceu aqui esta noite.

— O que? — ela deu mais um passo para longe dele. Ela balançou a cabeça. Sua boca estava seca de repente. — Mas o que você está querendo dizer... exatamente?

Antes que ela pudesse reagir, ele fechou a distância em um longo passo incrivelmente rápido, apertando a mão direita sobre sua testa e sua esquerda na parte de trás da cabeça. Ondas quentes de poder pulsaram através dela.

— Não — ela gritou. — Não faça isso Kerrick, por favor, não.

Ele a liberou e falou baixinho. — Não lute comigo. Eu tenho que fazer isso. Temos regras. Um monte de regras.

Lágrimas escorreram de seus olhos. — Você não entende. Estou sozinha aqui. Quer dizer, eu tenho família, mas eles realmente não me entendem, não entendem como minha vida é. Eu quero saber mais, sobre você, sobre isto. — Ela acenou com a mão para abranger o pátio agora deserto.

— Você não está ascendendo, e a presença de um guerreiro em um ambiente como este nunca é um chamado para a ascensão. Nem mesmo a presença de Darian Greaves. Como eu disse, temos regras cuidadosas sobre isso. Sinto muito.

— Eu quero ascender — ela gritou. Ela se sentiu em pânico, como se seu futuro acabasse de chegar em uma poderosa onda do mar, mas uma outra onda tão forte quanto a primeira o arrastava de volta para o mar.

— Eu sinto muito, esta não é a forma como acontece. Há razões para as medidas que tomamos. Você tem que ser chamada para a ascensão. Um guerreiro em um local como este não é um chamado.

Ele pegou sua cabeça de novo, uma mão na frente e atrás. A força dessas novas ondas a paralisava. Lágrimas corriam pelo seu rosto. — Não — ela choramingou olhando em seus olhos. — Você não entende.

— Eu não tenho escolha — ele murmurou entre os dentes cerrados. — Mas pelo amor de Deus relaxe ou isso vai doer como o inferno.

— Não — ela sussurrou. Ela não podia perder esta memória, não quando pela primeira vez em sua vida ela realmente viu outros seres fazerem o que ela sempre foi capaz de fazer desde a infância.

— Por favor, pare de lutar, Alison. Eu não tenho nenhuma escolha.

A frequência das ondas aumentava. Facas cortavam sua cabeça.

Ele se inclinou para perto. — Relaxe, minha linda — ele sussurrou contra seu ouvido. — Eu não quero te machucar, mas por Deus, você é poderosa.

Ela sabia que ele não tinha escolha. A dor aumentou e ela se rendeu de forma abrupta.

Ela tinha a sensação de que caíra em seus braços.

Quando seu cérebro começou a funcionar novamente, ela ouviu um som muito suave, quase um gemido. Um doce e quente hálito corria sobre o rosto dela e descia pelo pescoço. Mais daquele seu incrível cheiro de couro e especiarias invadiu seu nariz mais uma vez. O desejo a engolfou, bem como um alívio tremendo.

Ele não fizera.

Ele não tomara sua memória.

Ela puxou uma forte respiração, abriu os olhos, então encontrou seus incríveis olhos verdes, brilhantes pedaços de esmeralda, cintilantes, ansiosos. Ela deslizou a parte de trás dos seus dedos sobre a bochecha dele. — Você é magnífico — ela sussurrou. — Por favor, não vá.

— Merda — ele murmurou.

Ela riu, mas as lágrimas brilhavam sobre sua visão.

— Não lute comigo de novo — disse ele.

Ela suspirou. — Eu gostaria que você não fosse.

— Não tenho escolha.

Ela fechou os olhos. O desespero forjou uma cunha no seu coração mais uma vez. Ela feriu os dedos dos pés.

Ele colocou a mão em sua testa. Ela se rendeu. Sua mente voou para longe e a próxima coisa que ela soube foi que estava sentada sobre o terceiro degrau das escadas de cimento, sozinha. Ela olhou em volta perplexa. Por que não estava lá em cima no seu escritório olhando para a noite?

Ela cruzou os braços sobre o peito e apertou como se tentasse segurar alguma coisa, mas o quê? Ela enxugou o rosto. Ela estava chorando, mas por toda a vida dela, não sabia por quê. O sentimento era familiar, no entanto. Há semanas ela sentia que o peito doía, puxando seu coração para baixo, o que a dizia de todos os anseios que ela já tivera de uma vida plena, uma vida completa. Talvez ela não soubesse por que ela estava sentada onde estava, ou a causa atual das lágrimas em seu rosto, mas sozinha e chorando fazia completo sentido.

Ela olhou para seus pés e notou um cartão de visita preso entre as pontas de seus sapatos. Ela se abaixou e pegou. Uma rosa vermelha, atravessada sobre um fundo negro brilhante, abaixo palavras impressas em um bonito padrão escarlate, THE BLOOD AND BITE.

Quão estranho era isso? Ela sonhou com este clube várias vezes nas últimas duas semanas.



Marcus estava atrás de sua grande mesa, o receptor do telefone na mão. Ele estava em choque. Maldito choque.

Ele soltou seu aperto estrangulado no telefone, em seguida, desligou a maldita coisa. Ele olhou através do vidro acima da sua mesa até a base esculpida em nós de madeira abaixo. A base foi montada sobre peças maciças de madeira flutuante recuperadas a partir da costa da península Olympic e coberta por um pedaço de vidro personalizado de dez centímetros de espessura, com a largura e o comprimento de um carro pequeno. Fabricada por um artesão local, a mesa custou mais de duzentos mil dólares, uma gota no oceano comparado com toda a sua fortuna.

No entanto, ele se sentiu em perigo de perder tudo por causa deste único telefonema do caralho.

Ele olhou para a TV. CNN passando a qualquer dia da semana, dia e noite. Ele conhecia a Terra Mortal. Ele fizera uma vida aqui, porra. Esta foi a sua vida, a vida que ele queria, a vida que ele escolhera.

Ele virou o rosto para a janela, agora cada mão em um punho apertado. Ele tinha um escritório perto do topo de um arranha-céu, o que permitiu uma vista magnífica do Puget Sound. Outra tempestade se abatia sobre Seattle e a chuva atingia a janela em ondas sucessivas, como mil dedos tocando os painéis de uma só vez, soltando, em seguida, tocando novamente. Normalmente, o som o acalmava. Agora, no entanto, nada estava conseguindo o afastar da borda.

Ele não ouvira aquela voz em particular, uma voz feminina, aguda e nervosa, em dois séculos. Endelle não falara uma palavra com ele desde que ele deixou o grupo de elite de guerreiros, nada desde que ele quebrou todos os votos que ele havia tomado, nada desde o dia em que ele virara as costas aos seus irmãos guerreiros e deixou-os para o bem, sim, há duzentos anos atrás.

E agora ela o chamava de volta. Ela tinha um emprego para ele, um trabalho crítico. A guerra contra o comandante aquecera, os seus guerreiros estavam trabalhando ao máximo, e ela precisava dele para tomar o lugar de Kerrick, porque o desgraçado tinha uma ascensão importante para guardar, ou teria, tão logo a fêmea respondesse ao seu chamado para a ascensão.

O que seja.

Por uma fração de segundo ele pensava sobre caçar a mulher mortal por si mesmo e alertá-la para ficar longe do desagradável chamado da Segunda Terra. Então, novamente, quem era ele para dizer o que era certo para alguém? Mesmo que ele não tivesse deixado a Segunda Terra porque ele não amava seu mundo. Ele o fazia. Ele saiu por outras razões, razões que ainda o perseguiam.

Foda.

Pelo menos ele teria que voltar apenas por alguns dias, algumas pedras no traseiro, no leito do rio da sua vida, Endelle dissera.

Como o inferno que iria começar e terminar lá.

Nem podia recusar e ela sabia disso.

Maldição.

Sua semana estava empatada. Ele teve reuniões com três dos seus conselhos ao longo dos próximos dias. Várias propostas de construções internacionais estavam em andamento e um grande contrato com uma empresa de importação da Segunda Terra. Amanhã à noite ele estava programado para jantar com um representante de uma das famílias reais do Oriente Médio e em uma hora, ele tinha um encontro com presas com uma excelente atriz canadense. Ele tinha um colar de esmeraldas para dar a ela, e ele planejara passar a maior parte da noite enterrado dentro dela e em seguida, limpando sua memória, isso tudo até a meia-noite. Ele iria deixá-la com o colar, acompanhada por uma única memória de sexo maravilhoso e um doce, mas necessário adeus. Ela não se lembraria de que ele chuparia seu pescoço até que ela pudesse se sentir um pouco tonta durante os próximos dois dias.

Agora ele teria que cancelar a sua noite.

Porra.

Ele se afastou da janela. Seu olhar mais uma vez caiu nos redemoinhos no tronco da madeira abaixo da grossa camada de vidro, todos os troncos torcidos, desgastados pelo mar, quebrados pelas ondas pesadas do Pacífico, retorcidos e suaves. Ele pensou nos olhos de Endelle, a aparência antiga e macia de seus olhos castanhos. Ele pensou sobre o seu sacrifício no serviço dentro da Segunda Terra.

Ele devia isso a ela.

Ele apertou as pontas de seus dedos pesadamente sobre o bloco de vidro. Muito forte. Ele recuou.

Ele fez uma vida para si mesmo na Terra Mortal, uma vida malditamente bonita, cheia de todo o dinheiro que poderia querer, todas as mulheres, todos os brinquedos. Ele acabara de comprar uma Harley 1200 Nightster e o mais novo modelo da Jaguar. Ambos comeriam as estradas costeiras como a explosão de um foguete sob a chuva ou sob o sol.

Mas ele precisava ir. Não havia escolha. Quando ele deixou os Guerreiros de Sangue, ele prometera a Endelle uma coisa: se ela precisasse dele, realmente precisasse dele, ele viria. Afinal, ele não era um bastardo completamente narcisista.

Ele pensou sobre o que ele estaria fazendo ao longo dos próximos dias, colocando a sua vida nos eixos e todos os seus planos em espera. Ele pensou sobre o seu encontro/refeição. Para o inferno com eles. Endelle e os guerreiros teriam de esperar até a maldita meia-noite antes de deixar a Terra Mortal. Ele teria sexo primeiro.

Outros pensamentos se intrometeram, pensamentos além da batalha, a razão pela qual ele deixara os guerreiros em primeiro lugar, a razão pela qual ele já não morava na Segunda Terra. Era simples. Na época, se ele tivesse ficado, teria matado Kerrick pelo o que ele fizera.

Ele ainda faria.

Seus dedos doíam agora da pressão que ele fizera sobre o vidro. Parte de sua mente o avisava para se afastar, mas a outra parte virara uma máscara brilhante vermelha. Sua

necessidade de vingança não mudara, nem mesmo um pouco. Com Deus por sua testemunha, ele teria o pescoço de Kerrick em suas mãos e ele mataria esse filho da puta.

A mesa não aguentou a pressão e quebrou no momento exato em que um rugido deixava sua garganta.



Kerrick sentia-se explodir de dentro para fora. A tensão pura de tentar não pensar em Alison Wells fez com que parecesse que tivesse esfregado seus olhos com uma lixa.

Ele ficou no escritório de Endelle, inclinando um braço sobre o aparo de uma lareira nunca usada. Janelas formavam as paredes norte e leste. A dispersão de luzes brilhava por toda a base da montanha Camelback. Phoenix, em qualquer dimensão, tinha interessantes montanhas vulcânicas, esta foi nomeada por sua forma.

A sala do trono, como Thorne chamava a sede da administração de Endelle, era um espaço confortável com piso de madeira escura coberta de peles de zebras espalhadas, mais o tipo de espaço de um homem, quase um quarto de troféu, do que o lugar de onde uma cadela sobre rodas administrava todo um governo mundial.

Ele não poderia começar a imaginar o que ela deveria lidar sendo a Suprema Administradora da Segunda Terra, mas agora mesmo ele tinha seus próprios problemas, um muito grande com adoráveis cabelos loiros e olhos azuis bordeados de ouro, uma poderosa fêmea mortal, uma mulher, que muito provavelmente estava se aproximando do seu chamado à ascensão.

Alison.

Alison.

Cristo.

Ele empurrou a mão pelos cabelos soltos. Ele não deveria ter deixado esse cartão na calçada de cimento. Ele estava interferindo no processo. Coisas ruins tendem a seguir este tipo de interferência.

O problema era, ele a segurou em seus braços, esta mulher, Alison, e o cheiro de lavanda se agarrou a ele como o mel sobre a pele. Cada respiração que ele tomou trouxe seu cheiro mais profundo em seus ossos. Ele sabia o que estava acontecendo e ele não poderia detê-lo, mas ele não tinha intenção de fazer uma maldita coisa para ajudá-la nisso. Ele iria lutar até a morte desta vez.

E ele ainda havia deixado a droga do cartão com ela.

— Onde diabos está seu cadroen, Guerreiro?

Kerrick desviou o olhar de volta para Endelle. Ele levantou-se. — Na minha pia.

Ela estreitou os olhos. — Por quê?

— Eu só estou um pouco chateado.

Ela revirou os olhos. — Está bem. O que seja. Agora, você vai me contar sobre a mulher mortal. Ela se dobra e eu perguntei sobre o lugar e distância.

Ele chamou a atenção, atirando seu braço esquerdo atrás das costas. Ele ainda usava seu kilt e arnês, ambos ensanguentados, trajes dificilmente adequados para a apresentação de um relatório para a Administradora Suprema, mas ela insistiu em uma reunião logo depois que ele deixou Paradise Valley. Ele disse a ela o que aconteceu.

— Ela dobrou bem na sua frente. — Sem sacanagem. As sobrancelhas perfeitamente arqueadas de Endelle subiram. Sua majestade ficou impressionada.

Ela sentou-se abaixo, em um berço de suas enormes asas de penas amarelas desta vez, desde que ela podia mudar a cor à vontade. Ela usava um vestido de couro com umas manchas tipo as de leopardo, talvez, que subia pelas suas coxas. Ele não tinha nenhum interesse em Endelle, mas ela era extraordinariamente bela, e ele era, afinal, um homem. Ela tinha as características de uma exótica princesa árabe; pele morena, cabelo preto e grosso, mas seus olhos escuros eram incomuns e tinha uma aparência quase arborizada, como ásperas cascas de árvore. Ela também era perigosa e possuía poderes que ele não poderia começar a imaginar. Ela usava sapatos de salto alto, saltos longos e estreitos, lembrando-o um par de adagas.

Apropriado.

Endelle tinha o temperamento de um escorpião.

— Eu fiz um perfil rápido de seus poderes. Ela parece ter todas as habilidades conhecidas na Segunda Terra.

— Maldição — Endelle murmurou. Ela arrancou uma de suas penas e ficou passando-a entre os dedos. Ele fez uma careta. Doía como o inferno ter uma pena arrancada, mas ele supôs que ela vinha fazendo isso há tanto tempo que a sensação deveria ser semelhante a lixar as unhas. Ela continuou: — O comandante vai querer ela e em poucas horas isto vai se transformar em uma fodida bagunça. Certo, então em que ponto exatamente ela está em sua chamada para a ascensão?

— Eu não consegui entrar em sua cabeça.

— O que? — ela realmente baixou as pernas para fora de sua mesa e se inclinou para olhar para ele. — Você não conseguiu entrar em sua cabeça?

— Eu pude me comunicar telepaticamente, mas ela tem escudos nos quais você não iria acreditar.

— Uau. — Ela balançou a cabeça várias vezes. — Então, você perguntou sobre seus sonhos?

— Eu não sou um oficial de ligação e você conhece as regras. Mesmo um mero pedido é considerado uma violação. Aparentemente ela não tinha nenhum conhecimento prévio de qualquer coisa que ela viu, fosse o vampiro da morte ou a mim. Nosso mundo, portanto, não tem influenciado seus sonhos, caso contrário, ela deveria ter sabido mais do que ela sabia.

— Mas seus poderes...?

— Fora dos padrões. Só a sua ascensão poderia trazer a capacidade de desmaterializar.

— Malditamente certo. Bem, ela tem que estar no meio disto. Estou contando com isto como se tivéssemos uma grande ascensão em andamento. Eu acho que é apenas uma questão de tempo antes que ela faça seu caminho para uma das fronteiras. — Ela esfregou a testa. Ele se perguntou se ela ao menos dormia. Mas então, nenhum deles o conseguiria agora, pelo menos não algumas decentes horas consecutivas.

Dormir. Como mesmo isso costumava parecer?

A pena que ela arrancara já trocara as cores, do rosa ao âmbar para o preto depois ao verde, um caleidoscópio girando pelos movimentos de seu polegar e o indicador, um movimento contínuo independente de seus pensamentos.

Seu olhar trocou para a vista da janela do norte. A noite já caíra, e a montanha Camelback era uma silhueta recortada contra um céu negro iluminado com estrelas. O mesmo local na Terra Mortal teria colocado seu escritório em algum lugar perto do aeroporto Sky Harbor.

O escritório administrativo de Madame Endelle situava-se em um grupo de elegantes arranha-céus em vidro, cada edifício mais largo na base, como uma pirâmide, e escalonados para dentro em cada andar, permitindo amplos pátios com jardins que faziam parte do projeto total. Alcançando os rios subterrâneos, o Vale do Sol na Segunda Terra, em áreas povoadas, assumia um toque tropical. Árvores frondosas e de frutas cítricas mantinham a temperatura amena e o ar puro. Cinturões verdes correndo sinuosos por toda a cidade era a norma.

Ela olhou para ele. — A central disse que Greaves estava na plataforma esta noite.

Ele balançou a cabeça. — A fêmea mortal é uma terapeuta profissional. Ela serviu como sua conselheira, tal como era, para o espaço de um ano.

— Não diga — Endelle murmurou. — Então ela o conhece todo esse tempo. — Ela balançou a cabeça. — Maldição. Eu tenho que ter maiores informações. Este é o pior grupo de videntes que eu já tive. — Ela murmurou uma longa série de obscenidades, em seguida, puxou uma profunda respiração.

Ela balançou a cabeça lentamente, o seu olhar cortante de volta para ele. — Você ficou bastante íntimo desta ascendente que não ascende, não é? Ela é bonita?

Bonita. Deslumbrante. Alta, então ela se encaixa a mim como uma luva. Eu queria meus braços em torno dela, minhas presas em seu pescoço, e um diabo de outras coisas mais. — Muito bonita — disse ele com uma voz tão plana quanto ele conseguiu.

Pare com essa merda, Kerrick. Você acha que eu não posso ler sua mente? Então você tem uma coisa com ela.

Qual era sua intenção fingindo? Havia uma boa chance de que Endelle conhecesse seus pensamentos antes mesmo que ele os tivesse. — Mais do que devia. Irracionalmente.

— Hum. — Ela estreitou os olhos. — Você sentiu uma fragrância diferente sobre ela?

Lavanda, ele sentia. Campos repletos dela. Mas ele simplesmente não poderia dizer isso em voz alta.

— Bem, isso tem que ser uma merda para você, porque para mim, isso soa como o breh-Hedden.

Ele olhou para ela, sustentando o seu olhar. — Eu não acredito que isso exista. Todos nós pensamos que era um mito.

Endelle balançou a cabeça. — É raro, mas a maldita coisa existe. Eu já vi isso em ação algumas vezes ao longo da minha vida fodida. E isso pode ser uma verdadeira merda, então boa sorte com isso. — Ela riu.

Ele não via nada de engraçado no potente intercâmbio de sensações que ele tinha com Alison. Um pensamento ocorreu e ele estreitou os olhos. — Você sabia que isso ia acontecer quando você me enviou para lá?

— Eu tinha um palpite.

— Merda.

— Você sabe que se isso é o breh-Hedden, você não vai ter muito controle sobre isso.

Ele não queria pensar nisso. Ele não queria sequer reconhecer a possibilidade de que algo tão poderoso e aparentemente irresistível estava mordendo seus calcanhares.

Ele balançou a cabeça. — Não importa que isto seja um vínculo de companheiros ou não.

Ela se recostou na cadeira. — Oh, sim, você tomou os votos. Idiota. A morte acontece. Se acostume com isso, pelo amor de Deus. E quando foi isso, duzentos anos atrás? Hannah conhecia os riscos. Dê a ela algum maldito crédito.

Sua mandíbula se transformou em pedra. — Helena — ele resmungou. — O nome da minha mulher era Helena.

Ela se levantou, plantou as mãos na mesa, depois se inclinou para a frente. Suas asas ficaram negras, desfraldadas até o teto de cinco metros e batiam em uma posição agressiva de defesa. — Não se atreva a usar esse fodido tom comigo, Guerreiro, ou eu vou ter suas asas, literalmente, pena por pena.

Ela poderia fazê-lo, também. Mas só por aquele momento, ele quis dizer a ela para tomá-las todas, aqui e agora, e enfiá-las todas no seu traseiro, porque ele estava cansado de toda essa fodida merda, a morte, os vampiros viciados sugadores de sangue, as crianças mortais drenadas e abandonadas em malditos becos, e as batalhas contra um psicopata como o Comandante. Ele inclinou-se para ela. *Sim, apenas faça-o*, ele enviou.

Ela olhou para ele por um longo e tenso momento, as asas dela estendidas tão alta quanto elas poderiam ir, cada ápice arredondado, as penas esvoaçantes nas pontas. De repente, ela soltou um riso meio latido, típico dela, trouxe suas asas a um meio caminho, então se sentou na cadeira mais uma vez. Ela mais uma vez se aconchegava no ninho de suas asas. — Com os Diabos, claro que não. Por que você deveria ser libertado? Engula-o como o resto de nós. Além disso, eu não entendo por que você ainda está chateado após todo esse tempo.

Ele abaixou o queixo. — É simples, Endelle. Você nunca teve filhos. Quando você os tem e então você os perde, por causa de quem você é, então você vai ter o direito de me dizer para apenas superar isso.

Endelle fez uma careta. — Seja como for.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Kerrick queria ir embora. Se ele tivesse sido capaz de dobrar, ele teria levantado o braço e desaparecido com um doce foda-se você em seus lábios. — Então, estamos bem por aqui, ou o quê?

— Sim.

Ele virou para ir embora, mas ela falou: — Espere. Mais uma coisa.

Algo no tom dela enviou um frio de alerta para baixo de suas asas dobradas. Ele olhou de volta para ela, mas ela não falou. Em vez disso, ela mordeu o lábio inferior, e Endelle nunca mordia seu lábio inferior. Ele teve um sentimento muito ruim no fundo de suas entranhas. Todos os seus instintos se acenderam como os motores a vapor do Titanic. — Manda — ele ordenou

— Eu reconvoquei Marcus. — Ela realmente parecia um pouco culpada.

As narinas de Kerrick se dilataram. Ele sugou o ar. Seus ombros se agruparam em músculos rígidos. Seu bíceps se contraiu e suas mãos enrolaram em dois punhos mortais. — Você fez o quê?

— Nós precisamos dele.

Ele balançou a cabeça. — Como o inferno, que nós o fazemos — ele gritou.

Ela se levantou novamente, mais uma vez sua agressão batendo de frente com a dele. — Nós precisamos dele, porque o Comandante está importando vampiros da morte de todos os territórios da Segunda Terra à taxa de cinquenta por dia, mesmo com todos os meus esforços em contrário, e mesmo se você e seus irmãos guerreiros apenas derrubarem trinta ou quarenta, faça a maldita matemática!

Ele balançou a cabeça.

— O quê? Você não acredita em mim? Então me diga, qual o idioma que o esquadrão de ontem à noite falava, o que estava no White Tanks?

Ele olhou para ela, mas seu rosto estava queimado como se estivesse parado em um vento forte durante dias.

— Eles vieram da República do Chade e falavam Sango.

É claro que ela estava certa, ele simplesmente não tinha parado para pensar sobre as várias nacionalidades que ele estava combatendo ao longo dos últimos meses. Ele acabara de descobrir que o comandante estava aumentando os seus esforços para manter os irmãos trabalhando em carga excessiva, usando estrangeiros para sobrecarregá-los. E, merda, estava funcionando.

— Então, não se atreva a ficar aí de pé e me dizer que não precisamos do Marcus. Nós precisamos. Ele vai aparecer mais tarde esta noite e, no caso de você estar se perguntando, ele não está feliz também. Mas vocês dois terão que encontrar uma maneira de se darem bem. Estou colocando você em serviço da guarda e ele está tomando o seu lugar nas fronteiras. Precisamos desta ascendente. A única coisa que as minhas fodidas Videntes foram capazes de me dizer era que Alison Wells indica o equilíbrio de poder, e se ela acabar morta, o nosso mundo vai sofrer por isso.

Kerrick enrijeceu. Havia tantas coisas erradas com essa situação que ele não sabia por onde começar. Mas o pensamento mais significativo subiu rapidamente em sua cabeça e antes que pudesse refletir sobre as palavras, ele gritou: — Se esse filho da puta colocar uma mão sobre ela, eu vou matá-lo.

— Oh, porra, pelo amor de Deus. Vá para casa e tome um maldito banho frio.

Ele estava pronto para argumentar, mas ela levantou a mão e no momento seguinte ele estava de joelhos deslizando no assoalho do seu porão. Suas mãos tremiam e não pararam mesmo depois que ele cerrou os dedos em punhos apertados.

Marcus?

Aqui?

Pelo inferno que não.

Pelo inferno que fodidamente não.

O mal forja um tornado.
Mas a bondade luta em linha reta.
Provérbios coletados, Beatrice a Quarta

CAPÍTULO 5

Por que ela não podia se lembrar?

O que ela não podia se lembrar?

Alison teve o péssimo sentimento de que ela havia esquecido algo tão importante que sua vida dependia disso, o que era bobagem, é claro, mas a sensação incômoda permanecia.

Ela ficou na frente do espelho veneziano em seu banheiro principal. Ela se inclinou ligeiramente, balançando seus longos cabelos loiros para a direita, e amarrando as pontas da corda de seda na parte de trás do pescoço. Ela ia realmente fazer isso?

Ela ficou em pé e empurrou seu cabelo cacheado para trás.

Ela na verdade, cacheava seu cabelo.

Ela não foi a um clube em mais de três anos, desde que... bem, ela não queria pensar sobre seu último namorado. Ela passou uma fina camada de gloss rosa sobre os lábios. Ela apertou os lábios. Ela olhou para o cartão em cima da pia... The Blood and Bite.

O clube foi objeto de um dos três sonhos recorrentes que ela tivera desde o mês passado. O segundo sonho foi sobre um beco no centro da cidade e o terceiro era sobre um longo e estreito lago no lado oeste, a pista de baixo e a terceira sobre um lago, longo e estreito no lado oeste de White Tanks, um lago que nem sequer existia.

Enquanto ela pensava sobre estes sonhos, um anseio profundo inchou dentro de seu peito até que sentiu seu coração apertado. Ela fechou os olhos e se inclinou para frente. Ela conhecia ataques de pânico, mas ataques de ansiedade?

Sonhos sobre essa boate a enviaram em busca do seu laptop. Ela buscou a informação sobre o estabelecimento no Google e aprendeu o suficiente para ficar longe. A localização ao sul de Phoenix eliminara qualquer desejo que ela possuísse de descobrir exatamente por que um clube, com um nome infeliz e completamente desconhecido para ela, de repente aparecia em um sonho.

Uma imagem surgiu na sua cabeça, de um homem levando grandes asas negras e presas. Um vampiro?

Sua cabeça zumbia e um calafrio arrepiou os pequenos cabelos na nuca. Vampiros com asas. Por que ela estava pensando em algo tão ridículo, e ainda…

A imagem estava cristalizada. O homem era lindo e conversou com ela. Ele tinha uma compleição de marfim translúcido com um evanescente tom de azul em sua pele. Ele exibia enormes asas pretas brilhantes que o faziam girar no ar.

Ela estremeceu. Uma súbita dor de cabeça floresceu no meio de seu crânio, um pulsar dedicado. Ela piscou várias vezes e inalou uma respiração profunda. Depois deixou-a sair lentamente. A dor diminuiu, então desapareceu.

Estranho.

O que ela pensara?

Bem, nada.

Ela olhou para seu traje de caça-a-um-homem, um colete de seda vermelha, saia preta curta, e sandálias negras de salto Jimmy Choos. Ela amava estes sapatos, mas nunca os usavam. Ela nunca tivera uma oportunidade até esta noite. Ela chegou mesmo a colocar maquiagem brilhante nos olhos. Oh, Deus, ela realmente ia fazer isso? Será que ela realmente achava que iria encontrar o seu *felizes para sempre* em um lugar chamado The Blood and Bite?

Por outro lado, e se o subconsciente da sua mente estivesse trabalhando para redirecioná-la exatamente para o homem que ela precisava, assim, os sonhos? Ela não esperava a rígida vista clínica quando veio chamando-a para a vida. Ela abraçou a natureza caótica da existência, bem como a profundidade misteriosa e complexa da mente humana.

Além disso, nada na psicologia no mundo poderia explicar seus próprios poderes especiais. Então o que ela esperava encontrar neste clube hoje à noite?

A resposta correu para a superfície de sua mente como uma boia emergindo abruptamente de debaixo d' água. Ela esperava que em algum lugar lá dentro existisse um homem que poderia entendê-la, aceitá-la, talvez até mesmo ter a capacidade de resistir aos poderes estranhos que ela exercia. Será que ela tinha alguma base para essa esperança? Só por que ela encontrara um cartão a seus pés e não conseguia explicar como aquilo fora parar lá.



Às oito horas Eldon Crace, Alto Administrador da Segunda Chicago, sentava-se em uma poça de seu próprio suor, o que não fazia nenhum fodido sentido. Ele era conhecido por sua compostura.

Por outro lado, ele estava sentado em frente ao vampiro que tinha o poder de dar ou reter o que ele mais desejava no mundo. Comandante Darian Greaves, com um risco de sua caneta

Montblanc, poderia autorizar uma cadeira em sua mesa redonda de Genebra, o lugar de toda a futura autoridade da Ordem Esperada.

Ele limpou a testa com um quadrado de fresco linho branco. Transpiração vazava por todos os poros de seu corpo. O que era essa pressão insuportável dentro de sua cabeça?

O comandante era um mestre completo no sentido mais tradicional, no seu nível de realização pessoal, no poder, e na reverência que ele inspirava em todos aqueles ao redor dele. Ele tinha um ar de aristocracia europeia e a vontade do Emperador Qin.

Ele sentava-se atrás de uma enorme mesa de ébano, do tamanho de um navio de guerra, o seu semblante tão calmo como um lago num dia sem vento. Atrás dele estava uma parede de pedra lascada, a evidência de que o complexo existia no subsolo, protegido, seguro, uma fortaleza muito grande.

O Comandante usava um caro terno de casimira preta, provavelmente italiano, pelo menos no design, a seda amarela da gravata fazia um contraste impressionante. Ele tinha grandes olhos redondos pretos, uma careca que brilhava sob as luzes do teto, um anel negro em seu dedo mindinho direito, e presas extremamente afiadas que ele raramente se preocupava em esconder. Como um toque final, ele tinha garras em vez de dedos na mão esquerda.

Crace recusou-se a olhar para as garras em forma de adagas, mas não procurar não diminuiu a quantidade de umidade em seu corpo que se derramava a copos.

Jesus.

Um zumbido chamou a atenção dele para a parede mais distante. Uma fileira de impecavelmente arrumados e muito fálicos ciprestes italianos corriam de um lado para o outro e agora virava um quarto de volta em vasos de ouro maciço, trocando para encarar uma bancada com luzes suspensas no teto. Mesmo o toque de decoração botânica no escritório de Greaves sugeria poder e propósito.

Uma nova onda de suor escorreu da testa e ele a secou novamente.

No entanto, ele conseguiu manter-se contido. Ele, pelo menos, aprendeu uma grande quantidade de equilíbrio nas últimas décadas.

Ele foi convocado para a Segunda Phoenix para um propósito, mas ele não quis ouvir os desejos e vontades do Comandante até que os desejos e vontades do comandante se expressassem. Agora mesmo, o silêncio mantinha os nervos de Crace sobre o fio de uma navalha.

Crace teve os lábios pregados no traseiro de Greaves por todo o século passado, fazendo o que foi dito e quando, estocando munições, e formando um exército de vampiros da morte, e treinando, treinando, treinando. Estas atividades não eram nada mais, nada menos do que as mesmas que outros Altos Administradores em todo o mundo estavam fazendo, todos aqueles homens e mulheres que se alinharam com o comandante, e esperavam por uma nova ordem, que esperavam pelos espólios da Ordem Vindoura.

Crace, no entanto, não tinha ilusões. Darian Greaves queria governar e iria governar. Dois mundos em breve seriam conquistados, e Crace pretendia estar sentado à mão direita de Deus quando toda aquela merda viesse abaixo.

Agora ele se sentava em frente a sua divindade, ofuscado pela sua presença de uma maneira inteligente. A cadeira de Crace era muito baixa e no fundo era inclinada para cima na altura dos joelhos. Ele não podia sentar-se a frente se ele o quisesse. Ele se lembraria da desvantagem psicológica que sentia agora, e tão logo ele retornasse a Chicago, ele pediria um par como essas. As cadeiras seriam postas na frente de sua mesa e seria com grande prazer que ele veria seus inferiores inclinar-se para trás como se fossem se bronzearem no Lago Michigan. Com que facilidade uma lâmina poderia ser empurrada através do esterno em uma atitude tão vulnerável.

— Como está Chicago nos dias de hoje? — o Comandante Greaves perguntou. Ele tinha uma voz de veludo sobre o aço, suave com um fundo de malícia, uma promessa sólida se as coisas não seguissem como ele as queria. Como alguém que pretendia governar, o Comandante falava como deveria.

As narinas de Crace se expandiram, depois ele sorriu. — Fria no início de março. Você conhece Chicago. Nós só temos dois tipos de clima, o inverno e o Quatro de Julho. No entanto, o clima é perfeito aqui em Phoenix.

O Comandante acenou com a cabeça, os dedos unidos nas pontas, sua expressão pensativa. — E como anda seu exército?

— Temos seguido a sua liderança e trabalhamos firmemente para adquirir um novo recruta a cada semana. — Ele estava muito orgulhoso de seu informe. A melhor época para recrutar era durante o rito da ascensão, quando os mortais eram mais vulneráveis. Mais tarde, com uma compreensão mais completa da natureza da morte pelo sangue, era muito raro o ascendente que optava pela dependência e pelo serviço militar. Independentemente disso, ele fazia um esforço poderoso para recrutar e ultrapassara as expectativas.

— Você fez bem. Embarque cinquenta para mim no Navio até o final da semana.

Crace conseguiu reter o silvo formando em sua garganta. Ele era altamente protetor com seu exército por várias razões. Primeiro, enviá-los para a Segunda Phoenix era nada menos do que uma sentença de morte para cada equipe e, segundo, o comandante sempre tinha quotas. E se ele não fosse capaz de preencher os números necessários? Punição certamente o seguiria, ou pior, ele perderia sua chance de um lugar na Mesa Redonda. O suor escorria agora na parte de trás dos joelhos e descia por suas panturrilhas. Se apenas a pressão em sua cabeça relaxasse.

— Eu, é claro, não quero prender você a suas quotas atuais, embora eu recomende que reponha suas forças o mais rápido possível. Sugiro que você vá mais longe. Dirija-se para o Texas. Quem saberia, exceto eu e você, que pouca importância teria uma pequena quebra de regras?

— Obrigado, Comandante. — Ele acabara de receber permissão para se aventurar em um território sob a jurisdição de Endelle. Verdade? Ele gostava de quebrar as regras. Ele sorriu.

— Oh nossa, estamos impacientes.

Pelo inferno, sim, estávamos impacientes. Nós deveríamos ter tido uma promoção para a Mesa Redonda cinquenta anos atrás, mas o Comandante nunca fazia nada na pressa. Ele deveria aceitar essa lição do seu superior, em vez disso as gengivas bateram. — Eu mereci o cargo.

Os olhos do comandante se estreitaram.

Merda.

As palavras saíram em sua silenciosa voz, e as garras apenas ligeiramente flexionadas. — Você ganha o posto quando eu decidir que você o merece. Você deve aprender a ter paciência, Crace. Sua impaciência sempre foi a sua queda. Agora, agora, não se desespere. Você vai ficar feliz em saber que tenho um trabalho para você.

Finalmente. A razão para a convocação. Crace liberou uma profunda respiração, oh-tão-discretamente. Ele apertou sua mão direita sobre o coração e se inclinou, uma ação menos-que-elegante na cadeira inclinada.

— Eu me ofereço de bom grado.

O comandante levantou uma única e fresca folha de papel branco presa entre as longas garras afiadas. O olhar de Crace se voltou para aquelas garras. Mais suor floresceu outra vez. Greaves tinha muito poder. Ninguém mais na Segunda Terra tinha a capacidade de alterar o DNA e fazer brotar uma garra. Ele podia retrair a maldita coisa também, mas não para esta entrevista, aparentemente.

Doce Jesus.

— Faça isso — disse o Comandante, um sorriso mostrando suas presas, — e você vai se sentar à mão direita de Deus.

Ele empurrou o papel para frente. Moveu apenas alguns centímetros, o que obrigou Crace a esfregar seu traseiro para fora da cadeira, empurrando-se sobre os braços com ambas as mãos. Ele pegou a folha e deslizou de volta no lugar, mais uma vez o suor brotava, encharcando sua cueca Gucci.

Quando ele olhou as primeiras linhas do trabalho, ele sacudiu a cabeça. Ele não entendeu. Era isso o que o Comandante requeria?

Ele levantou o olhar e encontrou os grandes olhos redondos de sua divindade. — Você quer que eu mate uma mulher mortal? — ele quase riu. Alguma coisa poderia ser mais simples?

— Coloque seus planos em conjunto. No entanto, não faça nem mesmo a menor ação até que eu tenha a permissão do Comitê. Mesmo assim, só podemos começar no momento em que a ascendente responder à chamada. Estamos entendidos?

Crace olhou para ele, seus lábios entreabertos. É claro que ele conhecia as regras, ele simplesmente não podia acreditar na simplicidade da tarefa. Ele até se perguntou por que um homem com menos talentos não foi trazido para fazer o trabalho.

O Comandante sorriu, um pouco. — Há algum problema, Alto Administrador Crace?

— De maneira nenhuma.

Crace conhecia a alegria. A sensação era um bando de borboletas voando em suas veias. Ele estava com uma ereção do tamanho de uma marreta. A vitória cantava em seus ouvidos. Ele sorriu, embora soubesse que não deveria. Talvez esta fosse uma forma simples de justiça por todo o trabalho que realizou, karma chegando a casa para se abancar.

A febre agora trabalhava nele. — Eu não vou decepcioná-lo — ele grasnou. Suas mãos tremiam. O papel tremeu entre os dedos. Ele tinha muitas coisas que ele queria discutir com o

Comandante. Ele tinha mil ideias sobre como administrar a Ordem Vindoura, o vasto espetáculo que ele iria ajudar a criar digno da visão e do poder do comandante.

Mataria uma mera mulher mortal e ele teria um lugar na Mesa Redonda do Comandante Greaves, em Genebra.

Doce, doce Jesus.

E ele tinha tantas ideias para a Ordem Vindoura.

Ele estava tonto de emoção, uma noiva no dia de seu casamento. Ele estava pronto para falar, para compartilhar os grandiosos planos que ele possuía. Em vez disso o comandante levantou-se. — Você deve perdoar-me por terminar esta entrevista. Tenho outros assuntos para resolver.

— Sim, sim, é claro — disse Crace, mais uma vez empurrando-se para fora da cadeira, suas malditas calças coladas às suas coxas. A entrevista havia terminado.

Ele curvou-se e permaneceu na posição subserviente conforme o mestre passava. Um aroma de limão levantava-se junto com um leve cheiro resinoso, algo como solvente de tinta.

Um momento mais e Greaves desapareceu. Ao mesmo tempo a pressão dentro da cabeça de Crace aliviou.

É claro que Greaves estivera em sua cabeça. É claro. No entanto, ele camuflara de alguma forma a sua presença.

Tanto poder.

Crace olhou para o papel. Uma tarefa final para completar, e nem de perto tão difícil como uma dúzia de outras que ele realizou ao longo das décadas. Ele sorriu mais uma vez, expondo suas presas. Ele riu e soltou um grunhido gutural. Ele desejava que sua esposa estivesse aqui com ele. Ela foi o grande amor de sua vida, a parceira em suas ambições, a melhor anfitriã do continente norte-americano. Muito certamente a sua querida esposa iria entender a natureza monumental desta oportunidade.

Ele a tomaria, agora, aqui no escritório de sua divindade, sobre a grande e larga mesa de mármore do Comandante. Eles beberiam champanhe e conversariam amenidades. Oh, Deus, eles poderiam conversar com intimidade.

Talvez ele devesse trazê-la para Segunda Phoenix enquanto cuidava dos negócios. Ele precisava dela, um grande desejo por seu corpo e por seu sangue.

Olhou mais uma vez para o papel.

Agora, onde, oh onde ele encontraria a mortal Alison Wells?



Após o banho... outra vez... Kerrick estava vestido em calças cargo pretas, uma camiseta preta apertada, e botas com ponteiras de aço. Desta vez, ele puxou o cabelo para trás e o prendeu

com uma tira de couro. O ritual o unia aos guerreiros, a Segunda Terra, a sua confissão de serviço a todos os ascendentes a imortais. Ele levava seus votos a sério.

Na maioria das noites ele usava equipamento de voo para se encontrar com os guerreiros no Blood and Bite, porque por alguma razão as mulheres sempre iam direto para o kilt. Agora, no entanto, ele não estava no clima.

Enquanto a Central o dobrava até o clube da Terra Mortal, ele se encontrava no limite e tomou um longo olhar ao redor, a música em um alto e selvagem frenesi, lâmpadas estroboscópicas piscando sobre a pista de dança. Ele dilatou suas narinas e inalou ar. Ele estava apenas preocupado com um cheiro agora, embora ele temesse o cheiro de lavanda mais do que a uma centena de vampiros da Morte do Comandante.

No entanto, quando nenhum cheiro chegou até ele, nem mesmo um toque de lavanda, em vez de sentir aliviado, ele amaldiçoou. Onde diabos ela estava?

Ele ordenou sua mente. Ele deveria ser grato por ela não ter descoberto seu caminho até aqui. Alison Wells fariam bem em permanecer desconhecida, escondida na segurança de sua vida. Qualquer associação com ele poderia colocá-la em perigo.

O que ele dissera a Thorne apenas algumas horas atrás: *Você já teve uma coceira que você não conseguia aliviar?*

Merda.

Ele se dirigiu ao bar onde Thorne, Medichi, Jean-Pierre, e Zacharius enchiam a barriga e ficavam bêbados, quatro de seus irmãos guerreiros. Bem, todos bebiam, exceto Jean-Pierre. Ele tinha sua língua no ouvido de uma morena.

Thorne sentava-se em seu lugar habitual, na ponta do bar onde tinha a melhor vista de todos os cantos do salão. O clube estava cheio de guerreiros da Milícia da Segunda Phoenix que também possuía passes permanentes para o clube da Terra Mortal. Thorne se certificava de que todos os vampiros tratassem as mulheres mortais com respeito. Agora mesmo seu calcanhar direito batia no ritmo da música.

Kerrick andou pela algazarra e distribuiu tapas em ombros. Medichi empurrou um cotovelo para ele enquanto sacudia a cabeça para cima e para baixo uma vez. Ele segurava um copo de vinho tinto na mão. Kerrick não sabia como seu irmão conseguia suportar essa merda.

Zach apresentou sua mão aberta para frente, e Kerrick espalmou-a no alto como saudação. Zach o arrastou para perto. — Ouvi que Greaves estava com o ascendente — ele gritou. A música rugiu por esta hora da noite e os as luzes estroboscópicas clareavam e escureciam ao redor como uma máquina de pinball.

— Você ouviu correto.

Kerrick cumprimentou Jean-Pierre com um aceno. O irmão estava um pouco ocupado para fazer mais do que lançar um olhar na direção de Kerrick enquanto ele se debruçava para a fêmea. Jean-Pierre era um jogador dos diabos, assim como ele foi durante a sua vida mortal. Senhoras era o seu jogo, zero restrição. A mulher se debruçava, os lábios entreabertos, o seu corpo moldado contra o guerreiro.

Kerrick se virou e voltou na direção de Thorne. A iluminação sobre o balcão era feita por holofotes sobre cada banco, e a última coisa que ele precisava de Jean-Pierre era um lembrete visual do que ele queria fazer com Alison.

Enquanto ele se aproximava, ele viu que os olhos cor de avelã de Thorne eram não só avermelhados, mas também injetados de sangue, e ainda tinha os dedos em torno de um copo suado de Ketel One. Ele gesticulou para Kerrick tomar o banquinho ao lado dele, em seguida, girou em sua direção. — Bom trabalho — ele gritou, sua voz de cascalho arranhando as palavras duramente. — Jeannie disse que o vampiro da morte drenou um mortal.

Kerrick assentiu. Ele falou com uma voz forte e clara. — Tive que gastar alguns minutos limpando memórias.

— Sem dúvida. — Thorne pegou seu copo e tomou um gole profundo.

— Então... Marcus. — Mesmo dizer o seu nome causava em Kerrick a vontade de se contorcer e voltar seus ombros para grupo. — Endelle disse que ela reconvocou ele.

Thorne fez uma careta. — Sim. Você vai ficar bem?

— Porra, não.

— Exatamente o que eu pensava.

Kerrick virou-se para Sam, pronto para pedir uma dose de Maker's apenas para encontrar um copo cheio de ouro líquido já assentado na frente dele. Ele sorriu. Sam era o melhor. Ele articulou um obrigado para o garçom. Sam apenas acenou com a cabeça em resposta e continuou se movendo para cima e para baixo da linha, atendendo os guerreiros.

Thorne cortou seus pensamentos. — Então, como foi a limpeza? Fomos bem? — ele falou em voz alta, mas ele ainda parecia o ronco baixo de um Corvette em marcha lenta.

Kerrick balançou a cabeça, tomou um longo gole, depois se inclinou para perto, colocando suas palavras no ouvido de Thorne. — Com uma exceção.

Thorne se virou para Sam, levantou o braço esquerdo, e com a mão fez o sinal de corte atravessado em seu pescoço. Sam balançou a cabeça, pegou o telefone, e alguns segundos depois, a música fez uma pausa. Sam sempre atendia a Thorne.

— Diga-me tudo.

Kerrick relatou a batalha no complexo médico, então a sua experiência com Alison.

— Então como se parece essa ascendente?

Ela é... Perfeita. — Como a maioria das mulheres. Curvilínea, olhar macio. — Quente como o inferno. Certo, ele precisava parar de pensar nela. Agora. Ele acrescentou: — Assumindo que esta é realmente uma ascensão, já é sem precedentes. Ela tem um navio cheio de poderes. Telepatia, empatia, e ela consegue dobrar. Um perfil já indica, pelo menos, vinte outros poderes. Acho que ela tem todas as habilidades da Segunda Terra.

Thorne coçou o queixo. — Você está me gozando? E ela dobrou, apenas assim? Eu não podia me desmaterializar quando ascendi, e não o consegui por mais de uma década ou assim. E você ainda não pode.

— Não esfregue isso em minha cara.

Thorne riu. Ele mandou para dentro o seu Ketel, bateu o copo no bar, e Sam estava pronto para derramar outra dose. — Se você não é em todos os outros aspectos o mais poderoso de nossa banda de desajustados, sinceramente eu incluído, eu só posso sentir pena de você. Sua velocidade fez toda a diferença desde que você prova isso todas as noites. Bastardo.

Kerrick riu e balançou a cabeça. — Eu a vi dobrar. Eu tinha as minhas asas em total amplitude e estava subindo para a passarela do segundo andar, onde eu pensei que o vampiro da morte a encurralara, mas no momento seguinte ela apareceu um par de metros na minha frente no nível do solo. — Em seguida, ele contou a Thorne sobre a dificuldade que ele tivera em apagar sua memória.

Thorne franziu o cenho. — Jesus. Eu nunca ouvi falar de um mortal com tanta resistência.

— Eu nunca precisei ir tão longe antes. — Ele tinha o seu copo junto aos lábios, mas ele só ficava balançando a cabeça com a lembrança. Ele praticamente teve que perfurar a cabeça dela com um picador de gelo para conseguir entrar e, mesmo assim, ela havia resistido a pressão sem o menor esforço, o que significava apenas uma coisa. Poder. Em grandes quantidades. — Greaves estava lá.

— Santo inferno. Quando?

— Justo quando eu cheguei. Ele reconheceu minha presença, em seguida, afastou-se. Depois disso, Jeannie não pôde lê-lo no radar, de modo que presumimos que ele dobrou. A mortal foi sua terapeuta por um ano. Dá pra acreditar? Ela disse que ele ofereceu um emprego a ela. Ela recusou.

— Maldição. Então, basicamente ela já declarou sua intenção de se alinhar com Endelle.

— Mais uma vez sem precedentes, já que ela ainda não respondeu ao seu chamado. — Ele balançou a cabeça. — Nada disso faz nenhum sentido, não é?

— Não. — Thorne franziu a testa. — Uma completa anomalia.

Kerrick se sentiu compelido a fazer a sua confissão. — Deixei um cartão para ela.

Thorne bufou então baixou seu braço. — Em que diabos você estava pensando? Supõe-se que nós nunca devemos interferir.

— Eu pensei que entre a presença do Comandante e o conhecimento do vampiro da morte sobre os seus poderes, ela já estava no meio de uma chamada para a ascensão. Não poderia ser uma coincidência que o vampiro fosse caçá-la no complexo, e, aparentemente, com a finalidade de drená-la, nem que eu tenha aparecido logo depois. — Ele baixou a voz, virou-se ligeiramente, e encontrou o olhar mortiço de Thorne. — Alguma outra coisa aconteceu. Eu, de fato, me conectei com ela.

Thorne balançou a cabeça. — Então exatamente do que estamos falando aqui? Quanto?

Ele abaixou a voz mais um tom. — Como se eu fosse o maldito exército alemão e ela fosse a Polônia.

Thorne franziu a testa, chamou a atenção de Sam, em seguida, bateu o copo na barra novamente. Sam moveu-se maciamente e encheu seu copo. Thorne tomou um gole e encontrou o olhar de Kerrick. — Ela está aqui?

— Não, e acredite, eu saberia.

— Ela tem a fragrância, então?

— Sim.

— Porra. Você sabe o que isso significa, ainda assim, inferno, eu pensei que era um mito.

— Nós todos acreditamos. Estou tentando não pensar nisso. Além disso, mesmo que ela apareça, não tenho intenção de ir atrás dela.

Thorne bateu em seu ombro. — No entanto, pense nisso. Se ela é tão poderosa, ela vai ser perfeita para você. Esta poderia ser uma coisa boa.

Kerrick realmente não queria ouvir qualquer estímulo, não vindo de Thorne, e nem de qualquer um dos irmãos. — Eu tomei os votos depois que Helena morreu. Fim da história. — Ele encerrou o assunto do Criador.

Medichi inclinou-se de lado. — Eu tenho uma pergunta.

Kerrick voltou em sua direção e esperou.

Ele girou o Cabernet em sua taça de vinho. Ele era o mais alto dos irmãos, passando dos dois metros de altura, com magros e poderosos músculos. — De que diabos as senhoras estão falando?

Antes que Kerrick pudesse responder, Zacharius contornou Medichi e se intrometeu também. — Sim. Vocês estão trocando receitas ou o que? — Kerrick mostrou o dedo médio para ele.

Zacharius era o cara, um vampiro cheio de merda e arrogância. Seu cabelo cacheado preto e grosso, quando ele escolhia deixá-lo livre do cadarço de couro, deixava as mulheres selvagens.

A voz de túmulo de Thorne quebrou por cima do ombro do Kerrick. — Bem, idiotas, apesar de não ser nada da conta de vocês, nós estávamos discutindo sobre companheiros vinculados de guerreiros. Alguma consideração a fazer?

Zacarias ficou branco e voltou para seu banco. Medichi benzeu-se. Ambos os guerreiros se debruçaram sobre suas bebidas e desapareceram por um tempo. Kerrick balançou seu copo vazio para Sam. Sam assentiu e o reabasteceu.

Um gemido feminino voltou sua atenção para baixo do balcão, logo após Zach. Jean-Pierre sussurrava uma sequência de macias palavras francesas no ouvido de sua fêmea que agora já estava ofegante. Ele traçou um longo dedo indicador ao longo de sua clavícula. A outra mão deslizando para dentro de sua escassa blusa de seda azul.

Sam chamou-o, — Jean-Pierre, você conhece as regras. Névoa e uma cabine ou eu vou ter que jogá-lo fora.

Jean-Pierre encontrou seu olhar e levantou uma sobrancelha arrogante. Ele arreganhou suas presas e soltou um lindo rosnado gaulês de sua garganta.

Kerrick precisava sorrir. O garçom era da metade do tamanho de Jean-Pierre, um vampiro pequeno, nascido na Segunda Terra, que ia ver-se quebrado no meio se continuasse empurrando o guerreiro. No entanto, um de seus privilégios, uma vez que ele servia Endelle, mantendo o clube especificamente para servir aos seus guerreiros, era a ordem, mesmo para os Guerreiros de Sangue ao redor, pelo menos, nas suas instalações.

Sam inclinou a cabeça para a sua segurança, e um casal dos gigantes se adiantou. O sorriso de Kerrick se alargou. Independentemente do tamanho deles, se tinham a intenção de conter Jean-Pierre, iriam ambos acabar no hospital em menos de um minuto.

Quando o guerreiro não recuou, Thorne levantou a cabeça de sua bebida. — Porra, Jean-Pierre, consiga um reservado. Agora. Embora porque você tem que esquecer as regras a cada fodida noite...

Jean-Pierre deu de ombros, riu-se, então embrulhou um braço esticado ao redor dos ombros da mulher e puxou-a para longe. A única ordem que ele sempre iria atender seria a proveniente de Thorne.

Ele tinha uma opinião diferente a respeito do cadroen também. Amarrou o seu olhar selvagem, ondas variando do marrom com tiras de brocado, uma afetação que conseguiu de seus anos na corte de Luís XVI.

— Quinze minutos — Thorne falou atrás dele.

— Quinze, uma merda. — Ele usou de sua língua novamente e a fêmea se esfregou contra ele.

Zacharius vaiou após Jean-Pierre, que por sua vez mostrou o dedo médio. Jean-Pierre desapareceu por detrás de uma camada de névoa conforme ele puxava sua fêmea mortal em uma das muitas cabines de veludo vermelho.

Quinze minutos.

Como de costume, os guerreiros estariam trabalhando nas fronteiras durante toda a noite, em ambas as Terras Mortal e Segunda, caçando os vampiros da morte do Comandante. Os músculos de Kerrick se contraíram. Quinze minutos? Ele não podia esperar.

Um movimento na entrada chamou sua atenção. Alison? Adrenalina bombeou em suas veias mais uma vez, mas eram apenas Luken e Santiago, os dois guerreiros restantes. Eles entraram, altos e poderosos vampiros, cada um com mais de um metro e noventa e oito centímetros.

Porra, mas se uma pequena ruiva não correu para Santiago, saltando sobre ele, e jogando as pernas em torno de seus quadris. Ele a pegou com facilidade dando uma chupada em seu pescoço. A risada dela subiu acima do ruído do clube. O álcool tendia a elevar qualquer voz, por isso mesmo com a música desligada até Thorne mandar religá-la novamente, o lugar estava vivo com apitos, vaias e conversa em voz alta. Havia outros sons também. Aqueles, porém, Kerrick ignorava.

Ele pegou seu copo, escorregou no assento, e mais uma vez se inclinou, encostando seu quadril contra o bar. Ele bateu braço contra braço em Luken e apertou sua mão.

Luken acenou com a cabeça, em seguida, falou em voz baixa. — Ouvi sobre a confusão no centro mais cedo. Garotos. Merda.

Kerrick foi levado de volta até ali para encontrar a mulher mortal e suas crianças, quebradas e drenadas. Ele balançou a cabeça, em seguida, engolindo o resto do seu Maker's.

Luken bateu em seu ombro, depois se movendo ao longo da linha do bar para saudar os seus irmãos. Kerrick o seguiu com o olhar. Luken exalava paz e sempre aliviava o sofrimento. Ele

era um guerreiro enorme, com mais massa muscular do que até mesmo Kerrick, ainda assim, magro como o inferno. Ele tinha o coração de um santo e era significativo ter Luken quando ele reconhecesse que a merda era realmente ruim.

Kerrick desviou o olhar para a pista de dança. Vários casais ainda permaneciam ali, conversando, esperando que a música voltasse, trocando alguns beijos eróticos. Mesmo Santiago esperava com sua ruiva, os lábios ainda colados em seu pescoço. Ele tinha toda aquela quente coisa latina correndo em suas veias e sabia como trabalhar com isso.

Um guerreiro da milícia já tinha suas presas afundadas, seu corpo arqueado sobre uma fêmea, que, pelos diabos, parecia que estava pronta para gozar.

Maldição. Os pensamentos de Kerrick voaram de volta para Alison, e o desejo bombeou através dele tão rápido que ele precisava voltar para o bar. Puta merda. Ele só precisava pensar sobre a deusa loira que ficava duro como uma rocha. Ele afastou seu banquinho e passou o minuto seguinte memorizando os rótulos das garrafas na parede oposta.

Normalmente ele estaria lá fora, cuidando dos negócios, bem como, aliviando sua tensão, deixando a dor de sua vida solitária escapar dele por um minuto ou dois, mas desde que ele sustentou Alison em seus braços, ele perdeu o interesse em qualquer coisa que não tivesse cheiro de lavanda.

Kerrick trouxe seu copo à boca mais uma vez. Conforme ele tomava outro corajoso gole, seu olhar batia contra o espelho na parede oposta e mirava em um espaço entre uma garrafa de Absolut e outra de Bacardi. Nesse pequeno ponto espelhado ele captou a expressão apertada de Thorne, enquanto ele olhava em seu copo.

Merda. O Chefe parecia perturbado, a sua expressão fixa e pensativa. Ele juntou as mãos sobre o balcão, prendendo o seu copo de vodka. Seu polegar direito cavava dentro do vale de uma cicatriz longa e profunda, uma ferida da espada que quase cortou o polegar esquerdo de sua mão há muitos séculos atrás. Thorne tomava suas responsabilidades a sério, mas ele nunca pareceu tão maldito, e não era apenas por causa da bebida. Algo estava o corroendo.

Thorne viu mais de dois mil anos de vida mortal e imortal, e ele suportou o peso dos Guerreiros de Sangue por todo o milênio passado. Ele ainda foi responsável pelo treinamento e pela distribuição das atribuições dos Guerreiros da Milícia, embora ultimamente nenhum dos irmãos fosse para os campos. Greaves manteve as fronteiras iluminadas por meses para que as melhores habilidades dos guerreiros de Milícia caíssem no esquecimento.

No entanto, pior para Thorne, era seu dever com Endelle. Como seu número um, ele estava ligado a ela telepaticamente, o que deveria ser uma merda dos diabos.

Como Alta Administradora Suprema, Endelle estava no comando, mas porra, ela dava a má reputação às cadelas. Ela tinha razão, claro, desde que só Deus sabia há quantos séculos ela suportava sobre os ombros o fardo de manter Greaves longe de bombardear os dois mundos.

Thorne servia como seu segundo em comando.

Hoje à noite ele meditava sobre isso conforme ele se sentava esfregando o polegar na cicatriz, com os olhos vidrados, a metade inferior de seu rosto pendurado como se a gravidade o puxasse pela mandíbula e puxasse forte.

— Ei Kerrick — disse calmamente. — Por que você não põe a cabeça lá na pista e acha alguma ocupação? — ele apontou com a cabeça para a pista de dança onde os casais aguardavam que a música retornasse.

A cara de Thorne mudou através de meia dúzia de expressões, que terminou com uma de horror. — Que diabos você está falando? Você sabe que eu sou celibatário.

Kerrick lançou um duro olhar para ele.

Thorne mostrou o dedo médio, mas não de uma forma amigável.

— Eu não tive a intenção de desrespeitá-lo.

Thorne virou-se e encarou-o. Seus olhos ficaram úmidos e ele mordiscou os lábios. Ele balançou a cabeça várias vezes. Ele claramente queria dizer alguma coisa. Ele apertou os molares, em seguida, murmurou um par de obscenidades. Finalmente, ele disse: — Ah foda-se. Simplesmente esqueça isso.

— Feito.

Thorne buscou Sam com o olhar, em seguida, rodou dois dedos no ar. Mais uma vez, Sam pegou o telefone e ordenou que a música explodisse novamente.

Enquanto *Black Eyed Peas* começava a cantar *Pump It*, Kerrick voltou para seu copo e tomou um longo gole. Como seria seu futuro em mais alguns séculos? Olhando estupidamente para uma parede espelhada e mentindo para seus amigos, bebendo como um peixe, andando por aí como um homem morto? Agora, essa era uma visão para deixá-lo animado.

Mais uma vez, ele pensou na ascendente, em Alison, mas ele se fechou duramente contra as imagens que corriam através de seu cérebro. Luxúria era uma palavra muito pequena para o que ele sentia quando pensava nela.

Ele pediu outra dose de Maker's e decidiu que passaria os próximos minutos afundando em seu próprio copo. No momento em que ele ergueu o copo aos lábios, a porta que ia para o clube se abriu. Uma série de aromas lavou seu cérebro e ele os classificou um após o outro. O último fraco bouquet o atingiu com a potência de um tanque direto sobre um monte.

Lavanda.

No entanto, conforme ele se levantava e olhava para a porta, apenas dois guerreiros de Milícia cruzavam o limiar. Ele esperou, mas ninguém mais os seguiu.

Ele virou-se para cair sobre seu banco, em seguida, tomou um gole do uísque. Ótimo. Agora ele estava imaginando o cheiro de Alison.

O rito da ascensão só cria dificuldades para aqueles com poderes altamente evoluídos, mas as contribuições de serviço, que se seguem, surpreendem até mesmo os deuses.
Extraído do Tratado da Ascensão, Philippe Reynard

CAPÍTULO 6

Às oito horas Alison olhou para o nome gravado em uma placa arredondada de ferro batido pendurada no alto. As palavras The Blood and Bite brilhavam em um bonito padrão contra um fundo preto assim como o cartão que ela encontrou a seus pés mais cedo.

Por trás das palavras, assim como no cartão, jazia uma rosa vermelha.

Por que ela estava aqui? Ela apertou a mão sobre seu estômago, em seguida, tomou uma profunda, irregular e dolorida respiração. Ela poderia mentir para si mesma e dizer que ela viera apenas para descobrir por que ela havia encontrado um cartão de visita com o logotipo do clube deitado a seus pés. Mas a verdade estava mais profunda, tão profunda que ela tremia.

Oh, Deus. Era o seu futuro que estava dentro deste clube?

No entanto, olhando para o logotipo, ela estremeceu. O nome do clube, The Blood and Bite, relembrava a lenda do vampiro. Que tipo de pessoa teria posto um nome de um clube de algo tão óbvio e tão absurdo? Ela apenas podia imaginar que aqueles que frequentavam o estabelecimento ostentavam incisivos afiados artificialmente, tatuagens, um monte de piercings.

Embora o belo e elegante logotipo sozinho oferecesse aviso suficiente para fazê-la querer refazer todo o seu caminho de volta, agora ela precisava, pelo menos, dar uma olhada lá dentro.

Tomando outro fôlego cavernoso, ela colocou seus pés em movimento.

Quando ela entrou no clube, a escuridão do ambiente, bem como as luzes estroboscópicas piscando forçou sua visão para baixo por alguns segundos. Enquanto esperava perto da entrada, seu coração batendo forte, seus dedos tocaram algo macio.

Olhando para a direita, em seguida, apertando os olhos, ela descobriu que estava olhando para uma comprida extensão de veludo escarlate. Seus dedos deslizaram para baixo sobre o tecido macio. Que estranho.

Conforme sua visão se ajustava ela olhava mais uma vez em torno do clube, ela avistou um caminho de veludo muito vermelho que cobria uma série de estantes a sua direita. A escolha pareceu estranho, fora do lugar, mas muito sensual, que de todos os modos se somavam ao propósito geral. Uma mulher pode deixar sua guarda baixa em um lugar forrado com um tecido tão sensual. Ela tinha uma estranha impressão que entrou em uma armadilha de veludo.

A música bombeava através do edifício. Gwen Stefani cantava *The Sweet Escape*.

Sua frequência cardíaca deu outro pique.

O clube estava lotado, um ponto realmente quente. Ela desviou o olhar na direção da pista de dança. Ela só podia ver cabeças e braços balançando de um monte de gente. Ela mal conseguia fazer uma curva para a esquerda. À direita havia linhas de cabines revestidas de veludo que dado a altura, dava uma grande dose de privacidade. Ela acabou de ouvir um gemido?

Dois homens muito bonitos, pelo menos tão altos como ela, mesmo em seus saltos altos, moveram-se na direção dela. Eles pareciam estar vestidos com roupas caras que parecia Armani. Outra surpresa.

Que tipo de lugar era esse?

Ambos os homens transbordavam confiança. Ela realmente não esperou GQ e arrogância em um lugar chamado The Blood and Bite. Mais uma vez ela foi atingida pela sensação de que nem tudo estava muito certo.

Suas vozes a atingiram em rápidos golpes alternados.

— Você é nova por aqui?

— Você vai gostar do clube.

— É um pouco barulhento.

— Mas você vai se acostumar rápido com isso.

Novamente, sinos de advertência soaram porque algo não parecia bem sobre aquele intercâmbio. Debaixo de suas palavras, ela sentia uma pressão mental muito específica e pesada. Quando ela lançou seus escudos, palavras diferentes, as suas palavras verdadeiras, inundaram sua mente.

Você é tão bonita e que corpo…

Você veio ao lugar certo.

Nós vamos cuidar muito bem de você.

Sim, o melhor tipo de cuidado.

Ela ficou chocada. Eles estavam se comunicando por telepatia. Pior, eles a estavam seduzindo telepaticamente. Se ela não tivesse lançado mão de todas as suas habilidades especiais, ela não teria sido capaz de ouvir suas palavras hipnotizantes.

Apesar do fato dela desaprovar o que estes homens estavam fazendo, ela não podia acreditar que realmente encontrara outros dois seres humanos que poderiam fazer o mesmo que ela podia. No entanto, de alguma forma a troca parecia familiar, como se ela tivesse recentemente conversado com outro homem dessa mesma forma. Telepaticamente.

Imagens começaram a flutuar em sua mente, de um guerreiro enorme e lindo, um vampiro, com asas brancas, e outro vampiro com a pele pálida e translúcida e asas negras. Eles estavam lutando, com espadas, no ar.

Ela engasgou com a memória. Mas a dor de cabeça que se seguiu a estes pensamentos a levou para a estratosfera e ela estremeceu até que não se lembrava o que a trouxe aqui. Tão de repente quanto havia chegado, a dor apenas desapareceu.

A dupla Armani se apoderou cada um de um dos seus cotovelos e o pesadelo começou oficialmente quando o da esquerda pressionou duramente contra sua mente, *você vai desfrutar cada momento com a gente. Você vai dar o seu pescoço livremente, o seu sangue, seu corpo. Você vai sentir prazer como você nunca conheceu antes.*

O companheiro acrescentou: *Abra-se para nós, linda flor.*

Seus músculos ficaram tensos. Eles queriam beber o sangue dela? Ok, isso estava ficando muito estranho.

Ela considerou a desmaterialização de volta para sua casa. No entanto, dadas as habilidades telepáticas dos dois homens, ela suspeitava que entrara em um covil de víboras e precisava escolher seu caminho com muito cuidado para sair desta situação.

Ela fechou sua mente conforme permitia a eles conduzi-la para baixo, ao longo de uma linha cheia de cabines, manobrando-a através de uma multidão de sócios. Ela olhou em volta, procurando uma rota de fuga.

Oh, Senhor, ela não deveria ter feito isso. Ela desejava não ter visto os eventos eróticos que ocorriam em algumas das cabines envolvidas em veludo.

Espere um minuto. Algum tipo de disfarce cobria os casais, como teias de aranha, algo que um ser humano normal, provavelmente, não conseguiria detectar ou até mesmo ver através dela, uma espécie de escudo.

Oh, ótimo. Acumulando mais um poder sobrenatural para Alison Wells, a capacidade de ver através de escudos incomuns. No entanto, que tipo de pessoas poderia criar algo tão intrincado? Mais uma vez seu coração começou a acelerar. O que quer que estivesse acontecendo aqui espelhavam suas próprias capacidades.

Ela desviou o olhar, ignorando os gritos e gemidos, e os membros se contorcendo.

Em vez disso, ela voltou sua atenção para a pista de dança, que ela podia ver apenas por cima do topo das cabines, mas oh-meu-Deus a ação lá fora, não se parecia com nada do que ela já vira. Ela puxou uma respiração afiada. Vários dos homens tinham presas e chupavam os pescoços das mulheres com as quais dançavam. A outra metade estava tentando fazer a mesma coisa e as mulheres... estavam amando aquilo.

O objetivo do clube, bem como a natureza das pessoas que frequentavam o estabelecimento tornou-se claro.

Seu coração acelerou mais uma vez e ela se sentiu tonta. Um de seus admiradores acendeu um sorriso e mostrou, é claro, suas presas.

Vampiros?

Vampiros.

Uma sensação profunda de frio invadiu seu estômago. Ela mal podia respirar. Vampiros... que usavam da telepatia para seduzir suas vítimas. Criaturas parecendo muito humanas que tinham presas e bebiam sangue.

Como isto era possível?

Desde que ela podia ler mentes, e levar-se de um lugar para outro com um simples pensamento, ela supunha que poderia permitir que outras criaturas incomuns existissem também. Por que não vampiros? A terra tinha um monte de espaço, certamente o suficiente para todos os tipos de aberrações, por exemplo, aqueles que leem mentes e se dobram e trabalhavam como psicoterapeutas, por que não aqueles que frequentavam casas noturnas quentes e vestiam Armani e bebiam o sangue direto de veias?

Quando o homem, o vampiro à sua direita, mais uma vez começou com a pressão em sua mente, ela decidiu que já tinha o suficiente.

Chegando ao final da linha de cabines, ela virou o rosto para encarar ambos os seus acompanhantes-com-excesso-de-confiança. Ela levantou as mãos para cada um deles e por puro instinto, ela os impediu de agredi-la com firmes e calmas explosões das palmas de suas mãos. Então ela começou a forçar caminho em cada uma das mentes deles.

Reviravolta... jogo limpo!

Ela enviou mensagens sutis sobre respeitar mais as mulheres e sobre como ela evitaria este clube absurdo no futuro. Ela deu a ambos o desejo de se relacionarem com mulheres inteligentes

que dariam boas esposas, então ela encheu a cabeça deles com todos os prazeres da paternidade. Isto deveria manter estes dois vampiros ocupados pelas próximas décadas.

Ela só tinha um problema restante: como conseguir o inferno fora do clube sem que ninguém percebesse... ou possivelmente a seguisse.



Kerrick jogou para dentro sua terceira dose de Maker's e deixou o copo vazio no balcão na frente dele. Ele farejou o ar. Ele ainda podia sentir o cheiro de lavanda. Espere um minuto. O cheiro era mais forte.

Ele deflagrou suas narinas e atraiu uma respiração profunda.

Sim... mais forte.

Ele levantou-se e deu um passo para longe do bar. Ele respirou fundo novamente. Seu coração iniciou uma repentina e furiosa batida como um martelo dentro de seu peito. Sua visão esmaecia enquanto seu sistema olfativo queimava em alta velocidade.

O perfume inebriante e exuberante assaltava seu nariz de novo, acelerando dentro de seu cérebro, e desta vez desencadeando uma série de reações, cada uma das quais intensificando uma após a outra e atirando uma cascata de fogos de artifício através de seu sistema nervoso central.

Ele sentia o cheiro dela. Alison. Alison.

Porra. Ela estava no clube agora mesmo.

A urgência transbordou nele.

Em um flash brilhante que ele transformou em um míssil de calor teleguiado. Ele olhou para a entrada, mas viu apenas um grupo de guerreiros de Milícia pronto para atacarem recém-chegados. De alguma forma, Alison já havia entrado no clube e já se perdera no jogo.

Puta merda.

Ele precisava encontrá-la imediatamente.

Ele penetrou por várias névoas de disfarce dos guerreiros da milícia na pista de dança. Ela não parecia estar lá. No entanto, o clube era cavernoso e havia muitos recantos escondidos e fileiras de cabines demais.

Sua mente tocou fêmea após fêmea. Ele pegou o perfume de cada mulher e lançou-o de lado novamente e novamente, a sua procura específica, sua fome crescente, suas presas se alongando. Onde ela estava?

A voz de comando do Thorne retumbou no bar. — Partindo em quatro.

Quando Kerrick virou-se para enfrentá-lo, Thorne deslocou seu olhar para cima e encontrou o dele. Kerrick puxou os lábios para trás, suas presas distendidas, e rosnou profundamente em sua garganta. Sua consciência embaralhada retraiu-se para uma parte distante de seu cérebro e ele demonstrou este comportamento inédito e espantoso.

— Que porra é essa? — Thorne murmurou, inclinando-se para trás. Ele sorriu. — De nenhuma fodida maneira. Medichi, Zach, você estão vendo isso?

Kerrick se afastou.

Ele precisava encontrar a mulher.

Ele passou pelo bar. Ele cheirava a trilha vinda da direção das cabines em frente a ele.

Seu sangue ferveu. Os ombros curvados. Seus músculos flexionados e se contorcendo, pronto para se engajar na batalha sobre o que sabia no fundo do seu ser pertencia apenas a ele. Sua contenção das asas coçava, pronto para liberá-las em seu tamanho máximo, para pegá-la se precisasse.

— Eu guardo as suas costas.

Kerrick girou e encarou Thorne. — Faça qualquer porra que você queira fazer. Basta manter-se longe da mulher.

Thorne assentiu. — Entendido.

Kerrick queria derrubá-lo com um direto... sem nenhum motivo. Ele moveu-se de volta ao redor, com as mãos fechadas em punhos pesados. Ele flexionou suas contenções de asas.

A linha de cabines estava superlotada, com as pessoas indo e vindo. Os sons molhados de sexo foram como uma porrada em seus ouvidos e intensificaram seu temperamento acima do ponto de ruptura, uma vez após outra. Ele não sabia o que ele faria se ele a encontrasse envolvida em qualquer desses atos.

Ele afiou e alongou a sua visão.

A meio caminho abaixo da fileira lotada, uma clareira se abriu e ele teve uma perfeita visão de uma mulher alta, que enfrentava dois guerreiros da milícia.

Alison.

Alison.

O tempo congelou, seus pés também. Ele não conseguia se mover. Ele só podia olhar, admirar, desejar, atordoado como um animal pego pelos faróis de um carro.

Ela estava sexy como o inferno com suaves ondulações dos cachos de seu cabelo que passavam ombros e costas, tão diferente da trança apertada e controlada que estava no centro médico. Ela usava uma saia curta preta, que revelava pernas longas que seguiam ao infinito. Seu colete escarlate foi cortado baixo o suficiente para expor uma perfeita onda de seios firmes e altos. Deus, sua beleza iluminava a cabeça dele. Seu corpo também se acendia. Ele ansiava por ela.

O rastro de seu perfume chegou até ele e bateu duro. Mulher e inebriante lavanda formavam um coquetel que detonavam granadas por todo o seu corpo, que de repente estava faminto.

Breh-hedden rasgando através de sua cabeça.

Companheiros Vinculados.

Em uma fração de segundo ele deslizou sua mente sobre a dela, pressionando bastante, rompendo seu escudo, maldição, que poder, para finalmente poder lê-la. Ela tropeçou por causa disso, mas pelo menos agora ele sabia o que estava acontecendo.

Ela havia chegado ao clube por causa de uma série de sonhos e por causa do cartão que ele deixou. Então ele estava certo. Ela estava no meio de uma chamada para a ascensão. Ela também veio com a esperança de uma dança lenta contra um corpo duro de um macho. Ele poderia dar a ela uma dança lenta e qualquer outra coisa que ela quisesse.

Ele também leu o estado lascivo dos guerreiros que tentaram e não conseguiram afundá-la em uma escravidão sedutora. Ele precisava levá-la para longe deles. Os músculos em seus braços tencionavam e uma névoa marrom nublava sua visão. Sua mente gritou para ela: *Vem a mim agora.*

Ela desviou o olhar para ele e o olhou de cima a baixo. As luzes piscavam erraticamente no clube escuro, e sua visão se ajustava para cada discrepância. O sol poderia muito bem ter iluminado cada característica dela. Suas bochechas ficaram de um rosa escuro, lábios entreabertos, e sua respiração tornou-se superficial.

Oh, sim, ela gostou do que viu.

Sua mente chegou até a dela novamente, *Venha a mim, Alison.*

Muito para sua surpresa, ela disparou de volta, *E quem diabos é você para me dar ordens?*

Porra, ela não se lembra dele. Ele desejava agora que não tivesse eliminado suas memórias. Ainda assim, ele não tinha nenhuma intenção de discutir com ela.

Ele abaixou o queixo e se moveu com uma velocidade sobrenatural. Ele pretendia resgatá-la das atenções indesejáveis dos dois machos e reivindicá-la para seus próprios cuidados. Mas pelo tempo que ele a alcançou, ela tinha desaparecido. Ela dobrara para fora do clube.

Ele cerrou os punhos novamente, arrastando seus antebraços para cima ao mesmo tempo. Filha da puta. Embora ele tivesse a capacidade de rastrear mentalmente o seu caminho, ele não poderia persegui-la porque não podia dobrar de local para local. Maldição. Ele ficou ao alcance de um braço de sua mulher, mas ainda assim, por causa da sua falha em não conseguir dobrar, ela poderia muito bem já estar em Paris ou Pequim, em vez de na fodida Primeira Phoenix.

Necessidade não satisfeita rugia através de seu corpo. Ele levantou a cabeça e rugiu para o teto, o grito a plenos pulmões de um homem preso nas garras do núcleo mais duro do breh-Hedden e incapaz de completar o ato.

O brilho marrom de seus olhos escureceu ainda mais. Seus neurônios em desordem. Seus pensamentos perderam toda a sequência que ainda tinham. Os dois guerreiros de Milícia, menor em estatura do que qualquer dos Guerreiros de Sangue recuaram. Thorne pulou na frente deles e gritou: — Dobrem! Agora!

Kerrick chocou-se contra Thorne enquanto chegava até os guerreiros, mas agarrou apenas ar. Virou-se para Thorne e levantou os punhos, pronto para a batalha. Thorne agarrou cada uma de suas mãos, juntando-as em um aperto poderoso, imobilizando-o, em seguida, dobrou-os para fora do Blood and Bite.

Kerrick piscou. A nova localização. Ele vagamente reconheceu a Caverna, o lugar aonde os guerreiros de Sangue iam apenas para descontrair, geralmente depois de uma noite de luta.

Não havia lavanda aqui, e em rápidos estágios, sua consciência retornou.

Mais figuras entraram no espaço. Uma parede de duros corpos masculinos apareceu, alguns em trajes de voo, outros vestidos calças cargo e camisetas, como ele estava. Alguns sorriam. Outros observavam, atordoados. Sua mente se abriu de repente. Ele reconheceu os homens, todos os guerreiros. Thorne, Medichi, Luken, Santiago, Zacharius, e Jean-Pierre. Seus Irmãos de Sangue. Que diabos ele estava fazendo aqui?

— Consigam uma bebida para ele — Luken falou.

— Estou providenciando — disse Medichi, indo para o bar em frente à mesa de bilhar.



O oficial de Ligação Havily Morgan sabia que ela poderia fazer a diferença na guerra, se fosse dada a oportunidade. Ela tinha certeza disso. Ela sentia isso da ponta dos dedos até os pés.

A Central acabara de chamar. O Alto Administrador Supremo Alta finalmente a chamou, e embora já fosse tarde, quase nove horas, ela não se importava. Finalmente sua chance havia chegado para iniciar sua campanha.

Ela ficou no centro de sua sala de estar, uma mão apertada contra o peito, seu coração batendo em uma cadência rápida. Ela estava tonta, excitada... e, sim, aliviada.

Quinze anos atrás, seu noivo, um dedicado guerreiro da Milícia, foi tirado dela, seu corpo brutalizado por um vampiro da morte e drenado de seu precioso sangue. Desde aquela época Havily vivera com um fogo em sua barriga, impulsionando-a para se certificar de que sua morte não foi em vão.

Ela o encontrou pouco depois de sua transferência de Los Angeles para Phoenix. Ela se apaixonou por ele tão rápido, uma queda brilhante que levou a um noivado apenas seis meses depois de sua excursão pelo dever, no Vale do sol.

Ela esperou muito tempo pelo amor, quase um século inteiro desde a sua ascensão. Perder Eric depois de ter esperado por décadas para que exatamente o homem certo se aproximasse dela, destruiu seu coração, sua crença de que ela jamais conheceria o amor neste mundo ascendido.

Sua vida foi alterada de forma irrevogável quando ele não conseguiu voltar para casa após seu turno, quando ela recebeu a temida chamada, quando ela conheceu seu horrível destino.

Contudo, além de seu sofrimento, sua paixão nasceu, uma paixão para encontrar uma maneira de mudar o curso da guerra. Acima de tudo, ela prometera a si mesma que a morte de Eric não seria em vão.

Incapaz de servir na linha de frente, já que ela não era de forma nenhuma talhada para empunhar uma espada, ela se candidatou para descobrir o que ela poderia fazer. Quanto mais ela pesquisava as dificuldades enfrentadas por Madame Endelle como Supremo Administrador Superior da Segunda Terra, especialmente a partir do momento em que o primeiro Alto Administrador desertou para o lado do Comandante, mais ela via o que precisava ser feito.

Chamem isso de uma revelação, mas ela sabia, ela sabia que um completamente redesenhado complexo militar da administração traria excelentes resultados em prevenir mais deserções nas fileiras entre os altos Administradores.

E esta noite ela iria iniciar o processo de fazer a diferença no seu mundo.

Ela sorriu. Ela olhou através da janela para a noite além do horizonte visível de sua casa nas Montanhas Camelback. Sua casa da cidade estava situada no sopé da montanha e o local deu a ela uma visão estelar de South Mountain, bem como da sede administrativa de Endelle mais a leste. Ela comprou esta casa a fim de estar perto de local onde Madame Endelle ditava as regras.

Ainda vibrando com empolgação, ela correu para seu escritório. Madame Endelle havia exigido a sua presença imediatamente, então ela tinha apenas alguns minutos para fazer seus preparativos. Sua principal preocupação era em levar suas apresentações com ela. Ela imediatamente descartou a ideia de PowerPoint, uma vez que envolveria a necessidade de uma tela, instalação de cabos e interface com um computador e projetor digital. Ela suspirou. Endelle não teria paciência para o tempo de preparação.

Ela desejou ter a capacidade sobrenatural de apresentar sua visão diretamente de sua mente para a tela. No entanto, pelo tanto que ela sabia, ninguém podia transmitir imagens mentais, pelo menos não na Segunda Terra. Talvez na Terceira ou na Quarta, mas não na Segunda. Havia um grande número de limitações ao poder pessoal na Segunda Terra.

Certo, sem PowerPoint.

Ainda assim, ela sorriu. Ela não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Madame Endelle a convocou. Todos os seus e-mails finalmente conseguiram passar. Ou talvez sua correspondência profissional muito bem trabalhada, para a qual ela usava o melhor papel timbrado com uma marca d' água representando um par de asas completamente abertas, seu próprio desenho. No final, ela tinha apenas uma escolha real, um projeto que tomou um total de três anos aproveitando qualquer hora livre para criação. Sobre uma mesa, escondida em um canto à direita da porta estava um grande mostruário portátil, em couro preto, que tinha uma alça resistente.

O tamanho do expositor era enganoso. Uma vez que ela deixou-a sobre a mesa e destravou os lados, o inteligente e complexo design com suas multicamadas, aliados aos seus poderes telecinéticos, subiam a uma altura de um metro e meio, espalhando cerca de dois e metros e meio de comprimento e três de largura. Ela já havia trabalhado com um arquiteto por meses para obter todos os detalhes exatamente corretos.

Além da excelência do desenho da arquitetura, ela estava pronta para este momento. Ela praticara a sua apresentação vezes e vezes. Quinze anos de trabalho duro e agora ela teria seu encontro.

Ela acenou com a mão e trocou para o seu melhor casaco Ralph Lauren, preto é óbvio, incluindo uma blusa negra de pregas frontais. Ela usava saltos de dez centímetros, colocando-a em torno de um metro e noventa centímetros, e esperemos que em algum lugar perto da altura Madame Endelle, de um e noventa e oito, dependendo do tamanho dos saltos que a Alta Administradora Suprema usava. Havily não pretendia deixar nada ao acaso.

Ela parou na frente de um espelho de corpo inteiro. Aparências são importantes, especialmente para Sua Supremacia. Ela repreendeu-se por utilizar a denominação vulgar. Madame Endelle. Madame Endelle. Ela repetiu as palavras e manteve a voz cortante e formal.

Ela examinou seu reflexo. Ela não teve tempo para elaborar um coque mais formal, portanto ela deixou os cabelos soltos, um fluxo de suave e aveludado vermelho sobre seu terno preto. Ela assentiu com a cabeça. A maquiagem ainda estava impecável desde o esforço da manhã. Graças a Deus pelos aperfeiçoamentos na cosmética na Segunda Terra. Ela assentiu com a cabeça novamente.

No entanto, seus olhos, estavam um pouco injetados de sangue, não inesperados, dado o adiantado da hora.

Não mais adiamentos. Havily Morgan, ponha sua bonita figura para fora... agora.

Em seguida, ela voltou para seu escritório, pegou o mostruário em uma mão. Com sua maleta na outra, ela concentrou seus pensamentos, então teleportando para dentro do prédio que abrigava os escritórios administrativos. Ela se moveu rapidamente para a larga entrada de vidro dos aposentos de Endelle. O interior estava escuro, obviamente porque os administradores já foram há muito tempo para a casa a noite.

Ela parou em frente às portas de correr. Nada aconteceu.

Ela tentou várias vezes.

Ela pegou seu telefone e teclou.

— Central. — Ela reconheceu a voz de Jeannie. Algo em seu tom acalmou Havily. Ela não fazia ideia do motivo, embora ela sempre ouviu que as mulheres escolhidas para trabalhar na Central, e elas sempre eram mulheres, tinha um efeito calmante sobre os guerreiros.

— Boa noite novamente, Jeannie. Estou fora dos escritórios, mas as portas estão trancadas e tudo está escuro. Tem certeza de Madame Endelle está aqui?

— Oh, sim — Jeannie falou com a voz arrastada. — Sua Supremacia tem segurado o tribunal e destruído a noite de todos nas últimas seis horas. Ela está lá. Eu vou lhe dar um grito.

— Obrigada — disse ela.

Ela dedilhou o telefone e como ela esperava, o coração mais uma vez se elevou a um martelar dentro do peito. Sim, de fato, havia muitas mudanças que precisavam ser feitas.

E começariam hoje à noite.



Após 10 minutos de estar de volta em sua casa, Alison finalmente parou de tremer. No entanto, sua mente ainda girava como um pião e não parecia poder parar.

Balançou a cabeça para trás e para frente. Isso não poderia estar acontecendo.

Vampiros?

Ela ficou desnorteada em seu quarto mais do que familiar, olhando para uma parede de livros, seus livros favoritos, colecionados desde quando ela era uma criança. Ela estendeu a mão

em direção a eles, buscando o que era familiar, tentando encontrar algo sólido contra os medos e pensamentos girando dentro dela.

Vampiros.

Meu Deus, eles realmente têm presas e sugam o sangue de pessoas.

Eles encantam e usam mulheres.

Ela nunca deveria ter ido ao Blood and Bite, mas os sonhos a chamaram, e em seguida, o cartão comercial do clube apareceu aos seus pés.

E os anseios, oh os anseios, nunca que paravam.

Ela tomou um profundo suspiro, um após o outro.

Um novo, horrível pensamento se intrometeu. Ela se agachou, em seguida deu uma volta completa para trás, olhando em redor, procurando por um intruso, examinando todos os cantos sombrios dos quartos que ela podia ver a partir da entrada da frente, a sala de estar, a cozinha aberta, o corredor que levava à suíte master. E se uma dessas criaturas a seguiu até aqui? Eles poderiam mesmo fazer isso? Será que eles saberiam como desmaterializar como ela fez? E se eles agora sabiam onde ela vivia?

Ela prendeu a respiração e esperou, ouvindo atentamente, buscando pelo menor movimento, o menor sinal de que ela estivesse sendo seguida.

Finalmente, depois de alguns minutos, ela tomou sua primeira respiração profunda, concluindo que ela estava a salvo, pelo menos por agora.

O clube foi muito, uma rádio em plena explosão em um espaço confinado, as presas daqueles homens no pescoço das mulheres, as cabines de veludo vermelho, os gêmeos Armani.

Ela colocou a mão na cabeça e esfregou sua têmpora. A dor de cabeça voltara, desta vez profundamente dentro de seu cérebro, um pulsar que a fez pensar em enxaquecas e em ir para a cama por dias.

Ela afundou sobre o tapete verde decorado na frente de sua mesa de café. Escorregou seu Jimmy Choos dos pés e sentou com as pernas cruzadas na frente dela. Ela se inclinou para frente e colocou a cabeça entre as mãos.

Os eventos no clube, mais uma vez brincaram dentro de sua cabeça. Apesar das ações da dupla Armani, era o outro vampiro que reclamava a sua atenção neste momento, a criatura poderosa que era um gorila, seu queixo baixo sobre seu peito, suas presas distendidas e pressionando contra seus lábios, seu olhar selvagem, fixo sobre os dela, seu corpo poderoso tenso para a ação, sua mente quebrando através de todos os seus escudos.

Ela foi superada pela sua presença e mesmo assim ela pensava, Deus, ele é lindo, cabelo ondulado negro e grosso caindo em volta de seu rosto, o ângulo teimoso do queixo, olhos claros que a sombra fazia difícil de determinar a cor sob os estroboscopios do clube. Ele tentou comandá-la com sua mente. Então qual exatamente era a sua intenção? Acaso teria ele a intenção de machucá-la? Ela levantou a cabeça e olhou para todas as linhas de livros. Não, ele não a teria machucado. Ele teria feito outra coisa. Ele a teria tomado.

Ela levou os dedos à boca. A poderosa onda de puro desejo fluiu através de seu corpo até que suas costas se arquearam e a boca se abriu.

Um único pensamento a sacudiu. Ela o teria permitido.

Oh. Deus.

Mais uma vez, como acontecera há semanas, uma onda de nostalgia dolorosa inundara seu peito. Ela lutou para respirar, incapaz de compreender o que ela estava sentindo. Ela estava apenas ansiando por ele, por este vampiro super dimensionado, ou seria algo mais?

Enquanto ela buscava dentro de seu coração, ela sabia que ela sentia algo maior do que apenas uma primitiva vontade de acasalamento. Seu desejo por este homem, este vampiro, era parte da necessidade que sentia, mas não o todo.

Então, o que era esta ansiedade que mais uma vez a possuía? Pelo o que exatamente ela esperava?

Lágrimas queimaram seus olhos. Ela sentia-se frustrada em tantos níveis. Ela apenas não entendia o que estava acontecendo com ela.

Após mais alguns minutos ela percebeu que seus pensamentos começaram a viajar em um loop infinito, nada seria resolvido esta noite. De repente, ela queria uma ducha. Ela queria tirar aquela saia curta e aquele colete sexy de seu corpo imediatamente.

Ela se levantou do tapete e se dirigiu ao quarto principal.

Ela suspirou. Ela morava sozinha em uma casa que havia comprado há dois anos, um pedaço lindo de propriedade na zona norte da área metropolitana de Phoenix, em um bairro chamado Carefree.

Carefree. Despreocupado. Bem, não exatamente esta noite.

Ela atravessou a sala e entrou no corredor, o que a levava para a suíte principal. Uma vez no banheiro, ela encarou seu reflexo no espelho, o lindo espelho veneziano que sua mãe comprou para ela como um presente de inauguração da casa nova há vários anos, quando seu consultório era próspero e ela oficialmente pensava em si mesma como uma adulta.

Agora, quando ela olhou para os cachos ondulados e pensava mais uma vez sobre o que aconteceu no clube, ela se sentia mal. Muito mal. Por que ela nasceu tão diferente? Por que não podia ter um simples dia sequer de normalidade? Por que o único clube que ela quisera dar uma verificada em mais de três anos tinha de estar cheio de... vampiros?

Ela engoliu o nó súbito na garganta. Tudo bem, então sua vida ficou um tanto estranha, repleta de algo que ela não pensou ser possível.

Mais uma vez ela se lembrou do estupendo vampiro que se moveu como um relâmpago em sua direção. Ela tinha um profundo sentimento de que ela já o encontrara antes.

No momento em que o pensamento a atingiu, a dor de cabeça floresceu, só que desta vez ela mergulhou profundamente dentro de sua mente, fechando os olhos e focalizando a área no cérebro que parecia estar causando tantos problemas.

Ela explorou a área afetada e de repente ela começou a sentir o cheiro de um tempero intrigante, uma especiaria muito familiar... como cardamomo. Como se tentasse puxar um pedaço muito pegajoso de fita adesiva de uma pele muito macia, ela começou a arrancar mentalmente a cobertura estranha na área. Ela estremeceu. Ela cutucou, cutucou, e descascou até que finalmente o último selo cedeu.

A memória que estava camuflada abaixo explodiu e ela se agarrou a pia na frente dela para se firmar.

Ela viu tudo, tal como aconteceu no início da noite, enquanto ela estava na passarela fora de seu escritório, ao lado dela estava Darian. A mulher morta na calçada, a polícia, os paramédicos, o vampiro da morte de pele clara que decidira que o seu sangue precisava descer pela garganta dele.

E... Kerrick. O vampiro guerreiro com enormes asas brancas. O vampiro do clube, o primeiro e único. Guerreiro Kerrick que a protegeu. Seus joelhos dobraram, ainda assim, não de medo. Ela estivera tão dentro dele. O desejo rasgando mais uma vez através dela, pressionando-a bem no meio do seu abdômen.

Ela falou com ele, tocou nele, olhou em seus olhos muito verdes. Sim, seus olhos eram verdes. Ela dissera que queria respostas sobre… o que foi mesmo que ele disse? Sim, sobre a ascensão. Ela implorara que não tirasse suas memórias. Ele a segurou em seus braços. Ele se esfregou em seu pescoço. Ela não queria que ele se fosse.

Não foi à toa que ela pensava que o teria permitido ter tudo dela. Ela já o encontrara antes e ele salvara sua vida. Naquela vez, no entanto, ele exibiu asas esportivas, o anjo-vampiro, ou o que quer que Kerrick fosse, o ser que derrotara o vampiro da morte no complexo médico.

Enquanto ela se agarrava a pia, uma sensação desesperada e familiar voltava a ela, uma intensa consciência de que finalmente encontrara um homem, um guerreiro sim, até mesmo um vampiro; que poderia igualá-la em habilidades, que não teria medo do conhecimento de que ela poderia passar de uma sala para a outra com um simples pensamento, ou mover objetos em torno de um quarto da mesma maneira, ou se comunicar telepaticamente. Kerrick não teria nenhum medo ou preocupação, porque ele poderia fazer as mesmas coisas e ele a queria.

Mas... ele era um vampiro, pelo amor de Deus.

Um vampiro que vivia em uma dimensão diferente.

Sim. Mesma terra, diferentes dimensões.

Vampiro.

Como a palavra se assentava em sua mente, uma nova onda de nostalgia tomava conta dela tão violentamente que ela agarrou a pia mais uma vez e se pendurou nela. A sensação se intensificou, agarrando-se a parte inferior das suas costas e correndo toda a sua coluna. Ela sentia os músculos das costas sofrendo algum tipo de mudança. Ela começou a sentir um estranho formigamento ao longo de toda sua costa em uma larga forma de V. Asas.

O que estava acontecendo com ela? Ela estava sentindo a presença de asas? Asas?

As sensações diminuíram, afastando-se, desaparecendo.

Ainda assim, ela manteve seu agarre na pia. Ela se forçou a respirar enquanto as lágrimas caíam sobre a porcelana branca.

Oh, Deus. Poderia sua noite ficar ainda mais estranha?

Depois de alguns minutos, quando ela havia absorvido a realidade da memória restaurada, quando as lágrimas cessaram, quando seu coração bateu em compassos normais dentro de seu peito, a fadiga a atingiu e ela quis sua cama. Agora.

Ela se despiu, entrou no chuveiro, em seguida, lavou o frisante dos cachos e toda a maquiagem, vendo-os descer pelo ralo. Conforme a água quente caía sobre os ombros, o cansaço cobrava seu pedágio.

Ela precisava dormir um pouco.

Finalmente pronta para a cama, ela subiu entre as cobertas. Ela tentou, a princípio, obrigar-se a dormir, mas durante muito tempo tudo que ela conseguia pensar era no guerreiro chamado Kerrick. Como é estranho querer tanto um homem, um homem que ela mal conhecia. No entanto, ele não era um homem em tudo, não era? Ele era aquela outra coisa. Ela segurou os braços sobre o rosto e recusou-se a pensar mais um instante sobre um assunto tão sem esperança.

Em algum lugar entre todas as suas preocupações, frustrações e desejos, ela começou a pegar no sono. Ela só esperava que não tivesse outro sonho.

Deus a ajudasse.



Após Kerrick engolir pelo menos três copos de Maker's, ele se sentou em um dos sofás de couro, inclinando-se para frente, seus braços sobre os joelhos, o copo gelado embalado em suas mãos.

Seus irmãos guerreiros estavam por perto, esperando, ele supunha, até que ele finalmente recuperasse seus sentidos e dissesse por que ele acabou de fazer o que fez.

A Caverna era um clube apenas para homens, não porque eles não permitissem mulheres, mas porque a maioria das mulheres ficavam revoltadas com o lugar. Sofás de couro próprios para sexo, umas poucas mesas detonadas, uma mesa de bilhar que suportava religiosamente o peso do temperamento de todos os guerreiros. Uma enorme TV de tela plana pendurada em um ângulo torto, com defeito e esperando conserto por... é isso, por três meses.

Perseguindo Alison como um louco, o seu corpo de vampiro furioso por protegê-la, foi uma experiência que o deixou na borda, como se tivesse estado ligado por três noites dirigindo através de alguns milhares de quilômetros de terra aberta.

— Eu devo ter estado fora da minha mente — ele murmurou. Ele tomou outro gole de uísque.

Thorne se sentou ao lado dele, em seguida, agarrou a parte de trás do seu pescoço. — Seu filho da puta sortudo! Isso tem que ser o breh-Hedden. Quero dizer, todos nós pensamos que era um mito, mas isso tem que ser ele!

Os outros guerreiros se aproximaram, então, oferecendo seus parabéns, bem como, batendo em suas costas, falando as zombarias apropriadas.

Ele sentou-se segurando o copo, incapaz de responder, seu peito em agonia.

Então o breh-Hedden viera para ele e a mulher feita para ele estava aqui. Infelizmente, ele não poderia fazer nada sobre isso, não podia ir ter com ela, não poderia trazê-la para perto. Qualquer grau de proximidade com ela seria uma sentença de morte.

A ladainha de suas falhas não era particularmente longa, mas era bem completa. Ele era doutorado em fracasso. Ele conseguiu um A + em todas as grandes merdas de sua vida. No inferno que ele iria adicionar mais um à lista, e este grande aviso de erro estava escrito em tudo sobre essa história. Se ele alguma vez a reclamasse fisicamente, sua morte seria essencialmente garantida. — Eu não vou ver isso acontecer.

Todos os saudáveis tapinhas nas costas, as piadas e as provocações bem-humoradas cessaram de uma vez.

— O quê? — Thorne gritou. — Você não pode largar isso. Ela está aqui. A mulher feita para você, que pode envolver a sua mente, uma ascendente que combina com você em poder e eu posso apenas dizer: Puta merda, mas ela é linda.

Kerrick sentiu seu bíceps inchar possessivamente. Suas presas zumbiam e começavam a aparecer. Ele abaixou o queixo, sugando em um gole de ar, e então jogou para trás o último gole da bebida. Ele virou o rosto para Thorne, seu chefe, seu melhor amigo, seu irmão. Ele balançou a cabeça. Ele tentou engolir, mas não conseguiu desalojar o nó na garganta. Após algumas respirações mais ele disse: — Eu não vou me casar de novo, não enquanto eu for um guerreiro, não há nenhuma maneira no inferno disso acontecer. E eu estou certo como a merda que não vou completar o breh-Hedden com essa mulher.

— Como você pode sequer pensar em desprezar isso? — Luken perguntou. — Os arquivos documentados dizem que completar o breh-Hedden é estar tão perto do céu como você pode conseguir.

Kerrick encontrou seu olhar sabendo que o guerreiro dourado não poderia entender. — Bem, tomei uma mulher e a perdi porque sou um Guerreiro do Sangue. Inferno, tomei a segunda. Veja como me sinto. Demos a luz a um par de gêmeos e vi o comandante explodi-los em um fino spray de sangue e ossos só porque ele queria me machucar. Acredite em mim, você preferiria cortar o seu próprio coração fora do que tentar novamente. Eu não deveria ter me casado pela segunda vez. Eu sabia o que aconteceria e eu sempre me culpo pela morte de Helena e de nossos filhos. A eternidade sozinho? Não é uma ideia tão fodidamente ruim.

— Ah, inferno — Thorne murmurou.

A sala se contorcia com a realidade singular da vida do guerreiro. Eles eram todos malditos alvos, a cada dia e cada noite, e qualquer pessoa ligada a eles.

Maldições impregnavam ar, expressas a partir de um guerreiro após o outro, passando entre eles como um cachimbo da paz. O ar esfriou, e sua determinação se fortaleceu.

— Você é quem manda — Thorne disse calmamente, deslocando seu olhar para o bar e depois de volta para Kerrick. — O que quer que você queira fazer, todos nós vamos apoiá-lo. Há apenas uma coisa, não estou tão certo de que você possa recusar o breh Hedden.

— Bem, foda-se isso — Kerrick disse, levantando-se. — Eu vou ter que ser o primeiro a recusá-lo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Thorne acenou com a cabeça, em seguida, afastou-se. Ele socou no ar várias vezes. Kerrick o viu atravessar a sala, indo na direção da mesa de bilhar. Uma vez lá, ele deslizou suas mãos por baixo do topo, então levantou. Thorne tinha ombros pesados e largos músculos para corresponder. Grunhindo, ele deu um rígido empurrão que fez capotar a maldita coisa para o lado, quebrando duas das quatro pesadas pernas de apoio da mesa. Mais um agachamento e, Thorne, em sua raiva, virou a mesa de bilhar completamente. Cristo.

Kerrick olhou para as pernas enormes, duas inclinadas e quebradas, dois de pé para cima. Ele começou a rir e não conseguia parar. Outros se juntaram a ele. De alguma forma isso era simplesmente perfeito. Se Thorne perdeu a linha, nenhum deles ficaria muito atrás.

Eles estavam todos na borda, montando seus nervos como cavalos chicoteados em um frenesi.

A guerra havia mudado, intensificando-se. Todos sabiam, mas não podiam falar sobre isso. Qual era o ponto? Eles eram guerreiros, precisavam lutar, e eles fariam o que precisavam fazer.

Ainda assim, uma corrente inferior percorreu os Guerreiros de Sangue, uma maldita sequência de raios que nunca dava trégua, mantendo-os envenenados, advertindo de que algo grande e ruim estava no horizonte. O comportamento de Thorne, por si só disse o que precisavam saber.

A simples questão subiu à mente: Como nós, sete homens, supostamente conseguiríamos continuar lutando contra vampiros da morte importados durante as noites de todo o fodido mundo, um após o outro, esquadra após esquadra?

Sua risada explodiu, uma vela apagada pelo vento. Ele cruzou para o bar, pôs o seu copo para baixo, em seguida, andou até a mesa de bilhar de cabeça para baixo. Ele bateu no ombro de Thorne. Thorne encontrou seu olhar, turvos olhos cor de avelã em dor, muita dor. Todos eles sentiram isso, cada maldito deles.

Medichi veio para frente ao lado dele e empurrou na parte de trás da cabeça de Thorne, colocando a mão em seu outro ombro. Luken se seguiu, outra mão sobre Thorne. A mão de Jean-Pierre deslizou em torno de sua cintura. Santiago soltou uma longa interjeição em espanhol, mas soava macia como uma oração. Sua mão encontrou um lugar ao lado da de Kerrick. Zacarias, no entanto, se colocou entre Thorne e a mesa de cabeça para baixo. Ele deu um sorriso torto, estendeu a mão, e materializou sua espada na palma da mão. — Com você até o fim chefe — disse ele, balançando a cabeça.

— Até o fim — a frase saiu de uma voz para a outra, outro tipo de oração, uma promessa compartilhada entre guerreiros, que era proclamada desde o início dos tempos.

— Bem, merda — finalmente, irrompeu da boca de Thorne. Como um sinal flamejante, os guerreiros se afastaram dele, exceto Luken, que mais uma vez deu um tapa no ombro de Thorne, enquanto ele olhava para a mesa de bilhar. Apesar da massa de Thorne, o poder simpático de Luken empurrou o abalado Thorne para frente.

— Obrigado, patrão, você acaba de me dever uma centena de dólares. Eu apostei com Santiago que não iríamos ficar mais um mês sem ter que substituir essa maldita coisa.

Thorne balançou a cabeça de um lado a outro, um gesto cansado. Ele virou o rosto para Kerrick parecendo dez tipos de ruínas diferentes.

Kerrick tinha seus próprios problemas, no entanto, e ele precisava enfrentá-los agora. — Eu quero sair hoje à noite.

Mais uma vez a cabeça de Thorne se sacudiu. — Endelle já atribuiu a você o dever de guardião. — Sua voz era áspera, baixa, desesperada.

— Thorne, você tem que me cobrir nisso.

Thorne plantou suas mãos em seus quadris. — Porra — ele murmurou. — Tem certeza que pode lidar com outro guerreiro tão perto dela, dia e noite, durante pelo menos três dias?

A mandíbula de Kerrick endureceu. — Eu vou ter que conseguir.

Thorne sustentou seu olhar fixamente por um longo momento, então finalmente disse: — Você tem certeza disso?

— Sim. Eu tenho certeza.

— Certo. Dirija-se para casa, mas mantenha o seu telefone a postos.

Kerrick assentiu. — Você vai chamar se as coisas forem ao inferno?

— Você sabe que eu irei.

Thorne limpou a garganta. O cascalho se aprofundou em sua voz conforme ele se dirigia aos guerreiros. — Endelle sem dúvida virá por nossas bundas por toda a noite. Então, basta estarem preparados.

Uma série de obscenidades murmuradas baixinho retumbou pela sala, cada boca trincando os molares. O ar cheirava a queimado.

Merda. Isso realmente não podia ser bom.

O que quer que seja.

Ele estava voltando para sua casa. Não, não à sua casa, ao seu porão, o buraco em que ele vivia, a sua reduzida e miserável existência, mas oh-tão-necessária.

Pelo menos ele não veria Alison novamente. Esperançosamente não por um longo, longo tempo.

Sonhos criam o caminho,
Mas os pés devem cruzar o limiar.
Provérbios coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 7

Enquanto o Alto Administrador Crace revisava outro relatório sobre a fêmea mortal Alison Wells, ele tinha um novo problema de suor em desenvolvimento. Mesmo sua respiração havia tomado em um tom borbulhante.

Ele se sentou em seu escritório recentemente confiscado, a testa abaixada, enquanto segurava um dos vários relatórios na mão. Como isto era possível? Ele nunca ouviu falar de um ser humano da Terra Mortal capaz de desmaterializar-se. Merda.

Ele olhou em volta. Pelo menos ele tinha um escritório agora.

Em dez anos, ele removeu um muito furioso general de seu lugar de maciça autoridade. Embora não seja tão grande quanto o escritório do comandante, o local de trabalho do general provava o axioma, "O tamanho importa". Crace poderia ter tomado o menor espaço que foi oferecido a ele, mas o general cometeu o erro de retorcer seu lábio para Crace no momento da sua apresentação, de modo que, é claro, ele não teve escolha além de desempossar o bastardo.

O espaço era intocado, como deveria ser, um reflexo da mente militar disciplinada. A mesa estava limpa, era grande e retangular, a cadeira, ergonômica. Uma das paredes do escritório guardava um conjunto de quatro armários negros trancados com gavetas de aço que serviam com arquivo. Em cima dos armários assentava-se uma jardineira que se estendia ao longo do arquivo. Pés de avencas enchiam o espaço se espalhando por todo o caminho até o teto.

Ele aprovava. As plantas limpavam e umidificavam o ar do deserto. O oxigênio mantinha a mente afiada.

Em seu escritório em Chicago, ele empregava um jardineiro japonês em tempo integral que mantinha seus dois jardins interiores e exteriores em estado impecável. Ele ganhara sucessivos prêmios por suas azaleias especializadas. Ele perdeu os efeitos calmantes de andar pelos caminhos de cascalho, e com os seus Guccis deslizando sobre o seu traseiro úmido agora mesmo, ele estava certo como o inferno de que poderia usar um pouco de verde calmante.

Sobre sua mesa estava a última versão de PC, a CPU embutida na grande tela. O teclado também era ergonômico. Embora o hardware apelasse à sua sensibilidade estética, ele era da velha escola e gostava da sensação dos relatórios em mãos, o fichário de bordas lisas, as folhas individuais entre o polegar e o indicador enquanto ele virava as páginas.

Tudo muito bem.

Mas o conteúdo.

Inferno Santo.

Ele passou a última hora revendo a pilha de relatórios, trinta centímetros, que o Comandante Greaves entregara a ele concernente à ascendente mortal, Alison Wells. Basta dizer que seu peito agora parecia amarrado com tiras de aço e as suas cuecas estavam, claro, úmidas.

Tanto por um assassinato tão simples.

O que ele acreditava que seria uma tarefa simples, dar cabo de uma mulher mortal tomou a qualidade de um pesadelo, aquele em que você tentava correr, mas suas pernas não se moviam.

Ele leu, *A mortal é a ascendente mais poderosa desde a chegada de Endelle há nove mil anos. Ela tem todas as habilidades da Segunda Terra.*

Jesus.

O comandante mandou seus espiões atrás da ascendente todos os dias durante o ano passado, avaliando-a, aprendendo sobre seus poderes, observando suas atividades. Havia até uma anotação absurda sobre o nível que ela alcançara no sudoku.

É claro que a sua mente tropeçou nesta informação e ele sentiu-se inseguro sobre o próximo passo. A ascendente ia ter, sem nenhuma dúvida, um Guerreiro de Sangue em total modo de guarda para protegê-la durante seu ritual de ascensão.

Doce Jesus.

Então, sim. Ele estava no meio de um pesadelo. Conforme ele continuava a virar as páginas, um novo pensamento surgia, um que mantinha um forte aperto em sua virilha com as possibilidades. Se ele mesmo bebesse da mulher até a morte e conquistasse os seus poderes, ele seria tão forte como o Comandante Greaves? Mais forte?

Ele flexionou suas nádegas e se mexeu na cadeira para dar lugar a uma súbita ereção.

O Comandante se materializou na frente de sua mesa. — Deixe esse pensamento de lado, Crace. Não se engane. Uma vez que você chegue perto o suficiente da ascendente Wells com tal propósito em mente, ela vai incinerar a sua massa cinzenta.

Crace levantou o olhar dos relatórios, em seguida, atirou-os a seus pés.

Merda.

O comandante havia lido seus pensamentos antes que aparecesse na sala. Crace deveria ser mais esperto do que isso.

— Comandante — ele murmurou. Ele curvou-se, permanecendo na mesma posição, na esperança que sua óbvia excitação diminuísse rapidamente.

— A Comissão foi informada da recusa da ascendente para se juntar a minhas fileiras. Você tem aqui a permissão para prosseguir na preparação para um ritual iminente de ascensão. Persista em seus planos. Mantenha-me informado. Eu estarei em Genebra pelas próximas horas. Depois eu tenho vários Altos Administradores para cuidar. Eu não tenho certeza de quando eu estarei de volta em Segunda Phoenix. Nesse meio tempo, por favor, mude-se do seu hotel para a suíte ao lado de meus aposentos aqui no complexo. Está claro?

— Sim, Comandante. Obrigado, comandante.

Permissão para prosseguir.

Mudar-se para a suíte ao lado da mão direita de Deus.

Ele se levantou da sua posição curvada, suas cordas vocais cantarolando, seus lábios entreabertos prontos para reafirmar-se ao comandante. Infelizmente, sua divindade havia desaparecido.

Crace soltou um suspiro. Ele recostou-se, ciente de suas calças de novo colando. Ele realmente precisava trocá-las de novo, mas ele não queria deixar sua mesa. Ele não podia acreditar que toda essa boa fortuna estava acontecendo com ele. Uma chance na Mesa Redonda e agora a suíte ao lado do comandante. Sua estrela estava em ascensão, ascendente.

Ele riu de sua piada.

Certo.

Isso era bom.

Santa merda... a suíte ao lado do comandante.

Sua excitação latejava. Ele precisava de sua esposa. Ele já havia chamado-a de Chicago. Ela o encontraria em seu quarto no Hotel Bredstone, e mais tarde ele iria receber dela o alívio que precisava: seu corpo, seu sangue, sua mente.

Enquanto ele olhava para os relatórios mais uma vez, um plano começou a se formar. Ele acreditava em manter as coisas simples. A ascendente estaria respondendo ao seu chamado para a ascensão em breve, em uma das Fronteiras, perto de um Portal dimensional, e quando ela o fizesse, ele teria três esquadrões de vampiros da morte no lugar para acabar com ela. Simples, direto ao ponto, a tarefa cumprida.

Desde que o guardião guerreiro dela provavelmente estaria a frente, ele precisaria enviar junto a esquadra pelo menos um dos generais do Comandante, um guerreiro poderoso, para se assegurar de que o guardião morresse junto com ela. Felizmente, o comandante Greaves virara um Guerreiro de Sangue mais de um século atrás. Sim, o guerreiro General Leto faria, uma atribuição mais adequada para ele.

O que poderia ser mais simples?

Oh, Deus, um assento na Mesa Redonda.



Havily bateu o pé e olhou para seu telefone.

Pela vigésima vez ela pisou na frente das portas de correr.

Nada.

Ela chamou a Central. Novamente. Ela ouviu a voz de Jeannie, de repente as portas moveram-se, separando-se, uma suave lufada de ar sobre o rosto.

Finalmente. Ela olhou para a hora. Apenas passava das dez horas.

Ela foi mantida à espera por uma hora.

Ela deslizou seu telefone de volta no bolso da calça, pegou seu mostruário portátil e sua pasta, em seguida, marchou para dentro. Uma trilha de luzes iluminava o caminho para o escritório.

Desacelerou seus passos quando a sua visão periférica avistou o caos do núcleo administrativo. Ela parou e virou-se em horror. Havia filas e filas de mesas indo até o infinito, cada uma atulhada de papeis. Ela balançou a cabeça para trás e para frente, para trás e para frente.

Isso é ridículo.

Será que ninguém nunca ouviu falar de um escritório sem papel?

Ela mergulhou o queixo e retomou seu curso, pegando seu ritmo. Ela virou-se para um largo corredor à esquerda. Na outra extremidade, uma cunha de luz em ângulo para o corredor. Escritório de Madame Endelle.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Após passar por uma dúzia de paredes de vidro dos escritórios executivos, também empilhados de papeis, ela chegou à porta. Ela puxou uma respiração profunda propositalmente ao mesmo tempo em que cruzava o limiar.

Endelle levantou os olhos para ela. Apenas um olhar, um breve bater dos negros e grossos cílios, nada mais antes que ela retomasse a leitura de um relatório sobre sua mesa. — Eu preciso de você na função de conexão, Havily. — Função de conexão? Endelle nunca falou diretamente com ela sobre atribuições de conexão. — Isso é importante. — Ela jogou uma pasta clara de cor lavanda em direção a Havily do outro lado da mesa. A pasta apenas deslizou até a borda. — Tudo o que você precisa saber está aí dentro. As coisas vão ficar confusas, mas eu tenho Kerrick na atribuição de guardião, então você provavelmente não vai precisar estar na primeira linha de defesa. Prazer em vê-la novamente, blah-blah-blah. Thorne entrará em contato com você quando você for necessária. Boa noite.

Havily olhou para a cabeça inclinada. Madame Endelle embaralhava papeis e começava a ler outro relatório. Ela sentiu uma rápida onda de vermelho chegar a suas faces, um formigamento familiar, o que significava que ela deveria se retirar agora e recolher as rédeas do seu temperamento de vampiro. — Perdão? — a palavra saiu cortada, quase frágil, certamente um desafio.

Endelle congelou, levantou um olhar gelado, em seguida, recuou na cadeira, de costas contra uma montanha de reluzentes penas azuis. Como ela faz isso? Como ela se senta em um ninho de suas próprias asas? As costas de Havily doíam só de olhar para as penas dobradas e contorcidas.

O queixo de Endelle subiu e seu olhar buscou o de Havily a todo vapor, dois olhos castanhos e hostis, delineados como cascas de um antigo carvalho. Ela usava algum tipo de impressão animal, chita talvez, o que aumentava a sensação de ameaça em seus olhos. — E evidentemente, eu devo perdoar você. Que merda que você quer dizer ao falar assim comigo? Você tem a sua atribuição. Thorne vai chamá-la quando ele precisar de você. Agora dê o fora do meu escritório.

Novamente Havily sentiu um formigamento nas bochechas, outro aviso para começar a se afastar, para colocar seus pés nos pedais da bicicleta e começar a rodar para fora do escritório, à velocidade da luz, de preferência. Ao contrário, ela realmente se adiantou. Ela esperou por anos para falar com Madame Endelle, face-a-face. Ela largou a maleta da mão esquerda e ouviu o impacto suave sobre o tapete. Seu braço direito se levantou, então o resto do que ela planejara, para seu horror, ocorreu em uma velocidade sobrenatural.

Antes que Endelle pudesse piscar novamente, a nova proposta para o complexo militar-admininstrativo estava diante dela, em cima do relatório que estava lendo, o portfólio como base, a coisa toda uma arquitetura moderna. Era um trabalho de grande beleza, e tomou uma boa porção da mesa gigantesca de Endelle.

Muito mais importante que a estrutura física era a completa reorganização de funções e responsabilidades, o que criaria uma eficiência atualmente inexistente nas operações de Endelle. Havily moveu-se para o lado da mesa para que ela pudesse ver a Alta Administradora Suprema,

enquanto desenrolasse seu discurso ensaiado. Ela começou a explicar a liberdade que Madame Endelle obteria adotando seu plano. Ela não conseguiu soltar mais do que quatro frases quando as asas da Endelle mudaram da luminosa cor azul para apresentarem um denso negro meia-noite. Ela levantou-se. Suas narinas deflagando-se.

Apesar da natureza desagradável destes sinais, Havily pressionou, dando estatísticas sobre horas e eficiência, quando de repente o projeto de arquitetura explodiu em chamas, um incêndio súbito e monstruoso. Conforme as chamas atingiam o teto, Havily afastou-se vários passos, quase alcançando a lareira.

No momento seguinte as chamas desapareceram abruptamente, bem como até mesmo o menor grão de areia de seu projeto. Desaparecido. Foi-se. Fim do assunto.

Havily teve o pensamento levemente histérico de que o seu trabalho de três anos, foi simplesmente em meio a fumaça.

Seus lábios se separaram. De todas as coisas que ela esperara acontecer durante a entrevista, ela não esperava isso, uma completa falta de vontade da parte de Madame Endelle para ouvir sequer uma palavra do que ela ansiava por dizer, o discurso que praticara dezenas de vezes diante do seu espelho.

A Alta Administradora Suprema sustentou o olhar de Havily por um momento muito tenso, então disse: — Eu estou tentando manter viva uma mortal, para não mencionar a tentativa de impedir que toda a Segunda Terra caia nas mãos de um monstro, e você me traz uma maldita casa de bonecas? Apenas faça o seu fodido trabalho, Morgan, e dê o fora do meu maldito escritório.

Havily olhou para a pasta lavanda, que caíra no chão em meio ao caos. Ela estendeu a mão e trouxe-a em um longo deslizar através do ar para a palma da mão. Ela virou-se em seus saltos negros profissionais e deixou sua maleta largada no chão. Qual o motivo? Ela esperava que Endelle tropeçasse nela.

Ela andou rapidamente pelo amplo corredor com todas aquelas paredes de vidro e ignorou as lágrimas correndo por suas bochechas.

Quando ela estava a dez passos das portas de correr, algo grande passou zunindo por sua cabeça. Oh, sua maleta na forma de um foguete que atingiu e em seguida demoliu um dos painéis de vidro que davam para o corredor. Ela parou por um momento, olhando para o vidro estilhaçado.

Perfeito.

Ela ergueu o braço e se desmaterializou de volta para seu escritório. Ela andou toda a extensão da sala de um lado a outro e voltando, forçando o seu coração e mente a se estabilizarem. Sua decepção foi pesada e dolorosa também. As lágrimas não paravam. O que estava errado com a Alta Administradora Suprema para que ela não ouvisse sequer uma ideia?

Ela suspirava enquanto tomava medidas rápidas. Ela esfregou suas faces, materializou um lencinho em sua mão, e assuou o nariz. Ela tinha muito a contribuir. Ela poderia fazer a diferença na guerra. Por que não conseguiu fazer Madame Endelle ouvi-la?

Depois de alguns minutos, ela começou a se acalmar. Mais alguns minutos e ela pegou a pasta lavanda uma vez mais em suas mãos, em seguida a abriu.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Alison Wells — ela murmurou. — Blá-blá-blá... empatia sobrenatural, desmaterialização de objetos, escudos mental, blah-blah-blah. — Com tanto poder, o comandante estaria provavelmente planejando sua morte. Mesmo com todos os sete guerreiros guardando seu traseiro, Alison Wells provavelmente não sobreviveria suas primeiras duas horas na Segunda terra. Hah!

Estes pensamentos verdadeiramente mesquinhos tiveram um efeito. A raiva de Havily evaporou enquanto sua consciência a chutava. Dizer que ela estava muito desapontada era dizer o mínimo. Ela sabia que tinha em seu poder os meios para fazer uma enorme mudança para melhor na administração de Endelle. No entanto, esta ascendente, a mortal Alison Wells, não deveria ter que pagar por seu temperamento.

Enquanto ela lia o documento, seus olhos se arregalaram e ela sugou ar entre os lábios franzidos. A mortal podia até desmaterializar! Bom Deus, ela era poderosa. Ela provavelmente esteve se escondendo na Terra, talvez não literalmente, mas em uma dúzia de outras maneiras. Ela precisaria de informações, montes delas, apenas para manter sua sanidade.

Muito bem.

Ela virou sua mente organizada para a tarefa em mãos e moveu-se para sua mesa. Ela começou a fazer anotações, todos os tipos de notas, começando com, *Tentar explicar a difícil, insensível, e bastante antiga Alta administradora Suprema como dar esperança a uma ascendente.*



A meia-noite, como prometido, Marcus dobrou, chegando aos degraus fora da sede administrativa de Endelle. Ele não esteve na Segunda Terra há muito tempo, nem mesmo para ver as alterações que haviam ocorrido. Quando ele olhou para o enorme edifício, em seguida, virou-se em um círculo, a arquitetura o atordoara, assim como o fez o paisagismo extenso e intrincado. Jardins suspensos em cascata de dezenas de andares.

Desde que ele havia construído metade de sua enorme fortuna em cima do altamente lucrativo comércio entre a Terra Mortal e a Segunda, ele viu muitas fotos, é claro. No entanto, as fotos não conseguiam capturar a beleza que o Segundo mundo moderno ascendente havia criado. Phoenix Um tinha muitos edifícios fortes, mas nada como isto.

O ar cheirava diferente do que na Terra Mortal bem mais limpo, é claro. Havia menos habitantes para destruir o meio ambiente e também havia um profundo compromisso com a vida vegetal, que passava por um longo caminho para manter o planeta saudável, limpo, oxigenado.

Ele tomou uma respiração profunda. Seu peito parecia estranhamente apertado, absurdamente emocional. A Segunda Terra foi seu lar por trezentos e oitenta anos antes dele se encher e retornar em seu autoexílio para a Terra Mortal.

Agora ele estava... em casa.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Maldição. Sua natureza de vampiro ascendido sabia a diferença entre a Terra Mortal e a Segunda. Ele não esperava se sentir assim, ter um tão profundo senso de pertencer a algo.

Ele rangeu os dentes. No entanto, qualquer que fosse o nível que a sociedade global foi capaz de atingir em termos de meio ambiente, as lutas pelo poder foram um desastre, e a morte de sua irmã foi a última gota. Ele culpou Kerrick por ter se casado com ela, por ter feito dela um alvo, e ele ainda também culpava tantas outras coisas. O comandante, por exemplo, deveria ter sido exterminado há séculos atrás e a administração de Endelle era um sumidouro.

Ele se mudou para dentro. Não conhecendo a disposição do edifício, ele tomou o elevador até o topo.

Uma vez no corredor, ele viu o vidro quebrado e fez uma pausa. Virando-se, percebeu uma maleta preta contra a parede oposta, onde os restos cintilantes de vidro faziam uma trilha até um ponto final.

Instintivamente, ele agachou-se. Sua contenção de asas criava uma vibração constante. Ele respirou fundo. Ele estendeu os seus sentidos, alcançando o alvo inimigo. Nada voltou a ele.

Hum.

Conforme se levantou, ele avaliou a situação, em seguida, bufou. Alguém perdeu seu temperamento, sem dúvida. Típico.

Ele não se incomodou com as portas deslizantes. Ele passou por cima do batente de metal debaixo da janela quebrada. As luzes estavam apagadas por todo o trecho sul das estações de trabalho. Seu olhar fez uma varredura rápida, a caça de qualquer coisa fora do lugar, uma piscada de luz, uma peça de mobília, qualquer coisa.

Mas a única coisa que ele detectou como incomum foi um aroma estranho no ar, uma espécie de perfume que fez os músculos do seu pescoço saltarem... e, merda, os músculos da sua virilha apertarem.

Mas que diabos?

Ele olhou para cima e para baixo no largo corredor. Tudo o que ele viu foram algumas curvadas e doentes palmeiras em enormes vasos de bronze e uma fileira de plantas cor de rosa de aparência doentia de frente para a parede de vidro do escritório, nada que pudesse explicar o aroma fresco e floral bastante doce que o atacou. Ele deflagrou suas narinas, seus lábios se separaram, e tomou o perfume, respirando-o todo o caminho até seus pulmões e cérebro. Ele exalou e respirou novamente.

A fragrância o deixou tonto e seu coração acelerado, como ele precisava estar preparado para dar início a uma caçada. Mais uma vez suas contenções de asa responderam, vibrando, preparando-o para o voo.

Porra estranha.

Que porra sua Supremacia estava fazendo bombearem através do sistema de ar condicionado e por que aquilo dava a ele a estranha sensação de bem-estar? Sem falar que ainda afetava sua libido. Ele tinha uma súbita ereção

Puta merda.

Ele ignorou o cheiro estranho e a reação do seu corpo ao perfume. Seu olhar pairava sobre o mar de mesas. Uma montanha de desgosto se seguiu. Com toda a tecnologia moderna disponível para a Segunda Terra, por que havia ali aquelas pilhas de quilômetros de altura de papel em toda parte? Endelle ainda não ouviu falar de escritório sem papel?

Ele deu de ombros.

O que quer que seja.

Ele só ficaria aqui durante três dias, quatro no máximo.

Ele seguiu o caminho de luzes em um corredor à sua esquerda. Moveu-se passando pelas paredes de vidro dos escritórios. Mais uma vez todas as salas eram abarrotadas com pilhas de papel. Ele balançou a cabeça, em seguida, parou do lado de fora da porta do escritório do Endelle. O cheiro era mais forte agora e muito familiar. O que era aquilo que ele estava cheirando? Ele fechou os olhos e correu através da memória de uma vastidão de flores, começando com as que ele enviou para as mulheres que ele pretendia levar para a cama. Não eram rosas, não eram cravos, nem lírios. Que diabos era isso?

Uma memória antiga o atingiu.

É claro. Sua irmã, Helena, havia plantado este arbusto em Segunda Scottsdale, no terreno da mansão enorme da casa que ela construíra com Kerrick. Ela havia plantado uma dúzia ou mais de arbustos contra um longo muro de pedra há muito tempo na parte de trás da propriedade. As plantas tinham prosperado, crescendo em grandes montes. Beija-flores de penas verdes vinham ao redor para apreciar as flores caneladas vermelhas, e os pardais construíram ninhos no fundo. Sim. Ele estava sentindo o cheiro das malditas madressilvas, uma fragrância que ele amava. Ele sempre a preferira e agora mesmo parecia que ele tinha um pouco delas debaixo de seus pés. Ele estava duro novamente também. Então, onde diabos estavam vindo todas essas sensações?

Ele plantou as mãos na cintura e sacudiu a cabeça. Segunda Terra, besteira.

Mais uma vez... seja o que for.

Ele afundou o queixo e forçou seus sentidos a se limparem. Quando ele esteve pronto, ele deu um empurrão na porta, avistando uma mulher que ele não vira em 200 anos, e soltou um sorriso meio latido. — Dormindo no emprego, Madame Supremacia?

Endelle virou a cabeça para cima, um rastro de saliva correndo de sua boca. Ela limpou a baba com um rápido passar das costas das mãos. — Marcus, você seu maldito idiota! Você quase me assustou até a morte. — Ela olhou para o relógio em sua mesa. — Bem. Eu dormi por meia hora. O suficiente para definir um novo recorde.

Marcus poderia ter tido uma vingança, se estas simples palavras não tivessem dado um forte tapa no rosto. Endelle nunca dormia?

— Oh, merda. Eu babava sobre o relatório de Buenos Aires. — Ela finalmente encontrou seu olhar. — O comandante matou meu embaixador cerca de uma hora atrás.

Puta merda. — Então ele está matando embaixadores agora?

— Claro. Por que não? Ele é um homem ambicioso. — Ela olhou para ele de cima a baixo. — E você ainda é um vampiro quente. Porra, Marcus. Dois séculos na Terra Mortal não mudou você em nada, exceto que você parece maior. — Seu olhar o percorreu de ombro a ombro.

— Eu trabalho fora — disse ele.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Então eu vejo. — Um sorriso curvou seus lábios. — Obrigada por vir.

— Eu disse que viria. Eu só espero que isso seja malditamente importante.

— É. Eu tive relatos dos Videntes de todo o mundo que esta ascendente tem a capacidade de mudar a maré da guerra. Sem detalhes, no entanto.

Marcus assentiu. — Então, há quanto tempo ela está em seu ritual de ascensão?

— Ela não respondeu ao seu chamado ainda.

Marcus fez uma careta. — Então por que diabos estou aqui?

— Relaxe, bonitão. Deve ser a qualquer momento agora. A ascensão é iminente.

— Só isso? Iminente. — Isso não fazia sentido, não nesta ou em qualquer dimensão. Ele estreitou os olhos. — E, a propósito, o que diabos você quer dizer com esse, sem detalhes? Você costumava ter uma rede Vidente incomparável. A informação que você tem sempre manteve você um passo à frente de Greaves.

Endelle baixou o queixo, e seus olhos castanhos escuros estriados. — A rede de Inteligência dos meus Videntes encolheu para o tamanho das bolas de um sapo e não, eu não sei por que desde que o administrador do estabelecimento, por lei, não tem que deixar ninguém da Segunda Terra passar através de sua porta da frente. Sim, você deve parecer chocado. Temos um monte de novas regras aqui na Segunda Terra porque temos essa fodida comissão, COPASS, que agora me diz onde, quando e como limpar minha bunda. Quanto a informações globais dos Videntes, são muito menos confiáveis. A maioria dos Videntes, como você sabe, estão em dívida com seus Altos administradores locais.

Ele franziu o cenho. — COPASS?

— O Comitê para supervisionar o processo de Ascensão para a Segunda Sociedade.

Marcus riu. — Quem diabos compôs esse nome? É uma piada, certo?

Endelle revirou os olhos. — Ninguém pensou em verificar a sigla antes da votação acontecer.

— Outro bando de fodidos idiotas burocráticos.

— Muito verdadeiro, mas isto tem simplificado a guerra, trazendo para perto, e por isto eu deveria ser grata.

— De que forma a guerra fica simples? É uma espécie de paradoxo, você não acha?

Endelle encolheu os ombros, e por apenas um momento ela sentiu cada um de seus nove mil anos como um peso em seus ombros. — Uma das primeiras regras postas em jogo era uma regra de proximidade. Ataques envolvendo os Guerreiros de Sangue apenas ocorrem nas Fronteiras. Ataques legais, isso sim. Casas, fazendas, seja o que for, de ambos os Generais de Greaves e meus Guardiões da Ascensão estão fora dos limites. Nenhum dano corporal é permitido, qualquer um.

— O que acontece se as regras forem violadas?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Reclamações são arquivadas, datas nos tribunais são definidas, os juízes presidem, e vampiros da morte são executados, geralmente perdemos rapazes, mas a linha inferior é onde a guerra é mais contida do que era.

Ele franziu o cenho. — Mas isso não impede que vampiros da morte depredem cidadãos comuns em qualquer dimensão, não é?

Endelle balançou a cabeça lentamente. — Vampiros da morte precisam de sangue morrendo, por isso não, mas a nossa Força de Milícia é forte agora. Embora o problema inerente não tenha mudado.

— Quatro guerreiros da milícia para derrubar um vampiro da morte.

— Sim.

— E Greaves concordou com essa regra de proximidade? Realmente.

— Merda, sim. Você sabe quantos dos seus generais que foram destruídos antes da regra de proximidade?

— Muitos. Então, por que no inferno você concordou com isso?

Endelle ficou em silêncio, sua boca sombria. Ele esperou, mas não falou. Ela apenas olhou para ele com seus antigos olhos castanho.

Então ele percebeu o porquê disso, e seu temperamento queimou. — Maldição — ele gritou. Ele socou o ar e andou em círculo. — Isso foi por causa da minha irmã e seus filhos. Você fez isso por causa deles. Uma gorjeta pequena e com um dia de atraso, Endelle.

Ela pegou seu olhar e o sustentou firme para que ele parasse de andar. — Você acha que eu não me senti culpada como o inferno sobre o que aconteceu com eles?

Ele desviou o olhar. Jesus, a dor da coisa toda começou pelos seus pés, correu até suas pernas, bateu seu abdômen, e torceu o estômago em um nó. Merda. — Não foi culpa sua. — Nem mesmo um pouco, desde que ele sabia exatamente onde estava a culpa.

Ela lançou um suspiro. — Eu sei que não é isto o que você queria, voltar, mesmo por uma vez, mas é muito fodidamente bom ter você aqui.

Marcus resistiu ao empurrão, o puxão profundo dentro de sua alma sussurrando que ele estava em casa. Ele conhecia Endelle por toda a sua vida ascendida, quatro milênios. Eles tinham uma longa história juntos, o dobro do tempo que até mesmo Thorne. Mas que diabos ele estava se tornando. Ele simplesmente não poderia.

— Três dias, Endelle, a contar do momento em que a fêmea responda seu chamado para a ascensão, e nem um segundo mais. Então, por que você me reconvocou? Por que agora?

Endelle encolheu os ombros. Ela tamborilava os dedos sobre a mesa. — Eu tenho um espasmo nas costas me dizendo que o Comandante está pronto para nos dar uma boa foda no rabo.

— Sua linguagem ficou ainda mais florida desde que eu estive aqui da última vez. E falando de flores, o que diabos você tem feito? Você tem um dispersador de perfumes pendurado por aí, ao redor? É ainda mais forte aqui. Algum tipo de madressilva.

As sobrancelhas dela se levantaram em perfeitos arcos sobre seus olhos castanhos. Ela realmente se recostou na cadeira, e um sorriso se formou no lado esquerdo da boca. — Algo

florido, hein? Desculpe. Sem perfume, sem dispersadores. Talvez um dos administradores trouxe uma garra de spray com aromatizadores. Claro, havia uma mulher aqui um par de horas atrás. Talvez você esteja sentindo o perfume dela.

Ele sentiu-se desconfortável, como se seus nervos estivessem sendo raspado um de cada vez. Ele olhou ao redor. — Seja o que for, é irritante como a merda fora de mim.

— Afetando você Johnson?

Ele apenas olhou para ela. Como diabos ele poderia concordar com isso.

Por alguma fodida razão, Endelle começou a rir. — Bem, bem. Não é este um pontapé no traseiro. Dois em uma noite. Não pode ser uma coincidência. Jesus. Eu estou começando a sentir-me... esperançosa.

— Sobre o que diabos vocês está a divagar? Dois o quê? — ele continuava olhando ao redor, tentando fixar o cheiro, que agora fazia cócegas em suas bolas. Jesus. Cristo.

— Então — Endelle falou arrastado. — Você ainda sabe como usar uma espada?



Dentro do sonho, um beco no centro de Phoenix pulsava com energia. Alison caminhava no asfalto fraturado, seu coração iluminado, sua mente brilhando. Ela estava esperando por isso a sua vida inteira, por um evento tão extraordinário que sua vida mudaria para sempre, transformada, aquilo tudo iria enfim fazer sentido para ela; a estranheza de suas habilidades e poderes, sua sensação de não se encaixar, os anseios profundos que ela experimentava e que durante as últimas semanas deram a ela uma dor forte no peito.

O sonho mudou. De repente apareceu Darian, o homem agora tão conhecido por ela como o Comandante Greaves. Ele se materializou na frente dela, acenando para vir com ele, para estar com ele, para servi-lo. Medo correu sobre sua cabeça em ondas pesadas. Seu coração batia forte em seu peito. Suas pernas tremiam. O beco tornou-se um lugar de perigo.

Darian sorriu com seu jeito suave no início, então seus grandes olhos redondos estreitaram. Uma luz feroz entrou em seu olhar. Sua mão esquerda transformando-se em uma garra assustadora.

Seu coração trovejou contra suas costelas. Ela precisava sair do beco agora. Ela tentou se mover, afastar-se dele, para ir à outra direção, mas seus pés não se mexiam. Ele avançou, mais perto, mais perto. Ainda é tempo. Venha para mim. A garra chegou até ela.

Alison acordou. Sentou-se. Ela estava encharcada e tremendo. Ela cobriu o rosto com as mãos. O que estava acontecendo com ela? Por que os sonhos? Por que Darian? Por que o beco? Por que esse desejo tão feroz que parecia que seu coração estava prestes a explodir?

Por que os vampiros e um clube de vampiro?

Ela deslizou as pernas para o lado da cama. Ela usava uma camiseta e pijama de algodão macio, mas o tecido úmido irritava, de repente muito quente, a pele muito sensível.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

O sono não a encontraria novamente em breve. O sonho a destruiu de todas as formas possíveis. Ela ainda travava uma luta pesada contra as lágrimas.

Seus pensamentos voltaram para o clube, para ver o guerreiro chamado Kerrick. Algumas das tensões dentro dela relaxaram enquanto ela enfrentava suas memórias dele.

No complexo médico ele chamou a si mesmo de seu guardião. O que ele quis dizer com isso, e o que exatamente era este mundo tridimensional em que ele vivia? E por que ela estava tão ridiculamente atraída por ele?

Ela se levantou, cruzou os braços sobre o peito, em seguida, passeou por seu quarto, para frente e para trás. Ela apenas não entendia a sua presente realidade. Ela se sentiu compelida a ação, para fazer algo, mas o quê?

Ela olhou para o relógio. O ponteiro dos minutos apenas acabara de passar das duas da manhã. Ela tomou uma decisão rápida. Ela iria para o beco agora. Deveria haver uma razão pela qual este lugar em particular em Phoenix continuava chamando por ela, continuava aparecendo em seus sonhos.

Enquanto ela vestia uma camiseta, jeans e um suéter leve, as dúvidas a atormentavam mais uma vez. Duas da manhã não era exatamente a hora para ver o melhor em uma cidade, especialmente em algumas das áreas empobrecidas adjacente ao centro de Phoenix.

Por outro lado... os sonhos! Ela estava doente por causa deles, de acordar com eles, de acordar suada e escorregadia por causa deles.

Os acontecimentos da noite jogaram sua vida para o ar, e ela precisava descobrir exatamente onde todas as peças aterrissaram na terra. Afinal, precisava haver uma razão muito específica porque ela continuava a sonhar com este beco miserável.



Passando quinze minutos das duas da manhã, Kerrick acordou com um torcicolo. Ele caiu adormecido em uma cadeira em sua biblioteca e, aparentemente, torceu seu pescoço durante o processo. Ele esfregou os músculos, encontrando algum alívio, embora não muito.

Ele olhou para baixo. Ele caiu no sono com um livro sobre a história da ascensão em seu colo escrito por um francês pretensioso que uma vez atendeu pelo nome de Philippe Reynard. Reynard ensinou na universidade em Segunda Scottsdale e aumentou seu reconhecimento como especialista em seu campo. No entanto, as informações procuradas por Kerrick, no caso, como superar o breh-Hedden, ou mesmo qualquer informação útil sobre o assunto, apenas não havia aparecido neste tema muito pomposo, *Tratado sobre a Ascensão: Uma Perspectiva Cultural e Análise.* Jesus.

Reynard chamou os Guerreiros de Sangue de a honrada espinha dorsal da sociedade moderna, a esperança do futuro, a fonte de todas as coisas boas. Aquilo parecia com um elogio, assim como o próximo, mas essa merda o irritou. Os guerreiros não eram nada, além de honrados,

e assim como uma fonte para todas as coisas boas, um esquadrão da morte para as coisas azuis, pálida teria sido muito mais preciso.

Bem, graças a Deus ele tinha a noite de folga. As coisas pareciam estar bem quietas. Thorne não havia chamado nem uma vez. Bom. Ele poderia descansar, reforçar a sua determinação, e colocar algumas estratégias em andamento para evitar qualquer contato com Alison e na sua escolha para ascender.

Ele olhou ao redor da espaçosa sala de dois andares. Prateleiras, escadas, livros e uma escadaria em espiral em ferro forjado. Um patamar superior e uma passagem levavam em um semicírculo em uma distância de dois terços do caminho acima do piso, onde mais prateleiras e livros completavam os restantes três metros até o teto abobadado. Um par de cortinas de veludo carmesim que ladeavam uma janela de vidraças multifacetadas virada para o norte, protegia o conteúdo do museu, assim como a biblioteca contra a luz direta.

A mansão inteira foi um esforço conjunto, a sua influência resistente masculina, e a habilidade de Helena para superar sua rigidez absurda e dar uma graça real a cada linha. Esta realmente foi sua casa e Helena fez dela um lar, especialmente quando as crianças vieram, seu filho e sua filha. É claro que eles teriam uma grande família. Dez anos depois, Helena, Kerr e Christine foram embora. Eles deixaram para trás um enorme buraco em seu coração, um que nunca seria preenchido, um coberto com seus votos.

Seu telefone zumbia.

Ele deslizou o telefone fino do bolso das calças e apertou o botão. — Manda.

— Desculpe, Kerrick. Hora do barulho. — A voz de cascalho de Thorne tinha se dividido em três ressonâncias, um sinal claro de que seu nível de estresse dobrara até outro patamar. De todas as habilidades de Thorne, e elas eram numerosas, ele pode dividir a sua ressonância melhor do que ninguém que Kerrick conhecesse.

Ele fechou os olhos e cerrou os dentes. — Sem problema. Onde você me quer?

— A Central detectou um grande desdobramento na zona mais baixa de Phoenix. Eu tenho Medichi em Awatukee, Zacarias e Jean-Pierre estão trabalhando nos White tanks em Buckeye, Santiago está em New River, e eu estou com Luken cobrindo as Superstitions. Esperei tanto tempo quanto eu podia, mas eu nunca vi tantos vampiros da morte em uma noite. Nós precisamos de você, amigo, e esteja preparado para a Central dobrar você a qualquer momento. Poderia haver tantos quantos as doze cidades.

— Doze? Três esquadrões? Merda.

— Estamos fodidos até os nossos traseiros esta noite.

— Você deveria ter me chamado mais cedo.

— Quis respeitar a sua folga.

Ele respirou fundo e fez a pergunta. — Qualquer sinal da... ascendente? — ele se recusou a dizer seu nome.

— Nada. Oh, merda. Cinco mais acabaram de aparecer.

A linha ficou muda. Kerrick olhou para ele e amaldiçoou. Ele esperou. O telefone soou outra vez. Graças a Deus. — Mande.

Thorne falou rapidamente. — Desculpe. Luken já deixou tudo sob controle. Jeannie acabou de corrigir as informações. Ela disse que acabou de identificar Leto fazendo a passagem para a região metropolitana de Phoenix também.

— Puta merda. — Leto nunca entrou na briga normal, uma vez que ele servia como um dos generais mais poderosos do Comandante. Então, novamente, ele era um general pelo mesmo tempo que ele era um guerreiro de Sangue, o maior prêmio do Comandante nos últimos duzentos anos. — Bem, isso não é uma noite de surpresas. Meu palpite é que isso tem de ser sobre a ascendente.

— Parece que sim. Desculpe, irmão. Oh, filho da puta, merda, mais quatro meninos-bonitos acabaram de aparecer, de uma variedade asiática agora. Você sabe o que fazer com a ascendente. Confiscar e proteger. As coordenadas já estão colocadas. Chame a central quando estiver pronto. — Thorne desligou.

Kerrick levantou-se, arrancou seu jeans e camiseta, então entrou em sua vestimenta de batalha alada. Ele ajustou o arnês de armas e com um pensamento trouxe o punhal em sua mão de seu armário de armas, prendendo-o no seu compartimento. Ele puxou uma respiração profunda, em seguida, ajustou suas grossas e pesadas sandálias. O kilt parecia tão ajustado que sua contenção de asas já começara a vibrar.

Com um pensamento, ele dobrou a espada na sua mão. Ele chamou Central e amaldiçoou silenciosamente, mais uma vez, por que ele ainda não podia simplesmente desmaterializar-se para onde diabos ele precisava ir.

— Oi, Jeannie. Você ainda no ar?

— Claro que sou. Eu estou tomando o turno de Carla. Ela tinha um encontro. Você está pronto, duhuro?

Ele não podia acreditar que ela havia usado aquela expressão. Duhuro era uma antiga forma de deferência que o irritou profundamente. — Você não tem me chamado duhuro em pelo menos uma década. É melhor você cortar essa merda fora, Jeannie, ou eu posso ter que pegar você um pouco rudemente.

— Quem está impedindo você — disse ela, rindo. — Meu marido e eu temos um acordo. Ele pega Angelina Jolie e pego algum de vocês guerreiro irmãos, a qualquer hora, em qualquer lugar.

— Sim, sim. — Alguma coisa dentro dele relaxou um pouco. Ele até sorriu. As duas atendentes na Central foram escolhidas pela sua calma sob pressão, por sua capacidade de lidar com a tragédia, e principalmente por seu bom humor em qualquer circunstância. Elas também eram um chiclete colado neles e eles tinham o seu número.

— Teletransporte-me quando estiver pronta.

— É isso aí. E Kerrick?

— Sim?

— Estamos todos gratos por tudo que você e os irmãos fazem.

Antes que ele pudesse responder, a vibração sussurrou através dele.

Um momento depois, ele se agachava ao lado da passagem, espadas em ambas as mãos. Um extenso parque cobria a Fronteira da Segunda Terra.

A passagem era a distância entre as dimensões feita de não-espaço, que se estendia por ninguém sabia quanto abaixo dele. Na Terra Mortal a Fronteira no centro de Phoenix compunha o resto do sanduíche, duas Fronteiras e uma passagem no meio.

Ele desviou o olhar lentamente, passando os sicômoros do Arizona e a ocasional cobertura de espinheiros. Quantas vezes ele lutou contra os vampiros da morte exatamente neste local? Dezenas de milhares de vezes. Sim, ele lutara todo esse tempo.

Mas tudo esta noite seria diferente. Ele podia sentir. Então, merda.

E nenhum sinal de Leto.

Porém, ele sentiu a sua presença, o maldito traidor.

A chamada para a ascensão arde no coração,
Mas o rito da ascensão começa com a mente.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 8

Às duas e quarenta da manhã, Alison rodou até parar debaixo de uma solitária luz de segurança no meio do centro de Phoenix em um beco. Ela se sentou em seu Chevrolet Novva detonado, deixando o motor funcionando por alguns segundos antes de desligá-lo. Seu coração batia forte em seu peito.

Por que ela estava aqui?

Tantas razões. Um guerreiro que tinha cheiro de cardamomo e enormes asas brancas, os vampiros da morte com sua pele pálida de um tom levemente azul, belas criaturas, sonhos persistentes, mundos dimensionais, uma ansiedade.

Sim, um profundo desejo persistente que parecia nunca deixá-la.

Ascensão.

Uma chamada para a ascensão.

Ela esfregava os dedos no volante, depois deixou as mãos no colo, em seguida, fechou os olhos. Ela respirou fundo.

Depois de um momento, o batuque do seu coração se acalmou... um pouco. Kerrick dissera que não tinha certeza de que ela havia recebido uma chamada para a ascensão. Ela desejava agora que tivesse pensado em pedir a ele alguns detalhes sobre o processo. No entanto, seus instintos diziam que esta era a sua chamada, tudo aqui; o beco, o encontro com os vampiros em um clube no centro de Phoenix, os sonhos, os anseios poderosos.

Ela ansiava por este mundo. Mesmo a veia em sua garganta latejava. Seus olhos brilharam abertos. Ela sentiu o pulso no pescoço dela e pensou em Kerrick. Pensou em suas presas perfurando seu pescoço e tomando seu sangue.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela recostou-se contra o assento enquanto o desejo florescia entre suas pernas, específico, real, sexual. Como era tudo isto possível? Sentir tanto por alguém que ela mal conhecia, alguém que era um vampiro, e sem entender o porquê, querer dar a ele seu sangue.

A realidade bateu em sua mente. Se ascendentes eram vampiros, alguns bons, outras muito ruins, então... logicamente... não estaria ela se tornando uma vampira?

Ela tentou com a palavra, mas como poderia possivelmente se adaptar? Supõe-se que vampiros deveriam ser criaturas da escuridão, os mortos-vivos, os que não tinham coração e dependiam de sangue para sobreviver.

Ela respirou fundo outra vez. Mais uma vez as mãos subiram para agarrar o volante. A explicação que veio à mente fazia sentido: a de que de alguma forma o elemento mais escuro do mundo da ascensão, os hábitos dos vampiros da morte, fizera o seu caminho até a cultura de seu mundo, o suficiente para criar o mito do vampiro, criaturas que se moviam nas sombras, encantando os seres humanos, drenando seu sangue.

Mas Kerrick, Guerreiro Kerrick, combatia esses seres viciados, os matava, trabalhando como sua conduta sugeria, para proteger tanto a Terra Mortal quanto a Segunda Terra contra sua depredação. E ele era um vampiro, o melhor dos vampiros.

Tudo fazia sentido... e ainda... a realidade de sua situação atual mantinha seus dedos fundidos ao volante.

Ela engoliu em seco, mais uma vez forçando-se a relaxar. Esta noite, esta noite, ela abriria uma porta para um mundo diferente, o mundo dos vampiros, dos seres alados com poderes que correspondiam aos seus próprios, um mundo que incluía um homem-guerreiro vampiro que era seu igual.

Hoje à noite ela mudaria sua vida para sempre. Um tremor correu através dela, de emoção, de medo, de esperança.

Ela abriu a porta do carro, deslizou para fora, em seguida, respirou profundamente. Mesmo com o seu suéter, ela estava com frio. Ela esfregou os braços e estremeceu. A temperatura do deserto caía durante a noite no início de março.

Quando ela olhou para o céu noturno, ela recordou que Kerrick mencionara algo sobre as Fronteiras. Sem nata ter sido dito a ela, ela sabia que este beco era a Fronteira para a Segunda Dimensão, um portal parar o mundo dos Vampiros. Seu coração bateu mais rápido.

Seus instintos gritavam para ela correr e se esconder, para deixar este lugar, neste momento, em vez de responder a um mundo que ela conhecia tão pouco. Ela olhou para o asfalto em ruínas e voltou a pensar apenas em correr de volta para seu carro detonado e fugir.

Mas para onde ela iria? Voltar a Carefree, para seus quebra cabeças de sudoku e a viciante escravidão dos filmes antigos, para a leitura, durante todas as noites ao invés de viver realmente, para suar em uma academia e ficar forte, mas sem nenhum propósito em particular, nenhum namorado, nenhuma possibilidade de filhos e uma família, para ser de uso apenas parcial aos seus clientes futuros?

Não. Essa foi a sua antiga vida e esta noite esta vida iria passar para longe.

Mais uma vez ela olhou para cima. Em lados opostos do beco, duas fileiras de edifícios, também duas histórias nas alturas, encaixotado no beco. Mais além, apenas algumas estrelas rompiam a cunha do céu na noite escura.

Ainda olhando para cima, ela estendeu a mão direita, a palma para cima, a mesma mão que prendeu recentemente um pedaço de tempo. A pressão em seu peito cresceu, de ansiedade por um mundo novo, da necessidade de responder sua chamada para a ascensão. Essa necessidade inchou, então se espalhou por seus membros até que ela tremeu. Ela sentiu um formigamento em V nas costas, a promessa de asas.

Todos os caminhos trouxeram-na aqui, a este momento, desde a primeira vez que ela conseguira mover, ainda como criança, brinquedos apenas com um ondear de seu dedo.

A ascensão era seu destino.

Ela apreendeu a energia de tudo ao seu redor, reunindo o poder na mão dela, como ela nunca fizera antes. Seu coração martelava rápido e alto. Ela tomou um profundo suspiro e sem questionar o que estava fazendo, ela virou o pulso para trás, em seguida, chicoteando para frente, enviando no mesmo momento uma explosão concentrada para cima no ar da noite.

A rápida liberação arremessou-a duramente sobre o asfalto, causando hematomas na sua parte traseira, enquanto ondas de choques elétricos corriam através de suas veias, músculos e ossos.

Ela se levantou curvando-se, então, debruçada tão perto do carro como podia. Se tanto poder foi para o ar, outra coisa bem poderia vir a cair de lá.



Kerrick permaneceu em sua posição agachada, perto da passagem, à espera, ouvindo, todos os seus sentidos em alerta. Ele não expandiu suas asas imediatamente. Ele precisava ver o que o inimigo pretendia em primeiro lugar. Ele agarrava sua espada com firmeza, sua visão em constante movimento, sua audição afiada. Ele ouviu risadas e estendeu sua visão. A meia milha de distância, Leto estava de pé entre doze vampiros da morte, como Thorne havia dito.

Havia apenas uma razão para um contingente tão grande estar presente neste exato momento, e a verdade o atingiu em cheio no rosto, Alison estava logo abaixo da passagem, no centro de Phoenix, no beco, no meio da sua chamada para a ascensão.

Merda.

Enquanto ele observava os vampiros da morte à distância, ele tentava entender o que o levou a exatamente este ponto, acima da passagem com a mulher que estava destinada a ser sua companheira esperando logo abaixo. Ele esteve tentando escapar deste momento desde o primeiro instante em que ele pegou seu primeiro perfume de lavanda.

No entanto, ali estava ele, aparentemente destinado a servir como seu guardião.

De repente a unidade de Leto se desmaterializou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele se manteve muito quieto.

Todos os doze se materializaram a uma centena de metros de distância, na borda da expectativa, todas de costas para ele e olhando para a Passagem, esperando.

O coração de Kerrick batia em uma cadência forte em seus ouvidos, um baque pesado preparando-o para o que ia acontecer nos próximos minutos. Não importava de que forma, ele precisava chegar primeiro a Alison. Se mesmo um desses vampiros da morte o precedesse, ela estaria morta dentro dos próximos dez minutos.

O que ele precisava era que Endelle o despejasse dentro da Passagem, já que ela era a única pessoa que possuía esse tipo de poder. Ele também esperava como o inferno que seus oponentes não fizessem o mesmo. Desde que nem Leto, nem nenhum dos vampiros da morte foram derrotados, uma queda através de uma dimensão daria a ele um prazo de quatro minutos, o suficiente para conseguir Alison em segurança. Nada menos adiantaria, mesmo que isso fosse doer como o inferno.

Greaves poderia fazer um despejo, e ele ouviu rumores de que pelo menos um dos seus asseclas também tinha poder suficiente. Mais uma desvantagem para o lado de Endelle.

Ele só precisava confiar que as condições iriam funcionar. O que ele podia fazer era manter todos os vampiros da morte na frente dele tão ocupados que eles teriam que ficar parados.

Endelle, ele enviou, esperando contra toda a esperança, que ela estivesse em sintonia com ele.

Aguente firme, guerreiro. Ela respondeu de imediato, direto em sua mente. *A chamada da sua queridinha sabor lavanda ainda não deixou a Segunda Terra ainda. É exatamente por isso que todos esses idiotas estão aí esperando.*

Ele tomou um fôlego. Graças a Deus por Endelle.

No entanto, eu deveria te dar um pequeno aviso. Leto está carregando com ele uma bomba, um pequeno detonador embrulhado que ele não hesitará em usar, de modo que mantenha suas bolas apertadas.

Não é o que sempre faço, ele enviou.

Endelle riu então ficou em silêncio. Depois de um momento, sua voz golpeou o interior de sua cabeça. *Puta merda! Você pode ouvir isso? Porra, essa ascendente tem poder*.

Kerrick voltou sua atenção para a Passagem. Ele podia senti-la agora, uma vibração profunda dentro da dimensão. Sob suas sandálias, a terra sacudiu para frente e para trás, um terremoto estilizado, e um som parecido com um trem de carga crescendo cada vez mais alto.

No momento seguinte uma explosão rasgou o ar. A areia subiu como um gêiser em linha reta para fora da Passagem, se elevando a quatrocentos metros de distância e um total de três metros de diâmetro. Ele nunca viu nada parecido em sua vida.

Puta merda. Uma explosão direto de sua mão através de uma dimensão.

Ele nunca conheceu uma ascendente com um nível tão altamente desenvolvido do poder. Ela seria um diabo de um trunfo para Endelle e uma enorme ameaça para Greaves. Não admira que ele tenha enviado Leto e três esquadrões de vampiros da morte para interceptar e tomar sua cabeça. Ele precisava dela morta. Ponto. E apesar da grande regra de nenhum vampiro da morte

na Terra Mortal, isto era a guerra e os bastardos iriam segui-lo para a Passagem de qualquer maneira. Quando Leto e sua equipe aparecessem na Terra Mortal, COPASS iria tratá-lo como parte do rito de ascensão da ascendente e não como a habitual violação da Lei da Segunda Terra.

Ele suspirou. A mesma merda de sempre.

Seus pensamentos foram para Alison, de estar sustentando-a em seus braços e quão difícil foi para penetrar em sua mente, a mesma mulher que dobrou para fora do Blood and Bite.

Ele se afastou algumas jardas conforme a areia começou a cair em cascata sobre si mesma, caindo no centro, assim como no gramado ao redor. Leto e seus homens desceram agachados e tirando o peso da areia de suas costas. Um dos vampiros se contorcia sob o ataque. Os outros se mantiveram firmes. Leto, como esperado, não vacilou.

Kerrick se focava em garantir a ascendente para Endelle. Nada mais importava.

Leto se levantou e estendeu a mão para seu telefone.

Kerrick chamou-o grosseiramente, não querendo que ele entrasse em contato com alguém que pudesse começar a enviar vampiros da morte para a Passagem. — Ei, babaca. Procurando por mim?

Doze. Treze, contando Leto. Bem... este seria um desafio. Ele abaixou o queixo. Façam seu pior.

Leto virou, dispensado o seu telefone, teleportando sua espada para sua mão ao mesmo tempo. — Bem, se não é o cachorrinho do Thorne. Olhem, meninos. Um chupador de pau acabou de chegar.

— Foda-se, Leto.

— Você primeiro, babaca.

Kerrick teria preferido expandir suas asas, mas desde que ele se dirigia para a Passagem, não podia. Se fosse derrubado a carga máxima, as asas nunca iriam sobreviver à queda. Além disso, ele poderia controlar este grupo em terra firme.

Endelle? Ele enviou.

Só me consiga um pouco desta pele azul primeiro, então se prepare para ser derrubado. Faça o que fizer, não expanda suas asas.

Entendido.

Ele abaixou a cabeça, levantou sua espada, e com velocidade sobrenatural lançou-se contra todos os treze vampiros de uma vez.



— Você está vendo isso — gritou Endelle. Ela sentia o peito em fogo, enquanto olhava a batalha de Kerrick. Ela tinha o pulso de Marcus em um firme estrangulamento para impedi-lo de dobrar até a briga. — Três já caídos e o resto dos filhos da puta estão coçando bunda, querendo saber o que diabos aconteceu.

Marcus gritou: — Endelle, me solte. Agora!

— Não posso fazer isso, bonitão. — É claro que ele estava ansioso para entrar na batalha. Ele era um maldito guerreiro e ela estava exibindo os movimentos de Kerrick direto dentro de sua cabeça, cada detalhe, o que fez o rosto de Marcus escurecer e os seus lábios se enrolarem em um rosnado feroz.

Ela ficou com ele na frente de sua mesa de trabalho, contendo-o. Ela desejava que pudesse ter enviado-o imediatamente atrás de Kerrick para ajudá-lo, mas tanto quanto ela valorizava a sua disponibilidade para empunhar a espada, ela não correria o risco de deixar os dois estarem juntos agora, não com tanto sangue ruim ainda entre eles.

— Deixe-me ir! — ele gritou. — Dez para um. Se Leto entrar na briga...

Ela sorriu. Marcus era um guerreiro de coração, em cada célula do seu corpo, não importava o que ele esteve fazendo durante os últimos duzentos anos.

— Relaxe. Seja paciente. Leto está muito ocupado mandando mensagens de texto, o que me diz que as coisas estão dando muito errado no fodido complexo. Além disso, Kerrick está indo muito bem.

Ele superava a todos os vampiros da morte em sua velocidade sobrenatural, o que significou que quase toda estocada ou corte de sua espada atingiu um alvo. Ela soltou um grito alto. — Mais dois bastardos caíram e ele mal começou. — Não havia nada tão bom como assistir um de seus guerreiros de Sangue, todos viris, musculosos, vampiros altamente sexuais, fazendo o que eles faziam de melhor com uma espada na mão. Ela tomou profundas respirações, ao mesmo tempo em que mantinha Marcus preso.

— Solte-me — ele gritou. — Ele não pode derrotá-los a todos.

Endelle encontrou o olhar de Marcus em seco. — Eu pensei que você o odiava, que quisesse matá-lo.

— Foda-se.

Endelle sorriu. Ela conhecia seus homens também. — Tem certeza que está pronto para voltar ao trabalho? Tem certeza de que está forte o suficiente depois de tanta vida mansa na Terra Mortal?

Ela observou uma névoa vermelha deslizar sobre os olhos dele enquanto seu queixo afundava. — Não pareço pronto para você? — ele dividiu sua ressonância três vezes.

Bom.

Mais uma vez ela sorriu. Ele era quase tão alto quanto Kerrick e quase tão musculoso. Claro que ele não teria sido relapso com seu treinamento. — Eu tenho que enviar Kerrick pela Passagem e no momento em que eu o fizer, vou precisar de você pronto para assumir o resto desses filhos da puta. Impeça o máximo deles que puder de entrar pela Passagem. Você pode dar conta disso?

— Sim — ele rosnou.

Pela visão em sua mente, Leto continuava a atuar separadamente da batalha. Ele gritava em seu telefone, uma vez, duas vezes. Ele fez chamada após a chamada, o que em tudo dizia a ela que algo dera errado.

Obrigado, Criador!

— Na minha contagem, meio minuto a partir de agora e nem um segundo antes. Você entendeu? Você vai me obedecer porque eu vou arrancar suas bolas, se você não o fizer? Balance a cabeça se você concordar.

Ela o viu puxar uma respiração superficial. O que era bom o suficiente para ela.

Ela liberou seu pulso e focou-se em Alison também. Ela desejava poder simplesmente dobrar Kerrick diretamente até ela, mas ela estaria quebrando uma regra importante. Nenhum residente da Segunda Terra poderia aguardar uma ascendente na Terra Mortal, enquanto o mortal respondia a uma chamada para a ascensão. Se essa regra não fosse mantida, nenhuma ascendente poderosa jamais sobreviveria, mesmo pelos três primeiros segundos após a demonstração do poder sobrenatural.

Não. Esta era a forma como deveria ser feito.

Ela deu a Kerrick um único aviso mental, então um malditamente sólido empurrão com os poderes que o Criador dera a ela. Ele caiu através da dimensão, voando, seu kilt batendo como uma asa de couro negro. Pelo menos ele não estaria consciente durante a viagem.

Ela trocou para o beco do centro, traçando mentalmente o seu curso e teve que rir. Será que você olhou para onde ele estava aterrissando? E que tal sobre o seu fodido destino. Mas garoto, aquilo ia doer.

Com o lixo bem sobre o caminho, ela acenou para Marcus e lhe disse para fazer o seu pior.



Alison agora estava parada ao lado do Nova, completamente imóvel, com a mão no carro como se fosse uma âncora.

Seu coração batucava em seus ouvidos, a sintonia ainda batendo em um ritmo doloroso. Ela ouviu as vozes de vários homens e ela sabia com certeza que uma daquelas vozes pertencia ao guerreiro vampiro alado que ela veio a conhecer como Kerrick.

Ela também ouviu o barulho de metal como espadas batendo uma contra a outra duramente, o que fazia sentido, uma vez que ela já assistira a uma luta de espadas. Então, de repente, tão rapidamente como começou, a luta cessou e o silêncio se seguiu.

Um terceiro homem com uma voz anasalada engasgou, — Onde diabos ele foi? Foda-se. O perdemos.

— Ele ficou jogado na Passagem. — Ela reconheceu a voz do homem chamado Leto, o que Kerrick havia insultado. — Merda, onde no inferno está Crace? Maldição.

— Ele não está respondendo? — perguntou outra voz.

— Não. — Uma série de obscenidades se seguiu, então, — Que diabos?

— Olá, Leto. Quer parar de brincar com seu telefone o tempo suficiente para mostrar a estes imbecis como se conduz uma luta de verdade?

— Bem, foda-se — Leto disse, — olha o que acabou de se arrastar para fora do pântano, Marcus o Covarde de merda. Você esteve se escondendo na Terra Mortal?

— Então você tem sido um traidor, seu filho da puta maldito.

Mais aço se chocando... depois o silêncio, com se alguém tivesse apertado o botão de silenciar.

Alison olhava fixamente para o céu escuro. Então, Kerrick foi despejado. O que exatamente isso significava?

Saindo de lugar nenhum, um sopro de ar ártico desceu sobre ela. A temperatura estava um pouco fria momentos antes, e então, de repente, um poderoso fluxo de ar congelante fluiu do nada. Ela começou a tremer. Que diabos estava acontecendo?

As ondas de ar acima dela começaram a pulsar. Seu coração batia forte mais uma vez. Ela sentiu que algo, não, alguém estava chegando.

Kerrick, seu guerreiro vampiro com asas?

Seu coração batia fortemente em seu peito mais uma vez. Ela não deveria querer vê-lo tanto, mas ela o fez.

O ar agora batia sobre ela como se o céu se expandisse e contraísse em lentas e pesadas ondas. A pressão aumentou e sua cabeça começou a doer. Uma lufada de ar correu por ambas as extremidades do beco, varrendo em um funil em torno dela, em seguida, levantando-a do chão. Ela abriu uma distancia de um pé inteiro no espaço. Papeis soltos giravam em toda parte.

Ela pensou, um tornado, talvez? No entanto, nem mesmo o mais fraco dos restos de uma nuvem marcava o céu negro.

Com o peito apertado ela não conseguia respirar. Ela tremia toda. Talvez ela não devesse ter enviado uma explosão com suas mãos no ar depois de tudo. Talvez a ascensão fosse algo que ela realmente não queria assumir.

Um pouco tarde demais para isso.

De repente, o ar entrou em colapso. Ela caiu de joelhos e gritou alto quando o asfalto áspero arranhou sua pele. Ela se levantou e arrancou o cascalho das palmas de suas mãos.

O que diabos aconteceu?

Novamente ela olhou para cima.

Silêncio a seguiu.

Um silêncio terrível e ensurdecedor.

Ela caiu em uma posição defensiva, agachada novamente, curvada tão perto de seu Nova como ela poderia conseguir. Algo ruim, muito ruim, estava prestes a acontecer.

Ela ouviu uma vibração, que ficou mais alto em rajadas incrementadas conforme um objeto se dirigia direto para ela. Não um objeto, um homem em um kilt. Oh, Deus! Ele ia cair duramente.

Ela afastou-se do iminente impacto contra o metal conforme Kerrick aterrissava sobre o capô de seu carro. E quase no mesmo instante um estranho barulho metálico soava no asfalto na frente do veículo.

As ondas pararam de pulsar.

O silêncio se seguiu. Nenhuma brisa, nenhuma voz, nada. Mesmo o frio desapareceu.

Ela levantou-se para olhar para ele, com as pernas travadas no lugar.

Certamente ele estava morto.

Lágrimas escorreram de seus olhos.

Ela piscou várias vezes.

Certo, Alison, controle-se. Pelo menos, verifique se ele ainda está vivo.

Ela andou até a parte dianteira do carro e olhou para ele. Ele usava seu kilt de couro preto com um arnês com cinto na cintura e cobrindo o peito, ombros e costas. Seus braços eram musculosos e tensos, assim como ela se lembrava. Ele a segurou em seus braços como se ela fosse uma pena.

Ele jazia em uma depressão no metal, com as pernas penduradas para fora do lado do carro em um ângulo estranho. Parte de seu longo cabelo negro ondulado e grosso se espalhava sobre o rosto, a outra parte estava contida por algum tipo de fecho de couro. Ela queria afastar os fios de seu rosto para olhar para ele novamente, mas ele não poderia ainda estar vivo, não depois de cair toda essa distância. O coração dela estava apertado. Ela realmente não gostava da ideia que de qualquer forma Kerrick pudesse estar morto.

Oh, Deus. Por favor, não deixe que seja verdade.

Algo se agitou no asfalto atrás dela. Ela se virou. Sua espada vibrava contra o asfalto.

Ela se abaixou para pegá-la.

— Não toque na espada.

Ela ofegou quando se levantou, virando-se para olhar para Kerrick. Através das mechas grossas, ela avistou um olho brilhando, então ele piscou para ela.

— Não toque — ele disse, mais calmo desta vez. Sua voz profunda penetrou em seu peito, envolvendo-se um par de vezes em torno de seu coração, em seguida, deu um puxão apertado. — Você morreria.

— Kerrick? — ela perguntou, querendo ter certeza de que ela não confundiu a sua identidade.

— Então, você se lembra de mim.

— Sim.

— Você se lembra do que aconteceu?

— Sim.

O olho fechou. *Venha para mim*, sussurrou através de sua cabeça, então seu corpo ficou mole.

Ela olhou para ele por um longo momento. Este era realmente Kerrick, seu guerreiro-vampiro do complexo médico e do clube.

Então, o que aconteceu? Acaso ele dera a ela um aviso sobre a espada, falara palavras carinhosas dentro de sua mente, então caiu morto sobre o capô do seu carro?

Ela apertou dois dedos em seu pescoço.

Graças a Deus. Seu pulso batia firme e forte. Ela empurrou o cabelo para longe de sua face. Como ele pôde sobreviver a uma queda tão terrível? Ela colocou a mão em seu rosto.

— Você é tão bonito — ela sussurrou. Uma nova dor assentou-se profundamente em seu peito.

Venha para mim.

Ele podia realmente falar com ela enquanto estava inconsciente?

Eu estou aqui, ela enviou.

Seu peito subia e descia como se desse um suspiro.

Ela se sentiu tonta, com as pernas fracas abaixo dela. Como ambos terminaram no mesmo beco, agora, aqui, hoje à noite? Ela nunca tivera grandes crenças no destino, mas dada a evidência na frente dela, ela quase podia acreditar.

Ela deu um passo adiante e não podendo resistir empurrou seu lábio superior para trás. E lá estavam elas, os incisivos alongados. Ela tocou o esquerdo na ponta, mas, aparentemente pressionara com muita força. Seu sangue se acumulou em um furo e instantaneamente e pingou contra seus lábios.

Ele gemia e chupava o dedo ainda sem despertar. A sensação encheu sua boca daquela excitação acentuada. Conforme ela retirava seu dedo, o desejo retroagiu um pouco. Meu Deus, até mesmo inconsciente, esse homem-vampiro guerreiro tinha o poder de fazê-la desfazer-se.

Ele era como ela se lembrava dele, indizivelmente bonito, ainda mais de perto como estava, os planos do seu rosto forte, seus lábios cheios e sensuais. Ela se sentiu atraída por ele como pelo sol do deserto. O cheiro dele atingiu suas narinas e seus joelhos se dobraram.

Ela se inclinou e arrastou uma respiração profunda. Seu cheiro familiar a atormentava, de cardamomo e aquele almiscarado couro resistente. A combinação fez com que os músculos internos dela se apertassem e arrepios voassem por seu pescoço e costas. Ela queria tocá-lo... em toda parte.

Sua consciência a agrediu. O guerreiro estava claramente desmaiado, gravemente ferido, e tudo o que podia pensar era em colocar as mãos sobre ele? Onde foi seu profissionalismo? Sua humanidade? Será que ela não tinha mais nenhum senso de decência?

Aparentemente não, desde que ela estendera a mão em seu braço, o ondular de seus músculos quentes e grossos sob seus dedos.

Venha para mim.

Ela ouviu a sua voz novamente dentro de sua cabeça.

Mais uma vez, ela enviou, *eu estou aqui*.

Ele gemeu.

Alison fechou os olhos. O inverno foi levado da sua vida e a primavera surgiu, pequenos tiros de verde brilhante subindo por todos os lugares. Seus pulmões se abriram. Por quantos anos ela estivera prendendo a respiração, ansiando por respirar, a esperança de ter um homem em sua vida que a quisesse desse jeito? Quanto tempo? Lágrimas sangraram seus olhos.

A resposta era simples.

Toda sua vida.

Ela sentiu que seu veleiro pegou uma vela mestra cheia de ar. Ela abriu os olhos e olhou para o vampiro. Ela cedeu ao vício por ele, dura, completa e seguramente.

Ela passeou com as mãos sobre seu corpo. Nada parecia estar quebrado, mas as pontas dos dedos vibravam estranhamente e sua atração por ele aumentou dez vezes. Arrepios assaltaram seus braços e abaixo de seu pescoço. Seu mundo de batalhas havia endurecido cada músculo do seu corpo. O aroma de cardamomo subiu mais uma vez. Ela se inclinou e inalou profundamente mais uma vez.

Ela o queria tão dolorosamente, mas ela se esforçou para se conseguir um pouco de autocontrole. Ela continuou por suas pernas. Todos os seus ossos permaneciam intactos. Ela não conseguia encontrar sequer uma abrasão, e muito menos um corte profundo ou ferida, nada para indicar um trauma grave.

Infelizmente, ele ainda estava inconsciente, então ele devia ter pelo menos uma concussão.

Ocorreu que ela deveria ligar para a emergência.

Serviços de emergência poderiam tratar um vampiro?

Bem, não haveria melhor hora do que agora para descobrir.

Talvez as circunstâncias que envolviam este acidente fossem um pouco bizarras, mas ele obviamente necessitava atenção médica.

Ainda assim, ela achou quase impossível deixar o seu lado. Era como se uma força intangível a ligasse a ele.

Sério, ela deveria se separar dele ao menos pelo tempo suficiente para ter certeza que ele ficaria vivo.

Ela puxou uma respiração profunda e ignorou o zumbido dos dedos, bem como a profunda necessidade que sentia de continuar tocando-o. Ela deu dois passos se afastando, tomou mais um fôlego entrecortado, então se apressou para o lado do motorista do carro.

Ela entrou e pegou a bolsa, em seguida, pegou seu telefone. Ela havia acabado de apoiar um dedo sobre o número nove, quando Kerrick começou a se mover. Ele flexionou seu braço direito como se ele estivesse simplesmente testando a sensação de seus músculos.

Ascensão oferece uma nova vida,
Mas o mortal sem entender repete o passado.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 9

Crace lançou um adeus a sua esposa celestial, seu corpo saciado, hormônios sexuais flutuando preguiçosamente em suas veias. Ele pensou sobre a ideia e voltou para a casa de banho em sua nova suíte ao lado do comandante. Ele lavou as mãos e sorriu.

Os planetas estavam muito definitivamente alinhados.

Sua querida Julianna chegara a Segunda Phoenix meia hora atrás e ele instalou-a no Bredstone em White Lake, o melhor hotel no Hemisfério Ocidental. O Bredstone tinha todas as comodidades adequadas para visitas de dignitários a cidade e especialmente para sua esposa, que merecia o melhor que a vida imortal tinha para oferecer. Rastreando até ela, graças a Deus, era apenas um pensamento.

Sua esposa era a parceira mais perfeita que um vampiro poderia desejar, bela e rica, muito bem relacionada, poderosa, e adorava o corpo dele.

Ele checou seu Rolex. Ele tinha se satisfeito a meros nove minutos. Excelente.

Agora uma pequena limpeza, em seguida, voltar para a sala de guerra para ver como as coisas estavam progredindo. Leto foi tão bom quanto sua palavra. Ele estivera conferindo o andar das coisas a cada dez minutos, cada vez com um texto de três zeros para indicar que ainda não havia sinal da ascendente.

Não poderia haver dúvida. A ascensão estava acontecendo. Ele sentia isso agora, nos seus ossos, em sua mente, uma vibração que deixou todo o conjunto tenso.

Ele sentia-se esticado e esgotado ao mesmo tempo. Já passava das três da manhã, o que significava cinco em sua bela Chicago. Não admira ele se sentir como um viciado em abstinência. Ele estava acordado por cerca de vinte duras horas.

Ele acabara de espirrar água no rosto quando ouviu um barulho parecendo uma batida. Ele enxugou o rosto, então se dirigiu para a sala. Pelo amor de Cristo, quem estava batendo na porta?

Seu rosto ficou vermelho e quente. Se havia uma coisa que ele não iria tolerar era esse tipo de desrespeito. Ele pegou o telefone, que ele já havia desligado há nove minutos.

Então ele viu as mensagens.

Todas elas.

Oh, merda.

Não. Não. Não.

Leto havia chamado. E chamou de novo. Então enviou uma mensagem. Precisava de um despejo na Terra Mortal. Agora.

Seu coração se apertou.

A janela se abriu e em seguida fechou, e ele esteve fora nos exatos nove minutos em que ele foi necessário.

Como foi isso para o fodido destino?

Ele puxou a porta para abri-la. Um assistente administrativo encarou-o de olhos arregalados. — General Leto precisa de um despejo através da Passagem. Você é o único com poder suficiente. O Comandante não pode ser alcançado.

Se ele fosse uma mulher ele teria desmaiado.

Nove minutos do caralho que poderiam ter custado a ele um lugar na Mesa Redonda. Talvez ainda houvesse tempo suficiente. Ele dobrou para a sala de guerra.

Mas quando ele chegou lá, todos os seis generais da Segunda Phoenix do Comandante o encaravam com hostilidade implacável e uma promessa de fúria.

— Onde estamos? — ele gritou.

— Bem, você finalmente chegou — zombou o general, o vampiro cujo escritório ele tomara. — Deixe-me dar os últimos informes. A fêmea ascendente finalmente respondeu ao seu chamado para a ascensão, uma explosão tremenda lançada para a Passagem, direto da mão dela, de modo que seria bom irmos a sua procura. — Seu sarcasmo disparou o temperamento de Crace, mas o bastardo continuou: — Naturalmente, a Madame Alta Administradora Suprema despejou Kerrick dentro da Passagem na contagem de três minutos, você sabe, por causa de todo o poder que ela tem, e se você se lembrar, supunha-se que você estaria aqui para fazer a mesma coisa para Leto, se fosse necessário. No entanto, porque você não estava aqui, eu tive que deslizar Leto após sete minutos, juntamente com dois dos vampiros da morte, já que ninguém aqui além de você tem poder suficiente para efetuar esse despejo do caralho. Nós não saberemos de nada por mais alguns minutos, mas ele vai estar muito fodidamente atrasado desde que a ascendente tem um carro no beco.

— Se o Guerreiro Kerrick se recuperar rápido o suficiente, e por que diabos ele não o faria, eles vão sair em seu carro antes de Leto chegar lá embaixo. E você sabe o que isso significa. — Ele chegou perto do rosto de Crace. — Uma vez que estejam em movimento, não seremos capazes de chegar até eles. Lembra-se? Sem asas na Terra Mortal e não existe nenhum ascendido na Segunda Terra que eu conheça que tenha a capacidade de dobrar para um objeto em movimento. Mesmo se eles pararem, o radar não será capaz de encontrar qualquer uma das suas assinaturas por horas. Então, a menos que Leto chegue abaixo rápido o suficiente com a bomba que ele levou, parece que estamos em uma estaca zero do caralho!

Crace ignorou o general. Ele deu um passo para trás e virou-se para olhar para o radar onde não só a assinatura poderosa da ascendente pulsava, mas a do Guerreiro Kerrick também.

Merda.

Pelo espaço de cerca de cinco segundos pensou em cortar seu pau fora.



Marcus voou por cima do frio e seco ar da noite do deserto, perseguindo o último dos vampiros da morte. Maldição, como ele podia ter esquecido como era aquilo, como era o incêndio da adrenalina pura, suas asas cortando o ar, a sua espada pressionada contra sua coxa.

Poder. Isso é o que era aquilo. A sensação incomparável de absoluto poder físico e sobrenatural combinados. Que onda.

O menino bonito, pensou em fugir voando dele, o último dos vampiros da morte ainda vivo depois de Leto pegou outros dois e se dirigiu para a Passagem.

Mas este estava absolutamente com medo. Como ele deveria mesmo estar.

Marcus baixou o queixo. Ele se concentrou na mente do vampiro da morte e enviou, *Você começou a beber das pessoas até mandá-los para o túmulo e agora você acha que pode fugir de mim?*

Em resposta, ouviu uma espécie de gritos mentais. Ele riu e forçou suas asas em longas e duras estocadas. Com cada uma ele se aproximava de sua presa, até que estendeu a mão e agarrou o idiota pelo tornozelo. Ele deu um forte empurrão e uma torção que enviou o filho da puta em uma perversa espiral, suas asas travadas no local, seu corpo girando fora de controle.

Marcus parou em pleno ar e assistiu. Após alguns segundos, ele arrastou suas asas em um circulo fechado, apertadas contra o seu corpo, então se dirigiu como um foguete para o bastardo. Ele manteve sua espada perto, pegou o braço do menino bonito e desfraldou suas próprias asas ao mesmo tempo. Ele flutuou ambos de volta a terra. No último momento, ele bateu seu inimigo contra o rígido terreno.

O espírito do vampiro da morte estava quebrado quando ele olhou para Marcus. Não havia mais nenhum espírito de luta nele.

Como tudo isso parecia familiar para ele, era como montar em uma Harley após não andar por alguns meses. Ele sabia exatamente como segurar a embreagem e regular o combustível. Ele levantou a espada e em uma fração de segundo, enquanto a lâmina varria em um arco firme e pesado através do ar, ele viu o alívio nos olhos do seu inimigo.

Ele cortou sua cabeça. Nada menos serviria.

Mas a fatalidade do ato o bateu nas costas de seus joelhos e deixou-o com força ao lado de seu inimigo, sobre a grama do parque da Segunda Terra. Seu corpo tremia, a adrenalina correndo em suas veias. Ele se inclinou, respirando com dificuldade. Ele mal manteve a náusea afastada.

Ele olhou ao redor. Havia corpos por toda parte. E partes de corpos. E penas quebradas. Deus, havia penas em toda parte.

Ele esperava algo grande, de um grande guerreiro. Ele andou buscando por essa sensação. Em vez disso um vazio terrível se seguiu, algo que ele esquecera.

Ele discou para a Central e falou com Jeannie. Dois segundos depois um flash brilhante e todo o sangue desapareceu.

Talvez fosse mais do que uma única razão pela qual ele se autoexilou na Terra Mortal.



Kerrick abriu os olhos enquanto flexionava seu braço direito. Ele tinha uma visão clara do beco e tudo parecia calmo, mas sua mente vacilava, dentro e fora da consciência, como um computador atingido por um vírus. Ele não podia fixar sua atual localização. Maldição.

No entanto, ainda estava escuro. De alguma forma, isso era uma coisa boa. Suas costas, seu quadril esquerdo e joelho esquerdo doíam muito. Ele olhou para seu braço novamente, então se perguntou por que ele não estava coberto de sangue por toda a luta.

Que luta?

Subitamente imagens brilharam em seu cérebro. Oh, sim. Ele lutou contra Leto e um grupamento de vampiros da morte, doze, se ele se lembrava direito. Ele estava se esforçando duramente para levar a batalha para longe da Passagem e então o chão desapareceu de debaixo dele de qualquer maneira.

Ele havia caído... um longo caminho.

Oh, sim. Ele foi despejado. Assim, a ausência de sangue e suor. Viajando através de uma dimensão dessa maneira, em vez de apenas dobrar, teve um efeito purificador sobre suas roupas e corpo, como se ele tivesse tomado uma ducha e posto equipamentos novos.

Agora ele estava na Terra Mortal.

Ele simplesmente não conseguia se lembrar exatamente por que ele estava aqui. Ele tinha uma missão, mas qual era?

Mais imagens enchiam sua mente.

Uma mulher e sua espada largadas no chão.

Ele cheirou o ar. Ele sentia o perfume de alguma coisa muito familiar. Ele levantou o braço e arrastou suas narinas sobre sua pele. Uma fragrância rica o atingiu como se ele tivesse entrado em uma loja de perfumes. Lavanda. Uma mulher, não qualquer mulher, sua mulher, Alison, sim, seu nome era Alison. O tocou recentemente, nos últimos minutos.

Em exatamente quantas dimensões que aquilo seria mesmo possível?

O cheiro de lavanda o levou como um foguete, direto a uma dura e dolorosa ereção. Um gemido escapou de sua boca. Ele passou a língua nos lábios. Ele provou sangue e não era o dele.

Sua respiração parou. Este sangue era dela. Oh, Deus, como ele conseguiu ter o sangue dela em sua língua? Ele sabia que era dela, como se ele já tivesse lido a sua assinatura de DNA milhares de vezes.

Oh. Meu. Deus.

Ele se lembrava agora. Ela empurrara os lábios dele para trás e tocou uma de suas presas um pouco forte e perfurou sua pele. Ele sugara seu dedo.

O sangue em sua língua o enviou em espiral por uma necessidade amaldiçoada de comungar com ela. Suas presas espessaram em sua gengiva. Ele engoliu aquela potente saliva. Ele latejava por toda parte.

Mas o que diabos ela estava fazendo neste beco abaixo da Passagem? Ele estava no centro de Phoenix, na Fronteira. Ainda era noite. A Fronteira. A Passagem. Alison.

Merda. É claro. Sua chamada para a ascensão. A areia do destino disparando para o ar.

Ele respirou fundo e acalmou o seu corpo.

Ele teve que pensar direito. Ele não seria o companheiro vinculado desta mulher. Ele fizera votos. Nunca mais ele iria colocar a vida de uma mulher em perigo por causa de um acasalamento. Nunca.

Ainda assim, através de alguma miserável reviravolta do destino ela despencara para o perigo do seu mundo, sob seus cuidados, e agora cabia a ele mantê-la viva.

Ele se sentou e esfregou seu pescoço. Ele podia sentir seus ossos machucados selando-se em conjunto de forma rápida, e seus músculos e pele reparando-se na velocidade da luz. Cristo, sua cabeça ainda se sentia pesada. Ele empurrou a mão através dos fios soltos do cabelo, empurrando-o para longe de sua face. Ele arrastou os fios soltos através do cadroen então rearrumou seu cabelo.

Ele estava em Primeira Phoenix, tudo bem, abaixo da Passagem para a Segunda Terra, um dos vários pontos de descida favoritos dos meninos-bonitos sanguessugas. Oh, merda, ele podia sentir o ar acima dele começar a pulsar.

Sim. Leto e seus companheiros estavam a caminho, só que desta vez eles estariam armados até os dentes. Espadas eram as únicas armas de batalha permitidas na Segunda Terra. No entanto, na Terra Mortal não havia limites, com exceção da energia atômica e regimentos completos.

Se ele não agisse logo, Alison e ele seriam fritos em pouco menos de um minuto.

Então, onde ela estava?

Ele podia sentir a sua presença agora, bem como sentia o cheiro dela. Até mesmo suas batidas do coração soavam em seus ouvidos.

Ele deu uma sacudida na cabeça limpando as sequelas e os últimos remanescentes da queda.

Ele tomou um fôlego afiado. As narinas infladas. O cheiro dela acariciou-o novamente. Em mil e duzentos anos nunca foi tão afetado por uma mulher, mas Alison era uma companheira perfeita, projetada para torturá-lo até mesmo em horários inconvenientes. Seus feromônios carregavam o ar e se arrastavam sobre sua pele como afiadas e eróticas garras. Então era isso que o breh-Hedden fazia a um homem? E quão fácil seria para isso se soltar dele? Inferno Santo.

Ele fez uma pausa. Ele se estendeu com a sua mente, localizando-a, em seguida virou-se sobre o capô do carro, agachado. Ele olhou através do para-brisa.

O tempo mais uma vez desacelerou até lentamente paralisar.

Lá estava ela olhando para ele, seus grandes olhos azuis abertos em surpresa. Doce e misericordioso Deus. Ele a queria. Ele a queria como ele nunca quis uma mulher antes, como se acabasse de descobrir o que era uma mulher.

Calor e desejo saíam em cascata para fora de seu corpo em ondas de brilhante vermelho. Seus lábios se curvaram. A não muito sutil experiência de acasalamento, aparentemente era mútua.

Conforme o ar frio se derramava sobre o carro, ele arrastou sua mente para longe de sua necessidade atual. Precisava colocar Alison em segurança... agora.

Ele rolou para fora do capô, então pegou sua espada. Ele capturou seu olhar de novo enquanto contornava o carro para o lado do motorista. Ela conseguiu captar seus movimentos e olhou para ele sem piscar. Seus lábios se separaram em uma suave expressão de choque.

Ele caminhou até a porta, em seguida, abrindo-a. — Mexa-se... agora... ou nós dois estaremos mortos em cerca de vinte segundos.

Ela comprimiu lábios e procurou seu rosto. Ele podia ver sua mente girando, processando. Um momento depois, ela sentou sobre a sua bolsa, a qual ela jogou no banco de trás, depois engatou o cinto de segurança como se seus dedos estivessem em chamas.

Ele dobrou sua espada para a caixa trancada no porão de sua casa antes que subisse no banco do motorista. Conforme ele entrava, seus joelhos acertaram o volante. Empurrando o banco de trás com um puxão rápido, mesmo assim ele mal cabia no espaço confinado.

Ele olhou para ela enquanto ligava a ignição com um toque de seu dedo. — Deixe-me dizer isto novamente: o que quer que você faça, não pegue a espada de outro guerreiro. Elas são forjadas para o reconhecimento individual e se você tocar uma, diferente da sua, você vai morrer. Entendeu?

Ele esperava que a mulher tivesse bons instintos. Se ela foi capaz de explodir um buraco em outra dimensão, ela deveria. Por outro lado, os instintos, muitas vezes faziam parte do caráter e agora mesmo ele não sabia nada sobre essa mulher, exceto é claro, que ele queria estar dentro dela, tipo agora mesmo.

— Entendido — disse ela. Ela finalmente piscou.

Ele encontrou o seu olhar. Esperava como o inferno que ela tivesse um senso de humor, porque caramba, ela ia precisar dele ao longo dos próximos dias. Ok, próximas horas. Se ela entendia ou não, sua vida acabara de ser soprada para o inferno.

Ele colocou a alavanca de câmbio no sentido inverso, pisou duro no acelerador, e começou a dá ré.

Lentamente.

Ele agarrou o volante e conteve uma longa sequência de palavrões.

O carro continua firme como se tivesse toda a noite e o resto do dia para sair do beco.

Maldição.

Ele bateu no volante. — Que diabos é isso? — ele gritou.

— Bem, é uma Nova 1993 — disse ela. — A velocidade máxima é sessenta se você não se importar de começar a chacoalhar.

— Nós estamos fodidos.

Ele manteve a ré de qualquer maneira. Ele rangeu os dentes. Se ele fosse capaz de dobrar, como qualquer típico residente da Segunda Terra era capaz de fazer, então ele poderia ter apenas colocado a mão sobre ela e levado-a para sua casa em Queen Creek. Agora, sua segurança e a dela dependiam de uma pilha de lixo ganhando velocidade como uma tartaruga dirigindo-se para uma sesta.

Maldição.



Alison olhou para seu guerreiro-guardião-vampiro enquanto dirigia o Nova para trás do beco. O deserto não poderia estar mais seco do que sua boca, e seu peito disparado pelos batimentos cardíacos, como cartuchos de munição. — Então o que é tudo isso? Os vampiros da morte estão atrás de você?

Ele atirou o seu olhar para ela. — Então, você se lembra?

— Eu encontrei as memórias que você tomou, então sim, eu me lembro da batalha no complexo médico.

— Cristo — ele murmurou. Ele pendurou seu braço nas costas da cadeira dela enquanto olhava pela janela traseira e guiava o carro a uma velocidade crescente em direção à rua. — E sim, os vampiros da morte estão a caminho.

— Exatamente quantos?

— Pelo menos três, talvez mais.

— Mas eles vão cair como você, então teremos mais tempo. Certo? Eles vão se machucar? Eles precisarão de tempo para se recuperar?

Ele balançou a cabeça. — Não. Eles vão flutuar para baixo e eles provavelmente terão uma bomba com eles.

— Uma bomba. — Sua respiração saiu em uma longa tragada lenta. — Você sabe, você está meio que me assustando.

— Bom.

Ele entrou de ré na rua, as rodas guinchando enquanto ele fazia uma curva. Ele trocou a direção e mais uma vez, o carro balançou para frente em passo de caracol. Ele bateu no volante mais algumas vezes e pareceu que gesticulava com os lábios formando uma ou outra obscenidade. Ele entrou no tráfego inexistente das três horas da madrugada.

— Cuidado aí atrás — disse ele, — e me diga o que acontece.

No momento em que Alison se virou para olhar pela janela traseira, uma grande explosão rasgou o ar. Todo o seu corpo estremeceu em resposta.

— Há fumaça e fogo, e coisas voando por toda parte — ela gritou. — O que foi aquilo?

— Uma elegante e pequena bomba chamada de máquina trituradora. Está cheia de estilhaços e quando arremessada como uma granada explode em uma direção pré-definida. Uma das pequenas criações do Comandante.

O Comandante novamente. Darian. O Darian dela. O psicopata que falava sobre sua fantasia de matar da maneira que a maioria das pessoas descrevia um jantar em família. Ela estremeceu mais uma vez.

— Nós não teríamos sobrevivido se estivéssemos lá atrás.

— Explodidos em pedaços.

Ela olhou para ele. Seu coração apertado. O que isso significava? — Então, Darian, o Comandante, quer me matar?

Ele balançou a cabeça. — Sim, mas continue olhando. Diga-me o que mais você vê.

Ela arqueou de volta novamente e respirou rápido. — Há três homens, um tão grande quanto você e os outros dois são como o vampiro da morte no complexo médico. Porém, sem asas.

Ela virou-se para enfrentá-lo novamente. — Eles virão atrás de nós? Os homens na rua?

O Nova alcançou velocidade máxima e começou a chacoalhar, mas o guerreiro manteve o pé sobre o pedal.

Ele balançou a cabeça. Seus braços e ombros relaxados. — Não. Perseguições em alta velocidade não são permitidas na Terra Mortal.

— Eles não poderão fazer brotar asas?

— Não. Sem asas, e foi por isso que eu fui enviado para o complexo médico mais cedo. Nossa tecnologia na Segunda Terra capta asas em voo muito rápido. O vampiro da morte esteve batendo seu par preto por muito pouco tempo antes de eu chegar lá.

Alison se esforçou para acalmar seu coração. — Então o que você está fazendo aqui? Quero dizer, você estava no meu escritório, no complexo esta noite, depois no clube, agora você está aqui.

Ele olhou para ela. — Estou aqui para protegê-la, Alison, o melhor que posso, enquanto você passa pelo processo de ascensão. Estou aqui para servir como seu guardião. — Ele olhou no retrovisor. — Já os deixamos para trás?

Alison virou-se e esquadrinhou a rua. O carro havia percorrido pelo menos um quilômetro e meio. Talvez mais. Ele tinha o Nova a todo vapor e agora o carro balançava quase tanto quanto suas pernas. Ela mal podia ver os restos da explosão a essa distância.

— Tudo limpo.

— Bom. — Ele deu um suspiro pesado e diminuiu a pressão no acelerador. A trepidação do motor nivelou e já não parecia que estava sendo estrangulado. — Graças a Deus.

Ela se sentia entorpecida e sua mente parou de funcionar. Ela colocou as palmas das mãos em suas pernas e esfregou para frente e para trás tentando aliviar o tremor. Poderia sua vida ficar ainda mais bizarra?

— Então me deixe entender — disse ela, sua garganta com um nó. — Estamos falando da mesma terra, dimensões diferentes, certo?

— Sim, a Terra Mortal e a Segunda Terra, mas há mais quatro dimensões... que conhecemos.

Ceeeeeerto. — Apenas para que eu entenda isso direito, você estava lutando contra vários vampiros da morte há poucos minutos atrás? E um deles chamava-se *Leto*?

— Sim. — Ele olhou para ela de novo, os olhos arregalados. — Como diabos você sabe isso?

Seu olhar patinou de volta para a rua. Apenas alguns carros lá fora e a esta hora, policiais e bandidos, e aparentemente os guerreiros vampiro e ascendentes novatos. Seu cérebro se sentiu confuso, desordenado. — Acho que ouvi a batalha, ou pelo menos parte dela.

— Eu aposto que você fez.

— Eu gostaria que minhas pernas parassem de tremer.

— Respire — disse ele.

Pelo próximo minuto ela se concentrou na sua respiração, uma dentro, uma fora. Uma dentro, uma fora. Quando as pernas dela se acalmaram, ela perguntou: — Então porque você não está morto? Quer dizer, eu vi você cair do céu e você aterrissou no meu carro. — Ela acenou na direção do exaustor agredido. — Há provas.

— O ascendido se cura rapidamente na maioria das situações.

Ela colocou uma mão no peito, sabendo que ela precisava fazer a sua confissão. — Eu acho que eu deveria dizer... eu mandei uma explosão da minha mão para o céu, lá atrás no beco, eu quero dizer.

— Eu sei. Eu vi os resultados.

Ela se virou para ele. — Então, eu tenho que saber... eu te machuquei?

— O que você quer dizer?

— Você ficou inconsciente depois que caiu aqui em baixo no meu bairro. — Ela apenas expressara seu medo mais profundo, e seu coração acelerou um pouco mais e mais alto.

— Você acha que causou minha queda?

— Sim.

Ele deu uma risadinha. — Os dois eventos não estão conectados. A verdade é que eu fui despejado. A mulher no comando, Endelle, me enviou pela Passagem, o espaço entre as dimensões, de modo que eu pudesse chegar até você antes de qualquer outro. É uma viagem muito mais rápida, mas dói como o inferno.

Ela balançou a cabeça. Quase conseguiu dar um pequeno suspiro de alívio. — Então, como exatamente essa Endelle fez para mandar você através dessa Passagem?

— Do mesmo jeito que você trouxe a estátua em sua mão mais cedo esta noite. Ela simplesmente pensou em fazê-lo.

— Ela deve ser poderosa.

— Você não tem ideia. Endelle é muito antiga e deve ter subido para uma dimensão superior muito antes disso. Ela é a Suprema Alta Administradora para todos da Segunda Terra.

— Eu tenho tantas perguntas e você pode respondê-las agora, certo? Ao contrário do complexo médico?

Ele balançou a cabeça. — Sim, porque você respondeu a sua chamada para a ascensão.

Chamada para a ascensão. As palavras giraram em sua cabeça. Então, ela fizera isso. Ela precisava responder a sua *chamada para a ascensão*. — Então, exatamente o que isso significa?

Ele olhou para frente e sua voz desceu um tom ou dois. — Uma vez que um mortal, responde uma chamada para a ascensão, ele ou ela começa o ritual da ascensão, um período de tempo que dura três dias, nem mais nem menos, durante o qual o ascendente, se poderoso, fica vulnerável a ataques, assim como o que aconteceu no beco.

— Então, pelos próximos três dias eu vou ser constantemente atacada?

Ele balançou a cabeça lentamente. — Provavelmente, mas isso é porque eu estou aqui, para cuidar de você.

Ela se sentiu enjoada, mas ignorou a sensação. — O que acontece no final dos três dias?

— Haverá uma cerimônia de ascensão, provavelmente conduzida por Endelle de novo, porque você é tão poderosa. Durante esse tempo você vai professar sua lealdade a ela e à Segunda Sociedade. Ela então te dará o poder da Segunda Terra, através de suas mãos, por que você estará permanentemente ascendida.

— E uma vez eu estiver ascendida, eu não vou mais ser atacada.

— Não. Pelo menos essas são as regras. Até agora, o comandante cumpriu as regras, embora eu deva pedir desculpas antecipadamente por este desprezível período de provação. No entanto, uma vez que você tenha ascendido, você não vai ser caçada desse jeito. Você vai tomar o seu lugar na sociedade da maneira que Endelle queira que você inicie seu serviço, e você será deixada em paz.

Alison ponderou o que ele disse. — Eu acho que não entendo por que Darian me quer morta. Não faz sentido. Não é como se eu fosse um guerreiro ou qualquer tipo de ameaça real para ele.

Quando ele não respondeu de imediato, ela olhou para ele. Sua mandíbula flexionou várias vezes como se estivesse rangendo os dentes.

— Diga-me, Kerrick. Eu tenho o direito de saber.

Ele aliviou o acelerador, sinalizou e em seguida virou à esquerda em uma rua residencial. Ele estacionou debaixo de uma esguia árvore de tronco verde. Ele desligou o motor. — Tudo bem, aqui está. Estamos em guerra, Alison, não uma guerra declarada como a Segunda Guerra Mundial ou qualquer coisa assim, mas mesmo assim é uma guerra. — Ele passou os dedos pelos cabelos na direção do fecho de couro. Ele esfregou o pescoço, depois suspirou. — Darian Greaves, o seu Darian, tem a ambição de governar os dois mundos. Ele vem desenvolvendo um exército ao longo de séculos feito de partes iguais de vampiros da morte e ascendentes. Meus irmãos guerreiros e eu combatemos os vampiros da morte todas as noites como parte do curso desta guerra. Nós também servimos como guardiões dos ascendentes mais poderosos, que é o que você é, uma ascendente poderosa.

— Então, nem todos os ascendentes são poderosos. — Ela fez uma pausa.

— De jeito nenhum, e o ponto de partida é quando um ascendente tem o seu nível de poder, ele ou ela pode, pela natureza desse poder, tornar-se útil tanto a Madame Endelle quanto ao Comandante Greaves. É uma espécie de cabo-de-guerra pelos espólios, embora seja um cabo-de-guerra mortal. E agora, você é considerada um grande espólio.

Alison apertava as mãos com tanta força que seus dedos doíam. Forçou-se a relaxar e deixar as mãos relaxadas e separadas. — Então o que exatamente é um vampiro da morte, esses contra o qual você batalha?

Os ombros de Kerrick afundaram. — Um ascendente que, por qualquer meio, comunga de sangue até a morte é um vampiro da morte. O consumo de sangue que está morrendo cria todas as características que você viu no complexo médico: o escurecimento das asas, a palidez da pele, o fraco brilho azulado da pele, o embelezamento do rosto, bem como o grande aumento da força física.

Vampiros da morte. Ascensão.

Alison voltou a concentrar-se na respiração. Um dentro. Um fora. — Mas uma vez que eu passe por esse período experimental...

— Esses três dias — disse ele.

— Então eu estou em casa, segura?

— Sim. Essa é a forma como ele é criado.

Ela olhou pela janela lateral, franzindo a testa. Por que exatamente ela havia respondido ao seu chamado para a ascensão? — Eu não sabia que estava escolhendo a guerra.

— Você não estava escolhendo a guerra — afirmou enfaticamente. — Olhe para mim.

Ela desviou o olhar para ele.

— Você está escolhendo uma vida melhor para si mesmo, um melhor ajuste. Eu sei quão poderosa você é e sei também que deve ter sido um inferno para você tentar sempre se conter, sempre restringindo a si mesmo. Quando você ascende, você pode ser tudo que você nasceu para ser. Tente se lembrar disso.

Alison olhou para aqueles apaixonados olhos verdes brilhando sob a luz fraca do Nova. — Eu queria ascender. — Ela colocou uma mão sobre o profundo vale entre os seus seios. — Eu tenho sentido como se fosse um vazio aqui, no meu coração, todos os dias, por semanas. Eu sei que este é o caminho certo para mim, mas eu não esperava... — A voz dela quebrou. — E Darian era meu paciente.... Eu cuidava dele. Eu me preocupava com ele. Tudo em vão, eu acho.

— Bem, merda — ele murmurou.

— Isso resume tudo.

Alison esfregou suas bochechas, endireitou os ombros, e tomou um fôlego grande e sólido. Ela destravou o cinto de segurança, em seguida, se virou para ele.

Conforme ela encontrava seu olhar, a atração familiar e muito louca que ela sentia por ele fluía através dela mais uma vez. Ela se tornou dolorosamente consciente de que ele estava a apenas alguns centímetros de distância dela. Ele era enorme e mais do que enchia o seu lado do carro demasiado pequeno. Ele desviou o olhar para longe dela, limpou a garganta, e desta vez foi ele quem olhou pela janela lateral.

Ele parecia desconfortável, embora ela não estivesse bem certa do motivo.

— Certo — disse ela. — Então me diga tudo.

Ele assentiu e, depois de arrastar uma respiração profunda, voltou-se para ela. Ele falou por um longo tempo sobre a estrutura da terra imortal, de dimensões ascendentes, na qual viviam os indivíduos que receberam uma chamada. No caso dela, os sonhos que ela teve bem como a sensação de ansiedade experimentada eram as suas ligações. Ele gesticulou muito com as mãos e mais de uma vez arrastou os dedos pelos cabelos na direção do fecho de couro, até que ele desfez a peça, recolocou todos os seus cabelos ondulados de volta, em seguida prendeu o pino através do couro. Ela não sabia que o cabelo comprido em um homem podia ser tão sexy.

Quando ele ficou em silêncio, ela perguntou: — Então, qual é a coisa de vampiro? Eu pensei que os vampiros eram mortos-vivos.

Ele sorriu, um ligeiro curvar de seus lábios. — Há uma enorme diferença entre o vampirismo ficcional e o que existe na vida real, em tempo real nos mundos ascendidos.

Aparentemente.

— Então, você nem sempre foi um vampiro, antes de ascender?

Ele balançou a cabeça. Ele até sorriu novamente. — Não. Vampiros não nascem na Terra Mortal. Características vampíricas são dadas durante a cerimônia de ascensão, características como a força física aumentada, visão e audição aguçadas, por vezes novas potências inesperadas, bem como os dentes, a fim de tanto tomar sangue como liberar substâncias químicas no sangue e tecidos adjacentes. Eu sei que isso deve soar bárbaro para você, mas a experiência de tomar e receber sangue é reverenciada na Segunda Terra.

Ela bufou. — Sim, havia muita reverência ocorrendo livremente no Blood and Bite.

Diante disso, ele deu uma gargalhada, um estrondo profundo e baixo. O vampiro possuía uma voz incrível, um baixo suave e elegante, quente e rico. — Você me pegou — disse ele. — Acho que é como o sexo. Ele pode dar um tremendo alívio em situações estressantes, como antes de uma batalha. Compartilhado entre marido e mulher, sim, a reverência é a palavra certa.

Ela olhou para ele. — Marido e mulher?

Ele pareceu cair em si conforme ele disse calmamente: — Minha segunda esposa e eu compartilhamos sangue. Foi... uma experiência muito boa. — Sua expressão sombreou-se, como se as memórias tivessem puxado as persianas para baixo em todas as janelas. Ele também falou no passado, e dado o seu impulso na direção dela, ela pensou que era um palpite razoavelmente bom que sua esposa não estava mais viva.

Ele tirou aquilo de dentro de si mesmo em lentas etapas. Ela sabia que não devia apressar o processo.

Ele esfregou o polegar sobre o volante e finalmente disse: — Como você já sabe, dados os acontecimentos em seu escritório no complexo, o ritual de sangue pode ser profundamente abusivo. Ambos, mortais e imortais, podem ser drenados até a morte, e muitas vezes o são. O sinal mais significativo deste ato que você já viu, são o empalidecimento e o fraco azulado da pele.

Ela balançou a cabeça. — Ele era bonito.

— Sim. — Ele balançou a cabeça. — Uma cruel ironia.

— Por que esses tipos de monstros são permitidos na Terra? Quero dizer na Terra Mortal?

— Não é permitido. É ilegal e nós trabalhamos para contê-los.

— Então você, enquanto guerreiro, combate vampiros da morte, assim dizendo, esse é o seu trabalho.

Ele balançou a cabeça, olhando para frente. —Sim. Eu e seis outros guerreiros. Guerreiros de Sangue. O problema é que o Comandante, Darian Greaves, o seu Darian Greaves, tornou-se global nos últimos cinquenta anos, e com o aumento da população da Terra Mortal, o número de vampiros da morte que ele e seus aliados podem criar aumentou exponencialmente. — Ele sacudiu a cabeça para trás e para frente. — Você realmente não precisa saber desta merda. — Ele fez uma careta e mais uma vez bateu no volante.

Alison sentou-se quietamente, seus pensamentos retornando a ela. Ascensão. Dimensões ascendentes. Um mundo inteiro emparelhado ao lado da Terra. Terra Mortal. Terra Mortal. Terra Mortal.

Todas as espécies de vampiros, os quais ela nunca ouviu falar correram em sua mente. Ela leu a versão de Bram Stoker. Ela assistiu True Blood. Mas isso era algo real e, aparentemente, ela se tornaria uma, se ela continuasse indo por este caminho.

Alison Wells. Vampira. Ela estremeceu de repente.

— Você está bem? — ele perguntou, sem olhar para ela. Seu polegar novamente batia no volante, mais lento agora, um baque surdo no espaço confinado.

— Claro — disse ela. — Eu estou sentado ao lado de um vampiro e se eu seguir este caminho para uma conclusão lógica, eu vou ver crescer um par de presas em mim.

Ele olhou para ela, suas feições solenes. — Você está indo bem.

— Você sabe, você tem a voz mais bonita que eu já ouvi.

Seu sorriso surgiu mais uma vez.

Ele parecia incrível com o arnês de armas e o kilt preto. Seus dedos coçaram para deslizar suas mãos em todas as partes de couro que conseguia ver. Ela olhou para as pernas dele e percebeu o tremor de suas coxas.

— Você está nervoso, também.

— Mais ou menos — ele disse, sua voz áspera. — De uma forma diferente. — Mais uma vez, ele olhou pela janela lateral e atraiu uma série de longas e profundas respirações.

— E se você não se importa que eu diga, você tem o cheiro mais maravilhoso… perfume… parecido… cardamomo.

Ele balançou a cabeça, mas ele ainda não olhava para ela.

Ela colocou a mão em seu braço. — Obrigada por me tirar do beco.

Ele estremeceu, enrijeceu, depois relaxou. Quando ela retirou a mão, pensando que ela podia tê-lo ofendido, ele a pegou e apertou-a de volta no lugar.

— Você é muito bem-vinda. — Ele respirou fundo outra vez. — Mas eu preciso que você saiba de algumas coisas.

— Está bem.

— Primeiro, quero explicar sobre mais cedo no clube. Eu estava apanhado no que é uma experiência rara chamada o breh-Hedden. Eu estava enlouquecido quando fui atrás de você, mas eu não teria te machucado.

— Eu sei disso.

— Você sabe? — ele olhou para ela, o alívio estampado nos olhos.

Ela balançou a cabeça.

— Bom. E eu vou fazer o meu melhor para não deixar isso acontecer novamente.

— Está certo. — Ela se tornou extremamente consciente da mão dele cobrindo a dela e de seu grosso e musculoso braço sob a palma da sua mão.

— Então, isto é por causa do *breu* alguma coisa?

— O breh-Hedden. — Ele soletrou para ela. — Uma antiga expressão escrita em uma língua morta há muito tempo, apenas o uso ocasional de algum termo ou frase.

— O que é isso exatamente?

— Primeiro, é raro, muito raro, mas apresenta-se como um sentimento de unidade quase impossível, onde o homem sente uma necessidade de possuir uma mulher sexualmente, para protegê-la, bem como exige a troca de sangue e o envolvimento da mente de uma forma muito profunda, com o anseio de estar continuamente na mente do outro.

— Você não está falando de telepatia.

— Não. Algo muito mais profundo. Um entrelaçamento de mentes, às vezes chamado de mergulho na mente.

— Tem que ser os três? — ela não queria dizê-lo em voz alta. Tudo parecia tão pessoal, tão íntimo: o sexo, o sangue e a mente.

— Para completar o breh-Hedden, sim, todos os três, todos de uma vez, de ambas as partes, ao mesmo tempo.

Alison soltou um longo suspiro. O pensamento de estar tão plenamente unida a outra pessoa, a um homem, possivelmente o homem sentado ao seu lado, tornava difícil conseguir arrastar o próximo hausto de ar para dentro. Ela engoliu... asperamente. — Então, a atração que sinto por você é parte do breh-Hedden.

— Sim, mas eu espero que você possa simplesmente esquecê-la.

— Kerrick — ela sussurrou, sua face formigando, a respiração superficial, o desejo fluindo. — Eu não acho que possa.

Ele se virou para ela e encontrou o seu olhar. — Oh, Deus, você cheira a lavanda.

— Eu cheiro?

Ele balançou a cabeça. — Alison, escute-me. Eu estou pendurado por um fio aqui. Esta experiência é poderosa, como quase tudo o que ocorre na Segunda Terra. — Ele afastou delicadamente a mão dela de seu braço. — Então você seria muito sábia em não me tocar novamente, e em fazer tudo o que puder para resistir a essa atração.

Alison sentia-se completamente e totalmente presa entre o desejo de seguir em frente e uma necessidade urgente de conter-se como ela sempre fizera, para ter certeza de que ela não feriria o homem ao lado dela. Por uma fração de segundo ela quis correr para casa, colocar as cobertas sobre a cabeça, e ficar lá, como sempre. Por outro lado, desde que ela jogou a explosão da sua mão no ar, alguma coisa profundamente dentro dela mudou e se transformou. Ela nunca mais voltaria para a segurança de sua vida simples, aquela vida de clausura. Pela primeira vez em muito tempo, talvez desde sempre, ela sentia como se estivesse nascendo para a vida.

Sua respiração fazia seu peito subir. Ela precisava saber de uma coisa importante, saber se ela poderia estar com esse homem, esse vampiro, e não feri-lo. O nível dos poderes dele deu a ela esperança, mas ele poderia lidar com quem ela era?

Ela pôs a mão novamente em seu braço e observou seus lábios se abrirem e seu peito subir fortemente. Ele se virou para encontrar seu olhar. Ela encheu a cabeça dele com uma pergunta. *Você poderia me fazer um favor?*

Ele não hesitou, nem por um segundo, quando ele mandou, *qualquer coisa, minha bela.*

O que era uma resposta perfeita.

Em voz alta, ela perguntou: — Será que você poderia me dar um beijo, Kerrick?

Um sonho trazido à vida é mais precioso do que ouro,
Mas cuidado com o preço.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 10

Thorne arrancou seu telefone do bolso de seu kilt, passou o polegar sobre a tela, em seguida enxugou a testa com o braço. O suor corria. Como deveria. Ele estivera entrando e saindo de escaramuças por horas. Seus músculos se contraíam, um par deles gritando por alívio.

— Central.

— Ei, Jeannie. Temos uma bagunça para você limpar em Superstições. — Ele ficou de costas para uma parede de falésias. O terreno em frente a ele era iluminado pela luz das estrelas e repleto de cactos hostis e os corpos e restos de penas de inimigos mortos... o de sempre.

Luken sentava-se nas proximidades, com as mãos plantadas no chão atrás dele, o que permitia a ele se inclinar para trás. Horace atendia um profundo corte de espada em sua coxa. O guerreiro não recuou quando o curandeiro atendia a ferida, fechando-a e murmurando uma suave oração como um cântico. Jesus, aquilo deveria doer.

— Quanto de muito ruim, duhuro? — Jeannie perguntou.

— Ei, o que há com você e essa merda de duhuro? — suas mãos tremiam e ele sentia como se toda a sua cavidade torácica estivesse em chamas.

Jeannie deu uma risadinha. — Apenas demonstrando meu amor, chefe.

— Sim, mas você não usou essa expressão nos últimos quantos anos? O que está havendo?

— Pensei que precisava de um retorno.

— Você sabe o que Medichi diz, não é?

— Sobre o duhuro? Sim. Ele diz que significa *escravo*, mas nós entendemos diferente.

— Tanto faz. — Mas ele deu uma risada.

A risada gutural de Jeannie ondulou através da linha também. O que eles fariam sem as mulheres na Central?

— A propósito, por que você ainda está trabalhando? — ele olhou para baixo e chutou uma pedra pequena.

— Carla tinha um encontro.

— Aquele Guerreiro de Milícia de novo? — seu olhar varreu o horizonte, sempre procurando. A alvorada, infelizmente, ainda estava a um par de horas de distância, e desde que vampiros da morte preferiam caçar à noite, ele estaria preso aqui por um tempo.

— Isso aí. Ela está realmente na dele. Ele tem um metro e noventa e cinco, cento e vinte quilos, tudo de músculos, assim como vocês guerreiros.

— Bem, você apenas trate de se certificar de que ele a trata bem. Se ele não o fizer, você sabe onde me encontrar.

Ele ouviu um suspiro muito profundo. — Certo, certo, duhuro. Então, de que tipo de números que estamos falando nas Superstições agora?

— Vinte e três.

— Puta merda. Pelo menos você dá conta deles todos.

— Amém por isso. — Suor mais uma vez rolou pelo seu rosto, driblando as aletas de seu nariz. Ele dobrou uma toalha desde sua casa em Segunda Sedona e limpou seu rosto. — Luken tinha um corte através de seu quadril esquerdo. Eu tive que trazer Horace para fazer a sua magia de cura.

— Ouch. Diga a ele para se sentir melhor.

Thorne, só grunhiu. Ele ouviu uma série de toques na tela, então Jeannie voltou on-line. — Cubram seus traseiros.

Thorne avisou Luken e Horace, fazendo ambos fecharem os olhos. Um flash de luz e desta vez um estrondo abafado. Vinte e três era um número grande.

Quando a luz desapareceu, Thorne olhou em volta. Toda a carnificina havia desaparecido. Graças a Deus por toda a tecnologia. Não fazia tanto tempo quando ele e Luken teriam que gastar parte de cada noite fazendo o trabalho de dobrar cada corpo, o que não era tão ruim. Mas a função de recolher e limpar detritos do chão era um trabalho dos diabos: armas caídas, partes de corpos, penas, imagine isso.

Por alguma razão seus joelhos fraquejaram e ele sentou-se no chão. — Obrigado, Jeannie.

— Você irá até o Convento mais tarde?

— O que você quer dizer? — como ela sabe?

— Você sempre faz isso perto do amanhecer.

— Eu faço? — Jesus. Será que ele era tão óbvio? Ele precisava quebrar sua rotina, apesar do pensamento de qualquer coisa que o impedisse de ir onde ele precisava ir desse um nó duplo em seu estômago. Uma visita ao Convento se tornara parte de sua estratégia de sobrevivência.

— Hey. Todo mundo sabe que você está preocupado com a sua irmã. Como é que ela está indo?

Oh, sim. Sua irmã. — Ela está na mesma. Excessivamente devotada.

— Convento — Jeannie murmurou. Ele podia sentir seu arrepio.

— Eu te ouvi. Horace está prestes a terminar. Grite se você precisar de mim.

— Sempre fazemos.

Thorne batucou seu telefone e permaneceu sentado no chão, seus braços descansando sobre os joelhos dobrados, seu kilt de couro pendurado abaixo. Ele se estendeu com seus sentidos, mas não detectou qualquer mudança nas ondas de ar ou resfriamento da temperatura. Ele farejou o ar. Só o cheiro acentuado do deserto voltou aos seus sentidos.

Ele olhou para o curador, alto e magro, com a cabeça curvada sobre a coxa de Luken, sua mão sobre a ferida, seu cenho franzido. Um tênue brilho emanava da área onde ele trabalhava. Luken recostou-se sobre as palmas das mãos, sua expressão desinteressada. Depois de alguns séculos, o que era um corte profundo? Afinal, a artéria não foi atingida.

— Como você está indo, Luken?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— O quê? Oh, está tudo bem. Eu só estava pensando o quão bonito é o deserto à noite. Basta ouvir o silêncio, e merda, essas estrelas são outra coisa. Você não consegue vê-las assim, perto da cidade. E eu adoro o cheiro. Como sálvia, eu acho.

Deixe Luken se maravilhar com a obra do Criador após ter sido esfolado como um peixe.

Alguns segundos mais e Horace ficou de pé. Luken levantou-se também, balançou as duas pernas, em seguida, pisou ao redor. — Horácio, você é um gênio do caralho. — Ele encarou o curador, em seguida, apertou ambas as mãos sobre seus ombros. — Como sempre, obrigado, homem.

Horácio olhou para ele e sorriu. — O prazer é meu. — Quando os braços de Luken caíram novamente para os lados, Horace se inclinou, um absurdo sinal de respeito que os guerreiros não conseguiam fazê-lo desistir de demonstrar. Ele se curvou para Thorne também, levantou um braço, depois desapareceu.

Luken moveu-se para ficar na frente de Thorne. — Jefe?

— Sim? — Thorne olhou para cima. As pernas de Luken e as caneleiras estavam salpicadas de sangue. Ele esfregou a mão pela cicatriz com seu polegar, saboreando a sensação das bordas, agradecido que ele ainda tinha todas as cinco digitais intactas.

Luken balançou a cabeça. — Vinte e três desses bastardos e eu quase comprei isso.

A garganta de Thorne apertou. — Eu sei.

— Obrigado por guardar minhas costas.

Thorne apenas balançou a cabeça. O interior do seu peito ainda ardia como um filho da puta. Ele queria que seu Ketel. Agora.



Kerrick olhou dentro daqueles olhos azuis, que eram pouco mais que um brilho suave no carro escuro. O cheiro de lavanda corria para ele, o banhava, trabalhava sobre seus sentidos em um frenesi.

Então ela queria que ele a beijasse. Ela queria abrir a porta.

Maldito breh-Hedden.

Seus votos se apressaram para ele e seu coração foi até o chão. Memórias rasgaram através dele, memórias de uma aldeia perdida mil e duzentos anos atrás, de Marta, sua primeira esposa, e seu corpo rasgado e drenado. Acelerando para vários séculos adiante, memórias de Helena e seus dois filhos vaporizados em uma explosão. E durante todos esses mil e duzentos anos, ele lutou com uma espada a cada dia e a cada dia ele tirou vidas de novo e de novo. Cristo. Antes que o sol tivesse ao menos se posto esta noite ele lutou contra quatro vampiros da morte e enviou-os para a perdição.

— Eu mato, Alison. Isso é o que eu faço.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele ouviu quando a frequência cardíaca dela aumentou. Ela não conseguia disfarçar essa reação, e ainda disse: — Você é um guerreiro.

Ele balançou a cabeça. — Eu sou um guerreiro. E eu também tomei votos. Eu não vou casar de novo.

Ele ouviu uma ligeira ingestão de ar, em seguida, uma liberação lenta. — Eu nunca pensei em casar-me no curso da minha vida. — Sua voz era pouco mais que um sussurro.

Ele se virou para ela, mudando de posição no banco muito pequeno. — Por que não?

— Eu feri um homem uma vez. Eu... — Ela ergueu o queixo. — Eu quase o matei.

Ele percebeu o rosnado se formando em sua garganta. — Ele machucou você? Foi por isso?

Ela balançou a cabeça, em seguida, fez uma careta. — Ele se machucou por causa de quem eu sou. Quando eu pedi que você me beijasse, eu queria saber se... — Ela desviou o olhar.

— Você está preocupada se vai me machucar.

Ela balançou a cabeça e seu olhar caiu sobre o colo. — Eu sei o que é fazer um voto. É apenas que seria muito bom... uma vez... saber que eu poderia beijar um homem, estar com um homem sem machucá-lo.

— Você não vai me machucar — ele afirmou.

— Então é o que você diz.

Ele realmente não deveria abrir essa porta. Seus votos giravam em sua cabeça, batendo contra o interior do seu crânio, mas ela estava ao lado dele e ela disse palavras que ele já havia dito a si mesmo. Eles poderiam se machucar por causa de quem eu sou.

Jesus. Ele sabia exatamente como ela se sentia.

Ele se esforçou para lembrar todas as razões para recusar. Ele sabia que as razões corretas estavam lá, ele simplesmente não conseguia encontrar o seu pensamento racional, nenhum deles. Além disso, ele queria fazer isso por ela. Ele queria que ela soubesse que, embora muitas coisas eram impossível para ela aqui na Terra Mortal, era apenas porque ela precisava ascender, para estar com um homem na Segunda Terra, alguém como ele, um vampiro poderoso que poderia ter tudo o que ela tinha para dar.

O pensamento de todo o poder dela dentro dele fez algo, como seria a sensação de tê-la sob ele, de estar conectado a ela, seu pau enterrado profundamente, suas presas em seu pescoço, sua mente vagando através da dela. Ele queria tudo.

Ele enviou a questão suavemente em sua mente, *você tem certeza disso?*

Uh-huh, ela respondeu, suas habilidades telepáticas quase perfeitas. — Poderíamos começar com um beijo — ela sugeriu, — e se não der certo...

Como o inferno, que isso não vai funcionar.

Ela suspirou. É o que eu estou esperando.

Ele se virou na direção dela. Sua caixa torácica batendo contra o volante. Ele mal podia mover os joelhos, o carro era tão malditamente pequeno.

Ele tentou relaxar, mas seu corpo era um caldeirão. Ele agarrou seus braços e arrastou-a contra seu peito. Ele a beijou ferozmente, reclamando pelo menos, seus lábios, tentando imprimir a maior parte do seu corpo na memória dela.

Oh, Deus, ela abriu seus lábios.

Ele dirigiu sua língua duramente, tomando posse de sua boca, talvez duramente demais, porque ela se afastou, então se torcendo lateralmente em seus braços. Ele estava prestes a pedir desculpas, mas ela mudou sua posição mais um pouco, em seguida, enfiou-se contra ele de modo que sua cabeça agora descansou no poço dos seus ombros. Oh, ela estava se deixando ficar mais confortável. Ela ainda se pendurava com um braço em volta do pescoço dele. Sim, o carro era pequeno e ambos precisavam se adaptar.

Ele deslizou sua mão sobre a parte traseira de sua cabeça, acariciando-a. Os fios de seda corriam sobre seus dedos.

— Beije-me novamente — ela murmurou.

Ele se curvou sobre ela e a beijou como se nunca tivesse tido a sua língua na boca de uma mulher antes. Ele procurou todas as fendas, o contorno dos seus dentes, seus lábios, e duelou com sua língua. Ele não conseguia o suficiente.

O desejo rugiu dentro ele.

Deus o ajude.

Pequenos gemidos escapavam dela enquanto ela tremia em seus braços.

Será que ele estava machucando-a? — Você está bem? — ele perguntou, sua voz arranhando como uma casca de árvore.

Ela gemeu baixinho. — Sim, sim. Deus, sim. Eu não estou machucando você, estou?

— Nem mesmo um pouco. Eu prometo a você, eu posso tomar tudo o que você tem.

Ela choramingou, em seguida, baixou a cabeça de volta sobre o ombro dele e mais uma vez ele tomou sua boca. As mãos dela deslizavam por cima do ombro e para baixo do seu braço, prendendo-o, apertando, saboreando seus músculos. Ele adorou, mas cara…

Ele se afastou em total agonia.

— Faça mais disso — ela sussurrou. Ela deslizou os dedos levemente sobre o dorso de sua mão. Porra, ele estava arranhando seus seios através da camiseta de algodão. Ele olhou ao redor da vizinhança. Já era tarde, a noite estava escura, mas apenas no caso de, ele criou uma névoa complexa em torno do carro. Qualquer mortal olhando em sua direção teria uma experiência de confusão mental e seria como se o carro nem sequer existisse.

Iria ele realmente fazer isso? Ele deveria parar agora, deveria conter-se. No entanto, sua força de vontade havia desaparecido. Foi há muito tempo. Um muito fodido tempo.

Ele empurrou o suéter dela para um lado, puxou a camisa para cima e seu sutiã para baixo. Sua carne suave e quente parecia o céu contra mão. Ela sabia o que fazia enquanto se levantava e se arqueava sobre ele, o peito pressionado contra as bochechas dele.

Oh, sim.

Ele virou-se, assentando firmemente sua boca em seus seios encharcados de lavanda e amamentou até que seu corpo ondulou contra o dele. Ele queria usar suas presas. Oh, Deus, como ele queria usar suas presas. Queria afundá-las profundamente e fazê-la gozar. Ele rosnou fortemente, o que a levou a lançar uma perna em sua direção. Infelizmente, ela bateu o joelho no painel do carro e gritou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele recuou e olhou para ela. — Este carro é muito malditamente pequeno — disse ele. — Você está bem?

Ela balançou a cabeça até que o seu olhar caiu sobre os lábios dele. Ela engasgou. Suas presas haviam emergido. Maldição.

Ela recuou. — Talvez esta não tenha sido uma boa ideia — ela sussurrou, inclinando-se para trás em sua cadeira, seu olhar fixo na boca dele. As ondas de lavanda recuaram.

Ele estremeceu e fechou os olhos. Ele não tinha escolha. Precisava se controlar, mas a represa havia se rompido. Sua virilha doía como se ele tivesse acabado de ser chutado.

Ele respirou fundo, várias vezes, até que seus dentes se retraíram. — Você está certa. Esta não foi uma boa ideia. Vamos te levar para casa. Para onde?

— Eu moro em Carefree.

Ele balançou a cabeça várias vezes. — No caminho, você pode me fazer mais perguntas. — Ele encontrou seu olhar.

Ela finalmente olhou em seus olhos. — Isso é real, não é?

— Sim.

— Vampiro.

— Sim.

Ela desviou o olhar para o para-brisa. — Oh. O que é isto que estou olhando? Eu vi isso antes no clube.

Ele tocou a ignição e ligou o motor. Ele rosnou sua frustração. Ele era um vampiro faminto sentado ao lado de uma refeição de nove pratos e proibido de comer. Ele acenou com a mão e dissipou sua criação. — Nós o chamamos de neblina.

— Como isso funciona?

Ele olhou para ela. — Bem, para os mortais comuns e a maioria dos ascendidos na Segundo Terra, a neblina é projetada para confundir a mente. Por exemplo, se um mortal passasse por aqui agora, a sua mente simplesmente olharia através do carro como se o veículo não estivesse lá. Mas eu acredito que você pode vê-la.

Ela balançou a cabeça.

— O que você vê?

— Como se fosse uma espécie de teia de aranha, mas mais como uma malha muito bonita intrincada, ainda que bem solta. E branca. É branca.

Ele balançou a cabeça e deu uma risada. — Isso é incrível. Isso é o que eu vejo também, e meus irmãos guerreiro veem a mesma coisa. Mas até este momento, eu nunca tive um ascendente capaz de detectar a composição física da névoa.

Ela colocou o cinto de segurança novamente. E ficou em silêncio. Sem dúvida, ela estava se sentindo sobrecarregada, e por que não estaria? Este foi um monte de informações para absorver.

Ele virou o carro e seguiu na direção da I-10.

O silêncio reinou por um bom tempo. Ele deu tempo a ela. Finalmente, ela perguntou: — Então, o que levou você a deixar o pequeno convite em preto-e-vermelho aos meus pés?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele balançou a cabeça. — Eu odiava deixá-la em tal desespero. Eu pensei que, talvez, se você estivesse no meio de sua chamada, isto poderia ajudar.

— Eu acho que ajudou porque aqui estou eu.

— Aqui está você.

— Então, por que o Blood and Bite? Não teria sido melhor se você simplesmente tivesse me convidado para o Starbucks ou algo assim?

Ele deu uma gargalhada. Oh, Deus o ajude se ela o fez rir. Ele tendia a se apaixonar perdidamente por uma mulher que tinha um senso de humor.

— Você sabe, aquele clube é muito machista.

Ele olhou para ela e sorriu. — Diga-me, honestamente, conversa de estrada, se você e eu nunca tivéssemos nos encontrado, você acha que poderia ter voltado?

Ele sentiu seu desconforto repentino, mas quando um rastro de lavanda flutuou sob o seu nariz ele teve a sua resposta.

Ela encolheu os ombros. — Bem, certo, talvez. Uma vez. Só para ver como era.

— As mulheres que vão lá se divertem muito.

— E aqueles guerreiros encantam as mulheres.

— Em parte. Tente pensar nisso como um atalho para a sedução tradicional. Na verdade, não é muito diferente.

— Estamos falando de níveis de poder. Isto é diferente.

— Exceto por uma pequena coisa. A mulher tem que estar disposta a ser encantada. Ponto.

— Oh. — Ela ficou em silêncio por um momento e depois perguntou: — E você encontrou muitas mulheres dispostas?

Ele olhou para ela. Ele viu o desafio nos olhos dela. A honestidade pode servi-lo em mais de uma maneira, e ele não viu nenhuma razão para ceder a uma mentira. — Sim.

Ela olhou para longe dele. Ele podia adivinhar seus pensamentos, especialmente porque ele não conseguia detectar nem mesmo o menor traço de lavanda se derramando do seu corpo agora. Bom. Se ela pensasse que ele era desprezível, como talvez se o achasse um porco machista, então ela conseguiria deixá-lo.

— Algum dos guerreiros é casado?

— Nenhum dos guerreiros do Sangue, mas uma alta porcentagem dos guerreiros de Milícia tomam esposas... ou maridos. Nós temos mulheres que servem como guerreiros da milícia.

— Então há uma diferença entre os dois grupos?

— Infelizmente há uma grande diferença. Existem apenas sete guerreiros do Sangue, mas em todo o mundo existem centenas de milhares de guerreiros Milícia. A milícia funciona como uma força de paz, mais ou menos como a sua Guarda Nacional, mas com muitas das mesmas funções da polícia regular, você sabe; distúrbios furtos, roubo, invasão de domicílio, disputas domésticas, os homicídios, o de sempre.

— E os Guerreiros de Sangue?

— Nós servimos principalmente a Endelle, combatendo vampiros da morte como uma unidade aqui nesta parte do mundo.

— Eu não tenho certeza de que entendi. Vampiros da morte apenas residem na área de Phoenix? Em nenhum outro lugar no mundo?

Ele balançou a cabeça. — Não é bem assim. Há vampiros da morte em cada território, em cada país da Segunda Terra. Guerreiros da milícia em todo o mundo combatem aos vampiros da morte, mas apenas em grandes unidades, uma vez que precisa de pelo menos quatro guerreiros de Milícia para dar conta de um vampiro da morte. Nós, enquanto guerreiros de Sangue, estamos aqui como uma camada de proteção para Endelle, o que pode explicar a você por que o comandante mantém vampiros da morte rondando outros continentes e enviando-os para a batalha contra nós. Se ele conseguir quebrar nossas fileiras, nos colocando em nossas sepulturas, então ele pode quebrar Endelle e sua administração.

— Sete homens contra um que parece comandar um exército inteiro de vampiros da morte? Como isso pode dar certo?

— Isso não costumava ser tão ruim, mas com a explosão da população da Terra Mortal e o aumento do número de ascensões que ocorrem em todos os sete continentes do mundo, o número de ascendidos sem escrúpulos, prontos e dispostos a beber o sangue de morte, também aumentou. Estamos um pouco sobrecarregados no momento, e o número de guerreiros da milícia que morre a cada ano é de partir o coração.

Ela balançou a cabeça. — O que me leva de volta à minha pergunta original. — Guerreiros de Sangue não se casam?

— Eu acho que nós estamos fugindo do tema, mas a resposta é, raramente.

— Por quê?

A questão o traspassava direto no coração. Suas memórias de Helena e seus filhos vindo à tona mais uma vez. — É apenas muito malditamente perigoso. Não para o guerreiro, mas para aqueles a quem ele ama.



Alison manteve seus braços em torno dela como um torno. Seus dedos se apertando em seu suéter. Calafrios continuavam correndo através dela, mesmo ela não estando sentindo frio.

Ela fixou o seu olhar na janela e viu um borrão de rua e casas velhas e desgastadas passando. Quanto tempo desde que ela falara? Ela olhou ao redor. Eles estavam se aproximando da I-10. Tanto tempo, então.

Seus pensamentos se tornaram um mar tempestuoso, as altas ondas, uma arrebentação direto na sua cabeça. Ela não conseguia entender o que estava acontecendo com ela, sendo a mente uma coisa limitada e apenas incapaz de absorver tudo.

Depois, havia o contínuo ataque da presença maciça de Kerrick em seu carro, o persistente cheiro erótico e masculino dele, sua proximidade e a tentação de tocá-lo à vontade…

Ela puxou um longo e trêmulo suspiro.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Você está muito quieta. — Sua voz profunda encheu o carro e mais uma vez golpeou seus sentidos.

— Muito em que pensar. — Ela se virou para ele. — Como foi o seu ritual de ascensão?

Será que ele estremeceu? Ótimo.

— Toda ascensão é diferente da outra. Você não pode comparar as duas.

— Vamos tentar.

— Você não quer saber.

— Sim. Eu quero. Eu preciso de respostas, Guerreiro.

Seu olhar agarrado ao dela, em seguida, voltando para a rampa de acesso. Quando ele os reincorporou ao tráfego no início da manhã luminosa, ele disse, — Bem, eu era uma besta selvagem, cheio de raiva. Eu ainda sou quando eu penso sobre o que aconteceu. Os vampiros da morte estupraram e drenaram minha esposa, Marta, minha esposa mortal, minha primeira esposa. Ela estava morta antes que eu a encontrasse. Meu filho Evan, não tinha nem um mês de idade, estava agitado em seu berço, mas vivo.

— Minha ascensão envolveu abandonar meu filho naquele mesmo dia. Uma vez que eu terminei a cerimônia, eu fui em um rompante, matando e matando mais até que eu consegui encontrar até o último daqueles bastardos que essencialmente destruíram a minha família.

Alison sentiu a profundidade de sua dor. Ele se lembrava daqueles dias ou semanas como se fossem ontem. Uma mulher estuprada, um filho abandonado. Jesus. — Você já desejou que não tivesse acontecido? Sua ascensão?

Ele balançou a cabeça. — Gostaria de desfazê-lo por causa de Evan. Eu odiei ter que deixá-lo. Eu ainda penso nele, sofro por ele, desejo que eu tivesse pensado nele em vez de na minha necessidade de vingança. Eu acho que o abandono é uma das piores coisas que se pode fazer a uma criança. Você não tem filhos, não é?

Alison balançou a cabeça, mesmo riu. — Não é possível.

— Você quer dizer que você não pode ter filhos?

Ela olhou para ele. — Tanto quanto eu sei, eu posso. Eu estava me referindo a essa coisa de poder, que eu falava antes. A cada ano os meus poderes iam ficando mais fortes, e pelo tempo em que eu estava na casa dos vinte anos, bem, eu não conseguia estar com um homem mais, não sem… causar danos.

— Eu não estou surpreso — ele murmurou.

Alison precisava mudar de assunto... rápido. — Se eu ascender, eu tenho que deixar minha família para trás? É uma das regras?

— Cada contexto de cada ascendente é diferente. Alguns estão felizes em deixar a Terra Mortal e nunca mais olhar para trás. Aqueles que querem manter a conexão com entes queridos enfrentam uma série de dilemas. Por um lado, cada visita requer um passe, bem como aconselhamento.

— O maior dilema torna-se a natureza da imortalidade. Uma vez que ascende, você tem o potencial de viver para sempre. Cada dia que passa em que você não envelhece cria um problema para sua família e seus amigos na Terra Mortal. Como o passar das décadas, eventualmente, uma

separação não se torna apenas necessária, mas sensata. E, claro, há sempre o aspecto que nos diz mais respeito, que é manter o nosso mundo escondido dos mortais, portanto, a função do conselheiro.

Alison não poderia imaginar-se dizendo adeus para sempre aos seus pais, ao irmão, à Joy, a pequena TJ, mesmo para o marido de Joy, Ryan. Seu coração doía só de pensar nisso.

— Ei — ele disse calmamente. — A melhor coisa a fazer é dar um passo de cada vez. Vamos começar primeiro com a sua ascensão.

Ela assentiu, olhando para frente. — Boa ideia.

Depois de alguns minutos, conforme ele emergia na 51, agora em direção ao norte, os aspectos mais prementes da sua situação atual sacudiam os alicerces da sua mente mais uma vez. Um arrepio rolou através dela. — Então — ela aventurou-se no silêncio, — quais são as chances que eu tenho de sobreviver esta noite?

— Eu estou bem aqui — disse Kerrick. — É o meu trabalho fazer que você passe por isso. Os guerreiros vão ajudar. E Endelle.

Ela pensou em Darian, em ter estado o aconselhando por todo o ano passado. Qual era a sua intenção por todo aquele tempo, estar em tal proximidade dela todo esse tempo, mas não levantar um dedo contra ela? Não fazia sentido.

— Por que Darian, o comandante não tirou a minha vida quando teve a chance? Vi-o a cada semana por um ano inteiro.

Seus polegares mais uma vez batucavam no volante. — Mais uma vez, temos algumas regras que temos de respeitar. Um ascendente não é um jogo justo até que ele ou ela responda à chamada para a ascensão. Endelle teria tido o direito de exigir um julgamento para processar Greaves se ele tivesse prejudicado você. Mas essa lei funciona nos dois sentidos. Endelle, e todos nós, temos que ter cuidado em como fazemos nosso trabalho.

Ele fez uma careta. — Mas eu vou te dizer o que eu realmente não entendo. Você vê esse carro em frente de nós? Isso é um BMW M3 que faz quatro com um litro, motor V-8, um dos melhores de se conduzir no mundo, e o motorista vai a setenta fodidos quilômetros por hora!

O guerreiro ao lado dela estava irritado com a forma como um mortal conduzia um carro?

Alison dobrou-se para frente e riu, o que ajudou muito. Neste momento, o vampiro ao lado dela parecia tão… bem, normal.

O guerreiro Kerrick, porém, não achou graça. — Você acha isso engraçado? — ele mudou de faixa, acelerou, passando pela BMW mais rápido que pôde em um carro que começava a tremer. Ele voltou para oitenta para que o Nova pudesse relaxar.

— Acho que você não é do tipo paciente, não é?

— Não tenho paciência para alguém que dirige um carro que poderia facilmente voar a duzentos de quilômetros por hora.

Alison deu de ombros. — Pense nisso, Guerreiro. A esta hora da manhã, o motorista poderia facilmente estar drogado ou bêbado até seu traseiro. Quanto mais lento ande, melhor.

Ele resmungou, mas ainda usava a sua carranca.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Certo. Você me disse um monte de coisas ruins sobre a Segunda Terra. Então agora me diga o que há de tão legal sobre a ascensão? Eu não estou exatamente sentindo o amor.

Quando ele não falou de imediato, ela passou a olhar para ele. — Um pouco de dificuldade para responder a pergunta?

Mais uma vez sacudiu a cabeça e bateu o dedo no volante. — Se passou tanto tempo desde que eu parei para pensar nisso. Bem, você nunca terá que se preocupar com a doença na gengiva.

— O quê? — ela deu uma risada latida.

— Ei. Pode ser um problema real. — Mas um sorriso brincava no canto de sua boca. — Nós não temos doenças na Segunda Terra. É incrível. Sem cárie dentária ou cutículas ou o maldito câncer. Você pode fumar até vomitar e você nunca vai ficar doente. Nós não envelhecemos. Quando fazemos um corte ou uma contusão, nós curamos rápido. No entanto, não somos completamente imortais. Decapitações vão terminar uma vida, estrangulamento, explosões também.

— Ótimo.

Ele deu de ombros, como se dissesse, acostume-se a isso. Mas ele continuou: — E você nunca verá jardins mais bonitos do que na Segunda Terra. Horticultura é a mais elevada forma de arte.

— Hum. Mais ou menos como o Jardim do Éden.

— Muito próximo, mas com peles pálidas, os vampiros da morte tingidos de azul é apenas para manter as coisas interessantes.

A sua vez de encolher de ombros. — Há sempre um ferrão em um dos insetos.

Ele olhou para ela, em seguida, desviou o olhar. — O que mais? Oh Deus... ... espetáculo. Se você gosta de uma boa exibição de queima de fogos, ou sinalizadores, ou esquadrões de gansos ou cisnes com o DNA alterado, você achar que já morreu e foi para o céu. Se há uma chance de comemorar em uma arena ao ar livre ou anfiteatro ao ar livre, a Segunda Terra proclamará um maldito feriado. Imagine o Cirque du Soleil reunido em Pequim.

Ela estreitou os olhos. — Então, quando foi a última vez que você assistiu a um desses espetáculos?

Mais uma vez os olhos dele olhavam sem piscar.

— Isso é o que eu pensava. Você precisa se divertir mais, guerreiro.

Aparentemente, isso não era a coisa certa a dizer. Sua mandíbula rangeu para frente e para trás parecendo que ele pretendia pulverizar seus molares. — Eu geralmente estou um pouco ocupado durante a noite... — O ar no carro esfriou cerca de vinte graus. — E eu durmo durante o dia.

Ela não se conteve. — Em um caixão?

— Oh, você é hilária, ascendente.

Mas Alison riu.

Certo. Então isso era algo no que ela poderia trabalhar. Kerrick precisava afrouxar um pouco.

Mas, mesmo com o pensamento acelerado através de seu cérebro ela conseguiu se conter. O que ela estava pensando? Oh, ela sabia o que estava pensando. O vampiro ao lado dela era um material realmente incrível para namorado de alguém. Dada a natureza de sua vida agora, quão grande seria dar a ele um pouco de clareza, facilitar um pouco sua vida?

Certo, então ela estava muito à frente de si mesma.

Ela decidiu mudar o assunto. — Fale-me mais sobre Madame Endelle. Um nome, por sinal, que me faz pensar em uma vidente que você encontraria exercendo seu ofício no centro de Phoenix, ou Sedona, talvez.

Ele riu. — Eu acho que você está certa. — Mas então ele franziu o cenho. — Endelle é complicada. A coisa é, ela é uma verdadeira figura, mas eu daria minha vida por ela. Ela é a Alta Administradora Suprema da Segunda Terra e ela está basicamente sacrificando tudo para manter este mundo em ordem. Ela tem estado por aí desde um tempo muito longo, mais de nove mil anos.

Ela chicoteou o olhar de volta para ele. — Nove mil anos? — sua respiração presa na garganta, e mais uma vez sentiu-se tonta.

— Por que não? — perguntou ele. — Se eu existo, se você existe com todos os seus poderes inacreditáveis, por que não a imortalidade?

— Você está certo. É claro. — Mas ela se sentia como se tivesse levado um sério golpe na cabeça.

— O nome dela é interessante. Endelle. Ela é também conhecida como Aquela Que Deve Viver. Os dois nomes refletem seu nome de nascimento. A única pessoa que pode pronunciar a versão original é Thorne. Trata-se de três cliques ou algo assim. De vez em quando eu o escuto soltá-lo e eu o escuto como se fosse um grilo solto em sua boca.

Ela apenas olhou para ele. Ela sabia que ele tencionava distraí-la com a sua explicação inócua do nome de Endelle, mas por alguma razão, nove mil anos afundaram-na. Seu peito se dobrou um pouco mais.

— Você disse que a decisão está envolvida no processo. Então isso significa que eu ainda posso escolher não ascender.

Ele continuava olhando para ela, provavelmente debatendo sobre o quanto ele deveria dizer. Finalmente, ele disse em voz baixa: — Teoricamente, você pode declinar. No entanto, com o seu nível de poder, o comandante não vai deixar você ir muito facilmente, se tanto.

— Oh.

Ela sentiu uma pressão súbita em sua mente. Ela olhou para Kerrick e sabia que ele queria entrar dentro de sua cabeça, e não apenas para mera conversa telepática, mas esse tipo de engajamento espiritual mais profundo do qual falamos anteriormente.

Ela não queria mais discussões. Afinal, ele deveria saber qual o seu nível de confusão. Nove mil anos. Vampiros. De repente, ela se sentia como se estivesse nadando debaixo d'água. Mesmo sua audição parecia distorcida, então ela o deixou entrar.

No entanto, quando ele mergulhou dentro de sua mente, a sensação foi mais estranha, uma conexão poderosa que a fez ofegar.

Ele se retirou quase que imediatamente. — Merda — ele murmurou. — Eu sei que isso tem sido muito, mas isso não é exatamente o meu melhor conjunto de habilidades, assim que tal se nós mudássemos de assunto. Por que você não me conta algo sobre si mesmo?

Ela olhou para ele, então piscou.

— Você está bem?

Ela piscou de novo. Finalmente, ela disse: — O que você gostaria de saber?

Ele lançou um pequeno suspiro. — Você vive em Phoenix há quanto tempo?

— Eu nasci aqui.

— Você tem família?

— Sim, eu tenho um irmão e uma irmã. Minha irmã é casada. Ela teve um bebê recentemente e eu acabei de descobrir que ela está grávida de novo. — Pensou mais uma vez em sua conversa com Joy. Apenas algumas horas se passaram, nem sequer doze horas, ainda assim, ela sentia como se tivesse vivido uma vida inteira desde então.

— Pais?

— Os dois estão indo bem. Papai é um policial e minha mãe tem trabalhado a meio período na delicatesse do Fry desde que eu me lembro.

— O que você gosta de fazer para se divertir?

— Eu amo livros de todos os tipos. Eu não consigo ter o suficiente. Fico desesperada em uma livraria.

A fadiga da noite parecia se assentar sobre seus ossos e agora ela desejava estar longe de toda essa situação. Infelizmente, se Kerrick estava certo, era muito tarde para arrependimentos.

Ele olhou para ela novamente. — Ei, eu tenho uma ideia. Por que você não descansa um pouco enquanto eu te levo para casa? Você deve estar exausta.

— Eu não poderia. Não depois de tudo isso.

— Eu posso ajudar. Em primeiro lugar, diga-me onde estamos indo.

Ela deu instruções simples com uma voz plana.

Eles estavam bem ao longo da 51 agora, ainda indo em direção ao norte, quase na 101. Ele enviou mentalmente uma poderosa sugestão de sono e ela se agarrou a isso firmemente, como se estivesse se afogando e ele tivesse acabado de jogar um salva-vidas.

Ela bocejou. Eu gosto de você dentro da minha cabeça.

Eu gosto de estar aí dentro.

E ele estava lá como estivera há poucos minutos, mais do que apenas telepatia, mais como uma presença compartilhada, pelo menos por um momento. Então ele se retirou, deixando uma grande dose de paz para trás. Ela fechou os olhos.



Crace estava vivendo um pesadelo. Ainda assim, como qualquer bom Alto Administrador, ele partiu para a ofensiva no momento em que Leto dobrou para a sala de guerra. O caos reinara durante os últimos quarenta e cinco minutos. Todos os generais gritavam, e Crace gritava de volta. Cadeiras foram arremessadas ao redor, telefones tocando, monitores piscando. Se alguém tivesse teleportado uma arma para dentro da sala, os tiros teriam sido disparados.

A argumentação havia cessado há algum tempo. Felizmente Crace sabia como conduzir uma batalha verbal, como girar a coluna. — Você fica aí a me culpar, General Leto? Eu te dei uma tarefa simples. Esperar na Fronteira, eliminar Kerrick e a ascendente. Quão difícil isso poderia ter sido? Você tinha doze vampiros da morte com você. Eu só deixei o centro de comando por nove minutos — e aqui ele usou sua voz mais poderosa, com sete níveis de ressonância e acrescentou telepaticamente para toda a sala. — E você fodeu tudo.

Vários dos oficiais caíram de joelhos, segurando suas cabeças em suas mãos. Telepatia juntamente com a palavra falada era uma arma poderosa contra as mentes menores. Jogando com uma ressonância sobrenatural fez quase todo mundo desabar. Alguns gemidos foram ouvidos em torno do quarto. Mãos tremiam. Não Leto, no entanto. Jesus, o vampiro tinha poder, contudo ele ainda falhara em dar cabo do Guerreiro Kerrick e da ascendente.

Leto estreitou os olhos. — Eu vou dizer outra vez: Madame Endelle despejou o Guerreiro Kerrick na Passagem bem no meio da batalha. Perdemos quatro fodidos minutos desde que nós tivemos que flutuar para baixo da maneira usual. No momento em que chegamos ao beco, o Guerreiro Kerrick tinha a ascendente Wells em um carro, um maldito carro, e indo para a rua, e você sabe muito bem que nenhum de nós poderia ter desmaterializado até um veículo em movimento. E a montagem de asas é ilegal. Nós não poderíamos dar prosseguimento e você sabe disso.

— Você deveria ter feito de qualquer maneira! — Crace gritou. — E foda-se se eu vou ouvir mais de suas desculpas. — Leto estava certo, é claro. Uma vez que Kerrick aterrissou no carro, a oportunidade desapareceu. Ninguém que ele soubesse poderia dobrar até um veículo em movimento, e vampiros em força total de voo na Terra Mortal seriam facilmente detectados pelos fodidos radares da Central. O Guerreiro Thorne teria sido chamado, o bastardo, e estaria dentro de seus fodidos direitos de enviar um regimento de guerreiros da milícia atrás do infrator.

Guerreiros da milícia não eram nem de perto tão poderosos como o mais fraco vampiro da morte, mas o suficiente deles poderia fazer o trabalho. Em cima disso, COPASS seriam instaurados para processar o comandante, independente de quanto controle Greaves tivesse sobre o Comitê. Com o tempo, ele teria mais controle, mas por agora, era tudo uma merda.

Ainda assim, Leto forçou sua opinião. — Tudo que precisávamos era do mesmo impulso para a Terra Mortal e teríamos agarrado-a. — Seu rosto escurecido e sua voz alterada enquanto ele empregava a perigosa combinação de gritos e telepatia que Crace fazia tão bem. — E eu vou perguntar de novo, onde diabos você estava?

Os joelhos de Crace vergaram, sim, Leto tinha poder, mas ele não caiu. Mais gemidos explodiram por toda a sala de guerra. O único problema que Crace tinha agora era a sua incapacidade de ouvir com sua orelha direita. Sua cabeça latejava.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

No entanto, esta situação, e seus nove minutos com sua esposa, não assentou bem com o comandante. Ele estava apenas de frente em uma sala cheia de testosterona, algo que ele precisava fazer para salvar a sua bunda. Greaves era uma história diferente. Suas entranhas viravam água com o pensamento de estar face a face com ele.

— General Leto — uma familiar voz de veludo sobre aço se intrometeu. O comandante estava de volta de onde diabos ele estivesse em seus esforços para virar Alto Administrador. — Está muito duro com nosso visitante. Ele fez o seu melhor, tenho certeza. Peço que você perdoe o Alto Administrador Crace. Imediatamente.

Leto inclinou-se rapidamente sobre sua cintura. — Peço desculpas, Sr. Alto Administrador.

— Bom. Todos devemos ser amigos para a Ordem Vindoura. Leto, continue se você vai monitorar os despachos da minha rede discricionária. Eu vou conversar com você depois.

— Sim, Comandante.

— Crace, venha comigo.

Crace endireitou os ombros, em seguida, moveu-se rapidamente para acompanhar o Comandante saindo da Sala de Guerra. Graças a Deus sua divindade não falava, porque ele ainda não estava ouvindo muito bem pela sua orelha direita, que foi a orelha que estava do lado do Comandante. Ele estendeu seus sentidos, sondando os sentimentos de Greaves muito levemente. Nada voltou a ele. Normalmente ele podia ler o estado de qualquer indivíduo perto dele com um sussurro de um mero pensamento, mas o homem ao lado dele era um pedaço de aço ambulante... emocionalmente.

Uma vez dentro do escritório do comandante, Crace parou diante da mesa enquanto Greaves, mais uma vez assumiu sua cadeira por trás do couraçado de ébano. Ele sorriu para Crace, seus olhos frios. — Você sempre desfruta da companhia de sua esposa, não é mesmo?

Crace assentiu. Assim, o comandante sabia. Jesus, como ele sabia?

— Eu não sofro com tolices levianas.

— Claro que não.

— Você comemorou um pouco cedo demais.

Ele balançou a cabeça. — Sim, Comandante.

— Eu preciso que você assine um formulário de quebra de promessa, bem como uma renúncia contra a sua vida se alguma coisa acontecer com você nos próximos dias. Você permanecerá em Segunda Phoenix, é claro.

— Claro, Comandante. — Ele queria cair de joelhos e implorar por uma segunda chance. Ele foi tão tolo, ainda que sua esposa houvesse ligado e dito tais coisas para ele. Ela havia compartilhado sua euforia sobre a recente oferta de um assento na Mesa Redonda. Talvez ele pudesse explicar como a sua esposa o seduzira. Ele descartou a ideia como ridícula. Ele conhecia o temperamento do comandante extremamente bem. Qualquer tentativa de transferir a responsabilidade resultaria em suas bolas presas em um agarre muito apertado.

Então... ele esperou.

— Você me decepcionou, Crace.

— Sim, Comandante. — Quanto menos palavras, melhor.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Greaves assentiu. — Eu quero que você entre em contato com COPASS. Marque uma reunião com Harding. Teremos necessidade do apoio do Comitê nas próximas horas. Harding estará desejoso de uma mulher mortal, neste momento. Forneça uma para ele. Ajude-o a entender as nossas necessidades.

— Sim, Comandante. — O Comitê. É claro. A palavra entre os Altos Administradores que se juntou a coalizão de Greaves era que o comandante havia se esforçado para fazer funcionar sua mágica com os diversos membros dos Comitês. Para seu conhecimento, quase um terço deles eram agora viciados em sangue morto e fazendo uso do antídoto, que era a mistura de Greaves. Ao fazer uso de antídotos, impedia a aquisição dos traços dos vampiros da morte, especialmente o azulado fraco da pele. Com mais e mais membros do Comitê presos sob o polegar de Greaves, incluindo o presidente, Daniel Harding, o comandante frequentemente conseguia atrasar as queixas legais de Endelle, e às vezes derrubar os veredictos de sua corte. A conversão de Harding foi um profundo triunfo para o comandante, e na opinião de Crace, era um sinal de que a guerra havia tendido permanentemente em direção a Greaves. Não levaria muito mais tempo antes que o equilíbrio em todas as frentes forçaria a administração Endelle ao colapso.

— Quanto ao nosso pequeno projeto — o comandante disse: — Eu quero que você envie um regimento para Carefree. Você está familiarizado com o que há lá?

Um teste. Pelo menos neste ele poderia passar. — A residência privada da ascendente. — Ele recitou todos os detalhes que ele memorizara das fotos de satélite até que o Comandante levantou a mão. Crace fechou suas cordas vocais com um piscar rápido de suas mandíbulas.

— Bom. Eu tive a palavra das minhas Videntes da Fortaleza em Cingapura que a ascendente estará em Carefree em algum momento dentro das próximas vinte e quatro horas. O General Leto tem monitorado a rede na sala de guerra pela assinatura da ascendente. Cuide de providenciar a destruição de ambos, o Guerreiro Kerrick e a ascendente. E lembre-se, temos uma vantagem significativa, o guerreiro Kerrick não pode se desmaterializar. Não hesite em usar as armas grandes. Consiga eliminar os dois desta vez. Faça a casa vir abaixo. Faça-a em escombros se você tiver que fazê-lo. Eu preciso disto feito. Você entende?

— Sim, mestre.

Crace admirava sua divindade enormemente. Um regimento inteiro era proibido na Terra Mortal, o que significava que o comandante estava confiando na influência presente do Comitê para contornar esses detalhes.

Seus ombros relaxaram e ele já não sentia que estava prestes a vomitar. Um regimento iria conseguir ter o trabalho feito, o que depois explicava a necessidade de se consultar com Harding. A presidência deveria ser avisada sobre o que estava para acontecer.

Claro que ocorreu a ele que o comandante, usando Crace, retirou-se de qualquer culpa sobre o assunto. Ele não se importava de ser escalado como o bode expiatório porque, neste caso, ele sabia que poderia sair de qualquer situação que ele desejasse.

— Você pode ir.

Crace não esperou. Ele curvou-se, virou as costas, e caminhou para fora da sala com a confiança que ele pôde reunir. Uma vez fora, com a porta fechada, o tremor começou. Sim, o plano era excelente, mas o outro assunto! O aviso! Merda.

Como em silêncio, como calmamente o Comandante fez suas ameaças. A renúncia era essencialmente uma nota de suicídio. Se alguma coisa desse errado, e tendo Crace dado a ele, o Comandante simplesmente ofereceria a renúncia assinada ao Comitê e o assunto estaria descartado.

Mesmo lutando para respirar, ele dobrou até sua suíte. A honra de estar situado tão perto dos aposentos de Greaves agora assumia um significado totalmente diferente.

Certo. Controle-se. Nem tudo está perdido.

Ele iria definir sua estratégia e em seguida retornaria para a sala de guerra para entregar o seu próximo conjunto de ordens aos generais. Depois, ele iria ao presidente da COPASS.

Harding e ele sempre se entenderam muito bem. Embora ele confessasse que ficou chocado quando ele soube que Harding tinha o hábito de beber sangue morto há pelo menos um ano. Mas ele também estava intrigado. Como um hedonista, Crace sempre se perguntou como a experiência se pareceria.

Enquanto ele considerava o novo plano do Comandante, a esperança ressurgiu. Mesmo um Guerreiro de Sangue não era páreo para um regimento e um lançador de foguetes. Isso ele pode fazer e nada daria errado. Ele não mais se preocuparia com um assento na Mesa Redonda. Como inconsequente parecia isso em comparação com a preservação de seu próprio doce pescoço.

O pensamento estranho correu através de sua cabeça, Quantas vezes um homem conseguiria foder sua vida por causa de uma necessidade de ejacular?

Rendição requer confiança,
Então, mais confiança.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 11

Kerrick agarrou o volante duro e manteve seu foco na autoestrada. Ele respirou fundo e tentou acalmar o inferno dentro dele. A preguiça inerente do Nova de Alison não estava ajudando em nada.

Ele efetuara um caminho muito superficial para o sono. Ele precisaria usar sua mão para ter Alison o resto do caminho, mas em nada o ajudaria se ele fizesse contato pele com pele, e acha que não poderia ser responsável pelo resultado.

Apesar do fato de ele conseguir ter se controlado, seu corpo rugia com a necessidade dela, por fazê-la sua, por reivindicar sua posse tão completamente que todos os outros imortais na Segunda Terra saberiam que ela estava fora dos limites. Graças a Deus estava escuro. Ele estava

duro como uma rocha e tem sido assim desde que ela abriu seus lábios e ele empurrou sua língua em sua boca.

Ele amaldiçoou o breh-Hedden, em seguida, mudou seu foco de volta para o que ela precisava. Ele suspirou novamente.

Com um olho na estrada, ele cobriu sua testa com a mão e enviou a imagem do sono sob a primeira camada de sua mente. Mais uma vez o poder do escudo dela o atordoou, mas ele continuou trabalhando até que sua mente cedeu e a resistência vacilou. Ele pressionou mais e mais até que ela soltou um suspiro pesado e sua cabeça rolou para um lado.

Esta foi certamente uma das experiências mais difíceis que ele já viveu, querer tocar essa mulher e ainda assim se segurando, mais ou menos como tentar não espirrar enquanto inala pimenta preta. Ela era tão bonita e ele ainda podia saborear seu beijo e sentir seu corpo pressionado contra o seu, o prazer de sugar seus seios. Suas veias cantarolavam com a memória.

E o cheiro dela. O carro cheirava a lavanda como se ela tivesse derramado um vidro que impregnou cada superfície do veículo.

É claro, não estava ajudando em nada reviver o que havia acontecido, então ele se concentrou em apenas respirar, ar para dentro, ar para fora.

Uma vez em Carefree e estacionado em sua garagem de granito picado, ele a carregou para sua casa, passando pela sala e cozinha, todo o caminho até a parte traseira da casa para o que ele supostamente achava que era a sala de estar. Ele estendeu-a sobre o sofá, em seguida, acendeu a lâmpada perto das estantes. Ele olhou para as centenas de livros e mais uma vez o tempo parou. Hemingway, Kingsolver, García Márquez. Ela havia dito que amava os livros. Assim ela o fazia, e ele possuía uma biblioteca que a maioria dos mortais só poderia sonhar, tantas primeiras edições porque, bem, ele estivera as recolhendo durante um longo período de tempo.

Ótimo. Algo em comum. Uma paixão compartilhada.

Ele olhou para ela. O breh pressionando ele, agulhas no peito. Esta mulher era feita para ele, projetada por ele, e ele para ela. Ela não iria machucá-lo com o poder que ela liberava quando ficava excitada. Ele sabia daquilo nos seus ossos.

O pensamento de seu poder vindo para ele, enquanto estivessem totalmente vinculados... ele tremeu sobre seus pés.

Merda.

Ele não precisava de nada disso.

Ele voltou sua atenção para o resto da casa. Ele caminhou através de cada sala, criando uma névoa ao redor do exterior da casa.

Cristo. Se o comandante a queria, o que poderia impedi-lo?

Ele dobrou a quantidade de névoa.

Ele continuou a patrulhar. Ele não tinha certeza se fizera a coisa mais sábia ao levá-la para Carefree. Mas então, onde exatamente ela estaria segura, dado que a sua assinatura era forte o suficiente para aparecer no radar? Greaves poderia facilmente atribuir um de seus asseclas para pesquisar localidades até que a assinatura de um dos dois fosse localizada.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

No entanto, ele se sentia confiante de que ele poderia lidar com qualquer quantidade de esquadrões de vampiros da morte que aparecesse, e ele sempre poderia chamar seus irmãos por ajuda.

Apesar destas considerações, a propriedade em Carefree era bem localizada. A casa ficava em um bom acre do quarteirão e dava de fundos para um deserto de cactos, arbustos nativos do deserto, ravinas e terreno úmido. Ele poderia levar uma batalha aqui, sob um manto de névoa, sem perturbar os vizinhos.

Uma hora se passou. O amanhecer não estava muito longe agora. Serem alérgicos ao sol era uma qualidade puramente ficcional dos vampiros, então ele poderia ficar bem à vontade, porque todos os ascendentes apenas gostavam de ir para a cama durante o dia. Vampiros da morte tinham uma sensibilidade muito leve a luz solar, mas nada sério. Se necessário, eles poderiam travar uma batalha ao meio-dia. Um par de Ray-Bans seria suficiente para mantê-los nos negócios; uma espessa camada de protetor solar também ajudava. Os bastardos.

Ele voltou para a sala de estar para olhar Alison novamente. Seus lábios se separaram enquanto ele lutava para respirar decentemente. Ela era tão malditamente bonita.

Seu desejo por ela aumentou muito rapidamente... de novo. Fodido breh-Hedden. Ele queria se esticar em cima dela e, conforme ela despertasse, suavemente esfregaria seus quadris contra os dela para levá-la a um estado de excitação que coincidisse com o seu próprio.

Inferno, talvez não fizesse mal nenhum estar com ela, digamos, apenas uma vez. Afinal de contas, a conclusão do ritual do breh-Hedden envolvia muito mais do que apenas sexo. Suas mentes teriam que se fundir, não apenas na conversa telepática, mas em um nível muito mais profundo. E neste mesmo exato momento, o sangue deveria ser compartilhado, o dele e o dela. Apenas um deles fazendo uso de suas presas não faria isso acontecer, ambos teriam que estar engajados no processo ao mesmo tempo. Então, sim, uma troca de sangue, um profundo compartilhamento de mente e sexo penetrante; todas as três atividades teriam que ocorrer exatamente ao mesmo tempo para completar o breh-Hedden.

Seu corpo se derretia conforme a imagem de envolver Alison em todas as três formas se apoderava dele.

O sangue dela... a boca dele.

A mente dela... os pensamentos dele profundamente encapsulados.

Seu pau enterrado dentro dela.

A garganta dela... o sangue dele.

A mente dele... os pensamentos dela tomando posse.

O corpo dela apertado em torno de seu eixo.

Um macio, rude e baixo rosnado quebrou em seu peito. Seu abdômen apertado. Seus olhos ardendo. Desejo parecia uma palavra tão pequena.

A culpa seguia como sempre fez, um cão raivoso correndo atrás dele e encontrando um bocado em seu pescoço. Ele balançou a cabeça de um lado para o outro. Como ele poderia seguir em frente com esses seus pensamentos, com esse seu desejo, quando ele conseguiu ser bem

sucedido em manter aqueles que ele amava vivos? Ele era responsável por Alison agora, por mantê-la segura durante estes três dias traiçoeiros de ascensão.

E, no entanto, ele precisava ter pelo menos parte dela, um prova do sabor dela. Ao menos isso ele não podia negar a si mesmo, mesmo que fosse insignificante se comparado com o absoluto preenchimento do breh.

Ele não entendia todas as forças que o trouxeram a este lugar, aqui e agora, olhando para uma mulher talhada para ele em todos os sentidos possíveis.

Pensou em Thorne e em seu desespero. Em todos os seus irmãos de armas e a falta de mulheres em suas vidas.

Todos eles precisavam disso, algum tipo de conexão, uma âncora em um mar tempestuoso que uma mulher poderia proporcionar.

Ok, ele sabia que estava racionalizando, mas ele chegara a uma decisão. Ele teria esta mulher, pelo menos em parte. Aqui. Agora.

Seu coração mais uma vez esmurrou contra suas costelas.

Ele se ajoelhou ao lado do sofá, se aproximou, e mergulhou o rosto em seu pescoço. Ele respirou sobre sua pele perfumada, aquela intoxicante lavanda. Ela havia perguntado sobre o porquê vampirismo? Enquanto ele pensava sobre a direção dos seus pensamentos mais profundos, afundando suas presas e mergulhando dentro dela, ele sabia por quê. Ele sabia o que seria a sensação de fazer com ela, tomá-la totalmente, o seu corpo, mente e sangue envolvidos, a unidade, a conexão.

A fome o inundou, uma onda de maré, implacável, poderosa, exigente. Ele ansiava por ela.

Alison, ele enviou, puxando-a para fora do sono. Ele recuou, soltou o arnês de armas, e deslizou-o para fora de seus ombros. Ele colocou-o cuidadosamente na poltrona namorados que havia ao lado. Ele removeu o cadroen e libertou o seu longo cabelo de guerreiro.



Alison abriu os olhos, a mente solta, sua visão desfocada. Sua cabeça parecia estar cheia de algodão. Ela olhou para algum tipo de teto. O quarto estava escuro, exceto para a luz fraca de uma lâmpada nas proximidades. Algo pesado, embora não desagradável, descansava sobre seu estômago. Brisas de ar quente provocavam arrepios no seu pescoço e desciam pelo lado direito de seu corpo.

Estranho. Talvez ela ainda estivesse sonhando.

Depois de um longo momento, o teto teve melhor forma e ela reconheceu o padrão da textura de sua casa em Carefree. Oh, ela estava em casa... em Carefree.

Então, como ela chegou aqui?

Onde ela estivera? Por que sua mente estava tão distraída?

Oh, sim. O beco, os homens caindo, uma bomba, e seu Nova.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Oh, Deus. Kerrick.

Ele a beijou como se ele precisasse explicar a ela em detalhes precisos com se pareceria um beijo de verdade. Então ela viu suas presas, e sua mente começou desvendar.

No caminho para casa, ele colocou a mão em sua testa e ela foi para o mais belo e pacífico sono.

Ela piscou mais algumas vezes e então se sentiu plenamente acordada. O braço de Kerrick repousava sobre seu estômago e ele estava aninhado do lado direito do pescoço. Perversas raias de desejo fluíam a partir do ponto onde seus lábios faziam todo o caminho pelo seu corpo. Ela deslizou as mãos em seus cabelos negros agora soltos sobre os ombros nus. Sem pensar, ela escorregou em sua mente, ignorando seus escudos, e indo além do nível da mera comunicação telepática. Ela estava dentro de sua cabeça.

Ela recuou, chocada. Seu guerreiro vampiro estava em um estado de completa excitação, a sua mente um tornado de necessidade e desejo. Ele dissera alguma coisa sobre ter que se conter, sobre algo que o dominava, breh-Hedden. Evidentemente. Ele deixava aquele calor sair em ondas.

Eu preciso de você, ele enviou, sua voz profunda saturando sua mente, como a água inundando uma garganta sedenta. *Eu quero você, quero estar dentro de você, quero ter seu sangue em mim.*

Ela engasgou em um pesado suspiro. *Meu sangue em você?*

Eu não vou te machucar.

Ele queria tomar de sua veia. *Eu sei que você não vai. Eu posso ver isso em sua alma, vampiro. Você tem um coração de ouro.*

As palavras, uma vez transmitidas à mente dele, pareciam extremamente inadequadas para expressar o que ela viu nele: sua dedicação à Segunda Terra, sua submissão perfeita para Endelle, seu amor por seus guerreiros irmãos, seu desejo de fazer a coisa certa sempre, a sua desesperada culpa.

Como ela poderia resistir a um homem que ela podia admirar como a este?

Ele suspirou e beijou seu pescoço. — Eu amo que você esteja dentro da minha cabeça, mas eu não posso acreditar que você passou por meus escudos e eu nem percebi isso acontecendo! Porra, que poder.

— Você não poderia dizer que eu estava lá?

— Não, o que significa que você deve ter habilidades semelhantes à de Endelle. Ela pode fazer isso também.

— E você não se importa?

— A verdade? Eu adorei.

Ela arrastou uma respiração profunda, e o seu cheiro masculino de cardamomo inundava suas narinas. Desejo, pura e simples, banhou todo o seu corpo como uma brisa quente. Bonito, requintados feromônios. Ela teria caído para trás se já não estivesse estirada no sofá.

Você está se sentindo melhor? Ele perguntou.

Muito.

Ele descansou de joelhos ao lado do sofá e estes deveriam estar dobrados em um ângulo estranho sobre ela, mas ele não estava reclamando.

Ele arrastou suas presas no pescoço dela. A sensação fez seu coração pular uma batida e seu corpo inteiro contrair-se... duramente.

Alison?

Ela ouviu a pergunta sob o seu nome sussurrado. Iria ela realmente fazer isso? Permitir tal invasão? Essa liberação de si mesma para ele?

Ele levantou e olhou para ela. *Lavanda,* ele sussurrou em sua mente.

A visão dele a fez ceder; bonito, totalmente masculino, incríveis olhos verdes, cabelo preto e grosso agora emoldurando seu rosto como a um deus.

O desejo fluía através dela como um rio. Ela queria atirar-se na corrente e nadar.

Ele balançou a cabeça como se entendesse.

Ele curvou-se novamente para esfregar-se contra seu pescoço.

Ela gemeu pelo novo conjunto de calafrios chicoteando o corpo dela. Ela tocou seus cabelos e puxou os fios grossos por entre os dedos.

Ele rosnou contra seu pescoço. Mais tremores. Os dedos dela rasgavam pelos seus cabelos.

Seja forte para mim, ele sussurrou em trilhas vaporosas que condensavam em sua mente. Ele moveu-se um pouco e beijou seu pescoço. Ela rolou a cabeça para permitir mais espaço. Ele gemia sofridamente e moveu-se para mais perto. Ele puxou seus quadris em direção a ele, em seguida, deslizou a cabeça dela para trás no sofá para ter ainda mais acesso.

Sua língua achatada raspava por todo o lado de seu pescoço como se estivesse marcando o que ele queria. Novamente e novamente ele lambeu. O pulso dela latejava. Os lados mais grossos de suas presas raspavam a pele acima da sua veia. Ela havia tocado uma daquelas presas quando ele estava inconsciente sobre o capô de seu carro. A ponta afiada tirou seu sangue. Quão pouco seria necessário para perfurar sua garganta.

Ela iria realmente fazer isso? Permitir que essa penetração?

Ele cheirou, beijou, lambeu.

Uma dor formou-se no fundo. O desejo tomava conta dela e novamente ela se contraiu internamente. Ela gemeu. O que mesmo ele dissera sobre a partilha de sangue? Um ato de reverência.

Reverência? Ela enviou.

Sim. Deus, sim.

Ele deslizou a mão sobre seu estômago, afastou o suéter, então levantou sua camiseta. As pontas dos dedos das mãos calejadas de seu guerreiro arranharam sobre suas costelas, criando ondas de choques deslizantes de prazer. Ele encontrou o cós da calça jeans, soltando o botão, e o baixando. Ele deslizou a mão por baixo do tecido e esfregou em círculos, movendo-se mais profundamente a cada passagem, cavando seus dedos em sua carne. Seus quadris subiam e desciam em resposta.

Ele raspou seu pescoço novamente. *Eu já provei do sangue em seu dedo. Eu quero mais. Preciso de mais. Mais de você. Você vai me dar o que eu desejo?*

Ela queria. Foi isso que ele quis dizer quando disse que a mulher precisava estar disposta? Ela estava tão absurdamente disposta.

Você tem me escravizado?

Não, mas posso fazê-lo, se você quiser.

Não, ela sussurrou através dos contornos de sua robusta mente. *Eu quero tudo como está agora. Acordada e consciente.*

Ela arqueou o pescoço.

Ele rosnou duramente. Conforme ele se levantava, ele deslizou a mão pelo resto do caminho para baixo suas calças e espalmou seu sexo. Ele girou os ombros e cobriu com suas presas acima da veia dela. Você deve me dar permissão.

Alison tinha mil razões para dizer não. Ela nem mesmo conhecia este homem-vampiro em todos os casos. Ele admitirá que estava pego em algo que ainda mesmo ele não achava que era uma ideia tão boa, a ligação de qualquer tipo. E, ei, era o seu sangue, o sangue dela que ela estaria abrindo mão. Verdade? Ela sofria com a necessidade da cabeça aos dedos dos pés. Ela estava em um processo de ascensão, que ainda a confundia e a assustava profundamente. E ele estava pedindo o sangue dela e oh, droga, ela estava querendo fazer exatamente isso para ele.

Tome-me agora, sua mente sussurrou.

Ele emitiu o som mais erótico que ela já ouvira, algo entre um suspiro e um rosnado. Ele afundou a ponta afiada, uma picada rápida, em seguida, apenas a presença de suas presas. No momento seguinte ele chupou muito e duro de sua veia.

Ao mesmo tempo, seus dedos trabalhavam em suas delicadas dobras. Desejo corria por ela como relâmpagos. Ela ofegava e gemia. Levaria tão pouco. O sugar em seu pescoço os conectaram para o bem de seu corpo e cada vez que sua boca o amamentou, ela apertou-se internamente, mais e mais. Os relâmpagos continuaram, pulsando abaixo em sua carne sensível, rasgando em seu núcleo. O aperto se tornou perfeitamente insuportável. Ela deveria avisá-lo o quão perto estava, que ela poderia... oh, Deus... ela gozou tão de repente que ela gritou. O prazer veio em um clímax como nunca experimentara nada igual. Ao mesmo tempo, o poder rolou para fora dela, uma explosão de energia que o atingiu antes que ela pudesse dar uma advertência. Ela sentiu seu corpo reagir como se tivesse levado um golpe, embora o único som que ele fez enquanto continuava puxando seu pescoço foi um profundo gemido satisfeito.

Você está bem? Ela enviou.

Mais do que bem. Isso foi incrível. Faça novamente.

Eu não machuquei você?

Nem mesmo um pouco, ele enviou, suas presas ainda fundo dentro dela, o puxão agora suave em seu pescoço, durante a conversa telepática. *A explosão pareceu mais como um soco erótico no meu peito. Mais. Eu quero mais.*

Você não sabe quão aliviada eu estou. Os olhos dela queimavam com lágrimas inesperadas que deslizavam em seu rosto para baixo e para os lados.

Ela não o machucou e ele queria mais do que ela poderia dar.

O alívio fundiu-se com o prazer, aumentando cada sensação. Mais rosnados retumbaram em sua garganta. Ele empurrou sua grande mão mais fundo, levando seu jeans além do seu limite conforme ele pressionava dois dedos dentro dela.

Ela choramingou enquanto ele trabalhava ritmicamente em seu núcleo e, ao mesmo tempo sugava de sua veia.

Eu tenho tanto mais para te dar, Alison. Eu quero que você tenha tudo, minha boca sugando seus lindos seios, meu pau dentro de você bombeamento duro, trabalhando seu corpo, conduzindo a sua paixão. Eu quero fazer um banquete no seu sexo, provar seu sabor de mel.

Suas palavras forjaram um novo fogo. Seus dedos a conduzindo, acendendo as chamas. Seus gritos subiram para o teto. *É isso aí,* sua voz murmurou dentro de sua cabeça. Ela estava respirando com dificuldade. Seu núcleo se apertava em torno de seus dedos. Relâmpagos caíam sobre sua carne novamente e ela gritou ainda mais em outro orgasmo. E outro. A cada vez que gozava, seu poder o atingia, mas ele apenas resmungava como se estivesse profundamente satisfeito.

Lágrimas mais uma vez se arrastaram de seus olhos enquanto seu corpo se acalmava.

Depois de alguns minutos ele retirou suas presas. Ele permaneceu recostado contra seu pescoço, seus lábios beijando em suaves golpes, os dedos ainda na posse de seu núcleo.

Meu pescoço vai sangrar? Ela enviou.

De maneira nenhuma. Quando eu me retirei, produtos químicos deixaram as pontas de cada presa e te deram uma rápida cura e cicatrização.

Ela respirou fundo, estabelecendo-se na realidade do que havia acontecido, bem como o quão feliz estava. Ela podia se acostumar com isso, em estar com ele.

Mesmo assim, seu coração ficou tenso. Afinal, o que ela realmente sabia dele? Ela tinha um enorme desejo de ficar com ele para sempre, mas o quanto de sensato ou mesmo possível ou provável seria isso? Por sua própria admissão, ele disse que nunca poderia realmente estar com ela, não em qualquer sentido permanente.

Oh, Deus, o que ela pôs em risco por deixar-se aproximar-se tanto, ao permitir que seu sangue entrasse em seu corpo, dando-se a ele?

Ela estava em tantos problemas.

As mãos dela ainda estavam enterradas em seus cabelos, um par de seus dedos atados completamente. Ela começou a desembaraçá-los. Quando ela esteve livre, Kerrick lentamente retirou seus dedos do centro de seu corpo, em seguida, olhou para ela. Ela deixou cair o olhar para seus lábios. — Você tem sangue em sua boca e você parece realmente bombado, mais forte.

Ele balançou a cabeça. Ele aparentava estar saciado conforme ele cuidadosamente limpava a boca com os dedos que estiveram dentro dela. Os olhos verdes afundados nos dela enquanto ele chupava seus dedos limpando cada resquício dela. *Lavanda,* ele enviou.

Seu corpo inteiro tornou-se uma piscina que só ficava afundando mais e mais profundamente no sofá. Ela não queria se levantar... nunca. Ela queria ficar aqui e observar esse homem, esse vampiro, lamber os dedos, os olhos verdes escuros pela paixão e necessidade, a sua força reforçada por seu sangue.

Ele se inclinou sobre ela e plantou uma mão entre o sofá e em seu lado. Seu cabelo escuro caía para frente em seu rosto, seu pescoço, seu peito. Mesmo o seu cabelo cheirava a exótico cardamomo. Suas presas alongadas. Excitação, talvez? Provavelmente.

Uma nova onda de calor rolou de seu corpo e explodiu contra ela. Ela levantou um dedo e tocou a presa esquerda. Tão suave. Seu dedo se desviou para o lábio inferior e, como fizera enquanto ele estava inconsciente ela afundou o dedo em sua boca. Ele fechou os olhos e gemeu. Ela tinha a sensação mais profunda de que poderia nunca mais se cansar desse homem, esse vampiro, não em uma centena de milhões de anos.

Ele liberou seu dedo, se inclinou e beijou-a, o peso de suas presas pressionado contra seus lábios, sua língua mergulhando dentro. Ela amamentou sua língua e ele gemeu. Ela estava tão dentro disso. Se esta era a ascensão, que viesse mais, muito mais.

Ele começou a empurrar suas calças para baixo em torno de seus quadris. Ele havia acabado de manejar para libertar um lado quando uma sensação muito ruim correu sobre a coluna dela como uma aranha com garras. Ela plantou uma mão sobre o seu largo ombro. — Kerrick — ela chamou agudamente. — Algo não está certo.

— Não — ele disse, sua voz rouca. — Isso é certo. Isto está muito certo.

Ela sentou-se e empurrou-o. — Estou falando sério, Kerrick. Algo está errado. Eu posso sentir isso. Eu sinto isso. Estamos em apuros.

Ele recuou e fez uma careta. — Que tipo de problemas?

— Eu acho que os vampiros da morte estão a caminho. — Ela balançou a cabeça. — Um monte de vampiros da morte.

Kerrick balançou a cabeça. — Merda. — Ele começou a andar.

Alison saltou do sofá, puxando o jeans para cima, fechando do zíper, então abotoando. Ela olhou para fora da porta de correr da sala de estar, encarando o leste. As montanhas no lado oposto estavam tremulando em uma luz fraca. O amanhecer não estava longe agora.

Ele olhou para ela. — Então você está certa sobre isso? — ele cruzou para o outro sofá, agarrou seu arnês de armas e deslizou em seu corpo. Em um borrão de movimento, ele puxou o cabelo para trás e o prendeu no fecho de couro.

Ela balançou a cabeça. — Nós precisamos sair daqui. Agora. Mas Kerrick, isso não é justo com você.

— O quê? — parecia que ela havia dado um tapa nele.

— Por que você deve ser posto em perigo por causa da minha ascensão?

Na verdade, ele riu. — Oh, por favor. Este é o meu trabalho. Merda, eu não acredito que você disse isso. — Ele buscou seu telefone no bolso. — Agora eu preciso perguntar de novo, você está absolutamente certa? Porque o que eu estou prestes a fazer é ilegal.

Alison assentiu. — Eu continuo visualizando o termo regimento e sinto a pressão de um exército que chega, e não apenas um homem ou mesmo dois ou três.

Ele afundou o queixo. — Isso é bom o suficiente para mim. — Dedilhou seu telefone em seguida, e um momento depois, disse: — Central, eu estou chamando um transporte de emergência... repito, um transporte de emergência. Consiga Thorne para recuperar dois neste

sinal e faça isso rápido. Estaremos em movimento. — Dedilhou seu telefone novamente e enfiou-o no bolso do kilt. Ele amaldiçoou. Ele era tão fodidamente limitado na ação que ele poderia tomar. Mesmo que ele tivesse a capacidade de dobrar Alison para outro local, as chances eram boas de que Greaves pudesse seguir seus movimentos e enviasse vampiros da morte em seus traseiros. Quando Thorne teleportassse até eles, ele teria o poder de bloquear um rastreamento.

Mas o que ele realmente não entendia era como Greaves os encontrou em primeiro lugar. A complexidade da névoa que Kerrick criara desta vez a fim de disfarçar a casa de Alison deveria ter impedido a detecção, até mesmo de Greaves, o que, naturalmente, significava que o Comandante aumentara a sua capacidade tecnológica. Então... merda.

— Kerrick. O regimento está aqui. Agora. Lado de fora.

Ele foi como um borrão para o lado dela e tomou suas mãos. — Não temos tempo. Você disse que possuía um Hummer. Você deve nos dobrar para lá agora. Somente por favor, diga-me que o seu Hummer está pronto para partir.

Ela balançou a cabeça.

Kerrick apertou seus dedos. — Apenas relaxe.

Relaxar? Realmente? Ela sorriu, mas ela tomou suas palavras dentro do coração, respirou longa e profunda, e concentrou-se. Ela sentia a vibração.

Assim que ela apareceu junto ao veículo com Kerrick na frente dela e suas mãos ainda segurando as dela, uma explosão enorme soou do outro lado da casa. As paredes tremeram. A garagem estava localizada no lado oposto da casa, separada por um pátio e uma ala de quartos, que ela suspeitava que fosse exatamente o que havia acabado de salvá-los.

— Então o exército de Darian acabou de explodir o resto da minha casa.

Kerrick acenou com a cabeça, em seguida, apontou uma mão em direção ao veículo. — Entre.

Ela mentalmente apagou as luzes, tanto as da garagem quanto os faróis do Hummer.

— Talvez eu devesse nos dobrar para outro lugar?

— Tarde demais. O exército de Greaves já tem um alvo fixo em você, com vampiros da morte prontos para rastrear, não importa aonde vamos, e acredite, se eles já enviaram um regimento para sua casa, ficariam felizes em enviar outro regimento em sua perseguição. Eles me envolveriam de tal maneira que eu seria forçado a deixá-la desprotegida. Então você estaria morta. Agora só o chamado por Thorne vai nos tirar disso.

— Vá em frente — ela gritou. Ela saltou para o lado do passageiro, em seguida, pulou dentro do carro. Ela começou a dizer que esquecera as chaves, mas não havia nada mais para contê-la. Ela apontou para a ignição e ligou o veículo. Ela poderia usar qualquer um dos seus poderes agora, na presença deste guerreiro, e não teria importância. Ele não ficaria assustado e ele não iria julgá-la. Talvez ele nem sequer se machucasse.

Ela se virou para a porta da garagem e começou a formar o pensamento para abri-la. Em vez disso as palavras dele passaram por sua mente*: Sem tempo, abaixe-se*. Ele apontou sua mão na porta, disparou pela distância, quebrou a janela traseira do Hummer, e enviou a porta da garagem voando em suas dobradiças.

O vampiro da Segunda Terra tinha poder!

Um batimento cardíaco mais tarde, ele saía da garagem no próprio ritmo do diabo.

Ele virou, deslizou e sentou no assento do motorista.

Ele bateu no acelerador.

Os pneus cantaram.

Ele não se incomodou com a entrada de automóveis. Ele dirigiu em linha reta pela cerca de arame e dentro do deserto montanhoso que se abria na frente da casa. As luzes do Hummer saltaram sobre o terreno como uma lanterna balançando descontroladamente.

Conforme seus olhos se ajustavam, ela olhou ao redor. O exército de Greaves atacou, indo em direção a sua casa, no solo e em roupas de combate preta ou voando pelo céu afora. Alguns dos soldados pareciam normais, mas o resto eram vampiros da morte com a beleza característica de sua espécie, bem como o tom pálido, quase azulado da pele. Aqueles soldados em voo usavam a mesma indumentária que Kerrick usava agora: kilts, sandálias tipo gladiador, e armas. No entanto, a arma de escolha desta vez, envolvia balas em vez de lâminas.

— Oh, Deus.

Uma boa rajada de um rifle de assalto e era fim de jogo para eles.

— Fique abaixada — a voz profunda do Kerrick ressoou dentro do Hummer.

Ela se deixou cair abaixo na cadeira apesar de se sentir compelida a manter um olho sobre o que estava acontecendo.

Rapidamente um vampiro da morte voava perto deles, erguendo o seu rifle.

Sem pensar, ela levantou a mão, estourando para fora do para-brisa dianteiro, e abateu o guerreiro direto ao solo. O solavanco resultante dos pneus fez seu estômago ficar em apuros. Oh, Deus, eles o atropelaram.

Kerrick gritou: — Continue fazendo o que você está fazendo. Agora você é nossa melhor arma. Porra. — Ele puxou o veículo pesado para a direita, saltou para dentro de um charco, em seguida, subiu até o outro lado, tudo num espaço de segundos. A manobra deixou para trás um pelotão de soldados de infantaria.

Mais vampiros da morte voando iam em direção ao Hummer.

Com uma mão no volante, Kerrick estendeu a mão direita e uma pistola apareceu. Um vampiro da morte caiu sobre o capô. Kerrick atirou, acertou o meio do peito, e explodiu o vampiro para trás. Outro solavanco sob as rodas. O estômago de Alison bateu no teto.

Sua visão periférica captou um movimento. Um vampiro da morte voava ao nível da janela. Lentamente, ele ergueu uma pistola. Seus olhos se arregalaram. Mais uma vez, ela enviou uma explosão, que por sua vez enviou o vampiro da morte em uma espiral fora de controle e chocando-se na base de um saguaro[6].

— Maldição, Central. Onde está Thorne?

[6] *Saguaro é o nome pelo qual o cacto da espécie Carnegiea gigantea é conhecido em seu lugar de origem, nos desertos da América do Norte. É a maior espécie da família Cactaceae, atingindo mais de 15 metros de altura. Trata-se de um cacto colunar, com ramificações em forma de candelabro, espinhos curtos e grandes flores brancas e tubulares, com antese noturna. O gigantesco cactus saguaro fornece ninhos às aves do deserto e funciona como "árvore".*

Ele disparou sua pistola até o gatilho clicar vazio. Dobrou mais uma arma na sua mão e puxou o gatilho, o som ensurdecedor dentro do Hummer. Vampiros da morte caíam a direita e a esquerda e ainda mais deles chegavam. Ele disparava enquanto dirigia através do deserto, subindo e descendo barrancos, arrebentando além do creosoto, batendo a lateral na altura de magros ocotillo e esmagando cactos gordos como barris.

Alison continuava mirando a palma da mão em qualquer coisa que se aproximava. Seu coração disparara, dobrara seus batimentos. Ela nunca esteve tão assustada em sua vida.

Uma pancada soou no teto. Alison enviou uma rajada para cima. O topo da Hummer levantou, soltando-se, em seguida, caiu na parte de trás do veículo. De seu espelho lateral viu um vampiro da morte deslizando pelo lado do charco, em seguida, lutando para ficar sobre seus pés.

— Merda — Kerrick gritou. — Thorne, onde está você?

Alison se virou e gritou. Em frente a ela pelo menos vinte vampiros da morte choviam do céu diretamente no caminho do Hummer.

Faça o seu melhor, Alison, ou Deus nos ajude, ele enviou.

Ela explodiu com a mão em um amplo arco na frente dela, mas ela sabia que seu poder já havia enfraquecido. Ela nunca jogou tantas explosões da mão em sua vida. Nem todos os guerreiros caíram. Seu ombro esquerdo empurrou para trás.

Ela sentiu um estranho gelar na boca do estômago. Outro vampiro da morte alado pousou no capô do Hummer. Kerrick puxou o gatilho, mas apenas uma série de cliques se seguiu.

O menino bonito apontou a pistola diretamente para ela, um olhar feroz nos olhos, um sorriso puxado para trás mostrando as espessas e pesadas presas. Alison levantou a mão, mas a explosão que se seguiu teve pouco efeito. Ela estava liquidada.

O tempo retardou.

Então, era assim que ela ia morrer?

Ela riu. Tanto para ascender até a Segunda Terra. Ela não havia conseguido sobreviver a algumas horas.

Ela fechou os olhos e esperou.

Uma luz brilhante passou na frente de suas pálpebras.

A próxima coisa que ela soube, ela estava diante de um homem alto e bonito, com longos cabelos castanhos claros. Ele era quase tão alto quanto Kerrick e tão musculoso. Seus olhos cor de avelã tinham uma sombra avermelhada, como se ele não houvesse dormido em um ano.

Ele fez uma careta para ela. — Você foi atingida.

Ela não sabia o que ele quis dizer exatamente. Ninguém nunca a atingiu, mas sua mente parecia como se estivesse se movendo em círculos na parte inferior de um dreno. Ela não conseguia ver muito bem. Ela olhou ao redor. Ela havia aterrissado em algum tipo de sala de recreação muito escura que abrigava um monte de sofás realmente feios. A mesa de sinuca estava em sua parte de trás, todas as quatro pernas para o ar, duas delas dobradas em um ângulo estranho. Do outro lado da sala havia uma longa barra liderada por vários bancos altos. Uma variedade de brilhantes garrafas de bebidas fortes em uma variedade de formas e tamanhos, decoradas uma fileira de armários.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela bambeava em seus pés. De repente, dor perfurava seu ombro, como se alguém tivesse acabado de passar uma moto-serra sobre a articulação. Ela olhou para baixo. Sangue encharcava a blusa e o suéter. Ela puxou o pescoço da camisa para longe e com certeza ela viu sangue bombeado lentamente de um ferimento a bala.

Bem, o que você achava? Ela foi atingida.

Oh. Isso é o que o cara com os olhos avermelhados quis dizer.

Pelo menos ela não estava morta.

Pelo menos, ela não achava que estivesse morta.

Seus joelhos cederam. Ela tinha uma vaga impressão de alguém a pegando quando tudo ficou escuro.

Deixe o curandeiro vir,
Pois é quando as feridas são bem cuidadas
A terra é salva.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 12

Kerrick estava perto da mesa de bilhar, Alison em seus braços. Cristo, eles quase não conseguiram sair vivos.

A culpa drenava a energia em sua cabeça, tencionava seu pescoço e apertava seu peito. Isto era o que acontecia com as mulheres em sua vida. Proximidade significava perigo. Significava perigo de lesões e morte.

Maldito fosse o inferno.

Sangue ainda escorria de seu ombro. Ela precisava de ajuda. Agora. — Eu acho que é melhor você ligar para um dos curadores. Meus poderes não abrangem artérias rasgadas.

— Nós não precisamos — disse Thorne. Ele fez uma careta, as sobrancelhas desenhadas em um sulco profundo, enquanto olhava para Alison. — Endelle está a caminho.

— Graças a Deus. Nesse meio tempo, a pressão sobre a ferida iria ajudar.

Thorne se aproximou e com a palma da mão estancou o fluxo. — Ela é muito bonita — ele murmurou.

— Sim — murmurou Kerrick. Caramba, ele não deveria tê-la tomado no pescoço antes. O que diabos ele estivera pensando e quanto sangue restara nela? O nível de poderes de Alison exigia que ela batalhasse todo o seu caminho na Segunda Terra e precisaria de todos os recursos, incluindo uma quantidade decente de células vermelhas. O que no inferno ele havia pensado?

Ele não fez.

Desde que o breh-Hedden tomou conta dele o seu cérebro estivera funcionando em emanações. Se ele não estivesse trabalhando nela sobre o sofá, isso não teria acontecido. Ele precisava ir com calma. Agora.

— Então, por que a chamada de emergência? — Thorne perguntou, mudando o seu olhar para Kerrick. — Quantos vampiros da morte estavam lá? Eu vi você lutar contra oito sozinho e quase sem derramar uma gota de suor.

— Havia dúzias. Um regimento.

— Que porra é essa?

— Greaves enviou seu exército. — O que era a outra parte da verdade. Ele foi preparado para enfrentar dois ou três esquadrões de vampiros da morte, mas não um regimento.

Thorne assobiou. — Que maldito filho da puta. Então não havia apenas vampiros da morte presente.

— É isso mesmo. Bons e velhos soldados de trabalho. — Ele contou sua história que terminava com: — As coisas teriam sido diferentes se ele não tivesse enviado o seu exército. Isso eu sei. Nunca me ocorreu que ele enviasse um regimento, que ele iria quebrar uma fodida regra tão importante. Merda.

— Não se aflija. Sabíamos desde o complexo médico que sua assinatura aparecia no radar. De qualquer forma que você olhasse para isso, você estava ferrado.

Está certo. Seja como for. — Alguém diferente de mim deve se encarregar dela.

— Não parece que isso faria uma bosta de lagarto de uma diferença.

Kerrick bufou uma risada. — Não. Acho que não.

— Porém, não há dúvida que estamos aqui para isso. E você sabe o que o comandante vai fazer quando ele ouvir que usamos uma chamada de emergência.

— Você tem toda razão. — Ele rangeu os dentes. Não havia obscenidades suficientes para cobrir o alcance de seus pensamentos. — Mas nós dois estaríamos mortos de outra forma, e não é ilegal despejar um exército sobre a Terra Mortal?

Thorne bufou seu desgosto. — O Comitê vai passar por cima desta pequena indiscrição.

COPASS. O Comitê para supervisionar o processo de Ascensão para a Sociedade da Segunda Terra. — Comitê Besteira.

Kerrick tinha uma sensação de mal estar em suas entranhas de novo, aquela misturada com desespero. Ele foi um guerreiro por um século muito longo. Ele não conseguia encontrar o seu ritmo mais, e pela aparência dele Thorne não estava em muito melhor forma.

Thorne olhou para Alison. — Então, o que temos aqui? Endelle disse que ela enviou uma explosão de mão através da Passagem.

— Isso. Vi isso eu mesmo e recebi o final da carga. Direto para cima. Um gêiser de areia de cerca de quatrocentos metros se elevando.

— Caramba.

— Onde diabos está Endelle? Alison não pode perder muito mais sangue.

Thorne fez uma careta, deslocando seu olhar para frente e para trás enquanto olhava o quarto. — Ela vai estar aqui.

— Preciso levar Alison de volta para a Terra Mortal. Não tenho ideia de quanto tempo ela pode tolerar estar na Segunda. — Um mortal não ascendido não poderia viver na Segunda Terra por mais de um par de horas de cada vez. Em um estado debilitado, os efeitos de drenagem

roubariam a energia tão necessária do mortal para se recuperar. Uma estadia prolongada de mais de 24 horas, feridos ou não, sempre terminava em morte. Só quando Alison recebesse da mão de Endelle a natureza de vampira ascendida em sua cerimônia de ascensão que ela seria capaz de tolerar a vida na Segunda Terra.

O ar brilhou de repente. Endelle. Ela pegou o olhar de Kerrick e sem nenhum pequeno traço de gentileza gritou: — Que diabos você fez? Uma chamada de emergência? Você sabe o que isso significa? — as orelhas de Kerrick vibraram. — Você acabou de perder metade dos pontos do seu QI, Guerreiro? Merda! — Os decibéis que ela empregava em cada palavra eram tão violentos em voz alta como na telepatia simultânea, e batiam profundamente em seus tímpanos, quebrando todas as garrafas no bar. O cheiro de álcool encharcou subitamente o ar. — Você poderia muito bem ter entregado a cabeça de Alison em um prato para o filho da puta. Fazer uma chamada de emergência apenas deu a Greaves mais um pedaço de munição contra nós. Ele vai levar isso para COPASS e pedir retribuição e eles darão a ele. Então, novamente, o que diabos você estava pensando?

— Não tivemos outra escolha, minha senhora — Kerrick começou. Ele disse a ela o mesmo que dissera a Thorne.

Ela fez uma careta quando olhou para Alison. — Você sabe, você está realmente me derrubando aqui, Guerreiro.

Kerrick respirou longa e profundamente pelo nariz. — Sim, senhora. Mas não havia muito mais que eu poderia fazer. Ao comandante não bastou apenas enviar uma equipe de festa para a guerra em Carefree, ele enviou um regimento.

— Seja como for.

Suas asas, um corado escarlate desta vez, estendida a sua plena altura e largura, um reflexo de seu temperamento. Ela havia mudado de roupa desde o início da noite e usava calças apertadas de couro preto e algum tipo de colete escuro e camuflado com longas cerdas eriçadas. Ele pensou que talvez fossem de búfalo.

— É melhor você levá-la de volta à Terra Mortal — ela latiu.

— Mas onde? — Thorne perguntou. — E como é que vamos sustentar o segredo?

Ela bufou um suspiro. — Tudo bem, vamos cuidar da nossa pequena encrenqueira. — Ela arrastou suas penas de forma abrupta em sua contenção de asa, um movimento que empurrava o colete, mas não o desalojava.

Ela pôs a mão na testa de Alison. O ar pulsando devagar, depois rapidamente ao redor delas.

Quando a pulsação parou, Endelle endireitou. — Você pode levá-la agora. Eu dei a ela um escudo que vai durar cerca de trinta e seis horas. Ninguém será capaz de localizá-la.

— Pode não ser assim tão simples — disse Kerrick. — Alison e eu temos assinaturas que aparecem no radar da Central. Se Greaves ou seus generais nos localizaram por causa das nossas assinaturas, isso significa que eles melhoraram a sua tecnologia. Seu escudo pode bloquear a assinatura de Alison, mas não a minha.

— Merda — Endelle murmurou. — Tudo bem. Deixe-me pensar. Certo. Eu posso colocar a minha névoa em torno da casa em Queen Creek e, tanto quanto eu sei, mesmo Greaves não será capaz de encontrá-lo.

Kerrick assentiu. — É, eu gostaria de vê-lo tonto através da sua névoa.

— Malditamente certo sobre isso. Tudo bem. Assim, estamos terminando por aqui, certo? — ela não esperou por uma resposta, mas virou para ir embora.

— She'when'endel'livelle! — chamou Thorne atrás dela. Pelo menos três quebra-linguas muito árduos para pronunciar aquele nome próprio.

Isso pareciam grilos em sua boca.

Kerrick levantou uma sobrancelha. Como poderia Thorne sequer lembrar seu nome de nascimento, para não mencionar pronunciá-lo?

Endelle virou-se e fez uma careta para seu segundo em comando. — O quê? — ela retrucou.

— Você poderia cuidar da ferida, por favor? Nem Kerrick nem eu temos a capacidade de curar um mortal cujo ombro foi retalhado.

Ela apertou sua mandíbula. — Eu odeio detalhes. — Ela voltou para trás e tocou na ferida. A carne se refez à perfeição, e um tom vibrante de rosa retornou para a face de Alison. Tanto poder. Ela substituiu o suéter ensanguentado, camiseta e jeans por uma suave e branca túnica e uma bermuda muito curta.

— Obrigado — disse Thorne, evitando o olhar sobre as pernas, agora nuas, de Alison. Endelle revirou os olhos, jogou um braço, em seguida, dobrou. Ela deixou para trás uma rajada de vento cheio de áspera areia apenas para lembrar aos seus guerreiros o quanto ela não gostava de ser tirada de sua rotina habitual.

Kerrick girou se afastando, a fim de colocar um escudo em de volta de Alison. Quando o vento parou, voltou-se para Thorne, que por sua vez, apenas balançou a cabeça. Endelle fez um belo trabalho. — O que diabos ela estava vestindo?

Thorne encolheu os ombros. — Eu não sei. Uma fantasia de Urso?

Kerrick bufou.

No momento em que ele ia pedir a Thorne para teletransportá-lo até Queen Creek, uma dupla luz difusa apareceu perto do bar há cerca de vinte metros de distância.

Medichi... e Marcus.

A mandíbula de Kerrick endureceu e um rosnado medonho irrompeu de sua garganta.

Thorne automaticamente jogou um braço na frente de Kerrick. — Como foi? — falou para Medichi. — E o que diabos aconteceu com Marcus? Hey, seu babaca, seu macho resolveu pegar mais duro com você?

Marcus tinha um galo enorme sobre seu olho esquerdo e um corte profundo no braço direito que pingava sangue no chão. Ele encontrou o olhar de Kerrick e seus ombros curvaram.

— Filho da Puta — ele gritou, seus dentes cerrados. No mesmo momento, em um movimento ultrarrápido, Medichi agarrou Marcus, jogando-o ao chão, em seguida, colocando um

pé em seu pescoço. Medichi o prendia no lugar enquanto Marcus começava a amaldiçoar a poeira do chão que Kerrick pisava e tudo o mais no que pôde pensar.

— Maldição — Thorne murmurou. — É tudo o que precisávamos.

— Pegue a ascendente — Kerrick gritou, tentando empurrar a Alison para Thorne. — Deixe-me chegar até este bastardo! Eu vou quebrar o seu fodido pescoço!

Thorne voltou para Kerrick e por cima do corpo de Alison pegou o rosto de Kerrick com ambas as mãos, chegando-o perto. — Você apenas a leve até Queen Creek e mantenha-a segura — exclamou ele, dividindo sua ressonância.

Apesar do fato de que Alison estava presa entre eles, Kerrick curvou seus joelhos, assim como os ombros, em um esforço primitivo para empurrar o controle de Thorne sobre ele. Ele respirou fundo pelo nariz. Ele queria Marcus como ninguém.

— Calma, porra! — Thorne gritou. — Você tem deveres de guardião agora. Você pode acabar com Marcus mais tarde. Agora, cuide de sua mulher.

Estas últimas palavras, pronunciadas tanto em voz alta quanto na cabeça de Kerrick, trouxeram seu foco em linha reta para os olhos de Thorne, avermelhados e com cor de avelã. A dor da combinação de voz alta e mental quase fazendo Kerrick ficar de joelhos.

Ele começou a balançar sem saber muito bem com o que ele estava concordando. No entanto, naquelas mesuras deliberadas, sua respiração desacelerou e ele não viu mais tudo completamente vermelho como antes.

— Pronto para ir? — Thorne perguntou.

Kerrick assentiu.

A vibração começou.



Kerrick ficou no meio da sua sala de estar em Queen Creek na Terra Mortal.

Ele se concentrou em estabilizar seu coração. Quando Marcus os dobrou para a Caverna, se Alison não estivesse em seus braços, ele teria surtado com o ódio por aquele bastardo. E era certo como o inferno que não estava ajudando sua pressão arterial o pensamento sobre o que ele teria feito, o que ele ainda queria fazer para seu ex-cunhado. Ódio não começava a descrever o que sentia por Marcus.

Jesus. Depois de dois séculos, ele ainda queria matar o homem por todas as coisas que ele disse após Helena ter morrido, toda a culpa que ele jogou aos pés Kerrick, mesmo se a culpa fosse a mesma que ele mesmo amontoou sobre a sua própria maldita cabeça.

Com a sua mulher ainda em seus braços, ele começou a andar em um grande círculo, sim, acalmando-se. Ele olhou para Alison e deixou a sua presença exercer sua magia sobre ele, mesmo em seu estado inconsciente. Ele respirou maciçamente e focava em cada detalhe de seu belo rosto.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

A sala cheirava a sofás de couro e cadeiras, embora não suficientemente forte para bloquear o cheiro de lavanda que se agarrava à pele de Alison. Enquanto ele saboreava sua tez de pêssego com creme, o breh começou a substituir toda a raiva que o mordia. Porra, mas ela era linda, um adorável nariz reto, maçãs do rosto salientes, e seus lábios... tão fodidamente beijáveis. Ele queria beijá-la... agora.

Cuide de sua mulher.

Sua mulher.

As palavras se encaixaram. Elas davam uma sensação boa pra caralho. Ele não queria deixá-la ir. Ele queria abraçá-la por horas, anos... tudo bem, séculos.

Ele precisava mantê-la segura, protegê-la, mantê-la viva, caramba. Até agora ele mal conseguiu manter-se um passo à frente do adversário, ao ponto que quase a perdeu em Carefree. Ele precisava fazer melhor. Pelo menos os escudos mentais de Endelle dariam a eles um indulto.

O rosto dela o manteve em um transe. Ela tinha uma pequena sarda logo ao lado de seu olho esquerdo, apenas uma marca em tudo. Ele não podia fazer nada par ajudar-se. Ele puxou-a para mais perto, inclinou-se e cobriu a sarda com seus lábios. Ela suspirou em seu sono. Ele arrastou os lábios sobre seu rosto. Ele respirou algo daquela lavanda e endureceu. Contudo, alguma outra coisa aconteceu também. Pedaços grandes de metal, com vários centímetros de espessura, começaram a cair dos lados do seu coração. O som do impacto eram lascas na sua determinação.

Seu olhar se arrastou sobre o arco suave das sobrancelhas, para baixo da linha muito reta de seu nariz, até a plenitude sensual de seus lábios. Sua beleza agia nele como um boxeador em um ringue, socando-o até que ele caísse para a contagem. O breh-Hedden não poderia ser responsável por tudo o que ele sentia. Talvez o ritual apenas aumentasse o que era essencialmente uma atração irresistível.

No entanto, o voto que tomara após a morte de Helena não foi feito às pressas ou por impulso. Ele endireitou os ombros, em seguida, carregou Alison até o quarto de hóspedes. Ele contornou a cama, em seguida, com um pensamento arrastou as cobertas para trás. Conforme ele a baixava, ela acordou ligeiramente, piscando para ele. — Kerrick?

— Eu tenho você. Apenas durma por agora.

— Está bem. Eu estou tão cansada. — Ela rolou para o lado. Ele arrastou o edredom sobre ela.

— É claro que você está. — Ele deu um tapinha no ombro dela. Ela pegou sua mão, virou-se para ele, e, oh, droga, ela beijou as costas dos dedos. O desejo fluiu através dele, como gasolina no fogo.

— Obrigada por nos tirar de lá — ela murmurou, seus olhos ainda fechados. Então ela virou a cabeça no travesseiro, liberou sua mão e suspirou.

Ele se obrigou a se afastar da cama. Ele deu um passo, depois outro, embora fosse como mover-se em areia movediça.

Isto é o melhor. Deixá-la dormir.

Mais um passo.

Mais um.

Ele finalmente chegou à porta e pôde respirar novamente, mas manteve as portas semiabertas no caso de ela chamar por ele.

Ele virou-se para o salão, em seguida, moveu-se para a porta da frente e abriu-a. O que ele viu quase o hipnotizava. Uma névoa bem construída, confundindo até mesmo a mente mais forte, subia, ou por outro lado não, mas... oh meu Deus.... Endelle criara uma incrível superestrutura de névoa em torno, não apenas a sua casa, mas de sua propriedade também. Isto era para completamente muito mais complexo do que aquela que ele fizera em Carefree.

Moveu-se para a varanda, então para dentro do quintal. Ele olhou de volta para a casa. Ele teve que ser esforçar duramente para ver a casa, desde que a névoa de Endelle confundia até mesmo sua mente poderosa. Apenas focando ele poderia ver que, sim, uma cúpula de névoa cobria a casa, um redemoinho em constante movimento de diáfanos e brancos fios. No entanto, além dos fios, ele podia ver o céu azul. Incrível. Simplesmente fantástico.

Ele balançou a cabeça para trás e para frente. Puta merda. Às vezes, ele esquecia o quão poderosa Endelle era. Ele não poderia imaginar Greaves, ou qualquer de seus generais, chegando perto de uma centena de metros de sua casa.

Só então ele relaxou.

Ele cruzou para o quarto de hóspedes para verificar Alison. Inferno, ele só queria olhar para ela mais uma vez. Se ele nunca comungasse com ela totalmente, entrando em seu corpo, a troca de sangue com ela ao mesmo tempo, e engajado em sua mente no nível mais profundo, ela ainda estaria ligada a ele de uma forma que iria assombrá-lo se ela morresse. O breh-Hedden não seria como um casamento simples da Segunda Terra, não entre eles, não com tanto poder em cada lado. Eles seriam ligados, unidos, ligados, um par inseparável. A morte nunca seria uma questão simples, porque a dor, para aquele deixado para trás, seria ampliada para a décima potência.

Por estas razões, ele nunca iria envolver-se em plena comunhão com Alison. Ele tinha um trabalho como guerreiro de alto nível e as chances de ele ser superado eram muito altas para ele deixá-la um dia carregar o fardo de ter que lidar com tudo sozinha mais tarde.

Então, sim. Ele não iria completar o breh-Hedden com Alison. Era muito para colocar sobre os ombros de uma companheira vampira ascendente. Tanto quanto sua virilha se esticava em sua direção, tão dolorosamente quanto o peito apertava enquanto ele a observava rolar sobre suas costas, mesmo tanto quanto a morte parecia uma alternativa bem-vinda a esta negação, ele não se vincularia a ela.

Ele forçou-se a seguir em frente. Ele entrou em uma sala de serviço fora da garagem e dobrou sua espada e adaga sobre a longa mesa que ele instalara apenas para esta finalidade. Óleo choji[7] e panos limpos, e ele se lançou ao cuidado de suas armas.

Depois que ele ficou satisfeito com a nitidez de ambas as lâminas, ele retornou as armas ao seu armário de armas na Segunda Terra. Ele localizou suas armas, ainda no Hummer, e mentalmente dobrou-as de volta para o mesmo local. Ele foi para o seu banheiro principal, despiu-

[7] *Óleo especial para limpeza e conservação de katanas.*

se, em seguida passou para o chuveiro. Enquanto ele se ensaboava, a água quente aliviou seu corpo dolorido.

Tanto poder na Segunda Terra.

E tanta responsabilidade.

E as tentações eram cem vezes mais difíceis de resistir.

Quando o calor atuou em alguns dos nós de tensão do pescoço e ombros, ele se enxaguou, desligou a água, em seguida, secou-se com uma toalha. Ele se sentou do lado da cama, uma segunda toalha envolvida sobre o seu cabelo longo ritualístico. Ele sentia-se melhor. Ele tinha um plano de ação agora. Talvez as coisas fossem acontecer com Alison, que envolvessem sangue e sexo, talvez até mesmo um compartilhar de mentes, mas ele poderia fazer com que a bola do jogo não rolasse até o final. Sim, ele poderia fazer isso.

Dane-se o breh-Hedden.

Quando ele finalmente subiu entre os lençóis, e quando o sono tomou conta da sua mente, ele se perguntou qual o tipo de bigorna cairia em sua cabeça nas próximas vinte e quatro horas.



Marcus limpou o sangue de seu lábio enquanto Horace chegava até ele. O curador, que se parecia com todas aquelas imagens retrôs de Cristo, tinha as mãos sobre o corte profundo no braço, tratando das suas atribuições.

Seu coração batia como, finalmente era suposto que fizesse. No entanto, a partir do momento que ele dobrara para a caverna com Medichi e avistou o sacana-do-inferno, ele estava em um estado lamentável. Mesmo agora, quando ele se sentava a frente no sofá maltrapilho de couro marrom mais próximo do bar, aquele bar com todas as garrafas quebradas, seu joelho esquerdo saltou. Ele tentou fazê-lo parar várias vezes, mas ele estava tão malditamente envenenado, tão malditamente cheio de adrenalina e sem nenhum lugar para extravasá-la.

Luken e Santiago trabalharam para limpar a bagunça, o que precisava ser feito manualmente. Somente a Central, ou talvez Endelle, tinham o poder de limpar os restos sem um esfregão ou uma vassoura. No entanto, um lago de álcool misturado a vidros quebrados mal seriam qualificados como uma crise que justificasse a intervenção da Central. Os rapazes quase terminaram de qualquer maneira, embora pudessem querer jogar fora o fedorento esfregão depois.

O que seja.

Se apenas o seu pé pudesse parar de bater contra o cimento.

— Você está com dor, Guerreiro? — mesmo a voz do curador tinha uma qualidade calmante.

— Eu estou bem. — Suas palavras saíram cortadas. Ele soprou o ar de suas bochechas, se inclinou para frente, e plantou seus antebraços sobre as coxas. Horace moveu-se com ele, as mãos ainda pairando sobre as feridas.

— Quase pronto — disse Horace.

— Oh. Desculpe — Marcus murmurou.

Marcus passou a noite inteira nas Fronteiras do centro da cidade, abaixo da Passagem, lutando contra onda após onda de vampiros da morte. Medichi se juntou a ele pouco antes do amanhecer, graças a Deus.

Marcus encontrou-se grato, em dívida com o guerreiro. Ele não estava mais acostumado a lutar e, tanto quanto ele saboreou as primeiras doze ou mais escaramuças, depois delas, seus músculos doíam em lugares que ele esqueceu que possuía. Então, sim, Medichi guardou o seu traseiro, algo que ele odiava admitir.

Quem dava uma merda?

O resto dos guerreiros estava em um grupo não muito longe da mesa de sinuca de cabeça para baixo, chutando a brisa. Luken e Santiago, tendo terminado a sua tarefa, se juntaram a eles. Seu olhar patinou além do grupo até uma TV quebrada pendurada em um ângulo estranho, fora de sua armação da parede. Se a TV estivesse funcionando, ele teria acionado a conexão dimensional até a Terra Mortal e deixaria correndo na CNN. Ele manteve a rede neste canal em seu gabinete, dia sim, dia não, só para manter-se informado.

As mãos de Horácio deslocaram-se para seu rosto. Ele sentiu o calor reconfortante viajando através dos nódulos de gordura sobre seu olho. Ele olhou para ele. Os olhos castanhos do curador tinham uma aparência suave, uma expressão gentil. Ele tentou imaginar-se sendo uma espécie mais delicada de homem. Impossível. Ele sempre teve suas bordas duras e abrasivas. Ele era quem ele era. Apesar de ter vivido na Terra Mortal durante dois séculos, ele ainda era um guerreiro.

Falando nisso, ele tinha uma fodida certeza de que poderia apreciar um tempo com uma pequena jugular. Ele adoraria uma mulher agora. Ele sentiu seu iPhone vibrar, deslizou-o do bolso profundo de seu kilt, em seguida, verificou o texto digitalizado. Ele deixou escapar um par de obscenidades. Uma de suas corporações, a que exportava para a Segunda Terra, acabara de perder um grande contrato. Ele realmente precisava volta à Terra Mortal antes que seu império virasse pó. Seus nervos dispararam foguetes e seus músculos se contraíram e saltaram.

Ele odiava ser cerceado dessa forma. Depois de todas essas décadas, ele aprendeu uma ou duas malditas coisas obre a condução de negócios de grande porte. Na linha de fundo, todos eles dependiam de uma coisa, sua liderança do caralho.

Horácio pediu para ele inclinar a cabeça para trás um pouco. Marcus atendeu, seu olhar pousando no teto. Havia uma bela coleção de chumaços de cuspe lá em cima, colado ao teto texturizado. Ele riu. Agora, isso era algo do qual ele sentia falta. Os limites exteriores dos vínculos masculinos.

O pequeno pedaço de riso aliviou algo dentro de seu peito.

Conforme o inchaço acima do olho diminuía, ele disse, — Você é o cara, Horace.

— Obrigado, duhuro.

— Ei. Não use esse título comigo. Qualquer um desses guerreiros que escute você dizer isso para mim, vão crucificá-lo.

Horace riu. — Eu acho que não, duhuro. E não importa o que qualquer um deles diga, você já estava combatendo vampiros da morte quando o resto deles era ainda encarnações compostas de árvores, rãs, e margaridas.

Marcus encontrou seu olhar. — Isso é uma coisa danada de generosa de se dizer.

Horace sorriu enquanto ele mantinha o calor da cura fluindo.

Seu olhar trocou de volta para os guerreiros. Ele ainda não sabia a história sobre a mesa de bilhar, mas ele poderia imaginar uma dúzia de cenários que teriam fornecido o mesmo resultado.

De vez em quando, o grupo de seis vampiros endurecidos desatavam a rir. A nuvem de tabaco rodava até o teto. Zacarias tinha um charuto na mão. Sim, ele esquecera a melhor parte de ser um guerreiro de sangue, o compartilhar de histórias de madrugada, tomar uma última bebida, a última fumaça antes de ir para casa dormir

Ao som de uma voz feminina, ele inclinou a cabeça para o lado. Quando a mulher chegou? Ele realmente não podia vê-la. Apenas suas pernas e pés. Medichi com sua altura e seus ombros enormes bloqueavam-na de vista. Luken chegou perto, porém, como ele tivesse algum direito sobre ela. Ela estava com uma muito conservadora calça marrom, do tipo que um monte de suas administradoras usavam. Maçante.

Ele fechou os olhos. Ele arrastou uma respiração profunda. Finalmente seu nariz estava desobstruído. Tão claro que apenas por um momento ele captou um perfume familiar, o que ele sentiu no escritório de Endelle. Todos em Segunda Terra começaram a usar sachês de glade de madressilvas atados aos pescoços? Jesus.

O problema era que seu corpo realmente gostava desse cheiro em particular. A parte mais estreita de suas costas deu um nó e sua virilha se aqueceu. Ele rangeu os dentes e obrigou a se manter sob controle ou o Horace aqui começaria a pensar que ele agora estava a fim de homens. O que diabos estava acontecendo com ele?

Ele soprou novamente. Desta vez, o cheiro era mais forte e seus olhos rolaram em sua cabeça. Oh. Meu. Deus.

Ouviu a voz rascante de Thorne. — Havily, eu não sei por que no inferno Endelle transportou você para fora da cama e a enviou para cá a esta hora. A ascendente foi para Queen Creek com Kerrick e está se recuperando de um ferimento grave. Ela provavelmente não vai acordar até muito mais tarde. Eu posso chamar você quando for necessária. Falando nisso, você já conheceu a ascendente?

— Não, ainda não. Você sabe, eu acho que isso é realmente estranho. Quando falei com Endelle, ela estava irredutível em que eu viesse até aqui, agora, para pegar os detalhes com você.

A cadência musical da voz da mulher afetou Marcus, como se ele precisasse ouvir mais. Muito mais.

— Ela mandou você aqui... de madrugada... para obter mais detalhes? Eu não entendo. Eu não tenho nenhum detalhe. Eu conheci Alison pela primeira vez há cerca de uma hora atrás e ela estava inconsciente.

— Bem, acho que houve algum erro, mas não me arrependo de ter vindo. Eu sempre gosto de ver vocês, rapazes. Por favor, me diga que vocês estão prontos para a noite.

Um fluxo geral de afirmativas correu em torno do grupo.

Assim, o nome da mulher era Havily. Não soava familiar. Nenhum dos guerreiros a mencionou antes. Ele supunha que ela era a oficial de Ligação da ascendente. Ele ainda não podia vê-la, apenas as pernas. Suas calças de linho marfim pareciam sob medida a partir de onde estava sentado. Elas tinham um vinco firme como os de seus ternos.

— Sua cura esta concluída, Guerreiro Marcus — disse Horace.

Marcus sentou-se um pouco mais reto. — Obrigado. — Ele tocou seu rosto e não podia acreditar o quão profundamente ele foi curado. — Você tem um dom e tanto.

Naquele momento, o cheiro da madressilva golpeou-o mais uma vez, como tomar um golpe rígido de um taco de beisebol contra o seu estômago. Ele inclinou-se e gemeu. Caramba, agora ele estava duro como uma rocha.

— Guerreiro Marcus? — Horace gritou, sua voz soando através da sala de recreação. — Qual é o problema? Você sofreu alguma outra lesão, talvez em um dos seus órgãos internos? — ele se agachou ao lado de Marcus e procurou seu rosto. — Diga-me onde você se feriu.

Marcus olhou para ele. Como o inferno que ele iria tentar explicar. Ele podia sentir o calor no rosto, embora ele não estivesse envergonhado. Ele estava sobrepujado. Caramba, o que diabos estava errado com ele. — Apenas uma câimbra. Ela vai passar. Confie em mim, eu estarei bem. — Assim que eu sair deste prédio e conseguir fugir daquele cheiro erótico.

No entanto, a preocupação de Horácio o fazia falar em um tom afiado, havia interrompido a conversa do outro lado da sala, e toda a conversa na caverna cessara.

Medichi voltou em sua direção, carrancudo, e desbloqueando a vista... Puta merda... a mais bela das mulheres que Marcus já viu em toda a sua existência, incluindo todas as atrizes que ele conheceu, canadenses ou outras. Ela era um anjo, uma habitante dos céus com o cabelo castanho ondulado e espesso em cascatas suaves passando dos ombros, um belo pêssego vermelho contra o linho marfim de seu paletó. O desejo que sentia dobrou, então dobrou novamente.

Porra. Um só golpe e ele gozaria.

Ele sentou-se bem para frente, as mãos penduradas entre os joelhos. Ele sofria agora, porque sua ereção latejante estava torcida e ele não podia fazer nada sobre isso. Se ele se levantasse, ele faria uma fodida tenda do seu kilt. Ela encontrou seu olhar e franziu a testa. Ele tinha uma enorme sensação de que necessitava chegar até ela, para parar atrás de suas costas, de preferência com a sua espada desembainhada.

Mas que diabos?

Havily olhou para o guerreiro de quem ela ouviu falar muito a respeito, particularmente de Luken, que se preocupava que esse vampiro pudesse causar uma guerra na Irmandade.

Guerreiro Marcus.

O renegado, o desertor.

Ele sentou-se para frente em um dos absurdos sofás de couro gasto contra a parede de trás. Parecia que ele estava sofrendo, mas como Medichi acabara de dizer a ela, o Guerreiro Marcus havia entrado muito empolgado em batalha em sua primeira noite de lutas após dois séculos. Daí, a presença de Horácio

O grito de preocupação de Horácio enviou todos girando em direção ao desertor. Ela não o conhecia de todo, é claro, já que ele foi residente da Terra Mortal durante dois séculos. Ela sabia que ele era desprezado entre os guerreiros, como ele deveria ser. Ela não conseguia pensar em nada pior que um ascendente abandonar Madame Endelle e seus irmãos de armas.

Seu kilt de couro pendurado em um arco profundo entre suas pernas, suas canelas cobertas com couro. Ele a observava com a mais estranha das expressões em seu rosto, como se estivesse vendo um fantasma. Ela não sabia o que fazer com ele, ainda que de alguma forma, por razões que não conseguia explicar, ela estava surpreendentemente atraída por ele. Seu cabelo era escuro, talvez não negro como o de Kerrick, mas de um castanho muito escuro, ainda que muito reto. Sua pele era de um bonito tom de azeitona, e ele tinha uma expressão intensamente feroz, com sobrancelhas escuras recortadas sobre olhos castanho-claros. Deus, ele era lindo.

Ela tomou um fôlego, pronta para virar a sua atenção de volta para Thorne e perguntar se ele sabia quando ela deveria visitar a ascendente Wells, mas o mais estranho cheiro a atormentava, um cheiro almiscarado de terra, que lembrava, e isto era bastante ridículo, erva-doce. Ela fechou os olhos e respirou fundo. Ela podia imaginar um buquê todo de vinhas de alcaçuz, que era apenas... bem... o céu para ela. Ela sempre teve um grande carinho por alcaçuz. Acaso os guerreiros começaram a pendurar algum tipo de purificador de ar estranho na Caverna? Se assim for, ela precisava descobrir que marca era porque ela iria comprá-lo, talvez uma dúzia de latas. Ela poderia até usá-lo como um perfume.

O estranho era, o cheiro parecia estar emanando de onde Guerreiro Marcus sentava-se, as mãos cruzadas juntas tão apertadas que ela podia ver o branco dos seus dedos. Ele ainda estava olhando para ela, a mesma expressão estranha, quase de dor em seu rosto.

Sem aviso, sua pele floresceu, formigando, mesmo seus mamilos tornando-se grânulos duros. Ela lutou para recuperar o fôlego e de repente ficou absolutamente tonta. Que diabos estava acontecendo com ela?

A voz profunda e áspera de Thorne invadiu seus pensamentos. — Endelle deu a ascendente trinta e seis horas de escudo de mente, então eu suspeito que você terá muito tempo ante de recebê-la oficialmente em nosso mundo.

Ela olhou para ele. O que ele estava dizendo? Algo sobre a ascendente. Ela deve prestar atenção uma vez que este era seu trabalho como agente de ligação. Ela não estivera feliz com a atribuição, mas o fato de que ela precisava fazer visitas aos Guerreiros de Sangue sempre fazia o seu dia melhor. Eles a tomaram sob suas asas coletivas desde o momento de sua ascensão há uma

centena de anos atrás, quando Luken serviu como seu guardião. Ela parecia ter um entendimento natural com esses homens e, certamente, ela apreciava seu nível de sacrifício em manter a Segunda Terra segura.

Na hierarquia, os guerreiros estavam acima dela, mas então, eles estavam acima de todos, com exceção de Endelle, uma vez que também atuavam na posição de guardiões da Ascensão e mantinham os ascendentes mais poderosos seguros durante seus ritos de ascensão. Apenas Endelle tinha uma classificação mais elevada. Até mesmo os altos administradores de todo o mundo eram mais baixos na hierarquia do que os Guerreiros de Sangue.

Por nenhuma razão em particular o seu olhar se desviou para o Guerreiro Marcus, que desistira do prestígio do status de guardião para assumir uma vida inútil na Terra Mortal. Ele ainda a observava. Mas enquanto o seu olhar encontrava o dele e o sustentava, os lábios dela se entreabriram e profundamente, tão profundamente dentro de seu corpo, o desejo virou uma dança erótica, lenta, quase como se o guerreiro a segurasse cativa.

De que outra forma ela poderia explicar sua incapacidade de olhar para longe, exceto ao mudar o seu olhar de um musculoso ombro para o outro, visível por causa do equipamento tradicional de voo, sólidas tiras de músculos que faziam as pontas dos seus dedos tremerem e a ponta de sua língua passear pela parte de trás de seus dentes.

Uma imagem tomou conta da mente dela, de suas mãos em suas costas, suas unhas afundando em sua carne, seu corpo debaixo dele enquanto ela o mantinha apertado... e ele se movendo sobre ela.

O cheiro de erva-doce era afiado, ampliou-se, atado com um almíscar de puro sexo masculino. Ela atraiu uma respiração longa e profunda, arrastando o ar pelo nariz e boca ao mesmo tempo. Ela estava embriagada quando outra onda de desejo percorreu sua pele, dentro do músculo e osso, então desceu mais abaixo, até que ela se sentiu dominada por dentro. O centro dela, a essa altura chorava, enquanto seus músculos internos se apertavam, não apenas uma vez, mas mais e mais e mais. Ela ia... oh, Deus... ela estava perigosamente perto do orgasmo e tudo o que ela estava fazendo era olhar para um guerreiro.

A veia em seu pescoço começou a pulsar. Ela colocou a mão sobre ela e acariciou a própria pele para cima e para baixo. O traço castanho-claro dos seus olhos afundou mais, o olhar de um predador, e ela viu suas presas descerem em seus lábios inferiores. Oh, como ela queria que esse vampiro pudesse colocar suas presas no pescoço dela e tomasse agora o que ela queria dar.

Quando ele começou a se levantar do sofá, um suspiro levantou-se de sua garganta. Com cada grama de força que ela possuía, ela afastou o seu olhar do dele e olhou para Thorne.

Ele agarrou o braço dela. — O que é, Havily? O que esta assustando você?

— Eu tenho que ir. — E antes que ele pudesse argumentar qualquer coisa com ela, ela levantou o braço livre e dobrou. Infelizmente, sua mente estava tão confusa, ela não dobrou até sua casa, mas terminou em pé no meio do chafariz fora de sua casa no complexo de moradias.

Ela sentiu a água em sua pele aquecida e começou a rir. Dizer que ela precisava de uma ducha fria era dizer o mínimo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

No entanto, quando ela saiu da fonte, simplesmente não conseguia descobrir o porquê do que aconteceu. Em que dimensão isto poderia fazer o menor sentido, onde ela poderia desejar um vampiro, guerreiro ou não, o qual ela desprezava pelo desertor que era?

O futuro fala em sonhos,
Mas a manhã revela todas as verdades.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 13

Crace sentou em um banco de pedra no centro do extenso pomar de pêssegos do Comandante. Esperando. Pelo menos ele não estava suando desta vez, embora o que ele sentisse era muito pior, como se tivesse sido esfaqueado no peito.

Desde o momento de sua ascensão, ele conheceu a fome, a sua unidade básica pessoal, não apenas de ir adiante, mas liderar. Com a única exceção de sua adorável esposa, sua amada Juliana, ele só tinha um grande amor, sua ambição.

A partir do momento que ele viu pela primeira vez o Comandante durante seu rito bastante mundano de ascensão ele sabia que um dia iria se aliar a ele, pertencer a ele. Ele entendia o Comandante, porque ele compartilhava a mesma crua, precisa, não refinada e incapacitante necessidade de ter poder e mais poder e mais poder.

Duas dimensões? Oh, vamos lá. Greaves tinha mais visão do que isso.

A oportunidade de trabalhar ao lado do Comandante Greaves significava, literalmente, o mundo para Crace. Sim, Genebra fazia parte daquilo, uma enorme parte, mas sua sensibilidade era mais profunda. Ele pensava no Comandante como um verdadeiro companheiro, um irmão de armas no espírito, na motivação, e em uma total falta de escrúpulos.

Ele bateu o pé esquerdo sobre o intrincado padrão do chão do pátio feito de lajotas de terracota. Ele chegou cedo apenas para pensar. Sua esposa iria se juntar a ele após dar os últimos retoques ao seu penteado, a sutileza de sua maquiagem, seu vestuário. Ela era exigente nessas coisas.

O pomar, perto da base da Montanha da Estrela, era uma coisa bela. As árvores foram dispostas como se irradiando a partir de um núcleo de grande porte, o círculo cada vez maior, uma vez que crescia no que parecia quilômetros a cada direção. O pomar inteiro era coberto com uma variedade de escudos, o que permitiu uma graduação das sutilezas do clima. Algumas árvores estavam pesadas com os frutos maduros, outras apenas florando, outros em um estado de repouso invernal. Sob as árvores, uma coleção natural de gramíneas e ervas daninhas crescia. O Comandante ganhara prêmios por seus métodos orgânicos.

Mais do que qualquer outro aspecto da vida do Comandante, este pomar e o que estava abaixo exemplificavam seu essencial caráter. Abaixo das linhas de pessegueiros, enterrado na terra, estava o Centro de Comando para a sua operação global. Abaixo do Centro de comando

correram quilômetros de abrigos e uma variedade de instalações de treinamento para o seu exército. Abaixo dos abrigos havia uma vasta caverna dedicada exclusivamente à pesquisa e desenvolvimento. O Comandante tinha uma paixão por armamentos. Ele era criativo com armamento de todos os tipos, sempre trabalhando em métodos de abate melhorados.

Uma hora mais cedo, apesar do fracasso em Carefree, Greaves pediu que Crace e sua esposa se juntassem a ele para o café da manhã. Ele serviria mimosas, pêssegos frescos, omeletes de clara de ovo, e tudo mais, porque ele sabia como um café da manhã faria a alegria de Julianna. No centro de uma mesa coberta com linho irlandês sobressaía um elegante arranjo de orquídeas sob um leito de algum tipo de pequena folhagem que recobria um solo verde. Sim, Julianna ficaria encantada com a atenção aos detalhes.

Havia tanta coisa para admirar sobre a sua divindade.

Ele suspirou pesadamente.

Ele havia tomado banho e se barbeado. Ele usava um smoking branco, calça preta, sapatos pretos dos mais finos. Ele tentava esfregar o cheiro de seu fracasso para longe de seus braços bronzeados, pernas e rosto, mas não conseguia. Ele sangrou remorso por todos os poros de seu corpo.

Sentou-se na dura pedra esperando a chegada de sua esposa. Ela dissera a ele para parar de ser tão absurdo, que o Comandante, sendo um homem prático e sensato, não faria, não culparia Crace de forma alguma pelo fracasso de um regimento inteiro em matar a ascendente. Em sua opinião, tal elegante e privado café da manhã, significava que aceitaria Crace sem má vontade.

Normalmente, a mulher de Crace entendia melhor. Ela tinha grandes habilidades. Ela podia sentir as coisas antes que elas acontecessem. Ele, portanto, não deveria se sentir como se ele logo fosse ser reduzido a pó por sua desagrada divindade.

No entanto, como poderia ser diferente? O Comandante iria prendê-lo a responsabilidade por tudo aquilo que aconteceu em Carefree.

Crace raramente se desesperava. Um otimista por natureza, suas sensações presentes eram estranhas a ele. Ele não gostou da maneira que seu corpo sentia, pesado em cada músculo, seu coração apertado, tensão em seus pulmões. Ele até teve que se forçar a respirar.

Era culpa dele a ascendente ter tanto poder? Ela desabilitara os seus homens mais e mais a partir de uma série de explosões. Explosões lançadas com as mãos nuas. Ele não podia sequer conceber como ela fez isso. Ele estremeceu com a lembrança. No entanto, além das explosões de mão, quem poderia ter previsto que um guerreiro tão nobre como Kerrick iria chamar uma ascenção ilegal de emergência? Foi algo inédito.

E como foi que o casal soube que precisavam fugir no fodido Hummer da ascendente? Como se tivessem sido avisados? Ele estremeceu novamente.

Ele sentiu o ar se mexer e ele ficou de pé.

Ele derreteu ante a visão de sua incomparável mulher. Ela tinha a beleza de Afrodite, e parecia particularmente esplêndida em um macio linho cor de pêssego que escolheu para o vestido. Uma excelente escolha, dada a ocasião, suas tranças escuras dispostas em vários

elegantes nós soltos caindo abaixo na parte traseira de sua cabeça. Ela usava pérolas suaves, sobre as quais a luz da manhã e os escudos sobre o pomar jogavam um brilho suave. Ela era a perfeição, seu gosto inigualável. Joias de qualquer outro tipo teriam sido totalmente inadequadas. Ela ensinara isso a ele, e muitas outras coisas. Ela sabia como apresentar-se de tal forma a só ter a acrescentar ao seu valor e seu poder.

Seus olhos eram azuis penetrantes, levemente angulados nos cantos, juntamente com as sobrancelhas. Maçãs do rosto altas e pronunciadas, seus lábios carnudos. Seus seios eram grandes, redondos, muito flexíveis, e moviam-se completamente livres sob o tecido. A visão de seus seios tão bem apresentados, mas ainda assim cobertos modestamente, trouxe uma excitação acentuada. Ela se aproximou dele, beijou sua bochecha, e pegou sua mão na dela. Ela sussurrou em seu ouvido: — Você vai me levar para a cama depois disso, você vai beber de mim, e eu vou aliviar seus medos.

Ela sempre o fazia. Ele arrastou uma respiração profunda e relaxante... um pouco. Ela era a melhor das esposas. Ele era o mais afortunado dos homens.

O ar se agitou mais uma vez. Ela se afastou um pouco dele. Dada sua posição, ela não acreditava em demonstrações públicas de afeto. Quando o Comandante apareceu, ela ofereceu uma inclinação cortês de sua cabeça juntamente com uma reverência ligeira, uma tradição que ela começou e que se espalhou pela Segunda Terra. — Julianna, que prazer em vê-la.

— E ao senhor, Comandante.

— Por favor. Me chame de Darian.

Sua esposa, sua esposa querida, apenas sorriu, ofereceu outra mesura, então disse: — Como quiser, Comandante.

Crace se maravilhada com a sua destreza. Ela sempre passava pelos pequenos testes do Comandante, o que parecia agradá-lo imensamente, pois ele sorriu e até deu uma risadinha. Ela levantou a mão para ele.

Ele se aproximou dela e tomou sua mão oferecida, oferecendo um beijo educado no arco dos dedos, um sinal de grande respeito. Crace sentiu uma onda de calor rolando de sua esposa. Uma surpresa. O olhar do Comandante caiu, oh, tão brevemente sobre seus seios. Crace o seguiu e encontrou os mamilos da esposa em picos, que se estendiam abaixo da linda roupa cor de pêssego. Ele entendeu, neste momento, quão inteligente era sua esposa. Ele piscou e mais de seus medos se dissiparam.

O Comandante levantou a mão e estalou os dedos. Um momento depois, três garçons se materializaram, assim como um carrinho de serviço de grande porte.

Julianna bateu palmas em uma expressão inocente de prazer ante a refeição que o Comandante fornecera a ela. Naturalmente, Greaves ajudou-a ele mesmo a assentá-la. E, naturalmente, Julianna sorriu para ele, só por cima do ombro e sussurrou seu agradecimento.

Crace se sentou para comer com seus medos recolhidos para um rugido surdo, tanto que até o momento da refeição foi consumido e o champanhe acalmou suas veias, e ele se recostou na cadeira.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Fiquei triste ao saber da manobra ilegal do Guerreiro Kerrick — disse Greaves. — Totalmente inesperado.

— Sim, foi realmente, Comandante.

— Muito bem. Vamos simplesmente seguir em frente.

Crace recolheu o nó que chacoalhava na garganta. Não haveria recriminações. Agradecimentos eternos ao Criador pelas pequenas misericórdias.

— Eu quero que você veja Harding e tome as providências para a próxima etapa desta viagem. Teremos todo o direito legal de recorrer a qualquer curso que desejamos. Eu confio em você, meu querido Crace, para fazer uma conclusão notável.

Crace olhou dentro dos olhos de sua divindade. Fazer a conclusão notável. Todo o direito legal. O chamado de emergência pode ter salvado a vida da ascendente, mas também deu ao Comandante uma vantagem, profunda e irreversível.

Na Segunda Terra, havia sempre uma maneira de fazer alguma coisa notável.

Espetacular.

Sim, espetacular.

Dentro de sua mente, ele começou a tecer uma exibição gloriosa. Ele usaria cisnes, é claro, e fogos de artifício. Ele iria pedir um favor ou dois de Pequim. Os teatros locais teriam todos os atores que necessitaria para um uma exibição de grande porte... sim, ele sabia exatamente o que precisava ser feito. E, claro, o evento seria televisionado em todo o mundo. Sim, que iria trabalhar... notavelmente.

Quanto a ascendente, assim, sua morte seria o destaque da noite toda, é claro.

— Eu acredito que eu tenho a resposta — disse ele.

Crace sentiu uma pressão agora familiar em sua cabeça. A expressão séria de Greaves ficou suavizada e então iluminada. Ele balançou a cabeça várias vezes e depois sorriu.

— Meu querido Crace, você se superou. Você está de parabéns.

— Você pode felicitar-me, mestre, quando a ascendente respirar pela última vez.



O lago.

Alison flutuava dentro de um sonho familiar no ar. Ela olhou para baixo em um lago muito longo, um pouco estreito, talvez apenas oitocentos metros na parte mais larga do lugar. No entanto, o corpo de água se estendia vários quilômetros na direção norte-sul, tornando-se no comprimento o que faltava de largura.

O flutuar era agradável.

Espere. Ela não estava flutuando em tudo. Ela estava voando e possuía asas, bonitas, perolizadas e iluminadas de azul e debruada de ouro em cada ponta, um ouro cintilante. Ela se sentiu eufórica e profundamente contente. Ela batia as asas, que brotaram de dentro dela para trás, como as asas do Guerreiro Kerrick.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Como era estranha a sensação de sentir a presença de travas de asas, bem como os músculos de suas costas engrossados e a alta dose de hormônios deslizando através de suas veias. Ela teve uma sensação súbita e tremenda do poder. Ela estendeu os braços e sentiu dentro de sua mente a chave para o movimento de fechar as asas combinado com o pensamento.

Suas asas eram uma parte extraordinária dela, tanto da mente quanto do corpo. Quando ela imaginou um impulso para baixo, suas asas responderam quase que magicamente. Voar era, portanto, uma habilidade apreendida, da forma como uma criança aprendia a fechar os punhos e sentir o aperto das suas mãos pela primeira vez. As asas eram outro conjunto de músculos que aprendera a manipular.

Exultação. Ela imaginou uma espiral e sua trava das asas respondeu, até que ela estava girando, oh, tão alto, no ar. Por instinto, ela abriu as asas largamente e parou a espiral. Ela riu.

Olhando para baixo, ela girou em outro círculo, desta vez muito mais lento, e descobriu que o lago que estava ao pé da cadeia de montanhas que ela conhecia tão bem como as White Tanks. Ela também, por alguma razão, sabia o nome do lago, White. No entanto, como era estranho ver um corpo de água deste ponto de vista. Na Terra Mortal não existia muita coisa no lado oeste das White Tanks, exceto um pequeno grupamento de casas e uma ou outra casa solitária ou trailer. Certamente não um lago.

Conforme ela deslizava sobre a água, experimentou uma sensação de destino, de futuro, que seu futuro estava aqui, ligado a este lago. Um desejo forte tomou conta de seu peito, o mesmo anseio profundo que a impeliu a responder a sua chamada para a ascensão. Ela se sentia protetora sobre o lago, quase dolorosamente, como se o destino do mundo dependesse de sua habilidade em manter o White Lake seguro.

A palavra Guardião deslizou por sua cabeça, a mesma palavra que o Guerreiro Kerrick usara para descrever sua relação com ela, que ele era seu guardião. E ela era a guardiã deste lago. Apenas o que poderia possivelmente significar isso?

Conforme ela deslizou para a consciência, o sonho formou o pano de fundo de sua mente. Ela acordou de costas em uma cama estranha, olhando para um alto teto abobadado pintado de uma bela cor laranja queimado e coberto de galhos escuros despojado. Ela nunca viu um teto como este, uma verdadeira obra de arte. Então, onde estava?

O último teto no qual despertou era o seu próprio... e o braço de Kerrick estivera atravessado sobre seu peito. Ele se refugiara em seu pescoço, brincando e a acordando com movimentos eróticos das partes mais grossas de suas presas, cutucando a garganta um pouco acima da veia.

Um potente desejo chicoteou seu corpo ao recordar as sensações, e ela se arqueou sobre a cama. Recordar o orgasmo poderoso trouxe suas pernas pressionando juntas, tentando encontrar algum alívio. Oh, o que Kerrick fizera para ela. Ela deslizou a mão sobre o pescoço. Ela gemia com a memória do gozo explodindo nela enquanto ele tomava seu sangue e a atormentava com os dedos. Ela não podia imaginar como seria o sexo completo com ele.

Mais uma vez suas costas arquearam para cima da cama.

Certo. Ela precisava parar de pensar nele, ou pelo menos sobre ter sexo com ele. Ela precisava se situar em vez disso, exatamente onde ela estava e como ela chegou até aqui e porque na terra ela sonhou com um lago.

Ela se sentou e olhou em volta. Perto dela havia uma porta aberta, levando a um banheiro, havia um armário com roupas, roupas de mulher. Ela olhou para baixo na camisola branca, muito macia, que ela usava, mais parecida com uma túnica, ela supunha. De onde viera isso? Ela franziu a testa enquanto pensava sobre a explosão, que não deixou dúvidas sobre a destruição da sua casa. Será que ela ainda tinha alguma roupa? Ela mentalmente estendeu-se para sua casa, mas encontrou sua mente estranhamente bloqueada. Ela não podia chegar mais longe do que vinte ou trinta metros de sua posição atual.

Algum tipo de escudo estava naquele lugar, um escudo muito poderoso, que ela sabia instintivamente que foi posto ali para mantê-la segura.

Ela caiu para trás na cama. Ela estava com certeza de volta ao mundo muito bizarro em que entrara, um mundo de vampiros da morte e guerreiros com línguas ásperas e presas eróticas, os inexplicáveis escudos mentais e sonhos com um lago e de ser um guardião.

Ascensão. A sua ascensão.

Ela fechou os olhos e por um longo momento tomou profundas respirações. Ela deixou a realidade de sua situação atual derivar por sua cabeça. Ontem à noite, por duas vezes, ela mal conseguiu escapar com vida, uma vez fugindo do beco, uma vez após o ataque de vampiros da morte em sua casa em Carefree.

E então havia Kerrick, seu guardião, aquele designado para protegê-la, aquele por quem ela se sentia atraída por como o cacto pelo deserto. Seu coração disparava quando ela pensava nele e no maravilhoso cheiro almiscarado de cardamomo dele, o que a fazia pensar em mercados exóticos no Marrocos.

Ela havia chegado a um novo mundo, aceitou uma nova vida cheia de perigos, mas também de possibilidade.

Uma pergunta estranha vinha à tona. Apenas como ela iria explicar a Joy, ou para o resto de sua família, sua nova vida?



Kerrick sentava-se em sua cozinha em um banco diante da grande e quadrada ilha de granito. Ele tomou um gole do café.

O café era bom.

Deus, que ele amava essa era. Acender, ligar, cozinhar, fritar, assar e ferver. Séculos atrás, ele teria gasto uma parte de cada dia de verão cortando madeira a fim de manter os fogos da casa queimando através da estação mais fria.

Ele fez uma caneca de café e separou um copo para Alison. Ele se perguntou se ela bebia café. Perguntou-se sobre um monte de coisas que diziam respeito a ela, quais seus autores preferidos, por que ela possuía um Hummer, e até mesmo como ele poderia mantê-la viva, porra.

Ele exalou um pesado suspiro.

Seja como for.

A casa de Queen Creek não tinha vizinhos próximos ou muitas janelas. A luz da tarde iluminava todos os quartos voltados para o oeste. Como padrão de casas, esta era... confortável.

Ele tomou outro gole. Ele gostava de seu café expresso extra forte. Será que Alison preferia o dela fraco?

Ele balançou a cabeça. Seus pensamentos foram repletos dela desde o momento que ele despertara, de querer mantê-la em seus braços, levá-la para a cama, enterrar-se em seu corpo por talvez um ano. Dois. Três. Mil.

Em Carefree o poder que ela liberara quando conseguiu seu orgasmo foi tão infernalmente erótico. Arrepios deslizavam por suas costas só de pensar nisso. Ele deslocou-se para abrir espaço para uma ereção que não parecia muito longe de acontecer.

Ele foi conduzido à distração por sua necessidade de comungar com esta mulher, para estar dentro de sua mente, para obter mais do seu sangue, vinho rico e inebriante misturado com erótica lavanda, estar fisicamente unido a ela. Ele pulsava por ela, no pescoço e na virilha. Ele teve que deixar sua xícara de café sobre o balcão quando suas mãos começaram a tremer.

Cristo.

E ele estava apenas pensando coisas sobre ela. O que aconteceria se... quando... ele fizesse amor com ela? Ele balançou a cabeça e pegou seu copo, mais uma vez. Ele bebeu desta vez, então respirou. Então, como diabos ele supostamente conseguiria manter seus votos quando o breh-Hedden havia fodido sua cabeça tão completamente?

Maldito breh-Hedden.

Um rastro de lavanda chegou até ele e ele se inclinou para frente sobre o balcão inalando seu perfume. Ele já estava duro como uma rocha. Agora? Ele poderia martelar pregos. Ok, hora de exercitar suas novas resoluções, moldá-la em uma montanha e aguentar firme.

Respirar, maldito, inspire, deixe sair.

Então, sua mulher estava acordada e pensando nele. Ótimo. Como se supunha que ele deveria manter-se longe dela, se ela até se retorcia como ele fazia? Ele murmurou uma série de maldições, enquanto olhava para o granito negro esverdeado. O que ele teria que fazer para se livrar deste absurdo?

Ele recostou-se conforme Alison aparecia na porta da cozinha em frente dele. No entanto, a simples visão dela fresca, como se ela acabasse de sair de um sono profundo e tão bonita, trouxe uma brigada inteira de soldados com equipamentos pesados para demolir a montanha de sua determinação. Motores a diesel subindo firme, os pneus do tamanho de SUVs rolavam por todos os lugares, e caminhões do tamanho de estádios de futebol arrastavam pedra e sujeira em massa.

Ela estava linda em um par de simples calça preta e uma regata verde clara, graças a Deus a assistência de Endelle providenciara algo mais do que apenas túnica e curtos shorts brancos. E

sim, graças a Deus ela os trocou. Uma visão de suas pernas longas e ele tinha certeza que teria perdido o fiapo do seu controle restante.

Infelizmente, o bojo da parte de cima da camiseta e encaixava muito bem e tinha um pequeno detalhe de strass no centro, logo abaixo do seu decote, e sim, a fenda entre os seios era incrível. Ele gostaria de sua língua subindo e descendo...

Ele prendeu a respiração em um duro fôlego.

Ele tomou um gole do café, em seguida, deixou seus pensamentos derivarem em direção a ela. Ele deu forma a uma ideia potente e mandou direto para a sua mente, o que ele simplesmente não podia conter mais: *Nua e deitada de costas...*

Ela sorriu. — Alguma coisa específica em sua mente, Guerreiro?

Guerreiro. Oh, merda. Chamando-o por sua vocação tornou-a mais real em sua vida. Ele enviou uma série de imagens poderosas, todas elas envolvendo ele fazendo coisas para várias partes de sua anatomia.

Seus lábios estavam entreabertos e uma nova onda de lavanda retornava para ele, quase o fazendo cair de seu tamborete.

O ar ficou carregado, embora ela permanecesse onde estava. Ela esfregou os braços e deu um suspiro. *O quanto você me quer?* ela enviou. A voz em sua cabeça flutuava e se contorcia. Ela poderia seduzi-lo, mesmo com seus pensamentos.

Como terra seca implorando por chuva, ele respondeu.

Ele estava tão ferrado.



Alison não podia se mover. Ela queria. Queria correr para Kerrick, jogar os braços ao redor dele, e sustentá-lo bem apertado.

Terra seca implorando por chuva, ela enviou.

Ele balançou a cabeça.

Ela queria ser a chuva, para cobri-lo com a umidade, para trazer vida à sua semente.

Conforme ela encontrava o seu olhar, olhava para o seu cabelo preto e ondulado, longo e solto sobre os ombros, a largura dos ombros, seu corpo zumbia, chorava, gritava por ele. Isto era o que ela havia desejado desde que ela era uma adolescente estúpida que ficava caída pelos meninos. Isso era o que tinha Joy. Isso poderia ser realmente dela?

Ela estendeu-se para ele com sua mente. Tocou delicadamente, não para entrar, mas para estar perto apenas por um momento. Ele fechou os olhos em entendimento. Ela deixou sua mente descansar ao lado da dele e pelo menos uma dúzia de suaves fantasias rolou através dela.

Ela poderia realmente estar com este homem. Sim, este vampiro. Ela olhou profundamente para o futuro e viu uma eternidade com ele. Ela pegou sua mão e sorriu em seu rosto. Ela riu com ele e chorou com ele. Ela deu à luz seus filhos e o irritou sobre a colocação das luzes de Natal e

sobre ajudar as crianças com trabalhos de casa. Ela aconselhou-o a manter sua espada à mão e sua língua em sua boca ou em qualquer outro lugar que ele queria.

Ela queria essas coisas quase dolorosamente.

No entanto, ela ainda não conseguia se mover. Ela se sentia presa ao local onde ela parou, seus pés descalços colados como goma de mascar no cimento. O medo por este novo mundo a abraçou rápido. Ela ainda não sabia as regras. Além disso, não era possível que ela ainda pudesse acabar machucando Kerrick por causa de seus poderes ainda em evolução, os quais ela ainda nem podia conceber? Ela não o machucara mais cedo no sofá em Carefree, mas ele estava ao lado dela, e não dentro nela. Oh, Deus. Certo.

Ele abriu os olhos, sorriu levemente diante de sua reticência e assentiu. Ele deslizou para fora do seu banco, em seguida, movendo-se para a cafeteira. Seu olhar o seguia avidamente. Os músculos dos braços dele se contraíram e torciam. Os nós dos dedos empalideram conforme ele pegava a cafeteira. Ele a baixou e voltou para seu banco.

Ele resistia, assim como ela resistia.

Ele colocou sua caneca para baixo, então agarrou o balcão. Ele olhava para o granito verde salpicado. Soltando um suspiro pesado, pegou sua caneca, em seguida, tomou um gole de novo.

Seu coração estava tenso por ele. Ela suprimiu a sensação. — Você tem uma casa linda — disse ela.

Ele encontrou seu olhar. Ela viu alívio em seus olhos, porque ela mencionou algo tão comum? — Obrigado — ele respondeu.

— Eu realmente gosto dos detalhes em madeira no teto.

Ele balançou a cabeça. Tomou um gole.

Ela olhou à sua direita e teve uma visão clara através de uma segunda porta para uma sala de estar. Seu olhar saltou até o teto, onde mais ramos secos foram colocados lado a lado. — Textura bonita, única, especialmente com a cor de terracota ao fundo. Você deve adorar esta casa.

— Eu o faço... hoje — disse ele.

Ela atirou o seu olhar ao dele. Uma onda de cardamomo quase bateu fisicamente contra suas narinas. Ela apoiou a mão contra o armário mais próximo da cozinha e respirou fundo. Certo. Ela realmente não deveria ir por aí.

Ela tentou outro assunto. — Você sabia que há um armário cheio de roupas no meu quarto?

— Eu não estou surpreso. A equipe pessoal de Endelle iria querer cuidar bem de você. Então me diga, do que você se lembra da noite passada, depois do ataque em Carefree?

A goma desapareceu da sola dos seus pés. Ela se moveu, embora lentamente em sua direção, atravessando a cozinha para a ilha de granito maciço. Ela mudou-se para ficar ao lado da ilha à sua direita, a cafeteira atrás dela. A palma da mão deslizou sobre a lisa pedra espelho. — Lembro-me de um flash de luz e em seguida, de estar em pé na frente de um homem com um longo cabelo cor de areia, embora não muito.

— Você pulou a cena da sua lesão. Você se lembra do ferimento em seu ombro?

— É isso mesmo, eu fui atingida. — Ela girava seu braço esquerdo. — O que aconteceu? Quer dizer, eu quase não sinto nada. Apenas resta uma pequena dor muscular.

— Endelle te curou.

— Ela estava lá? A governante da Segunda Terra? E ela me curou?

— É claro — disse ele. — Ela também te deu um escudo mental que vai protegê-la até cerca das sete horas de amanhã à noite.

— Oh. Agora eu entendo. Tentei alcançar mentalmente a minha casa para ver se algo havia sobrado, mas não consegui chegar. Acho que eu deveria agradecê-la.

— Tenho certeza que você terá muitas oportunidades para retribuir o favor.

— Ela é do tipo exigente?

— Você não tem ideia.

— Quem foi o homem que eu vi? Ele era quase tão alto quanto você e muito bonito. Muito musculoso. — Seu olhar endureceu e suas presas fizeram uma pequena aparição, uma lembrança súbita de que ela não apenas entrou um mundo de dimensões, mas um mundo de vampiros guerreiros também.

Ela piscou quando seu olhar caiu sobre as pontas afiadas de seus incisivos. Supondo que ela sobrevivesse a esta jornada, um dia ela iria portar um par de presas e... ela iria fazer uso delas. Seus pulmões se comprimiram com este pensamento de colocar seus caninos no pescoço de Kerrick. A respiração que ela soltou soou como se estivesse arrastando o ar através de uma tela de malha fina.

Ela pensou ter ouvido um rugido fraco. Ela escutou com mais atenção. O guerreiro com todo aquele lindo cabelo negro estava rosnando. Porque ela disse que o outro homem era bonito e musculoso? Uh-huh. Um caso claro de possessividade digna de um homem das cavernas... e aquilo era meio que dirigido a ela.

Ele não a encarava enquanto bebericava seu café. — Thorne. Ele é o braço direito de Endelle entre seus homens, o líder dos Guerreiros de Sangue.

Ele voltou a beber, embora mudando o seu olhar neste momento para vê-la apenas por cima da borda da caneca. Um novo rosnado se formava, aprofundando-se então, e ficando mais alto, um som que retumbou direto no peito dela, enfraquecendo todos os músculos do seu estômago e os tendões que suportavam seus joelhos. O cheiro de cardamomo ficou mais forte.

Uau. Se ela já não estivesse trabalhando seu autocontrole agora, ela teria caído no chão agora mesmo.

Ainda assim, algum diabinho a incentivava e ela não resistiu a provocá-lo. Com uma voz forte, ela disse, — Você sabe, Thorne tem uma aura verdadeiramente de comando, não é?

Os rosnados cresceram em escalada, mas ele bebeu do seu café mais uma vez, então olhou mais fixamente para o granito abaixo dele.

Tudo bem, então talvez ela estivesse sendo um pouco implicante ao provocá-lo. Ela pararia agora. Ela olhou para ele, de cima a baixo, e todo o desejo dela por ele mais uma vez explodiu, chicoteando através dela como um rastilho de pólvora. Ele usava jeans que pouco faziam para disfarçar suas coxas poderosas e uma camiseta confortável moldava seus maciços peitorais. Ela

abafou um gemido. Seu olhar patinou mais para baixo, todo o caminho até o chão. O homem também estava com os pés descalços. Maldito. Mesmo os seus pés eram sexys como o inferno. Mais respiração sibilante saindo dela.

Seu olhar deu um giro e se transferiu para o seu próprio pé descalço. Uma estranha tontura passou pela mente dela. Eles eram semelhantes. Oh, não.

Ela engoliu em seco e falou rapidamente, — Minha cabeça está confusa. É por causa do escudo?

— Sim.

— E ninguém pode me encontrar?

— Ninguém. Um escudo como esse causa confusão, mas também é ilegal o uso dele sobre ascendentes por isso estamos aguardando as repercussões.

Alison assentiu. — Tal como aconteceu com o chamado de emergência que você fez?

— É.

— Então, estamos em apuros.

— Isso aí.

Ela olhou para longe dele. — Bem, e qual é o problema com a minha casa e meu Hummer? Agora eu estou pensando que a polícia vai estar em todo o entorno, provavelmente à procura de terroristas ou algo assim.

Ele balançou a cabeça. — Thorne enviou Zacarias para cuidar das coisas após a partida do grupo do Comandante da casa. O Hummer, bem, isto é, exceto pelas janelas que explodiram, os danos no para-lamas, e oh sim, você precisa de um novo teto. Sobre o que aconteceu para a casa, é principalmente entulho agora. Endelle já providenciou uma equipe para reconstruí-la.

— Ela está fazendo isso por mim? — ela perguntou, surpresa.

— Desculpe. Trata-se de aparências e sigilo. Há uma neblina muito complexa em torno da propriedade até que a renovação seja completa.

Alison balançou a cabeça. — Ceeeeerto, então.

— Então, por que um Hummer? Você tem um velho e pequeno Nova, em seguida um veículo poderoso, prejudicial ao meio ambiente.

— Eu tive um há vários anos e eu admito que eu adoro. É tão grande e espaçoso. Minha altura é uma vantagem em muitos aspectos, mas não em carros pequenos. O Nova eu tenho comigo desde a minha adolescência.

— No entanto, o Hummer é um carro mais para homens.

— Sim, acho que sim.

Ela concordou e passou a mão mais uma vez sobre o liso granito. Ela olhou para cima, em seguida, moveu seu olhar em qualquer lugar, exceto em sua direção. Ele estava olhando para ela e ela profundamente desejava que ele não pudesse adivinhar seus pensamentos, porque uma epifania muito humilhante acabou de passar por seu cérebro. Ela comprara o Hummer como uma promessa de futuro. Ela queria um homem em sua vida que fosse grande o suficiente para encher um veículo desse tamanho... e lá estava ele tomando café e parecendo incrivelmente quente em uma confortável e bem modelada camiseta, calça jeans, e, oh, sim, sexys pés descalços.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela se virou e cruzou para a cafeteira. A segunda caneca estava pousada ao lado de um pote de açúcar, juntamente com uma jarra pequena de leite. — Você colocou isso aqui para mim? — perguntou ela por cima do ombro.

— Claro.

Não havia essa tal coisa de claro. Caramba, o homem era atencioso sobre pequenas coisas. Ótimo. Simplesmente ótimo. Mais uma razão para gostar dele demais.

Ela serviu-se de uma xícara, acrescentou um montão de leite, meia colher de chá de açúcar, sacudiu e em seguida, tomou um gole. Ela quase engasgou. — Você meio que gosta do seu café bem forte. — Voltou-se para ele e limpou sua garganta. Duas vezes. Seus olhos molhados.

Ele sorriu e cruzou os braços sobre o peito largo. — Eu teria avisado se você não tivesse vindo com essa sobre Thorne e sua aura de comando.

Ela riu. — Sim, a coisa toda sobre Thorne foi uma provocação mal-intencionada de se fazer.

— Sim, foi.

Infelizmente, ele estava muito perto, e quando ela tomou o fôlego seguinte, ela sentiu o perfume de cardamomo absolutamente decadente tudo de novo. Ela sentia o forte impulso de lançar-se sobre ele e acabar com esse sofrimento ridículo.



Havily estava na varanda da frente da casa do Guerreiro Kerrick na Queen Creek. Ela tinha seu salvo conduto em sua mão direita e segurava com seu punho esquerdo à porta de madeira sólida, pronta para bater, para que sua presença fosse percebida, mas sua mente viajava em círculos em torno dos eventos recentes no Cave.

O aroma de erva-doce se fixou em seus seios nasais e invadia seu cérebro de vez em quando para lembrá-la de que viu, pela primeira vez, o recentemente reconvocado Guerreiro Marcus, e experimentara diversas reações inexplicáveis diante dele.

Ela esfregava suas narinas e inclinou a cabeça para trás. Ela baixou a mão para seu lado. Fechando os olhos e deixando o cheiro que lembrava provocar seus sentidos. E a cada vez que ela o fazia, os seios inchavam e apertavam, seu abdômen se contraía, então a sensação mais deliciosa puxava profundamente seus músculos internos. Até mesmo seus caninos formigavam, ansiosos para emergir.

Ela conhecia todos os guerreiros há décadas, tendo se encontrado com eles durante a sua ascensão quase cem anos atrás, quando precisou de sua proteção. Enquanto Luken havia servido como seu guardião durante aquele momento, o processo deu a oportunidade de conhecer cada um deles.

Desde então, ela permaneceu perto dos guerreiros. Mesmo que ela servisse como uma humilde oficial de ligação, semelhante em posição as meninas da Central, os Guerreiros de Sangue chegaram a tratá-la como um dos seus, em parte, sem dúvida, porque Luken tinha uma séria

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

queda por ela. Ela amava os homens como se fossem seus irmãos. No entanto, esta foi a primeira vez que um guerreiro a afetou de forma tão poderosa, como uma droga projetada apenas para ela.

Quanto mais tempo ela se deixava estar ali, a lembrança do cheiro da erva trabalhava dentro dela, a potente droga agindo mais forte em seu corpo. Ela deveria ser capaz de parar a difusão das sensações, ela tinha seu trabalho de ligação para fazer, mas o prazer que ela experimentou se tornou aditivo. Agora seus caninos latejavam, buscando um ponto de entrada. Imaginava as pontas afundando em sua garganta. O seu sangue teria um sabor de erva-doce, muito doce, muito terroso, e ela queria que seu elixir descesse abaixo por sua garganta. Um profundo desejo a fez contrair-se, forte, quase ao ponto do orgasmo... novamente.

Seu rosto ficou vermelho, primeiro pelo desejo, em seguida, pelo embaraço extremo. Ela viu como fêmeas ascendentes, as asas abertas e em exposição, muitas vezes, se jogarem sobre os Guerreiros de Sangue, mulheres completamente fora de controle que antes eram normalmente inteligentes e, também, moralistas. É claro que os guerreiros eram espécimes soberbos de masculinidade e os contos sobre suas proezas sexuais cativavam uma legião de fãs. Ainda assim, até agora ela nunca acoplou nenhuma vez em uma fantasia de estar com um deles.

Até agora.

Ela se apertou mais uma vez, seu corpo chorando fora de controle. Mais uma vez o rosto inflamado.

Isto era completamente absurdo.

E além de tudo, era humilhante.

Ela não era esse tipo de mulher. Ela nunca foi uma caçadora de guerreiros. Ela era sensível, regida pelo pensamento racional e cuidadosa sobre sua conduta em todos os níveis. Ela gostara do ato de amor, especialmente com seu noivo, o poderoso guerreiro de Milícia quase igual em tamanho aos Guerreiros de Sangue. Mas aquilo foi ha quinze anos atrás.

Desde então, ela se dedicou a encontrar maneiras de mudar o curso da guerra. Havily Morgan tinha uma missão e iria cumpri-la.

Ela forçou-se a se acalmar. Respirou fundo e retomou o controle de seus sentidos. Ela não seria esse tipo de mulher.

Quando seu rosto já não se sentia mais pegando fogo, ela bateu na porta, em seguida, gritando em alta voz para anunciar sua presença. Um guerreiro em seu sério serviço como guardião, deveria estar em alerta. — Guerreiro Kerrick. Sou eu, Havily.

Depois de um longo momento, a porta se abriu. Uma carranca dividia a testa do Guerreiro Kerrick enquanto ele saía para a varanda. Ele a empurrou para trás em direção à porta, um braço atirado na frente de sua protegida. Sua cabeça girou muito lentamente a partir de todo o caminho da esquerda para a direita e de volta. Os músculos de seus ombros flexionados sob uma muito apertada camiseta. Usava o cabelo solto em ondas longas e negras. Ele tinha um belíssimo cabelo de guerreiro, tão longo e deleitável. Mais de uma vez, ela viu mulheres tocarem e afagarem seus cabelos.

O Guerreiro Marcus, por outro lado, tinha um corte moderno e corporativo, embora não sem atrativos. Lembrou-se de sua expressão quando ele se sentou no sofá em frente e olhou para ela, seu olhar travou dentro do dele. Ele parecia extremamente atraído em tudo sobre ela.

Mais desejo desceu por suas costas e ela engasgou. Porque na terra seus pensamentos se tornaram novamente fixos sobre ele?

— O que é? — o Guerreiro Kerrick estalou, voltando a olhar para ela.

Ela encontrou seu olhar. Oh, Deus, ela não poderia compartilhar com Kerrick seus pensamentos impuros sobre um guerreiro companheiro, especialmente um guerreiro a quem Kerrick desprezava. Então, ela olhou além dele e prevaricou. — Sua névoa é tão incrível — disse ela. — Eu... eu mal a percebo a partir deste lado. Você vê, eu cheguei lá na beira da Passagem e não conseguia ver nada da sua casa. Eu precisei fazer a Central me dobrar diretamente a sua porta da frente.

Ele se virou para ela, seus olhos verdes sérios e em pleno modo guerreiro. Ele balançou a cabeça uma vez. — Eu não posso levar o crédito pela névoa. Este é um trabalho de Endelle.

— Oh. Bem, é impressionante, mas isso não teria me surpreendido, se você fosse o autor ou qualquer um dos guerreiros de Sangue. Você é em tudo tão poderoso.

Ele balançou a cabeça. — Nenhum de nós pode fazer uma névoa como esta. Confie em mim. Mas vamos levá-la para dentro.

Ele empurrou-a para o hall de entrada e fechou a porta com tanta força que o batente tremeu. Ele parou em frente à porta e escutou por um momento, muito tenso.

Finalmente, satisfeito, ele se virou para ela. — Que diabos você está fazendo aqui?

Ela deu um passo para trás e levantou o salvo conduto alguns centímetros. — O trabalho de ligação. Existem formulários para serem preenchidos e assinados. Várias perguntas a fazer.

Ao ouvi-la, seus ombros relaxaram. — Merda, sim, claro. Entre, Havily. Eu sinto muito. Eu deveria ter esperado você. Permita-me apresentar a ascendente Wells.

A língua é uma bênção.
A língua é uma espada.
Amado, meu amado,
Reze para saber a diferença.
Poemas Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 14

Alison estava junto à ilha de granito. Ela ouviu o intercâmbio entre a mulher e Kerrick, a mulher que ele chamou de Havily, um nome incomum, um nome muito bonito.

Quando as batidas na porta soaram, Kerrick entrou em pleno modo de guerreiro. Enquanto a adrenalina dela alfinetava, a fez esquecer num piscar de olhos toda a necessidade esmagadora de atirar-se contra ele. Ele ordenou que ela ficasse na cozinha, então contactou a Central. Sim, a

mulher chamada Havily foi enviada a eles. Ele disse que ela é uma oficial de ligação. Alison havia esperado.

Ouvindo suas vozes caírem para níveis normais, ela se moveu para a porta que conduzia à sala de estar.

Havily. Como a mulher se virou, Alison teve uma impressão instantânea de beleza e enorme determinação. Ela tinha uma profusão de cabelos vermelhos gloriosos e fluindo em ondas, passando os ombros, e era absolutamente angelical, uma obra de arte visual. Seus traços eram delicados, sua pele clara e suave como se moldado por mão de mestre, seus olhos uma luz verde requintada. Ela usava roupas profissionais, um terno de linho creme, muito bem cortado. *Você é linda* deslizou de sua mente antes que ela pudesse deter as palavras.

E você é poderosa, Havily retornou, seus olhos brilhando. *Eu tenho os meus escudos postos com força sem igual, mas aqui está você, em meus pensamentos?*

— Eu não deveria ter entrado em sua cabeça. Peço desculpas.

A jovem olhou para Kerrick e piscou novamente. — Ela colocou seus pensamentos em minha mente.

Kerrick assentiu. — E os seus escudos são como granito. — Ele sorriu seu sorriso torto. — Bem-vindo ao meu mundo Oficial de Ligação Havily Morgan, permita-me apresentar a ascendente Alison Wells.

Os próximos minutos envolveram uma troca geral de cumprimentos, a explicação de funções, em seguida, acomodaram-se junto a mesa redonda ao lado, apresentando um maço enorme de formulários. — Tudo isso é realmente necessário? — Alison perguntou. — Eu pensei que tudo o que se relacionasse a ascensão fosse melhorado.

Havily suspirou. — Infelizmente, as mesmas dificuldades de burocracias entrincheiradas estão presentes tanto aqui quanto na Segunda Terra. Tenho a esperança de fazer a diferença. Afinal, qual é o propósito de um formulário ASCENDENTE – REQUERIMENTO e outro de ASCENDENTE – DADOS, cada um apresentando uma lista de perguntas idênticas, com a exceção de uma ou duas? E o que é pior, tudo é feito em papel, como se o computador nunca tivesse sido inventado.

Alison ouviu o aumento tanto no tom como na velocidade da fala da Oficial de Ligação. Ela olhou para ambos os formulários, em seguida para Havily. Ela percebeu a testa enrugada e ouviu o cacarejar tranquilo de sua língua. Alison estendeu-se mais uma vez e sentiu a paixão da moça, sua dedicação. — Você gostaria de ver muitas mudanças.

— Você não tem ideia. — Suas bochechas ficaram rosadas e seus olhos se arregalaram.

— Que tipo de mudanças?

Havily se virou para ela, mexeu seus joelhos, e encontrou o seu olhar em linha reta. Ela fez um gesto como uma varredura com sua mão esquerda. — No mínimo, cada entidade deveria ser conduzida por uma pessoa de visão, de paixão, que compreendesse o conceito de um plano orientado de missão. No mínimo, absolutamente.

Alison sorria enquanto sua própria frequência cardíaca aumentou para combinar com a de Havily. Ela encorajou-a a falar, a elaborar suas ideias, e a oficial de ligação se abriu a tal ponto que

depois de alguns minutos Havily levantou-se e passeava pela sala. Ela gesticulava largamente, cada vez mais projetando seus braços e abordando assuntos como desempenho do pessoal, em termos de competitividade, performance e influxo. Até mesmo Kerrick moveu-se para se sentar em uma banqueta, uma xícara de café nas mãos, o olhar fixo sobre os gestos e movimentos vibrantes.

Quando por fim Havily fez uma pausa para respirar, Kerrick disse: — Eu não sabia que você se preocupava com essas coisas. Quer dizer, eu sabia que você trabalhava com um arquiteto sobre um novo complexo militar-adminstrativo. Jesus, Havily.

Ela olhou para ele e novamente para Alison. Sua suave sobrancelha ruiva se elevou acima de seus traços delicados. Ela perfurou Alison com seu olhar vibrante. — Você é uma empata.

— Eu... suponho.

Havily retornou ao seu lugar, seus movimentos mais bruscos. — É. É claro que você é. — Ela abriu uma pasta lavanda. — Sim, claro, desde que você tem todas as habilidades da Segunda Terra. É assim que você me levou a falar. — Mais uma vez sua natureza apaixonada se sobrepôs e ela colocou a mão no braço de Alison, seus luminosos olhos verdes em chamas. — Você deve conhecer Madame Endelle. Você deve encontrar uma maneira de ajudá-la, para conduzi-la sobre todos os caminhos em que ela está equivocada. Você vê, ela é brutalmente sobrecarregada tentando manter o nosso mundo unido, e sua administração é afundada sob todos os relatórios que recebe de todo o mundo. Nenhum de nós realmente a conhece, ou como transcorre o seu dia, desde que entre nós quem chega perto de ter seus poderes? Mas você pode. Com todas as habilidades da Segunda Terra, você pode.

Alison dificilmente saberia o que dizer. Com o pouco que ela conhecia de Endelle, a fazia sentir-se pesarosa por qualquer um que precisasse trabalhar tão estreitamente ligado a ela.

Kerrick saiu de perto da ilha para parar ao lado de Havily. Ele pousou uma mão em seu ombro. — Ei, Senhorita Apaixonada, nossa ascendente mal conhece nada sobre o nosso mundo. Ela está apenas se acostumando as presas e a ter de batalhar por sua vida. Pedindo para estar a disposição de Endelle, poderia ser um pouco cedo no processo.

Havily desviou o olhar para focalizar sobre os papeis mais uma vez. — Você está certo. — Ela balançou a cabeça. — Sim, é claro. — Ela, então, puxando para frente à primeira folha, começou a reunir informações básicas sobre Alison; data de nascimento, altura, peso, histórico médico, escolaridade. Alison encontrou a entrevista calmante, de uma forma estranha. Falar de coisas tão mundanas a fazia sentir que havia alguma normalidade no processo.

Ela se recostou na cadeira e tomou um gole do café enquanto Havily verificava quadrante e preenchia os espaços. Quando Havily anotou o nome de Joy, Alison perguntou: — Então, como isso funciona? Kerrick me disse que eu ainda seria capaz de ver minha família. Eu ainda posso visitá-los, estar com eles.

Havily olhou para ela e sorriu, mas havia um quê de tristeza em seus olhos. — Claro que você pode. No entanto, precisamos de aconselhamento para os ascendentes que desejam continuar a visitar a Terra Mortal. No começo tudo vai parecer estranho, apavorante. Você pode até querer reprimir memórias em algum momento ou criar novas para explicar suas ausências, esse tipo de coisa.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Alison respirou fundo. — Você quer dizer mexer com as mentes dos membros da família.

Havily acenou com a cabeça, franzindo a testa. — Eu sei que parece invasivo, mesmo cruel. No entanto, um dos objetivos deve ser sempre manter a Segunda Terra em segredo da Terra Mortal. Nós até temos departamentos em todo o mundo que monitoram as rupturas entre os mundos dimensionais, ou o mundo dos vampiros. Novamente, montes de memórias são reprimidas.

Alison balançou a cabeça, mas ela não poderia imaginar ser qualquer coisa além de direta e honesta com sua família. — Sou muito próxima da minha irmã. Ela vai adivinhar onde estou. Pois é assim, eu vou fazer falta em um jantar em família.

— Na verdade — Havily disse: — Eu sempre achei útil, mesmo quando este processo só funciona em si mesmo, fingir que você decidiu tirar umas férias espontâneas, como para o Havaí, ou ainda melhor, no México, por oh, digamos, três semanas.

— Fingir umas férias? Umas férias de três semanas?

Havily consultou suas notas. — Bem, você está entre atos no momento, tendo em conta sua profissão, seu programa de pós-graduação não teria começado por mais um mês.

— Eu só não sei se minha família vai engolir isso. — Ela se mexeu em seu assento.

— Também não gosto de inventar o meu caminho através da vida. Nesta situação, no entanto, a verdade não vai servir. Pense nisso como se dando um período de tempo para se adaptar à sua nova vida aqui, para receber alguns conselhos, saber o que você pode dizer a sua família, para descobrir como seguir em frente. — Alison não sabia o que dizer. Havily seguia pressionando. — Uma vez que você completar o seu ritual de ascensão, as primeiras semanas de vida ascendida serão rigorosas. Estamos num mundo industrial e todo mundo tem um papel. Fingindo uma estadia de três semanas no México ou no Havaí dará tempo para você resolver antes de precisar enfrentar o trabalho mais delicado de incorporar as visitas à Terra Mortal com sua nova vida na Segunda Terra.

Alison estendeu ambas as mãos, palmas para cima. — O que eu faço?

Havily sacou seu iPhone. — Chame sua irmã e comece a aprender como elaborar uma verdade.

Alison piscou. Ela não sabia o que chocava mais, que ela estivesse mentindo para sua família ou que Havily sustentasse um iPhone da Terra Mortal na mão.

Havily riu, um trinado musical muito parecido com Joy. — O negócio de importação da Segunda Terra é enorme. Aproveitamos toda a tecnologia da Terra Mortal.

Alison, uma vez mais teve essa sensação estranha de estar debaixo d' água, a mesma que ela experimentou antes, quando Kerrick a levou para sua casa em Carefree. Todas as informações que ele jorrou em sua direção a fizeram se sentir como se tivesse caído sob a superfície de uma grande massa de água. Ela sentia agora tudo de novo.

Apesar da sensação de estar sobrecarregada, Alison pegou o telefone e fez a sua chamada, mas quando ela ouviu a voz de sua irmã, lágrimas chegaram a seus olhos. A realidade do que se tornaria em pouco tempo um abismo enorme entre ela e sua família ameaçava alcançá-la.

— Onde você esteve? — Joy gritou. — Eu já deixei três mensagens e apenas agora que você está me chamando?

O tom irritado de Joy permitiu que o ar se apressasse nos pulmões de Alison. Ela sorriu. — Onde eu estive? — Alison refreou uma risada pensando em sua casa explodindo em Carefree. Ela olhou para Kerrick. Ele balançou a cabeça para trás e para frente, não como uma negação, mas como um pelo-inferno-se-eu-sei-o-que-dizer.

— Bem, você nunca vai acreditar nisso — ela começou. Havily engasgou e abriu a boca largamente. Ela sacudiu a cabeça rapidamente para trás, claramente com medo de Alison começar a derramar o feijão. Mas Alison disse: — Eu estou no México... Cancún, na verdade.

— O quê?

Alison puxou o telefone para longe de seu ouvido, em seguida, de volta. — Ei, eu tenho uma boa audição, lembra?

Joy riu então expressou uma montanha de não posso acreditar, mas quanto mais Alison assegurava que ela pulou em um avião, registrou-se em um hotel, e estava agora na beira de uma piscina bebendo uma margarita, mais fácil a mentira se tornava.

Silêncio. Alison fechou os olhos. Joy engoliria essa?

— Eu não posso acreditar que você realmente tirou umas férias.

— Eu precisava de tempo para pensar. Eu realmente comecei a questionar se a pós-graduação é a resposta para mim. E você sabia que a última vez que viajei para uma praia foi há mais de quatro anos atrás?

— Lissy, eu estou tão feliz. Você merecia um descanso, mas por que você não me contou?

— Bem, eu não tenho certeza. Mas depois que você e eu conversamos ao telefone, eu só comecei a pensar sobre o que você me disse. A próxima coisa que eu sabia... bem, os planos se juntaram muito rápido. — Ela deixou as palavras travarem.

Joy engasgou. — Diga-me que você está aceitando o meu conselho... sobre... você sabe.

Alison mudou o seu olhar para Kerrick, para sua altura maravilhosa, ao plano maciço de seu tórax, os ombros e peitorais rasgados, calça jeans sexy e pés descalços. — Na verdade, acho que você pode ter me dado o melhor conselho que jamais terei e eu vou fazer algo para você por isso.

Joy soltou uma gargalhada. — É isso aí, garota — ela gritou. — Mas é melhor você me ligar... muito. Quero atualizações.

— Hey — Alison gritou: — Se meus planos funcionarem corretamente eu posso estar um pouco ocupada.

— Isso seria tão incrível, minha irmã. Está certo. Faça o que quer que você tem que fazer agora. Se você precisa de tempo para, assim, relaxar — ela fingiu um rosnado, — então relaxe o tanto que você quiser.

— Eu te amo, Joy.

— Eu te amo mais.

Alison tocou a tela para terminar a ligação. Ela entregou o telefone de volta para Havily, que já enfiara seus papeis de volta em sua maleta, se preparando para sair.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Por alguma razão Alison recordou o seu sonho de voar sobre um lago. Num impulso, ela disse, — Antes que você vá, há algo que eu gostaria de perguntar.

— Sim é claro, qualquer coisa.

— Você pode me dizer algo sobre o Lago White?

— Lago White? Você quer dizer o Lago White, perto das Montanhas White Tank?

— No lado oeste das White Tanks?

— Sim.

— Então, ele existe — Alison murmurou.

— Por que você pergunta? O que você quer saber?

— Eu sonhei com o lago. Eu só não tinha certeza se era real. Não há um lago aqui com esse nome.

Os lábios de Havily se separaram e uma carranca franziu sua testa.

Kerrick voltou para a mesa. Ele olhou para ela, seus olhos de esmeralda piscando. — Que tipo de sonho foi esse?

— Mais cedo, quando eu acordei, eu sonhei que tinha asas, e era tão incrível estar voando. Eu estava sobre um lago, e no sonho eu sabia que o lago era chamado de White Lake. Eu só me pergunto se isso teria algum significado particular.

Kerrick assobiou.

Havily levou uma mão sobre seu peito, seus dedos expressivamente agarrando a blusa de seda marfim. — Qual era a natureza do sonho? — perguntou ela. — Quero dizer, o que você estava sentindo no sonho? — sua voz tinha uma qualidade de sussurro.

— Bem, eu acho que eu apenas me senti muito protetora com relação ao lago, como se de alguma forma este fosse o meu trabalho, proteger o Lago White. Além disso, eu continuo a ouvir a palavra Guardiã na minha cabeça.

— Puta merda — Kerrick murmurou.

Havily olhou para Kerrick, mas ele apenas deu de ombros como se fosse incapaz de dar um sentido a tudo aquilo.

— O lago — Havily disse, — forma uma fronteira entre a Segunda e a Terceira Terra.

— Uma Fronteira dimensional? — Alison estava chocada.

— Precisamente. No entanto, a Passagem para a Terceira Terra está fechada para nós.

— Como a Segunda Terra está fechada para os mortais.

— Com a importante diferença de que sabemos que a Terceira Terra existe.

— No entanto, você não pode ter nenhum contato com a Terceira Terra ou de qualquer das Dimensões Superiores. Assim como você sabe se alguma delas existe?

— Porque a Terceira Terra nem sempre foi fechada para nós — disse Havily. — Vários milênios atrás havia constante movimento entre todas as dimensões. Então, simplesmente foi fechado. Ninguém aqui sabe por quê. Mas isso foi há muito tempo.

— E você não tem nem ideia de qual pode ser o significado deste sonho? Por que eu poderia ter experimentado tal sentimento de proteção sobre o lago, sobre a fronteira?

Havily inclinou a cabeça. — Os sonhos são um elemento importante da vida ascendida, e nós nunca os tomamos levianamente. Parece que você tem uma conexão muito real com a fronteira do Lago White. A interpretação, no entanto, não deve ser forçada, e eu estou absolutamente certa de que você vai descobrir o significado no tempo certo.

Havily se levantou, pegando sua pasta na mão. — Esteja em paz, ascendente — disse ela.

Alison levantou-se também. Havily estendeu a mão e com um sorriso Alison pegou a dela e deu um aperto firme. No entanto, no momento em que ela fez isso, Havily congelou no lugar, as sobrancelhas no alto. Seus lábios formaram um O mudo.

Em seguida, Alison sentiu perfeitamente, uma vibração estranha que fluiu sobre o braço a partir da mão que apertava a de Havily. Ela experimentou uma conexão com esta mulher, uma ligação inexplicável. Alison fechou os olhos e uma sensação de peso fluiu em sua mente, uma presciência, em seguida, uma imagem específica de Havily voando ao lado dela sobre o Lago White, sua expressão dura, determinada, focada.

Alison engasgou então largou sua mão. — Você viu isso também?

— Uma visão? — as sobrancelhas de Havily subiram ainda mais alto.

— Eu acho que era.

Havily balançou a cabeça, rindo e depois soltando uma gargalhada. — Você é poderosa. Quanto a mim, nenhuma visão, embora eu sentisse um formigamento na minha mão e em todo o meu braço. — Uma vez mais ela inclinou a cabeça. — Ascendente, desejo a você o melhor pelos próximos dias e semanas. Se você precisar de alguma coisa não hesite em me chamar. Caso necessite de um lugar para ficar até você se instalar, minha casa está aberta para você. Eu deixei o meu número de celular. — Ela fez um gesto, mais uma vez um elegante ondear de suas mãos, pegando a pasta lavanda sobre a mesa.

Ela ofereceu um último sorriso, levantou o braço, e depois desapareceu.

Alison voltou-se para Kerrick. — Eu notei muitas vezes ascendentes levantarem a mão ou um braço antes de dobrar. O que é isso?

Kerrick encolheu os ombros. — Apenas um aviso, eu acho, como acender o sinal de seta em um carro.

Alison riu. — Isso faz sentido. Acho que é bom ter um aviso antes que alguém desapareça.



Kerrick tornou a encher sua caneca e tentou acalmar o martelar de seu coração. Isso foi ficando pior e pior. Durante o tempo em que Havily conversou com Alison e fez o seu trabalho, seu olhar esteve o tempo todo centrado em Alison. Ele foi cativado por sua bondade para com Havily.

Este era o verdadeiro dom de Alison, e não tinha nada a ver com o poder sobrenatural. Ela escutava e ela se importava. Porra, aquilo o atingiu, esmiuçou seu coração como um mineiro atrás

de um veio de ouro. E por qualquer razão biológica que fosse, a mesma sensação se dirigiu em linha reta para sua virilha, exigindo sua posse.

Por que diabos ela não podia ser egoísta e mesquinha? Em vez disso, enquanto ela estava no meio de uma experiência que, essencialmente, significava que ela estava lutando por sua vida, ela extraiu um impressionante e único fato de Havily. Ela era apaixonada quando se tratava de fazer mudanças significativas, na esperança de alterar o curso da guerra.

Precisamos de Alison, ele pensou. Inferno, eu preciso dela.

Depois, houve todo o negócio sobre o Lago White. Ele viveu muito tempo na Segunda Terra para não compreender que o sonho era significativo, o que queria dizer que o seu papel na Segunda Terra se tornaria cada vez mais importante, outra razão pela qual ela não deveria estar em qualquer lugar perto de um Guerreiro do Sangue. Cristo, essa coisa toda ficava mais e mais complicada. Fodido breh-Hedden.

— Você está muito quieto mexendo essa caneca de café. Acontece que eu sei que não tem açúcar ou leite aí dentro.

Mesmo a voz dela exercia um efeito sobre o seu corpo, como se cada parte dela fosse projetada para atormentá-lo. — Sim — respondeu ele. — Só estou esfriando ele um pouco. — Uma mentira. Ele só não sabia como voltar a ela, sem pegá-la em seus braços e carregá-la para sua cama. Como agora.

— Eu estou sentindo cheiro de especiarias, montes de especiarias, doces e exóticas especiarias marroquinas.

Ele ainda não se virava. Ele balançou a cabeça e continuou mexendo.

— Eu fiz alguma coisa errada? Quer dizer, eu sei que tenho muito a aprender. Você acha que eu ofendi a Havily? Você acha que falar do Lago White pode ter chateado ela?

Ele soltou a colher e a caneca e virou o rosto para ela. — Não, de maneira nenhuma. Havily parece delicada, mas ela é dura como pregos, e não, você não a ofendeu. — Ele voltou para o banco onde esteve anteriormente.

— Então, eu não fiz nada de errado?

Ele se recusou a encontrar o seu olhar enquanto dizia, — Na verdade, você fez tudo errado. Você é gentil e terna, generosa, preocupada. Merda, isso se tornou um pesadelo do caralho. Eu não quero fazer isso, você sabe. Desde o primeiro momento que te vi, eu sabia que estava com problemas, e quanto mais eu estou com você, pior fica. Tomei votos, Alison. Eu não vou quebrá-los.



Alison viu a rigidez de sua mandíbula e a maneira como seus olhos verdes escureciam e se deslocavam sobre o granito, o seu olhar em busca de um lugar para pousar. Suas presas

emergiriam em seguida porque a sala estava tão saturada com seu cheiro, que ela tinha certeza de que se respirasse fundo o suficiente, poderia prová-lo na sua língua.

Ela viu sua luta, e ela apreciava que ele tivesse tomado algum tipo de voto, que era agora dirigida contra ela, mas neste momento tudo mudou para ela.

O passado pulou sobre ela: como ele a protegeu dos vampiros da morte no complexo médico, o beijo em seu Nova, como ela despertou com as presas dele em seu pescoço, deixando-o beber, como ele usou a mão para dar a ela tal liberação maravilhosa, como ela precisava apenas olhar para ele para o desejo apertar seus músculos internos e fazer correr arrepios sobre sua pele.

Ela tocou os dedos em seu pescoço. De sua visão periférica ele deve ter visto o movimento porque ele se virou e seguiu o seu olhar. Ele resmungou baixinho e suas pálpebras caíram pela metade. Ela não podia sentir as marcas da punção, mas ela se lembrava da sensação sublime.

Ela não entendia completamente o que estava acontecendo entre eles. Parte daquilo tudo não fazia sentido. Ele viveu durante séculos, ele lutou como um guerreiro por mais de um milênio. Ele se transformou em um vampiro quando ele ascendeu. Ela, por outro lado, cresceu em seu mundo enclausurado, protegendo todos os outros de seus poderes. Mesmo obtendo um mestrado e estabelecendo um consultório, ela viveu uma árida e isolada vida por mais de trinta anos, sob uma auto-imposta restrição, e para não falar de relacionamentos, exceto com sua família. Portanto, como poderia fazer qualquer tipo de sentido estar com um antigo guerreiro vampiro alado?

Ela moveu-se para ficar ao lado dele. A altura do banco permitia a ela encontrar o seu olhar em linha reta. Seus lábios se separaram e as narinas inflaram. Seu cheiro a atormentava. Ela mal podia respirar.

Ela colocou a mão em seu bíceps, saboreando a sensação, como fizera antes, do músculo esculpido. Quando ela levantou os olhos para ele, seu olhar caiu sobre sua boca. Ele tinha os lábios mais sensuais que ela já viu, e ela já sabia exatamente o que sentia ao tocá-los com os seus. As pontas de suas presas apareceram novamente. Desta vez, ao invés de ficar com medo ou oprimida como foi no carro, e porque ele já havia tomado seu sangue, o desejo fluiu. O mesmo rosnado gutural e possessivo retumbou em sua garganta.

Você está esbanjando lavanda, ele enviou.

Este som que você está fazendo está provocando isso em mim.

Bom.

Ele rosnou um pouco mais, só que desta vez mais alto. A vibração bateu no peito dela e arrepios deslizaram por seu abdômen.

Eu quero entrar, ela enviou.

Engraçado como ela sabia que ele queria dizer em sua mente. Enquanto ele permanecia sentado, ela se chegou um pouco mais perto dele. Ele moveu a perna direita mais aberta. Ele deslizou seus braços em torno da parte baixa de suas costas e puxou-a mais fundo entre as pernas. Ela colocou as mãos em seus ombros, em seguida, se abriu, deixando cair todos os seus escudos mentais.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele sustentou seu olhar e mergulhou pesadamente em sua mente, uma experiência muito além da simples telepatia. Ele estava dentro de sua cabeça, bem no fundo de sua cabeça. Ela engasgou. Era como estar cercada, consolada, e ser tragada de uma vez por uma enorme onda de quentes águas tropicais. Prazer em cascata caía através de seu corpo mais uma vez. Ele rosnou enquanto nadava através de seus pensamentos e memórias.

Ser possuída desta maneira, sua mente penetrando a dela, movendo-se sobre ela, era uma sensação que ela nunca imaginou antes, mas fazia sentido. Se a comunicação telepática era possível, por que não este tipo de profunda penetração, até mesmo, possessão da mente?

Ela abriu a boca para respirar melhor e ele aproveitou a oportunidade para puxá-la totalmente contra ele e beijá-la, seus lábios sensuais, quentes e macios contra sua boca. Ele dirigiu sua língua profundamente dentro dela, tudo isso enquanto ainda estava dentro de sua mente. Ela gemeu enquanto sua língua prazerosamente provocava os recessos sensíveis de sua boca.

Sim, ela poderia realmente estar com este homem. Este pensamento a assustou, no entanto, explicava tanta coisa, o como e o porquê de tudo. Agora ela entendia. O que ela precisava era de um poderoso guerreiro, mesmo um vampiro, que poderia comandar sua boca, enquanto ele movia um oceano em torno de sua mente, um homem que aparentemente não explodiria contra a parede quando ela tivesse um orgasmo.

Um pouco mais de seu rígido controle auto-imposto cedeu.

Kerrick, eu quero você dentro de mim. Temos algum tempo, não é?

Ele se mexeu, escorregou na banqueta, e a levantou em seus braços, seus lábios ainda moldados a sua boca, sua língua empurrando rígida.

A presença dele em sua mente levava seu corpo a um frenesi súbito e escandaloso. Seus músculos doíam em todos os lugares. Ela levou as mãos em seus cabelos, seus dedos formigando pela sensação.

Seus pensamentos são tão bonitos, Alison. Eu amo estar aqui. Eu quero ficar para sempre, mas não posso. Diga-me que você entende.

Eu entendo. Você já perdeu muito, não é?

Sim.

Kerrick, por favor, me tome.

Você tem certeza? Mesmo que isso seja temporário?

Sim.

Ele pegou suas nádegas com uma mão e apertou-a contra ele. Ela se contorcia contra a cunha rígida do seu sexo. Uma longa sequência de gemidos escapou de sua garganta, o som atropelado por um rugido poderoso que passou do peito dele para o dela e repercutiu como uma brisa soprando de forma constante.

Isso não levaria muito tempo. Esta vez seria rápido, duro, e pleno. Ela não queria nada mais. Ela começou a puxar sua camisa para fora da calça jeans. Suas mãos deslizaram sob o top dela e todos os movimentos dela pararam enquanto ele encontrava seus seios, em seguida, com uma grande mão acariciava os dois ao mesmo tempo.

Kerrick... tão bom.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Sim.

Seu beijo se aprofundou e a pressão sobre seus mamilos alcançou um lugar de dor prazerosa, que fez dobrar seus joelhos. Ele pegou sua cintura com o braço livre e a sustentou.

Ele levantou-a e sentou-a sobre granito. Ele abriu suas pernas e moveu-se entre elas, restabelecendo a conexão. — Calças fora — ela sussurrou enquanto arrastava um fôlego em seus pulmões.

— Tão impaciente — ele murmurou. Ele a empurrou para o granito até ela apoiar as costas contra a pedra fria, uma mão ainda amassando seus seios. Ela fechou os olhos e se deixou levar pela ardente necessidade de tê-lo dentro dela. Ele claramente tinha outros planos e enquanto ele tirava as calças dela e depois sua tanga, ela soltou um longo grito de luxúria.

Eu estou aqui, ele sussurrou no fundo de sua mente, uma sensação que enviou ondas de desejo... em toda parte.

Eu amo você na minha cabeça.

Ele rosnou, em seguida, beijou seus seios, o tecido empurrado para o alto, o sutiã também. Ele se amamentou nela. Oh, como ele sugou. Ela se contorcia contra o granito, o seu corpo em chamas, a pedra fria abaixo, com as mãos calejadas de guerreiro trabalhando sobre as coxas, o abdômen, costelas, ombros. Um dedo encontrou sua boca e ela o levou para dentro e chupou duramente.

Ele mordiscava seu peito, em seguida, puxou forte.

Ela arqueou para fora do granito e porque ele estava presente em sua mente, ela quase gozou. *Kerrick...* Nenhuma outra palavra se seguiu, apenas uma série de choramingos enquanto ele liberava seu peito e começava a queima de uma trilha de beijos pelo corpo dela. Sua pele e músculos saltaram, balançou os quadris. Ele continuou se movendo para baixo e para baixo. Ele arrastou o dedo da sua boca e agarrou sua cintura com as duas mãos. Ele empurrou-a mais acima sobre o granito até que os pés dela encontraram apoio e quase no mesmo instante, seus lábios encontraram os cachos macios, em seguida, a carne de seus lábios internos. Ele cheirou e beijou, mordiscou e sugou, tudo em ligeiras e delicadas passadas. No entanto, ele evitou atingir o ponto mais doce.

Ela gemeu e seus dedos encontraram seu cabelo, cavando fundo e o guiando.

Tão impaciente, ele enviou.

Kerrick. Tais torturas. Oh, sua mente dentro de mim... seus lábios... oh, Deus, a sua língua. Ele pressionou, abrindo-a em duas e soprou um morno ar sobre ela até que lágrimas riscaram suas bochechas.

Por favor.

Por favor, o quê?

Me lamba.

Ele obedeceu a seu comando e rastelou sua língua em uma longa extensão de sua carne tremente. Ela gritou. Ele lambeu novamente. Suas mãos tornaram-se imprudente sobre o seu longo cabelo dele, mergulhando e puxando, enquanto os quadris se apertavam rígidos em seu rosto. Ele se firmou e lambeu mais, em rápidas e propositais passadas.

Seus gritos ecoaram em torno da cozinha.

Goze para mim, Alison. Deixe ir.

Poder acumulado. Ela podia sentir. Aquilo estava vindo. Ela tentou avisá-lo, mas seus pensamentos estavam embaralhados, sua mente fixa no intenso prazer, se construindo, crescendo.

Deixe-o vir. Eu estou pronto.

Sua voz profunda, tão presente dentro de sua cabeça, sua mente ainda conectada a dela, a fez se partir, estrias de prazer sobre sua carne sensível enquanto seus músculos internos pulsavam mais e mais. Ela gritou novamente e novamente. Poder acumulado e liberado a partir de seu abdômen, empurrando-o, mas ele apenas riu e voltou a cuidar dela com a língua. Ele manteve as sensações rolando de novo e de novo, girando para fora em um orgasmo depois de outro, até que ela jazia lânguida sobre o granito.

Suas mãos se afastaram da cabeça dele. Ele não se levantou. Em vez disso, sua língua acariciou o interior de suas coxas. Ele beijou seu caminho até sua abertura. — Lavanda — ele respirou contra seu núcleo. — Eu tenho que prová-lo. — Com as mãos na cintura, ele arrastou-a para a borda da ilha dessa vez para que ele pudesse alcançá-la da maneira que ele queria. As pernas dela estavam enroladas em torno de suas costas. Ele era tão poderoso. Sua mente estava pesada e decadente com o peso da mente dele sobre a nela. Seus pensamentos expressavam seu prazer intenso, o que fazia disparar os dela próprios.

Sua língua acariciou sobre a sua abertura em voltas pesadas, tomando seu néctar em sua boca. Ela gritou conforme o novo prazer começava a se construir entre as paredes de seu núcleo, se empurrando para ele enquanto ele lambia dentro dela.

Você é tão bonita, ele deitava sua mente sobre a dela.

Kerrick, era tudo o que ela conseguia manejar.

As passadas eram cada vez mais profundas até que sua língua trabalhava nela em um ritmo propositalmente forte e constante. Ele resmungou, com as mãos em suas nádegas enquanto os polegares pressionavam em seus quadris. Ele puxou-a em direção a ele com cada impulso de sua língua. Ela nunca foi tomada desta forma antes. Ela nunca ousou deixar um homem chegar tão perto. Ela sentiu seu poder crescendo novamente, bem como o aperto de outro orgasmo.

Este bateu direto abaixo, liberando o poder. Quando ela gozou e o poder bateu, ele segurou-a firmemente, a fim de sustentar o ritmo da condução rápida de sua língua. Ela gozou mais e mais conforme ele a possuía com a boca. Ele foi forçando a entrada ela, determinado. Ela sentiu maravilhosamente usada enquanto uma nova onda de poder e outro orgasmo batiam sobre ela. Ela gritou e agarrou sua cabeça, segurando-o contra ela.

Ela ofegou.

Lentamente ele diminuiu a velocidade.

Seu próprio pulso desvaneceu em força e intensidade, até que mais uma vez ela libertou a cabeça dele e caiu frouxamente sobre o granito.

Ela respirava com dificuldade, lutando para recuperar o fôlego. — Isso foi incrível.

Você é incrível. A profunda voz dele fluiu dentro de sua cabeça, ainda unindo-se fortemente em sua mente, possessivamente. Ela se levantou sobre os cotovelos para olhar para ele. Ele a embalava, seus braços sob seus joelhos. Ele colocou beijos sobre seu loiro triângulo de cabelos, sobre as coxas e o abdômen.

— Tome-me — ela sussurrou. — Eu preciso de você dentro de mim. — Lágrimas ameaçavam transbordar. Ela estava subjulgada por uma estranha combinação de intensa satisfação e necessidade premente de se juntar a ele, um grande paradoxo.

Ele balançou a cabeça, a expressão nos olhos era de dor. Em um movimento lento dentro de sua mente, ele começou a se retirar. Ela segurou-o rapidamente com um pensamento, *Pare. Não vá. Não me deixe ainda. Eu quero você... agora. E eu amo que você esteja aqui na minha mente comigo.*

Ele ainda assim retirou-se, deixando-a tonta e estranhamente vazia, à beira das lágrimas enquanto, com um empurrão final, sua mente se separava da dela.

Ele deu um sorriso torto. — Eu sinto muito. Eu não tive escolha. A merda do meu telefone esteve vibrando durante os últimos dez minutos. Dada a nossa situação, eu tenho que atender a esta chamada, e eu já sei que é Thorne, e não vai ser bom.

Ela cruzou as mãos sobre sua barriga e olhou para o teto. Sua respiração engasgou um par de vezes. Ela sentiu um tecido caindo sobre seus quadris. Oh. Ele se abaixou para recuperar suas calças. No entanto, ela não se moveu para colocar coisa alguma sobre ela. Ela esperava que talvez ele estivesse enganado, e com apenas um pequeno esforço, ele ainda podia terminar o que começou.

— Manda — ele latiu.

Depois de um longo minuto, ele teclou seu telefone, então um longo praguejar, impossivelmente emendado, deixou sua boca. — Malditofilhodaputaqueo...

Ele deslizou seu telefone no bolso da calça jeans. Ele se virou para encará-la.

Ela viu aquele olhar antes, quando ele disse a ela para teleportá-los para o seu Hummer.

Ela se sentou, puxando seu sutiã e camiseta para baixo. — Nós estamos em perigo, não estamos? A casa esta cercada de novo?

Ela começou a puxar sua calcinha enrolada, mas ele pegou as mãos dela.

Ele balançou a cabeça. — Nós não estamos em nenhum perigo imediato. Sinto muito, Alison. Acabei de ter a ordem de Thorne. Eu fui ordenado a treiná-la para a batalha. Hoje à noite. E isso vai doer como o inferno.



Marcus acordou lentamente. Ele estava enrolado em uma das barcas de couro surrado, de frente para as almofadas dos fundos. Conforme o sono desvanecia, não era mau. Ele esteve dormindo por horas e tinha uma ereção e estava prestes a mudar de posição para tornar mais

confortável quando percebeu que não estava sozinho. Ele se estendeu com seus sentidos e sentiu a presença de seis grandes e irritados guerreiros, e não era uma dedução difícil quando havia uma fumaça no ar, como se alguém tivesse acendido uma caixa de fósforos.

— Parecia que a Bela Adormecida nunca ia acordar. Uau. Ele deve ter tido uma noite dura de combates. Ele não está mais acostumado com a espada e adaga. Pobrezinho... devemos deixá-lo dormir. — Santiago, o bastardo. Marcus levantou a mão e expressou seus sentimentos com seu dedo médio.

— Você está definitivamente errado — disse Zach. — Parece que a Bela Adormecida está de pé depois de tudo.

Marcus sentiu suas travas de asas vibrarem e seus bíceps se flexionarem. Enquanto seu pau se acalmava, sua agressão rugia. Ele sorriu, virou-se, em seguida, sentou-se. — Então o que diabos você fodidos idiotas querem?

Quando Zacarias foi para ele, Marcus saltou para seus pés, mas Thorne se moveu como um relâmpago e deslizou entre eles.

— Acalmem-se, rapazes. Não despedissem toda esta preciosa eletricidade um com o outro. — Virando-se para Marcus o empurrou para trás. — Você pode ir para meus aposentos, fazer a barba e tomar uma ducha. Nem mesmo pense em dobrar de volta para a Terra Mortal. Endelle cortaria meus cabelos se você deixasse a Segunda Terra, mesmo que fosse para refrescar-se. Ela quer todos juntos.

— Kerrick tem deveres com a ascendente até amanhã à noite, momento em que esperamos que todo o inferno se liberte sobre eles quando a Sua Supremacia vai liberar seus escudos mentais. E se você acha que Greaves não terá algo espetacular planejado, enquanto esperamos, você está errado. — Ele então entregou as atribuições. — Luken para New River. Santiago, White Tanks. Zach cuide de Awatukee. Jean-Pierre, você estará comigo no Superstições e Medichi, quero você com a bela adormecida no centro da cidade.

— Foda-se — Medichi disse. — Não pode escalar outro para o serviço de babá?

Thorne parou em frente do seu rosto, apertado, duro. — Você vai fazer o que eu digo.

Marcus sentiu o calor saindo das costas de Thorne. Depois de um longo momento tenso, Medichi murmurou: — Tudo o que você diz, chefe.

Marcus zombou, apenas um pequeno resfolegar da sua narina esquerda. Ele só percebeu que ele havia fodido tudo quando o punho de Thorne pousou em seu rosto e quebrou seu nariz. Porra, ele nem sequer viu Thorne se mexer.

— Merda — ele gritou. Felizmente, o sofá estava atrás dele para que ele tivesse uma aterrissagem suave.

Sangue derramava por seu rosto. Thorne se curvou sobre ele e agarrou os cabelos no topo da sua cabeça. — Isso é pelos dois fodidos séculos, seu pedaço inútil de merda.

Thorne puxou para trás, segurando sua mão na dobra do braço dele. Curvando-se pela cintura, com a mão livre, ele mergulhou no bolso mais fundo de seu kilt então pegou seu telefone. Depois de um momento, ele disse, — Isso, Horace. Eu preciso de você na caverna. Um dos guerreiros bateu contra uma porta. — Ele fez uma careta enquanto colocava o telefone no bolso.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Foda-se você — Marcus gritou. Raiva batendo por ele agora, uma série de ondas pesadas pulsando contra o interior do seu crânio. — Nunca pedi para voltar. Eu nunca teria voltado. — Ele puxou a camiseta e conteve o sangue fluindo sobre sua boca.

Thorne estava sobre ele, seus olhos castanhos avermelhados, a boca sombria. — Você não é bem-vindo aqui. Infelizmente, tenho as minhas ordens assim como você. Eu sirvo a Endelle e vou fazer o que ela me pede, mas eu não tenho que gostar dessa merda. E enquanto você estiver aqui, você vai respeitar os guerreiros que lutaram enquanto você brincava com suas bolas na Terra Mortal. — Ele colocou a mão na testa de Marcus, em seguida, retransmitiu a localização de sua casa. — Vá para lá agora, antes que eu realmente perca a calma. Vou mandar Horace para você após ele reparar os ossos que eu quebrei na minha mão.

Marcus não esperou. Sentia-se como doze tipos de merda. Thorne estava certo. Ele não deveria tê-los deixado todas essas décadas atrás, mas se ele ficasse, mataria Kerrick. Aquelas não eram apenas palavras que ele disse. A fúria que experimentou quando sua irmã e seus filhos morreram exigia apenas uma coisa, o sangue de Kerrick, então ele partiu, sem dizer uma palavra, sem um adeus a qualquer um de seus irmãos, apenas uma mensagem via Jeannie de que ele se exilara na Terra Mortal. A única conversa que ele teve foi com Endelle, uma promessa de que se ela realmente precisasse dele, ele ia voltar, embora apenas uma vez, como um favor. Então aqui ele fodidamente estava e ele odiava cada maldito minuto daquilo.

Ele se desmaterializou para dentro do vestíbulo da casa de Thorne, sua camisa ainda pressionada contra seu nariz. Ele sentiu o frio piso mexicano sob seus pés descalços. A casa tinha uma sensação morna e uma vista das falésias helluva Sedona, o maciço de dois mil metros Mogollon Rim.

Portanto, este era o lugar onde Thorne escolhera construir a sua casa. As cores eram os tons de areia do deserto, terracota, um profundo turquesa, um púrpura representando a terra do sol empoeirado, de um mundo ensolarado, um mundo seco, o oposto do molhado e frio pacífico, o ambiente a Noroeste onde Marcus foi criado. A mudança era estranhamente... calmante.

Ele esperou onde estava. Seu nariz ainda sangrava livremente e doía como uma cadela. Sua camisa não iria fazer o trabalho de contenção muito mais tempo. Ele precisava do poder de cura de Horace, antes que ele desse mais um passo para dentro da casa. Então ele ficou parado.

Os aposentos partiam em raias para fora da entrada em várias direções, um amplo labirinto terminando em paredes de vidro, que permitiam que entrasse toda a luz do Arizona. Portas estavam arqueadas de sala em sala e a textura tinha uma aparência côncava. Ainda assim, o lugar dava uma sensação estranha, uma sensação de vazio, apesar de as almofadas nos vários sofás e cadeiras estivessem esmagadas como se tivessem sido bem usadas.

— Huh.

Ele reconheceu aquela sensação estranha. Era exatamente como sua residência principal na ilha Bainbridge. Belamente concebida, arquitetonicamente agradável, e malditamente solitária.

Merda. Não era aquilo que definia todos eles? Um bando de solitários guerreiros. Ele podia não ter brandido a espada e punhal durante as últimas vinte décadas, mas ele administrava suas

empresas com o mesmo zelo obstinado, nunca deixando um único minuto sobrando para viver uma vida normal.

Aprendizagem ocorre,
Quando o corpo se lembra.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 15

— Eu acho que isso é ridículo — Alison gritou. — Eu não sou uma guerreira. Eu não sei coisa alguma sobre lutas e porque eu preciso ser treinada para a batalha? — ela se sentia presa dentro de um pesadelo, incapaz de sair. Não era ruim o suficiente que ela já tivesse sido caçada por um regimento em Carefree e em seguida, ferida? — Fale comigo, Kerrick.

O homem na frente dela, o guerreiro, agora um estranho, apenas caiu em uma posição acocorada e fitava seu abdômen. Ela sentia as ondas no ar pela antecipação e sabia que ele planejava atacar. Um choque de adrenalina a mandou voando no ar. Ela levitou tão rapidamente quanto pôde, então, manteve sua posição, de braços abertos, as costas pressionadas contra os longos ramos que cobriam o teto abobadado.

— Bom — ele afirmou. — A antecipação é tudo.

— Você ouviu o que eu disse? Eu não sou uma guerreira! Pare com isso!

Ele balançou a cabeça, baixou o queixo, em seguida, se lançou na direção dela. Ela dobrou para a sala de estar ao lado das portas de vidro deslizantes. Ela nunca se sentiu tão fora de controle. Sua mente corria, tentando encontrar alguma vantagem, e suas pernas tremiam.

Oh, Deus, e se ela o machucasse?

Seu coração começou a bater quando ele atacou novamente. Sua potência completa desfocava a visão do corpo dele na direção dela e justo quando ele a teria atingido no peito, ela se afastou dele.

— Bom — foi tudo o que ele disse, a palavra brusca e entrecortada, cruel.

A garganta de Alison doía de tentar segurar uma torrente de lágrimas. Suas orelhas retumbavam a cada batida rápida e poderosa do seu coração.

Ela nem sequer tinha tempo para pensar quando ele se lançava novamente.

E de novo.

E novamente, até que cada respiração ofegante que ela tomava dentro e fora de seus pulmões soava como um compressor de ar.

Ele finalmente parou na frente dela. O suor escorria pelo corpo dele, seus olhos verdes comprimidos, determinados. Suas presas haviam emergido. — Bom — mais uma vez foi tudo o que ele disse.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele colocou suas duas mãos sobre os braços dela. Ela pensou que ele queria confortá-la. Em vez disso, ela sentiu o calor curativo invadindo seus músculos. Então ela poderia continuar a aprender como lutar.

— Eu não sou uma guerreira — ela sussurrou. Lágrimas rasgavam suas bochechas. Ele ignorou seus apelos. Ele deu a ela um Gatorade, alimentou-a com barras de carboidratos. Ele ainda não falava com ela.

Quando ela se estendeu para sua mente, querendo ajudá-lo a sentir o que ela estava passando, raios vermelhos de raiva correram de volta para ela.

Ela arrastou uma respiração rápida e se içou para trás, chocada. Ele parecia tão no controle. Em vez disso, suas emoções estavam descontroladas, sua raiva condensada em filamentos duros que pulsava vermelho. Ele estava simplesmente zangado demais para falar, certamente não em um estado de espírito para consolar ou explicar. Ajudou que ela enfim soubesse o quanto ele desprezava o que ele precisava fazer.

Ele repetiu o processo de ataque até que ela simplesmente caiu de joelhos com a falta de ar. O suor agora pingava de seu rosto e salpicava o azulejo. A camiseta colada as suas costelas. Ela não conseguia se lembrar de já ter suado tanto, nem mesmo na academia.

De todas as maneiras que ela imaginou que a noite progredisse, brincar de ataque a ascendente não era uma delas. Se nada, ela esperou... contra toda a esperança, ao que parece... que ele a levaria a cama. Em vez disso ele começou o curso de Formação de Guerreiro, turma 101. Ótimo.

— Você pode me dizer agora por que você foi obrigado a fazer isso? — gritou ela entre profundas inspirações e expirações.

— Não importa — respondeu ele.

— O inferno que não importa. Esta é a minha vida. Fale comigo. — Esforçou-se para ficar sobre seus pés e se moveu para a ilha. Ele não fazia contato com os olhos.

— Talvez assim você possa proteger-se. Eu não sei. Beba. Coma. — Enfiou um Gatorade na mão dela de novo, sua voz tão dura como uma pedra. — Nós terminamos a primeira parte. — Ele dobrou uma caixa em suas mãos. — Eu tenho a sua espada. Você vai precisar criar a identificação. Basta sustentar o punho e esperar. Aconteça o que for, não solte. — Ele empurrou a caixa em direção a ela, o aço polido brilhando na luz.

— Foda-se você — ela gritou.

Só então ele encontrou o seu olhar. Seus olhos verdes se acalmaram, mas uma profunda tristeza sombreava sua íris, tão profunda que Alison engasgou. Oh, merda. Ela viu sua morte nos olhos dele. Ele acreditava que ela iria morrer, que ela não iria fazer a passagem. Então, basicamente, ela teria um dia de vida ascendida? Um dia?

Ela não pegou a caixa. Ela se afastou dele e mastigou aquilo que agora tinha gosto de serragem em vez de uma doce e macia barra de granola. Ela engoliu em seco, mas era difícil empurrar alimentos pelo nó em sua garganta. — Eu não estou fazendo muito bem, não é?

O silêncio voltou.

Ela pôs a mão em sua testa e deixou as lágrimas caírem novamente. Ela ouviu a caixa cair sobre a ilha. Ela sentiu as mãos dele sobre os braços. — Você está indo muito bem. O problema é o tempo, não suas habilidades. Você tem alguns dos melhores instintos e reações que eu vi em décadas. Endelle não disse a Thorne o porquê disso tudo, mas não pode ser bom, e eu só tenho horas para treiná-la, não meses. Eu não quero ser um bastardo. No entanto, este é o meu trabalho, e eu sinto emoções demais para fazer qualquer coisa a você, exceto manter a minha distância. E... eu só estou um pouco chateado com isso.

— Sim, eu sei. — Ela limpou o rosto. — E não há nada que eu possa fazer para mudar a ordem?

— Não. Nem uma maldita coisa.

Quando ela olhou para ele, uma carranca profunda franziu o cenho dele. — O que é isso? — perguntou ela.

— O treinamento desta forma simplesmente não vai resolver e você tem uma enorme vantagem sobre os outros ascendentes. Você me corresponde em poder, o que significa que eu quero tentar algo com você, algo que apenas poderia funcionar.

— O que você está pensando?

— Eu posso treiná-la com a minha mente.

Ele moveu-se para estar bem na frente dela e pegou seu rosto em suas mãos. Seus olhos verdes acenavam uma expressão intensa enquanto olhava para ela.

Quão forte é a sua mente? Perguntou ele, suas palavras uma pergunta poderosa dentro de sua cabeça. Ele estreitou os olhos. Ela sentia a pressão agora, no fundo de sua mente, uma familiar sensação assustadora.

Ela tentou se afastar, mas ele não a deixava.

Responda-me.

Tenho medo disso, ela respondeu, piscando. Seu coração apertado. O que ele estava fazendo a lembrava da experiência no complexo médico quando ele tomou suas memórias. Ela queria separar-se dele, lutar contra ele, ou ainda melhor, fugir.

Escute-me, ele enviou firmemente. *Eu tenho um objetivo aqui, que é fazer você passar por isso. Você não tem ideia o que você está enfrentando. Eu tenho. E só há uma maneira de conseguir realizar esse trabalho. Vai doer no começo, esse tipo de união mental, mas se você se deixar ir, fluir com isso, você vai ficar bem.*

Estou apavorada. Para dizer no mínimo.

Ele procurou em seus olhos. Seu medo saía do controle. *Eu entendo. Você viveu como eu vivi, independente, cuidando dos negócios sozinha, isolada. Você tinha o controle. Agora, no entanto, você vai ter que abrir mão e, francamente, eu não dou a mínima para o que você quer. Este é o único caminho.* Sua expressão suavizou e ele sorriu, uma pequena torcida para o lado de sua boca. Você confia em mim?

Caramba, ele estava tão obviamente jogando limpo, porque havia apenas uma resposta. — Sim — ela murmurou em voz alta, o queixo balançando nas mãos dele.

Seu sorriso se alargou. Ele se inclinou e beijou-a firmemente nos lábios. Ele anuiu. *Então, confie em mim agora e tente relaxar.*

Mais uma vez, ela balançou a cabeça em suas mãos.

Bom. Pronta?

Ela tomou um profundo fôlego. *Sim.*

De repente, seus pensamentos penetraram nela de forma rápida e aquilo doeu, como a mordida dura da picada de uma vespa. Ele enviou imagens sensoriais, uma após a outra, em rápidas rajadas, de várias de suas batalhas mais recentes.

Alison queria gritar. As imagens a afligiam, como se uma série de facas perfurassem sua cabeça.

Deixe fluir como um comando nítido entre as cenas.

Mas ela rebatia firmemente e as facas a atingiam pior do que nunca, pior do que quando ele tentou tirar suas memórias.

Caramba, Alison, não seja teimosa. Vamos lá!

Alison não tinha escolha ou ela iria desmaiar. Ela relaxou sua mente e em uma fração de segundo a dor deslizou para fora como água em uma represa liberada de uma vez. Graças a Deus!

A nova sensação tomou conta dela. Ela sentia como se tivesse se tornado Kerrick enquanto ele lutava contra vampiros da morte um após o outro. Ela estava na sua pele, empunhando sua espada, lançando sua adaga. Ela podia sentir suas asas se moverem sob seu comando, impulsionando-o através do ar em busca do inimigo.

Profundamente dentro das fibras de seus músculos, ela experimentou exatamente o que ele sentia enquanto lutava, o flexionar dos seus bíceps, dos músculos de sua panturrilha, o modo como seus joelhos dobravam e ele se movia, o subir e descer da caixa torácica, o impulso do braço, a qualidade absolutamente graciosa de seus movimentos. Ela viu através de seus olhos. Uma borda de batalha ignorada através de seu sangue. A emoção pulsou em seu coração.

Ela começou a saber quando seus movimentos iriam acelerar e quando suas pernas recuariam, quando ele iria levantar seu braço da espada, quando ele atacaria, e quando ele iria se proteger de um golpe poderoso. Quando ele iria montar suas asas e voar para o céu. Quando ele sustentaria a vibração de sua trava de asas para permanecer perto da Terra. Ela sentiu o couro de seu kilt batendo contra suas pernas, o puxão de sua camisa quando ele lutava em calças cargo e de botas com ponteiras de aço. Todo impacto da espada de um inimigo contra a sua espada agora enviava vibrações por seu braço.

Mais alguns minutos e ele começou a se puxar para fora de sua mente, não com pressa, mas em um longo e lento deslizar que lembrou o esticar da massa de pizza. Um último repuxar e ele se libertou. Novamente, ela se sentiu desprovida, como antes, na bancada de granito quando ele deixou sua mente. Ela colocou uma mão, primeiro sobre o peito, em seguida, em sua cabeça.

Seu corpo parecia emborrachado, desorientado, como se alguns de seus músculos se mexessem de duas maneiras ao mesmo tempo. É claro. Desde que ela agora possuía a memória muscular dele ao lado da dela.

Ela colocou seus pés afastados e alongou seu braço esquerdo atrás das costas.

Ele olhou para ela de cima a baixo, acenando com aprovação. — Postura de uma guerreira.

Algumas das imagens tremularam até sua mente consciente. Lá estava ele diante de uma mulher com cabelos negros e um vestido feito de algum tipo de pele malhada de animal, uma bela mulher que parecia árabe e exótica.

Ela sabia que a mulher era Endelle, a líder da Segunda Terra, embora seu nome não fosse falado. Ela sabia, porque ele sabia. Endelle parecia com raiva, suas asas enormes por todo o caminho até o teto, mas puxadas para trás de forma agressiva. As palavras saíram de sua boca, — Não se atreva a usar esse fodido tom comigo, Guerreiro, ou eu vou arrancar suas asas, literalmente, pena por pena.

— Ceeeeeerto — ela murmurou, empurrando a memória para baixo. Isso estava além da sua capacidade.

— Você vai precisar de sua arma agora. — Ele prendeu a caixa de transporte que se tornaria sua espada pessoal, sua espada identificada.

Ela pegou a caixa dele e olhou para uma arma muito bonita descansando em uma cama de veludo verde escuro. O aço brilhava sob as luzes embutidas entre os galhos no alto do teto abobadado sobre suas cabeças.

— Aço-carbono, extremamente afiada. Você vai precisar de algumas instruções sobre os cuidados com ela.

Ela olhou para ele. — Como exatamente isso funciona? Você disse que a espada aceita uma única identidade e, em seguida, é isso, a espada é minha, e só minha.

Ele balançou a cabeça. — Uma vez devidamente identificada, ninguém na Segunda Terra ou na Terra Mortal pode tocar qualquer parte da espada, sem morrer.

Ela balançou a cabeça. — Então, como eu faço isso?

— Pegue o punho em um agarre apertado e o processo de identificação se completa sozinho. Apenas mantenha contato firme e constante por alguns segundos. Você vai saber quando terminar.

Ela mudou o peso da caixa para uma mão, segurando-o firmemente abaixo. Ela foi para alcançar o punho, mas hesitou. Ela estava dando mais um passo em seu caminho para uma nova vida, um mundo novo, literalmente uma nova dimensão.

Oh, Deus.



— Ainda estou chateado com você — disse Medichi.

Marcus sentou no meio-fio próximo ao centro da Fronteira, seu kilt pendurado entre as pernas, o suor pingando com o sangue de diferentes partes de seu corpo. Ele olhou para seu guerreiro companheiro. — Quem diabos se importa?

Medichi estava na calçada enquanto os carros da Terra Mortal passavam zunindo. Ele parecia um deus do panteão romano, todos os dois metros e quatro centímetros dele, iluminado pelos postes da rua acima deles. Seu cabelo era longo, preto e reto, e ele o usava puxado para trás, liso e unido firmemente pelo seu cadroen. Ele tinha as maçãs do rosto pronunciadas e uma mandíbula forte. Ele era poderoso, magro, um guerreiro com segredos sombrios. Ninguém mexia com Medichi.

Ele limpou a espada ensanguentada com um pano branco, limpo e macio. Ele não parecia notar o tráfego e, claro, ninguém poderia ver qualquer um deles. Marcus colocara uma névoa na área, uma nuvem de gás, através da qual nenhum dos mortais seria capaz de ver. A presença da névoa simplesmente criava uma confusão na mente.

— Então, Medichi, você ainda mantém suas asas em segredo?

— Foda-se. — Ninguém sabia o porquê da recusa de Medichi em montar suas asas. Ninguém. Na verdade, ninguém, ao que Marcus soubesse, nunca sequer viu suas asas.

Medichi perguntou: — Você ainda está pensando em correr de volta à Terra Mortal com o rabo entre as pernas?

Marcus aceitou o sarcasmo com inquietude. Você faria isso quando o outro vampiro salvara sua bunda ao menos uma dúzia de vezes nas últimas duas noites.

Ele passou a mão pela testa, o que fez com que um corte que tinha acima da sobrancelha esquerda ardesse como o inferno. Seu mais recente confronto, o que envolveu arrancar as asas de um inimigo, fez com que penas o rasgasse em carne viva. A Central acabara de fazer uma limpeza em onze vampiros da morte. — Você sabe por que eu tive que partir. Não era exatamente um segredo.

Medichi olhou para sua espada e esfregou-a para frente e para trás em um movimento rápido. O sangue escorria de um corte na parte de trás da coxa e corria atrás de seu joelho pela panturrilha até a canela de suas sandálias de guerra. Ele não parecia notar. Sua carranca assentava pesadamente em sua testa. — Nunca acreditei que você realmente poderia ferir Kerrick.

— Todo mundo acha que foram apenas palavras — disse ele calmamente. — Mas eu o teria matado e os meus sentimentos sobre o assunto não mudaram. Endelle foi inteligente em nos manter separados desta forma.

— Sua rixa com ele já tem dois séculos. Você precisa tentar superar isso consigo mesmo. — Ele não adicionou a marca usual de babaca. Umas poucas horas combatendo um inimigo comum também fazem isso com um casal de guerreiros. Eles não eram ainda exatamente amigos, embora alguns dos eu-quero-cortar-o-seu-fígado-fora deixaram o escuro olhar castanho de Medichi.

Marcus varreu a área desde a mancha queimada de chiclete velho na calçada, até o lixo na sarjeta, o carro do outro lado da rua com um para-choque amassado para dentro. — Helena era o último membro da minha família e eu implorei a Kerrick que não se casasse com ela. Pedi por meses. Implorei a ela também, foi como se eu nada fizesse.

— Ela o amava — Medichi disse, seu tom de voz era profundo, ressonante, escuro. — O que mais importava?

Marcus reuniu um monte de saliva na boca, em seguida cuspiu. — Bem, não é que você é um romântico do caralho.

— Hora de seguir em frente.

Marcus ficou sobre seus pés. — Eu segui em frente. Eu disse para esse mundo ir ao inferno e voltei para a Terra Mortal. Eu gosto de lá... eu quero dizer, daqui. — Ele varreu um braço para abranger o centro do outro lado da rua e o beco. — Eu só estou lutando porque prometi a Endelle um favor. Após este show terminar, você não vai me ver de novo... nunca mais.

Medichi assentiu. — Eu sei. — Seus olhos ficaram velhos nos últimos duzentos anos, mesmo que seu corpo tenha permanecido exatamente como Marcus lembrava.

O olhar de Medichi escaneava a área. — Você faz uma porra de uma boa névoa e você luta como o inferno. — Sua mandíbula tencionava e relaxava. — Eu teria morrido aqui hoje se não fosse por você. — Ele balançou a cabeça várias vezes.

— Você vai ficar todo macio para cima de mim e me oferecer um muito obrigado?

Medichi virou a cabeça lentamente. Seus lábios se curvaram. — Vou oferecer um foda-se você.

— Aceito. — Marcus desviou o olhar. — Quanto tempo antes de termos companhia de novo?

— A qualquer momento agora. De uns poucos meses até agora eles tem vindo em ondas, não como antes, quando você estava aqui e nós às vezes tínhamos algumas horas até que outro esquadrão aparecesse. — Sua cabeça sacudiu. — Eu me lembro quando tínhamos tempo para cuidar de alguns negócios no Blood and Bite. Não mais. Estamos ocupados exatamente como ontem à noite... todas as noite, a noite toda.

Marcus puxou respirações profundas. Ele podia sentir o ar começar a congelar acima deles. Suas travas de asa responderam com um vibrar dedicado. Ele se afastou de Medichi, não querendo prejudicá-lo. Durante uma abertura de asas, qualquer um muito perto poderia ser nocauteado.

O peito de Medichi inchou. — Eles estão chegando.

Marcus olhou para o céu noturno. — Flutuando para baixo na respiração do Comandante.

— Três de seus generais podem realizar esse truque também.

— Merda.

— É isso aí.

O ar tornou-se a gélido. Marcus dobrou sua espada na mão. Medichi soltou o pano agora sangrento, deixando-o cair no asfalto. Ele sacou o punhal do coldre em seu arnês frontal.

Onze até o momento.

Jesus. Cristo.

E agora outro esquadrão... ou mais.

Marcus sentiu a contração das suas travas de asas por toda a extensão de suas costas. Ele tomou mais duas respirações profundas e montou suas asas. Três vezes agora, em uma única noite. Maldição, como ele se sentia bem. Suas asas, castanho claro com faixas de verde claro,

expandiram-se em uma grade varredura sobre sua cabeça. Seu abdômen apertado enquanto os vampiros da morte caíam do céu.

— Nós precisamos de você, Marcus. Thorne nunca vai dizer isso, mas eu vou. Precisamos de você de volta.

— Nunca vai acontecer. — O ar esfriara para níveis árticos, e ele estremeceu.

— Huh — Medichi murmurou.

— O quê?

— As faixas verdes raiando as suas asas. São da mesma cor dos olhos de Havily.

Merda. Marcus realmente não queria uma desculpa para pensar em Havily... e agora cada vez que ele batesse suas asas, maldição, ele poderia pensar dela.

Ótimo. Simplesmente perfeito.

Ele concentrou sua atenção nos meninos bonitos. Este grupo tinha uma aparência latina, pele morena, olhos escuros, cabelo preto e eram tão bonitos que apenas por um momento Marcus esquecera por que ele tinha uma espada na mão. — Tão malditamente bonitos — ele murmurou.

— Eles são todos parecidos para mim — Medichi disse, rindo. — Ei, Marcus... Você com certeza tem um par infernal em você. Asas, eu quero dizer.

Marcus não queria rir, mas ele o fez. — Bastardo — ele murmurou. Ele sustentou sua espada para cima, as duas mãos no punho envolvido em couro, seu olhar fixo em, é isso mesmo, duas esquadras, oito vampiros da morte, todos de asas para cima e voando em sua direção. — Vamos lá, filhos da puta. Não sejam tímidos.

Um segundo mais tarde e ele se lançou para o ar.



Alison não conseguia parar de sorrir. Ela estava trabalhando a espada em grandes arcos agora familiares e ela ainda estava surpresa pela forma como se sentia. Ela fez uma pausa, segurando a espada na posição vertical com ambas as mãos. Mesmo depois de vários minutos, pequenos solavancos provocados pelos raios ainda varriam seus dedos e ondulavam até suas mãos e braços. Quão mágica ela se sentia. A urgência do prazer continuava girando através de sua cabeça.

A espada era dela, cem por cento dela. Ela podia sentir isso. Ela tinha a estranha sensação de ambas, propriedade e posse, e ela amou isso. Lar. A espada se sentia como lar, o que dificilmente poderia fazer qualquer sentido.

Ela olhou para Kerrick. Por toda a duração da sua crise de paixonite aguda por sua espada, ele foi empurrando os móveis para os cantos de todos os cômodos da casa. Agora ele estava encurralando uma das cadeiras de couro na direção da parede, mais perto de uma lareira enorme construída em pedra.

Isso é tão estranho, ela enviou.

Ele deu a cadeira um empurrão final e a bateu contra a parede. Ele se virou para olhar para ela. — A tecnologia é da Terceira Terra. Um dos poucos presentes que recebemos de nossa Terra mais elevada. Mais como um elo do que propriedade, certo?

— Sim, exatamente.

Ela começou a balançar sua espada novamente, cortando, movimento, girando. Ela sentiu a experiência apreendida de Kerrick nos músculos de suas pernas e braços, ombros e costas. Mesmo seu pulso se movia de forma diferente e a espada fazia sentido em sua mão, um velho amigo.

— Jesus — ela murmurou. Ela virou-se mais uma vez para encontrar o seu olhar. — Isso é como uma espécie de milagre.

Ele terminou de mover os móveis e parou na frente dela. — Você tem o agarre correto em sua arma e sua postura é perfeita.

Ela balançou a cabeça. Sua mente ainda se sentia um pouco frouxa, como se tivesse sido esticada ao máximo e depois solta para encontrar seu caminho de volta a posição original. No entanto, quando ele dobrou a espada na sua mão, sentiu uma emoção rolar através dela, emoção de um guerreiro. Inferno santo. Um sorriso repuxou os lábios e bochechas dela. Um sorriso? Porra, ela queria lutar e agora ela tinha um novo vocabulário.

Abaixo de suas costas, em ambos os lados, dobrando em uma ampla formação em V, ela sentia uma sensação de formigamento. Trava de asas?

Que onda.

No entanto, ela não as possuía ainda, é claro. Kerrick disse que dado o nível de poder que ela esgrimia, ela poderia desenvolver asas antes do primeiro ano. Agora mesmo, ela sentia a sua presença, seu início, e foi uma onda. Se ela ascendesse, ela desenvolveria presas e asas. Claro que isso era pensar demais, e ela tremeu em seus pés.

Melhor se concentrar agora apenas na espada, apenas aprender a lutar por quem-sabe-qual-razão.

Quando ele apertou os olhos e deixou cair os ombros, os bíceps dela flexionaram, como se entendessem exatamente o que ele quis dizer com esses simples sinais físicos. Ela trouxe a espada à frente dela e segurou-a com ambas as mãos, na posição vertical. Ela sentia a necessidade de rosnar, o que era ridículo, mas então, neste momento, em que ela era mais guerreira do que terapeuta, era mais Kerrick na memória muscular do que Alison.

Ele balançou a cabeça em aprovação, mas seu queixo baixou e seus olhos se velaram, assumindo aquela feroz aparência de afiada esmeralda, totalmente sem compaixão.

Ele veio para ela, um borrão de velocidade sobrenatural. Ela dobrou para trás, ele girou, ela respondeu. Respondeu. Seu braço soou com vibrações mortais enquanto o aço de sua espada encontrava os dela. Seus músculos se agrupavam e sacudiam com uma emoção selvagem.

Ela não pensava mais, ela antecipava. Cada técnica que Kerrick possuía agora fluía em sua mente, tornava-se parte dela. A espada era uma mera extensão de resposta e de reação que se traduzia ritmamente em ataque.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

A casa de Queen Creek estava cheia de grunhidos compartilhados, um som ensurdecedor de aço se chocando pesadamente, e o cheiro de dois corpos cheios de suor e agressão.

O filme Matrix veio à mente.

Que tremendo presente ele dera a ela. Algo se abrandou dentro dela e ela enviou uma mensagem mental para ele. *Kerrick, cessar!*

Ele recuou, a espada à postos, a qual ele baixou rapidamente, logo que viu cair a lâmina dela em um ângulo desprotegido em direção ao chão. — Eu tenho uma chance agora, não é? Diga-o. Eu preciso ouvir você dizer isso.

A espada dele desapareceu. Ele fechou a distância entre eles, empurrou o seu braço da espada para longe dele, e puxou-a para um abraço apertado. Ela sentiu o fluxo de tremor através dele, uma ondulação, que começou em seus braços e ombros, então passando através dos músculos dos seus peitorais, abdômen, e mesmo pelas maciças coxas. — Graças a Deus — ele murmurou contra o ouvido dela.

Ela dobrou a espada para o canto mais distante do quarto de hóspedes e segurou-o firmemente. Só então ela conseguiu entender como completamente desesperado ele se sentia sobre sua situação. Lágrimas queimaram seus olhos enquanto ela aninhava seu rosto encharcado em seu ombro de cardamomo molhado.

No entanto, depois de quase um minuto, Alison afastou-se dele, sua mente apanhada em sua nova realidade. Ela novamente dobrou a espada na sua mão, em seguida, gingou a lâmina duas vezes através do ar. — O Comandante tem planos para mim, então Endelle ordenou que você me treine, mas para que tipo de compromisso não está claro?

— Exatamente.

— Portanto, isto não é apenas sobre ser capaz de me defender se, digamos, um outro regimento de vampiros da morte resolvesse aparecer em sua porta da frente?

Ele balançou a cabeça. — Eu duvido — ele respondeu.

Certo. Ela realmente não queria sequer considerar o que Darian tinha em mente para ela. Se ela o fizesse, ela enlouqueceria.

Pelo quarto de hora seguinte, ele trabalhou duramente com ela até que uma vez mais ela estivesse ofegante e seus músculos gritando. Ela dobrou a espada para um lugar seguro.

Ele trouxe outro Gatorade. Ela o aceitou, cegamente. Ela bebeu. Ele massageou seus braços e ombros e curou os seus músculos na medida em que pôde. Ela sofria, embora não tão mal quanto ela teria estado sem a sua ajuda. Ela consumiu outra barra de carboidratos.

A próxima sessão envolveu ainda mais velocidade. No início, ela lutou. Poucos minutos depois, ela pegou o jeito para combater sua velocidade, movendo-se rapidamente, teleportando rapidamente, e antecipando os balanços e gingados de sua espada até que ela o encontrasse, golpe por golpe.

No entanto, ela não estava acostumada as exigências físicas da batalha. Ela se cansava cada vez mais enquanto ele a forçava a recuar pelo corredor na direção do quarto de hóspedes.

Ela decidiu tentar algo. Ela jogou uma explosão contra ele com um movimento do pulso. Ele devolveu a explosão com vigor ainda maior e ela mal conseguiu escapar da maneira como ela

rolou para dentro do quarto de hóspedes. Infelizmente ela tropeçou e caiu sobre o braço. Ela quase não conseguiu evitar cortar sua perna com a espada.

— Oh — ela gritou.

De todas as maneiras pelas quais ela poderia ter sido ferida enquanto treinava com uma espada na mão, torcer seu pulso parecia a mais ridícula. Ao mesmo tempo, ela sabia que Kerrick não iria parar, especialmente quando ela estava no ponto mais fraco dela.

Ela sentiu as ondas de ataque dele e usou todo seu poder para criar um campo. Ela nem mesmo sabia o que era aquilo, mas ela viu na sua mente e o ergueu. Quando ela olhou para cima, todos os dois metros dele, todas as fortes e musculosas subidas e descidas de seu professor guerreiro estavam suspensos no ar acima dela.

De repente, ele sorriu. O quarto estava escuro, então tudo o que ela viu foi o brilho de seus dentes e o flash de seus olhos, mas ele estava sorrindo.

Ela sentiu seu suor conforme ele pingava através do campo sobre o peito dela.

Eu caí sobre meu pulso, ela enviou, sorrindo. *Dá pra acreditar?* Ela dobrou a espada de volta para o canto da sala, fora do caminho do perigo.

Ela gentilmente o liberou. Ele caiu para o lado dela e rolou de costas.

— Isso é tão incrível — ele exclamou. Ele dobrou a sua espada para uma boa distância e cruzou os punhos sobre a testa.

Ela se sentou. Sua camiseta e calças estavam completamente encharcadas e todos os músculos do seu corpo doíam. Ela se virou para olhar para ele. Respirando fundo antes de perguntar: — Por que você diz isso? — ela esfregou o pulso.

— Em todas as décadas que tenho treinado guerreiros eu nunca tive um capaz de criar um campo. — Ele olhou para ela. — Você pode usar isso. Se você tiver de combater vampiros da morte, você pode usar um fodido campo.

O ato de amor,
Engole toda dor.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 16

Ainda de costas, Kerrick disse: — Agora se deite e me dê o seu pulso.

Alison se estendeu ao lado dele e sustentou seu braço esquerdo para fora. Onde sua pele úmida tocava no tapete, ela coçava.

Ainda de costas, ele massageava os músculos e ligamentos, trabalhando seus polegares sobre sua pele. Cura quente fluía através de seu pulso. Ela suspirou conforme a dor diminuía.

Quando ele terminou, ela rolou para encará-lo, apoiando a cabeça no seu braço. O quarto estava escuro. Em algum lugar de todo o treinamento, a noite havia caído. Com apenas um pensamento, ela acendeu as luzes de cabeceira.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Kerrick deslocou-se para o lado em direção a ela e ao mesmo tempo inclinou-se sobre o cotovelo. Seus longos cabelos negros penduravam em fios úmidos, mas parecia quente como o inferno. Ele trouxe um pano seco a sua mão, em seguida, limpou suas bochechas e testa.

Como isso tudo era normal, sentia-se ligando as luzes com um pensamento e ele dobrava objetos em sua mão vindos de outras partes da casa.

— O que estou fazendo aqui?

— Você está se mantendo viva. A mesma coisa que tem feito na Terra Mortal. É apenas um pouco mais difícil agora, pelo menos por um tempo. — Ele enxugou seu próprio rosto. — Isso já foi muita coisa, você sabe. — Ele baixou o queixo enquanto encontrava seu olhar. Um sorriso relaxou seus lábios. — Eu me lancei contra você e então eu estava simplesmente flutuando no ar. Acho que você é incrível. Simplesmente fantástica.

Alison olhou dentro daqueles intensos olhos verdes. Calor subiu seu pelo rosto. Ela sorriu.

Então, ele pensava que ela era incrível. Ninguém nunca disse nada parecido sobre ela antes. Seus pais sempre foram gentis e solidários. Mas nunca disseram que ela era incrível. Como poderiam quando eles estavam tão ocupados se preocupando com ela o tempo todo?

Reclusão, até mesmo solidão, fez parte da sua vida até este momento. Ela não pretendia dar muito significado a este momento com Kerrick, mas ela se encaixava neste mundo, em seu mundo. Pela primeira vez em sua vida, suas estranhas habilidades faziam sentido para ela.

Ele até a ensinou a lutar com uma espada por impressão de suas memórias, porque era poderosa o suficiente para receber as informações dele.

— Incrível, hein? — ela respondeu. Ela estendeu a mão para ele e com as costas dos dedos tocou seu rosto.

Ele prendeu a respiração rapidamente. — Com um 'I' maiúsculo. — Conforme seu perfume de cardamomo, uma vez mais se enrolava como uma onda poderosa sobre ela, ele franzia a testa e balançava a cabeça. — Devemos voltar ao trabalho. — Sua voz profunda soou áspera, mesmo rouca.

Ele começou a levantar-se. Alison rapidamente deslizou um braço ao redor de seu pescoço. — Fica apenas um segundo. — Ela se inclinava sobre o cotovelo agora, e seu braço formigava onde estava encostado aos músculos grossos do ombro dele. — Eu só quero que você saiba que eu estou realmente grata por você está aqui comigo, por você me treinar e cuidar de mim. Muito obrigada. — Ela ergueu-se um pouco mais e deu um beijo em seus lábios, em seguida, recuou, mas apenas alguns centímetros. Ela se manteve respirando seu perfume maravilhoso.

Seu olhar caiu sobre os lábios dela. — Devemos continuar trabalhando — ele murmurou, mais calma desta vez. — Nós realmente deveríamos.

Ela inclinou-se novamente e arrastou seus lábios sobre sua bochecha. Ela lambeu o suor salgado. Ele resmungou em voz baixa. Mais cardamomo quebrou sobre seus sentidos. Ela fechou os olhos e voltou para seus lábios. Ela o beijou de novo, sua língua provocando seus lábios. A mão dela passeando sobre seus poderosos peitorais. As pontas dos dedos formigavam desta vez, mesmo através de sua macia e úmida camiseta. Seu peito subia e descia rapidamente. Enquanto

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

trabalhava seus lábios ela enviou, *Você cuidou de mim. Agora que tal se nós pudéssemos cuidar muito bem de você.*

Um forte rugido deixou a sua garganta. Mesmo assim, ele recuou e olhou para ela. — Esta não é uma boa ideia, por muitas razões.

— Então pare com esse aroma de especiaria.

Ele fechou os olhos e respirou de forma irregular. — Lavanda — ele murmurou.



Kerrick tentou desligar o seu sistema olfativo, mas todo o duro treinamento das várias horas passadas deixou todas as partes do seu corpo cantarolando. As narinas estavam infladas e ele bebia do inebriante perfume de Alison como se ele estivesse morrendo de sede. A virilha doía. Não, queimava.

Sua mão subiu para o peito dele, arrastando-se por sua garganta, então deslizou sobre sua bochecha.

Ele se virou e pegou um dedo em sua boca. Ele se amamentou do sabor de lavanda de sua pele. Os gemidos que flutuaram em direção a ele carregavam em sua respiração também aquele aroma de lavanda, fazendo-o mover-se em direção a ela. Ela arrastou o dedo da sua boca, e o sensual deslizar o fez ficar duro como uma rocha.

Ele deslizou a mão pelo braço dela. — Você conseguiu — disse ele. Arqueando seu corpo sobre ela. Ele podia sentir a necessidade se construir possessivamente nele. Ele deveria parar com isso agora. Ele deve tomar cada segundo possível apenas para treiná-la.

Ainda assim, ele não se moveu, exceto para esfregar a mão para cima e para baixo do seu braço.

— Sim. Todos os dias, porque quando não, eu fico louca.

— Eu sei o que você quer dizer.

Ele pensou em seu porão, da tensa e isolada natureza de sua vida na Segunda Terra, de como ele punia seus músculos todas as tardes apenas por um pequeno alívio. Ele empurrou seu espesso cabelo úmido e loiro para longe de seu rosto.

O treinamento de batalha ruborizou sua tez e transformou seus lábios em um escuro rosa. Ou talvez fosse porque ela acabara de beijá-lo. Seus olhos azuis olhavam para ele como se ela não acreditasse que ele era real.

Ela deslizou os dedos nos cabelos úmidos. Ela não parecia se importar que ele estivesse escorregadio de suor. Ela rodou levemente sobre suas costas e puxou a parte de trás do seu pescoço, puxando-o em sua direção.

O convite o fez entrar.

Ele seguiu como se ligado a ela por uma curta e forte corda mestre. Jogou uma perna sobre seus quadris. Ele plantou uma mão no chão ao lado de sua cabeça. Deus, ela estava debaixo dele,

exatamente onde ele a quis desde o momento em que sentiu o cheiro dela pela primeira vez, o momento no complexo médico quando ela dobrou na frente dele.

Seus lábios estavam entreabertos.

Agora seria a hora de recuar, de lembrar da futilidade do que ele estava fazendo, mas que mal poderia haver se ele fosse dentro dela? Sexo por si só não seria suficiente para completar o Breh-Hedden.

Ela inclinou-se para cima e alcançou seus lábios, sua língua mergulhando dentro. O beijo selou tudo.

Ele caiu para baixo duramente sobre ela, beijando-a ferozmente, deixando o rugido do breh-Hedden inundar suas veias.

Ele perdeu o controle de suas ações. Ele despiu sua camisa e as calças dela, em seguida, beijou-a, ou talvez fosse o contrário. Ele se livrou daquele sutiã, de alguma forma, embora envolvesse uma série de risadas por parte dela. Ele espalmou seus seios e ainda conseguia manejar-se para fora da calça jeans. Ele gemeu quando ela acariciou o comprimento de seu pênis.

As coisas se nivelaram, quando ela estava perfeitamente nua e suas roupas estavam empilhadas... em algum lugar. Todo o comprimento do seu corpo molhado, seus dedos entrelaçados com ambas as mãos, as pernas acondicionadas e em torno de seus quadris, seu pau pousando diante de seu núcleo deixou tudo em uma afiada e erótica perspectiva.

Ele a beijou novamente e começou a empurrar para dentro. Ela soltou um longo e profundo gemido e acariciou-o com seus apertados músculos internos. Ele gemeu e caramba, quase gozou. Ele esteve tão pronto para isso desde o segundo que sua trilha de lavanda quase o nocauteou todas aquelas dolorosas horas atrás no complexo médico. Muito pronto. Ele amamentou seu pescoço e esfregou a base mais grossa de suas presas sobre sua pele, evitando a punção nas pontas.

— Ei — ela murmurou com voz rouca, ofegante. — Se você me beliscar enquanto nós estamos fazendo isso, e você já esteve na minha cabeça, isso não causará um grande problema, você sabe a coisa do breh que você falou?

— Nós estamos bem — disse ele, lutando para respirar. — Tudo tem que acontecer ao mesmo tempo. Eventos distintos não contam. Mas não se preocupe. — Empurrou em seu pescoço com os lados de suas presas. — Eu não vou beber seu sangue.

— Eu não entendo.

— Você vai entender em um minuto. — Enfiou-se dentro dela bruscamente.

Ela arqueou contra ele. Ela jogou a cabeça para trás, gemeu e gritou: — Você é tão perfeito. Oh, Deus. E você está certo de que eu não vou te machucar se estivermos juntos assim?

Ele riu. — Sem chance.

Ele estava profundamente dentro dela agora, seu pau crescendo e puxando para trás, dirigindo dentro e fora, provocando todos os nervos sensíveis. Ela era o lugar onde ele pertencia. Ela fazia delicados sons, ronronando e suspirando entre eles. Seus músculos cerrados em torno dele. Ele estava tão malditamente duro e ela estava apertada como um punho sobre ele.

Ele estremeceu com o esforço que custou para não se derramar dentro dela. Ele queria esperar. Queria arrancar cada gota de prazer deste momento com ela. Ele queria vê-la gozar pelo menos meia dúzia de vezes antes que ele mesmo o fizesse.

Ele arrastou seus lábios para baixo sobre seus seios e beijou a curva deles, suas presas se espessando em sua boca. Ele sabia o que queria fazer, mas não queria perder o contato.

Ela parecia entender porque conforme ele buscava melhor ângulo sobre o peito dela, ela apertou as pernas em torno de suas nádegas e manteve seus quadris cerrados contra ela. Ele empurrou lentamente à medida que ele lambia seu peito, em seguida, assentou as pontas afiadas de suas presas sobre a curva de sua pele.

Cobriu sua mente. *Eu posso provar o sabor que você tem?*

Tão educado para um vampiro.

Ele abarcou seu seio na mão em concha e o sentiu inchar na mão. Ela gemeu e choramingou.

Posso? Ele perguntou de novo, evitando a punção. Ele apertou os quadris para dentro dela.

— Por favor — ela sussurrou em voz alta, com a voz rouca.

Ele abaixou a boca para o mamilo e passou a língua em um círculo, várias vezes, até seus quadris corcovear abaixo dele. Ele diminuiu o empurrar, se contendo, prolongando o momento o máximo de tempo possível.

Ele posicionou suas presas pouco acima da auréola rosa. Em um rápido movimento, ele afundou as pontas afiadas profundamente, exudando um componente químico para manter o sangue fluindo. Com o sangue dela retido a distância, ele lentamente começou a liberar uma poção projetada para aumentar a sensação.



Alison gritou. Dor e prazer se fundiram em um dueto que a conduziram a sensação mais incrível. Ela olhou para o teto frondoso e deslizou mais uma vez seus dedos em seus cabelos. Ela ofegou e engasgou, incapaz de acreditar que esta coisa maravilhosa acontecia. Enfim, seu guerreiro-vampiro estava dentro dela. E ela não iria machucá-lo. Não de todo. Pelo menos não ainda. Nunca, ela esperava. Oh, Deus, por favor, nunca.

Seu seio formigava onde suas presas penetraram a pele. Sua língua lambia embaixo, acariciando o botão apertado. Seus músculos internos cerravam ritmicamente ao redor de seu pênis, se movendo dentro dela. Seus quadris empurravam de volta para ele, enquanto suas pernas o prendiam no lugar.

Ela engasgou e o agarrou pela nuca, encorajando-o.

Uma estranha sensação começou a se espalhar no local da punção. Ela sentiu uma picada quente, então um aumento constante do prazer, que se difundiu como um raio através de seu

seio, como se ele a tocasse de dentro para fora em rápidos pulsos. Seu mamilo arrastou-se ainda mais em um botão esticado e rígido. Ela gemeu alto. Suas costas arquearam.

Oh, Deus, Kerrick, o que você fez comigo?

Este é apenas o começo.

Eu acho que posso passar essa.

Ele riu contra a sua pele conforme lavava o dolorido mamilo, suas presas ainda dentro dela, seus quadris em um ritmo lento e constante.

Você quer que eu sugue você?

Duro. Agora. Por favor.

Ele retirou suas presas e envolveu sua mão firmemente em torno de seu seio, forçando o bico para subir até sua boca. Ele pegou uma porção generosa e puxou com um profundo movimento de sucção. Ao mesmo tempo, ele deslizou um braço em torno de sua cintura e dirigiu-se dentro dela duramente.

Alison sabia que havia chegado o momento. Queria avisá-lo, mas não conseguiu. Ela estava travada dentro do orgasmo que já a levava em uma onda pesada. Ao mesmo tempo, ela sentia o poder reunir-se no âmago dela. Ele liberou seu seio e levantou-se sobre ela, bombeando duro agora, como se ele entendesse a sua necessidade. Ela gemeu, tentando formar as palavras para adverti-lo, mas falhando miseravelmente. Conforme o êxtase intenso a capturava, a energia liberada e o clímax a levavam em um lindo e afiado aperto na agonia do prazer que ia e ia. Ela ouviu Kerrick grunhir e então dar uma risada, e por fim um gemido alto.

Ele se inclinou para ela. — Oh, meu Deus — ele sussurrou contra seu ouvido enquanto ele continuava acariciando-a, espremendo o último bocado de sensação. — Isso foi incrível. Meu Deus.

— Você não está machucado? — ela perguntou, ainda respirando com dificuldade. Ela plantou uma mão no peito dele. Precisava saber.

— Eu estou muito além de excitado. Eu não sabia que seria assim a sensação de estar dentro de você. Alison, faça isso novamente.

O alívio a inundou. Derramou lágrimas de seus olhos. Ela estava tão feliz. E ele ainda estava duro como uma rocha e continuava a bombear dentro dela. Se ele continuar, ela gozaria novamente.

Agora, porém, ela se tornou consciente de uma sensação diferente, uma espécie de fogo prazenteiro. Seu seio, aonde ele conduziu seus dentes, agora se sentia em chamas, no melhor sentido. Você colocou algo no meu seio.

Ele sorriu para ela. — Um feitiço. Um dos melhores dons da vida ascendida.

Ela rolou a cabeça para trás e para frente coforme outro orgasmo começava a se construir. A poção também não permaneceria em seu seio, mas se espalhava e agora se infiltrou por seu abdômen.

Ela gemeu e balançou os quadris para ele.

É isso, Alison. Eu não te disse que eu adoro quando você está na minha cabeça? Tão malditamente sexy.

Ela colocou os braços ao redor dele e apertou. Ele empurrou fortemente em seu núcleo mais uma vez.

O vampiro tinha poder de permanência.

O desejo a prendia mais uma vez conforme a poção continuava sua trajetória descendente. Ela não sabia quanto mais ela poderia tomar.

Ela choramingou enquanto deslizava as mãos para baixo para acariciar suas nádegas. Ele era tão espesso e musculoso, tão fisicamente poderoso, um homem, um vampiro, um guerreiro. Suas mãos moviam-se sobre ele, contornando as subidas e descidas da sua carne maravilhosamente torneada. Ele era lindamente esculpido de todas as maneiras possíveis, e não menos quente nos músculos do corpo de seu afiado guerreiro.

Ela trabalhou com as mãos até sua cintura, em seguida, sobre as ondulações de suas costas. Ela tateou os sulcos de suas asas, por onde iriam surgir.

Seus quadris puxaram e ele gemeu. — É melhor parar com isso agora — ele sussurrou, seu corpo se torcendo. — Travas de asas são muito sensíveis.

Seus dedos não podiam parar. Ela adorava a maneira como seu corpo mudava quando ela o tocava ali.

— Não, realmente — ele gaguejou, levantando-se para olhar para ela. — Pare ou eu vou gozar e eu não quero. Ainda não. Eu quero sentir você gozando novamente. Eu quero assistir você gozando.

Ela deslizou as mãos até à cintura.

Mais, ela sussurrou em sua cabeça.

Ele levantou-se sobre ela e rosnou. Suas presas surgiram, seus olhos verde-escuros ferozes, conforme ele encontrava seu olhar. Ela estendeu a mão e acariciou suas presas, evitando as pontas. Ele gemeu, em seguida, revirou os quadris para dentro dela. Ela arqueou e gemeu. Ela tocou seus lábios, o queixo, e acariciou seu pescoço com a mão. Ele era lindo em todos os lugares. Seu peito doía de olhar para ele.

— Eu sinto sua poção dentro de mim ainda, muito profundo. Oh, Deus. É quase por todo lugar. — Uma vez mais, lágrimas inesperadas molhavam seu rosto e seu cabelo.

Ele capturou seus lábios com os seus, suas presas pesadas em sua boca. Sua língua esgrimindo a dela.

Ele jogava pesado agora, flexionando os quadris, seu membro a conduzindo a loucura. Quando a poção finalmente penetrou seu núcleo, a sensação não era como nada que ela já tivesse experimentado antes, um fogo que queimava no mais profundo de seu corpo. Ela arfava em suspiros pesados, chorando, contorcendo-se debaixo dele.

— Oh, Deus! Kerrick! — O próximo clímax bateu como um soco duro. Ela gritou com a imensidão da sensação conforme o orgasmo rolava através dela, prazer aguilhoando, fluindo, inundando-a. Ao mesmo tempo, poder acumulado, então, em uma enorme onda liberada.

Mais uma vez, ele grunhiu duramente, tomando o que ela era capaz de dar. — Oh, merda — ele sussurrou. — Isso foi... — ele gemeu e resmungou sobre ela agora, mais besta do que o

homem, mais erótico, selvagem e quente enquanto ele bombeava nela duramente, mais e mais rápido. — Eu estou gozando.

Outra onda a pegou. Ela gritou por instinto conforme seus clímaces se reuniam, com o poder mais uma vez agrupado dentro, ela levou os dedos de ambos os lados das costas entre as cristas das travas de asa, provocando os cumes sensíveis. Seu orgasmo a atingiu, o poder liberado contra ele, dentro dele, e ela gritou com o prazer que a levou em um passeio longo e requintado.

— Não é possível esperar mais — ele grunhiu. Suas costas se contorciam sob seus dedos, enquanto ela continuou a trabalhar em suas travas de asas. Ele levantou a cabeça. Sua garganta se abriu enquanto ele rugia em seu clímax. Ela veio com ele de novo, incapaz de acreditar que as sensações ricocheteavam por seu corpo inteiro, especialmente desde que o orgasmo prolongava-se infinitamente, seus quadris resistindo dentro dela, seu torso socando o ar, os lábios entreabertos, os olhos apertados.

Por fim, ele montou o resto do tempo que durou sua ejaculação, para em seguida, cair sobre ela, ofegante. — Oh. Deus.

O delicioso peso de seu bonito corpo esmagou-a contra o tapete. Ela suspirou profundamente enquanto rodeava seu pescoço com os braços, segurando-o firmemente, seus lábios agora amamentando seu ombro, sua parte interna das coxas escorrendo seus sucos. Seu peito subia e descia com cada respiração irregular que puxava.

Tão malditamente satisfeito, ele ia à deriva através de sua mente. *Nunca foi assim antes*.

Tão feliz que eu não te machuquei, ela enviou.

Aqueles impactos... pareciam o paraíso. Seu corpo estremecia contra o dela enquanto ele revivia o momento.

Alison chorou. Ela não teve a intenção, mas sua felicidade não conhecia limites. Ela não o machucou. Na verdade, ele tomou tudo o que ela deu e ele adorou.

A vida poderia ficar melhor?

Ela só tinha um pensamento: que ela estaria fazendo mais disso com ele, quer ele gostasse ou não. Ela não entendia exatamente por que o breh-Hedden o incomodava tanto. Na sua opinião, o nível do desejo dele por ela era brilhante.

Ele se afastou dela, apesar de não interromper o contato, o profundo vale mais uma vez entre as sobrancelhas. Suas presas diminuíram. Ele se inclinou, beijou-a gentilmente, então deslizou dentro da mente dela. *Você é tão bonita, mas temos trabalho a fazer.*

Você está estragando o meu sossego.

Ele sorriu, em seguida, beijou-a novamente. — Eu quero que você esteja segura.

Ela suspirou. — Dez minutos? Eu realmente gostaria de um chuveiro.

— Sete — afirmou com um rosnado.

— Certo.



Kerrick ficou deitado no tapete, as mãos cruzadas atrás da cabeça, seu pau pesado, flácido e satisfeito enquanto repousava sobre sua virilha e coxa. Ele ouviu Alison cantar no chuveiro. Ele não reconhecia a música, mas o som de sua voz o fez sorrir.

Ele riu. Sentia-se relaxado e de disposto. Maldição. Ele soltou um profundo suspiro. Ele ainda não podia acreditar que acabou de ter o melhor sexo de sua vida e isso realmente queria dizer alguma coisa depois de tantos séculos.

Quando o poder dela se reuniu para em seguida ser liberado junto com seu orgasmo, sua natureza ascendida recebeu o poder como um soco em um arco baixo em seu abdômen, que enviou o prazer até a sua virilha e por todo o comprimento do seu eixo. Como ele se impediu de gozar, antes que ela o fizesse, ele nunca saberia, exceto que ele estivera malditamente determinado em fazer este último momento especial.

Ele se sentia aliviado como não esteve em séculos, da forma que Helena costumava aliviá-lo e até mesmo sua primeira mulher mortal, Marta. Ele esquecera as alegrias do casamento, deste tipo de união, baseada em profundo respeito e, é claro, de uma louca atração. E sim, ele respeitava Alison, tudo o que ela era, tudo o que ela provou ser. Sua coragem, sua bondade, a forma como ela, de alguma maneira, se manteve sã quando deve ter se sentido tão desesperadamente isolada e diferente de todo mundo que ela conhecia. Sim, ele a respeitava profundamente.

Fazer amor com ela o aliviou, preencheu um vazio que tão raramente foi preenchido em seus mil e duzentos anos. Queria mantê-la ao seu lado, mas como ele poderia, dada a natureza de seu trabalho como um guerreiro? Como poderia ele sequer pensar em colocá-la nesse tipo de risco?

A verdade? Ele não podia.

No entanto, o pensamento de não tê-la com ele, não conseguir estar dentro dela o resto de sua vida, cortava alguma coisa no fundo do seu peito até que começou a doer.

Muito bem. Ele realmente não podia analisar isso agora.

Ao contrário, ele puxou uma profunda respiração e uma vez mais pensou sobre o que acabou de acontecer, o prazer de fazer amor com ela. E, mais tarde, com aqueles dedos excitando suas travas de asa, ele se deixou ir. Realmente deixou-se ir. Maldita. Ele nunca teve um orgasmo rolando infinitamente sobre até que ele se perguntasse se nunca iria terminar.

Maldição.

A memória, tão recente, sacudiu seu corpo mais uma vez. Ele endureceu e aquilo o fez sentar-se.

Reminiscências não iriam ajudar.

Ele saltou sobre seus pés. Ele gostaria de um chuveiro também. Enquanto ele pegava sua roupa, seu telefone vibrou. Thorne. Novamente. Ele retirou o cartão, em seguida, saiu do quarto de Alison antes de atender. Uma vez passada a porta, ele acionou o telefone. — Manda.

A voz de Thorne quebrou sobre seus ouvidos, — Nós acabamos de ouvir a sentença do COPASS. Você pode fodidamente ouvir?

Kerrick ouviu em descrença. Ele não poderia estar ouvindo direito. Ele fez Thorne repeti-lo... duas vezes.

No final, ele teve que aceitar o que Thorne dizia. Alison foi escalada para um combate contra um dos guerreiros de elite do Comandante na arena da Segunda Tolleson, amanhã às dezenove horas. — Isso é tudo sobre um fodido espetáculo, não é?

— É. Estou indo para o palácio de Endelle para ver se podemos fazer isso direito. No entanto, não posso dizer que estou esperançoso. Faça o seu melhor, irmão.

Kerrick fechou seu telefone, em seguida, voltou para o quarto em busca de seu jeans, que ainda estava coberto de suor. Ele dobrou a roupa até sua lavanderia na Segunda Terra, teleportando em seguida um novo conjunto de jeans e camiseta, em seguida, guardou seu telefone. Ele pensou sobre o que estava por vir e sabia que não poderia dizer a Alison o que estava reservado para ela, ainda não. Ele simplesmente não conseguiria. Porra, isso era errado. Em todos os possíveis níveis, isto... era... errado.



Alison sabia que ela precisava sair do chuveiro, mas a massagem da água quente era tão boa em seus músculos cansados.

O sexo. Oh, Deus, o sexo foi fantástico. Não, fantástico era uma palavra muito pequena. Inacreditável, como seis tipos de montanhas-russas juntas para um único passeio.

Uma sensação de rubor inchou no fundo do seu peito, um calor suave e uma vibração leve. Quando os pensamentos de Kerrick vagaram por sua cabeça, a vermelhidão floresceu, então floresceu um pouco mais até que seu corpo inteiro brilhava.

Ela reconheceu a sensação, o início do amor, do apaixonar-se, de união, aquelas coisa que as mulheres muitas vezes fazem com os homens que as levavam ao orgasmo... uma e outra vez. Ela encostou a testa contra o azulejo. Ela bateu a testa um par de vezes.

Ela não deveria sequer pensar em Kerrick em termos de amor, de desejar um futuro com ele, de sentir tanta ternura por ele, não com toda a situação se construindo para a impermanência.

Apenas sexo, por favor.

Por favor.

Ela balançou a cabeça e massageou uma câimbra em seu músculo do pescoço.

A verdade era que ela poderia perfeitamente amar este homem. Ele poderia lidar com todas as suas habilidades estranhas e poderes. Ele os entendia, ele os admirava, ele os desfrutava.

Mas no fundo, na sua mente inconsciente, algo a incomodava, algo que viveu nela desde que ela era muito jovem, era o medo que algum de seus poderes poderia fugir ao seu controle e ela o machucaria, talvez até mesmo o matasse. Ele dissera que a sua explosão de mão cruzara dimensões, então, sim, ela era mais poderosa do que até mesmo ela entendia. Então, o que se? Oh, Deus... e se?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela fechou os olhos e se forçou a respirar.

Depois de alguns minutos de apenas respirar, a perspectiva emergiu. Ela estava esquecendo um pequeno detalhe. Todos os seus pensamentos estavam focados em se ela teria ou não um relacionamento no futuro com Kerrick, quando a verdadeira questão era se ela ao menos teria ou não um futuro. Aparentemente, o Comandante a queria realmente morta, e não pararia até que ele conseguisse o trabalho feito.

Ela trocou seus pensamentos para a questão mais urgente em mãos: aprender a lutar como um guerreiro, apenas no caso de mais vampiros da morte vierem atrás dela.

Como ela disse a Kerrick mais de uma vez, ela não era uma guerreira. O prazer que ela experimentou na ligação com a sua própria espada identificada e em lutar contra Kerrick era porque ela tinha sua memória muscular em seu corpo, bem, tudo isso era uma coisa.

Verdade? Ela tinha tanto instinto assassino quanto um coelhinho de pelúcia.

Ela saiu do chuveiro, se secou e em seguida se enrolou em uma toalha. Ela dirigiu-se para o quarto, mas Kerrick havia partido. Ela deu uma olhada na pilha de roupas suadas nas quais ela treinara e estremeceu. Ela se virou para o armário pela porta do banheiro, em seguida, arrancou um conjunto fresco dos cabides de plástico. Jeans e uma camiseta rosa desta vez, menos do que os fogos de artifício sobre seu decote.

Conforme ela se vestia, ela percebeu que seu tríceps queimava. Ela trabalhara com pesos durante os últimos seis meses e era forte, mas se Kerrick não fosse capaz de curá-la dos efeitos de todo o treinamento até agora, ela estaria se dobrando de dor.

Uma vez vestida, e bem depois de seu limite de sete minutos, ela foi na direção da sala principal. Kerrick esperava por ela, um brilho duro em seus olhos. Pior, ele nem sequer olhava para ela, não encontrava o seu olhar.

Um olá teria sido bom, ela enviou, as palavras entranhadas com sarcasmo. Ele se afastou dela, as mãos plantadas nos quadris, os ombros agrupados e tensos para baixo. Ela se estendeu com sua empatia e lá estava ela novamente, outra montanha de raiva, desta vez misturada com desespero.

— O que é isso? — ela perguntou, todos os sentidos em súbito alerta.

A maneira como sua cabeça sacudiu em direção a ela e seu olhar se grudou ao dela, ela sabia que pressionara o botão correto.

Ele liberou um suspiro. — Este maldito treinamento. — Ele olhou para longe, deslocando seu olhar para a esquerda.

Uma mentira?

— O que você não está me dizendo?

Outro suspiro, forçado. — Falei com Thorne. Eu não tenho todos os detalhes ainda. Ele só queria me estressar sobre quão importante era para nós dois continuarmos a trabalhar duro no seu treinamento pelas próximas horas.

Alison sabia que ele não estava dizendo tudo. Ela também sabia que ele diria se ela o empurrasse o suficiente. Portanto, a questão era, será que ela realmente queria saber?

Seu comportamento dizia o suficiente e agora mesmo, não, ela não queria saber, ainda não.

Ela trouxe a espada para sua mão, os dedos formigando com o reconhecimento, seu coração agora esmurrando em seu peito. Será que isso fazia dela uma covarde, o não querer saber? Ou talvez apenas sensata.

Um passo de cada vez, Alison da Terra Mortal.

Eu não preciso saber de mais nada, ela enviou. *Apenas me treine, Guerreiro.*

Ao ouvi-la ele virou completamente na direção dela. Sua expressão mais leve... um pouco. *Você é uma guerreira, Alison. Talvez não de espadas e adagas, mas você tem o coração de uma guerreira e a coragem de uma guerreira.* Ele balançou a cabeça várias vezes. Em voz alta, ele disse, — Eu só quero que você saiba que esta tem sido uma das melhores noites da minha vida.

Alison desmoronou por dentro. Ele com certeza sabia como atingir uma garota. — Digo o mesmo — ela sussurrou. Ela levou ambas as mãos até o punho embrulhado em couro de sua espada. Ela baixou o queixo e os ombros. Ela deixou seu olhar pousar sobre seu abdômen para ver em que direção ele pretendia se mover.

O sacrifício de horas,
Revela a verdade do caráter.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 17

Ao amanhecer Kerrick pairava sobre Alison. Ela estava dormindo no quarto de hóspedes. Eles treinaram duramente durante a noite, até que ela simplesmente não podia dar mais um passo. Ele a deixou tomar uma ducha e cair de cabeça na cama. A verdade era que ela precisava dormir, caramba, muito descanso para estar pronta para se submeter a esta última farsa, a qual teria lugar em cerca de doze horas.

Pelo menos ela tinha uma quantidade fodida de poder. Talvez isso a ajudasse a conseguir.

Quem ele estava querendo enganar? Ela iria lutar contra o General Leto, ex-Guerreiro de Sangue, o segundo no comando de Greaves. Como diabos ela poderia supostamente derrotá-lo? Ele ascendeu há três mil anos e lutou como um guerreiro por todo esse tempo.

Ele amaldiçoou em voz baixa. Ele queria acordá-la e continuar ensinando-a como usar sua espada, como lutar, como superar o tamanho de um oponente, como usar seus pontos fortes e explorar as fraquezas do seu inimigo. Mas agora ele não podia. Ela precisava dormir antes do horror do que estava prestes a acontecer com ela, mas oh, como ele queria mais tempo para treiná-la.

COPASS, o Comitê de merda dos Comitês de merda, acatara o pleito do Comandante... novamente. Enquanto ele olhava para ela, a determinação apertava seu peito. Ele não podia deixar a batalha de arena acontecer sem a imposição de uma luta.

Thorne tinha razão quando usou a palavra fodida.

Teclou seu telefone. — Ei, Central — ele disse suavemente, afastando-se Alison.

— Ei, duhuro — Jeannie falou arrastando a voz, pronta a provocar, como sempre.

— Tão fora do clima.

— Mande. — Sim, Jeannie sabia ler os guerreiros, e sua adaptação foi rápida.

— Eu preciso de um elevador para a Segunda Terra.

— É para já. Localização?

— A Caverna.

Ele batucou o telefone e a vibração começou. Um momento depois ele estava parado no meio da sala de recreação. Thorne estava esparramado no sofá em frente, dormindo ou talvez desmaiado, provavelmente o último. Jean-Pierre se escorava em um banquinho no bar e bebia um Martini francês. Ele levantou o queixo em um breve reconhecimento a Kerrick, suspirou, então tomou mais um gole. Ele tinha hematomas de cima a baixo nos braços e nos ombros. Lutar esta noite chegou perto e pessoal para o francês.

Kerrick deu uma segunda olhada na direção da mesa de bilhar onde Luken e Santiago estavam naquele momento em um jogo. Algum tipo de reparo ruim foi feito, que envolveu um monte de arame e várias ripas. O resultado parecia algo realmente tirado de um parque de trailers da Terra Mortal. Se eles colocassem latas de cerveja vazias em uma fileira na borda, a cena teria sido completa. Pelo menos, a mesa era funcional.

— Ei, Kerrick — Santiago chamou. Ele driblou um obstáculo e encaçapou três bolas. Ele tinha um hematoma enorme em forma de aranha nas costas do seu ombro esquerdo. Sim, os meninos estiveram fora, em combate.

O olhar de Luken rastreava a jogada. — Lucky seu bastardo — ele murmurou. Seu cabelo caía pelas costas, livre do cadroen, uma massa espessa de ondas loiras e revoltas, cachos rebeldes que davam a ele a aparência de um deus do Olimpo.

Kerrick sacudiu seu queixo em direção ao sofá. — Há quanto tempo ele está apagado?

— Há uma hora. Ele foi ver Endelle.

— Será que ela vai protestar contra a batalha de arena?

Luken encolheu os ombros. Seu taco ficou em pé e ele bateu-o no chão. — Ele não disse, mas tão logo ele retornou, ele pegou um Ketel e foi um atrás do outro. Você quer uma partida?

— Não, obrigado. Eu tenho que voltar a Queen Creek após fazer algumas chamadas. — Seu olhar voltou para Thorne.

Perfeito. Ele queria Thorne para liderar o ataque dessa vez.

Que muito grande perfeita e fodida confusão.

Ele deixou a caverna para ficar do lado de fora das portas.

Ele ergueu o telefone mais uma vez até sua orelha e contactou a Central. — Jeannie.

— Precisa de um transporte?

— Ainda não. Preciso falar com Endelle.

Um silêncio muito denso se seguiu após o qual Jeannie respirou. — Ela não está recebendo.

— O que quer dizer, ela não está recebendo? — Que diabos?

Jeannie suspirou. — Especificamente se você ligasse para falar com ela você teria que ser informado, e cito, *Você tem Alison afundada nisso por ter chamado um elevador de emergência, assim que vá se foder*, Fim de Citação.

Kerrick rangeu os dentes. Seu temperamento, mais uma vez começou a bater no interior do seu crânio. Ele respirou fundo e tentou ordenar a sua mente. Se Endelle disse que não, então era não.

Porra.

Thorne... Endelle... dois ataques. Merda.

Ele levou o telefone até suas costas e deixou sair uma boa e longa sequência de obscenidades.

Precisava haver uma maneira de corrigir isso. Ele rangeu os dentes um pouco mais. Ele odiava ter que falar as palavras a seguir, embora neste momento as suas escolhas fossem terrivelmente limitadas.

Ele trouxe o telefone de volta ao seu ouvido. — Então eu quero falar com Harding.

— Você quer dizer o Presidente Harding? — ele ouviu a descrença na voz de Jeannie. Ele mesmo mal podia acreditar-se.

— Ponha-o em comunicação comigo, Jeannie. Agora.

— Estou fazendo isso, mas pode levar alguns minutos. Ele não é o ascendido mais acessível.

— Vou esperar.

Daniel Harding, líder do COPASS, e como disse o presidente, ele teria que ter dado a aprovação final da zombaria do futuro espetáculo. Talvez, só desta vez, Harding poderia ouvir a razão.

Ou o que quer que fosse.

Harding não tinha escolha a não ser falar com os Guerreiros de Sangue. Dado o acesso do Comandante para ele, Endelle lutou para manter a igualdade de direitos. O que a Comissão permitiu a Greaves pela lei da terra teve que ser concedida pela Alta Administradora Suprema.

Enfim, Harding chegou a linha. — Estou aqui para servir, duhuro Kerrick. Como posso ajudar?

Completa besteira.

— Eu quero que o COPASS reconsidere a sua decisão sobre a ascendente Wells e a batalha na arena. Ela não é uma guerreira.

Uma pequena pausa e, em seguida, — Sinto muito, mas a Comissão analisou todos os dados e votou com unanimidade. A ascendente Wells deve sofrer uma consequência adequada, dado que seu guardião violou uma lei muito importante, assim como o fez Madame Endelle. — Ele enumerou os seus pecados e terminou com, — O Comandante Greaves tinha todo o direito de apresentar um protesto e o COPASS realmente não teve qualquer outra opção. Eu não deveria ter de te dizer isto.

Seu tom condescendente empurrou o temperamento de Kerrick sobre a borda de seu controle. — E quanto a lei que o Comandante quebrou ao enviar um regimento para Carefree, primeiramente? E sobre essa regra? — ele estava chateado e não pôde se conter.

— Agora, agora. Acalme-se, duhuro. Seja razoável. O Comandante certamente receberá uma severa censura do Comitê, oportunamente. A sentença atribuída a ascendente Wells é uma questão inteiramente separada. Endelle tem 30 dias para apresentar uma queixa e como você deve saber tomamos todas as queixas a sério.

Ele sentiu o sangue correr em seu rosto à medida que travava mais uma vez os dentes. — Nós estamos falando sobre a vida de uma mulher, uma inocente — ele gritou. — Você basicamente deu a ela uma sentença de morte.

— Simplesmente não concordo. Nós vimos os relatórios sobre a ascendente Wells, um dos quais sugere que seus poderes excedem aos dados aos da Segunda Terra. Tenho certeza que ela terá uma performance admirável durante o desafio da arena.

— O desafio da arena? É assim que você está chamando isso? Um mero desafio? É uma luta até a morte bem à moda antiga e você fodidamente sabe disso.

Ele passeou para frente e para trás agora, com a voz cada vez mais alta. Ele viu as portas abrirem para a caverna e Luken, Santiago, e Jean-Pierre saírem para ficar perto dele, uma forte linha de suporte.

Harding continuou a sua razoabilidade. — Dada a gravidade das regras que você e Madame Endelle escolheram quebrar, eu não tinha outro recurso. Greaves tinha todo o direito de estabelecer a competição como um evento de luta-até-a-morte.

Essa foi a gota d' água. O temperamento de Kerrick disparou para a estratosfera.

— Não teve outro recurso? Você não tem mais nenhum pingo de consciência, seu fodido fantoche? E o que diabos você estava pensando se colocando nas mãos do Comandante, afinal? O que ele te deu, Harding? Um soro após deixá-lo beber de um ser humano até a morte, seu pedaço de merda.

Um breve silêncio se seguiu, então Harding limpou a garganta. — Você está claramente agitado — disse ele. — Quero, pois, perdoar essas acusações tão indignas de sua posição. Boa noite, mais respeitado guerreiro duhuro.

As mãos de Kerrick tremiam enquanto ele manuseava o seu telefone.

E naquele momento, quem achou de aparecer, senão Marcus em seu pior estado, juntamente com Medichi. Marcus tinha cortes por todo o seu braço, ombro e rosto.

Bem, maldito filho da puta, o desertor se juntou aos guerreiros.

Aquilo foi o último palito da pilha, especialmente quando o fodido vampiro sorriu e disse: — Bem, se não é o bastardo que permitiu a minha irmã ser assassinada.

As narinas de Kerrick se dilataram, seus punhos cerrados, em seguida bombearam, e o ar desapareceu entre ele e o homem que ele odiava. A sensação de carne correndo sob o poder do seu gancho de direita se parecia com o céu. Quando o punho de Marcus pousou em sua mandíbula quadrada, bem, o jogo fodidamente começou.

Endelle brincava um jogo de gato e rato com Darian Greaves que tentava virar seu traseiro de cabeça para baixo. Ela era o gato, uma boa designação, e o pequeno pombo era o rato, que em sua opinião era uma forma de vida muito elevada para representar a ele. Gato e rato funcionavam um pouco melhor. Gato e escórias sugadoras de ameba a deixavam ainda mais feliz.

Ela esteve brincando deste jogo por quantos fodidos séculos? Jesus Santo Cristo.

Ela estava na pequena rotunda imediatamente fora de seu quarto principal, no fundo do seu palácio, um santuário bem protegido e fortificado de onde ela realizava a maioria de seu trabalho na Segunda Terra.

Ela passava uma grande parte de cada uma das vinte e quatro horas do dia praticando uma vigilância voyeurística nesse ponto místico de não espaço chamado de obscurecimento. Pelo tanto que ela sabia, ela era a única ascendida na Segunda Terra capaz de estar no obscurecimento, quando seu corpo físico reclinava em sua chaise longue[8], mas seu eu espiritual, com as mesmas características externas e habilidades de seu corpo, pode viajar através do tempo e do espaço. Capaz de estar em dois lugares ao mesmo tempo, ela seguia o bastardo ao redor do globo. Uma e outra vez ela interrompia suas tentativas de dobrar aqueles pelotões de vampiros da morte para seu complexo na Montanha Estrela.

O problema era que apesar de toda a sua força, ela não sabia como vencer este jogo. Pior ainda, ela vinha perdendo terreno pelos últimos quinze anos. Dos cento e sessenta e sete Territórios da Segunda Terra, cinquenta se aliaram ao pequeno pombo. É claro, Altos Administradores, quando muito, não eram sempre os mais éticos dos ascendentes. Metade deles, em sua opinião, estavam ali apenas por uma coisa, o poder. Talvez duas coisas: poder e... bem... mais poder.

Greaves não ajudava. Ele chegou a Segunda Terra carregada com habilidades persuasivas. Ele tinha uma língua bifurcada e poderia sair deslizando-se como uma lesma, e parecia tão bem em fazê-lo. Bastardo.

Ela não possuía seu tato, suas maneiras refinadas, sua paciência. Ela latia e esperava que todos ficassem na linha, um estilo administrativo livre que ela admitia ter numerosas falhas.

Certo, então ela precisava de ajuda. Somente de onde é que ela viria? Ela tinha uma ascendente poderosa aliando-se a ela hoje à noite, mas que utilidade ela poderia ter, eventualmente? Uma terapeuta de mais de trinta anos de idade? Ela poderia muito bem estar usando fraldas, pelo amor de Deus. O melhor que Endelle poderia fazer era por um guerreiro da milícia atrás dela. Ela possuía poder inato suficiente que quando estivesse devidamente treinado, ela seria capaz de dar conta de um esquadrão de vampiros da morte sozinha. Um grande e fodido oba.

Havily veio à sua mente. Ela ainda estava chateada com sua Oficial de Ligação. Que diabos pensou Havily jogando um barco em cima de sua mesa e chamando-o de futuro? Havily não entendia a gravidade da situação na Segunda Terra. Um novo complexo militar administrativo não

[8] *Um sofá em forma de cadeira e longo o suficiente para apoiar as pernas. Às vezes é escrito como "espreguiçadeira". Em francês moderno, o termo chaise longue pode se referir a qualquer longa cadeira reclinável.*

chegaria perto de resolver a questão mais ampla, que era Greaves em si mesmo. O filho da puta deve ter ascendido a Terceira Terra, oh, cerca de duzentos e sessenta anos antes. Ao invés disso ele encontrou uma maneira de permanecer na Segunda Terra.

Ela sabia o que ela precisava. De ajuda das Dimensões Superiores para deter Darian Greaves. Infelizmente, ela poderia muito bem estar pedindo a lua.

Ela suspirou enquanto continuava a abrir caminho através das ondas. Em nove milênios, ela não recebeu sequer um sussurro de comunicação da Terceira ou de qualquer das outras Terras Superiores. Tudo o que ela sabia era que estava presa na Segunda Terra, não foi autorizada a ascender, e seu dever era manter Greaves sob vigilância. Mas ela estava falhando, e quando começou a pensar em rezar, ela implorou por ajuda, de joelhos, sua voz se dividindo em ressonância até que parecia dois gatos brigando.

Finalmente, ela encontrou a assinatura do Comandante.

Olá. Ela não esperava, mas mergulhou diretamente para ele. O que você pensava? Ele estava em Segunda Cabul, agora mesmo se preparando para dobrar um esquadrão de vampiros da morte, vampiros ao seu comando. Bastardo.

Não esta noite, babaca. Ele tropeçou conforme sua saudação perfurava seu crânio calvo.

Ah, Endelle. Boa noite, ou devo dizer bom dia.

Foda-se, pombinho. Ela o avistou em pé na frente do pelotão, suas garras se contraindo agora. Seu rosto inflamado ao ouvir o insulto. Ela deu uma risadinha. *Você poderia muito bem decolar. Você não vai penetrar o escudo que eu acabei de lançar em torno deste monte de fodidos comedores noturnos.*

Ela podia sentir a raiva dele como se estivesse viva, uma besta se contorcendo sobre todo o corpo, a fúria cega e profunda que conduziu por toda sua vida suas ações, todos aqueles sentimentos mal resolvidos se torciam desde a sua mocidade torturada. Ela podia até ter sentido pena dele, exceto pela quantidade de mortais que ele pessoalmente despachou.

Conforme ele se desmaterializou, ela ouviu a mais fraca palavra deslizando em sua mente, dirigida a sua mente: *Puta.*

Os olhos de Endelle se abriram em um estalo e ela sentou-se em seu sofá. Em três milênios Darian Greaves nunca perdeu a paciência com ela. Nem uma vez.

Mas ele a chamou de puta e ele nunca dissera coisas assim para ela antes.

Santo inferno!

Ela fungou em uma respiração profunda e uma nova emoção bateu nela, envolvendo seu peito, algo muito próximo a esperança.

Darian Greaves estava seriamente abalado, o que só poderia significar que ele sabia algo sobre, quem diria, ninguém menos que Alison Wells.

Bem, bem, bem, a ascendente Wells. Portanto, havia alguma outra coisa acontecendo, algo que ela não sabia e Greaves sim.

Ela sentiu uma leve vibração dentro de sua mente, um sinal de Thorne. Ele era o único ascendente da Segunda Terra que tinha uma ligação direta com sua mente, e sua voz de repente encheu seu crânio. *Nós temos uma situação na Cave. Marcus finalmente encontrou Kerrick.*

Entendi, ela enviou de volta.

Marcus e Kerrick.

Ela só estava surpresa por esta luta não ter estourado mais cedo.

Ela transferiu seus poderes de observação para a sala de recreação das horas vagas dos seus guerreiros.

Os dois homens estavam ali como macacos.

Bem, graças a merda pelo voyeurismo sobrenatural. Ela podia ver tudo e quão gloriosos seus guerreiros eram.

Todos eles estavam presentes, Thorne e Medichi, Luken fazendo apostas com Santiago, Zacarias, Jean-Pierre usando um cadroen de brocado verde, e, claro, os homens do momento, Kerrick socando agora profundamente o estômago de Marcus, sem arrancá-lo. Jesus... Marcus acertou e bateu o queixo de Kerrick tão duro que sua cabeça foi jogada para trás e ele realmente tropeçou de costas.

Não por um fodido muito tempo. Kerrick deu uma sacudida na cabeça, baixou a mandíbula, e moveu-se para dentro novamente. Desta vez, uma rixa antiga se seguia que deixou os homens rolando no chão, batendo, socando, grunhindo. Marcus agarrou o longo cabelo de Kerrick, já solto do cadroen, pegou um pouco de ambos os lados, puxou duro e deu uma cabeçada em Kerrick. O crack ressoou no ar.

Aquilo não diminuiu o ímpeto de Kerrick, nem um pouco. De alguma forma ele ficou de pé e começou a balançar. Ele desembarcou vários socos, esquerda, direita, esquerda. Endelle ficou de pé e deu socos no ar junto com ele.

Ela adorava uma boa briga. Esqueça o espetáculo. Dê a ela um ringue de boxe e dois Neandertais em qualquer dia da semana.

Marcus, no entanto, jogou os quadris para frente e pegou Kerrick sobre a cintura com as pernas. As duas bestas rolaram meia dúzia de vezes, os outros guerreiros se deslocando para abrir espaço para eles.

Thorne gritou para eles pararem, mas eles eram dois cachorros loucos indo um para o outro. Apenas uma mangueira de incêndio poderia provavelmente parar a carnificina.

O punho de Endelle continuava bombeando o ar. Seus pés se moviam de lado a lado. Thorne acertou dentro. Ele tentou agarrar o braço de Marcus, o que colocou Kerrick fora de equilíbrio, enviando o seu gancho de direita em linha reta para o rosto de Thorne. Um som de rachadura na sequência disse a ela que seu segundo em comando acabou de ter seu nariz quebrado... outra vez... bem... aw, merda. Ela teria que parar isso agora.

Ela suspirou e então dobrou para a Caverna. Ela estalou os dedos, o que congelou os dois homens no lugar, no chão. A cabeça de Marcus estava arqueada para trás, olhos fechados, e os dentes cerrados enquanto ele lutava para sair de uma chave de braço. Kerrick com o rosto vermelho como uma beterraba e seus olhos se arregalavam enquanto apertava.

Ela os olhou. — Kerrick estava quase vencendo. Não... eu acho que Marcus vai sair dessa.

— Diga-me quem ganha — gritou Santiago. — Eu tenho uma centena de dólares apostados em Marcus.

— Lo Siento, querido. — Ela estalou os dedos novamente e os dois homens rolaram para longe um do outro, em seguida, ficando sobre seus pés. — Então do que se trata toda essa merda?

Nem Marcus nem Kerrick falaram, só ficaram curvados e tentando respirar.

— Assim como eu pensava. — Ela treinou seu olhar sobre Kerrick. — Por que diabos você não está em Queen Creek? Você está na fodida atribuição de guardião ou é que você não recebeu o memorando?

Seu rosto era uma bagunça. Sangue vazava por toda parte e sua boca e olho esquerdo estavam inchando como se tivesse sido picados por uma dúzia de vespas. Mesmo assim, ele chamou a atenção, pés a uma distância apropriada separados, a mão esquerda pendurada atrás das costas. — Os escudos se sustentam, todos eles, e eu precisava fazer algo para tentar acabar com essa loucura.

— Que loucura? — Santiago perguntou.

Luken, que ficou ao seu lado, informou-o da batalha de arena que se aproximava.

— Madre de Dios — ele gritou.

— Sem sacanagem.

— Isso não está certo — disse Medichi. Ele avançou e encontrou o olhar de Endelle diretamente. — Não é possível algo ser feito?

— O COPASS já aprovou o combate. Mas todos vocês vampiros sem fé precisam crescer um pouco. Eu tenho confiança em Alison, ao contrário do resto de vocês.

— Com todo o respeito devido, estamos falando de Leto — Zacarias gritou: — Não de algum vampiro da morte de rabo magro. — Seus longos cabelos encaracolados pendurados livres do cadroen e na luz difusa do estacionamento, ele parecia sexy como Hades. Mesmo Endelle sentiu o chamado de sua natureza primitiva com todos aqueles cachos. As mulheres mortais amavam Zach e davam a veia sem nem um piscar de olhos. Ele acrescentou: — A ascendente Wells não tem a menor chance.

— É claro que ela tem e a boa notícia é, por algumas horas, todos vocês vão ficar em uma pausa. Greaves terá o seu exército presente na arena para fazer uma declaração forte para o mundo sobre seu poder e promessas de uma Nova Ordem vindoura, blah, blah, blah, então não haverá qualquer atividade nas Fronteiras, graças a Deus.

— Além disso, nossa menina tem alguns sérios truques. — Seu olhar pousou em Kerrick. — Diga a eles o que vocês fizeram na noite passada e por isso não é tão fodidamente impossível.

Limpando os lábios inchados de sangue com as costas da mão, ele disse. — Eu uni nossas mentes e deixei-a experimentar algumas das minhas batalhas recentes. — As palavras saíram grossas e arrastadas.

Palavrões circularam pelo grupo.

— De jeito nenhum — Zach gritou. — E ela conseguiu assimilar? Como? Nem mesmo eu posso fazer isso.

Endelle balançou a cabeça. — Ela é poderosa, mais até do que ela mesma sabe, mais do que eu suspeito que até mesmo eu saiba.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Vários suspiros se seguiram a última parte dessa afirmação, o que agradou muito, porque refletia a visão dela como perto da onisciência. Muito bom.

— Estamos terminados por aqui. Vou ver todos vocês hoje à noite na arena, e por amor a Cristo cheguem mais cedo e em uniforme de gala, incluindo você, guerreiro Marcus. Alison Wells significa algo como-ainda-a-ser-definido para a Segunda Terra e também a este primata aqui. — Apontou o dedo em direção Kerrick.

— E quanto a você — ela gritou, olhando para Kerrick. — Leve a porra do seu traseiro de volta ao Queen Creek e cumpra com o seu maldito dever de guardião. Vou mandar Horace para que o conserte. — Ela não esperou por um argumento. Ela acenou o braço e Kerrick desapareceu.

Ela, então, apontou para Marcus. — Você, seu idiota. Mais uma palavra para Kerrick sobre Helena e eu arrancarei seu ovo esquerdo. — Só para deixá-lo saber que podia, ela mentalmente deu um pequeno puxão, o que fez os olhos de Marcus arregalarem, então ela deu uma reviravolta acentuada. Ele se curvou sobre si mesmo. — O que você disse?

— Sim, Madame Endelle — ele ofegou, seu rosto ficando de um bonito vermelho morango.

Ela inclinou a cabeça para seu segundo em comando. — Thorne, chame Horace. Que atenda a Kerrick primeiro.

— É claro — disse ele.

— E pelo amor de Deus, durma um pouco.

Ela não esperou para ouvir mais uma palavra. Ela respirou, deu as costas para os seus guerreiros, em seguida, enquanto se desmaterializava, ela sorria.

Porra mas ela amava aqueles homens, e um pouco de atrito agora era uma coisa boa. A bebida forte ajudou. Uma boa postura. Tomando a veia. Sem toda uma variedade de válvulas de escape para aquela testosterona, o mundo inteiro teria explodido por agora, o magma da Terra junto com ele.



Enquanto Kerrick aguardava Horace, ele ficou de pé, pairando sobre Alison, uma vez mais, a sua espada desembainhada, um meio tangível que ele tinha de protegê-la, mas era inútil nesta situação. Ela dormia profundamente agora, os lábios entreabertos. Ela parecia ainda mais jovem com o edredom parcialmente em seu rosto, seus dedos se enroscaram em torno da borda.

Seu coração doía enquanto ele olhava para ela. Ele a queria em seu mundo e ele queria que ela estivesse segura. No curto espaço de tempo em que eles estiveram juntos, ela se tornou uma ladainha em sua cabeça, deve proteger, deve proteger. Ele nunca foi tão obcecado antes, mas, novamente, Alison não era como nenhum outro ascendente que ele já conheceu e sim, ela era o centro do breh-Hedden para ele. Ele era viciado em profundidade.

Fazer amor com ela foi definitivamente erótico, intenso e tão satisfatório quanto dirigir um carro a duas mil milhas por hora. Ela se igualava a ele em poder, essa mulher, essa mortal, este

ascendente, e ele estava caindo de amores por ela rápido, um asteroide se aproximando da atração gravitacional da Terra e sendo sugado para dentro, em linha reta.

Ele esteve dentro de sua cabeça. Ele sabia que ela tinha força. Ele sabia que ela iria até a última partida, mesmo se o fim do jogo fosse sem esperança. Ainda assim, agora mesmo, dormindo em sua cama, ela parecia incrivelmente vulnerável. Caramba, seu peito ficou constrito, apertado em um nó doloroso.

Eu não posso perdê-la.

Ainda assim, que chance que ela tinha? Ela lutaria contra o general mais poderoso do Comandante, um ex-guerreiro de Sangue, um ascendente com incrível habilidade.

Seu telefone vibrou. Ele dobrou a sua espada para o canto mais distante do seu quarto, pegando seu telefone, então o manuseando. — Mande — disse ele, seu tom modulado.

A voz de Jeannie, com uma ponta de cansaço por toda aquela merda, veio na linha. — Horace pede o acesso.

— Concedido. Vá para casa, Jeannie.

— Eu estou de saída em cerca de trinta minutos. Então, me diga, duhuro, ela tem uma chance?

A preocupação em sua voz suave apertou o nó no peito mais uma vez. — Eu não sei.

— Ah, merda.

— Você disse isso, mas eu tenho que ir.

— Você descanse um pouco, também.

Enquanto a linha ficava muda, Horace se materializou a poucos metros de distância.



Mais uma vez, Alison se viu dentro de um sonho, voando totalmente livre sobre o Lago Branco. A água cintilava debaixo dela, à luz do amanhecer, refletindo flâmulas rosa de nuvens. A vista deslumbrante levou seu coração em um enlevo.

Guardiã. Como aquela palavra a chamava. Guardiã da Ascensão. Guardiã do Lago.

Como se ela soubesse voar por toda a sua vida, ela arrastou os pés perpendicularmente à água, em seguida, abriu os braços na largura, o que trouxe seu corpo para uma posição de pé no ar, o suave bater de asas dando apoio e sustentação. Ela diminuiu o ritmo, o que a permitiu descer até a superfície calma da água azul-esverdeada.

Os dedos dos pés descalços deslizaram na água e seus caninos surgiram. Asas e um par de presas. Então, ela ascendeu e adquiriu os traços vampiros como prometido. Como ela se sentia à vontade com o lago, com o voo, com seus caninos. Ela ainda usava couro nas engrenagens de voo, como um guerreiro, um kilt e um cinto de armas sobre o peito, cobrindo os seios e subindo até cruzar nos ombros, em seguida, viajando para baixo em sua espinha. O ajuste era perfeito.

Mais uma vez... guardiã.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

As águas do lago eram estranhamente suaves e quentes. Ela sustentou sua posição com suas asas, em seguida, olhou para cima, diretamente acima. Um farol de luz, de luz celestial, brilhava sobre ela e ela sabia que ela olhava para a Terceira Terra. Ela foi superada por uma onda de amor por aquilo que ela viu, uma profunda, intensa e bastante familiar saudade. Lágrimas tocaram seus olhos. Ela sentiu a necessidade mais profunda de subir para o ar, para chegar a Terceira Terra. Ela começou a bater suas asas tão forte quanto podia, mas seu corpo não se movia, como se o lago ancorasse ela, segurando-a no lugar.

Ela olhou para baixo e para o lago, que uma vez mais chamava por ela, implorando a sua proteção.

Guardiã.

Alison esforçou-se para voltar à consciência, rasgando seu caminho através da sua fadiga por meio de um denso nevoeiro. À distância, talvez um milhão de quilômetros de distância, ouviu a voz de Kerrick dentro de sua mente. *Hora de acordar, Alison. Endelle está prestes a remover sua proteção.*

Ela abriu os olhos e olhou para o teto abobadado e trançado da casa de Kerrick do Queen Creek. Ela estava na cama de hóspedes, encasulada no calor do edredom. Ela ainda usava a flanela. Ela soltou um suspiro, pois neste momento se sentia muito segura.

Ela se esticou de novo e sentiu umas pontadas remanescentes de alguns exercícios. Nada a reclamar. A cura de Kerrick foi maravilhosa. Sua mente se moveu para trás. O treinamento foi intenso antes... e depois.

Oh, Deus, como ele fez amor com ela na noite passada, logo depois que ela machucou seu pulso!

O vampiro foi... incrível. Ela suspirou e apenas por um momento, antes do dia, ou melhor, noite, e de tudo o que iria acontecer desabasse sobre ela, ela saboreou a memória de estar tão ligada ao seu guerreiro.

Ela fechou os olhos e sorriu. Ela suspirou algumas dúzias de vezes.

E qual foi a poção que ele colocou em seu peito que tinha a capacidade de viajar todo o caminho até ela…

Alison. Está na hora.

Ela ouviu a sua voz novamente, exatamente no centro de seu cérebro, menos paciente desta vez. Tempo para quê? Jantar, talvez?

O sono ainda rondava por todo seu corpo e por um momento, ela lembrou o sonho com as asas e de voar, de sentir uma unidade profunda de proteção dirigida ao lago.

Alison. Quão estridente ele soou. Será que ela realmente precisava se levantar? Ela queria chamá-lo para ela, implorar que viesse para sua cama por alguns minutos, certo, talvez um dia ou dois, e apenas segurá-la. Ceeerto, talvez não apenas segurá-la, mas eles poderiam fazer isso também.

A mais doce sensação de desejo começou provocando seus seios e o lugar de união entre as coxas. Agora seria muito bom, Kerrick e suas mãos. Oh, aquelas mãos. Kerrick e seu…

Alison. A voz desta vez tinha um fio como a ponta de um punhal.

Ela sentou-se, o sono estremecendo para longe dela. Kerrick parecia urgente. Isso era certo. Ele a treinou para lutar, mas ele não disse a ela o porquê daquilo.

A adrenalina começou a bombear dentro dela. Ela colocou uma mão no peito como se medindo o aumento do seu ritmo cardíaco.

Ela deslizou para fora da cama e fez seu caminho para a sala de estar formal. Kerrick esperava por ela lá e ele não estava sorrindo.

Ela olhou nele de cima a baixo. Ele estava com uma curta túnica de couro negro, muito estranha, e uma versão mais elegante das sandálias que ele usava nos combates no FlightGear[9]. Ele parecia uma versão moderna de um romano antigo. Seu cabelo estava puxado para trás de seu rosto, provavelmente contido pelo cadroen.

A imagem? Tão lindo.

Ela tinha uma dúzia de razões para acreditar que já havia entrado em um novo mundo, mas a visão de suas parcialmente nuas e musculosas coxas e uma capa roxa arremessada sobre um ombro a colocava apenas um pouco mais longe do Kansas.

Ela se moveu para ele e viu um brilho debaixo da capa. Quando ela estava perto o suficiente, ela empurrou a capa de lado. A couraça de bronze, também era sexy como o inferno e moldava seus peitorais, sustentavam uma insígnia, uma espada de prata coroada com uma coroa de louro verde musgo, simples, bonito, poderoso.

— O que é isso? — perguntou ela. Uma sensação espinhosa viajou de repente por sua coluna.

— O emblema dos Guerreiros de Sangue.

Outra questão, uma que ela não queria perguntar, deslizou através de seus lábios. — Por que você está vestido assim?

Sua expressão endureceu. Ela sentiu sua distância como se ele houvesse se mudado para outro continente, a Austrália talvez.

Ele fez mesmo amor com ela na noite passada?

Ela escrutinou seus olhos. — O que está acontecendo, Kerrick? A casa está cercada? Realmente não tenho mesmo a menor chance?

Ele encontrou seu olhar, mas manteve sua postura, como se as solas de sandálias de couro tivesse criado raízes no piso. — Na noite passada, o que eu não poderia ter-me forçado a dizer era que o COPASS aceitou a demanda do Comandante de que você fosse a uma arena de batalha, esta noite, um-contra-um, contra o seu principal general, o guerreiro chamado Leto.

Ela inclinou a cabeça. — Aquele do beco? Aquele que costumava ser um Guerreiro de Sangue?

Ele anuiu com a cabeça.

Ela realmente não poderia ter ouvido ele corretamente. — Deixe-me ver se entendi. Eu vou combater um homem, um vampiro, um tão poderoso como você, em uma arena, na frente de milhares de pessoas?

---

[9] ***FlightGear*** *é um software de simulação de voo livre que roda em diversas plataformas e sistemas operacionais. Este simulador caracteriza-se pelo seu realismo e possui grande variedade de aeronaves, aeroportos e cenários para download.*

Ele anuiu com a cabeça.

Ela sacudiu a cabeça. — Isto não pode estar acontecendo. Como se supõe que eu devo ir a batalha, após um único dia de treinamento? — ela pensou em Darian, seu ex-cliente, então murmurou, — Ele deve realmente me querer morta.

Ela balançou a cabeça em descrença. Ela se lembrou do momento no beco do centro da cidade, quando escolheu, escolheu demonstrar seu poder, porque ela sabia que algo grave iria acontecer, uma ação que levou à abertura da Segunda Terra para ela. Mas como, como, sua jornada a trouxe até aqui, para um momento onde ela teria de tentar algo tão impossível? — E eu não posso recusar o desafio, posso?

Desta vez, a cabeça fez um lento subir e descer, só muito lentamente. — Você aceitou o seu ritual de ascensão quando você enviou a explosão de mão contra a passagem. Sinto muito, Alison. Não há volta, não neste momento. E até que a sua cerimônia de ascensão tenha lugar amanhã à noite, você está em um jogo justo. Mais uma vez... eu sinto muito.

Ela queria chutar alguma coisa. — É por isso que você está tão zangado? Por que você está tão frio como o gelo esta noite?

Seu peito subiu depois desceu. — Sim. — Ele descongelou um pouco, relaxando seus ombros. Ele esfregou seu punho sobre a testa. — Eu tentei ontem à noite mudar as coisas, mas Endelle não fala comigo. Eu até chamei Harding, o líder do Comitê de merda, mas ele foi tão útil como a merda de rato.

— Eu posso criar um campo, de qualquer maneira, correto?

Ele balançou a cabeça. — Você conhece minhas memórias. Leto tem poderes avançados, como você, como eu. Não lance um campo a menos que você saiba que poderá contê-lo.

Ela balançou a cabeça. Certo... nada de campos, a menos que ela estivesse certa. Então, como diabos ela supostamente poderia ter certeza?

Ela virou-se para longe dele. Seus olhos queimavam. Caramba, ela não queria chorar, apenas como seria isso certo ou justo? O que ela fez para merecer ser condenada desta forma?

Ela pensou no desespero que percebeu em Kerrick em vários momentos durante o seu conhecimento tão-demasiado-breve com ele.

Ela começou a entender.

— Eu deixei você dormir enquanto pude, mas a competição ocorre em pouco menos de uma hora. Endelle enviou roupas de batalha, e você precisa comer. A refeição já foi preparada. — Suspirou. — Você deve se preparar para partir.

Ela afastou-se dele na intenção de retornar ao quarto, mas seu instinto não a deixava. Ela se virou para ele e se aproximou mais uma vez. Ela encontrou seu olhar e se estendeu com a sua empatia. Ela encontrou seu desespero familiar como gumes de facas, sim, a sua culpa profundamente enraizada.

Pensou em tudo o que fez por ela, tudo o que deu em fazer amor com ela, em ser capaz de lidar com seu poder absurdo. Ela colocou uma mão em seu rosto e ele a pegou com a sua, pressionando duramente.

— Kerrick, você não é responsável por isso.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

O rosto dele contorceu como se ela o tivesse ferido.

Ela clamou, — Maldição, escute-me, e escute-me muito bem. Eu escolhi ascender mesmo quando eu já havia visto você matar um vampiro da morte, uma criatura que afirmou muito claramente que vinha para me matar, para tomar o meu sangue. Eu sabia que quando eu joguei essa explosão de mão na passagem que não estava de partida para uma viagem para a Disneylândia. Darian escolheu cometer atos vis, atos desprezíveis. Outros cederam a sua sedução e caíram. Você não tem culpa de nada disso.

Sua mandíbula se contraiu como ela viu tantas vezes se mexer, como se tentasse mastigar mármores. Seu tórax mais uma vez moveu-se para cima e para baixo, desta vez em respirações ainda mais profunda. A terapeuta em Alison ouviu um tinir estridente dos sinos, um aviso de que algo precisava ser tratado aqui, agora. Quantas vezes viu isso antes em seus clientes, aquele olhar impassível que era realmente apenas uma parede de vidro, que algumas palavras pertinentes e alguma persuasão forte quebraria?

No entanto, esse tipo de esforço sempre tomava rapidamente momento a momento e ela certamente não teria tempo agora para ajudá-lo completamente. Mas ela seria capaz de apostar sua vida que o desespero que vivia em Kerrick esteve com ele desde o momento em que ele ascendeu a Segunda Terra. Ela sabia isso da mesma forma que ela sabia que o sol se levantava no leste e se punha no oeste.

Seus pés começaram a mover-se novamente, contatos gélidos contra o piso frio. Quando ela chegou ao quarto, viu roupas de batalha de couro preto, tão flexível como veludo, pendurado na ponta do armário. Só então vieram as lágrimas. De alguma forma, era um traje feminino de batalha, com botas de couro, que trouxe a realidade da situação até ela. Ela estava indo contra um ex-guerreiro de Sangue. Como diabos ela supostamente deveria sobreviver a isso?

Espetáculo,
A força vital de uma sociedade,
Uma reflexão escassa,
A fita em torno das dificuldades da vida,
O desafio do universo.
Poemas coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 18

Crace desfilou com sua esposa para cima e para baixo pelo corredor de segundo nível da Arena da Segunda Tolleson, uma longa passagem em torno da metade do enorme edifício do Comandante, um caminho desenhado para a exposição, mostrar-se e demonstração, para saudação dos iguais, para deixar os da estação debaixo saberem quão inferiores eles eram.

Ele estava em seu elemento, aquele lugar público da sociedade ranqueava com o mais puro prazer desde simples avarentos até as almas mais sedentas de poder. No entanto, o melhor de tudo era Julianna, cuja beleza e curvas eram inigualáveis.

Julianna caminhava majestosamente, com a cabeça erguida, o pescoço envolto em um colar rígido e elegante que se espalhava para os ombros e era anexado as longas mangas de renda. Seu vestido, todo branco e bordado com pérolas, era cortado muito baixo, mostrando quase a totalidade de seus seios perfeitos. Ele amamentou-os mais cedo e a fez gritar mais de uma vez. Sua amada tinha os seios mais tenros e eróticos e gozava tão facilmente debaixo de sua boca.

Como ele a amava.

No entanto, oh, como ele amava mais este momento de triunfo. Ele não deveria estar tão exultante, mas o teto começou a se recolher e porque ele trabalhara durante as últimas trinta horas para puxar em cada favor que deviam a ele em todo o continente norte-americano, bem como na China, ele sabia que este espetáculo ofuscaria a todos eles.

Um conjunto completo de orquestra tocava a Quinta de Beethoven, uma escolha bastante ostensiva, mas então por que não, diabos? Seu futuro seria decidido hoje à noite e por que não deixar a inevitável celebração começar agora?

Ele prestou uma visita a Leto no vestiário e oh, quão magnífico o guerreiro pareceu em seu kilt de couro preto, o peito nu oleado, e determinação concentrada em seus olhos azuis. O coração de Crace inchou ante a lembrança.

— O telhado está totalmente retraído agora — Julianna gritou, seu olhar fixo no alto. Ela lançou seu braço, em seguida, bateu palmas desde que ela tinha um amor especial pelos fogos de artifício.

A batida distante começou e o céu encheu-se com um arco-íris de cores brilhantes. A multidão gritou o seu apreço pelas grandes explosões de luz que revelavam criaturas místicas em todas as tonalidades, parecendo joias debaixo do sol. Depois de completamente formadas no ar, as criaturas começavam a se mover, a voar em arcos acima da vasta multidão de cerca de 50 mil espectadores. Havia apenas um lugar onde existiriam fogos de artifício como esses: na criativa Segunda Pequim. Sim, Crace cobrara alguns favores, mas para grande efeito, pois, conseguia que uma multidão gemesse, suspirasse, e gritasse.

No meio das luzes brilhantes e em movimento, vários esquadrões de cisnes treinados voavam em padrões organizados, guiados por atores dos teatros ao vivo próximos a eles, tudo em completa apresentação e em trajes esplêndido turbilhonantes, de forma que muito em breve o plano superior da arena estaria cheio do que todos os ascendidos adoravam, pelo inferno, o que todos os mortais e vampiros ascendidos adoravam... um espetáculo.

A multidão aplaudia e de repente ele sentiu a presença do mestre ao lado dele. — Bem feito, Alto Administrador Crace. Um excelente começo.

Crace virou-se e curvou-se, atraindo sua mulher para encontrar o Comandante. Este era um dos melhores usos que tinha para sua esposa amada. Ela mergulhou em uma reverência muito bonita, e o olhar do Comandante foi atraído para os seios bonitos, agora atingindo o pico da excitação pelos fogos de artifício e empurrando duro para todas aquelas pérolas.

— Julianna — sua voz profunda e suave fluiu sobre ela.

— Comandante.

No entanto, o mestre nunca foi acanhado e desviou o olhar para Crace. Ele chegou mesmo a plantar uma mão em seu ombro. — Você fez bem.

Crace arrastou uma respiração profunda. Tal abundante louvor. Ele se sentia tonto, e visões de Genebra fizeram um elegante Fred Astaire sapatear em sua cabeça. Ele podia sentir a almofada do macio couro negro debaixo de seu traseiro. A mão direita de Deus.

O Comandante apenas balançou a cabeça, ofereceu um pequeno arco, e depois desapareceu.

— Ele é sempre tão elegante — Julianna murmurou.

Quando ele olhou para sua esposa, ele viu o rubor em seu rosto e seus lábios inchados. Ele franziu a testa de repente. Ele reconheceu o seu estado de excitação. Ela estivera exatamente assim há menos de uma hora atrás. Uma busca rápida de sua mente disse que ele não era o foco do interesse dela.

A partir do momento que ele encontrou sua esposa, ele a amara, quase ao ponto da loucura. Só uma coisa ultrapassava sua devoção a ela, sua devoção ao seu mestre. Pela primeira vez, ele se perguntou se havia alguma coisa que depois de tudo ele não faria por sua divindade.

Doce Jesus. Um arrepio de medo disparou em linha reta através de seu coração, porque ele não sabia se poderia escolher entre sua esposa e o Comandante Greaves... nunca.



Às vezes a vida, ascendida ou não, apenas era um saco.

Alison ficou ao lado Kerrick no que parecia ser o seu vestiário básico. Ela ficou em silêncio, chocada. Além do corredor ela podia ouvir uma orquestra florescente, vibrando na Quinta de Beethoven.

Espetáculo.

E ela era a atração, a estrela principal.

Ótimo. Simplesmente ótimo.

Ela balançou a cabeça. Isso não podia estar acontecendo.

Ela olhou em volta tentando descobrir o que uma terapeuta dedicada da velha e normal Terra Mortal estava fazendo toda vestida de couro negro, preparando-se para a batalha contra um vampiro guerreiro da Segunda Terra.

Sequer pensar sobre esta questão ameaçou mandá-la direto em parafuso. Ela sentiu a histeria crescendo, como se mãos grossas agarrassem suas costelas em uma tentativa de forçar o ar para fora de seus pulmões. Ela queria abrir a boca e gritar.

Em vez disso, ela respirou uma vez, depois outra, depois outra, embora seu coração batesse com tanta força que as orelhas vibrassem.

Ela olhou para Kerrick, procurando algum tipo de apoio ou compreensão, mas ele estava retirado dentro da fortaleza de sua própria mente. E por que não estaria? O homem vivia com a culpa empilhada tão profundamente em sua alma que ele não conseguia se mover ou pensar direito. Ela entendia isso agora. Mesmo que ele não fosse o culpado por esta situação ridícula, ele sustentava em seus ombros a responsabilidade de qualquer maneira.

Então, lá estava ela... sozinha. O que já era uma sensação familiar.

O sonho não durou muito tempo, a profunda ligação com outro ser humano, embora ele fosse imortal, o sentido de partilha, de trabalhar as coisas juntos. Não havia união aqui, apenas Alison tentando encontrar a coragem para dar mais um passo numa estrada que ainda não fizera muito sentido.

— Enfim, ascendente Wells. Então, deixe-me dar uma olhada em você.

Alison ouviu uma voz forte e feminina atrás dela. Ela se virou e ali, a menos de dez metros de distância, estava Endelle, em plena glória, suas asas uma luz dourada. Ela reconheceu-a das memórias de Kerrick, embora suas asas fossem de uma cor diferente. Primeiro amarelas, em seguida negras, quando ela se irritava com Kerrick. Ela era uma mulher alta e extremamente bonita, cabelos negros e grossos, pele morena, traços fortes, uma rainha da beleza do Oriente Médio. Ela usava camurça marrom escuro, muito dela, esculpida no seu corpo, e uma capa do que parecia ser vison. Ela deu uma impressão de fundir antigo e moderno. Ela também era um pesadelo ambulante para o PETA[10].

Então, aqui estava ela, ela que era Eterna, a Governante de toda a Segunda Terra, Sua Supremacia, Madame Endelle.

Em carne e osso, a mulher respondeu, dentro da cabeça de Alison, simplesmente assim.

Alison a alcançou com sua empatia, sem pensar. Endelle estreitou os olhos, — Não em sua vida, ascendente.

Alison recuou. — Aceite minhas desculpas. É um velho hábito.

Endelle assentiu. — Entendido. — Virando-se para Kerrick, ela disse: — Faça as apresentações, Guerreiro. Eu gostaria de conhecer formalmente a mulher que veio fazer da minha vida um baile de merda.

Ao ouvir estas palavras Kerrick deu um protetor passo mais perto de Alison, o único sinal de que ele estava ciente dela. — Madame Suprema Alta Administradora, permita-me apresentar a ascendente Alison Wells, previamente de Carefree, Arizona, Terra Mortal. Ascendente Wells, Madame Endelle, Suprema Alta Administradora, Segunda Terra.

Alison sustentou o olhar de Endelle. Mais do que qualquer coisa, ela sabia que olhava para o seu futuro em todas as suas formas. Kerrick disse a ela que só Endelle ascendeu com os mesmos níveis de poderes que Alison agora possuía. Ela também entendeu que Sua Supremacia, como os guerreiros a chamavam, deveria ter avançado para uma dimensão superior há milênios atrás, apenas permanecendo na Terra para servir como uma força necessária contra o Comandante.

[10] *P.E.T.A (People for the Ethical Treatment of Animals) Principal organização não governamental internacional pelos direitos dos animais.*

Endelle olhou para cima e para baixo. *Rabo de cavalo era uma boa ideia*, ela enviou. *Trajes de couro combinam com você. É provavelmente uma boa coisa que este homem não possa superar sua raiva agora, caso contrário, ele estaria em cima de você.*

Sem realmente pensar, Alison enviou de volta, *acho que você pode ter algumas questões pendentes.*

— Questões pendentes? — Endelle clamou em alta voz, dando um passo a frente, as pontas de cada pena das asas se frisando. — Você pretende vir com essa sua psico-porcaria de merda comigo, ascendente Wells?

Alison balançou a cabeça. — Nem um pouco. Eu estou dizendo que eu não pretendo discutir minha vida amorosa com você.

— Seja como for.

As asas de Endelle atingiram todo o caminho até a altura do teto, enquanto sua envergadura assumia, pelo menos, um combinado de seis metros, maiores do que as de Kerrick. A atual configuração significava que, quando em pleno voo, com as asas estendidas na medida em que poderiam chegar, meu Deus, a envergadura iria chegar a mais de doze metros de ponta a ponta.

— Deixe-me falar claramente sobre o embate de hoje — disse Endelle. — Você tem apenas uma missão aqui, que é colocar Leto no chão. Assim faça-o, ascendente. Saiba que estou contando com você.

— Então você vai apostar no cavalo errado — Alison clamou. — Eu odeio ser a única a decepcionar você, mas a última vez que verifiquei, eu era uma terapeuta, não uma guerreira. Tenho dificuldade em matar moscas.

— Escute, senhorita, onde diabos você pensa que está? Umas férias em St. Croix? Esta é a fodida Segunda Terra e você está lutando para permanecer viva. Consiga se reprogramar e começar a se concentrar em levar o bastardo abaixo. Eu vi seu treinamento e tudo em que você puder pensar, você pode fazer. Além disso, eu espero que você o faça. — Virou-se para Kerrick. — Você precisa conversar com sua mulher e deixá-la muito clara em relação a algumas coisas. Agora.

Ela ergueu o braço em um arco teatral, em seguida, desapareceu.



Kerrick respirava duramente. Ele se esforçava para manter seu temperamento sob controle, mas este último aviso, completamente insensível da governante de seu mundo conseguiu colocá-lo diretamente sobre a borda.

— Tanto para uma maldita conversa apimentada — Kerrick gritou. — Droga, eu devia ter avisado a você. Endelle dá uma má reputação ao nome das cadelas.

Ele queria dar um soco em alguma coisa. Forte. Suas mãos se fecharam em punhos e ficaram travadas. Ele rangeu os dentes. Ele não podia suportar o que estava acontecendo com

Alison, que estivesse sendo forçada a combater Leto na frente de dezenas de milhares de espectadores. Sentiu-se desarticulado, parecendo que ia rebentar pelas costuras, desmontar.

Ele odiava esta farsa, este festival de arena, que tinha apenas um propósito... a morte de Alison!

— Kerrick, como farei isso?

Suas palavras, o desespero em sua voz, o medo profundo em seus belos olhos azuis, tudo caiu sobre ele, o qual se lançou para ela, arrastando-a nos braços. Ele sentiu seu soluço contra ele, quando ela colocou os braços ao redor de sua cintura.

Kerrick. Kerrick, ela chorou dentro de sua mente.

Ele a apertou o tempo todo, acariciando suas costas. Ele queria dizer a ela que tudo ficaria bem, ele realmente queria. No entanto, seus temores mantiveram-no em silêncio.

Após um minuto, ela recuou, em seguida olhando para ele com os olhos molhados. Lavanda escorrendo sobre ele até que seus sentidos vacilaram, seu coração doía, e os seus joelhos se tornaram feitos de água.

Ela liberou sua cintura e respirou irregularmente. Limpou o rosto com os dedos trêmulos.

Cristo. Ele teve que se esforçar para manter-se fodidamente unido agora. Em frente a ele havia uma guerreira novata que em breve iria para a batalha. Ele deveria pensar nela dessa maneira, não como a parte mais preciosa de sua vida.

Dobrou um lenço de papel em sua mão de Queen Creek. Ele enxugou seu rosto.

— Endelle acredita que você pode vencê-lo — disse ele. — Permita que isso seja a sua confiança.

— Ela realmente acha que eu posso derrotar Leto? — esperança tremulava nos olhos dela.

— Sim. Ela disse isso na noite passada. Ela nos disse que éramos um bando de vampiros sem fé, porque você possuía mais poder do que você sabia. Portanto, tome coragem a partir da crença dela em você e deixe as imagens que eu te dei assumirem. Basta lembrar-se, Leto é poderoso por isso não tente nenhum truque especial, a menos que você esteja certa de que vá prevalecer. Diga-me que você entende o que estou dizendo a você. Leto... é um vampiro astuto, um guerreiro habilidoso. Eu lutei ao lado dele durante séculos. Esteja preparada para qualquer coisa.

Ela balançou a cabeça em um aceno rápido. — Sim. Sim. Estar preparada para qualquer coisa.

— Além disso, lembre-se que ele tem pontos fracos, como qualquer guerreiro. Encontre o dele e você vai vencê-lo, e não duvide nem por um segundo de que ele vai tentar desgastá-la ao máximo.

Ela assentiu com a cabeça mais uma vez.

Isto era melhor. Mesmo alguns dos seus próprios medos diminuíram.

Em um movimento brusco, ele puxou-a em seus braços novamente, em seguida, beijou duramente nos lábios. Ela respondeu ao seu beijo, sua despedida nos lábios. Ele gemeu quando enfiou a língua em sua boca, desejando que pudesse levá-la de volta para Queen Creek, levá-la para a cama e mantê-la lá... para sempre.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele a liberou para pousar suas mãos em seus ombros. — Você pode fazer isso.

Ela balançou a cabeça como se entendesse ainda que o medo era transmitido a partir de sua névoa como da terra úmida.

Ele sentiu um deslocamento de ar na parte de trás de suas pernas. Girando, plantou-se diante de Alison, trazendo a espada à mão no mesmo instante, para o caso de que o que estava chegando, não fosse amigável.

Mas Havily materializou-se na frente dele, parecendo profissional como sempre em um terno azul-marinho, com o cabelo vermelho em ondas sobre os ombros. Ele deslocou-se para voltar ao lado de Alison, teleportando sua espada de volta ao seu armário de armas.

— Ei, Havily — disse ele.

Ela balançou a cabeça. — Boa noite, Guerreiro Kerrick, ascendente Wells. Estarei atuando como Oficial de Ligação de Alison ao longo da batalha. — Ela pousou seu olhar sobre Alison. — Se você tem alguma dúvida sobre o evento do espetáculo, eu farei o meu melhor para respondê-las. Estarei acompanhando você até o piso da arena, bem como a servindo durante todo o evento.

— Oh, graças a Deus — Alison sussurrou. — Eu pensei que estaria completamente sozinha.

Kerrick olhou para ela, desejando como o inferno que ele pudesse tirar isso dela. — Havily vai cuidar bem de você. Tudo que você precisa fazer é pedir. Certo, Havily?

— Claro, Guerreiro Kerrick.

— Bom. Eu vou acompanhar ambas até o topo da rampa, então vou juntar-me aos Guerreiros de Sangue. Havily, por que você não acompanha Alison através do processo a partir do momento que saiamos desta sala.

A voz de Havily fluía, uma cadência melodiosa e suave, enquanto explicava a mecânica do que Alison poderia esperar uma vez que ela fizesse sua aparição na arena designada.

Poucos minutos depois, um assistente apareceu na porta com prancheta na mão, pressionando seu fone de ouvido. Ele acenou para frente.

Hora do Show.



A cabeça de Alison latejava, seu coração disparou como o de uma lebre correndo para se esconder, e os joelhos simplesmente desapareceram do lugar. Ela com certeza não podia sentir seus pés.

Isto estava realmente acontecendo?

Ela sentia-se tonta, desorientada, não exatamente dentro de seu corpo.

Oh, Deus.

Uma vez no corredor, Kerrick assumiu um lugar à sua direita e Havily à sua esquerda. O fim do corredor parecia estar a cerca de dez quilômetros de distância. Ei, quando ela ia começar a andar?

Ela lutava para respirar. Ela repetia uma única linha em sua cabeça: eu posso fazer isso... eu posso fazer isso... eu posso fazer isso...

Certo.

Certo.

De repente, o corredor era muito curto e três segundos depois ela chegou na abertura em arco para a arena reservada. Havily pegou seu cotovelo e a impediu de ir mais longe. — Vamos esperar aqui por apenas um momento. — A fumaça dos fogos de artifício inundava o ar e inúmeras câmeras de televisão robótica estavam colocadas em todos os lugares, pelo menos quatro não muito longe dela. Ela deixou seu olhar à deriva sobre a visão impossível de cinquenta mil espectadores. A facção de Endelle ocupava milhares de lugares à esquerda, enquanto o vasto exército do Comandante, em uniforme marrom e preto, sentava-se no lado oposto a Sua Supremacia.

Quando o rosto de Alison apareceu de uma só vez na dúzia de enormes telões posicionados ao longo da arena, os espectadores irromperam em um furacão de gritos, aplausos, vaias e pisar dos pés.

Oh. Deus.

Kerrick agarrou o braço dela. Ela olhou para ele. Ele encontrou seu olhar, sua expressão era feroz, mas ele não disse nada. Ele apenas acenou com a cabeça uma vez muito firmemente, em seguida, partiu, movendo-se atrás dela.

Eu posso fazer isso.

Ela sentiu a mão de Havily sobre suas costas muito suavemente, um suporte e apoio muito bem-vindo. O gesto reconfortante permitiu, finalmente, buscar uma respiração profunda.

— Isto parece o Super Bowl — ela gritou.

Havily assentiu. Ela se inclinou e falou em seu ouvido. — É tempo para a próxima etapa da sua jornada. Você está pronta?

Alison olhou para ela e bufou. Inclinando-se também para perto, ela disse, — E eu tenho alguma escolha?

Havily balançou a cabeça. Ela endireitou sua coluna. — Libere toda a sua fúria, ascendente.

Ela guiou Alison para a borda do campo de batalha mais isolada, um lago de esteiras negras marcava com dois opostos brilhantemente brancos.

Uma vez nas cordas, Havily parou. Os aplausos não cessaram, nem o pisar de pés, nem as vaias durante toda a sua marcha. Mais uma vez, em várias telas bem colocadas ela viu seu rosto, sua expressão séria, conforme Havily se inclinava e falava em seu ouvido.

— A área à esquerda pertence à facção de Endelle e a oposta, é claro, é do Comandante. Quando você ouvir o sino você deve parar qualquer tipo de combate e voltar para o diagrama branco no piso mais próximo à Endelle. Eu vos trarei bebidas restaurativas.

Ela então inclinou a cabeça e olhou na direção das arquibancadas. — Você deve manifestar sua saudação à Madame Endelle neste momento.

Alison seguiu seu olhar e viu quando a Alta Administradora Suprema da Segunda Terra acenava para ela. Alison se voltou e deu um mergulho formal de seu queixo. Os Guerreiros de

Sangue ladeavam Sua Supremacia, quatro à sua direita e quatro à sua esquerda. Eles usavam o mesmo traje formal como Kerrick. Todos permaneceram sentados. Além deles, milhares de guerreiros da Milícia, tanto masculinos quantos femininos, ficaram aplaudindo, gritando e batendo com os pés. Seu olhar deslizou para Kerrick, sentado à esquerda de Endelle. Ele encontrou seu olhar, colocou um punho fechado sobre o seu coração, então inclinou a cabeça para ela. Embora o gesto trouxesse lágrimas aos seus olhos, ele também a acalmou, aliviando-a.

Pelo menos até Havily acenar com uma varredura de sua mão ao quebrar as cordas.

Chegou a hora.

Seu coração batia no peito, na garganta e na cabeça dela. Suas orelhas vibravam. Mais uma vez, ela não podia sentir seus pés.

Antes de dar este último passo, ela olhou para Havily, que encontrou seu olhar, então enviou, *eu estou clamando ao Criador por auxílio em seu nome.* Ela ofereceu um solene arco formal, em seguida, virou-se e caminhou naquela sua forma serena para ocupar um assento na primeira fila entre outros vestidos com trajes formais de executivos.

Alison, de repente desejava estar de volta em rotina diária em Nova Iorque, indo para a biblioteca, ou ao Starbucks, ou ao clube mais próximo. Ela desejava nunca ter ouvido falar de Fronteiras ou de Passagens ou de Segunda Terra. E por que na terra precisava ter enviado essa explosão de mão no ar?

Tarde demais agora.

No momento em que ela pisou pela abertura nas cordas, os decibéis da gritaria de ambos os lados aumentaram exponencialmente. Ela moveu-se para tomar seu lugar no losango branco, de costas para a Alta Administradora Suprema.

Ela examinou a linha oposta e seu olhar pousou sobre o Comandante, em Darian, seu ex-cliente, agora seu inimigo. Ele sentava-se em um tablado elevado sobre uma cadeira muito grande, com um espaldar alto e esculpido. Ela ainda questionava o porquê de ele ter feito um ano de terapia, o que ele poderia querer com aquilo e por que ele escolheu um lugar tão público para orquestrar sua morte.

Sua facção era surpreendentemente desprovida de pompa e esplendor, mas então aquele não era realmente o seu estilo. Seus generais ostentavam algumas penas e chapéus interessantes, que lembra os usados em um par de séculos atrás. No entanto, em milhares de acentos além deles, seus guerreiros vampiros da morte, muitos deles vestiam simples uniformes negros, a peça da frente dobrada para revelar um triângulo marrom. Em contraste, o Comandante usava um de seus ternos elegantes, uma camisa branca e uma gravata marrom e preta. Sem cinto, sem capacete de influência romana, nenhuma linha grossa de medalhas, nenhuma trança.

Ele apareceu, portanto, como ela sempre o conheceu, a maneira como ele chegara ao seu escritório em seu caro terno de lã. Sua cabeça careca brilhava belamente moldada pelas luzes poderosas do ginásio. Ele se inclinou para um lado, um pouco à sua esquerda, ambos os pulsos pousados nos braços da cadeira. Ele parecia descontraído, mas totalmente no comando. Poder pairava sobre ele, em torno dele, através dele.

Ela teria realmente conhecido ele?

A resposta precisava ser não.

Embora seu exército continuasse a ovação ante sua presença, o Comandante encontrou seu olhar, sorriu, depois inclinou a cabeça como se nada mais estivesse em jogo do que os resultados de uma corrida de ovo na colher em um piquenique.

Ou o que quer que seja.

Incerta do que exatamente era esperado dela, ela então pensou que se ela ia lutar contra um dos generais mais poderosos do Comandante, deveria estar armada. Assim que o pensamento surgiu em sua mente, sua espada personalizada apareceu em sua mão direita, uma manobra única, rápida, seus dedos em volta do punho de couro.

Uma imensa alegria cobrou vida por trás dela, juntamente com uma renovada e vigorosa onda de bater dos pés. Ela assumiu a postura de uma guerreira, aprendida com memórias de Kerrick, então desenhou a ponta da espada sobre a esteira macia. Ela esperava agora com a mão esquerda atrás das costas.

A multidão de Endelle continuava a torcer e vibrar, outra demonstração de apoio, o que diminuiu um pouco a sua pressão arterial e disparou a sua determinação.

Depois de um minuto inteiro de pé, com sua espada equilibrada ao lado dela, o exército Endelle começou uma vaia repentina.

O Guerreiro escolhido para seu inimigo se aproximava, embora a partir de onde estava ainda não podia vê-lo. Ela observava as câmeras flutuantes, porém, estacionados do lado de fora do arco de um túnel na diagonal de sua posição. Um momento mais e seu rosto apareceu na tela, seguido mais uma vez, por um aumento acentuado na resposta da audiência.

Alison tomou uma respiração afiada.

Leto. O guerreiro que desceu através da Passagem, que jogou a bomba trituradora no beco, que apareceu na rua ladeado por vampiros da morte enquanto Kerrick dirigiu seu absurdamente pequeno Nova toda a distância do centro de Phoenix até a Fronteira.

Leto. Ex-Guerreiro de Sangue. O General braço direito do Comandante. Um traidor.

Deus a ajude.

Por um minuto inteiro ele ficou apenas fora de seu alcance de visão, mas ele usou as câmeras para incitar a multidão com uma feroz expressão, que deixou os guerreiros atrás dela em uma fúria de estampidos com os pés e vozes gritando, uma tempestade de raiva.

Quando ele finalmente apareceu, ela trabalhou duro para manter a sua compostura. Leto superava com facilidade a altura do Kerrick. Ele era muito bonito e usava o cabelo preto puxado para trás na cadroen tradicional de Guerreiro, que ela tomou como um reflexo de sua exposição como Guerreiro de Sangue. Além de sua altura, e também como Kerrick, seus ombros eram intermináveis. Ele usava um kilt de couro preto de batalha, caneleiras e sandálias também de couro negro. Ele untou seu peito nu, o que enfatizava seus peitorais enormes e sólidos abdominais ondulados. Enquanto caminhava, ele carregava sua espada arrogantemente equilibrada contra o seu ombro. Manteve o olhar preso no dela, seus lábios uma linha sombria, com o queixo abaixado.

Ela endireitou os ombros um pouco mais e levantou uma sobrancelha.

Os lábios dele formaram um sorriso perfeito.

Ela respirou fundo e seu coração estabeleceu um ritmo furioso. Como em toda a terra ela poderia ir para a batalha contra este homem, ou vampiro, ou o que for?

Ela imaginou se ela poderia tocar sua mente. Ela enviou uma sonda suave. Estendeu-se, roçando seus pensamentos. Ela o viu dar um passo para trás, mas não podia ir mais longe. Ele tinha escudos, escudos pesados.

Ele desviou o olhar para longe dela. Brincava com a multidão enquanto cruzava o espaço. Ergueu as mãos para o ar, a sua espada agora equilibrada entre os dois. Ele incentivava os aplausos e vaias conforme andava. A multidão rugia. Os Guerreiros de Thorne o insultavam na medida em que as forças opostas enviavam um tsunami de vaias contra ela.

Quando ele viajou de um lado para o outro ele fez o seu caminho de volta até o meio e em seguida, virou em sua direção, abrindo caminho direto para ela.

Será que ele atacaria imediatamente? Era isso? Será que a batalha começaria agora, sem preâmbulo, sem aviso, apenas... luta?

Ela firmou sua base no solo, sua espada ainda inclinada para baixo em uma posição passiva. A arena inteira ficou em silêncio. Ela se estendeu com seus sentidos. Conseguia ouvir a cadência firme da respiração de Leto, as confiantes batidas de seu coração. Ela poderia ler suas reações e suas intenções trocando de um segundo para o outro. Isto, pelo menos, ela tinha o poder de fazer.

Mesmo quando ele veio em sua direção, ela manteve sua espada na mesma posição, a ponta pressionada firmemente contra a esteira.

Assim que ele esteve a não mais de dois metros à frente dela, ela entendeu que ele estava testando sua coragem conforme ele olhava para ela e prendia o seu olhar. Ele tinha os olhos azuis, expressivos e intensos olhos azuis. Uma coisa sobre os Guerreiros de Sangue traidores, ou não, eles tendiam a serem os melhores exemplos da espécie masculina, definidos, poderosos e lindos. Leto não era nada menos do que isso.

Ela não deixou o seu olhar vacilar para longe do dele. Ela sentia que neste momento ele queria desafiar a sua coragem, mas não atacar, não machucar.

Ela baixou os ombros uma fração de polegada. — Traga tudo, Guerreiro — disse ela suavemente.

Um leve sorriso curvava seus lábios conforme ele estreitava o olhar. Ele virou-se e brandiu sua espada em um arco rápido, alcançando uma polegada da base de seu pescoço.

O suspiro que voou por cima de toda a circunferência da arena soou como uma rajada de vento. Assim, cinquenta mil pessoas esperavam que ela morresse sem ter uma vez levantado a espada.

Mais uma vez, que fosse.

Por um longo momento, Leto manteve a lâmina preparada em seu pescoço, então aclamações e aplausos irromperam pela maioria dos espectadores, um som selvagem que durou por pelo menos um minuto. Durante todo o tempo, a espada de Leto pairou junto ao seu pescoço, imóvel, com as mãos firme como uma rocha.

Quando finalmente os aplausos cessaram, ela disse: — Eu sou a ascendente Wells. — Ela podia ouvir sua voz amplificada por toda a arena, uma experiência simplesmente bizarra por si

mesmo. No entanto, ela não se deixou deter enquanto continuava, — Eu acredito que você estava acima da Passagem duas noites atrás. Posso pelo menos ter uma apresentação antes de começarmos?

Ele retirou sua espada do seu pescoço, sua expressão um pouco confusa. — Eu poderia ter matado você agora. — Sua voz tinha uma ressonância requintada e também repercutiu por todo o comprimento, altura e largura do enorme edifício.

Ela balançou a cabeça. — Não. Esta não era sua intenção.

— Então você me lê também. — Ele fez uma reverência para ela. — Pelo menos eu enfrentarei uma adversária digna. Mas não se engane, Alison Wells. Meu nome é Leto, eu sou um general do exército do Comandante, e dada a oportunidade eu vou acabar com sua vida.

— Entendido — ela devolveu.

Ele estreitou os olhos.

Ele se virou.

Apenas depois que ele caminhou quinze passos para longe dela, ela finalmente levantou a espada. Tudo em seu comportamento havia mudado. Ela sentiu como se ele tivesse ateado fogo em um braseiro.

Ele virou-se e atacou em um rápido giro mortal. Ela sabia que ele esperou golpeá-la de pronto e terminar a competição em um golpe. Mas ela já havia teleportado para trás, fora do seu alcance. Ele virou-se novamente e cortou em direção a ela, uma matriz alucinante de fatiar e espedaçar.

A batalha ia adiante.

Pelo primeiro minuto ela ouviu a loucura da torcida, a multidão rosnando, batendo, gritando. Pouco tempo depois, no entanto, tudo desapareceu de sua consciência, exceto Leto, sua espada e seus movimentos. Ela só o via. Ela mergulhou para aprender a sutileza de seus sinais conforme ela fazia uso de sua verdadeira arma, sua capacidade de antecipar-se a ele, assim como Kerrick ensinara.

A única estratégia que ela poderia compor a esta altura era de natureza defensiva contra tão experiente guerreiro. Ele era um homem poderoso, mas mesmo assim ele poderia ser derrubado, se ela o deixasse provar sua espada. Ela entendia o poder da lâmina, a queimadura, a agudeza dos cortes provocados pelos armamentos da Segunda Terra. Ela não sabia como eles eram fabricados, mas ela sabia que eles cortavam como as infames espadas samurai.

Ele se movia tão rapidamente quanto Kerrick. Ele mantinha seu gingado e seu dobrar. Após alguns minutos, ela percebeu que havia definido a sua estratégia. Ele era fisicamente mais forte com uma profunda resistência e ele queria combatê-la até a exaustão. Simples assim.

Ela não tinha dúvida de que ele poderia ter sucesso. Apesar de ela ser capaz de igualar sua habilidade, ele iria durar mais do que ela.

Quinze minutos depois de iniciada a batalha, um sino soou.

Leto recuou e se inclinou para ela. Ele se virou e se dirigiu ao seu quadrilátero branco, na direção do Comandante.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Alison esperou antes de tomar a direção oposta. Ela se estendeu para saber a sua intenção. O que veio de volta para ela era apenas sua necessidade de água.

Garantindo-se de que ele não iria atacar, ela se virou para enfrentar o aplauso do contingente de Endelle. Havily trouxe uma taça que continha Gatorade, graças a Deus. Ela bebeu devagar, saboreando.

— Seja rápida, ascendente Wells. A pausa é de apenas trinta segundos de duração.

Oh, Deus.

Ela engoliu o restante da bebida.

O sino soou.

Ela sentia os cabelos na base do seu pescoço se arrepiando. Ela se virou e Leto já estava em cima dela. Ela teve uma fração de segundo para dobrar para fora do caminho, mas logo antes que ela o fizesse, ela tocou a espada na parte de trás de sua perna. Ele tropeçou e caiu para frente. Sangue jorrou de um corte comprido e muito profundo.

Ela o cortou.

Ela o cortou.

Seu estômago embrulhou. Ela trouxe sua espada para cima, preparando-se para vê-lo subir em um borrão de movimento e assaltá-la novamente. Ao contrário, ele capotou, mas permaneceu sentado, os olhos arregalados, enquanto olhava para ela.

Agora, ele esperava por ela, para que fizesse seu próximo movimento.

Por quê?

Ela olhou para as esteiras. Sangue se derramava da ferida, formando um lago brilhante debaixo de sua perna. Ele colocou sua espada ao lado dele e colocou as duas mãos sobre a ferida.

Puta merda! Ela conseguiu romper o tendão dele? Oh, meu Deus, ela o tinha, o que significava que ela podia terminar o embate neste exato momento, exatamente agora.

Um brado de alegria se levantou de facção de Endelle em um único grito para acabar com ele. Ele continuava a olhar para ela, sua expressão era intensa.

É claro. Ele estava curando sua perna.

Termine com ele. Ela atirou um olhar para Endelle, cuja voz perfurou sua cabeça. *Acabe com ele, ascendente. Você tem a chance. Acabe com ele agora.*

Alison tinha uma escolha a fazer. Ela poderia simplificar sua vida agora tirando um jogador-chave da guerra, por obrigação à Endelle, fazendo milhares de guerreiros da Milícia felizes.

Havia apenas um problema.

Ela não era uma guerreira. Ela escolhera uma profissão de cura como trabalho de sua vida. Ela tinha a alma de uma pacifista e uma antipatia a causar dor de qualquer tipo, mesmo àqueles que a mereciam. Tirar a vida de Leto ia contra as profundezas de seu caráter.

Ela tinha, portanto, apenas um recurso. Ela se afastou dele.

A multidão entrou em um frenesi de gritos, pelo menos aqueles que queriam Leto morto. A facção de Endelle gritava coisas vis para ela e a vaiavam. Eles queriam uma morte e a queriam agora. Como tantas vezes antes desde que ela começou seu rito de ascensão, a Roma antiga veio à sua mente.

O conhecimento da horrível expectativa da multidão furiosa fez subir a raiva tudo de novo. Esta é a Segunda Terra?

Ela continuou se afastando. Ela balançou a cabeça para trás e para frente. Ela não podia matá-lo mesmo sabendo que ele não mostraria esse tipo de misericórdia para com ela. A forma como seu braço tremia, mesmo agora, ainda no início de tal compromisso, tudo o que ele precisava fazer era colocá-la abaixo e ele teria sucesso em seu objetivo.

Um sino soou. Leto realmente se levantou e caminhou para o seu quadrado em meio a aplausos da facção do Comandante. Ele havia curado sua perna. O vampiro tinha poder.

Alison voltou ao seu lugar, sua mente desordenada. Dada a força de suas convicções, ela pensou que provavelmente ela não conseguiria sair dali com vida. Que ela tivesse sido capaz de infligir tão grave corte foi um pequeno naco de sorte, nada mais. Sem dúvida, Leto sabia disto muito bem, e ele não iria cometer um erro semelhante.

Havily deu a taça. Enquanto ela bebia, colocou o seu olhar sobre Leto. Como na terra ela conseguiria derrotá-lo se ela não estava disposta a prejudicá-lo fisicamente?

Quando o sino soou de novo, Leto impulsionou-se para frente, mais rápido do que antes.

Seu ato de misericórdia despertou um demônio.

Ele se moveu tão rápido que ela mal o viu. Ela lutava com toda a habilidade que ela pôde conseguir, estampando imagens de Kerrick em batalha em um fluxo constante em sua mente, para que seus braços, suas pernas e todas as articulações do seu corpo soubessem como responder, mas sinceramente o quanto ela poderia resistir a este soberbo e poderoso guerreiro?

A partir de então, Leto pressionou a sua vantagem duramente. Ele usava sua força física para forçá-la em movimentos cada vez mais amplos. Minuto em cima de minuto, a respiração dela era mais laboriosa e forçada, seus músculos ficaram mais pesados pelo excesso de trabalho. Nesse ritmo, ela não iria durar muito mais tempo.

O sino soou.

Ela recebeu a taça de Havily e chupou o Gatorade para baixo como se estivesse caminhando através de um deserto por horas. Suor se derramava em seu corpo e ela amaldiçoou a pessoa que a enfiou em todo esse couro.

Ela mal se refrescara e sua respiração não acalmara de todo antes de Leto ir para ela novamente. Conforme seus tornozelos ficavam pesados, a coragem de Alison vacilava.

A voz de Kerrick enviou palavras como um tiro em sua cabeça. *Use a sua inteligência. Pense. Você pode vencê-lo.*

Sua presença teve um efeito, fortalecendo os músculos e reflexos enfraquecidos, bem como seu espírito.

Observe-o. Percebe como ele está ansioso para derrotá-la? Use isso contra ele.

Uma luz se acendeu e sua coragem voltou.

Daquele momento em diante, ela começou a planejar. Embora tivesse uma firme aversão a ferir o homem tão disposto a matá-la, poderia haver outra maneira de terminar a batalha. Ela sabia que a humilhação o feriria e talvez pudesse também torná-lo irresponsável.

— Leto — ela disse calmamente. Mais uma vez ela podia ouvir sua voz amplificada em torno da arena.

Ele fez uma careta e atacou mais tenazmente.

Ela levantou a espada para responder os golpes. — Você tem que saber agora. Eu não vou tirar sua vida.

— Então você é uma idiota! — ele gritou, sua voz ecoando também até o teto, com a espada cortando.

— Você tem que me dizer como você prefere acabar com essa disputa. Civilizadamente ou prefere ser humilhado na frente do Comandante e seu exército.

Estas palavras o enfureceram. Ele empurrou mais duro e selvagem. Ela teve sua resposta.

Ela se esquivou, dobrou, saltou para o ar. Sua ira empanou seus sentidos. Ela viu sua oportunidade.

Ela saltou de novo, rolou sobre os ombros dele, atingiu seu braço que brandia a espada com um golpe afiado, e atingiu-o na articulação do ombro. Ele caiu sobre seu estômago, a sua espada escorregando do seu braço. Ele tentou recuperá-la com os pés, mas ela colocou um escudo sobre seu corpo e o bloqueou com um pé em seu pescoço. Sangue bombeava a partir da ferida com cada batimento rápido de seu coração. Ele apertou os lábios em uma linha esticada. Seu rosto empalideceu.

Ela olhou para a oposição. Silêncio e horror voltaram para ela. Das fileiras de Endelle que estavam por trás dela, uma prece era gritada, — morte — começaram. Ela sentiu o sangue combinado dos guerreiros começar a subir. Ela ouviu seus gritos de triunfo enquanto clamavam pela morte de Leto, a morte do traidor.

Ela sabia que eles perderam inúmeros companheiros nas muitas batalhas que sofreram. Ela entendeu seu ódio pelo inimigo. Independentemente disso, ela não poderia tirar a vida deste guerreiro. Tudo dentro dela se rebelava contra a ideia.

Ela não era uma guerreira.

Ela tocou a mente de Leto. *Eu sei que você deseja a sua morte, mas eu me recuso a dá-la a você.*

Tenho orgulho de morrer como um guerreiro. Nada menos irá satisfazer-me. Acabe com isto.

Ela entrou mais profundamente em sua mente, fazendo o que Kerrick chamara de mergulho, a forma profunda de compromisso que permitiria que ela, uma vez dentro de sua cabeça, pudesse ver seus pensamentos, suas memórias. Ela esperava a resistência só para descobrir que ele havia liberado seus escudos... como se quisesse que ela o conhecesse.

Ela viu sua vida. Ela viu a família que ele perdeu para um esquadrão de vampiros da morte, alimentadores noturnos que estiveram perseguindo ascendentes em vez de pilhar os seres humanos na Terra Mortal. Ela conheceu seu nível de raiva, algo que ela viu em Kerrick antes da batalha. Ela encontrou outro escudo menor, um muito poderoso, e tenso. Em lentas passadas, o escudo cedeu e ela viu a verdade que não poderia ser contada. Oh, Deus, Leto era um agente duplo! Ela forjou um escudo mental imediatamente em torno da mente de Leto e de sua própria.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela sentiu o roçar de outras entidades tentando entrar, e sabia que ela tinha um mero segundo para absorver toda esta verdade. Ela engasgou.

Oh, Deus, Leto. O que devo fazer agora?

Mantenha o seu silêncio.

Feito.

Ela o liberou com lágrimas nos olhos.

Ela tirou o pé do pescoço dele, mas manteve o escudo prendendo-o no lugar. Sangue continuava bombeando de forma constante a partir da veia do braço. Ele morreria logo de qualquer forma pela perda de sangue se ela não fizesse algo. Ela moveu-se rapidamente, sabendo que se ela o salvasse, ele ainda seria forçado a atacá-la, apesar do que ela acabara de descobrir sobre ele.

Muito ruim.

Ela levantou a mão e encarou Leto nos olhos. Aguente firme... nós estamos indo dar um passeio.

Você não pode dobrar para fora daqui. Há escudos em toda parte.

Não vou dobrar.

Ela concentrou-se naquele pensamento. Ela pegou este pequeno pedaço de tempo e os dois passaram por um turbilhão até que ela rolou por cima do ombro na direção oposta e ficou do outro lado dele, sua espada levantada, embora congelada no lugar ao alto sobre a cabeça. — Que porra é essa? — ele gritou, sua voz ressonando através da arena.

O poder resultante ondulou em um círculo exterior, e exatamente como aconteceu em seu escritório, um troar sônico ribombou. Novamente, em ondas lentas, a maioria dos espectadores da Arena começou a torcer e aplaudir em gritos selvagens que cresciam cada vez mais alto diante da exposição inesperada dela.

A voz de Endelle entrou na cabeça dela uma vez mais. *Bem, agora você esta me mostrando algo, ascendente.*

Leto fez uma careta para ela. — O que você fez?

Alison deu de ombros. — Reversão do tempo de bolso.

Ele olhou em volta. — Quem diabos é você?

— Uma terapeuta, não um guerreira, ainda na esperança de ascender.

Ele fez uma careta. — Nós estamos lutando aqui. — Mas ela viu a tristeza em seus olhos.

Ela balançou a cabeça. — Não mais.

— Como o inferno — disse ele. À sua mente, ele enviou, *não tenho escolha, ascendente. Sinto muito.*

Ela sentiu sua intenção como uma bola de fogo em seu estômago. Para ela, no entanto, tudo acabara de mudar. Ela sabia o que tinha e agora ela não se conteria. Ela enviou uma devastadora explosão de mão que o jogou de costas, lançou um escudo, e mais uma vez colocou o pé no pescoço dele.

— Eu não sou uma guerreira — afirmou em voz clara. Ela olhou para o mais próximo das câmeras flutuante. — Eu. Não. Sou. Uma. Guerreira.

Ela liberou o escudo. Leto estava de pé em uma fração de segundo.

Ele enviou sua própria explosão de mão. Ela sentiu-o vir, sacudindo sua mão através do ar, enviou a explosão na direção do teto. Ela acenou com a mão novamente e todo o poder se transformou em uma tela enorme de fogos de artifício em todas as cores do arco-íris.

Aplausos trovejavam agora, exceto entre os exércitos inimigos. O silêncio enchia aqueles setores da arena. Cada um foi perdendo a esperança na vitória.

Ela enviou sua própria explosão de mão, desta vez arrancando a espada de Leto de sua mão. Ela trouxe a espada na direção dela, o que conseguiu extrair outro enorme suspiro compartilhado de todas as direções. A facção de Endelle por trás dela gritava aviso após aviso. Ela não estava com medo, porque no exato momento do toque, ela reconfigurou a identificação molecular da espada, deixando a arma inofensiva.

Ela segurou a espada bem alto para todos verem, girando-a em um grande círculo.

Quando ela não caiu morta, outro grande clamor de espanto subiu até o alto por todo o estádio. Ela relaxou em um sorriso lento e o alívio substituiu toda a tensão nela.

Bem, o que você sabe. Ela fez isso e Leto não estava morto. Ela encarou-o mais uma vez.

— Eu não vou lutar com você — ela gritou. Ela jogou a espada de volta para ele.

Ele pegou-a facilmente, mas ficou encarando-a bobamente. Com uma mudança na configuração molecular, o punho deveria se sentir diferente para ele. Independentemente disso, ele voltou sua atenção para ela, abaixou o queixo, e uma vez mais correu em sua direção, rápido. — Então morra — ele gritou. Atrás dele, o exército do Comandante rugiu. Quase como um gritaram com ele, instando-o a continuar a luta, a tirar a vida de Alison.

Ela lançou um novo escudo, desta vez em torno de si mesma. Feriu, mas não conseguiu penetrar. Ele atingiu uma dúzia de vezes, vinte, trinta, mas sem efeito.

Ela esperou.

Aplausos ressoavam continuamente por toda a arena.

Finalmente, Leto tinha a respiração ofegante. O suor escorria do seu corpo. — Meu Deus. Quem é você? — ele perguntou de novo. Ele se inclinou pela cintura para recuperar o fôlego.

Depois de um longo momento tenso, em que ambos os exércitos se calaram, ele finalmente caiu sobre um joelho na frente dela e colocou a sua espada aos pés dela.

— Eu me rendo — afirmou em voz alta e clara.

O silêncio caiu sobre todos os espectadores presentes.

Ela liberou-se de seu escudo.

Ele se levantou, sua tez pálida, o olhar por uma fração de segundo se encheu de agonia. Ela estendeu-se com a sua empatia e o leu. Caramba, ele queria sair. É claro que ele queria sair. Assim como os Guerreiros de Sangue, seu papel cobrara seu preço. Ele estava no fio da navalha de desintegração, sua posição vulnerável, em risco de ser descoberto.

Ela aprovou este guerreiro. Ele tinha honra e caráter e viveu uma vida dupla por oito décadas, servindo como um espião. Um espião. Mas para quem? Ela viu o nome James profundamente dentro da cabeça de Leto, mas não o de Endelle, o que significava que Endelle não sabia nada sobre suas atividades, e isto era algo de que ela tinha certeza. Pior, quando Leto

desertou, Darian o forçou a tomar sangue morto como prova de sua lealdade. Ao mesmo tempo, ele recebeu um antídoto para anular os efeitos. Leto não tinha a palidez, a beleza sobrenatural e o azulado fraco da pele que os vampiros mais expostos a morte tinham. Ninguém jamais saberia que ele era, essencialmente, um vampiro da morte. Mas todos estes anos, ele teve que continuar a tomar todo esse sangue contaminado junto com o antídoto, tudo para sustentar a sua missão. Que bagunça horrível.

Darian, seu Darian, forçou-o por esse caminho. Ou ele tomava o sangue morto ou ele seria assassinado. Não havia escolha.

Ele curvou-se mais uma vez para ela, virou as costas, trouxe sua espada em sua mão, e depois voltou na direção de seus escudos. Ela testou seus escudos mentais internos. Ela poderia manter o segredo de Leto a salvo de Endelle, do Comandante, de Kerrick?

Ela se perguntou quão profundo esse buraco poderia alcançar.

A multidão já começara a dispersar, exceto pelos exércitos de atendimento e o corpo administrativo. Aparentemente, o entretenimento acabara.

Os Guerreiros de Sangue mantinham-se sóbrios, ordenados na frente de milhares de guerreiros da milícia. A decisão dela, pelo visto, não agradara ninguém.

Para Kerrick, ela enviou, *eu não poderia fazê-lo.*

Eu sei. Uma pausa se seguiu. *Eu entesouro seu coração mais ainda por isso do que a qualquer coisa neste mundo.*

Seus olhos se encheram de lágrimas quando ela soprou um beijo.

Ela não podia, no entanto, olhar na direção de Madame Endelle. Ela suspeitava que a Alta Administradora Superior Suprema da Segunda Terra teria algumas palavras bem escolhidas para ela, logo que as câmeras desaparecessem.

Nascimento,
Um lugar de início, de aprendizado, de choro.
Entesoure esse momento
Recline em êxtase.
Poemas Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 19

Crace poderia fazer pouco mais do que olhar para o General Leto enquanto este recuava para trás e desaparecia na arcada que levava para as salas no subsolo da arena. Ele não podia nem piscar. O fodido vampiro havia falhado.

Ele balançava a cabeça uma e outra vez.

— Meu querido? — Julianna sussurrou.

Ele olhou para sua esposa, que estremecia. — Ele deveria ter ganhado — disse Crace. — Ele deveria ter espancado-a, matado-a.

— Querido, por favor?

Por favor, o quê? O que diabos ela implorava agora? Ela não entendia a magnitude do que havia acontecido? Ela não podia ver que o sonho de um assento na Mesa Redonda de Genebra ia sumindo, transformando-se em uma brilhante sombra de merda marrom?

— Meu querido, por favor? — a última palavra foi dita em voz alta e ao mesmo tempo em sua mente, o que causou uma explosão de dor dentro de seu crânio.

— O quê? — ele gritou.

— Minha mão — ela sussurrou, lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Você está esmagando a minha mão.

Ele olhou para baixo e percebeu que esteve perto de quebrar vários ossos. Ele soltou-a de uma vez, mas ele não podia nem pedir desculpas. Ele não podia falar. Ele viu as lágrimas caírem sobre a curva de seus seios enquanto ela segurava a mão dela em seu colo.



Enquanto as câmeras desligavam, enquanto a face de Alison desaparecia das telas agora em branco da arena, enquanto os espectadores começavam a fluir através dos túneis de saída, Kerrick olhava para Alison e ficava maravilhado. Uma questão vinha à tona acima de qualquer outro pensamento. Ele poderia ter uma vida com essa mulher cujos poderes excediam quaisquer poderes existentes na Terra Segunda? Ela seria capaz de permanecer viva na Segunda Terra, quando Helena não pôde? Ela seria capaz de lançar seus escudos e manter milhares de vampiros da morte incapazes de abatê-la? Poderia ele ter uma fodida vida com ela?

Seu coração trovejava no peito diante da possibilidade. Uma mulher em sua vida, permanente, conectada, entesourada. Teria a chegada de Alison a esta Segunda Terra realmente significado uma mudança para ele, uma vida diferente, uma que ele jurou nunca mais ter de novo, enquanto ele fosse à guerra?

Movendo-se na velocidade da luz, ele chegou ao salão que levava ao nível da arena. Outro traçado e ele alcançou a abertura em forma de arco para a arena. Ele correu em direção aos tatames negros, o olhar centrado no rabo de cavalo loiro de Alison. No mesmo momento em que ela se virava em sua direção, como se sentindo sua presença, ele estava em cima dela. Ele a pegou em seus braços e deu voltas e voltas com ela, seus pés pendurados fora do chão. Ele a beijou sofregamente. *Você foi magnífica.*

— Acabou — ela sussurrou, seus braços em volta do pescoço dele.

— Você foi brilhante.

Ele a beijou novamente. Ele acariciou o cabelo úmido dela. A apertava contra ele.

Ela recuou e alisou a mão sobre sua bochecha. — Nós estamos bem... você e eu?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele balançou a cabeça.

— Talvez tenhamos uma chance? — perguntou ela.

O coração dele derretia, uma grande poça em seu peito. — Nós apenas poderíamos tentar.

Ele plantou seus lábios mais uma vez contra os dela e penetrou sua boca com a língua. Ela o aceitou de bom grado e o amamentou. Ele arqueou sobre ela e aprofundou o beijo, empurrando suas botas de volta para as esteiras. Ela gemeu baixinho.

— Muito bem, vocês dois, parem com isso — gritou Endelle, se juntando a eles.

Ele a liberou, mas não a deixou chegar mais longe da distância do seu braço em torno da cintura dela, tornando a puxá-la rente seu lado.

Havily cruzou os tatames negros, enquanto se dirigia para Alison. — Parabéns. Você foi absolutamente incrível. E isso foi maravilhosamente bem feito. E pensar que você já tinha várias habilidades da Terceira Terra, embora eu não devesse estar surpresa. Imagine, uma inversão do tempo. Eu ouvi falar disso, mas eu nunca vi acontecer. E a onda de energia resultante! Ele passou através de mim como uma brisa refrescante. Emocionante.

Alison soltou-se do agarre de Kerrick e abraçou a oficial de ligação. — Obrigada por estar comigo hoje à noite, Havily. Você é minha primeira amiga na Segunda Terra e eu sempre serei grata por sua ajuda e apoio.

— Foi meu prazer. Se você precisar de alguma coisa, só tem que falar. E agora — neste momento ela olhou para Madame Endelle, — eu tenho uma nova maquete de um complexo militar-adminstrativo para refazer, algo que eu faço no meu tempo livre, algo que poderia ajudar a derrotar o Comandante se certo alguém pudesse me dedicar uns meros minutos do seu tempo.

Endelle ofereceu um fungado em resposta e um rolar de olhos. Havily por sua vez, fez uma reverência para ela, virou-se para encarar Kerrick, sorriu para ele, apertou sua bochecha, ergueu o braço, e depois desapareceu.

Kerrick se moveu e mais uma vez tomou posse de sua mulher. Ela moldou-se ao seu lado, desta vez correndo o braço em volta de sua cintura. Ele a abraçava apertado desde que avistou logo em frente o Comandante esperando com seu exército. A ascensão de Alison não estava de forma alguma completa, o que significava que tentar destruí-la ainda era um jogo justo. Quando Darian fixou o olhar sobre ela, um rosnado irrompeu da garganta de Kerrick.

Um momento depois, o Comandante levitou de seu negro trono real e flutuou, sem asas ou qualquer outro meio visível de apoio, sobre todo o tablado negro. Bastardo.

Nem uma única vez, no entanto, que ele fez deslocar seu olhar longe de Alison. Ela era seu objetivo, sua meta, sua razão do desafio da arena, dirigiu-se a seu objetivo agora cruzando as esteiras de luta. Ele parou a quatro passos em frente a ela, seus grandes olhos castanhos fixos sobre ela, sem piscar, estudando-a. Ele flutuou para baixo para assentar seus sapatos italianos nas esteiras.

Kerrick tocou a mente de Alison e a encontrou erigindo escudo após escudo contra as hábeis sondas do Comandante. Kerrick ainda não podia controlar outro rosnado ou a vibração de suas asas nas contenções.

Um ligeiro piscar indicou que Greaves pode ter sentido a ameaça que Kerrick emanava, estando pronto para montar suas asas em defesa de Alison.

Endelle quebrou a tensão. — Bem — ela disse, com tom brilhando com sarcasmo, — olha o que o maldito gato arrastou para dentro do saco.

Kerrick queria empurrar Alison atrás dele. Ele queria que ela estivesse segura e longe do Comandante, embora não sentisse um ataque vindo. Afinal, Greaves dificilmente poderia agir contra Alison neste cenário. Tanto quanto o COPASS tendia a acobertar a ele, o Comitê não seria capaz de ignorar um ataque direto. Nem a Greaves nem a Endelle era permitido atacar ninguém diretamente e havia algumas regras que mesmo Greaves precisava obedecer, pelo menos quando estava em campo aberto. Como agora.



Alison não estivera tão perto de Darian desde que ela estava ao lado dele na grade do complexo médico olhando para seu primeiro muito bonito e muito pálido vampiro da morte. Mas ali estava ele, em carne e osso, um dos seres mais poderosos da Segunda Terra, seu ex-paciente. Ele enviou Leto para a Fronteira do centro em busca dela. Ele enviou um regimento para Carefree. Ele arranjou a batalha de arena só para ela, tudo com uma única intenção.

No entanto, ela o aconselhara. Ela ouviu a sua história. Ela o conhecia, pelo menos na medida em que alguém pudesse conhecer um homem sem consciência, um sociopata. Ela soube da dor que ele sofreu quando criança, a causa de seu transtorno mental.

Mesmo assim. Ele ainda pretendia matá-la.

Ele sustentou seu olhar, seus grandes olhos infantis a atraindo. — Você me surpreendeu esta noite, minha querida. Imagine, uma inversão de tempo, a anulação da identidade de uma espada e o escudo no final. Realmente, muito poder. Conheço apenas dois seres na Segunda Terra que podem fazer estas três coisas, e estamos ambos aqui. Foi assim que você consertou a janela do seu escritório? Claro que foi.

Ela ouviu Kerrick silvar baixinho, e outro rosnado de múltiplas ressonâncias retumbaram através do ar. Seu Vampiro-Guerreiro-Guardião estava plenamente em modo de proteção.

O olhar do Comandante girou para Kerrick. — Calma, rapaz. Eu estou oferecendo elogios. Sua mulher se saiu muito bem.

— Não sacaneia. — As palavras passaram como um tiro pelo ouvido de Alison. O corpo de Kerrick estava em fogo, um escudo de calor e fúria contra seu lado. Ela sentia sua fúria guerreira subindo, mas por alguma razão ele relaxou e ela encostou a cabeça em seu ombro. Eles estavam juntos. Eles eram uma equipe, como Joy e Ryan. Ela suspirou. Sim, como sua irmã e seu cunhado.

O Comandante girou seu olhar de volta para ela. — Eu aprendi bastante enquanto assistia você em batalha contra o General Leto. No geral, considero que a noite foi uma experiência muito instrutiva.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Então era isso. Este era o jogo. Darian, o Comandante, era um homem de estratégia, então é claro que ele tinha mais de um propósito no espetáculo da batalha. Se ela não morresse, então ele iria aprender mais sobre seus pontos fortes e suas fraquezas. Ela era sua inimiga agora.

— Eu posso ver que estou perturbando o que deveria ser uma noite de celebração por isso vou oferecê-los o meu boa noite. Desejo toda a felicidade, minha querida. E tome cuidado.

Ele não esperou pela resposta dela, mas se virou na direção de seu exército. Ele levantou um braço e num piscar de olhos, ele e a grande massa de sua contingência simplesmente desapareceram.

Alison olhava em mudo espanto em todos os lugares vazios, o palanque vazio, a cadeira solitária ornamentada da qual ele observara a batalha.

— Puta merda — Kerrick murmurou. — Ele enviou o seu exército inteiro para fora com um simples pensamento.

— Como ele consegue fazer isso? — Alison sussurrou. Ela não podia imaginar o nível de energia necessária para realizar tal façanha.

— Charlatão — Endelle murmurou.

Alison olhou para ela e deu uma gargalhada. — Charlatão?

Endelle revirou os olhos. — Um fodido truque de salão. Não deixe que ele a impressione. — Ela bufou um suspiro, virou-se ligeiramente para a direita, em seguida, acenou com a cabeça na direção das arquibancadas, dispensando seu exército. Em contraste com o exército do Comandante, os contingentes de Endelle simplesmente começaram a se dirigirem para as várias saídas.

Ela se virou para Alison. — Você, por outro lado, ascendente Wells, é uma maldita inútil. Tudo o que você precisava fazer era exterminar Leto. Você teve-o na palma da sua mão e o deixou ir. Que diabos você estava pensando, e falando nisso, o que foi aquela festinha privada que teve com ele e não me diga que você não fez nada do tipo, porque eu sei que você fez. Você fez um pequeno mergulho de mente com Leto?

Alison sentiu o corpo de Kerrick endurecer contra ela. — Alison — a voz profunda de Kerrick retumbou contra sua orelha. — Que diabos é isso que Endelle está falando?

Ela afastou-se dele, apenas o suficiente para encontrar seu olhar esmeralda. Os olhos dele brilhavam em aviso. — Eu não posso te dizer.

— O quê? — ele gritou, sua testa enrugando e afundando. Outro rosnado irrompeu de sua garganta, desta vez dirigido a ela. — Não me diga que você foi dentro da cabeça daquele traidor. Diga-me que você não foi, porra!

— Para trás, Fido — disse Endelle. — Então ela estava em sua cabeça. Grande merda. Não é como se tivesse as pernas enroladas na cintura dele. — Ela mudou sua atenção de volta para Alison. — Eu só quero saber do que diabos vocês falaram. O fato de você criar um escudo, que mesmo eu não conseguia penetrar me diz que vocês não discutiam sobre o tempo.

Alison olhou de um assustador ascendido para o outro. Cada um dobrava em sua direção em clara agressão. Por uma fração de segundo, ela se perguntou se a batalha contra Leto seria a parte mais fácil da noite.

Ela respirou fundo e decidiu lidar com o maior dos dois problemas primeiro. Ela olhou para os olhos castanhos estriados de Endelle. Ela escolheu cuidadosamente as palavras que enviou. *Embora eu não possa retransmitir tudo o que eu vi, posso dizer-lhe que Leto quer sair.*

Um pouco tarde para isso.

Alison balançou a cabeça muito lentamente.

O que você não está me dizendo? Ela estreitou os olhos e tentou romper os escudos de Alison, uma pressão que era cada vez mais difícil de suportar.

Alison levantou a mão. — Não pressione contra o meu escudo — ela gritou.

— Vou fazer o que eu quero.

— Se você for esperta, não fará.

Endelle inclinou a cabeça. — Que diabos está acontecendo, ascendente?

Desta vez, Alison criou um escudo que englobava Endelle. Alison comunicou telepaticamente, os pedidos de Leto de não compartilhar com ninguém, incluindo Endelle, o que ele compartilhou com ela, exceto por um pedaço de informação. *Ele quer que você entre em contato com um ascendido que atende pelo nome de Tiago, residente da Sexta Terra e Guardião dos Portões da Terceira.*

Como diabos se supõe que eu poderia entrar em contato com a Terceira ou com a Sexta? Endelle enviava. *Eu não tive um fodido sussurro vindo das Dimensões Superiores em milênios, nada desde o tempo em que concordei em atuar como Alta Administradora Suprema há nove mil anos.*

Estas palavras bateram na cabeça de Alison, uma forte sensação de espanto causado igualmente por Endelle e sua frustração. *Você esteve voando às cegas*, ela enviou. *Por todos esses anos?*

Endelle olhou para ela. Depois de um longo momento, ela suspirou pesadamente, em seguida, assentiu.

— Eu não sei o que te dizer — disse Alison, liberando o escudo. — Mas eu acho que você teve um tratamento injusto.

— Acho que por panos quentes é realmente irritante. Mas é isso mesmo. Injusto resume tudo.

Alison não sabia mais o que dizer a sua Supremacia. Ela não fazia ideia do que era um Guardião dos Portões e menos ainda de como se comunicar com a Sexta Terra, bem, Alison ainda estava tentando se acostumar com a Segunda Terra. As informações que Leto compartilhou com ela enquanto ela estava em sua cabeça agora estavam camufladas por trás de um escudo tão poderoso como Alison pode criar dentro de um bolso de sua mente.

— Certo — Endelle murmurou. — Vou assumir a partir daqui.

Alison teve outra inspiração profunda, em seguida, voltou-se para o homem das cavernas no lugar do seu namorado. Ela estava prestes a explicar o que aconteceu, mas ele se aproximou dela e com o nariz a cerca de uma polegada de distância dela, gritou: — Minha mulher fica de fora das cabeças de outros homens.

— O quê? — ela gritou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Apenas fique fodidamente fora da cabeça de Leto, ou de qualquer outra pessoa. Estamos entendidos?

— Não, Kerrick, não estamos entendidos. Quem você acha que você é para ficar me dizendo o que posso e o que não posso fazer?

Endelle assobiou. — Vai com tudo, garota!



Kerrick sabia que estava mergulhado em uma espécie de exagero Neanderthal, que não ajudava em nada, mas seu corpo, sua mente, seu sangue se rebelavam contra o pensamento de que Alison estivera na cabeça de Leto. Ela não deveria ir até as mentes de outros homens... nunca. NUNCA. Ele rosnou. Ele a encarou. *Eu quero uma explicação*, ele enviou. *O que diabos você estava fazendo em sua mente? Quanto você viu? Ele estava na sua? Você gostou de estar lá dentro? Será que ele tem outras intenções para com você agora? Você sabe que ele é o inimigo, certo? Um maldito traidor?*

Os olhos de Alison se arregalaram, e então ela teve a audácia de sorrir. *Você realmente é muito ciumento.*

Ele resmungou tudo mais uma vez e estreitou os olhos. *Se querer rasgar os membros de Leto um por um significa que eu estou com ciúmes, sim, eu estou com ciúmes*. Mas era mais do que isso. Ciúmes era uma palavra muito pequena comparado com o que ele sentia agora. Ciúme era uma brisa quando o que ele sentia parecia ter a força dos ventos de um maldito furacão.

Você sabe, toda a força do seu cardamomo está começando a me nocautear. Eu sinto como se tivesse entrado em um café marroquino. Sua voz tinha uma qualidade suave, sedutora, e não era o que ele esperava agora.

Esta conversa não terminou.

Então vamos falar mais tarde.

Apenas nunca mais entre dentro da mente de outro home novamente. Você tem isso claro?

Ela colocou as mãos nos quadris, naqueles quadris cobertos em um monte de couro apertado e pegajoso. Seu olhar se arrastou abaixo e de volta para cima.

Eu farei o que me agradar, ela respondeu, mas os olhos azuis dela assumiram um brilho desafiador, que tinha menos a ver com a sua vontade própria naquele tema e mais a ver com querer provocá-lo para que fosse para cima dela.

Ele espalmou suas nádegas e puxou-a direto contra ele. Apesar do fato de que Endelle ainda estava parada sorrindo para o novo tipo de espetáculo que ele estava fazendo, ele a prendeu a ele e deixou-a sentir exatamente como ele estava totalmente preparado para ela.

Muito para seu prazer, as pupilas de Alison se dilataram. Os lábios entreabertos. Ela respirava como se tivesse se esquecido de como fazê-lo.

Endelle fez uma série de sons de engasgos. — Certo, agora vocês foram longe demais. Jesus Cristo, um par de vampiros no cio.

Alison olhou para Endelle. — Eu preciso de um chuveiro — disse ela e com isso, sem mais uma palavra de explicação ou pedido de desculpas ou permissão, ela levantou a mão e desapareceu.

— Puta merda — gritou Endelle. — Ela simplesmente dobrou entre dimensões!

Kerrick sabia que a túnica que vestia não era a melhor roupa para ter sobre o corpo com o que ele estava sentindo. Ele estava prestes a suplicar a Sua Supremacia que o dobrasse, mas Endelle o deteve com uma leve pressão em seu braço. — Aguente um pouco, Guerreiro. Eu deveria deixá-lo saber que não teremos uma cerimônia pública para a ascensão de Alison.

— Faz sentido. — Ele realmente precisava dar o fora daquele lugar imediatamente.

— O pequeno filha da puta ainda não terminou, então eu não vou fazer nada mais fácil para ele. Teremos a cerimônia no meu palácio e um jantar depois. Entendeu?

Kerrick mal podia ouvi-la. Ele estava imaginando Alison tirando todo aquele couro, ligando a torneira, aquecendo-se sob o chuveiro. E ele realmente precisava ensinar uma coisa ou duas sobre guerreiros vampiros e o que eles esperavam de suas mulheres.

Mas Endelle continuava. — Quero todos os guerreiros presentes, quer você goste ou não, eu quero Marcus lá, bem como Havily, e não, você não precisa saber o fodido motivo. Além disso, vai ser uma cerimônia fechada.

Ele realmente não dava uma boa merda sobre Marcus. Especialmente desde que sua mente estava cheia de Alison, a água escorrendo pelo seu cabelo, sobre as curvas de seu corpo. Ele queria lamber aquelas covinhas logo acima das nádegas.

— Eu disse a Thorne para colocar um guarda vinte e quatro horas por dia na casa de Queen Creek. Os guerreiros vão trabalhar se revezando pelo resto da noite e durante todo o dia de amanhã.

Imagens de ter uma noite inteira com Alison e talvez um dia inteiro fez pouco para acalmá-lo. Ele acenou com a cabeça mais uma vez. — Bom. Isso é bom.

— Tudo bem, perdigueiro no cio. Pode ir. — Endelle ergueu o braço e no momento seguinte, Kerrick aterrissava com o traseiro sobre o granito da ilha da cozinha.

Ele não se importava. Seus pensamentos eram todos por Alison e sua viagem dentro da cabeça de Leto. Ele deslizou para fora da ilha, cerrou os punhos, em seguida, abaixou o queixo. Ele realmente precisava dar a ela uma lição sobre o que era inapropriado no mergulho de mente.

Ele rosnou baixo.

Suas presas surgiram e se alongaram.

Ele ouviu. Ele ouviu o chuveiro ligado, não no banheiro de hóspedes, mas no banheiro principal.

Oh, sim. Ela foi para seu quarto desta vez.

Seu corpo estremeceu. Ele ficou muito firme, possessivamente rígido. Ele precisava ter certeza que ela compreendesse que sua mente, seu corpo, seu sangue não eram para ser compartilhado com ninguém, exceto com ele.

O breh-Hedden voltou com uma vingança uivando.

Ele enviou uma pequena mensagem para ela. *Você deve ficar fora da mente de Leto e de qualquer outro homem, desde que nós estamos unidos.*



Alison quase caiu sobre o azulejo molhado conforme as palavras de Kerrick iam como um soco em sua cabeça. Ela se sustentou com uma mão segurando o chuveiro logo acima dela. Ela devolveu o sabão para a inserção na parede atrás dela, em seguida, enxaguando-se.

Seu coração trovejava dentro de seu peito, embora não fosse o medo batendo nela neste momento. A voz de Kerrick em sua cabeça, espessa com ciúmes e possessividade, percorreu seu corpo como um carro rápido em uma superfície plana e lisa e com nada mais que o ar no caminho.

Ela sabia o que estava por vir e seu corpo gritava por isso. Encher-se de sexo com seu vampiro guerreiro. Ela pressionou suas costas contra o azulejo, dificilmente capaz de respirar, as mãos para os lados dela.

Água fluía sobre ela a partir de várias direções diferentes, de várias duchas diferentes.

Não haveria preâmbulo desta vez, ou toques suaves em seus seios ou delicados beijos molhados sobre o seu abdômen ou entre as coxas, um rastelar sem presas, sensualmente sondando, uma gentil poção sedutora em sua pele.

Quando ele apareceu, nu, o queixo mergulhado para baixo, as presas distendidas, a expressão determinada, ela estava pronta. Seu grosso sexo estava duro como um míssil e ela se esforçou para manter os joelhos firmes. No entanto, ela sabia que em cerca de um nanossegundo isto não seria mais um problema.

Ele entrou no chuveiro rosnando, os ombros curvados, suas coxas tensas. Ele deslizou um braço ao redor de sua cintura, puxou uma de suas pernas para cima, em ângulo com seus quadris, e levou-se para dentro dela. Ela jogou a cabeça para trás e gritou, o prazer tão intenso que ela já estava perto do orgasmo. Ele bateu nela e com apenas alguns empurrões a enviou sobre a borda. Ela gozou tão rápido e tão forte que se dobrou sobre ele e mordeu seu ombro. Ao mesmo tempo, a onda resultante do poder o atingiu e ele grunhiu seu prazer. O quanto ela amava que não pudesse machucá-lo.

Ele continuou rosnando e martelando. O homem tinha um ponto que ele pretende fazê-la entender e ele tomou seu tempo. Ela gozou de novo, apertando-se ao redor de seu pênis selvagem. A cada vez, as ondas de seu poder o atingiam, e a cada vez ele grunhia em resposta. *Tão sexy*, ele sussurrou em sua mente. *Todo esse poder. Agora me diga que você vai manter-se afastada dos outros homens.*

Vou manter-me afastada.

Quando ela voltou para a Terra, ele ainda se empurrava duramente nela.

— Dê-me seu pescoço — ele ordenou. Sua voz com a ressonância multiplicada quase fez com que ela voasse novamente. Ela inclinou a cabeça para trás e para o lado. Ela não iria negar nada agora. Ela fechou os olhos. Ele afundou suas presas em um impulso rápido que picava como o inferno no primeiro momento. Tão logo ele começou com pesadas sugadas, o desejo queimou por seu pescoço, sobre os seios, e para baixo de seu abdômen para mais uma vez apertar os músculos internos.

Ela arfava em suspiros agonizantes.

Abra sua mente, ele latiu dentro de sua cabeça.

Isso não vai completar o breh-Hedden? Ela enviou.

Não. Você não vai tomar o meu sangue, enquanto eu tomo o seu. Plena comunhão exige uma tomada simultânea de sangue.

Alison ficou aliviada. Ela queria esse momento com Kerrick, mas o pensamento sobre o breh-Hedden ainda a assustava.

Apesar de seus nervos, ela abriu a mente em abandono. Quando ele bebia dela, seus quadris ainda eram um pistão em seu corpo, enquanto suas presas tiravam seu sangue, ela gozou de novo e de novo e de novo, o corpo dele absorvendo cada impacto de poder. Ele era dono de seu corpo agora, sua mente, seu sangue, e o orgasmo se prolongava mais e mais. Ela gritou, costas e nádegas batendo contra o azulejo, a água caindo por suas costas e rosto.

Quando ela apertou ao redor dele de novo, ela tocou sua mente que ainda estava na dela e sussurrou: — Goze para mim, Guerreiro. Dá-me tudo o que você tem.

Ele rosnou baixo e forte, mesmo através do sugar em seu pescoço. Ela rastelou os dedos sobre suas travas de asa. — Oh, Deus — ele gritou, sua voz esmurrando sua mente.

Seu corpo acelerou, mas o tempo diminuiu a velocidade. Ela estava tão apertada em torno dele que sentia cada sensação quando ele batia em seu núcleo, em seguida, liberando a sua semente dentro dela. Ele retirou suas presas no mesmo momento e gritou em uma ressonância que se separava de uma nova maneira, que ecoou em todo o banheiro. Euforia encheu sua mente, sua e dele juntos. Como é estranho sentir o prazer dele ainda amplificado pelo dela. Ela gritou quando outro orgasmo a pegou. Outro choque de poder. Ela lançou um grito lamentoso, o lamento alto de uma ave em voo.

Esta seria à hora certa para morrer, pego em tal emaranhado de requintadas sensações, da sensação dele em sua mente, de ouvir seu grito triunfante, de ter tanto prazer voando em suas veias.

A tensão no seu corpo diminuía à medida que cada segundo passava. A rocha de seus quadris desacelerou e finalmente parou, mas ele permaneceu dentro dela, ligado a ela.

Retirou-se da sua mente, uma sensação que ela estava se acostumando, e descansou a sua cabeça em seu ombro. Ela gentilmente arrastou as pontas dos dedos para cima e para baixo em sua trava de asas. Ele libertou um profundo suspiro, a expansão do peito erguendo-a mais uma vez para cima e para baixo sobre os azulejos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Algo novo a tocou conforme ele pressionava seus quadris em uma ondulação, suave e lenta contra ela, seu pau ainda profundamente conectado ao seu núcleo, embora não tão rígido. Ele gemia contra seu pescoço.

Lá no fundo, seus órgãos femininos começaram a contrair e relaxar. Ela sentia o caminho que sua semente percorria, e agora em sua mente ela podia ver um rastro dourado. Como isso era possível? Querido Deus, como algo assim era possível?

Agora ela podia ver a crisálida de seu material genético, uma luz brilhando no final de um túnel. As imagens a fizeram sorrir depois soltar uma gargalhada. Ela podia ver seu esperma, como um relâmpago. Ela inclinou-se contra ele, a mão acariciando seu largo peitoral. Tudo aquilo era muito absurdo, maravilhoso demais, e porque não seria assim? Kerrick era conhecido por sua velocidade sobrenatural. Se o seu DNA queria fazer um filho nela, por que não se mover em um ritmo acelerado?

Ela sentiu o momento em que o seu óvulo recebeu seu esperma e o filho deles começou todas as fantásticas e portentosas duplicações de células como um louco.

A coisa toda não poderia realmente estar acontecendo. Talvez ela apenas estivesse fértil e sua imaginação estivesse em modo hiperativo. Mas então ela podia sentir as travas de asas de Kerrick sob seus dedos, e suas presas não penetraram em sua garganta?

Ela sabia que eles acabaram de criar uma vida. Ela queria dizer isso a ele, mas de alguma forma ela sabia que este não era o momento certo. Uma premonição assustadora sacudiu sua mente. Nesta forma limitada, ela podia ver o futuro ou pelo menos pressenti-lo. Haveria um momento, um momento crítico quando Kerrick precisaria saber que ela carregava seu filho. Ela entendeu isso tão claramente quanto sabia que um menino crescia dentro dela.

Eu te machuquei? Ele perguntou, tocando suavemente sua mente.

Claro que não, ela devolveu. Ela queria dizer mais, dizer quão maravilhoso o momento foi, mas ela simplesmente não conseguia encontrar as palavras. Esplendoroso parecia inócuo, magnífico parecia realmente inadequado.

Alison? Você tem certeza que está bem? Eu fui um pouco áspero.

Ela o abraçou. Recuando para trás encontrou seu olhar. Ela falou em voz baixa, e ao mesmo tempo em voz alta em sua cabeça, para que ele pudesse sentir a sua sinceridade. — Que tal você fazer isso de novo todos os dias pelos próximos dez mil anos?

Ele sorriu franzindo o cenho. Ele fez uma careta e resmungou. Ele a beijou duro, tão duro. Ele tomou sua boca com a língua, da maneira como ele tomou o corpo dela com o seu membro, só que desta vez ela teria que mamar.

Desde que ele ainda estava dentro dela, não precisava ir muito longe quando ele enrijeceu-se. Ele balançou contra ela novamente e como se estivesse tão faminto pela experiência como ela estava ele a possuiu no chuveiro mais e mais, até que a água gelou, e ela realmente estava exausta demais para se mover mais um centímetro em qualquer direção.

Ele lavou as pernas dela, enxugou até vê-la seca, e levou-a para sua cama. Encaixou contra ela de conchinha. Falando sobre o jantar que Endelle estaria oferecendo como parte de sua

cerimônia de ascensão. Tudo muito privado. Ela sorriu, tão contente. — Bom. Eu quero conhecer seus irmãos guerreiros.

— E eles querem conhecê-la.

Ela apertou seu braço enquanto as lágrimas desciam pelo lado de seu rosto e para o travesseiro. O que Joy disse? *Por que você não encontra um fisiculturista, alguém que poderia lidar com todo esse poder?* Ela sorriu e chorou mais um pouco.

Ela respirou fundo, seu coração tão pleno.

Kerrick e uma criança. E mais um dia até seu rito de ascensão e ela estaria as claras, não mais à mercê de planos do Greaves para aniquilá-la.

Todos os seus sonhos pareciam se tornar realidade. Como ela estava grata por ter escolhido ascender, apesar da batalha contra Leto.

E quão longe todos os seus velhos medos se afastaram. Ela pertencia à Segunda Terra. Seus poderes poderiam ser usados para o bem neste mundo novo. Se não tivesse provado seu valor durante a batalha de arena. Ela estava tão feliz. Pensar que fizera o impossível e ainda, seus poderes fizeram o impossível do possível. Ela venceu Leto sem feri-lo.

Esta era quem ela era nas partes mais profundas do seu corpo, mente e espírito. Ela era uma doadora de vida, não uma tomadora.

Sua mão deslizou sobre o seu abdômen.

Uma doadora de vida.



Crace voltou ao gabinete do Comandante. Sentiu-se apagado e vazio.

Ele se sentou na cadeira divã inclinada na frente da mesa de reunião de sua divindade, o olhar fixo para o banco de ciprestes italianos. Outro zumbido. Outro quarto. As luzes brilhavam para manter os arbustos saudáveis.

Ele voltou seu olhar para Greaves.

O Comandante recostava-se muito calmamente, sua cadeira de encosto executivo tinha um espaldar alto e ele a girou para longe de Crace. Dada a posição, Crace tinha uma visão lateral de Greaves. Ele tinha os cotovelos nos braços da cadeira, com as mãos reunidas à frente, os dedos da mão direita trançados com as garras de sua esquerda.

Ele não tinha nenhuma expectativa para este momento. Ele sabia que o fracasso da batalha da arena não foi culpa dele assim como ele sabia que a falha do regimento para destruir Kerrick e Alison em Carefree não foi culpa dele.

Mas o que diabos isso importava? Alison ainda vivia e não parecia haver nenhuma maneira mais de interferir em torno de tão importante ponto. Jesus. Reversão do tempo. Reorganização molecular de metais pesados. Escudos impenetráveis.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Sua mente divagava. Crace era muito poderoso, mas ele não podia fazer essas coisas. Estes ainda não eram poderes típicos da Segunda Terra. Essas eram habilidades próprias da Terceira.

Uma ascendente com habilidades da Terceira Terra.

Genebra parecia tão remota como a lua agora. O Lago Michigan secaria antes que ele ganhasse um assento na Mesa Redonda.

— Você se desespera com muita facilidade, meu amigo — veio a voz sedosa.

— Eu falhei com o senhor, mestre. Por que não me desesperaria? Eu vim para Phoenix com tanta esperança de ser realmente útil para vossa excelência.

O Comandante virou-se em sua direção, inclinando a cabeça careca de volta contra o almofadado alto do espaldar de sua cadeira de couro. Ele tinha as mais limpas unhas, pelo menos em sua mão direita, e o anel de ônix piscava sob as luzes indiretas. — O que faz você pensar que você não tenha sido útil para mim?

Crace encolheu os ombros. Ele não tinha medo neste momento. Como poderia ele, quando já se considerava um homem morto? — Alison vive.

O Comandante sustentou seu olhar, seus olhos escuros eram inescrutáveis enquanto ele acenava com a cabeça levemente. — Sim, ela vive. Mas você não tem outras sugestões para mim?

Crace piscou. O Comandante queria uma sugestão?

— Temos mais um dia — disse Greaves. — Certamente que podemos realizar algo em um dia.

Crace respirou em um sussurro afiado. — E você quer que eu continue a frente?

Greaves assentiu. — É claro. No entanto, eu tenho uma exigência neste momento da nossa associação íntima, um gesto que eu gostaria que você fizesse como um símbolo de sua fidelidade e devoção à Ordem Vindoura.

Greaves estendeu a sua mão e um frasco apareceu, uma taça de cerâmica ornamentada com uvas roxas em alto relevo pelos lados, uma videira verde que formava a haste e a base. Ele colocou o frasco sobre a madeira escura da mesa.

Crace podia ouvir seu coração vibrando em seus ouvidos. Ele estendeu suas narinas e sentiu o cheiro do buquê mais delicioso de sangue humano misturado com algo tão bom, uma fragrância de flor delicada, um toque de gardênia, talvez. Sua frequência cardíaca aumentou. O cheiro o despertou. Ele precisava do conteúdo do frasco. Fosse o que fosse, ele precisava o ter. Agora.

Então ele soube.

— Por quê? — perguntou ele, o coração batendo fortemente, uma mistura entre o pânico absoluto e intenso desejo.

— Eu preciso me assegurar da sua lealdade a cada passo do caminho a partir deste ponto em diante. — Ele estendeu a mão direita de novo, e um pequeno cálice de cristal apareceu tendo um redemoinho de ouro líquido.

O antídoto.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Crace ouvira rumores por décadas. Pensou em Harding, que ficara mais pálido nos últimos dez anos e cujo rosto ficara infinitamente mais agradável. Mesmo as bochechas pesadas encolheram. Harding. Peão dedicado do Comandante.

Ele olhou para o frasco maior. É claro. Não estava sendo oferecida uma escolha a ele. Ele não era tão estúpido a ponto de pensar o contrário. Ele ergueu-se da cadeira e levantou-se vacilante. Ele sentiu tonturas, o estômago dando voltas. Ele ouvira relatos dos vampiros da morte ao longo dos anos sobre a emoção inimaginável de tomar sangue morto pela primeira vez.

Portanto, esta seria a sua vida, seu futuro.

Ele confessou que sempre quis experimentar…

Ele não olhou para o comandante. Não havia nenhum ponto.

Ele colocou uma mão trêmula sobre o bojo da taça, trazendo-a para perto. Ele rodou o sangue, que se movia lentamente. O movimento mais uma vez exalou o buquê de flores esvanecido. Ele fechou os olhos. Ele fantasiou sobre como fazer isso. Que homem não teve essas fantasias desde que as propriedades eróticas do sangue foram conhecidas?

Ele colocou a taça contra os lábios.

— Sim — sussurrou o Comandante, o mais fino silvo do outro lado da mesa.

Crace inspirou, e virou o frasco. Um fluxo de sangue atingiu seus lábios, sua língua, as papilas sensíveis da sua boca. Ele gemeu. Gardênia, sangue picante fluiu em sua garganta e correu em um rio para baixo, para baixo, para baixo. Ele nunca experimentou algo tão divino. Ele cresceu duro como uma rocha, agora latejando e jorrando. A parte baixa das costas apertadas e sem aviso um orgasmo surgiu através dele, poderoso e direto, uma surpresa impressionante. Ele resistiu ao impulso de bombear com a mão. No entanto, tocar não era de todo necessário enquanto o clímax rolava pelo meio dele e enchia sua cueca.

A euforia bateu sobre ele, a sensação de que tudo estava certo com o mundo e assim seria para sempre. Ele nunca conheceu tal paz, tal bem-estar, aquele prazer que continuava a rondar seu membro, correndo em suas veias, invadindo sua mente. Ele amava o universo e o universo o amava de volta. A vida nunca mais seria mais perfeita.

Sem aviso sua mente foi salpicada de preto e branco até que ele se viu estendido sobre o tapete, deitado de costas, o frasco desaparecido.

Ele tinha apenas um pensamento. Ele deveria ter feito isso muito, muito tempo atrás e não podia pensar no por que ele resistiu a melhor experiência de sua vida.

— Sentindo-se melhor? — Greaves moveu-se para ficar em cima dele.

Crace olhou para seu mestre. Sim, ele se sentia melhor, mais forte, mais poderoso do que nunca. Inacreditavelmente. Ele levantou-se com facilidade. Ele olhou para o Comandante e compreendeu. Esta era a fonte da energia avantajada de Greaves. Ele sabia disto sem ter que ser dito.

O Comandante apenas riu. — Agora vamos discutir o que podemos fazer sobre nossa incômoda ascendente para ajudar a nossa causa.

A mente de Crace nunca esteve tão clara, sua energia tão forte, suas habilidades tão plenas e afiadas. — Eu recomendo o subterfúgio, algo inesperado.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Diante disso, a sobrancelha esquerda do Comandante ergueu-se. — Uma ideia, tão rápido?

— Diga-me o que você sabe sobre a ascendente Wells. Diga-me o que ela teme.

Greaves disse a Crace e Crace sorriu. — Então vamos usar seu poder contra o seu clã escolhido. Muitos morrerão, e ela se sentirá quebrada... para sempre.

O Comandante sorriu, um curvar quente e fácil dos seus lábios. — Agora você está me mostrando algo.

— A única dificuldade que eu prevejo é Madame Endelle.

— Vou lidar com a Alta Administradora Suprema no momento do ataque. — Lançou seu braço na direção da mesa de ébano maciço. — Quando você estiver pronto, faça uso do antídoto. Só não espere muito tempo. Esperar permite que o sangue morto aja sobre seus sistemas, criando beleza excessiva, bem como a palidez e o azulado da pele. Você entendeu?

— Sim, senhor. — Ele balançou a cabeça.

— Eu tenho assuntos a tratar. Mais uma vez, coloque seus planos em movimento. Quando eu voltar, vamos trabalhar sobre os detalhes.

— Muito bem, senhor.

O Comandante levantou um braço e desapareceu.

Crace permaneceu na mesma posição por um longo tempo, olhando para o nada, saboreando a felicidade em seu estômago, suas veias, sua cabeça. Ele nunca se sentiu tão vivo, mas ele queria segurar este sentimento de poder estimulante enquanto pudesse. O antídoto podia esperar mais um pouco, talvez o suficiente para pegar a sua esposa e fazer uso de seu corpo requintado.

Excitação voltou a crescer nele em uma chama de sensações. Ele mentalizou o pensamento e voltou para o Bredstone, para sua esposa. Ele dobrou o antídoto para ele também. Ainda assim, ele não queria estragar essa primeira experiência. Sim, o antídoto podia esperar.

Deixando um mundo para trás,
Mata o coração.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 20

Alison acordou nua e deitada de lado, um braço pesado e musculoso atravessado sobre ela. Ela nunca experimentou isso no curso de sua vida. Ela nunca ousou. No entanto, aqui estava ela acordando com um homem enrolado em volta dela. Ele estava totalmente ereto, seu comprimento duramente pressionado contra suas nádegas, e não era uma surpresa, já que ele esteve dormindo por algum tempo.

O quarto, seu quarto, estava cheio com a luz da manhã. As persianas de madeira escura estavam abertas, um céu azul se estendia além do horizonte visível, bem como o deserto ia por

milhas. Névoa cobria e protegia a casa de Queen Creek e oh, Medichi passeava por ali, sua espada equilibrada em seu ombro, o arnês com armas embaixo. Os guerreiros guardaram a propriedade durante a noite e continuariam a fazê-lo, revezando-se o resto do dia. Nada iria ser deixado ao acaso.

Ela suspirou, saboreando, se esforçado duramente para não tomar nada como garantido neste momento. Ela estava com seu homem, seu vampiro, na cama, acordando com ele, ambos nus. Sua pele formigava e lágrimas começaram a escapar de seus olhos. Ela nunca pensou em experimentar este tipo de conexão com um homem... nunca.

Ela deslizou lentamente a mão sobre seu braço e apertou suavemente. Ele era todo músculo e pele quente, seu cheiro de cardamomo saturando suas narinas. Ela respirou fundo, um suspiro após o outro. Ela não queria que ele despertasse. Ela só queria saborear aquela especiaria celestial, parte ele, parte cardamomo. Seus seios incharam ao sentir o cheiro erótico, ela sentia-se perversamente molhada e ainda assim, não queria perturbar o momento.

Ela sorriu. Ela prevaleceu e ganhou o prazer de estar com Kerrick. Ela tinha um filho crescendo dentro do seu corpo. Ela tinha um homem completamente nu em suas costas. A vida não poderia ficar melhor.

Ele se mexeu atrás dela, seu pau grosso deslizando até sua parte traseira. O desejo ressurgiu, uma sensação que girava dentro de seu corpo, apertando seus músculos abdominais, o que fazia seus quadris balançarem contra ele.

Ele gemeu. — Lavanda. Estou sentindo cheiro de lavanda. Por favor, me diga que você está acordada...

— Estou.

— Graças a Deus — ele gemeu. Seu braço serpenteava em volta dela, sobre os seios. Ele a puxou para mais perto, com as mãos circulando. — Você se sente como o céu.

— Eu adoro que você esteja na cama comigo.

Ele se inclinou sobre ela, afastou os cabelos de lado, e beijou seu pescoço. — Eu quero você.

— Eu te quero mais.

— Não é fodidamente possível.

Ela ainda não se acostumara com o vocabulário do guerreiro. Ao mesmo tempo, a profanação fundamentada na experiência para ela tornava real quando muito dessa nova vida teve seu impulso para o centro de um tornado.

Ele beijou uma linha até a bochecha, arqueando-se sobre seu corpo, deslizando os lábios até seus lábios, em seguida, ele a beijou. Mesmo a boca sentia-se bem, feita para os prazeres da noite.

Ela recuou e encontrou seu olhar. — Por que é que eu só conheço você há meio minuto, mas sinto como se fosse por várias vidas?

— É a chamada do breh-Hedden. Eu me sinto da mesma maneira.

— Kerrick, eu quero ir — ela disse, sabendo que isso era exatamente o que ela precisava.

Ele balançou a cabeça e sorriu. Ele rosnou. Rolou de costas, em seguida, puxou-a em cima dele. Ela acomodou-se sobre o seu quadril, sua ereção um grosso comprimento contra ela. — Para fazer isso, você vai ter que me querer dentro de você.

Ela teve que rir. — Falou como um homem. Tem certeza de que é necessário?

— Você acha que estou brincando, mas você vai ver. Agora suba a bordo.

Seu corpo estremeceu com o convite. Ela levantou-se, em seguida, seu núcleo estava posicionado sobre a cabeça de seu pênis. Ela estava pronta para ele enquanto abria seu caminho para dentro. Seu corpo chorava por ele, ainda mais quando ele gemeu e arqueou, empurrando seus quadris como se não pudesse controlar a si mesmo. Ele empurrou e a encheu.

Paraíso, ela murmurou dentro de sua mente.

Ele suspirou e arqueou novamente, esticando-a e então se movendo em um ritmo lento e sensual. Ele puxou-a para baixo em seu largo e musculoso peito, aconchegando-a sob o queixo. Seus braços fortes e torneados a engolfaram. Ela estava em uma perfeita gaiola de seu corpo, envolta e protegida, satisfeita.

Quando ela disse que queria entrar, ela não imaginou que precisaria do sexo para fazê-lo, mas assim que ele abriu sua mente e ela caiu lá dentro, o sexo desde o primeiro minuto era tudo o que podia acontecer. Ela foi despertada como nada que ela já havia experimentado antes e ela entendeu, em um súbito clarão, o que significava ser um homem quando ele entrava em uma mulher, o estranho poder, a natureza erótica da penetração, a plenitude da estimulação, porque agora mesmo, ela havia penetrado nele. Sua mente estava totalmente colocada a mercê dela, um banquete em que se empanturrar, e ela estava tão excitada.

A sensação de controle a agarrou antes que ela pudesse pensar nisso, ela arqueou para longe dele e entrou na órbita de um duro orgasmo, seu poder batendo sobre ele como sempre fazia. Ele a pegou com braços musculosos, segurando-a no lugar. *Eu adoro quando você faz isso. Tão sexy. Agora aguente o passeio de verdade.*

Ele trabalhou seu corpo, em lentas ondulações eróticas, enquanto sua mente começava a descer dentro dele. Foi como mergulhar em uma piscina quente e flutuar, a água apenas desviando para fora do caminho. Quando ela imergiu completamente, sua vida, flashes dos acontecimentos lembrados, todos os mil e duzentos anos da sua vida começaram a fluir através dela; compartilhando e experimentando, saboreando e odiando, todas as suas esperanças e temores, todo o amor, sexo e batalhas, a perda de suas duas mulheres, a partida de um filho recém-nascido antes de sua ascensão, o bebê Evan, então a morte de seus dois filhos todos aqueles séculos mais tarde.

O elemento mais surpreendente, no entanto, foi que ela viu e experimentou a profundidade de sua devoção aos Guerreiros de Sangue, uma verdadeira fraternidade de homens, homens poderosos, os vampiros dedicados a um mundo melhor, um mundo mais seguro.

Dentro da correnteza do seu corpo ela chegou a conhecer todos através de seus olhos e através de milhares de interações; o vínculo peculiar que ele dividia com Thorne, seu líder, com Medichi e seu amor pelo vinho, com Jean-Pierre e seu amor pelas mulheres, Santiago e sua

habilidade com armas, Zacharius e sua vaidade, Luken e sua alma gentil, mesmo Marcus, antes da terrível ruptura que os separou no momento da morte de Helena.

Minha vez, bateu através de sua mente. Sentiu uma grande onda levantando-a conforme ela movia-se para fora de sua cabeça e ele começava a penetrar a dela. Ele virou seu corpo, ao mesmo tempo, de modo que quando ele caiu completamente dentro de sua mente, ele estava batendo com força em seu núcleo. Ela o permitiu, mas não conseguia levantar um dedo sequer para tocá-lo. Ela foi esmagada por sua presença de uma maneira que pregava chamas a cada nervo em seu corpo. Ela compartilhou sua vida com ele, sua história, como ele fizera, retendo apenas a nova vida dentro e a estranha conversa telepática com Leto.

Por outro lado, ele encheu a cada esconderijo de suas memórias. A ruptura uma vez mais se aproximava, espetando-a profundamente entre as pernas, onde ele tomou posse de seu corpo, onde impulsionava seu pau. A sensação de prazer intenso se espalhava para cima através de seu torso, envolvia seu coração, varria sua cabeça e fogos de artifício lançavam ao redor até que ela gritou naquele orgasmo mais e mais e mais. O eco resultante de poder levou-o para o ar, seus quadris unidos aos dele desde que ele se recusou a perder a conexão. Caindo de volta sobre a cama, ele a girou, impulsionou-se, retirou-se, deu um impulso mais forte, rolou os quadris, e chupou em seu pescoço.

Goze para mim, ela enviou enquanto seu próprio orgasmo vibrava baixo nela uma vez mais. *Agora. Eu preciso de tudo de você.*

Ela gritou conforme o prazer tomava conta dela, um grande incêndio no poço de seu corpo. Quanto mais a sensação aumentava, mais e mais ela gritava, outra onda de poder o atingindo.

Ele urrou, rosnou, amaldiçoou, então com um grito final, derramou-se duramente dentro dela, empurrando até que estivesse completamente satisfeito.

Por fim, ele abaixou-se de volta para ela.

Agora ela podia mover os braços... bem, um pouco. Ela envolveu-os em torno de seus ombros largos e inalou uma respiração irregular.

— Fantástico — ela murmurou. — Vamos fazer tudo de novo em cerca de quinze minutos.

Ele riu, balançando contra seu peito. — Eu te amo, Alison. Eu estou tão apaixonado por você. Aí está, eu disse isso. Eu te amo.

O coração de Alison inchou. Ouvi-lo falar de amor! E ainda havia algo em seu tom, uma ponta de desespero que causou uma onda de preocupação. Ela esteve dentro de sua cabeça. Ela viu sua tristeza após a Helena e os filhos morreram, ela sentiu o impacto de duzentos anos de manter seus votos de que ele nunca mais seria uma fonte de perigo para outra mulher.

Ela inalou e exalou lentamente, lutando para encontrar as palavras certas, mas nada veio a ela, nenhuma frase gentil ou delicada, apenas quatro palavras, e ela as dizia em voz alta agora: — Diga-me o que aconteceu.

Kerrick levantou e olhou para ela. Ele sabia exatamente o que ela quis dizer, o que ela queria saber.

Cristo. Ele se arrastou para fora dela, quebrando a ligação erótica. Ele deslizou seus quadris até a borda do colchão, com as pernas pendurando. Quando ela se virou de lado para longe dele, ele acariciou as costas de seu pescoço. Agora ele queria sumir, saltar para fora da cama e correr duro, para longe da casa, longe dela, longe do assunto. Ele não queria falar sobre Helena ou sobre seus filhos, não com Alison, especialmente com Alison, porque este era o seu fracasso, o seu maior fracasso.

Ele a deixou dentro de sua mente, deixando-a brincar ao redor, e ele adorou, mas também significava que ela viu o seu passado, especialmente a natureza de seu sofrimento. Ela também era uma terapeuta, então é claro que queria que ele falasse. Fixando um ponto longe, ele não viu sentido em tentar fugir do assunto.

Ele puxou uma respiração, depois outra. Ele deixou as palavras fluírem. — Eu estava lutando. Não era muito tarde, talvez oito horas. Eu estava no extremo norte das montanhas White Tank na Segunda Terra. Naquela noite, Greaves nos atingia com muitos meninos bonitos por toda a Fronteira, o que era incomum na época.

— Thorne suspeitava de algo grande que estava indo abaixo. Todos nós o fazíamos. Nós simplesmente não conseguíamos imaginar o que, o que significava que não sabíamos para o que nos preparar.

— Helena não era poderosa como você, apesar de ter alguns dons plenamente desenvolvidos. Sua telepatia era perfeita. Se ela fosse mais poderosa, se ela fosse capaz de sentir que algo estava por vir, se ela tivesse mesmo um pequeno pedaço da clarividência que eu sei que você tem, poderia ter me chamado e juntos, poderíamos ter feito alguma coisa. Pelo menos, eu acho que poderíamos ter feito. Eu não sei, por que eu não estava lá quando aconteceu. Talvez eu tivesse descaracterizado a situação também. — Fez uma pausa. Ele não queria falar as palavras.

Para seu crédito, ela permaneceu em silêncio, deixando-o encontrar seu caminho.

— Helena e eu estávamos engajados em plena comunhão de corpo, sangue, mente por isso estávamos muito próximo, tão íntimos quanto dois ascendentes poderiam ser apenas antes do breh-Hedden, mas não foi suficiente para nos ajudar naquela noite.

Ela colocou a mão em seu ombro. — Qual era a diferença, então? Quero dizer por que não foi a sua comunhão plena com Helena o mesmo que o breh-Hedden? Eu não entendo.

Ele franziu o cenho. Merda, isso doía, porque essa era a questão central, a razão pela qual ele nunca deveria ter se casado com Helena, em primeiro lugar. — Por causa da diferença entre telepatia e a comunhão de mentes. Helena não tinha o seu poder. Eu não poderia estar em sua mente da forma como eu posso estar na sua, porque eu a teria machucado. Nem poderia Helena estar na minha mente, porque ela não tinha a capacidade. Fomos capazes de nos comunicar telepaticamente, mas ainda era muito diferente da comunhão de mentes.

— Todos os seres ascendentes podem participar de algum nível de plena comunhão, fazendo uso da telepatia, mas a maioria dos ascendentes não pode entrar na cabeça de outro.

Alguns acreditam que o mergulho, a comunhão de mente é mais uma habilidade da Terceira Terra do que um poder da Segunda Terra, razão pela qual o breh-Hedden é extremamente raro e ocorre somente entre os Guerreiros de Sangue... e as mulheres poderosas. — Sua garganta estava sufocada e sangrando. — Helena apenas não era o suficiente avançada, não como você. Exceto Endelle, não há ninguém como você em nosso mundo.

Ele fechou os olhos e se forçou a respirar. Seu peito estava apertado e seu coração sangrava pelas memórias. Ele respirou fundo outra vez e continuou. — Quanto a Helena e o que aconteceu naquela noite, por causa de suas habilidades telepáticas e porque não houve uma trégua na batalha, nós estávamos falando, indo e vindo dentro de nossas mentes. Foi maravilhoso. Ela e as crianças acabaram de voltar da cidade. Eles desatrelaram os cavalos. Ela era muito firme em garantir que nossas crianças aprendessem os tipos de habilidades iniciais. Kerr e Christine sempre reclamavam, é claro, mas aos nove e sete anos esses dois sabiam como cuidar de qualquer um dos cavalos que tínhamos na propriedade e como manter os vagões e carruagens em boa forma, mesmo que ainda não pudessem fazer o trabalho sozinhos.

— Deus, eu estava orgulhoso deles, todos eles. Helena era uma mãe maravilhosa, paciente, gentil. — Um novo peso desceu sobre seu peito e sua garganta doeu apertada, a memória puxando forte agora. — Então, ela estava na minha cabeça, telepaticamente me contando sobre um tecido que ela acabara de comprar, uma importação recente da França Mortal, uma seda muito fina, quando a comunicação foi interrompida repentinamente. — Lembrou-se do momento como se fosse ontem. —Eu estava parado e antes que eu soubesse o que havia acontecido eu estava sentado, a minha cabeça em minhas mãos, as lágrimas correndo dos meus olhos sem razão aparente... só o que eu sabia, eu sabia que eles tinham ido, todos eles.

— O estábulo foi cheio com pólvora suficiente para explodir um buraco através de uma montanha. O Comandante não estava deixando nada ao acaso. Além de minha família, dois dos servos morreram também. Eles estavam no estábulo ajudando, como sempre faziam.

Ele sentiu Alison liberar um suspiro profundo. — O Comandante foi acusado pelo crime?

— Não havia nenhuma prova de sua ligação, mas ele ofereceu um par de vampiros da morte para serem incriminados. Eles foram condenados e enforcados ante a mais frágil evidência. Eram culpados? Quem sabe. Eu sempre atribuí o crime ao Comandante. Ele era o único com a motivação.

Ele puxou o fôlego, em seguida expulsando o ar. Ele sentia doer na boca do estômago. Era por isso que ele não gostava de falar sobre o que aconteceu. As lembranças eram tão frescas como se fosse ontem. A dor era real.

— Então você acredita que ele matou sua família para te atingir.

— Desmoralizar um inimigo é uma tática legítima de guerra.

Ela se virou para ele e olhou em seus olhos. Ela o beijou. Beijou-o mais e mais, com as mãos em seu rosto, seus dedos deslizando em seu cabelo. Beijou seus lábios, uma e outra vez, empurrando-se para ele, dirigindo sua língua em sua boca, seus braços serpenteando ao redor do pescoço, seu corpo exuberante, quente e vivo contra o dele.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele recuou e olhou em seus olhos uma vez mais, molhados olhos azuis, circulado por dourado, brilhantes, dizendo coisas que ela não precisava falar em voz alta, nem em sua mente, coisas desesperadas feita de sonhos e esperanças.

Ela o beijou de novo, aqueles beijos insistentes empurrando, trabalhando sua boca, seu corpo se contorcendo contra o dele. Ela esteve aqui, ela era o agora, ela estava viva, tudo para ele, para confortá-lo, ouvir a sua dor, para ouvi-lo, senti-la, aceitar tudo o que ele era, mesmo seu profundo sentimento de fracasso.

Ele girou sobre suas costas, duro, mais uma vez pronto para ela. Quando ele dirigiu-se para dentro dela, ele olhou em seus olhos e nunca mais parou de olhar, nem que ela desviasse seu olhar para longe dele mesmo por um momento de lânguida paixão. Em vez do frenesi o ato se tornou sobre o agora de suas vidas, a sua ascensão que significaria tudo para ele, que anunciaria um futuro novo, compartilhado, Deus os ajudasse, a ambos.

Quando seu clímax se apoderou dela, e seu poder deu um soco contra o abdômen dele, aqueles olhos azuis ainda estavam travados nos dele, ele liberou-se dentro dela em um borrão de movimento perverso.

Enquanto seus corpos se acalmavam, ela continuou se esfregando, então finalmente disse o que estava em seu coração, assim: — Hoje à noite, na minha cerimônia de ascensão, nossa vida juntos começa. Eu estarei livre do Comandante. Os vampiros de morte não virão mais em minha caça para me ferir.

Ele balançou a cabeça.

— Sim — ele sussurrou, mas ele a beijou duramente e ignorou a sensação desesperada do momento. Será que eles realmente começariam uma nova vida ou era apenas mais uma grande mentira?



Alison ficou no meio do piso de mármore sob a enorme rotunda central do palácio de Endelle com Havily ao seu lado esquerdo e atrás dela um passo. Ela estava quase se sentindo livre. Ela podia sentir isso. Uma vez que ela completasse a cerimônia de ascensão, Darian, o Comandante, não teria mais nenhum direito legal em continuar o seu ataque sobre ela. De acordo com tudo o que ela sabia sobre ascendidos, ele teria que voltar seus esforços em outra direção, talvez para outra ascensão em andamento, quem sabe?

O que ela não entendia e que a deixava com os nervos a flor da pele agora mesmo era por que Greaves não tentou outro ataque. Ela não sabia o que fazer com ele, uma circunstância que a fazia olhar por cima do ombro mais de uma vez, e o ar fresco das paredes vazadas pouco fazia para acalmar seus nervos.

No entanto, apesar de suas preocupações, este era o momento pelo qual ela esteve esperando, a conclusão de seu processo de ascensão, o ponto em que ela se tornaria um ascendida... uma vampira... uma imortal...

Ela deslocava o peso de um pé ao outro. Ela ordenou sua mente, ou pelo menos, tentou.

Endelle parou na frente dela, quase dez metros de distância. Ela vestia um manto formal negro, que mal tocava as bordas de seus saltos stiletos. Ela estendeu a mão direita e um livro apareceu. Ela fez uma careta, folheou várias páginas, colocou o dedo indicador em um parágrafo, e começou a ler.

As palavras falavam da beleza dos mundos tridimensionais, da natureza exaltada da ascensão, da comunidade em que Alison estava entrando, e da profundidade da responsabilidade de cada ascendido carregava pelo futuro da Segunda Terra. O Servir era saudado como o maior privilégio e dever principal de cada residente da Segunda Terra. Alison tentou absorver o que estava sendo dito, mas os suspiros frequentes de Endelle e o traço entediado de sua voz abafavam o significado do texto.

Kerrick estava em posição de guarda atrás de Alison e orientado a sua direita, sua mente nunca longe da dela, uma presença calmante, pairando com um toque suave contra seus pensamentos.

Os Guerreiros do Sangue se posicionaram por trás de ambos, Kerrick e Havily em trajes formais, exceto pelas pesadas braçadeiras de couro e bronze, todos os sete guerreiros, incluindo Marcus. A aceitação do guerreiro Marcus entre os guerreiros aparentemente aumentava a cada sucessiva noite de luta.

Ela podia sentir o calor de tantos grandes corpos masculinos atrás dela. Mas eles moviam-se sobre seus pés, clareando as gargantas e soltando suspiros. O Comandante estivera tranquilo desde a batalha da arena Tolleson, o que deixava a todos inquietos, como a velha expressão sobre ficar esperando o outro pé do sapato cair, só que não seria um sapato, seria uma espada, ou melhor, um monte de espadas.

Uma brisa fresca corria sobre Alison vinda das paredes vazadas. A ausência de portas, paredes e janelas davam a impressão de uma moradia do Olimpo, especialmente desde que o palácio foi construído ao lado das Montanhas McDowell.

Sim, o olimpo veio à mente. Alison sorriu ante essa ideia, por ter feito uma comparação, Juno seria muito bem representada por Madame Endelle. As deusas do Olimpo eram notavelmente egoístas, antipáticas por natureza, exigentes, e, claro, muito bonitas. Sim, muito semelhante à Juno.

A voz de Endelle quebrou através dos pensamentos de Alison. — Você concorda em servir a Segunda Terra com uma mente e um coração dedicados?

Alison assentiu. — Eu o farei.

— Você concorda em obedecer às leis da Segunda Terra, especialmente no que elas se aplicam as limitações de envolvimento com a Terra Mortal?

— Eu o farei.

— E você solenemente dá a sua lealdade a mim, como Alta Administradora Suprema de Segunda Terra?

— Eu o farei.

— Você pode se aproximar.

Alison avançou para ficar a um metro na frente dela.

— Mais perto — Endelle ordenou.

Alison deu dois passos para posicionar-se a distância de um pé dela. Endelle dobrou o grande livro cerimonial para seu lugar. Ela colocou as mãos no rosto de Alison sobre ambas as faces, os dedos se espalhando para abranger a totalidade de sua mandíbula. A pele de Endelle era quente contra a dela e logo esquentou mais.

— Tenho a honra de imbuí-la com a imortalidade da Segunda Terra, todas as qualidades que permitirão vida longa e partilha de sangue e poções. Que você possa trazer a paz ao nosso mundo.

Conforme a energia fluía de Endelle, Alison fechou os olhos e abriu seus lábios. Ela respirou fundo, absorvendo as sensações com alguma dificuldade que ela não estava certa do motivo.

— Maldição, Alison — Endelle gritou. — Libere seus escudos! Tão malditamente teimosa. Tão ridiculamente poderosa!

Ela o liberou e uma onda quente fluiu através de seu corpo. A sensação era como nadar em águas tropicais. Ela se sentiu coberta, cercada, preenchida, estranhamente completa, como se até este momento algo desconhecido estivesse desaparecido de sua vida. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Portanto, isto era a ascensão, o verdadeiro dom da vida ascendida, uma liberdade maravilhosa, um sentimento de pertencer e de unidade. Era isso o que todos sentiam?

Toda ascensão é diferente. Kerrick dissera a ela.

Ela abriu os olhos e encontrou o olhar de Endelle. Pela primeira vez, a líder da Segunda Terra não parecia tão endurecida. Até mesmo a aparência amadeirada de seus olhos amoleceu e ela realmente sorriu. — Parabéns. Você concluiu o seu rito de ascensão. A partir deste momento, o Comandante Greaves ou qualquer de seus asseclas que tenham a ousadia de atacá-la, ele ou todos serão responsabilizados sob o peso total da lei. Digo isso para garantir que nenhum de nós espere novas agressões. Como eu já disse, bem-vinda, vampira ascendida Wells.

— Obrigada — respondeu Alison. Ela balançou a cabeça várias vezes. — Obrigada. — Sua boca estava estranha, as gengivas doloridas. Huh. A presença de presas? Seu coração pulou uma batida quando pensou no que ela poderia fazer com suas presas e como Kerrick demonstrou seu prazer quando o fez. Seu corpo reagiu inapropriadamente e ela respirou mais fundo para se recompor.

— Vire-se, ascendida Wells, e cumprimente seus compatriotas.

Ela virou-se lentamente, o coração tão cheio que não podia falar. Os guerreiros explodiram em um forte aplauso juntamente com assobios e gritos. Havily sorriu.

Kerrick deu seu sorriso torto, fora do centro. Ele assentia e uma explosão de cardamomo a atingiu direto no peito.

Ela cambaleou sob o golpe, mas sorriu. Ela era como ele agora, realmente sua igual, e ela não podia esperar para estar com ele novamente.

Ele cruzou até ela rapidamente, em seguida, pegou em seus braços e abraçou-a. — Eu não sabia — ela murmurou em seu pescoço. — E pensar que eu poderia ter recusado isso. — Ele segurou-a por um bom momento. Ela podia sentir a tensão em cada membro, na forma como ele segurou-a tão apertado, uma combinação de medo e amor.

Ele pegou o queixo dela com os dedos e deu um beijo suave em seus lábios. — Bem-vinda a Segunda Terra.

Quando ela encontrou seu olhar, se perdeu, pensando em tudo o que passou e em todas as maneiras que ele fez amor com ela, e se a vida fosse ainda um pouco justa, em todos os belos séculos que teriam juntos. Se Deus quisesse.

Mas, mesmo assim, como os guerreiros parabenizando-a, ela os observava, sempre verificando sobre seus ombros, o olhar trocando de um lado a outro, rondando, sempre em guarda, com os punhos como se preparando para a qualquer momento trazer sua espada em suas mãos.

Dúvida rasgava através dela de repente.

Teriam ela e Kerrick realmente uma vida juntos ou estava enganando a si mesmos?

Um servo chegou até a porta e anunciou que o jantar estava servido. Os Stilettos de Endelle clicaram em todo o mármore enquanto ela liderava o caminho para o salão de jantar.

Kerrick ofereceu seu braço, e juntos eles foram atrás de Sua Supremacia.

Alison olhou para trás. Havily tomou o braço de Luken. O resto dos guerreiros também os seguia, com exceção de dois. Conforme ela cruzou o limiar teve um último vislumbre de Marcus e Santiago, ambos em pé perto da parede vazada, olhando profundamente a paisagem além, caçando, escrutinando o ar. Santiago levantou seu olhar para o céu.

Ela sabia que eles estavam procurando vampiros da morte.

Um arrepio viajou para baixo de sua coluna, agarrando-se em sua pele em uma ondulação forte de medo. Não importava as garantias, esta era a sua vida agora que ela havia ascendido.



Marcus pegou o último lugar na fila para entrar no jantar, esperando até que Santiago completasse sua varredura visual do exterior. Sua mão coçava para sua espada. Ele não gostava da configuração do espaço, apesar de Thorne insistir que o palácio tinha um sistema de segurança que era uma verdadeira obra de arte. Ele odiava as paredes abertas.

O que diabos Endelle estava pensando? Um ataque poderia vir de tantas direções, através das várias rotundas conectadas, todas as quais, por sinal, eram grandes o suficiente para vampiros da morte chegarem pelo ar.

Conforme a celebração se deslocava para a sala de jantar, mais uma vez ele olhou para cima. Os tetos eram fodidamente altos e permitiriam que qualquer coisa em voo chegasse por cima, então descesse à vontade como um foguete.

A sala de jantar era vasta e, sem dúvida, acomodaria mais de uma dúzia de grandes mesas redondas para um jantar sentado para uma centena de pessoas. Então, sim, o espaço poderia facilmente abrigar uma pequena batalha. Especialmente hoje, com apenas uma mesa posta para o jantar de comemoração.

Bem no centro. Merda. Ele era capaz de ver Kerrick facilmente e o filho da puta podia vê-lo.

Ele não deveria sequer estar aqui e se ressentia como o inferno pelo fato de que Endelle insistisse em sua presença. Qual era o ponto? Alison acabara de completar sua cerimônia de ascensão. Ela estava a salvo agora, ou pelo menos tão segura como ela jamais seria e ele poderia voltar para a sua vida na Terra Mortal, sua vida real. Ele deveria apenas sair, mas fugir iria apenas irritar Sua Supremacia, o que nunca era uma coisa boa. Ele não seria dispensado até que ela o permitisse. Nenhum questionamento ou reclamações eram permitidos.

Ele evitou o contato visual com Kerrick. Desde que foram um contra o outro, uma trégua silenciosa caracterizou suas interações subsequentes. É claro que ele tinha uma grande distração na mão, que o mantinha ocupado a maior parte do tempo de qualquer maneira... Havily.

Ela parecia incrivelmente tentadora em um simples vestido preto e algum tipo de bota curta negra. Todo aquele negro contrastava com o cabelo vermelho-aveludado, que pendurava em ondas brilhantes para o centro de suas costas, a cena o fazia sofrer.

Graças a Deus ela seguiu logo atrás de Alison e Kerrick. Luken ofereceu o seu braço e ela o aceitou. A noite já caiu e de alguma forma seu perfume de madressilvas ficara mais pesado e mais forte com o passar das horas. Ele tinha um pau duro do qual simplesmente não conseguia se livrar.

Enquanto passeava por trás de Medichi, ele precisava admitir uma maldita coisa. Havily era seu fodido par. Por quatro mil anos, uma mulher divorciada, duas mulheres enterradas, e no alvorecer do todo-inferno-está-sendo-libertado-agora a mulher significava para ele um despertar no deserto de Sonora Segunda, parecendo o céu e cheirando como o pecado. Nunca estivera tão atraído por uma mulher, tão fascinado por sua presença e por seu perfume. E ele sabia, ele sabia que ela estava igualmente atraída por ele. Ela também estava chateada com isso, pois o desdém em sua expressão quando ela olhava em sua direção estava cheio de fogo e enxofre.

Ele era um desertor e ela o desprezava.

Simples assim.

Então o que diabos isso importava? Ele poderia destruir tudo que fosse importante para ela, mas jamais tomaria uma companheira, uma verdadeira companheira.

Porra. Ele só queria como o inferno que ela não estivesse tocando Luken. A mão dela no braço dele o fez querer montar suas asas, arrastar sua espada, então fatiar o bastardo como no inferno.

Merda, ele precisava ter sua vida de volta, suas várias corporações, o seu império construído. Ele poderia esquecer tudo sobre aquela mulher se ele já não tivesse que estar em

torno a farejando, ficando de pau duro a cada dois minutos. Jesus. Quatro milênios e ele poderia muito bem estar em seus dezesseis anos de idade novamente.

Enquanto ele tomava um assento duas posições longe de Kerrick para não ter que estar de frente a ele, ele olhava para Endelle. Ela se sentava em uma cadeira-trono que enfatizava sua posição. Ele estreitou os olhos. E se ela tivesse orquestrado isso? Todos os séculos em que ele esteve lutando contra vampiros da morte em seu nome, desde o ano mil novecentos e noventa e sete Antes de Cristo, apenas outro guerreiro encontrou uma verdadeira companheira. Mesmo Kerrick admitiu que Helena não estava nessa categoria. Helena não era suficientemente poderosa, o que foi a metade do problema, a metade da razão de ela ter morrido. Ela não foi capaz de perceber o futuro para colocar-se e a suas crianças fora de perigo.

Mas esses pensamentos eram um buraco negro e ele não ia sucumbir. Caso contrário, ele acabaria por encontrar alguma desculpa para provocar Kerrick e mais uma vez bater a merda fora dele, ou pelo menos tentar.

Ele respirou fundo. Apenas teria que esperar esta noite terminar, talvez fazer um pouco de exercício hoje à noite se os meninos bonitos resolvessem se mostrar, em seguida, obter permissão para dar o fora. Aprumou seus ombros para trás e assim que a equipe de garçons começou a servir o vinho, ele começou a beber.

Depois de dois copos cheios, ele olhou para cima para encontrar o olhar de Alison no seu. Compaixão descansava naqueles olhos azuis dela. Jesus Cristo. Portanto, o canalha disse a ela o que aconteceu com Helena. Foda-se. Ela inclinou a cabeça, em seguida, desviou o olhar, graças a Deus.

Ele chamou a atenção de um garçom, levantou seu copo, e viu o vinho branco subir até a borda.

Ele ainda não podia acreditar nos poderes da Terceira Terra que ela demonstrou ao combater contra Leto. Jesus, e por falar em poder. Ela tinha todas as habilidades da Segunda, como Endelle em sua ascensão, além de algumas da Terceira. Esse era uma porra de um barco cheio de habilidade. Infernos, talvez ela ficasse viva para o bastardo.

Um músculo se contraiu em seu rosto. Ele engoliu mais do vinho branco. Então, Alison Wells era a companheira de Kerrick, quando Helena não havia sido. Uma enxurrada de palavrões voou através de sua cabeça mais uma vez. E Alison estava aqui e agora, o que significava que Kerrick iria ser feliz, aquele maldito filho da puta.

Ele engoliu em seco e forçou-se a se acalmar tudo de novo.

A salada chegou, o que ele ignorou.

Ele continuou bebendo, desejando como o inferno que tivesse Scotch até a borda do copo em vez de Sauvignon Blanc.

Ele sentiu um solavanco no braço. Medichi falou baixo junto a sua cabeça, — Ei. Passe os rolinhos, idiota.

Marcus pegou a maldita cesta, em seguida, empurrou-a para Zach à sua esquerda. Infelizmente, em algum momento daquele movimento, seu olhar pousou em Havily. Ele teria desviado o olhar, mas ela encontrou seu olhar de frente. Suas bochechas tingiram-se de rosa e

uma onda repentina de madressilvas o fez engolir o vinho branco como se estivesse morrendo de sede.



Havily desejou ter desaparecido há muito tempo.

Estar no mesmo quarto com o Guerreiro Marcus se tornou uma tortura física, o tipo que ela desejava e desprezava tudo ao mesmo tempo.

A incrível salada de nozes e beterraba que ela foi incapaz de tocar foi removida, e um saboroso prato principal foi colocado na frente dela. Mas tudo o que ela podia fazer era brincar com o peito de frango temperado com sálvia e alecrim, feijão verde salteado, purê de alho e batatas. O sabor poderia ter sido o céu para ela, se não fosse por uma coisa, tudo que ela podia sentir era aquele ridículo cheiro de erva-doce, que agora a envolvia maciçamente em grandes nuvens vindas do outro lado da mesa. Ela desejou que o Guerreiro Marcus parasse de fazer o fosse o que estivesse fazendo. Seu nariz estava entupido com seu cheiro, o que por sua vez mantinha uma dor baixa profundamente em seu abdômen.

Ela se esticou para trás em suas costas.

Ela sentia como se estivesse ovulando e agora ela lutava para respirar. Seus seios estavam inchados e seu sutiã, repentinamente muito apertado. Luken, que se erguia próximo a ela, podia ver até o corpete de seu vestido e seu olhar caía lá com frequência. Ele tinha uma coisa com ela ao longo das últimas décadas, já que ele serviu como seu guardião. Ela desejava não ter se sentado ao lado dele. Ele continuava se inclinando para perto e fazendo perguntas atenciosas. É claro que eles tinham carinho um pelo outro, ele era Luken, o gigante com o lindo coração.

Ela simplesmente não estava interessada nele, não romanticamente. Ela deveria estar, no entanto. Ele era doce e gentil e honrado. Mas essa sempre era a dificuldade com a atração, com o amor, a escolha nem sempre era a mais sensata, racional, ou realista.

Não que ela estivesse escolhendo ninguém! Ela não estava. Ela jamais poderia escolher ao Guerreiro Marcus.

Ela era, no entanto, grata por que depois desta noite, ela não iria ver qualquer um dos guerreiros de novo por um bom tempo. Voltariam a sua rotina de fazer a guerra, Marcus, sem dúvida, voltaria para a Terra Mortal, e ela iria começar a reconstruir seu projeto de arquitetura do complexo militar administrativo de novo.

Ela cortou uma fatia de carne de frango, empilhou-a com um pouco de feijão verde, e a banhou em purê de batata. A mordida perfeita. Ela abriu a boca, mas tudo que ela podia sentir era o cheiro de erva-doce. Oh, pelo amor de Deus. Ela olhou para Marcus. Por que ele não parava de fazer tudo o que estava fazendo? E por que ninguém mais reclamava do cheiro, a erva-doce melada e erótica que ele lançava para ela como se planejasse soterrá-la em uma montanha daquilo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Seus olhos se estreitaram quando ele encontrou o seu olhar, mas ele desviou o dele, em seguida pegou seu copo de vinho... outra vez.

Ela precisava fazer algo para não ficar pensando obcecadamente em seu absurdo cheiro. Ela olhou para Santiago, que estava sentado entre Jean-Pierre e Medichi. — Qualquer coisa nova na tecnologia das armas? — ela perguntou. Ele era incrivelmente bonito de uma forma latina, lábios sensuais, um nariz interessante, com algumas curvas deleitáveis. Mesmo o seu nariz era sexy.

Ele balançou a cabeça. — Uma mulher depois do meu próprio coração. Agora, por que não posso encontrar uma mulher que vai falar de lâminas comigo?

Jean-Pierre deu uma cotovelada nele. — Você sempre morde primeiro e nunca pergunta nada depois, é por isso.

— Foda-se, amigo — respondeu Santiago.

Jean-Pierre riu, seus dedos longos e elegantes puxando a carne de um osso. Jean-Pierre tinha um leve sotaque francês e muito sexy, na verdade lindas mãos.

Havily apenas balançou a cabeça e riu. Como ela nunca conseguia uma resposta direta quando os guerreiros estavam em um grupo como este? Eles sempre cortavam uns aos outros, de uma forma amigável, é claro, como irmãos.

Ela desistiu de desfrutar do seu jantar, pegou seu copo de vinho, e se recostou na cadeira. —Bem, no que você está trabalhando agora? Você sempre tem alguma coisa na bancada de projetos.

Ele se inclinou para frente, as sobrancelhas juntas. Ele mastigava da sua maneira lenta e comedida. Ele nunca parecia fazer nada com pressa. Mostrando cuidado e rigor, até mesmo enquanto comia. — Zach e eu continuamos falando sobre como nós queremos uma arma a meio caminho entre uma espada e um punhal. Adagas são boas. Mas eu gostaria de algo que pudesse ser lançado como um punhal, mas mais eficaz, que fizesse mais danos em uma situação de combate, algo maior.

Havily assentiu. — Que comprimento iria funcionar melhor, na sua experiência? — Assim que a pergunta saiu ela soube que era a maneira errada de perguntar. Ela sabia que logo que as palavras saíram de sua boca pôde sentir o aumento de calor em seu rosto antes mesmo de ele responder.

Santiago riu, se inclinou para trás, então com apenas um vislumbre de presas ofereceu seu sorriso vampiro mais sexy, uma coisa fácil de fazer com toda a sua beleza. — Eu tenho uma maneira de medir que é perfeita — disse ele, lançando os braços sobre o encosto da cadeira de Jean-Pierre e Medichi à sua esquerda. Ela não tinha dúvida sobre o que exatamente ele estava se referindo.

Ela poderia ter se afogado em constrangimento se não tivesse sido em algum momento noiva de um guerreiro da milícia. Em vez disso, ela revirou os olhos.

Os homens gargalharam.

— Você está sonhando de novo — disse Jean-Pierre.

— Você está com ciúmes.

— Disso? — ele olhou de volta de Santiago. — Bah.

Havily tomou um gole de vinho, em seguida, balançou a cabeça.

Homens.

Guerreiros.

O que quer que seja.
A morte chega.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 21

Um pouco depois das dez horas Kerrick sustentava Alison em seus braços e moviam-se em um círculo lento em um dos andares inferiores sob uma das rotundas no palácio de Endelle. *As Time Goes By* tocava em um sistema de áudio de última geração, uma canção clássica de um filme antigo que ele viu, Casablanca, quando estreou pela primeira vez durante os anos dourados de Hollywood.

Ele desejava já ter conhecido Alison então. Ele a teria levado ao teatro em um encontro, talvez até para a Terra Mortal para a estreia. Ele sabia que ela adorava filmes antigos. Ele estivera dentro de sua cabeça.

Endelle ofereceu um jantar perfeito, uma festa excelente para a ascensão de Alison, apesar de a Sua Supremacia não ter ficado muito tempo. Após a sobremesa, ela desculpou-se.

— Tudo bem, idiotas — ela disse. — Estou de volta ao trabalho.

Ela se retirou para sua sala de meditação, onde mentalmente seguia Greaves por todo o planeta impedindo-o de enviar vampiros da morte de volta ao seu complexo na Montanha da Estrela. Os rumores diziam que ela fazia isso por meio do escurecimento, uma região de não espaço que permitia que uma pessoa estivesse em dois lugares ao mesmo tempo. Kerrick não poderia começar a imaginar o poder ou a energia mental necessária para vigiar o filho da puta do jeito que ela fazia.

O resto dos guerreiros, com exceção de Marcus e Luken, não estavam longe, apenas alguns metros de distância, sentados no terraço, fumando charutos, rindo, bebendo. Marcus estava emburrado junto ao bar. Luken dançava com Havily. Ele tinha uma paixão por ela, o pobre bastardo, mas ela não estava nem um pouco interessada.

Conforme ele dançava com Alison em um círculo lento, seu olhar caiu mais uma vez em Thorne. Ele se sentou virando-se de costas para os outros, seu telefone no ouvido, provavelmente falando com a Central. Ele girava um copo de Ketel na mão esquerda.

Thorne, o único que todos eles arreliavam.

Kerrick desviou o olhar. Sem dúvida a Central acabara de chamar. É claro. Os guerreiros teriam que sair a qualquer momento agora. Estas foram horas roubadas, a hora da ascensão de

Alison. Kerrick franziu o cenho. Normalmente, o Comandante já teria enviado todos os seus esquadrões ao longo da Fronteira bem antes disso.

Na medida em que se passava, por que não aconteceu outro atentado contra a vida de Alison? Bem, muito tarde agora. No que se referia a Alison, o Comandante estava fora do jogo. Ela terminou seu ritual de ascensão, o que significava que ela tinha a mesma proteção da lei como todos os ascendidos da Segunda Terra. Claro, isso não significava que ele não iria atacar o palácio apenas como um simples foda-se você Endelle e os Guerreiros de Sangue. Ainda assim, Alison estava fora dos limites agora, a menos que Greaves quisesse enfrentar o tribunal novamente, assim como a ira dos guerreiros.

Ele olhou para todas as paredes e portas abertas. O palácio tinha um sistema de segurança impressionante, que queimava qualquer coisa que tentasse voar para dentro. Bem como o que tentasse se materializar, ele não tinha certeza, mas sabia que a Central mantinha uma vigilância rígida sobre o local.

— Algo errado? — Alison perguntou. — Você ficou tenso.

Forçou-se a relaxar. — Por essa hora, eu normalmente estaria lá fora combatendo. Não estou acostumado com o silêncio. — Ele soltou um suspiro. — Vou me ajustar.

Ele passou os braços ainda mais apertados em torno de Alison. Ela deu um murmúrio de aprovação. Deus, ela se sentia tão bem contra ele, seus braços em volta de sua cintura, a cabeça inclinada sobre o ombro dele, seus lábios elevando-se para ele, provocando seu pescoço. Ele adorava que ela fosse alta. Ela realmente se encaixava nele, em todos os sentidos possíveis.

E ela tinha presas agora. Ele estremeceu, a antecipação enviando pequenos fogos de artifício em suas veias.

O quê? Ela enviou.

Você pode tomar o meu sangue agora.

Ele sentiu um tremor semelhante passar por ela. A onda resultante de lavanda levantou-se para atormentá-lo.

Ele deixaria o porão agora e ela partilharia a cama com ele. Ele havia mesmo começado a pensar que talvez devessem falar sobre a conclusão do breh-Hedden. Ela era poderosa e suas habilidades poderiam fazer a diferença. Talvez.

Ela se pressionava para cima, roçando-se contra ele e ele tinha certeza que ela podia sentir o quanto ele gostava desta dança. Quando ela moveu-se um pouco, para que seu abdômen deslizasse sobre sua ereção, ao mesmo tempo, ela beijou seu pescoço, sim, ela sabia exatamente onde queria estar agora.

Ao mesmo tempo, ele não queria que a dança chegasse ao fim.

Isso estava realmente acontecendo? Ele não tivera uma mulher na sua vida há tanto tempo, em dois séculos. Ele seria capaz de mantê-la em segurança? Será que sua proximidade a faria um novo tipo de alvo? É claro, as regras eram diferentes agora e Greaves não podia ir atrás dela, não sem repercussões. Mas isso deteria Greaves neste momento? O que ele não sabia, o que ele não poderia saber, era apenas como o Comandante acreditava que Alison era uma grande

ameaça. Afinal, ele não fizera outra tentativa contra sua vida dentro do espaço de três dias. Ele puxou em uma respiração profunda, a garganta se fechando. — Alison — ele sussurrou.

Ela recuou e olhou para ele. Seu peito subia e descia. Seus dedos trabalhavam o cabelo em sua nuca.

— Estou tão feliz por você estar aqui — ele sussurrou.

Ela sorriu. — Então, o quão cedo nós podemos sair?

Sua resposta chegou à ponta da língua até que uma carranca inesperada apareceu entre os olhos dela. — O que foi isso? — ele perguntou.

— Não tenho certeza. Eu me sinto desconfortável... — Ela parou de se mover.

— Oh, merda. Isso não pode ser bom.

— Não, não é.

Ele olhou em volta, mas não viu nada fora do comum.

—Será que o Comandante me atacaria agora? — ela perguntou, seus olhos arregalados.

Kerrick balançou a cabeça. — Ele seria um tolo para tentá-lo. Você completou o seu rito de ascensão. Se um ataque fosse concluído contra você, ele seria responsabilizado.

— Então ele não vai atacar?

Kerrick olhou para ela e um antigo medo o atingiu como uma rajada no peito. Quando considerou o momento presente ele teve uma súbita consciência de que este seria um momento perfeito para um ataque, com todos os guerreiros reunidos sob o mesmo teto. — Não seria dirigido a você — disse ele, mais para si mesmo do que para ela. — Nós seríamos o alvo, os Guerreiros de Sangue. — Lembrou-se então do por que da morte de Helena. Ela era casada com um guerreiro. Um arrepio passou por ele.



Marcus bebericava um bom brandy, uma de suas bebidas favoritas, mais até do que o Scotch. Ele sentava-se sozinho, não muito longe do bar. Os guerreiros estavam no pátio fumando, contando piadas, a usual besteira do vínculo masculino-imbecil. Ele não pertencia a eles. Além disso, sentado sozinho e bebendo o vinho fortemente enriquecido era mais adequado ao seu temperamento atual.

Ele assistia a oficial de Ligação dançando com Luken. O guerreiro estava realmente dentro dela, o bastardo.

Marcus esticou os dedos pela centésima vez em torno do copo. Ele tinha o hábito de esmagar copos, entre outras coisas de vidro.

Ele deveria ter saído ao mesmo tempo em que Endelle retirou-se para sua caverna. Ao contrário, ele andava em círculos. Seus instintos disparavam mísseis agora mesmo e ele não podia ignorá-los. Sua necessidade de proteger Havily o mantinha preso ao banco do bar, observando-a

com seu vestido curto, que ficava ainda mais curto com o braço de Luken em torno de sua cintura enquanto ele a movia em um par de voltas.

Ele ainda estava duro como uma rocha e não poderia arrancar o seu olhar da parte de trás das pernas dela, os topos de suas coxas, na vã esperança de um vislumbre de seu traseiro, o pensamento que o obrigava a sentar-se bem para frente. E tudo que ele podia sentir era o cheiro poderoso de madressilva. Maldição.

Ele tomou outro gole. Se forçando a desviar o olhar. Seu olhar pousou em Alison e Kerrick. Eles pararam de dançar e ela olhava em volta da rotunda com uma expressão contraída entre as sobrancelhas.

Um frisson viajou por sua espinha. Ele não esperou para adivinhar o que ele sentia. Com um aceno de sua mão, ele mudou da túnica às vestimentas de voo. Sacando a espada na sua mão.

Ele não estava sozinho.

O borrão em torno de cada um dos guerreiros indicou a mesma chamada às armas que foi registrada nos cabelos eriçados no pescoço e nos braços.

— A Central acabou de chamar — gritou Thorne. — Nós temos uma situação.

Marcus cruzou para Havily em alguns passos rápidos. Com Luken do outro lado, eles trabalhavam para mantê-la segura.

— Oh, merda — ela guinchou, sua boca normalmente primorosa.

— Não se afaste de qualquer um de nós — exclamou ele.

— Como é que eles vão passar pela segurança de Endelle?

— Há apenas um caminho. Greaves deve estar aqui.

— Um ataque ao palácio? — Luken gritou. — Isso é tão fodidamente ilegal.

— Quando foi que o Comandante já deu a mínima para isso? — Marcus agarrou sua espada com ambas as mãos, seus instintos ressoando como um alarme de incêndio. Seus músculos das costas engrossaram, suas travas de asas cantavam.

Vampiros da morte brilharam na rotunda, diretamente para dentro do espaço no qual os guerreiros apenas ficaram olhando para cima. Marcus varreu seu olhar sobre o grupo. Porra, eles eram fodidamente muitos. Vinte, vinte e um. Ele parou de contar.

— Montem — ele gritou. Suas asas voaram através de sua trava de asas, assim como fez Luken, mais uma camada de proteção para Havily.

O primeiro ataque veio conforme três deles se lançavam perto dele, atirando-se para o alto, voando para a altura da enorme rotunda, tentando afastá-la. Ele nunca se sentira tão focado em sua vida com sua mulher às suas costas e sua existência dependendo de como ele habilmente manobrava junto a Luken pelos próximos minutos.

— Como nós faremos? — ele gritou.

Luken respondeu: — Eu tenho quatro e eles estão indo para baixo.

— Bom. Mantenha Havily entre nós. Havily, nem sequer pense em dobrar. Eles vão seguir você.

— Eu não vou a lugar nenhum.

— Bom. Isso é bom. — Ouviu Luken grunhir e sua espada vibrava conforme se atracava com os meninos bonitos.

O trio que ia por Marcus tomava o espaço aéreo, mas empurravam suas asas para trás para fechar um cerco e disparavam em direção a ele como mísseis. Ele respirou fundo, abaixou os ombros, afundou o queixo. — Aqui vêm eles.

Ele arrancou a adaga de seu peitoral e a deixou voar. Ela encontrou seu lar, direto para o coração do vampiro à esquerda. Quase no mesmo instante, sua espada encontrou metal e ele moveu-se a uma velocidade sobrenatural para afastar cada par de empurrões uma e outra vez. O tempo todo ele podia sentir Havily movendo-se com ele, totalmente em sincronia. Ele sabia exatamente onde ela estava e só quando ele cortou a cabeça, deixando-o cair, restando apenas mais um vampiro da morte para enfrentar, ele percebeu que ela estava em sua mente entregando um aviso, muito calmamente.

Três à sua esquerda, ela enviou enquanto uma nova onda de inimigos voava através das paredes abertas. Então, sim, o sistema de segurança foi para baixo e havia apenas um ascendido que poderia ter feito isso. Greaves. Merda.

Ele também ouviu Havily no telefone. — Jeannie, precisamos de limpeza. Há algo que você pode fazer? — Pausa. — Tem que haver pelo menos duas dúzias de rapazes malvados aqui. Mas há... sangue e outras coisas por todo o chão.

Em pequenos incrementos, luzes piscavam e detritos de vampiros da morte foram removidos, obrigado Deus.

Havily, Marcus enviou, *você tem uma infernal cabeça fria sobre seus ombros.*

Apenas continue lutando, Guerreiro.

Mais vampiros da morte voavam para dentro, assim que este era um ataque a plena potência. Felizmente, Greaves não podia entrar na batalha em si mesmo. Pelo que Medichi disse, o COPASS tinha apenas algumas regras que estabeleciam o limite. Endelle e Greaves deveriam ficar fora de qualquer combate que acontecesse, graças a Deus, por uma dessas regras.



Alison não podia acreditar que a celebração da sua ascensão havia se transformado em uma batalha completa. Ela estava tentada a trazer sua espada até sua mão e se envolver no embate, mas o combate era ridiculamente próximo e havia muitos vampiros da morte. Ela não tinha esse tipo de experiência. Seria muito fácil acidentalmente ferir um dos guerreiros.

Ela manteve-se perto de Kerrick. Ele disse a ela para ficar em sua volta e chamou Medichi para fazer a guarda dela do outro lado. Seu coração batia fortemente. Ela nunca viu tal revoar de asas, e cada morte significava que um spray terrível de sangue caía... em toda parte.

A voz de Havily. — Limpeza principal a caminho.

Uma luz brilhou fortemente, como no complexo médico, cegando-a por um segundo. Seu estômago cozinhava conforme corpos, penas e partes de corpos desapareciam. Ela sentiu-se tonta, especialmente desde que o choque de metais resoava em seus ouvidos. Entre Medichi e Kerrick, o combate era rápido, furioso, e mortal.

Ela media os movimentos de ambos os guerreiros e ficou dentro de um par de metros de cada um deles. Medichi não montou suas asas, mas as penas brancas de Kerrick fluíam ao seu redor, às vezes pungente, às vezes tremulando maciamente.

Ao longo dos próximos minutos, vampiros da morte continuaram chegando. Mas, eventualmente, os números começaram a diminuir e parecia claro para Alison que o ataque acabaria em breve, até que viu o movimento borrado perto de Luken, Havily, e Marcus.

Um tipo diferente de ataque.

O borrão se solidificou. Darian o comandante estava perto deles. Ele não se envolvia, mas olhava para ela, um sorriso satisfeito curvando seus lábios. Ele deve ter criado uma névoa intrincada e poderosa para disfarçar a sua chegada, o que impedia que os mais próximos dele detectassem sua presença. No entanto, ela não tinha nenhum problema de ver através de todos os filamentos parecidos a uma teia de aranha que cruzavam seu rosto e corpo.

O que você pretende fazer, ascendida? A voz de Darian estava em sua cabeça!

Ela fortificou seus escudos e efetivamente o empurrou para fora.

O Comandante, ela sussurrou na mente de Kerrick.

Onde?

Ao lado de Marcus.

Eu não o vejo. Kerrick brandia sua espada contra dois adversários agora. O suor pingava de seu corpo.

Eu o vejo, Alison enviou. *Eu posso matá-lo. Eu sei disso.*

Eu ainda não o vejo. Você tem certeza?

Ali. Junto a Marcus. Isso vai ser simples. Mova-se para a esquerda, Kerrick. Eu posso terminar tudo isso, agora mesmo, aqui, esta noite. Adrenalina a inundava. Uma poderosa explosão de mão e ela poderia acabar com ele, para sempre. Talvez esse fosse o seu propósito, a razão pela qual Darian temera tanto a sua ascensão. Talvez ela estivesse destinada a acabar com a guerra, tomando sua vida.

Ele aproximou-se de Marcus, mas começou a desvanecer-se. Ele deve ter reforçado sua névoa. Ela não teria muito tempo nesta marcha. Ela precisava tomar uma decisão e ela precisava fazer isso rápido.

Seu coração troava em seu peito. Ela foi incapaz de tirar a vida de Leto, mesmo antes que ela soubesse que ele estava trabalhando como um agente duplo. Ela era uma terapeuta e acreditava na redenção da alma. No entanto, Darian Greaves caía em uma categoria totalmente diferente, e apesar do fato de ser repugnante o ato de tirar uma vida, se ela tivesse a chance de detê-lo, de destruir a maior força do mal na Segunda Terra, não deveria fazer isso? Sua consciência falou para ela: O monstro do outro lado da sala precisava ser detido.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Os braços de Darian desapareceram da sua vista, então suas pernas. *Kerrick, eu vou acabar com ele.*

Espere. Apenas espere. Eu não o vejo. Estou quase terminando aqui. Último menino bonito para ir.

Alison deteve-se mais alguns momentos, mas a cabeça de Darian e a maioria de seus ombros não estavam mais visíveis, tinha apenas um torso para mirar.

Enquanto Kerrick acabava com o último vampiro da morte e movia-se para a esquerda, ela viu sua abertura. Ela levantou a mão e acumulou força em sua palma. Uma explosão que poderia passar por uma dimensão também poderia enviar um inimigo da Segunda Terra.

Adeus, Darian, ela enviou. No mesmo momento em que ela disparou, a voz de Kerrick soou: — Não!

O que aconteceu depois ocorreu em câmera lenta. A explosão deixou sua mão e ela cambaleou para trás. Ao mesmo tempo a imagem de Darian desapareceu, assim como todas as assinaturas de sua névoa parecida a uma teia de aranha. Mais além, Marcus, Luken e Havily olhavam com horror, enfrentando a morte certa por sua mão. Então, em velocidade sobrenatural e na fração daquele último segundo, Kerrick moveu-se para frente deles e tomou toda a força da explosão em seu abdômen e no peito.

Ele continuou voando no mesmo ângulo em que ele estava se movendo. Ele voou de Luken à terra a mais vinte metros de distância em uma rotunda adjacente.

Alison ficou paralisada com o que havia acontecido, com o que ela acabara de fazer. Então Darian não esteve lá ou ele se moveu no último segundo? Oh, Deus, e se ela tivesse acabado de matar o homem que ela amava?

O Comandante estava ao seu lado agora e murmurou, — Oh, que infelicidade. Eu queria ver aqueles três morrerem, mas bem feito, minha querida. Você tomou a vida de um guerreiro do qual eu estava querendo me livrar a... oh, bem, vejamos, mil e duzentos anos.

Alison baixou os braços e virou-se para a sua direita, olhando diretamente nos olhos do Comandante. A compreensão a atingindo. — Você me enganou?

Ele deu de ombros, acariciando sua bochecha com o dedo. — Isso é guerra, minha cara. Bem-vinda a Segunda Terra. — Ele levantou um braço e em seguida, desapareceu.

Alison dobrou direto para Kerrick e caiu ao lado dele. Espadas ainda brandiam, os flashes ocasionais de luzes brilhantes a cegavam, vozes gritando pelo chão sob a rotunda. Nada disso importava quando seu amado estava no chão, rolando os olhos em sua cabeça, seu corpo tremendo, e as tiras negras de couro do seu arnês descascadas sobre seu abdômen? Ela não conseguia olhar para a destruição de sua carne.

Ela precisava fazer algo, e rápido. Certamente, ela poderia mudar o que havia acontecido, o que ela havia acabado de fazer.

Reversão do tempo!

Sim, é claro.

Ela concentrou-se no pensamento, mas nada aconteceu. Ela se levantou e estendeu as mãos, mas nada aconteceu. Ela tentou se trancar na sequência, tentou encontrar uma corda de

tempo, mas não conseguiu. Por quê? Por quê? Por que não desta vez, quando ela realmente precisava dele? Mas não importa o quanto tentasse, ela não conseguia encontrar a chave.

No entanto, quando de repente ela ouviu o riso do Comandante ela soube exatamente o motivo.

— Alguém traga o curador — ela chorou.

Mais flashes de luzes cegantes, mais metal gritando contra metal. Multidões de corpos reunidos em torno dela. Ela apertava a mão de Kerrick e implorava que a segurasse.

— Tragam Horace — ela gritou.

Ela olhou para Thorne, que caiu ao lado da cabeça de Kerrick. Ele deslizou o braço sob seus ombros e levantou-o para descansar em seu colo. Ele manteve uma mão apertada contra a testa de Kerrick.

— Tarde demais — ele sussurrou. Lágrimas derramavam de seus olhos.

Alison balançou a cabeça. Não. Não, não! Isso não poderia estar acontecendo.

— Por que você atirou contra nós? — Luken perguntou.

— Eu fui enganada. Pensei ter visto o Comandante na frente de você. Ele me enganou.

Kerrick não podia morrer. Ela não iria deixá-lo morrer.



Kerrick olhou e viu como o teto pintado da rotunda derretera e o céu negro da noite apareceu, uma visão da morte. Ele estava deitado de costas, a vida sendo drenada dele. Ele viu o movimento das galáxias conforme seu cérebro moribundo era atingido acima e para fora.

Ele tinha menos de um minuto agora. Ele não conseguia mais sentir o que um momento antes era gelo sobre seus membros. Ele mal tinha consciência de seu corpo, somente um profundo sentimento de pesar.

Alison, ele chamou novamente.

Kerrick?

Alívio inundou o que restava de sua mente consciente. Ele desviou o olhar e lá estava ela.

Beba de mim, meu amor. Você deve tomar o meu sangue. Agora.

Tarde demais. Te amo tanto. Ele fechou os olhos. Desapareceu em um lugar muito escuro.



— Thorne — Alison chorava. — Traga Endelle de volta aqui. Ela pode curá-lo.

— Eu já tentei. Ela não responde.

Darian pensou em tudo. É claro. Não admira que ela não pudesse usar seus poderes.

— Então você deve segurá-lo contra a minha garganta. Ele tem que tomar o meu sangue.

Thorne não se moveu. — Ele se foi.

— Não. — Ela viu o desespero no rosto de Thorne. — Ouça-me, Thorne. Você tem que me ajudar. Ele não se foi ainda. Eu saberia. Por favor. Confie em mim.

Thorne finalmente encontrou seu olhar. Seus olhos clarearam. Ele balançou a cabeça. — Medichi! Traga Horace aqui. Agora!

— Imediatamente.

Thorne sustentou Kerrick preso em seus braços, levantando-o no alto até seu colo e apoiou seu queixo. Alison o levou até seu pescoço, posicionando suas presas. Seu rosto estava frouxo, mas ela tinha novos poderes físicos como ascendida agora. Ela dirigiu suas presas em sua própria veia e porque ele estava completamente impotente, ela dirigiu seu próprio sangue dentro da boca dele. Ela usava a mão em seu pescoço para direcionar o fluxo para baixo e o movimento de sua garganta.

Horácio apareceu um momento depois. — Oh, querido Criador misericordioso — ele gritou. Apesar da gravidade dos ferimentos, ele se recompôs e imediatamente colocou as mãos sobre o abdômen rasgado. — Ele vai precisar de cirurgia, bem... se é que podemos trazê-lo de volta.

Alison apenas acenou com a cabeça, em seguida, fechou os olhos.

Kerrick, ela sussurrou em sua mente. *Venha de volta para mim. Você sente o meu sangue dentro de você agora? O poder cantando em suas veias? Volte para mim. Eu preciso de você. Por favor, Kerrick. Você deve tentar. Horace está aqui cuidando de você.*

Ela aliviou o fluxo. *Fale comigo, Kerrick.*

O silêncio a respondeu.

Ela entrou em sua mente e viajou muito profundo, mas encontrava apenas escuridão.

O pânico tomou conta dela.

Você deve tentar, meu querido, ela enviou profundamente em sua mente, em sua alma, no resto de sua consciência.

Então ela sabia o que precisava fazer e agora o momento fazia completo sentido. *Existe algo que você precisa saber. Nós vamos ter uma filha, você e eu. Ela vai ter tanto poder, mas ela vai precisar de seu pai para ajudar a por ordem em sua mente e para treiná-la. Você deve voltar para mim, para nós. Podemos fazer isso... juntos... você e eu... por nossa filha.*

Ela retirou-se de sua mente. Apertando sua mão contra o peito e mandando pulsos delicados em seu coração sem vida.

Ela não podia perdê-lo.

— Querido — disse ela em voz alta e em sua mente, silenciosamente, para que ela não pudesse fazer mal aos homens ao seu redor. — Você deve voltar para mim. Por favor, Kerrick, volte para mim. Você pode sentir o meu sangue em você agora, tornando-o forte, renovando sua vida?

Ela podia sentir os Guerreiros do Sangue em suas sólidas presenças; Thorne, Medichi e Luken, Santiago e Zacarias, Jean-Pierre. — Seus irmãos estão aqui. Estamos com você, Kerrick. Thorne sustenta-o contra mim. — Ela sorriu de repente. — Quão poderoso é Thorne e é tão incrivelmente bonito. Ele tem uma aura real de comando. Ele daria um esplêndido companheiro para mim, você não acha?

O arquejar coletivo ao seu redor, sem dúvida, poderia ser ouvido a quilômetros de distância.

Mas de uma grande distância, de muito profundamente dentro de sua própria mente que ela duvidou que estivesse ouvindo, ela o ouviu. *Thorne? Nunca. Você é minha. Minha.* De repente, ela sentiu um profundo sugar em seu pescoço, e depois outro e outro.

A alegria levantou-se nela, uma fonte dentro de seu coração, elevando-se mais e mais alta. As lágrimas corriam, suas mãos tremiam.

— Ele vive — gritou Thorne, ainda segurando-o firmemente contra Alison. — Ele vive. — As lágrimas agora caíam dos olhos de Thorne. — Jean-Pierre. Consiga uma ambulância. Ele não vai sobreviver a uma desmaterialização, não neste estado.

— Oui, chefe.

Os guerreiros deram um grito. Depois de alguns minutos, os olhos de Kerrick se abriram e ele se afastou da veia de Alison. Ele olhava para ela. *Eu te amo*, ele enviou, em seguida, fez uma careta.

Ela mal podia vê-lo pelas lágrimas que nadavam sobre os olhos. Ela balançou a cabeça, sorriu, e encontrou seus lábios. Ela provou o sangue dela sobre ele e beijou-o duramente.

— Bem-vindo de volta — ela sussurrou.

Outro grito soou.

Horace mantinha as mãos acima dos ferimentos, o brilho poderoso de seus esforços espalhando a luz sobre o rosto de Kerrick.

Alison podia ver a dor em seus olhos enquanto ele lutava para respirar. — Nós vamos... ter uma filha? — ele sussurrou.

Ela balançou a cabeça enquanto enxugava as lágrimas de seu rosto. — Como é isso para a ascensão?

Ele segurou a mão dela, mas de repente, seu rosto se contorceu de dor.

Thorne gritou: — Como nós estamos com a ambulância, Jean-Pierre?

— Cinco minutos.

— Aguente firme, irmão — disse Thorne, a mão no ombro do Kerrick.

Kerrick balançou a cabeça, mas sua respiração era superficial, sua pele úmida, ele estava muito pálido.

Alison olhou para Horace. O rosto do curador pingava de suor.

O som de uma sirene distante permitiu a Alison tomar sua primeira respiração de verdade.



Marcus ainda segurava sua espada ensanguentada em prontidão. Seu olhar varria a rotunda, indo e voltando, indo e voltando. Se um novo ataque chegasse, ele estaria preparado e poderia alertar os outros. Seu braço livre estava flexionado, apertado, tenso, e ele sustentava-o atrás das costas de Havily, protetoramente. Luken há muito se juntou a massa em torno de Kerrick.

Ele olhou para Havily, que estava ao lado dele, um braço envolto em torno de seu estômago. Ela estendia os dedos contra a boca quando olhava para Kerrick. Lágrimas encharcavam seus olhos. — Ele nos salvou — ela disse, com voz trêmula. — A nós três.

— Sim, ele o fez. — Bastardo. Agora ele devia uma a ele.

Paramédicos entraram no edifício em uma corrida, uma maca com eles, até mesmo um médico a reboque que disparava ordens à esquerda e direita. Os braços de Kerrick foram conectados na velocidade da luz a sacos e sacos de sangue claro que continha quem diabos sabia o quê. Novamente com velocidade sobrenatural a equipe foi na direção das rampas para fora. Alison e Thorne foram ambos com eles.

Havily se voltou para ele. — Eu queria agradecer a você, guerreiro Marcus. Eu teria morrido aqui nesta noite sem a sua proteção. Eu estou... muito grata.

Marcus olhou para aqueles luminosos olhos verdes e sentiu sua alma derivar em território perigoso. Ele esteve evitando este momento desde a primeira vez que ele chegou à Segunda Terra e captou seu perfume de madressilvas no escritório de Endelle. Ele nunca quis estar tão perto dela, mas aqui estava ela se dirigindo a ele, a boca entreaberta, os olhos brilhantes de lágrimas. Ela oscilou e ele fez a única coisa que fazia sentido, cruzou a espada para o quarto que ele usava na casa de Thorne, então deslizou um braço ao redor de seus ombros. Ele puxou-a contra ele, deixando o calor de seu grande corpo de macho confortá-la.

Ele a mantinha segura. Assim como Luken fizera, mas ela não se voltou para Luken. Ela se virou para ele.

Oh, merda, ela se sentia incrivelmente bem em seus braços. Sua natureza de vampiro se levantou iluminada, como um interruptor clareando um estádio de baseball. Este era seu companheiro. Ela pertencia a ele, a ninguém mais.

Ninguém mais.

Ele sentiu os dedos dela deslizarem logo abaixo da frente de seu arnês, dobrando-se em volta de todo o couro, segurando. Ela tremia. Recuando, olhou em seus olhos. Seu olhar caiu para os lábios dela e uma ideia completamente inadequada tomou forma, uma a que ele não conseguia resistir.

Ele se inclinou para mais perto dela até que seus lábios encontraram sua boca. Quando ela não recuou, ele pressionou e lambeu, empurrou, buscando a posse, exigindo a entrada.

Ele empurrou novamente.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Os lábios dela estavam entreabertos. Ele enfiou a língua profundamente, demarcando o território de sua boca.

Seu braço serpenteava mais em volta da cintura e do pensamento consciente, escolhas, decisões começaram a desaparecer. Sua natureza e sua agressividade vampira começaram a assumir. A fera acordou nele, lentamente no início, mas ganhando velocidade a largas passadas.

Rosnados se derramaram de sua garganta. Gemidos suaves retornavam da mulher, sons de fome que o dobraram. Ele começou a forçá-la de costas, através de uma entrada que conduzia a outra rotunda, esta escura e privada.

Para trás e para trás, ele a empurrava. Um som suave lamuriante sangrou por sua garganta. Mais profundamente dentro da sala, ele a empurrou. Com sua coxa direita entre as pernas dela, ele a levantava com cada passo que dava, até que finalmente ela deu com as costas sobre uma superfície sólida, uma parede.

Enquanto ele pressionava seu corpo contra o dela, um frenesi selvagem apoderou-se dele conforme um só pensamento retumbava em seu cérebro, ele precisava ficar dentro dela, empurrar o seu pau profundamente nela, fazê-la sua.

Ela ofegou contra o seu pescoço, disposta, tão disposta. Os dedos dela rasgavam a sua armadura. Suas mãos puxavam seu vestido. Ele juntou o tecido ao redor da cintura dela. Rasgou sua calcinha em pedaços. Estendeu a mão para sua perna. Oh, Deus, ele estava quase lá.

De repente, ele voou para longe dela e punhos o atingiram. Ela gritou. Oh, Deus, a sua mulher devia estar em apuros. Ele precisava chegar até ela, para protegê-la.

Ele lutou muito, atingindo qualquer corpo que chegasse perto e tinha consciência apenas o suficiente para saber que mais de um guerreiro o puxava e o atingia.

— Não, Luken, não! — ela gritou. — Medichi, pare!

Luken deveria estar machucando-a e o que no inferno Medichi estava fazendo? Rosnados irromperam de sua garganta. Ele só via vermelho.

Frases distantes sobrevoavam sua audição: O que diabos aconteceu? Mantenham-no longe dela! Ele está fora de controle.

Ele empurrava contra braços e pernas que agora o imobilizavam. Ele teve que chegar a Havily, mantê-la segura, levá-la de volta para sua casa, para Bainbridge, ao seu quarto. Ele precisava mantê-la ali, com ele, guardá-la, protegê-la.

Ele empurrou um corpo para longe dele. Avistou-a, selvageria em seus olhos enquanto Jean-Pierre a tocava nas costas. Mataria a Jean-Pierre por tocá-la. Ele precisava chegar até ela. Ele se arrastava em direção a ela agora, arrastando um corpo maciço junto com ele. A criatura em suas costas era muito pesada. Ele tentou empurrá-lo para fora, mas não conseguiu. Ele se arrastou um pouco mais, raspou os joelhos sobre o mármore, provavelmente estava sangrando agora.

Algo o fez capotar, então a última coisa que viu foi punho de Luken do tamanho de um presunto voando contra o seu rosto. A última coisa que ouviu foi a voz de Medichi gritando alto. — Deve ser o maldito breh-Hedden. Novamente. Puta merda! É uma fodida epidemia, porra!



Crace ficou no centro do pomar de pêssegos do Comandante, seu coração encolhido em seu peito. Lâmpadas no formato de pequenas luas flutuavam no ar, iluminando o pátio independente. O que começou como uma grande aventura em sua chegada inicial, em Phoenix Segunda, na verdade o que ele acreditava seria o momento mais significativo de sua vida, essencialmente se transformou em um pesadelo do caralho, que aparentemente não acabaria nunca... exceto, talvez, agora.

Conforme ele encontrava o olhar de sua divindade, não sentiu nada, apenas um imenso e frio vazio no peito. Ele nem sequer suava.

— Por que tão desanimado, irmão ascendido? — perguntou o Comandante, um leve sorriso nos lábios.

Sim, ele supostamente deitou desânimo em camadas de gelo sobre suas glândulas sudoríparas e esvaziou seu coração e pulmões de todas as sensações. Então, por que diabos o sorriso do Comandante?

— O Guerreiro Kerrick vive — afirmou, lembrando a sua divindade por que um sorriso não fazia sentido agora.

— Maldita vergonha, é claro. Mas olhe o quão perto nós chegamos. Eu não fui capaz de chegar tão perto... nunca. Apenas uma vez com sucesso, a esposa e os filhos de Kerrick, mas isso não conta.

Crace suspirou. Ele sabia que ia morrer. Ele falhara vez após vez com sua divindade nos últimos três dias. Sua execução pairava nos bastidores, esperando pelo prazer do Comandante.

— Devo dizer — disse o Comandante, com as mãos cruzadas atrás das costas, seus olhos se estreitando. — Acredito que essa experiência tenha sido muito boa para você. Eu acho que você cresceu. Quando você chegou, estava muito superficial, tão certo de que a tarefa seria simples. Francamente, eu pensei que você era um tolo. Mas agora sua mente tem uma atitude adequada. Sim, eu acredito que você cresceu.

Crace reteve outro pesado suspiro. — Estas são palavras muito gentis, mestre.

O Comandante soltou suas mãos, virou-se, em seguida, sentou-se em um dos bancos de pedra. — Você deve aprender a ter paciência, meu querido Crace, como eu disse a você desde o início. Você deve aprender a ter uma visão de longo prazo de tais coisas. Eu me esforço para me lembrar que você não está a nem mesmo dois séculos na Segunda Terra ainda. Alguns séculos mais, dado o nível de seus poderes, vai fazer muito para afiar suas habilidades e dar uma sensação de paz em sua vida.

Muita chance de uma longa visão de nada.

— Você não está suando como você costuma fazer.

— Um homem não sua quando está certo da sua morte.

— Então você deve sempre estar certo da sua morte, meu amigo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Crace agora estava morto no centro do pomar e do pátio. O Comandante Greaves era um homem de sutilezas e não era facilmente interpretado. No entanto, Crace entendia alguma coisa agora. — Quer dizer que tenciona me manter vivo. — Ele estava absolutamente chocado.

— Você ainda é de muita utilidade para mim. Eu seria tolo se dispensasse tanto conhecimento adquirido. — Ele estreitou os olhos. — Eu tinha a intenção de encerrar seus serviços para mim, mas eu estive e ainda estou bastante impressionado com este último estratagema que você inventou. Deveria ter funcionado. Eu acreditava que iria. Apenas nenhum de nós estava preparado para a habilidade de Kerrick em sobreviver. Ele não deveria ter conseguido, mas depois Alison estava envolvida e ela é muito poderosa. — Ele balançou a cabeça. — Você vê, eu mesmo estou surpreso. E eu nunca me surpreendo.

Esperança flutuava à superfície do coração de Crace e aliviava o nó apertado no seu peito. Ele respirou de verdade, a primeira vez desde que a ambulância partiu do palácio de Madame Endelle. Ele estivera flutuando e suas asas, esperando e observando, protegido pela névoa superior do Comandante enquanto observava o trabalho dos vampiros da morte. Quando a parte mais insidiosa de seu plano se desdobrara, quando a recém-criada ascendida realmente disparou contra os guerreiros Luken e Marcus, ele não podia acreditar na sua sorte. Mesmo quando o Guerreiro Kerrick interveio e assumiu o impacto da explosão em vez dos outros três, ele quase revelou sua posição, gritando com o triunfo e a alegria. Então o pior aconteceu. Alison trouxera o Guerreiro Kerrick de volta à vida. Ele ainda não podia acreditar que o bastardo sobrevivera. A explosão deveria ter tirado a vida de todos os quatro ascendidos. Assim, havia muito poder entre os guerreiros. Não admira que o Comandante dirija a maior parte de seus esforços no objetivo de tentar derrubar os Guerreiros de Sangue.

Ele ofereceu um arco simples. — Estou às suas ordens, meu senhor, agora e para sempre.

O Comandante se ergueu. — Ah, eu simplesmente adoro seus modos, bastante perfeição. Acredito que Julianna o ensinou bem. — Ele pegou o braço de Crace e envolveu-o sobre o seu próprio. — Mas vem, temos planos a fazer. Infelizmente, parece que os deuses pelo momento favorecem aos Guardiães da Ascenção, mas a maré sempre se volta, e esta, meu querido Crace, é a verdadeira natureza da vida. A maré sempre muda. Nós apenas precisamos dar uma amorosa cutucada. Nesse meio tempo, temo que tenhamos outra ascensão para a qual nos preparar. Meus Videntes têm estado muito ocupados. Desta vez, um mortal com asas.

Crace parou de andar. — Um mortal com asas? Mas... isso é impossível.

Greaves ainda continuava. — A mesma coisa que eu disse sobre Alison quando soube da extensão de suas habilidades. Mas vem, vamos ver Harding. Ele vai desejar alimento por agora, bem como uma razão para ignorar a nossa pequena invasão ao palácio de Endelle. E se você quiser, você deve ter o seu alimento também.

Crace estremeceu.

Sim, ele gostaria de alimento.

Sim, de fato.

Um bom amigo fala o que ninguém se atreve a dizer.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

CAPÍTULO 22

Alison cortou as etiquetas de uma blusa de seda nova, uma blusa verde que comprara antes, em uma cara loja em Segunda Scottsdale. Ela usava uma blusa semelhante na noite em que ela conheceu Kerrick, a noite em que foi introduzida ao mundo da ascensão, ao mundo dos vampiros.

Um soluço estava preso em seu peito. Ela manteve o espasmo longe, ainda que as lágrimas permanecessem. Elas caíam, sentidas, correndo pelo seu rosto. O nariz dela era uma bagunça. Ela continuava assoando o nariz, balançando a cabeça, cortando etiquetas.

Ela cometeu um erro e não sabia como fazer as coisas direito, como avançar.

Havily a deixou ficar em sua casa da cidade, no quarto de hóspedes, assim como ela prometeu. Alison precisava de roupas novas, então ela foi fazer compras. Uma coisa tão normal para fazer, especialmente depois de ter quase assassinado seu namorado.

Sua garganta doía. Mais lágrimas espirravam por todo o quarto.

Três dias se passaram. Ela passou três dias no hospital, acorrentada à cama de Kerrick, desejando que ele melhorasse hora à hora, mesmo depois do risco de morte há muito já ter passado. Ela desejava acelerar a sua cura, ela implorou a Horace que viesse ao hospital e usasse seus poderes de cura, ela consultou os cirurgiões; ela foi à capela do hospital e pediu ao Criador para acelerar a sua cura, fazê-lo ficar bem, fazer as coisas direito, apagar o passado, fazer sumir a noite de sua festa de ascensão, para perdoá-la, perdoá-la, perdoá-la.

Kerrick viveria. Depois de receber uma explosão de mão direto no abdômen, ele voltou do mundo dos mortos. Ele sobreviveu a cirurgia. Ele iria viver para lutar outro dia.

Agora, ela se inclinou para um par de jeans DKNY[11], seu favorito. Lágrimas saltavam, escurecendo o índigo em angustiosas bolinhas. Ela cortou mais etiquetas. Ela soluçava enquanto se endireitava. Ela dobrou a calça jeans em um cabide. Empurrou o cabide no armário. Olhou para todas as roupas novas. Ela se virou e dobrou mais lencinhos de papel de uma caixa no banheiro. Soava como um rinoceronte enquanto assoava o nariz. Limpou um pouco mais.

Kerrick quase morreu.

O pensamento a desmontou. Ela caiu sobre o tapete entre a cama de casal e o armário de portas espelhadas. Grandes soluços rolavam por seu peito e escapavam para fora do seu corpo. Ondas pesadas de tristeza e arrependimento impregnavam o ar.

Que tola que ela foi por ter pensado que a Segunda Terra seria diferente para ela.

Havily apareceu na porta. Ela se apressou para frente e chamou-a em um fluxo repetitivo de palavras doces: — Não, não, não, não, não. — Ela caiu ao seu lado cercando-a com os braços. — Não chore, ascendida. Não chore. Ele vive.

— Eu quase o matei. Eu quase o matei.

— Ele vive.

[11] *Donna Karen New York – famosa marca de roupas e perfumes.*

— Ele morreu.

— Você o trouxe de volta.

Alison tremeu.

Havily tremeu junto com ela, sussurrando palavras carinhosas em seu ouvido: — Ele vive, ele vive, ele vive.

Alison soluçou novamente. Ela assoou sobre os lencinhos. Ela se sacudiu um pouco mais. Mudando de direção, virou-se para Havily e encontrou seu olhar. — Eu não posso ficar com ele, posso?

— Claro que você pode.

— Não, eu não posso. Eu tenho muita energia. Eu deveria ter sabido. Eu deveria ter sabido.



Havily dobrou um lencinho fresco de dentro do banheiro e limpou as bochechas de Alison. Ela pensou, *eu me sinto dessa maneira, também, como se eu pudesse cair sobre o meu rosto e chorar como um bebê.*

Ela não deveria se sentir tão desolada, não depois do que aconteceu, não depois que Marcus se transformara em uma fera enlouquecida, não depois que ele tentou fazer seu caminho sobre ela contra a parede da terceira rotunda do palácio de Madame Endelle, em frente do Criador e de todos.

Ela não compreendia sua atração para o homem de forma alguma. Ele era a antítese do que ela desejava para sua vida. Ela queria um homem que se sentisse tão apaixonado pela Segunda Terra como ela, que desejasse fazer uma contribuição significativa para a melhoria da sociedade e, certamente, envidasse esforços pelo fim da guerra.

O Guerreiro Marcus, e certamente ele não merecia o título de Guerreiro, sabia pouco sobre altruísmo. Ele apenas ajudou aos guerreiros por ordem da Alta Administradora Suprema.

Não. O Guerreiro Marcus não merecia sequer um pensamento. Não valia a pena, muito menos os mil que ela já dedicara a ele desde que sentiu pela primeira vez seu cheiro de erva-doce na Caverna.

Agora ele se foi. Ele retornou à Terra Mortal para o bem de todos.

Lágrimas escorriam de seus olhos, córregos suaves cheios de incompreensão.

— Eu fiz você chorar — lamentou Alison, os soluços vindo mais duramente.

Talvez chorar fosse contagiante. O problema era que Havily não entendia a fonte de sua angústia, exceto que ela continuava se lembrando de Marcus, sob o peso da montanha que era Luken, um corpo de guerreiro, braços balançando enquanto tentava engatinhar em direção a ela, tentava chegar até ela. Ele continuava chamando, *Havily, eu estou voltando. Eu vou te proteger.*

As lágrimas corriam mais rápido, mais pesadas.

Marcus partiu tarde aquela noite, depois que Horace o curara, depois de ter implorado aos guerreiros para perdoá-lo por seu comportamento irresponsável. Ele ainda não viera vê-la, nem mesmo para pedir desculpas... embora ela não quisesse, esperasse, ou precisasse de um pedido de desculpas porque ela foi uma participante oh-tão-disposta em seu episódio eu-devo-tomar-você-de-assalto-agora.

Ela dobrou mais lencinhos do banheiro. Entregando uma pilha pequena, mas mantendo um maço de espessura semelhante para si mesma. Ela assoou o nariz.

Quando Marcus a fixou contra a parede, ela não sentiu medo, não, nem um pouco. Surpreendida, talvez. Com fome dele... oh, Deus, sim, com tanta fome.

Talvez ela tivesse sido celibatária por muito tempo. Afinal, ela não olhou para outro homem, não esteve remotamente interessada, em quinze anos. Sua missão havia consumido suas horas de vigília. A crença de que ela poderia fazer a diferença na guerra através da reestruturação administrativa substituiu o amor romântico, se tornou sua *raison d'être*, seu propósito, sua força vital. Ela não precisava de amor. Ela não queria amor. Era verdade.

Então, em seguida Marcus chegou, e em três dias ele quebrara a simplicidade de sua vida e tudo porque ela o queria. Ela o queria com uma ferocidade que agora comandava até mesmo seus sonhos.

Então, ela chorava.



Kerrick estava reclinado em sua cama de hospital. Ele detestava sentir-se preso no ambiente estéril, porque falava de fraqueza e vulnerabilidade, duas coisas que um guerreiro nunca poderia sentir. Pior ainda, ele tinha tempo para pensar.

Seu abdômen ainda causava uma dor tremenda, embora a cirurgia, bem como a ajuda de Horace aceleraram o que na Terra Mortal seriam meses de recuperação e uma infinidade de cicatrizes. O poder de cura de um vampiro ascendido permitiria que ele saísse do hospital em mais três ou quatro dias, quase bom como novo.

Ele ergueu a mão esquerda com cuidado e passou-a através de seus longos cabelos soltos. Respirando com cuidado. Maldição. Até mesmo a respiração causava problemas. Ele nunca estivera ferido como desta vez antes.

Alison esteve com ele todos os dias. Sua presença foi necessária, mesmo fundamental para sua recuperação. Esta manhã, porém, ele despertara com novos pensamentos, pensamentos horríveis, a revisitação de tragédias do passado, de lamentos profundos e dolorosos, ações que ele ainda queria que pudessem ser desfeitas.

Ex-esposas vieram à sua mente, primeiro as crianças. Ele sofreu mais uma vez, como se a vida tivesse acabado de amarrar uma faixa em volta do seu peito e continuava a apertá-lo conforme as horas progrediam.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Voltando para Alison, seus pensamentos não estavam concentrados no engano que cometera, na explosão que ela enviou que quase custou a sua vida. Não, quando ele pensava de novo em sua celebração, tudo que ele conseguia se lembrar era da sensação terrível de combate em plena potência com sua companheira ao redor; e saber que um escorregão errado de sua espada poderia tirar a sua vida, que se ele não executasse cada movimento corretamente, se ele desse um passo errado para a direita ou para a esquerda enquanto lutava contra os vampiros da morte, ela seria derrubada e, provavelmente, morta.

Ele não culpava Alison pelo que aconteceu depois disso. Ele sabia a quem culpar, aquele bastardo que se auto intitulou Comandante, simplesmente porque ele desejava assim.

Enquanto os ataques aconteciam, este foi esperto. Greaves alimentou Alison com uma visão e ela caiu. Claramente a sua intenção não foi prejudicá-la, mas usá-la, o que mais uma vez reforçava a questão da proximidade. Desde que ela ascendeu e completou seu rito, ela agora estava a salvo de ataques diretos, mas não de danos colaterais aos que estaria exposta se permanecesse conectada a ele ou a qualquer um dos Guerreiros de Sangue.

A conclusão oh-tão-lógica o atingiu em cheio.

Desde que o COPASS foi criado e o Estado de Direito foi estabelecido durante o conflito em curso entre Endelle e Greaves, nenhum ascendido, por mais poderoso que fosse, foi atacado após uma cerimônia de ascensão. Portanto, este ataque não foi contra de Alison. Ela foi meramente à ferramenta que Greaves escolheu para usar mais uma vez para pegar em armas contra os Guerreiros de Sangue.

O que ele estava pensando? A verdade era que seus pensamentos eram egoístas, focado em seu prazer, sua necessidade de Alison, seu desejo por ela. Conclusão? Ele se manteve em um poderoso estado de negação sobre sua posição atual como um Guerreiro de Sangue.

E agora eles teriam uma filha.

Ele fechou os olhos e respirou fundo. O acidente foi quase fatal, a explosão de mão de Alison contra seu peito tornou-se um rude e gigante despertar para a loucura que ele quase cometeu com ela.

Ele estava vivendo em um sonho, fingindo que a Segunda Terra era algo diferente do que era, como se sua vida como um guerreiro, o seu local de trabalho, não fosse a difícil e perigosa tarefa que realmente era.

Sim, estar no hospital, acamado para que seus órgãos internos pudessem continuar se reparando na velocidade da luz, deu tempo para ele pensar, planejar, e esse plano não incluía Alison perto dele.

Havia apenas uma razão para ele não abraçar a ideia totalmente. O pensamento de viver sem ela mergulhava uma faca diretamente através de seu coração. Como ele pensava viver em um mundo no qual ele não pudesse estar com ela, tocá-la, possuir o melhor de seu corpo?

Deste ponto em diante, entretanto, sua segurança, bem como a segurança de sua filha, deveria ser a única coisa a ser considerada. E elas nunca estariam seguras perto dele.

Uma batida na porta, então Alison entrou em seu quarto. Ela usava uma blusa de seda verde-clara. Ela usava algo semelhante à noite em que ele a conheceu no complexo médico e, sim,

seu cabelo estava preso de novo, envolto naquela trança apertada. Há quanto tempo foi isso? Anos atrás...

Ela parecia tão bonita e ao mesmo tempo tão triste. Seus olhos estavam avermelhados e seu nariz parecia um pouco inchado. A pressão sobre o peito dele aumentava progressivamente com cada passo que ela dava em sua direção.

— Oi — ela disse, sua voz era pouco mais que um sussurro ofegante. Ela se aproximou, se inclinou sobre ele, e beijou-o... na testa.

Ele moveu a cabeça e encontrou o olhar dela. Caramba, ela tinha lágrimas nadando sobre aquele olhar azul de aros dourados. — O que há de errado? O bebê está bem?

Ela tocou o abdômen. — O bebê está bem.

Ele soltou um suspiro. — Bom. Isso é bom.

Ela puxou uma cadeira para frente, perto da cama, como era seu hábito. Sentou-se e pegou sua mão direita. Lágrimas agora molhavam seu rosto. Ela ficava limpando-as com a mão livre, mas mais se seguiam.

— Alison, o que está errado? — ele achava que sabia. Bem, eles tiveram suas mentes conectadas. Ele conhecia o funcionamento de sua mente. Ela conhecia a dele. Sim, ele sabia.

Ela ergueu o olhar para a dele. — Nós não podemos fazer isso, podemos?

Então, ela chegou à mesma maldita conclusão. Ele balançou a cabeça para trás e para frente, trás e para frente. Sua garganta apertada. — Eu não vejo como.

Ela balançou a cabeça e um soluço escapou conforme ela colocava a testa na parte de trás da sua mão.

— Não chore. — Palavras estúpidas, especialmente porque seus olhos queimavam e sua mandíbula estava apertada.

Ele a deixou livre e se esforçou duramente para desatar o nó em sua própria garganta. Depois de um tempo, ela se levantou e arrancou vários dos finos lencinhos do hospital a partir da caixa próxima a sua cama, em seguida, assoou o nariz. Mesmo com os olhos vazando e uma nuvem de tecido pressionado contra seu rosto, ela parecia tão malditamente bonita.

Uma vez recuperada, ela disse, — Eu estive pensando que talvez eu devesse ir para outro lugar, não ficar aqui em Phoenix, talvez viver em uma cidade diferente.

— Outra cidade?

Ela se virou para ele e bufou um suspiro. — Diga-me, o quanto você acha que é fácil ficarmos distantes um do outro se vivêssemos no mesmo lugar?

Ele olhou para longe dela. — Seria impossível. Mas aonde você iria? — Será que ele ao menos poderia ver sua filha? Em caso afirmativo, com que frequência? Como diabos isso poderia funcionar? No entanto, ele sabia que ela estava certa. Deste ponto em diante, ele era o verdadeiro perigo para sua segurança, tal como foi para Helena.

Ainda assim, o pensamento de Alison em qualquer lugar que não fosse ao lado dele fez que seus bíceps se crispassem como pedregulhos. Seus instintos, em tudo o que a ela concernia estavam vivos, dolorosamente vivos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Do que porra vocês estão falando? — uma voz feminina gritou forte dentro do quarto. — Outra cidade, Alison? Não seja estúpida.

Kerrick se virou em direção à porta. Endelle se materializou vestindo uma capa muito estranha feita de penas de pavão e um vestido curto com pintas e manchas. Adicione a isso alguns fios de pérolas e ela parecia como se tivesse acabado de voltar do Mardi Gras. Cristo.

Ela acenava um maço de papéis no ar. — Alison, você deve se reportar ao Campo de Treinamento de Guerreiros de Milícia, Divisão Feminina. Seu Comandante espera você amanhã as oito em ponto. Toda a informação necessária está aqui.

— O quê? — Alison gritou.

— Ela não é uma guerreira! — Kerrick gritou. Ele havia se movido, sacudindo para frente, mas oh meu Deus, que essa foi a coisa errada a fazer dada a sua cirurgia recente. Ele se recostou contra os travesseiros e gemeu... alto. Suor irrompeu por todo seu corpo. Ele lutava para respirar com ofegos, a dor esticando através de seus orgãos e músculos, como se alguém tivesse disparado um lança-chamas na carga máxima. Cristo todo-poderoso. Obscenidades de um quilômetro de comprimento fluíram através de sua cabeça.

— O que era mesmo que você estava dizendo? — Endelle murmurou. Ela ainda ria.

A cadela estava de volta e, aparentemente, cheia de planos.

Endelle cortou seu olhar para Alison. — Seus poderes excepcionais deverão ser submetidos ao melhor uso possível. Quando devidamente treinada, eu sei que você será capaz de enfrentar vampiros da morte em batalha cara-a-cara, e com mais experiência, nas próximas décadas você pode até estar no comando da instalação, certamente você estará treinando guerreiros até lá. Você já sabe sobre os nossos guerreiros da Milícia.

A voz de Alison soou fraca, incrédula. — Eles são uma espécie de Guarda Nacional e uma força policial combinados. Mas...

Endelle cortou. — Sim, é isso mesmo e você será uma deles, portanto, sem mais discussão sobre deixar Phoenix Segunda. E pelo amor de Deus, nenhuma porra de lamento! Ah, e parabéns pelo bebê. Boa sorte, Ascendida Wells. — Enquanto ela se desmaterializava, jogou os papeis no ar. Eles flutuaram em todas as direções, algumas delas pousando na cama de Kerrick.

Alison fez um gesto na direção do aparecimento recente de Endelle. — Que diabos ela estava vestindo? A pele estava eriçada, parecendo rígida. O que foi isso?

Kerrick balançou a cabeça. — Eu não sei. Hiena?

Alison riu, mas logo depois sua expressão afundou. Ela plantou as mãos nos quadris e balançou a cabeça mais e mais. Encontrando seu olhar, ela disse: — Eu não posso acreditar que ela espera que eu seja uma guerreira. Estou tão apta para ser um guerreiro como você pode ser um... um... bem, um cabeleireiro, pelo amor de Deus.

Ele soltou uma gargalhada, ofegando quando a dor cresceu mais uma vez, em seguida, crispando-se em busca de ar. — Não... me faça rir... — ele gaguejou.

— Desculpe. Isso não era para ser engraçado, mas meio que é. — Quando ela começou a rir outra vez, ele colocou um travesseiro sobre seu abdômen e respirou mais profundamente.

Sim, uma mulher, agora uma vampira, que podia fazê-lo rir. Como diabos ele conseguiria deixá-la ir?

No entanto, a diversão compartilhada não durou muito tempo, e pela próxima hora, ela se sentou ao lado da cama apenas segurando sua mão, sem falar, e mais uma vez fazendo um sério esforço para esvaziar a caixa de lenços.



Alison sobrevoava White Lake. Euforia mantinha sua mente em um estado de êxtase, seu coração vibrando em seu peito, as pontas de seus dedos formigando. Ela estendeu-se no vento, as asas em propulsão para frente em profundas puxadas.

Voar. A melhor invenção desde sempre.

Como antes, ela mergulhou na direção do lago, caiu com as penas amaciadas de suas asas em uma posição quase de paraquedas, e lentamente descia para a água. Os dedos dos pés mergulharam dentro do lago abaixo dela.

Um desejo enorme encheu o seu peito, um desejo tão feroz que queria chorar e clamar e gritar. Ela olhou diretamente para cima e desta vez ela viu um vórtice azul e, além disso... oh, ela podia ver além daquilo um novo mundo de vilas de mármore branco, algumas penduradas entre as nuvens, um mundo maravilhoso.

Terceira Terra. Mesma geografia. Dimensão diferente.

O anseio aumentou. Ela tentou voar para cima, mas o lago tinha seu domínio sobre ela, um aperto forte, um que ela não podia quebrar, não importava o quanto tentasse.

A presença de outros a incentivou, reforçou sua coragem. Ela uniu as mãos. Juntas, elas formavam uma corrente poderosa, até que finalmente ela começou a subir. As mãos se desprenderam. Voou para cima, direto para o vórtice azul, cada vez mais rápido.

— Ainda não — uma voz de homem gritou, uma voz desconhecida. — Você deve esperar mais um pouco, mas você vai ser o instrumento que quebrará o que deve ser quebrado. Na plenitude dos tempos, tudo será revelado.

Alison acordou, com os olhos abertos olhando a um teto estranho. Oh, o teto no quarto de hóspedes da casa de Havily. Ela apertou a mão junto ao peito. A ansiedade permanecia, a saudade da Terceira Terra. Ela acabara de chegar a Segunda. Como ela poderia já sentir essas coisas, tudo de novo, por uma dimensão diferente?

Guardiã... escorregou através de sua mente, quase a mesma voz masculina que ela ouviu falar em seu sonho.

Ela apertou os olhos e respirou fundo. O sonho avançara. Outros, embora indistinguíveis, estiveram no sonho, e desta vez ela voara para a Passagem, em direção ao vórtice azul girando que levava a Terceira Terra. Quebrar aquilo que devia ser quebrado.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Aqui estava ela, se dirigindo ao acampamento de treinamento Feminino dos Guerreiros de Milícia e ainda sonhando, com ainda mais força, com a Terceira Terra.

Apenas o que diabos ela teria supostamente a ver com isso?



— Foda-se. — Kerrick olhou para Jean-Pierre. Seis dias no hospital fizeram estragos em seus nervos e agora seu irmão se esticava em uma das cadeiras, as suas palavras projetadas para atormentá-lo.

Jean-Pierre deu de ombros. — Mas se você não a quer, Kerrick — seu nome soava como Karreek. — Gostaria de cortejá-la. Ela é adorável e cheira como o mar.

Ela tem cheiro de lavanda seu idiota e não há nenhuma maneira no inferno de deixá-lo chegar perto dela.

Ele desviou o olhar de Jean-Pierre. — Por que diabos você está aqui?

— Para abrir os seus olhos, seu pedaço de merda sem mãe. — Mais uma vez... *meeerde*. Mas as mulheres amavam seu sotaque. Alison amaria?

Ele estremeceu. Ele jogou as leves cobertas para fora, em seguida, sacudindo as pernas para o lado da cama de hospital. Ele sentira todo o seu abdômen dolorido, mas estava bem o suficiente para dar o fora da cama e sair deste ambiente estéril. Ele dobrou uma roupa com velocidade suficiente para manter Jean-Pierre distraído, teleportando um par de jeans e uma camiseta.

Levantou-se, mas cambaleou.

Jean-Pierre pegou o braço dele. Kerrick sacudiu-o. — Então você veio aqui para sacudir minhas bolas para longe... da ascendida Wells.

— Eu vim — disse ele, amaciando a sua voz com as palavras em Inglês, — enfiar um pouco de bom senso nessa sua cabeça oca, *mon ami*.

— A decisão dela é exatamente igual a minha.

— Ela pertence a você, você tem que enxergar isso. Ela é sua companheira e ela carrega sua criança. Não seja tão fodidamente estúpido. — Stoopeedu. — *Très stupide*. Idiota. Você a ama, não?

— Sim. — Como a chuva ama a terra.

— Mas ela vai encontrar outro alguém, não?

— Ela deveria.

— Outro alguém para criar e educar sua filha, sim?

— Mais uma vez, foda-se você, Jean-Pierre. Você acha que eu não já tive esses pensamentos?

— Eu acho que você não aceitou a sua morte, ou a dela. Todos nós morremos um dia, mesmo nesses mundos ascendidos. Você tem uma chance de ser feliz. Deveria tomá-la.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Kerrick se voltou para ele. — Então, por que você, seu fodido, não tomou uma esposa, oh sábio francês idiota?

Ele encolheu os ombros. — Eu amo a todas as mulheres. Eu nunca poderia amar apenas a uma. Eu não sou como você. — Ele jogou um braço negligente como se assim terminasse a discussão.

— Você está tão cheio de merda. Basta esperar, Jean Pierre. Ela virá e então você vai descobrir por si mesmo exatamente que tipo de inferno é isso e por que você não se sentirá capaz de estar com ela.

Ele apoiou os pés separados e começou a andar. Empurrando a porta de seu quarto aventurou-se pelo corredor. Quanto mais passos ele dava, mais forte ele se sentia. Um esquadrão de enfermeiras veio correndo para ele, gritando o tempo todo, mas ele passou direto. Ele precisava sair do hospital.

Jean-Pierre interceptou as alvoroçadas mulheres em roupas cirúrgicas e antes que percebesse, o guerreiro gaulês havia cativado a todas e as levava embora. Ele poderia, naquele outro momento ter odiado Jean Pierre, mas seu irmão ainda guardava suas costas.

Ele saiu pela porta de correr a frente e localizou seu celular, trazendo-o sem pensar na sua mão. Chamou a Central. — Ei, Jeannie.

— Aí está, se não é o meu homem — gritou ela. — Como diabos você está, duhuro?

Ele sorriu e o aperto em seu peito diminuiu um pouco. — Não poderia estar fodidamente melhor. Me dê uma carona para minha casa em Scottsdale Segunda.

— Deixa comigo. Como está seu estômago spaghetti?

Ele olhou para o seu abdômen e afagou a carne dolorida, transpassada com cicatrizes que já esmoreciam. — Mais como uma lasanha agora.

Ela riu, o que fez ele rir, o que o fez fazer uma careta.

— Aqui vamos nós, Guerreiro Kerrick. Desejo sua melhora.

Ele sentiu a vibração, um breve tremular, então, em um piscar, e ele estava parado na entrada de sua casa, ofegante pela dor.

Oh, foda-se. Ele não deveria ter se desmaterializado tão cedo. Santa mãe de Deus. Ele lutava para respirar enquanto suas células se realinhavam, mas novamente era como se alguém estivesse segurando um maçarico aceso no interior de seu corpo. Merda. Somente depois de vários minutos ele ousou se mover, e ainda não conseguira tomar uma respiração profunda.

Ele permaneceu no lugar e olhou ao redor da ampla sala de estar, para a direita cheia de móveis de grandes dimensões, do tipo destinado a receber enormes corpos de guerreiros. Ele olhou para a esquerda, para a imensa biblioteca que ele formou, livro por livro ao longo de séculos. Na frente dele a formal e em curva escadaria com painéis de madeira que levava ao seu quarto, um que ele não usou em dois séculos.

Ele olhou para a porta que conduzia ao porão de sua casa. Ele reprimiu um suspiro.

Sem pensar muito, ele se moveu para frente e dando um passo de cada vez, subiu as escadas, seu abdômen gritando quando ele chegou ao patamar. Ele se virou para a direita,

andando pelo corredor até a porta dupla, à esquerda. Além dela estava a suíte master onde viveu todos aqueles anos atrás com Helena.

Uma vez dentro do quarto, tudo estava como ele se lembrava: a enorme cama de dossel, também construída para o seu corpo, enorme e planejada para dar conforto e mobilidade. Ele deslizava-se sobre o corpo de Helena e ela adorava. Seu coração doía agora, tanto por ela como pela ausência de Alison ao seu lado.

Ultrapassando a cama, movendo-se para a janela de altos arcos, com pelo menos, quatro metros de altura. A vista dos patamares superiores da mansão estendia-se por uns quatrocentos metros. Ele olhou para baixo. O gramado estendia-se a perder de vista, árvores trazidas de todo o mundo, e flores por toda parte. Em direção à parte traseira, montes cobertos de madressilva e um muro de dez metros para ambos os lados. Ele podia ouvir a vibração das aves sobre os arbustos de onde ele estava.

Helena havia insistido em ter um jardim. *Se devemos viver no deserto, vamos transformar o deserto.* Ela era uma verdadeira Leoa, a esposa de um guerreiro. Mas, então, seu irmão era um guerreiro, então ela compreendia seu mundo muito bem, ela sabia dos perigos, ela os aceitou, ela ria das preocupações de Kerrick.

Então ela foi assassinada.

Ele puxou uma profunda respiração, uma das mãos plantada em seu abdômen para manter as coisas em funcionamento enquanto ele respirava. Helena nunca fizera promessas, fizera? Ela nunca falara em termos de anos. Ela aderiu ao que se tornou o mote do AA: Um dia de cada vez. Ela não pediu nada mais.

Mas ele nunca acreditou nela. No entanto, agora, enquanto ele pensava nela, sabia que ela realmente não pediu por mais do que um dia dele, ela sempre compreendeu, desde o início, o tamanho do risco, assumiu o risco, e viveu com todo o gás, apesar da terrível realidade de seu trabalho.

E ela pagou por isso. Assim como seus filhos também o fizeram.

Agora ele tinha outra criança a caminho, uma filha dessa vez. Qual seria o nome que Alison daria a ela? Ele se perguntou. Será que ele algum dia chegaria a vê-la? Será que ela teria os olhos azuis de Alison? Seu cabelo seria daquele loiro suave? Teria sua profunda empatia? Sua habilidade para jogar uma explosão de mão que poderia atravessar dimensões, ou destroçar o abdômen de um guerreiro?

Ele queria saber. Ele precisava saber.

Seu peito parecia esmagado agora enquanto ele ficou olhando para a propriedade tranquila.

Uma questão peculiar veio à tona. Ele não estivera neste quarto por quase dois séculos. Agora ele estava aqui.

Por quê?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Duas semanas já se passaram em seu programa de treinamento, Alison entrou no chuveiro do seu quartel. Ela lavava os dois centímetros de poeira que se acumularam no curso de formação do dia de campo. Seus pulmões pareciam entupidos. Ela assoou o nariz uma dúzia de vezes tentando se livrar de toda a sujeira em pó alojada em seus seios nasais.

Ela queria mais do que qualquer coisa que pudesse chamar a sua irmã e conversar sobre tudo com ela. Joy era sua amiga, sua confidente, sim, mesmo sua conselheira por mais de uma década, apesar do fato de que seis anos a separassem. No entanto, telefonemas para a Terra Mortal não eram permitidos sem uma ordem especial e agora mesmo, seu oficial de condicional não a permitiria vê-la. Por alguma razão a mulher ficava tensa, mesmo preocupada com a sua presença nos campos, mas ela não sabia por quê. Com o tempo Alison estava certa de que ela pudesse resolver tudo, mas agora aquilo significava que ela não podia falar com Joy e obter o conforto e alívio que ela realmente precisava. Além disso, já se passara muito tempo e sua irmã começaria a ficar preocupada de que talvez ela tivesse sido sequestrada durante sua viagem para o México.

O que seja.

Pelo menos o chuveiro a acalmou. Apesar de ela ter entrado no programa de condicionamento físico, os rigores do treinamento militar deixavam seus músculos em chamas no final de cada dia.

Ela havia ficado em campo ainda mais uma hora após o momento em que o treinador a mandou para o chuveiro. Ela precisava de algum tempo sozinha, longe da disputa pelo posto de cadela-mais-durona pela qual era desafiada constantemente. Ela odiava a contenda, e seus nervos alcançaram um ponto de estalarem. Ela temia que fosse acabar em sobrecarga, provocando uma liberação excessiva de seu poder e enviar uma dessas fêmeas machonas para o inferno.

A água batia na sua cabeça e pescoço, através dos ombros em uma massagem consoladora. Conforme algo de sua tensão desaparecia, ela se deu conta de uma sensação que se arrastava em seu peito, como se a gravidade dobrasse seu peso sobre seu coração.

Ela sentia muita falta de Kerrick, tanto mais do que ela pensou possível. Apenas 14 dias se passaram, mas sua solidão tornou-se uma série de tsunamis que a mantinha inundada. Ela chorava lágrimas silenciosas em seu travesseiro à noite. Ela cheirava cardamomo em seus sonhos.

Como acaso poderia suportar esta separação?

Ela virou-se para a água e a deixou escorrer em sua cabeça. As lágrimas se juntaram ao fluxo. Ela apertou a mão na parte inferior do abdômen, consciente como ela sempre era agora da vida dentro dela. Ela queria que sua criança tivesse um pai, que crescesse como ela cresceu sob o amor, cuidado e carinho de dois pais. As lágrimas correram mais forte, mais rápido, por um longo tempo, até que finalmente ela pôde respirar e não queria mais cair sobre os ladrilhos molhados soluçando até seu coração pular para fora.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Desligando a água, ela enxugou-se até secar, em seguida, vestindo o uniforme verde limpo e meias. Ela estendeu-se em seu catre e colocou as mãos atrás da cabeça. Era muito bom se deitar, e ela tinha muita coisa para pensar, para processar.

Ela sabia de uma coisa. Não podia continuar como estava, com um coração tão dolorosamente partido, todas as noites. Algo precisava mudar.

Enquanto ela considerava sua situação, uma semente de resistência começou a crescer, construída de raiva e tristeza, forjada talvez em memórias do combate contra Leto na arena Tolleson. Qual era o ponto de ter passado por tal tremenda competição só para acabar sozinha, nos campos de treinamento e chorando?

De alguma forma, os dois conceitos não se misturavam.

Qual era o ponto de ter tanto poder, de ter ascendido com o mesmo nível de habilidades que Endelle possuía durante a sua ascensão, para ficar presa em um programa de treinamento para o qual ela sabia que era fundamentalmente inadequada?

Acaso era isso verdadeiramente como toda a sua vida ascendida seria? Como isso era melhor do que a clausura da sua existência na Terra Mortal? O resultado era exatamente o mesmo, ela estava essencialmente sozinha, como esteve a vida toda. Ela ainda estava contendo seus poderes e tentando não magoar ninguém, assim como ela viveu na Terra Mortal, e ela ainda estava vivendo uma constringida, frustrante, não-feita-para-ela existência, caramba.

O que ela estava fazendo treinando para ser uma guerreira, afinal? Ela não tinha coração para este tipo de serviço. Ela nunca o teria. Nesta profissão, ela seria uma samambaia sedenta de sombra que deveria tentar prosperar sob um sol de deserto.

Pior do que isso, porém, ela estava doente no profundo de seu coração. Ela não viu Kerrick há duas semanas agora, mas em vez da separação ir ficando mais fácil, ela ficou mais difícil.

Quando ela se separou de Kerrick no hospital, não esperava sentir tanto, sentir como se seu coração tivesse sido arrancado no processo e só continuasse a sangrar, recusando-se a ser curado. Ela o amava, sim. Ela dormiu com ele, bem, um monte de vezes. Ele a deixou muito grávida. Mas ela só o conhecia há três dias. Certamente ela não deveria sentir-se tão ligada.

Hah.

Seu amor por ele a possuía, e a partilha profunda de mentes possível apenas na Segunda Terra mudou tudo, porque ela conhecia Kerrick.

Ela o conhecia.

Ela. Conhecia. Ele.

O Mergulho de Mente deu muita compreensão de seu caráter guerreiro essencialmente nobre, bem como conhecimento sobre sua vida. Por essa razão metade da dor que ela sentia quando pensava nele também era uma dor projetada com base em como ela sabia que ele estaria se sentindo agora, separado dela como ela estava dele.

Kerrick conhecera o que era amar bem e amar profundamente. Ele se encaixava no modelo de um homem ou uma mulher que casou uma vez e era muito mais propenso a querer se casar novamente. Ele conheceu dois bons casamentos. Ela viveu os casamentos com ele quando estava dentro de sua mente. Mesmo agora, quando ela pensava sobre sua primeira esposa, Marta e sua

segunda esposa, Helena, sabia que tinha grande carinho e apreço por essas mulheres porque elas deram grande prazer a Kerrick, profunda satisfação e enorme alívio das lutas e pressões da vida .

Sabendo especialmente dos sacrifícios que Helena aceitou, ela ficava se fazendo a difícil pergunta: ela estava fazendo a coisa certa em se afastar do Kerrick?

Parte dela, a parte antiga, a parte que cresceu na Terra Mortal essencialmente apartada da sociedade, tinha certeza de que este era o caminho certo, porque era como ela sempre viveu. Mas havia outra parte, uma nova parte, um novo olhar interior, que continuava incomodando, mantendo a pergunta: Você ainda pretende viver através de seus medos sozinha?

Mas as consequências de cometer um erro, como o que ela fizera no palácio de Endelle eram simplesmente mortais. Assim como ela poderia justificar jamais estar perto de Kerrick, quando ela tinha tanto poder, já que quase tomara sua vida uma vez?

A resposta era: Ela não podia!

Seus pensamentos se voltaram para a segunda esposa de Kerrick, Helena. Ela viu essa mulher através dos olhos de Kerrick, o amor que tinha por ela, sua devoção a ela, e sua admiração por ela.

Ela sorriu quando pensou em Helena. Ela podia ver as discussões que tinha com Kerrick. Ela reviu-as através de sua mente, como ele se recusara durante anos em se casar com ela, mas como Helena, no final, prevalecera. A mulher valente, uma mulher sem medo da vida. Embora ela entendesse os riscos do casamento com um Guerreiro de Sangue, ela insistiu em casar com ele de qualquer maneira.

Em todas essas discussões, Helena nunca disse uma vez algo como o nosso amor vai prevalecer. Seus argumentos, em vez disso, se dirigiam a realidade de sua situação: eu me recuso a viver com medo, não agora, nem nunca. Você é o que eu quero e eu aceito todos os riscos inerentes à sua vida de guerreiro.

O que seria viver com tanta coragem, tal destemor?

A batalha da arena mais uma vez veio à sua mente. Se ela pôde sobreviver a algo tão horrendo como combater Leto mano a mano, por que não poderia sobreviver a qualquer outra cilada que Darian jogasse para ela?

Mas talvez essa fosse à pergunta errada para se fazer.

E nesse momento, os céus se abriram e Alison finalmente entendeu a verdadeira questão que ela precisava perguntar a si mesma. Ninguém sabia o número dos seus dias, mas não seria melhor viver plenamente, montando o furacão, mesmo que apavorada, do que continuar a recuar em um poço de desespero?

Seu ritmo cardíaco acelerou. Ela subiu para a posição sentada. Respirando fundo, sentiu a fadiga do treino do dia evaporar dela.

Não seria melhor montar o furacão?

As imagens atiraram adrenalina a todo vapor através de seu sistema, mas quase no mesmo momento, uma sensação estranha tomou conta dela conforme os cabelos na nuca de seu pescoço se levantavam. Ela recordou a mesma consciência picando diretamente como antes do ataque no palácio de Endelle.

Como os guerreiros, ela não esperou por um maior esclarecimento. Ela saltou para a posição de pé e dobrou sua espada identificada até sua mão, todo o caminho do quarto de hóspedes da casa de Kerrick em Queen Creek, exatamente onde ela a deixara.

Ela sentiu uma aceleração abaixo os dois lados das costas e, instintivamente sabia que sentia o que um dia seriam suas travas de asas, embora Kerrick tinha certeza de que ela provavelmente não seria capaz de montar as asas ainda por pelo menos um ano.

Um momento depois, três vampiros da morte, todos em brilhantes asas plenamente abertas e negras, sobrearam o quartel muito vazio.

Alison dobrou a um canto distante do teto. Ela não podia voar, mas ela podia levitar.

A princípio, os meninos bonitos ficaram confusos, mas quando viram a sua localização, eles se lançaram como um só. Ela não tinha certeza de sua capacidade de combatê-los todos ao mesmo tempo, assim, sem se deter sobre o porquê disso por muito tempo, ela dobrou diretamente a Caverna, direto para o meio da sala. Felizmente, três dos guerreiros estavam presentes. Luken, Medichi e Santiago.

Ela gritou: — Vampiros da Morte — em voz alta. Assumindo a sua posição, e a postura de guerreiro, pernas afastadas, mãos no punho revestido de couro da espada que já estava na posição vertical.

Primeiro ficou surpresa, em seguida, um rápido reunir de armas e estratégia.

Alguns segundos mais tarde, conforme os vampiros da morte seguiam seu traçado, ela simplesmente moveu-se para fora do caminho e deixou que os homens começassem a trabalhar.

A batalha durou apenas uma questão de segundos. Três experientes guerreiros poderosos contra três meninos bonitos deram aos vampiros da morte chances de cerca de um milhão-para-um de sobrevivência.

Eles não conseguiram.

Medichi chamou a Central de limpeza.

Alison permanecia por perto, tremendo. Ela e a oficialmente AWOL[12], e se ela fosse retornar deveria até mesmo estar preparada para desistir, Medichi a pegou pelo braço e sacudiu a cabeça. — Fique, ascendida Wells. Diga-nos o que aconteceu. Meu palpite é que você estará em perigo se você voltar.

Ela balançou a cabeça, porque suspeitava que ele estivesse certo. Quem sabia o que esperava por ela de volta no quartel? Ela foi assegurada de que uma vez que ela ascendesse os ataques teriam fim. Ambos, Kerrick e Endelle estavam errados.

Ela contou que ficou para trás para ficar sozinha por um tempo. Ela tocou o estômago distraidamente. — Então eu comecei a ter um pressentimento, aquela mesma sensação assustadora de que havia uma aranha no meu pescoço.

Todos os três guerreiros resmungaram a sua compreensão.

— A próxima coisa que eu sabia, é que lá estavam eles.

— No quartel? — Medichi gritou. — Armados?

[12] *Absent Without Official Leave: Ausente sem permissão oficial - desertora*

— E em plena carga. Eu sabia que não poderia lutar contra eles sozinha e eu não sabia mais o que fazer além de ter teleportado até aqui. Eu estava com medo, se eu os levasse em qualquer outro lugar na base poderia estar colocando um monte de mulheres em perigo. Sinto muito.

— Porra, não se desculpe — Medichi gritou. — Você fez a coisa certa, mas essa merda é tão fodida. Vampiros da morte à caça de uma ascendida em um centro de treinamento...

Alison franziu o cenho. — Então, eu estou certa em ter entendido que eles não deveriam estar me atacando no quartel. Isto não é mesmo normal.

— Nem um pouco normal. Você é uma ascendida agora, e este ataque é altamente ilegal. Endelle pode levar isso para o COPASS e o Comitê será forçado a agir contra Greaves. O bastardo não possui todos eles no bolso ainda. — Ele começou a andar, então murmurou, — Embora não signifique que você não será atacada novamente. Merda, nós temos que deixar Kerrick saber sobre isso, e Thorne. O inferno, todos os irmãos devem estar aqui. Vamos dar a Jean-Pierre e Zach um grito também.

Kerrick. Oh, não. — Tem certeza de que isto é necessário? Você realmente precisa trazer Kerrick aqui? — Oh, Deus, o quanto ela queria vê-lo.

Se seu coração estava batendo forte antes, agora ele trovejava em torno de seu peito.

Medichi se aproximava dela, os olhos cheios de compaixão. — Sinto muito, Alison, mas ele teria nossas bolas se não o fizéssemos. Então, tenha piedade de nós três.

Ela olhou para Medichi, Luken e de volta para Santiago. Ela balançou a cabeça. Devolvendo sua espada de volta para o quarto de hóspedes da casa de Kerrick. As memórias de seu tempo juntos em sua casa correram sobre ela em ondas súbitas e dolorosas. Sua garganta estava apertada.

Ela esperou, com o coração martelando. Alisando os cabelos para trás, ainda úmidos. Ela não fazia ideia de como era sua própria aparência agora mesmo. O que ela faria quando tornasse a vê-lo? Mais importante, se ela teria mais coragem, como Helena, ela poderia tentar uma vida com ele? Seria sua filha, então, realmente capaz de conhecer seu pai?

A transformação acontece,
Mas apenas quando o coração já foi moldado pelo sofrimento.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 23

Kerrick não viu Alison em duas fodidas e longas semanas e ele juraria que podia sentir que seu coração fora arrancado do peito. Em vez de ficar mais fácil, ficar longe dela se tornou um exercício de masoquismo. Ele sabia onde ela estava, nos campos de treinamento. Ele recebeu relatórios de seu Oficial Comandante diariamente. Ele insistiu em pelo menos nisso. Ela estava

carregando sua criança. Ele precisava ter certeza que ela estava segura, apesar do fato de eles não poderem ficar juntos.

Então, por que ele se sentia como um bastardo, como se a tivesse decepcionado?

Ele se sentou em sua biblioteca, um copo de Maker' s em sua mão. Ele não olhava para nada em particular. Restava ainda um par de horas antes de sair para mais uma noite de lutas, o que tomava o seu tempo e graças a Deus por isto. Do contrário, ele teria enlouquecido.

Duas semanas se passaram desde que ele a vira pela última vez e ele simplesmente não conseguia encontrar seus pés. Ele recordou a última vez que se sentou nesta cadeira, lendo aquele livro pretensioso sobre a história da ascensão na esperança de encontrar alguma maneira de resistir ao ataque do breh-Hedden.

Seu telefone tocou. Ele estendeu a mão com seus sentidos. Era Medichi. Os irmãos estavam na Caverna, e ele já recusou juntar-se a eles lá. Ele estaria no Blood and Bite como de costume, mas agora ele precisava ficar sozinho.

Desde que voltou do hospital, ele se mudou do porão, usando-o apenas para fazer o seu treino diário. Por motivos que ele não entendia, ele estava dormindo no quarto principal. Ele ainda não tinha certeza por que ele fez esse salto. Afinal, nada mudou substancialmente em seu mundo.

Exceto por Alison.

Mas ela não estava mais em seu mundo, certo?

E seu bebê crescia dentro dela.

Mas o que isso importava? Ambos decidiram que não poderiam ficar juntos, foi uma decisão conjunta.

Bem.

Seu telefone soou outra vez. Mais uma vez era Medichi.

Mais uma vez, ele não respondeu.

Mas quando o telefone soou uma terceira vez, ele sentiu a convocação de Thorne. Ele se levantou e atendeu. As breves frases que atingiram seu ouvido enviaram o sangue correndo em sua cabeça, seu coração descompassado. — Teleporte-me para lá agora.

Ele sentiu a vibração depois aterrissou duramente, os dois pés descalços no chão da Caverna. Ele ignorou todos os seis guerreiros, girando ao redor até que encontrou a única pessoa que importava agora.

— Alison! O que diabos aconteceu?

Ela olhou para ele e seus lábios se separaram, mas ela não conseguia falar. Então uma onda de lavanda bateu em cheio no peito dele e o fez dar um passo para trás. Oh, merda. Ele fechou os olhos e passou a mão pelo rosto, segurando a resposta rápida do seu corpo o máximo que podia. Ele latiu, — Diga-me o que aconteceu.

Ela falou lentamente no início, contando como o ataque ao quartel se desenvolveu, em seguida, aumentando a velocidade até que terminou com: — Eu pensei que poderia ser sensato trazê-los até aqui, acreditando que, é claro, eles me seguiriam, com bastante certeza.

— Maldição. — Virou-se para Thorne e encontrou seu olhar destruído. — Endelle já foi informada sobre isso?

— Ela está vindo.

— Bom. Porque isto não pode acontecer novamente. — Sua voz havia dividido em três ressonâncias e todos os guerreiros se deslocaram ao redor, olhando para ele.

— Eu não deixarei isso acontecer novamente. — Ele deu um grito frustrado e um soco no ar. — Esta é uma besteira de merda.

Um murmúrio de acordo foi sussurrado através dos irmãos.

Ele se acalmou agora e respirou fundo. Não conseguia olhar para Alison, mas seu cheiro era inebriante, se ele não continuar se movendo, ele jogaria um monte de madeira e, provavelmente, atacaria. Se o cheiro dela era qualquer indicação, ela o acolheria rapidamente. Maldito breh-Hedden.



Alison mal conseguia respirar enquanto ela olhava para o seu guerreiro. Ele andava ao redor como um louco, mas parecia tão sexy em jeans, um confortável azul escuro, e, oh, Deus, os seus lindos pés descalços novamente. Precisava ser culpa dos hormônios da gravidez porque a forma como ela se sentia olhando para ele era como tudo o que ela já sentia por ele, multiplicado por dez. Não. Por mil.

Seu corpo estava encharcado e ela sabia que precisava ser ele inundando-a com aqueles feromônios projetado-apenas-para-ela de lavanda, mas ela não poderia se conter.

Seus lábios pareciam inchados e os seios, que já eram maiores por causa da gravidez, estavam apertados dentro do sutiã. Pelo menos, o uniforme solto não poderia revelar nada daquela natureza para os outros guerreiros à sua volta, graças a Deus.

O ar ficou turvo perto de Kerrick e ele parou de caminhar. Endelle apareceu, um olhar duro em seus antigos e alinhados olhos. Ela usava uma roupa estranha em algum tipo de material cinza brilhante, não exatamente couro. — Que diabos está acontecendo? — ela avistou Alison. — Ascendida Wells, por que diabos você não está nos campos de treinamento como foi ordenado?

Thorne, no entanto, cortou sua resposta e falou sobre os vampiros da morte, e depois acrescentou: — Você sabe o que isso significa, ela não pode voltar. Eles, obviamente, tomaram a decisão de eliminá-la. Este não será o último ataque. Sua ascensão foi apenas o começo, não o fim.

Kerrick moveu-se para ficar ao lado Thorne, o olhar fixo em qualquer lugar, menos em Alison.

Desta vez Endelle parou. Ela soltou uma longa sequência de palavrões, em seguida, começou de novo. Ela repetiu o exercício várias vezes. — Ele nunca foi tão longe antes. Por essa obsessão? Por que agora? Por que Alison? Merda. Ele deveria saber que eu vou levar a reclamação para o COPASS. Merda.

Alison, no entanto, mal pagava o menor pedaço de atenção. Em vez disso, ela não conseguia deixar de olhar para Kerrick. Ela foi atingida mais uma vez pela forma como ele era bonito, como era alto, como era musculoso. Seu cabelo de guerreiro não estava preso e ela queria fazer correr aqueles grossos cachos por entre os dedos. E ela conhecia aqueles músculos, cada centímetro deles, de ponta a ponta, de cima a baixo de um lado a outro. Oh Deus.

— Ascendida Wells — Endelle estalou. — Olhe para mim.

A força da voz de Endelle forçou Alison a tirar seu olhar de Kerrick e focar a Alta Administradora Suprema.

Endelle estreitou os olhos. — Vamos colocar um guarda com você nos campos de treinamento. A próxima vez que vampiros da morte aparecerem, não vá correndo para o meu grupo de elite. Temos uma cadeia de comando nas forças armadas. Use-a.

A desaprovação geral e protestos eclodiram de todos os Guerreiros presentes.

Alison gritou: — Mas quantos guerreiros de Milícia irão morrer tentando me proteger? A situação é insustentável e não vou admiti-la.

Um coletivo fôlego engolido se uniu ao um arrastar de pés simultâneos de todos, exceto elas. — Você não vai admiti-lo? — Madame Endelle gritou.

Alison estava prestes a demonstrar seu ponto, desta vez definitivamente em termos mais respeitosos, mas ela se encontrou de bruços no chão da Caverna, o que nunca era um bom lugar para estar, e um pé, em um salto estilete, apoiava-se em seu pescoço. — Aprenda o seu lugar, ascendida Wells. Aprenda-o rapidamente. Eu tenho um pavio muito curto.

Alison sentiu a vibração e então já se encontrava no escritório do Oficial Comandante na base de treinamento. Ela ainda estava virada para baixo, mas a pressão em seu pescoço havia desaparecido.

Ela olhou para cima. Estava sozinha. Oh. Deus. Ainda de joelhos, ela se inclinou para trás. Ela estendeu-se para Queen Creek e mais uma vez dobrou a espada na mão dela. Ela escutava e esperava. Ela sabia exatamente o que ia acontecer a seguir e não por causa de sua clarividência.

Pelo tempo que o Oficial Comandante e Madame Endelle apareceram, talvez trinta segundos depois, o mesmo aconteceu com mais três meninos bonitos. No entanto, eles não ficaram muito tempo. Um olhar para Madame Endelle e todos os três desapareceram.

— Merda — disse Endelle. Ela olhou para Alison. — Parece que Thorne estava certo. Bem, isso não é um novo tipo de festival de merda. Eu acho que o divertimento com você está apenas começando.



Logo que Alison foi desmaterializada da Caverna, Kerrick pediu que Thorne o dobrasse de volta para sua casa. Ele foi direto para seu quarto e com um pensamento tirou a roupa. Fazendo o caminho mais curto para o chuveiro, ele pulou para dentro e girou as alavancas, as oito delas, e

tomou uma ducha incrivelmente fria. Ele sentiu como se tivesse a essência de lavanda impressa em seus seios nasais e no cérebro, e ele não conseguia se livrar do cheiro. E ele estava duro como uma rocha.

Merda.

Que diabos ele iria fazer?

A água fria bateu nele, mas sua pele estava em chamas. Ele perguntou por que o vapor não se levantava para fora do chuveiro, apesar de a temperatura da água ser igual à do Ártico. Se ao menos ele não tivesse estado na mesma sala com Alison. Desejo continuava se espalhando por seu corpo e tudo o que ele podia sentir era o cheiro de lavanda, lavanda, e mais de lavanda.

Quando, finalmente, alguns de seus dolorosos desejos diminuíram, ele desligou o chuveiro, então passou a toalha sobre os dois milhões de arrepios que afligiam sua pele. Maldição se aquela água não estava fria. Ele deixou correr um arrepio de corpo inteiro, em seguida, dobrando a engrenagem de voo para iniciar o trabalho da noite, ajustando o arnês de armas.

Ele olhou ao redor do quarto. Ele encarou a cama. Plantando as mãos sobre os quadris, estreitou os olhos.

Ele balançou a cabeça para trás e para frente uma e outra vez.

Ele havia cometido um erro, porra. Ele pensou que as coisas poderiam voltar a ser o que era antes de Alison entrar em sua vida. Ele pensou que poderia simplesmente renovar seus votos e ignorar o desejo que sentia por ela, bem como a proteção primitiva que insistia em torcer seus pensamentos na direção dela minuto a minuto.

Mas alguma coisa mudou nele, começando a partir do momento em que ele a viu pela primeira vez no complexo médico. Sim, o breh-Hedden bateu com força, deixando-o sobre seus joelhos, mas não era isso que o assaltava agora. Algo incompreensível absolutamente havia contido ele. Sabia que cometera um erro se afastando de Alison, mas ele não conseguia descobrir o motivo.

Ele pensou em Helena novamente. Ela havia dado sua vida para estar com ele. *Eu já escolhi ficar com você*, ela havia dito*. Este é meu privilégio, meu prazer, é mesmo a minha honra estar com você e trazer paz para sua vida como você trouxe para a minha. Você é a minha escolha, para o melhor ou para o pior, venha a vida ou venha a morte.*

Venha vida ou venha morte.

Endelle havia dito, dê um pouco de crédito a Helena.

Quando ele tomou o impacto da explosão de mão de Alison no peito e no abdômen e começou a se recuperar no hospital, seu instinto natural se retraiu. Afinal, foi assim que ele viveu nos últimos duzentos anos. Mas ao longo dos séculos, ele foi uma mera casca de um homem, sustentando-se sobre seus nervos e seu uísque, segurando-se em um fio com o custo de morrer um pouco a cada dia.

Ele sempre se sentiu responsável pela morte de Helena. Esta era a natureza de ser um homem, o sentido inerente da responsabilidade por manter todos vivos, para manter todos felizes, satisfeitos.

Ele soltou um suspiro pesado, o tipo que vinha cheio de culpa, em grandes quantidades.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

A questão parecia ser: ele estava pensando em Alison agora ou pensava em si mesmo? Será que ele realmente tinha medo de que sua proximidade com ela causaria sua morte, ou ele simplesmente temia a agonia da perda se acaso ela morresse como resultado de uma agressão do Comandante? Um pouco de ambos, ele supunha, mas qual era o caminho certo nessa situação? Ele desejava estar com ela, uma ânsia que a mantinha em seus sonhos enquanto ele dormia e em seus pensamentos quando estava acordado.

Agora, ela enfrentava uma situação nova. Contra uma das leis principais da terra, Greaves havia enviado os vampiros da morte contra ela. Puta merda.

Thorne estava certo, os ataques contra ela nunca iriam parar. Sua ascensão foi um começo, não um fim, e Endelle estava errada em pensar que três esquadrões de guerreiros de Milícia fariam qualquer coisa, exceto perder suas vidas, possivelmente, até mesmo a de Alison.

O que veio a ele foi a sua necessidade atual de abrir mão da culpa sobre o que aconteceu no passado, tanto contra Marta como contra Helena e todos os seus três filhos. A vida era difícil e era assim desde o início dos tempos. Escolhas foram feitas e, sim, como Endelle disse, a morte acontece. Um dia, no futuro, ele iria morrer, assim como Alison e a filha deles.

Mas já não seria ele a negar a simples verdade, boa ou má, ele pertencia a Alison e ele deveria estar com ela bem como com sua filha.

A presença de Alison fez isso para ele, forçou-o a dar esse passo extra para fora dos confins de sua vida presente e... futura.

Ele riu e balançou a cabeça. Porra, só de vê-la o fez sentir-se mais homem, mais poderoso. Como diabos era isso possível? O breh-Hedden, é claro, chamando-o a gritos selvagens para fora da borda de sua vida tão contida e mantida em curtas rédeas.

Só que desta vez ele não tentou deter a sensação. Ele a deixou enchê-lo, a intenção física, a pura necessidade sexual, os chiados em sua mente implorando pela presença de Alison dentro de sua cabeça.

Ele ficou de pé ao lado de sua cama e imaginou ela deitada nua ali mesmo, seus longos cabelos loiros espalhados em seus travesseiros e lençóis. Ele a queria em sua cama, nesta cama, a cama onde agora ele dormia. Ele a queria com ele agora e sempre.

Então, ele sabia, então ele entendeu que sua vida mudou completamente, não apenas um pouco, mas de todas as formas possíveis. Ele viu o futuro, como este estava indo completamente as favas a partir deste ponto em diante, e por que ele pretendia completar o breh-Hedden com Alison. De forma nenhuma sua encantadora terapeuta, feita para ajudar os outros, iria ser submetida à rotina de lutas diárias. Algumas mulheres foram construídas para a guerra. Ela foi construída para salvar vidas. Ele sentia isso cada vez mais forte em seu espírito, mais do que nunca, determinado, cheio de propósito.

Venha o inferno ou enchentes, venham tempos bons ou maus, venha vida ou morte, ele estaria com Alison, iria amá-la e protegê-la, na medida em que ele pudesse, ela seria sua companheira e ele iria servi-la como fizera desde o momento em que a conheceu como seu Guardião da Ascensão.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele sorriu, ele riu, bombeando o punho no ar algumas vezes, e dando um grito poderoso para os céus. Já não olhava para trás, mas ele podia ver a face do futuro e viver, realmente viver.

Ele sentiu uma vibração estranha e baixa em seu corpo, algo que ele nunca sentiu antes. Ele arrastou uma profunda respiração. Puta merda. Seria possível?

Pelo inferno, sim, isso era possível.

Hoje à noite ele começava uma nova vida, e certo como o inferno, essa era a melhor maneira de iniciá-lo.

Acalmando-se, ele focou os olhos da sua mente em sua biblioteca. Ele imaginou, e aquela ideia era fodidamente correta. O percurso que durou entre um áspero segundo e outro, talvez dois, um passeio escuro através do não espaço, um apagão, um piscar, em seguida, a consciência subitamente dura, uma corrida cega de adrenalina seguida por uma explosão de endorfinas.

Ele se dobrou à biblioteca.

Bendito seja o Criador, finalmente ele podia dobrar.

Ele balançou a cabeça. Ele fechou os olhos, reteve outro pensamento. Ele experimentou outra vibração de sangue e ossos. Ele abriu os olhos. Ele estava de volta no quarto principal.

Ele riu e gritou. Ele se desmaterializou ao menos uma dúzia de vezes. Seu punho no ar bombeando em vitória.

Ele podia dobrar.

Ele. Podia. Dobrar.

Porra, ele podia dobrar!

Uma última viagem de volta para o quarto principal e seu corpo ficou calmo. O porquê se tornando uma grande questão em sua mente, mas de alguma forma ele já sabia.

Alison foi a razão daquilo, era a razão de tudo.

Agora, como lidar com o problema que era Endelle?



Alison ouvia enquanto sua Oficial Comandante discutia com Madame Endelle sobre quantos guardas ela precisaria alocar, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, para afastar um fluxo constante como aquele de ataques como o que acabara de acontecer. Alison levantou-se de sua posição ajoelhada, sua espada ainda na mão. Ela mantinha uma vigilância constante, mesmo que fosse improvável que os vampiros da morte voltassem, não com Sua Supremacia ao redor.

Quando a Oficial Comandante, uma mulher alta, com ombros largos, queixo quadrado afundado no queixo, colocou a ponta dos dedos sobre a mesa e inclinou-se para Madame Endelle, Alison poderia ter mastigado a tensão súbita subindo em estrias através do ar. Ela meio que esperava encontrar a Oficial Comandante no chão, um salto Estiletto no pescoço, mas por alguma razão Endelle permitiu a agressão.

— Mas, Madame Suprema Alta Administradora, o que você sugere significaria o suicídio para todos os envolvidos. Com todo o respeito, ascendida Wells, você é a única guerreira que eu tenho em toda a base capaz de lutar contra um vampiro da morte, isso para não dizer contra três. Você sabe as proporções necessárias de guerreiros de Milícia regulares para derrotar vampiros da morte? De quatro para um, a fim de prevenir uma taxa de mortalidade no momento do combate para menos de vinte e cinco por cento. Quatro dos nossos soldados para um vampiro da morte... e alguns ainda morrem. A ascendida Wells exigiria um destacamento de vinte guerreiros ao seu redor o tempo todo, e isso assumindo que virão apenas três meninos bonitos de cada vez. Ela é pouco manejável por nós aqui dentro. No mínimo, ela requereria a proteção dos Guerreiros de Sangue.

Esses fatos, apresentados como foram por uma mulher de razão e autoridade, forçavam Alison a confrontar a sua situação sob uma luz inteiramente diferente. Até este momento, ela assumiu que poderia criar uma vida para si mesma, sozinha, na Segunda Terra. Mas isso simplesmente não era verdade.

Se ela gostou ou não, ela precisava de um monte de proteção, não apenas para si mesma, mas para sua filha. Ela não tinha dúvida de que a criação de uma criança a partir do DNA de Kerrick também representaria uma ameaça para o Comandante. Deste ponto em diante, ela precisaria viver em uma casa totalmente segura e ter acesso não apenas a Kerrick, mas a todos os guerreiros, apenas para permanecer viva.

Ela também ponderou sobre seus pensamentos anteriores, sobre a necessidade urgente de viver a vida plenamente, torear o furacão ao invés de desabar-se em um poço de desespero. Ela sorriu ante as visões de uma vida com Kerrick que de repente inundaram sua mente.

Ela também pensou em seus sonhos recorrentes sobre o Lago White, que continuaram apresentarem-se todas as noites desde que ela chegou ao quartel. Eles sempre terminavam do mesmo modo, os dedos dos pés na água, seu olhar fixo em direção à Passagem que levava a Terceira Terra. Desta vez uma voz de homem entrou no sonho, uma voz desconhecida. Ela tinha vontade de abrir a Passagem para outros, mas ele a restringiu, dizendo que o tempo ainda não havia chegado.

A palavra Guardiã mais uma vez sussurrou em sua mente com a mesma voz masculina.

Guardiã.

Kerrick era um Guardião da Ascensão, como o eram todos os Guerreiros de Sangue.

— Que diabos está acontecendo com você?

Alison mudou o seu olhar para Endelle. — Desculpe?

— Eu posso ver dentro de sua cabeça. Porque é que a palavra Guardiã se repete mais e mais como um disco arranhado?

— Eu não tenho certeza.

— Você sabe, você tem uma mente fodidamente ativa e esta porra está incomodando a merda fora de mim.

— Desculpe pelo incômodo — disse ela, mas sorriu.

— E você gentilmente tem que por este olhar idiota em seu rosto?

Alison balançou a cabeça. — Isso, esse treinamento para ser um guerreiro, não é o caminho certo para mim.

— E você acha que sabe qual é o seu caminho certo?

Alison assentiu. — Sim. — Ela falou a palavra com tanta certeza que Endelle olhou para ela. Alison pressionou, — Acho que devemos voltar para a Caverna, e se você chamasse os Guerreiros de Sangue, eu poderia me explicar. Por favor, me ouça na presença dos guerreiros, e se depois de ter escutado tudo o que tenho a dizer você ainda me quiser de volta ao quartel, eu voltarei de bom grado.

— Tudo bem. Seja como for.

Endelle dobrou seu telefone na mão dela e o bateu contra seu ouvido. — Thorne. Os guerreiros estão com você? — ela revirou os olhos. — Bem, teleporte todo mundo de volta para a Caverna. Agora.

O telefone desapareceu.

Endelle deslizou a mão para a nuca de Alison, espremendo-a, então teleportando-as direto para a sala de recreação dos Guerreiros. Alison tropeçou quando seu pé tocou o solo, resultado do toque frustrado de Endelle.

Medichi, Jean-Pierre e Santiago ainda estavam lá junto com Thorne. Santiago sentava-se em um banquinho e desta vez com a mão direita segurava um enorme sanduíche perto da sua boca. Ele deu uma grande mordida, os olhos arregalados. Na mão esquerda ele girava uma adaga, uma peça que brilhava com joias vermelhas no punho. Luken e Zacarias voltaram em seguida, ambos estavam no simulador de voo. Os guerreiros estariam de plantão durante toda a noite como normalmente faziam.

Thorne colocou o telefone no ouvido, falou em voz baixa, acenou com a cabeça um par de vezes e um momento depois Kerrick tremulou dentro do aposento. Seu olhar patinou na direção de Alison, cativado e satisfeito. Desta vez, ele liberou uma onda de cardamomo que bateu nela em um ataque frontal e a mandou sobre seu traseiro direto para o chão.

Ele sorriu, cruzou os braços sobre o peito e olhou para ela. Ele usava seu kilt de couro preto, o arnês de armas, as pesadas sandálias de batalha, protetores de pulso que o deixavam realmente quente, e um momento depois, montou suas enormes asas brancas, algo que ela conhecia, ela sabia que ele fizera apenas para ela. Ele parecia sexy como o inferno, exatamente como havia parecido quando ela o conheceu. Mesmo o cabelo dele estava livre do cadroen.

Ela se levantou e bateu a poeira fora do seu uniforme. Ela conheceu seu olhar, firme desta vez, sua expressão era intensa, como se ele estivesse tentando dizer alguma coisa a ela sem dizê-lo em voz alta ou em sua mente.

Algo mudou.

Sua respiração ficou presa. Ela piscou ou tentou piscar.

O que foi isso? Ela enviou.

Mas ele ofereceu apenas um agitar de sua cabeça e um leve sorriso, uma curva torta e bem conhecida de seus lábios. Seu batimento cardíaco acelerou.

O que mudou?

Oh, Deus, tudo mudou. Tudo. Ela sentiu-o no ar entre eles.

Ela afastou-se um passo de Endelle e se mudou para uma posição em que ela poderia abranger com o olhar tanto a Alta Administradora Suprema quanto os Guerreiros de Sangue.

Os guerreiros estavam em um amplo arco na frente dela, alguns dos ascendentes mais poderosos da Segunda Terra.

Thorne, com seus cansados olhos vermelhos, estava perto do galinheiro que parecia a mesa de bilhar.

Luken chegou-se ao lado dele quase tão protetoramente como um cão de guarda, seus músculos grossos em exibição desde que ele já usava equipamentos de voo.

Medichi levou-se a toda a sua real altura chegando ao ápice da montanha que era aquele guerreiro, o mais alto entre os homens, mas aquele que nunca montava suas asas.

Zacarias ficou ao seu lado, todo aquele cabelo espesso e cacheado preso no cadroen, mas espalhando-se sobre as suas costas, seus olhos azuis se estreitaram, esperando.

Santiago sentou em um banquinho ao lado de Zacarias, seu longo cabelo negro e latino ondulado e solto, brilhante, lindo. Ele levantou a mão e o sanduíche desapareceu, enviado a algum lugar. Ele moveu seus joelhos, a fim de encará-la.

Jean-Pierre esparramou-se ao lado de Santiago. Ele segurava o taco na mão, seus dedos longos e elegantes em volta da madeira estreita. Ele era um aristocrata, até mesmo na graça inata de suas mãos.

Endelle havia parado um pé adiante dele, seus olhos escuros como um bosque, as sobrancelhas arqueadas assentadas para baixo, uma inquietação pairava no ar em torno dela, impaciente como sempre. Nós não temos o dia todo gritando por todos os poros de seu corpo.

Kerrick estava à esquerda da mesa de bilhar, suas enormes asas tremulando levemente nas pontas, nunca deixando de encarar seu rosto.

Alison teve a estranha sensação, um sentimento estranho de *déjà vu* familiar que ela estivera aqui antes e estaria aqui novamente e mais uma vez, que seu destino, que havia nascido no complexo médico, estava sendo agora jogado para a estratosfera, aqui e agora. Ela pensou que ascender era tudo, o fator central e a razão final de tudo. Ela estava errada. Ela apenas entendeu o seu lugar há poucos minutos no escritório de sua Oficial Comandante, o que também significava que ela estava começando a compreender que a sua chegada à Segunda Terra ateara fogo à guerra.

Ela endireitou os ombros. — Agora eu sei por que o Comandante quer me matar.

Endelle bufou. — Nós todos sabemos por quê. Você tem muito desse fodido poder.

— Sim, mas a que propósito serve esse poder?

Ela viu tudo muito claramente. A revelação veio de seus sonhos, desde as partes mais profundas do seu subconsciente, dos mistérios além da mente humana racional.

Ela lembrou a beleza de olhar para dentro da Terceira Dimensão, de ver o mundo aberto a ela, de ser dolorosamente atraída para a Terceira Terra, mas incapaz de chegar lá. Ela lembrou a força da atração do lago, a necessidade de proteger o lago.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela olhou para Madame Endelle, atraiu uma respiração longa e profunda, moveu-se para a borda da mesa de bilhar, e falou diretamente: — Um dia, dentro de alguns anos a partir de agora, eu abro a Passagem para a Terceira Terra.

Primeiro, um longo e não combinado engolir de um fôlego retido, e depois o silêncio pesado, pensativo, temerário silêncio. Uma tumba, selada por mil anos, não poderia estar mais silenciosa do que a Caverna.

A mandíbula de Endelle estava frouxa.

Os olhos verdes de Kerrick brilhavam com admiração.

O resto dos guerreiros olhava, primeiro para ela, então um para o outro e depois, quase como uma unidade se viraram para olhar para Endelle. Esperando.

Alison mudou o seu olhar para Kerrick para ver como seu anúncio o afetara, perguntando se ele poderia pensar que ela subitamente enlouquecera. Como ela ficou chocada ao ver a certeza nos seus olhos quando ele balançou a cabeça uma vez para ela. Ele mostrava um nível de confiança que ela não viu nele antes.

Ela se sentiu impulsionada a continuar a explicar o significado da sua descoberta, e encarou Madame Endelle mais uma vez. — Eu tenho sonhado repetidas vezes com o Lago White, bem como com a Passagem e com a Terceira Terra, todas as noites desde que o meu rito de ascensão começou. Quando eu sonho, eu estou sempre vestida de guerreira, com minhas engrenagens de voo e estou voando sobre o lago em plena potência. Embora eu não possa explicar como eu sei que este é o meu propósito, eu o faço. — Ela apertou o punho contra o peito. — Aqui. E é por isso que Darian, o Comandante, me quer morta.

Endelle piscou apenas uma vez enquanto ela olhava para Alison. Ela finalmente olhou para o lado e começou a andar. Sua testa mergulhara para baixo, e as faíscas voavam de seu corpo como se ela não pudesse conter a energia dos seus pensamentos. Para frente e para trás, ela passeou na frente da montanha formada por seus Guerreiros de Sangue.

— Passagem para a Terceira Terra. Merda. Puta merda. Puta, puta merda. — Ela parou na frente de Alison. — Não foda comigo, ascendida. É melhor você estar malditamente certa sobre isso. Nenhuma dúvida, perguntas, nem mesmo um vislumbre de sobre o que diabos eu estou dizendo?

Alison balançou a cabeça. — Nem mesmo uma mínima — veio como um sussurro de sua garganta.

Mas no momento em que as palavras deixaram seus lábios, uma sensação de profundo desmoronamento invadiu seu coração, forjada não pela dúvida, mas sim pela certeza, profunda, crua e avassaladora certeza. Ela era o instrumento pelo qual o caminho para a Terceira Terra seria aberto e sua vida acabara de ficar mais, muito mais difícil. Ela caiu sobre seus joelhos, em seguida, enterrou o rosto nas mãos. Ela foi superada pela tensão, e as lágrimas transbordaram por seus dedos.

Quanto tempo ela permaneceu lá, ela não saberia dizer, mas para sua surpresa, ela sentiu mãos frias pegarem e sustentarem as dela. Ela levantou o olhar e encontrou os antigos e

arborizados olhos de Endelle. A Alta Administradora Suprema da Segunda Terra dobrara um lenço seco em sua mão e limpava as bochechas, nariz e queixo de Alison.

Alison olhou para o rosto de Endelle, tão cheio de milagrosa compreensão e compaixão, aquelas qualidades que normalmente escapavam de sua Supremacia.

Endelle assentiu. — A responsabilidade apenas parece soterrar você, não é?

O lábio de Alison tremeu. — Sim — ela sussurrou.

— Eu me lembro deste dia em minha própria vida a cerca de nove mil anos atrás. Pensei em cortar meus pulsos.

— Oh, Deus.

— Se você tivesse sido leviana, eu teria colocado meu pé em seu pescoço novamente. Mas isto, vendo a devastação em seus olhos? Sim, você me convenceu da verdade da situação. Mas puta merda, Alison, abrir a Passagem para a porra da Terceira Terra. Esta que é uma grande merda.

Endelle, a mais durona, a pior cadela que já nascera, aninhou-a em seus braços e a sustentou. *Bem vinda ao meu mundo*, ela enviou.



Thorne não conseguiu impedir seus pés de se moverem para trás. Ele não parou até que sua bunda bateu contra a mesa de bilhar. Ele olhava para um pesadelo do caralho, Endelle de joelhos abrigando a recém-criada ascendida, proclamando que ela era o vaso pela qual a Terceira Terra seria aberta à Segunda.

Ele queria seu Ketel gelado e queimando seu caminho para baixo em sua garganta.

Será que ninguém entendia, como ele o fazia, o que isso significava? Que um novo tronco, um do tamanho de um caminhão de dezoito rodas, acabara de ser despejado no topo desta pilha ardente de uma fogueira chamada guerra?

Ele esfregou a mão pelo rosto. Ele esperou que os poderes de Alison trouxessem um alinhamento destinado a aliviar a tensão sobre os guerreiros, em Endelle, sobre ele, mas será que mais ninguém percebera que Darian Greaves dobraria forças, e não retroceder?

Thorne precisava chegar ao Convento, alcançar seu refúgio, mas uma nova dor bateu nele, pois ele sabia, ele sabia que a mulher que eles protegeriam em breve seria arrastada para a guerra.

Porra.



** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Kerrick respirou fundo, expandindo seus pulmões ao máximo. Orgulho fluiu através dele, a admiração, a completa luxúria. Deus, como ele amava essa mulher, e esse amor o deixava em um estado de euforia, de uma decisão tomada, de esperança plena, de possibilidades, de um futuro com Alison.

A maré carregou o passado para o mar. Ele virou o rosto para a praia pela primeira vez em duzentos anos. Alison era uma terra nova, uma nova vida, uma promessa de futuro.

Então ela, com o tempo, seria a única que abriria a Passagem para a Terceira Terra.

Inferno Santo. Suas asas tremeram, uma vibração nas pontas, um arrepio na espinha.

Ele a observou com Endelle. Ele não conseguia se lembrar de ter visto Sua Supremacia demonstrar tal ternura antes. Nunca. O que isso sugeria para o futuro? Um olhar sobre os seus irmãos disse que tinham o mesmo pensamento. Maravilhamento reluzia em cada rosto como se estivesse olhando para um porco voador.

Compreensão girava em torno dele, um ciclone se movendo cada vez mais e mais rápido. Alison falara a palavra Guardiã na primeira vez que ela falou de seus sonhos sobre o Lago White. Se ela tivesse sido um homem, ele teria concluído que ela estava destinada a servir como um Guerreiro de Sangue. Certamente ela tinha o poder. Ela simplesmente não tinha o coração. Além disso, apenas os machos podiam ser Guardiães.

Ele franziu a testa e cruzou os braços sobre o peito. Seu bíceps se contraiu.

Guardiã.

E se o conceito precisasse ser expandido? Mas isso seria como uma ruptura com a tradição.

E ainda, a partir do momento que Alison respondeu ao seu chamado para a ascensão, ela foi uma anomalia, o inesperado. Ela era sua companheira, algo que ele nunca esperara vir a ele, não quando o breh-Hedden era tão raro. No entanto, aqui estava ela.

Ele arrastou outro profundo fôlego porque o que ele estava prestes a propor era completamente contra todas as tradições da Segunda Terra.

Sonhos sobre o Lago White? Agora ele entregaria a sua interpretação.

— Madame Endelle — disse ele, a força de sua voz ressoando nas paredes, em seguida, ecoando de volta.

Endelle levantou-se, Alison com ela, ambas se voltando para olhá-lo. Endelle plantou as mãos nos quadris e fez uma careta para ele.

Ele se moveu para ficar ao lado de Alison. Tomando um par de respirações profundas. Endelle tinha o poder de chutá-lo de uma extremidade da terra até a outra, sem mover-se uma polegada. Desnecessário dizer que ele estava relutante em abrir essa porta.

— Bem, Guerreiro, que porra você quer?

Ele se preparava para ter sua bunda chutada enquanto ele dizia, — Eu acredito que a ascendida Wells pode ser uma Guardiã da Ascensão.

Ela revirou os olhos e falou com uma voz que parecia ter escrito idiota sobre ele. — Do que diabos você está falando? Ou você esqueceu que Guardiães tem que ser homens e guerreiros, nenhum dos quais a ascendida Wells professa ser.

Kerrick assentiu. — Ela tem sonhado sobre ela mesma como uma guardiã, que é uma indicação primária de que deveria ser concedida uma dispensa especial a ela. — Mergulhou o queixo. — Considere. Se você conceder a ela o status de guardiã, então o COPASS seria obrigado pela honra a conceder a ela os direitos de tutela.

A testa de Endelle se enrugou. — Os direitos de Guardiã, o que significa que Alison teria proteção completa contra ataques pessoais. Porra, Kerrick, você pode realmente ter alguma coisa aqui. — Ela enfiou as mãos nos longos cabelos negros nas têmporas. Ela soprou o ar de suas bochechas e sacudiu a cabeça.

— O que isso significa? — Alison perguntou.

— Quando o COPASS foi criado na virada do século XX, uma das regras que colocamos no lugar e com a qual Greaves concordara foi que toda a propriedade privada mantida por qualquer das partes não poderia ser atacada. Todos os Guardiões da Ascensão, bem como os generais de Greaves tem este mesmo direito. Nós não atacamos suas propriedades e deixam as nossas em paz. Além disso, a regra se estende aos ataques pessoais. Nós ficamos longe deles, com exceção de conflitos em uma Fronteira ou na Terra Mortal, e eles ficam bem longe de nós. Qualquer ataque contra um guardião, exceto conflitos em uma Fronteira ou na Terra Mortal, deve ser julgado em toda a extensão da lei. Mesmo Greaves não cruzaria essa linha.

— Então onde quer que eu esteja, na Segunda Terra — ela disse: — Eu estaria segura?

— Tão segura quanto é possível neste mundo e mil vezes mais segura do que sem a designação.

Alison respirou rápido. Ela se virou para Kerrick e enviou, *Então eu tenho uma chance, nossa filha tem uma chance.*

Kerrick assentiu. Ele até sorriu. *Exatamente,* ele enviou.

— Bem — Endelle exclamou. — Eu tenho que dizer, Guerreiro Kerrick, que esta é uma estratégia malditamente brilhante. Fodidamente brilhante. Quero parabenizá-lo e providenciarei isso agora mesmo. O COPASS me deve por causa do ataque ao meu palácio e o Comandante pode apenas deixar o seu pinto em um moedor de carne! Hah!

Kerrick recuou diante da imagem, e mais de um guerreiro assobiou. Por outro lado, pensando em todos os problemas que Greaves causou... bem…



Conforme a esperança aumentava, Alison tremia. Ela viu nos olhos de Kerrick uma determinação que não estivera lá antes. Ela queria deixar a sala de recreação com ele agora, e contar da mudança em seu coração, mas ainda havia mais uma questão a ser resolvida.

Ela se virou para Sua Supremacia. — Madame Endelle. Você vai rescindir minhas ordens de treinar como uma guerreira de milícia?

— E o que você sugere, ascendida? Com o status de guardiã você ainda pode servir como uma guerreira de milícia, já que você estaria a salvo de ataques no quartel.

Alison encontrou o olhar de Endelle. Ela viu os olhos castanhos e estriados que ela experimentou ante a compaixão da mulher. Por nove mil anos, Endelle levou sua carga de autoridade e comando sozinha. A mulher precisava de muita ajuda. Ela também precisava trabalhar em suas habilidades de controle da raiva. No entanto, ela pensou que provavelmente Endelle poderia usar um amigo.

Embora ela tivesse certeza de que a sugestão que ela estava prestes a soltar era semelhante a convidar um escorpião para andar ao redor do seu ombro, ela disse: — Se fosse do seu agrado, eu serviria como sua assistente. — Oh, Deus, essas palavras realmente deixaram sua boca? Ela tinha uma poderosa presciência, ela se arrependeria disso muito profundamente nos próximos dias, semanas, meses, anos, inferno, décadas... oh, Deus.

Um sorriso lento se espalhou sobre o rosto Endelle como se ela também tivesse lido os pensamentos de Alison. É claro que ela havia lido. Endelle disse: — Eu acho que a punição, neste caso, se encaixa no crime. Vou deixar a Oficial Comandante saber que ela poderá voltar ao trabalho usual, enquanto você, minha encantadora ascendida, pode apresentar-se em meu fodido escritório amanhã, às oito da manhã em ponto. — Seu olhar passou dela a Kerrick e o olhou de cima a baixo, uma lasciva luz em seus olhos. — Se você conseguir andar até lá.

Alison conseguiu evitar corar suas bochechas, mas foi por pouco. Ela entrou de cabeça em um novo mundo, de guerreiros e vampiros, da ascensão e voos, de profanação, violência e todo tipo de referências sexuais. Tempo de abraçar tudo isso, então ela deu de ombros e disse: — Quando andar tornou-se um problema significativo na Segunda Terra, afinal?

Diante disso, os guerreiros desataram a rir.

Endelle assentiu. — Bem, bem. Pode haver esperança para você ainda. — Ela levantou um braço, em seguida, desapareceu.

A Caverna permaneceu em silêncio por um longo momento depois que ela saiu.

Finalmente, Zacharius ofereceu o comentário mais pertinente. — Ela estava vestindo pele de cobra?

O mito do breh-Hedden
Vivo nos corações dos amantes
Observe o que é mais precioso
Poemas Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 24

Kerrick respirou fundo e puxou suas asas de volta em sua trava de asas. Ele sabia apenas de uma coisa quando ele nivelou seu olhar com o de Alison. Ele a estava levando para a cama e completando o maldito breh-Hedden... esta noite.

Ele estava prestes a sugerir que partissem quando Thorne pegou seu braço.

O líder dos Guerreiros de Sangue olhou-o diretamente nos olhos, balançou a cabeça, e até conseguiu dar um sorriso áspero. — Então é isso, cara.

Kerrick devolveu o sorriso. — É isso. — Duvidou que sua voz pudesse ficar mais grave.

Thorne socou o amigo no braço depois riu. — Nós não vamos precisar de você hoje à noite, só para você saber.

Kerrick começou a protestar desde que ele sempre poderia juntar-se a eles mais tarde, mas Thorne dividiu sua ressonância. — Não — ele declarou em seu tom de eu-sou-a-porra-do-chefe, o que ele raramente utilizava, especialmente com Kerrick. — Vejo você amanhã.

Por alguma razão, a garganta de Kerrick se fechou. Ele estava indo por um caminho novo, e Thorne iria para o Blood and Bite por uma última bebida antes que a Central começasse a queimar sua orelha com o movimento dos vampiros da morte. Ele não sabia o que o possuiu, mas ele agarrou Thorne num abraço duro e Thorne respondeu, segurando firme.

— Seu filho da puta sortudo — Thorne falou baixo junto a sua orelha.

A garganta de Kerrick apertou um pouco mais e os olhos queimaram.

Cristo.

É claro que o momento terminou tão rápido quanto começou. Kerrick o soltou. Ambos os homens começaram a limpar a garganta e a balançar a cabeça em rápidas torcidas do pescoço.

A voz de cascalho de Thorne sacudiu o ar entre eles. — Você quer uma carona de volta para Scottsdale Segundo?

Alison se aproximava, deslizando o braço em volta da cintura de Kerrick. Ele passou o braço em volta dos ombros dela e apertou.

— Eu cuido disso — ela disse.

— Na verdade — Kerrick disse, olhando de um para o outro. — Eu cuido disso.

Ambos olharam para ele. Os olhos de Thorne arregalaram. — Que porra é essa? Você pode dobrar? — Claro que isso trouxe toda a atenção dos irmãos em sua direção, e dentro de dois segundos eles formavam um novo arco em torno dele.

— Você pode dobrar agora? — Alison gritou.

Ele balançou a cabeça. Ele não conseguia parar de sorrir. Sentia-se como um garoto em um jogo de basebol que marcara seu primeiro home run[13].

Todos os irmãos batiam em suas costas, braços, ombros.

— Isso é incrível — Alison exclamou. — Como? Quando isso aconteceu?

---

[13] *No beisebol, home run (denotado HR) é uma rebatida na qual o rebatedor é capaz de circular todas as bases, terminando na casa base e correndo (junto com uma corrida de cada corredor que já estava em base), com nenhum erro cometido pelo time defensivo na jogada que resultou no batedor-corredor avançando bases extras. O feito é geralmente conseguido rebatendo a bola sobre a cerca do campo externo entre os postes de falta (ou fazendo contato com um deles), sem que ela antes toque o chão. O home run está entre os aspectos mais importantes do beisebol, e grandes rebatedores de HRs são normalmente os jogadores mais populares entre os torcedores e também os mais bem pagos dos times. Daí o velho dito, atribuído ao slugger Ralph Kiner, ou a um companheiro de equipe falando sobre ele: "Rebatedores de home runs dirigem Cadillacs; rebatedores de simples dirigem Fords".*

Os guerreiros pararam para ouvir, mas seus olhos eram para ela. — Mais ou menos à época em que eu decidi que não ia viver minha vida sem você.

Ele ouviu sua ingestão rápida de fôlego e viu os olhos dela brilharem com lágrimas. — Não chora — disse ele, beijando sua testa. — Não há choro na ascensão. — Será que ela captaria a referência?

Ela riu. — Uma equipe muito especial. Eu amo esse filme.

Seu olhar travou no dela e ele podia sentir o cheiro de uma súbita rajada de lavanda. Ele respirou, sua narinas expandindo, seus olhos se fechando. Oh. Deus.

Thorne pegou a deixa, sem ter que ser dito nada. Ele ordenou um ataque em grande escala ao Blood and Bite. Os irmãos comemoraram enquanto dobravam um após o outro, cada um lançando um punho erguido no ar em sinal de triunfo em direção a Kerrick antes de desaparecer.

O vazio súbito, o silêncio na sala o afetou. Ele amava a Fraternidade, as piadas, as torcidas, o sólido conforto da união masculina. Ele sentia a presença deles, mesmo quando desapareceram. Ele olhou ao redor da cabana caindo aos pedaços que fazia as vezes de sala de recreação, a tela plana quebrada e pendurada em um ângulo torto, os sofás de couro esfarrapados, chumaços de cuspe colados no teto, a mesa de bilhar que parecia que galinhas ciscando iriam aparecer a qualquer minuto, novas garrafas de Ketel One e Maker's e todas as outras bebidas preferidas dos guerreiros, agora espalhadas pelo bar.

Seus irmãos.

Quando ele olhou para Alison, ele soube que tudo iria mudar a partir deste momento em diante. Ele teria duas lealdades agora, mas a maior seria para esta mulher, à criança deles, à sua família.

— Então, você pode dobrar agora — disse Alison, mais uma vez.

Ele balançou a cabeça. Ele arrastou-a para seu lado, reunindo os braços em torno dela. Ela descansou suas mãos contra o seu arnês de armas e sorriu em seu rosto. Ele procurou o seu olhar. Eles estavam juntos e seu coração estava tão pleno. — Eu quero que você saiba o que eu quis dizer quando disse que não viverei minha vida sem você, sem nossa filha. Mas esses sentimentos são meus, meus desejos, minhas intenções. Quais são os seus? Porque tanto quanto eu desejo estar com você, eu não vou forçar a minha vontade. Eu nunca faria isso.

Conforme ela colocava a mão em seu rosto, seus olhos brilhavam. — Eu quero estar com você mais do que a própria vida e eu me recuso a viver separada de você. Então, eu tenho apenas uma pergunta que eu preciso fazer.

— E isso seria?

— Você pode me levar com você quando você dobrar?

Ele riu. — Eu não sei, mas estou certo como o inferno de que estou disposto a tentá-lo.

— Então faça isso, guerreiro.

Ele balançou a cabeça e com ambos os braços segurando firme Alison, mentalizou o pensamento.

Ele materializou-se um par de segundos mais tarde ao lado de sua cama, com Alison ainda em seus braços. Ela fungou duas vezes, em seguida, jogou os braços ao redor de seu pescoço e chorou.

Ele não estava certo de porque ela estava chorando por isso ele esperou. Ele acariciou seus cabelos, os ombros, as costas. Seu pescoço ficou molhado. — Eu só pensei — disse ela, finalmente, arrastando um fôlego em seus pulmões, — que isso nunca iria acontecer. — Ela suspirou e fungou um pouco mais. Ele sentiu um ligeiro movimento no ar. Oh, ela dobrou um lenço de papel, então assoou o nariz. — Mas eu não queria chorar. Estou tão feliz.

— Eu sei — disse ele, saboreando seu corpo pressionado contra o dele. — Eu te amo tanto. Eu não achei que conseguiríamos estar juntos, também. Parecia impossível, mas eu estou muito feliz por você estar comigo. Aqui. Agora. Você se sente tão bem em meus braços... guardiã. Minha maravilhosa terapeuta Guardiã.

Ela riu. Ele passou os braços em torno dela um pouco mais, depois a espremeu. Com os braços ainda enrolado no pescoço dele, ela o abraçou de volta.

Ele tinha a mulher dele onde ele a queria, em seu quarto, ao lado de sua oh-tão-grande cama. Ele a queria nua e entre os lençóis.

— Kerrick — ela murmurou, afastando-se, com as mãos acariciando seu bíceps. — O que mudou... para você, eu quero dizer? Por que você está bem com a ideia de nós estarmos juntos agora? Quer dizer, eu pude ver que algo estava diferente no momento em que retornou à caverna, mas o quê?

Ele olhou em seus olhos, seus belos olhos azuis com aros dourados e ainda molhados de lágrimas. Ele deslizou a mão por trás de sua nuca e com o polegar acariciou sua bochecha. Ele a amava muito. — Durante o tempo em que você foi para os campos de treinamento, eu me mudei para este quarto, o quarto que eu partilhei todos aqueles anos com Helena décadas atrás. — Ela virou um pouco e olhou para a cama. Ela suspirou e voltou seu olhar para ele. Ele continuou: — Eu ficava pensando sobre ela, sobre Helena, sobre os tipos de coisas que ela costumava dizer para mim, os argumentos que ela usou para me convencer a casar com ela. Ela era destemida, Alison. Mas mais do que isso, ela aceitou a sua morte, uma lição que eu precisava aprender, especialmente se eu quisesse estar com você, assim como ter uma vida compartilhada com nossa filha.

— Eu preciso que você entenda que a intuição de um Guerreiro para proteger é como, bem, ela é tão poderosa como o escudo que você projetou para derrotar Leto. Com essa intuição vem tanto a culpa como uma relutância em aceitar o fracasso.

Ela engoliu em seco. — Então, para você, a morte de Helena, e as mortes de seus filhos, foi um fracasso.

Seu coração se afundou. — Um enorme.

— Mas Kerrick...

— Não. Não tente aliviar a dor. Você não conseguiria e eu estou em paz com isso, eu realmente estou, mas eu não vou fingir que suas mortes não criaram um abismo entre você e eu. — Ele bufou um suspiro, suas mãos agora deslizando para cima e para baixo de suas costas. — A

verdade é que eu não poderia ter dado este passo com ninguém mais além de você, por causa dos poderes e das habilidades que você possui. Eu nunca poderia ter me casado com um ascendente como Helena novamente, porque eu sei em meu coração que os resultados seriam os mesmos. Ela teria morrido.

— É por isso que a nossa união parece tão milagrosa para mim e porque o breh-Hedden, chegando com você, parece como um milagre. Quem você é, com seus poderes e habilidades, é a razão pela qual eu posso dar esse passo hoje, a única razão. Nada menos teria feito qualquer sentido ou feito a nossa vida juntos possível.

— Então, eu encontro-me grata além das palavras por você. Para. Você.

Aqui ele fez uma pausa e deu um trêmulo suspiro. — Mesmo com tudo isso, no entanto, eu ainda precisava dar mais um passo, porque eu sei que, independentemente de seus poderes ou os meus, poderíamos errar um grau para a direita ou esquerda, se qualquer um de nós cometesse um erro de cálculo ou interpretação como o que ocorreu no palácio, então, assim rapidamente, o nosso tempo juntos terminaria. O que significa que outros, ou Deus nos ajude, a nossa filha teria de suportar os resultados da morte e separação.

— Então o que eu escolhi, ao invés de perdê-la, era deixar o meu fracasso ir, tanto quanto fui capaz, e abraçar o que me foi dado hoje. O que eu estou tentando dizer é que eu aceito a minha morte, bem como a sua e a da nossa filha, e que, apesar de meu medo da tristeza e sofrimento futuro, eu quero estar com você hoje, conhecer você, te amar, ter você na minha cama, compartilhando minha vida e ver crescer a nossa filha juntos.

Ele olhou para ela, querendo que ela soubesse o quão sincero ele era. Ela levantou-se e beijou-o. Ele espalmou o rosto dela novamente e beijou-a de volta. — Então, e você? — disse. — O que mudou para você?



Alison se esforçou para encontrar as palavras. Por um lado, ela ainda estava embrulhada em tudo o que ele acabara de dizer, as suas palavras eram um cobertor de conforto ainda composto por tais medos surpreendentes, confissão e aceitação, que ela estava sobrecarregada. Ela se perguntou o quão cuidadosamente ela pensou sobre sua própria situação. Mais lágrimas riscaram suas bochechas, para ele e para ela.

Ela as limpou com o tecido que praticamente se tornou um pedaço de barro na sua mão. Com uma dobra rápida, ela se livrou do nódulo e trouxe um tecido fresco até ela. Mais uma vez, ela assoou o nariz e enxugou seu rosto. Seus braços repousavam sobre o peito enorme, com os braços pressionados contra os sulcos do seu arnês de armas, o punho de sua adaga entre eles. Ela olhou para ele. — Eu não suponho que você pudesse perder este arnês.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Absolutamente. — A vibração tocou seus braços e no momento seguinte ela repousava sobre a pele nua. Ela deslizou seus braços ao redor de seu pescoço mais uma vez e pressionou seu peito contra o dele.

Murmurando a sua aprovação, seus braços em torno dela de novo, uma bendita gaiola de consolo e segurança.

Ela procurava as palavras para explicar. Ao final, ela começou. — A realidade de ter destruído o seu tórax e abdômen me destruiu, rasgou a minha confiança em pedaços. O último dia que eu estive com você no hospital, eu estava convencida que eu nunca poderia estar com você porque eu nunca poderia confiar em mim novamente.

— Estar nos campos de treinamento foi uma bênção, porque todos aqueles exercícios de campo, as horas no ginásio, a maratona exaustiva de corrida tendiam a bloquear a minha dor por estar separada de você. Mas uma vez no meu catre, naqueles poucos minutos que eu tinha antes da exaustão cair sobre mim como um tanque, meu coração voltava para você e todos os anseios e desespero voltavam com força total. Eu quebrava em suor e lágrimas que se derramavam dos meus olhos. Minha necessidade de você, de estar mais próxima de você como estou agora, todos os músculos do meu corpo tensos. Eu não posso nem começar a explicar como foi difícil.

— Então o sono vinha e eu começaria um novo dia. Mas a noite trazia o mesmo sofrimento, a mesma luta, e terminava do mesmo jeito que cada dia anterior, o meu corpo suando, tremendo, meu travesseiro úmido.

— Esta noite, no entanto, antes dos vampiros da morte aparecerem no quartel, eu estava fazendo a mim mesmo uma série de questões realmente difíceis, como por exemplo, não seria melhor se vivesse plenamente do que recuar em um poço de desespero, e recuar era o que eu estava fazendo a minha vida inteira. E sim, eu vou me dar algum desconto e dizer que era necessário na Terra Mortal, mas aqui, na Segunda Terra, desde que eu fui obrigada a combater Leto, algo dentro de mim mudou. Naquele momento eu vi o que eu possuía, o que me foi dado, a amplitude de meus poderes, mas mais do que isso, eu adorava que eu pudesse apenas ser eu mesma.

— Então, mais tarde, depois de eu ferir você, eu pensei que havia apenas uma escolha... recuar para dentro de mim mesma, para viver uma vida tranquila e relativamente obscura como eu tive na Terra Mortal, a fim de proteger a todos ao meu redor.

— Kerrick, eu não posso viver mais essa vida. Essa vida terminou. Isso é o que mudou. Eu quero viver sem medo, como Helena. Eu sei que tenho muito a aprender sobre os meus poderes, mas estou dando um basta ao desespero. Por outro lado, eu tenho que perguntar, você não tem medo de que eu possa te machucar de novo?

Ele balançou a cabeça, seus olhos esmeralda brilhando com amor. — O que eu venho tentando dizer é que mesmo se você se tornar, mesmo que involuntariamente, o instrumento de minha morte, eu estou bem com isso. Estamos em guerra e eu não tenho dúvida de que o inimigo já está planejando a próxima rodada de diversão para você, para mim, para meus irmãos, e para Endelle. — Fez uma pausa e beijou sua testa. — Nós vamos fazer o nosso melhor, você e eu. Deixaremos o resto nas mãos do Criador.

Alison sentiu a paz agora dominando os pensamentos de Kerrick, sua aceitação do que ele nunca poderia mudar, que a morte acontece, até mesmo a possibilidade de que a morte poderia vir através de seus poderes.

Para si mesma, ela rendeu-se a mesma possibilidade, mas cresceu nela a determinação de se tornar um estudante de suas habilidades. Pelo menos dessa forma ela poderia ganhar mais confiança no futuro.

Ela sentiu a ascensão no peito dele conforme ele tomava uma respiração profunda. Ela também sentiu o aumento da ansiedade. — O que é isso? — Perguntou ela.

— Você está pronta para isto, o breh-Hedden, quero dizer, e tudo o que pode implicar, conhecido ou não?

Ela respirou fundo. — Depois de tudo que nós passamos, não tenho dúvida que este é o caminho certo para nós dois. Ao mesmo tempo, é verdade, eu estou um pouco nervosa.

— Você quer atravessá-lo?

Ela balançou a cabeça e colocou a mão em sua garganta. — Então, você vai me tomar aqui.

Ele respirou fundo. — Oh, sim. — Suas pálpebras caíram conforme seu olhar deslizou sobre sua garganta. Cardamomo encharcou de repente o ar entre eles.

O tempero inebriante provocou arrepios súbitos sobre cada centímetro da sua pele. — Então o que eu faço?

Ele balançou a cabeça e deu-se uma tremida. — Bem, você vai tomar meu pulso, ao mesmo tempo. O breh-Hedden só pode ocorrer se tomarmos sangue, ao mesmo tempo.

Ela tocou os lábios e sentiu os incisivos alongarem com um simples pensamento. — Vou tomá-lo com as minhas presas — ela murmurou. — Uau.

— Exatamente.

Outro fluxo de arrepios e desejo atingiu suas costas.

— Doce lavanda — ele murmurou, inclinando e aproximando-se para sugar uma respiração rápida enquanto ele beijou sua testa novamente.

— Então, vamos unir nossas mentes enquanto estamos unidos fisicamente e assim completamos o breh-Hedden?

— Isso. E se os relatos históricos são verdadeiros, uma vez que concluirmos o processo, eu e você seremos capazes de encontrar um ao outro, mesmo sem telepatia. Nós vamos ser capazes de dobrar para junto um do outro a qualquer momento, em qualquer lugar.

Ela sorriu e beijou-o uma vez, um toque suave nos lábios. — Bem, isso seria algo.



Kerrick olhou naqueles olhos azuis, bordeados de ouro, que tinham o poder de mantê-lo escravizado sem precisar invocar um poder sobrenatural. Ela era a mulher para ele. Ele a amava. Ele a desejava. Ele precisava dela. O pensamento de ter essa comunhão com ela causou uma

vibração em suas trava de asas. Ele sempre se sentia fora de controle quando ela estava perto, como se ele realmente fosse liberar e expandir suas asas quando ele não queria.

— Eu estou sentindo seu perfume de cardamomo — disse ela. — Muito intenso. — Um rubor úmido rastejou sobre o rosto dela. Seus lábios ficaram mais inchados depois se separaram. — Então você não vai fazer nada sobre isso, guerreiro?

O desafio em suas palavras despertou a besta nele. Ele estreitou os olhos e rosnou, um som baixo que vibrava fortemente em sua garganta. Ele passou os braços em torno dela um pouco mais, em seguida, beijou-a, um beijo forte, um tipo não-me-provoque que ganhou seu gemido. Ele enfiou a língua entre os lábios dela. Ela o amamentou, o que trouxe outro rosnado surdo em sua garganta.

Ele a libertou, mas seu corpo tinha uma qualidade desossada que o fez sorrir. Em um movimento rápido, ergueu-a nos braços, em seguida, mentalmente rolou a colcha e os lençóis para o pé da cama de grandes dimensões. Instalou-a na cama, do jeito que ele queria que ela estivesse desde o início, seu longo cabelo loiro flutuando sobre os lençóis escuros.

Afastou uma de suas pernas, abrindo espaço para que ele pudesse mover-se entre elas. Ele se inclinou sobre ela, em seguida plantando as mãos de cada lado dos seus ombros. Ele olhou em seus olhos. — Então, você está pronta para isso, ascendida?

Ela respirou fundo e assentiu. — Sim — ela sussurrou, com as mãos mais uma vez agarrando o seu bíceps, acariciando para cima e para baixo.

Sustentando-se com uma mão, ele deslizou a outra sob sua fina camisa verde e fez círculos suaves na carne nua de seu estômago. Ela arqueou-se, contorcendo-se sob seu toque. Lavanda girava em ondas para cima de seu corpo, por todos os poros, até mesmo de seu hálito doce enquanto ele se abaixava e colocava seus lábios nos dela mais uma vez. Ele beijou-a em um provocante arrastar de lábios que trouxe suaves gemidos de sua garganta.

Ele recuou e olhou em seus olhos, os mesmos que o tentaram desde o primeiro instante, aqueles olhos requintados, com apenas um toque de ouro ao redor da borda da íris, olhos dela, os olhos de sua companheira. — Eu te amo tanto.

Sua mão deslizou até a nuca de seu pescoço. — Beije-me outra vez, guerreiro.

Atendeu-a por um longo tempo, saboreando os lábios úmidos, em seguida, os recessos de sua boca conforme a sua língua se dirigia mais profundo. Ela deslizou os dedos pelos cabelos dele.

Ele beijou sua bochecha, seu pescoço, em seguida, moveu-se para baixo para lambê-la em um longo deslizar até sua garganta. — Eu quero seu sangue — ele sussurrou, sua voz pouco mais que uma vibração rouca e profunda.

Uma vez mais ela espalmou a parte de trás do seu pescoço, pressionando. — Minha veia pulsa por você.

Ele lambeu e beijou a pele acima da veia dela. Ele podia sentir os poderosos impulsos contra seus lábios, o convite tão erótico. Ele já estava duro, mas o pensamento de afundar suas presas e tomar o que ele queria fez o desejo dar um tiro através dele como um raio. A cabeça de seu pênis doía pela liberação. Os braços acima dela tremiam com a necessidade. E eles mal começaram.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Jesus. Como diabos ele conseguiria terminar, quando ele poderia jurar que com apenas dois impulsos ele teria gozado?

Ele respirou fundo, seus dedos ainda provocando seu estômago. Ela gemeu e arqueou-se, seus quadris pressionando de volta para a cama depois para cima em direção a ele.

— Kerrick — ela sussurrou. — Eu quero você. Que tal você me deixar nua.

Ele assobiou enquanto se inclinava para trás. — Tão bom — ele sussurrou. Ele gemia enquanto suas mãos caíam para o primeiro botão da sua camisa. Ele poderia ter teleportado a roupa para fora dela, mas caramba, ele precisava de cada segundo deste precioso tempo com ela, mesmo que ele pensasse que a espera só poderia fazer explodir o topo de sua cabeça.

Ele levou um par de respirações profundas e roucas enquanto se desfazia da camisa dela. Ele seguiu a abertura de cada botão com seus lábios, uma quente polegada de cada vez. Ela arfava e se contorcia sob os tentadores e quentes toques de sua língua.

Uma vez que ele expôs seu sutiã, ele usou os dentes e cortou a maldita coisa em dois, saboreando o grito que quebrou atravessando seus lábios.

Conforme ele empurrava as rendas para longe de seus seios, seus quadris puxaram em uma única bombeada dura e mais uma vez sua trava de asas enviava uma vibração através de seu corpo. Ele colocou a mão na parte inferior do abdômen dela e desta vez dobrou para longe as calças verde-oliva. Ele olhou para baixo. Oh, Deus. Ela usava uma calcinha fio dental de renda preta e ele gemeu.

— Abra suas pernas.

Sua voz, Kerrick, ela enviou. *Oh, Deus, a sua voz, tão profunda.*

Ao mesmo tempo, ela abriu as pernas ao máximo da largura. Ele se estabeleceu entre suas coxas, mas de forma a não fazer muito contato. Ele iria perder-se se o fizesse, e ele precisava tomar o seu tempo.

Ele se inclinou sobre ela, movendo seus braços mais para baixos. Ele puxou seu seio esquerdo em sua boca e amamentou. Ela gritou, atirando os braços. Ela colocou os pés sobre suas nádegas. Ele mamou até que ela se contorcesse abaixo dele e pedisse mais. Suas mãos, mais uma vez encontraram seu cabelo. Ela agarrou, puxou, e torceu os dedos em seus cabelos grossos, seus quadris girando contra o seu abdômen.

Ele atendeu ao seu outro seio, chupando, lavando-o com a língua. Ela arfava suavemente, seu peito subindo e descendo em pulsos eróticos, gemidos que fluíam para fora de sua garganta enquanto ele continuava a saciar-se de cada mama, por sua vez.

Ela continuava chamando seu nome em sua cabeça, *Kerrick, Kerrick,* o que mais uma vez tornou-o louco.

Ele libertou seus seios e recuou. Ele não podia chegar muito longe, pois suas mãos estavam enterradas em seus longos cabelos de guerreiro ela não parecia querer deixá-lo ir. Seu rosto estava virado para o lado, as pálpebras fechadas, com as costas arqueadas, os quadris ondulantes, pontuando sua respiração no ar. Porra, sua travas de asas subiam e zumbiam. Ele podia sentir o familiar óleo brilhando na abertura, chorando. Como diabos ele pensava que conseguiria segurar suas asas?

Merda. Toda essa experiência só poderia conseguir matá-lo.

Ele desceu sua boca em seu outro seio mais uma vez. A sensação do mamilo frisado contra a sua língua... oh, Deus.

Seu perfume de lavanda agora inundava o quarto. Ela já estava perto do orgasmo e sua ereção latejava.

Ele fechou os olhos e se concentrou mais uma vez em cada respiração que dava. Ele jurou que, se seu coração fosse qualquer coisa mais fraco, a maldita coisa daria um empurrão duro e pararia de bombear completamente.

Sem perder contato com seu seio, ele dobrou seu kilt de seu corpo, bem como os protetores de pulso e sandálias. A cueca desapareceu também. As pernas, ainda envoltas em torno de suas nádegas, agora se uniam pele a pele.

— Isso é bom — ela murmurou. — Tão bom. — Ela gemia agora, profundos gemidos do fundo da sua garganta. Ele largou seu seio e se moveu para baixo de seu corpo, suas pernas liberando seu domínio sobre suas nádegas. Quando ele alcançou a junção de suas coxas, ele se inclinou e então, cuidadosamente, deslizou sua presa debaixo do lado esquerdo da sua tanga e rasgou, depois à direita. Com cada puxão, ela deu um gritinho.

Ele puxou o triângulo de renda para revelar seus belos cachos sob a luz. Seu pênis se contraiu. Suas travas de asas subiram. Ele acariciou-a delicadamente com as costas do seu dedo. Ela gemeu. Lavanda subiu em ondas inebriantes e agora, até o seu cérebro estava embriagado com o cheiro.

Ele precisava provar o gosto dela. Ele deslizou sua língua para baixo em sua fenda, mergulhando mais baixo, e arrastou-se sobre a entrada de seu núcleo.

Ela gritou. — Oh, Deus, Kerrick. — Ele sabia o que ela queria.

— Paciência — ele murmurou, sua voz rouca.

— Por favor. — Ela estava implorando pelo contato, duro contato.

Eu apenas tenho que ter mais um gosto, ele enviou, colocando seus pensamentos em sua mente. Ele lambeu profundamente desta vez. *Seu mel é como o céu.*

Kerrick. Por favor.

A respiração dela vinha em longos goles agora, os dedos ainda trabalhando através de seu cabelo.

Ele se esticou e fez contato com os olhos dela, com os joelhos entre as pernas dela abertas. Seus lábios estavam entreabertos, sua respiração rápida, cheia de suspiros e irregular. Ela olhou para ele, o seu olhar patinando sobre o rosto, ombros, peito, em seguida, caindo para sua virilha.

Ele pegou seu pesado pau na mão. Ela lambeu os lábios. Ele acariciou a si mesmo. — É isso o que você quer?

Ela balançou a cabeça. — Deus, sim.

Ele acariciou novamente. — Você quer que eu dê isso a você?

Seus cílios tremulavam. — Por favor. Agora. Com força.

Ele esticou e equilibrou a cabeça de seu pênis em sua entrada molhada e inchada. Quando ela gemeu e balançou os quadris, ele mergulhou dentro dela. Ela gritou, agarrando seus ombros, costas, cintura. Ele se inclinou sobre ela, seus antebraços repousando na cama.

Moveu-se dentro dela, seu pau já engatilhado. Ele se afastou, deu outro impulso para frente. Mais uma vez ele se concentrou em sua respiração. Ele estabeleceu um ritmo.

Ela olhou em seus olhos, as mãos já encontrando seus ombros. Lágrimas escorriam pelos lados de seu rosto e em seu cabelo. — Eu te amo tanto.

— Eu também te amo — ele sussurrou. — Oh, Deus. Você é tão apertada. — Ela arqueou o pescoço, o que fez seus quadris dar espasmos extremos, o que por sua vez o acariciou e caramba, ele quase gozou. Ele assobiou e respirou mais profundo.

Ela virou seu pescoço para o lado. — Tome de minha veia — ela exclamou, soltando seus ombros.

Ele não hesitou. Ele caiu para baixo em seu pescoço e mordeu-a com força, afundando seus dentes profundamente. Ela gritou.

Agora, tome do meu pulso, ele enviou.

— Sim — ela gemeu, seus quadris indo ao encontro de cada impulso de seu pênis.

Seu braço parecia adormecido, pesado, difícil de mover enquanto ele o posicionava sobre sua boca. Ela o agarrou com uma mão, levou-o contra a sua boca, então mordeu. A sensação de suas presas fazendo um ataque virginal a ele fez seu pau pular tudo de novo e suas travas de asas vibrarem. Maldição. Ele estava sendo puxado para fora em um milhão de direções diferentes de seu corpo.

Mas ele iria ter que segurar-se. Uma respiração mais profunda enquanto ele sugava em sua veia, puxando forte. Ele subiu nela agora enquanto ela amamentava de seu pulso.

O seu sangue, Kerrick, é como um vinho exótico.

Ele gemia, sugava, puxava para trás, respirava, então dava outro impulso.

O seu sangue, com sabor de lavanda, deslizava por sua garganta e seu poder florescia em seu corpo. Ele era uma máquina sobre ela agora, o seu membro trabalhando na profundidade dela, sua garganta engolindo seu sangue, os músculos em seus ombros, braços e costas ingurgitados, suas travas de asas em fogo. Muito fodido poder.

Alison, eu vou entrar na sua mente e depois você vai possuir a minha. Basta estar preparada... isso vai completar o breh-Hedden.

Ouviu-a respirar pelo nariz em um longo suspiro enquanto ela continuava a sugar o pulso.

Faça-o! Sua mente o incitou.

Com ele bombeando contra ela, conforme ele tomava seu sangue, ele pressionou sua mente contra a dela e sentiu-a ceder. Ele caiu dentro dela, invadindo seus pensamentos, vendo imediatamente quão perto do orgasmo ela estava. Um tornado de sensações moveu-se em torno dele, chicoteando o seu corpo em um frenesi.



Alison sentiu o orgasmo assentado no fio da navalha da sua consciência. O grande corpo batendo contra ela, bebendo de sua veia, penetrando sua mente, cujo sangue fluía para baixo em sua garganta, agora a possuía em todos os sentidos possíveis.

Ela gritou pela liberação, ainda se segurando na baía, segurando-se, restringindo-se, querendo que o momento durasse para sempre. Ela ofegou sobre seu pulso, sua boca ainda sugando como se ela sempre soubesse como tirar o sangue desta maneira. Ela ansiava pelo momento em que ela poderia tomar Kerrick no pescoço, e o pensamento enviava novas sensações borbulhando para cima de seu núcleo.

Ela sentiu a apreensão começar, no fundo, em torno de sua espessa e rígida presença. Ela não podia mais conter o que precisava ser liberado.

Você vai gozar, ele sussurrou no interior da sua mente. *Eu posso sentir isso.*

Profundos gemidos guturais se derramaram de sua garganta ainda que continuasse a tomar o seu sangue. Ela tentou avisá-lo, mas o orgasmo engoliu-a, preenchendo-a com o prazer que se espalhou como fogo desde a suavidade de sua fenda através de seu núcleo e crescendo como um gêiser poderoso através de seu corpo. Ela gritou contra o seu pulso, mas manteve o sugar do seu sangue em sua boca. Ao mesmo tempo, o poder dela rolou e atingiu Kerrick, que gemia muito alto em troca.

Oh, Deus, Alison. Estou tão perto. Seus quadris davam impulsos mais fortes e mais profundos enquanto ela o segurava com os seus apertados músculos. Ele continuava tomando seu sangue de seu pescoço, gemendo, em seguida, grunhindo. Um amontoado de palavras movia-se através de sua mente; *foda, linda, duro, como-um-punho, toque-me, oh, Deus... Alison.*

Sim.

Mova-se em minha mente. Agora. É isso.

Ela obedeceu ao comando, ainda ofegante sobre o seu pulso, o seu sangue como pequenas explosões em sua garganta. Mas conforme ele recuava de sua mente e ela movia-se para dentro da dele, Deus, como ela via a altura do seu prazer, como via seu amor por ela, um segundo orgasmo caiu sobre ela, estrias como um relâmpago sobre toda a sua sensível carne. Ela gritou. Seu poder rolou dela e bateu direto mais uma vez nele.

Então tudo mudou, se transformou. A súbita união que ela experimentou com Kerrick no meio deste momento profundo a atordoou. Ela sentiu todo o seu prazer. Ela sentiu o dele. Ela o sentiu tendo a experiência do prazer dela, no momento exato.

Como um, cada um liberou a veia da qual bebiam, o recuo das presas selando as feridas. Seu olhar preso ao dela enquanto o prazer inundava seu corpo, seu corpo, dele, dela. Deles.

Puta merda, ele murmurou dentro de sua cabeça.

Sem brincadeira.

Ele continuou empurrando, duro e rápido. Ela não conseguia desviar o olhar. Ela chegou ao orgasmo, a energia liberada e sua boca aberta. *Eu senti o seu prazer,* ele disse.

Eu sei. Eu posso sentir o que você sente. Inacreditável.

Ela sentiu a tensão nas costas dele.

Vou gozar, ele enviou.

Ela podia sentir a intensa adrenalina fluindo através de seu pênis, o prazer enorme de seu orgasmo enquanto ele bombeava contra ela a enchendo. Seu orgasmo continuou a inflamar o dela. Fogos de artifício iluminavam dentro de seu cérebro. Ela riu. Ela chorou.

Ele riu com ela, seu corpo ainda vibrando. *Oh, merda.*

O quê?

Mais uma vez, ele gritou dentro da mente dela. *Eu não sei como, mas eu vou gozar de novo.* Ela podia sentir isso tão certo, que ele estava se preparando, que por sua vez, tudo de novo acendeu nela.

Ao mesmo tempo, ela podia sentir a vibração e o expandir-se de suas travas de asas. Ele também viu a conexão e sabia exatamente o que ela queria fazer.

Não, ele protestou.

— Sim — ela sussurrou. Ela provocou a abertura sensível, deslizando seus dedos entre os cumes hipersensíveis entre cada desvão das travas ingurgitadas.

— Oh, Deus — ele gemeu.

— Apenas deixe ir, Kerrick, porque eu posso sentir isso também. — Ela começou a se contorcer enquanto seu prazer crescia, o que enviou seu prazer em disparada. Seu prazer, o prazer dela, deles. Jesus.

Dentro de sua mente, ela sentiu a tensão na parte inferior das costas dele, o aperto de suas bolas, o prazer se conduzindo pelo comprimento de seu pênis, em seguida, uma vez mais ao longo da carne tenra de sua fenda e riscando até seu núcleo.

— Eu posso sentir o seu orgasmo. — Puta merda.

Ela sentiu suas asas começarem a montar enquanto ele continuava a mergulhar dentro dela.

Não posso evitar.

O prazer de asas se montando, do seu orgasmo, do dela, do deles.

Oh. Deus.

Ela gritou. Ele gritou enquanto ele a enchia com sua semente. Estrelas explodiram em sua mente. Na dela. Ela levitou conforme suas asas os levavam para fora da cama, para o ar. Ela segurou seu pescoço, suas nádegas com as pernas. Ele segurou suas costas e nádegas. Ele resmungou com cada impulso, seus dedos suaves agora nas cristas das asas dele. Ele conseguiu, ainda crescente, embora lento, agora, uma pedra amorosa entre seus quadris enquanto ele os sustentava em pleno ar, o voo praticado ao longo de séculos.

Lentamente, ele arrastou suas asas mais perto de seu corpo até que sentiu a cama mais uma vez debaixo de suas costas. Ele respirou fundo várias vezes, e uma vez que ela ainda estava tão profundamente ligada a ele, ela sentiu seu corpo chamando as penas para trás, uma por uma,

absorvendo a intrincada malha, conforme os filamentos criavam a superestrutura. Hormônios de voo, similares aos hormônios sexuais, arrastavam-se através de seu corpo. Ela sentiu tudo isso.

Ele olhou em seus olhos. — Quão estranho é isto? Eu posso sentir os meus lábios e os teus. Eu sinto o meu prazer e os seu.

— Nosso.

Ele balançou a cabeça para trás e para frente. — A unicidade. — Ele deslizou as mãos para baixo sobre os braços dela até que ele trancou suas mãos juntas.

Ela suspirou. Ele a beijou. Ela suspirou novamente.

— Eu te amo — ele disse. — Eu amo estar tão perto de você, sentindo você de dentro para fora. Eu sabia que o breh-Hedden seria maravilhoso, mas eu com certeza não esperava isso. No momento em que se moveu pela minha mente, eu senti tudo o que você sentiu ao sentir tudo o que eu senti. — Suas pálpebras baixaram, e sua voz ficou rouca. — E eu posso apenas dizer, seus orgasmos são incríveis.

— Digo o mesmo.

Ele a beijou com força. Recuou. — Eu amo estar dentro de você. — Ele balançou-se dentro dela.

Ela gemeu. — Eu amo sentir você dentro de mim. — Ela moveu os quadris para senti-lo melhor. Ele gemia, e porque não o faria, uma vez que ele podia sentir a pressão sobre o corpo dela acariciando seu pau e como era bom sentir a ele.

Ela o beijou, amamentou-se com seus lábios inchados, respirou o feroz perfume de cardamomo que cobria a sala. — Eu amo como você cheira. — Ela colocou o nariz junto à seus espessos e musculosos ombros e respirou, em seguida, lambeu sua pele.

Ele acariciou seu rosto e olhou nos olhos dela. Ele suspirou. — Estou saindo da sua mente agora. Ok?

Ela balançou a cabeça. Retirou-se lentamente até que sua mente se separou da dela, mas ela não se sentia abandonada como acontecera antes.

Uma sensação estranha percorreu sua cabeça, um estranho tipo de consciência. Mesmo que ele não estivesse mais em sua cabeça, ela podia sentir a sua localização, a forma como seu estômago se sentia pressionado em seus quadris, a maneira como seus antebraços mergulhavam no colchão ao apoiar o seu torso, a maneira como seus lábios se sentia quando ele sorriu seu sorriso torto. Ela tocou seus lábios com a ponta dos dedos. Ela o beijou e pôde sentir seus lábios beijando de volta.

— Isso é estranho. Eu ainda posso sentir você, mesmo que você não esteja mais em minha mente.

Ele inclinou a cabeça. — Você está certa. Huh. — Ele se inclinou e beijou-a, em seguida recuou. — Eu posso te sentir também, mas apenas o exterior de você, a sua cabeça contra o colchão, os dedos no meu cabelo, você gosta do meu cabelo, não é?

— Eu amo o seu cabelo.

Ele a beijou novamente. — Sim, eu posso te sentir.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Neste momento os dedos em seu pé esquerdo estão esfregando o lençol para frente e para trás muito lentamente.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Então, é verdade. — Ele fez uma careta e depois sorriu. — E eu posso sentir o que as almofadas de seus polegares fazem você sentir quando você esfrega meus bíceps.

Ele pegou sua mão e levantou os dedos à boca. Ele beijou cada um. — Adoro o seu cheiro. Mm. Lavanda.

— Cardamomo. — Ela sorriu.

Ele permaneceu dentro dela por um longo tempo, seu peso fixando-a ao colchão, ancorando-a a sua nova vida. Ela deslizou um braço sobre os ombros enormes, e com a outra mão ficou enterrada em seu longo cabelo.

Ele esfregou o pescoço. Acariciou seus braços suavemente.

Você é minha, ele sussurrou suavemente através das vias inundadas de euforia em seu cérebro. *E eu lutarei com tudo o que eu tenho para ficar vivo e para mantê-la segura. Você sabe disso, certo?*

Com todo meu coração.

Depois, embrulhada em seus braços, em um casulo quente de amor, um grande amor, um amor profundo, ela caiu em um sono profundo.

O sonho veio novamente. Ela flutuava com suas asas enquanto voava sobre o Lago White, seu lago, o lago que agora protegia como uma Guardiã da Ascensão. Ela sentia uma presença, um aviso de mau agouro, que eriçou todos os cabelos na nuca de seu pescoço.

Ela deslizou e na distância viu esquadrões de vampiros da morte vindo em direção a ela. Ela estava prestes a desistir e dobrar, seus pensamentos cheios de sua necessidade de chegar a Kerrick, mas antes que ela mentalizasse o pensamento, Kerrick apareceu na frente dela, suas estruturas de voo e em plena potência, uma espada em cada mão, as suas penas brancas douradas pelo sol da manhã cedo. O brilho da sua presença assaltava sua fala. Ela já não podia ver a aproximação dos vampiros da morte; nem mais os temia. Seu guerreiro voava como sua salvaguarda.

O lago mais uma vez chamava por ela, e ela baixou os dedos na água e olhou para cima para ver o brilho azul da roda da Terceira Dimensão acima dela, chamando, chamando, chamando. Ela sentiu um puxão em sua mão e quando ela olhou para a esquerda para ver quem era, Havily estava lá, sorrindo para ela.

O anseio voltou com força total. Ela virou o seu olhar de volta para o vórtice azul. Ela tentou se erguer, mas ela não podia, mesmo que ela sentisse Havily incentivando-a a tentar.

Ainda não, mas em breve, a voz do homem falou dentro de sua cabeça.

Quando ela acordou com o braço de Kerrick em torno dela, ela pensou no sonho e no que isso significaria para o futuro. Ela não sabia exatamente, mas confiava que o tempo iria revelar o que ela precisava saber. Ela arrastou o braço dele apertado em seu peito e o abraçou. Ele moveu-se um pouco em seu sono, seu grande corpo de guerreiro era um escudo ao redor dela, agora e para sempre.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Palavras suaves vieram a ela, um sussurro do fundo de sua alma, tão profundo que ela em princípio não o ouviu, mas eles se repetiram, falados na mesma voz masculina, guardando os sonhos de Havily.

A paz garante futuros,
Na resolução do passado.
Provérbios Coletados, Beatrice da Quarta

CAPÍTULO 25

Na manhã seguinte, Alison dobrou ao escritório de Endelle no complexo e no primeiro instante parou atordoada fora do grande edifício em forma de pirâmide cuja estrutura era embelezada com exuberantes jardins suspensos em todos os andares. Este realmente era um mundo novo, um em que ela esperava que fosse capaz de explorar, um onde a horticultura era valorizada como uma forma de arte.

Ela entrou no prédio junto com uma variedade de tipos administrativos e executivos. Ela pegou o elevador para o piso superior.

SWWL - ALTA ADMINISTRADORA SUPREMA DA SEGUNDA TERRA, impresso em letras de ouro absurdamente grandes em uma longa borda das janelas de vidro.

Brega, Alison pensou.

Mas muito típico.

As portas abriram com um leve agito, e conforme ela cruzava o limiar foi consciente do tremendo caos. Um mar de mesas se espalhava na frente dela, todas ocupadas, todas afundadas sob o peso de montanhas de papel. Não havia plantas a vista, nenhuma cor nas paredes, não havia imagens de membros da família. Ela pensou no clássico filme, Como Eliminar Seu Chefe.

Atrás dela, montes de papeis estavam empilhados em todos os lugares, dando ao ambiente o aspecto de uma usina de reciclagem, fazendo um trabalho muito pobre.

Mesmo assim, ela podia sentir uma excitação elétrica no ar e perguntou-se o que estaria acontecendo.

Quase como um, a brigada de assistentes administrativos, masculinos e femininos, subiu em uma súbita onda e iniciou uma série de aplausos em sua direção. Ela se virou para ver que classe de dignitário havia chegado, talvez até um dos guerreiros, mas ninguém estava lá. Voltou-se ao redor e encontrou todos os olhos sobre ela. Oh. Os aplausos eram para ela. Ela não poderia ter ficado mais espantada. Nem pôde evitar um rubor aquecendo suas bochechas.

Ela colocou uma mão sobre o peito e respirou fundo. Ela se esforçou para manter as lágrimas dentro dos seus olhos inundados. Fazendo um pequeno ondear com a outra mão e sorriu, não muito certa do que mais poderia fazer.

Assobios se seguiram. O aplauso ficou mais alto. Executivos de vários outros escritórios abriram as portas e se uniram a ovação.

Um assistente, uma mulher, com cabelos castanhos encaracolados, aproximou-se dela. A jovem acalmou a todos com as duas mãos levantadas. Ela virou o rosto para Alison. — Temos estado ansiosos pela sua chegada, ascendida Wells. Queremos dar as boas vindas a Segunda Terra e aos nossos escritórios. Desejamos toda sorte e bênçãos enquanto você servir a Madame Alta Administradora Suprema. Mais uma vez, bem-vinda.

— Muito obrigada.

Os aplausos começaram mais uma vez, trovejando por um longo tempo e só parou quando Madame Endelle apareceu no final do corredor à esquerda. A ligeira eriçada de suas asas enormes, douradas desta vez, mandou todo mundo de volta ao trabalho.

Uma vez que ela reconduziu sua equipe, ela se dirigiu Alison, — Bem, eu com certeza espero que você esteja pronta para isso. — Ela puxou suas asas abruptamente em suas travas de asas, um movimento que causou uma brisa que fluiu sobre Alison bem como um leve perfume animal. Oh, ela usava uma saia de listras verticais, parecido com algum tipo de pele animal, todas costuradas uma ao lado da outra, parecido com... guaxinim, talvez?

— Podemos então começar. Pegue isto.

Ela acenou com a mão e uma arcaica prancheta de estenógrafo junto com uma caneta apareceu no ar na frente de Alison. Ela os agarrou quando eles começaram a cair, então riu. Sua Supremacia não ouviu falar de um laptop?

Ela a conduziu por um longo corredor de escritórios para uma enorme suíte executiva no final. Com peles de zebra espalhadas pelo chão, o aposento refletia uma parte essencial da personalidade única de Endelle. Uma laje maciça de mármore branco formava o tampo da sua mesa e estava apoiada sobre... presas de elefante?

— Mamute — disse Endelle. Ela caiu em sua cadeira negra coberta com o que parecia ser um couro de cavalo Appaloosa[14]. Ela estreitou os olhos para Alison. — Agora, vamos deixar uma coisa clara. Eu estou no comando e haverá um monte de papelada e questões jurídicas para resolver antes de ser concedido a você o status de Guardiã. Por isso nem sequer pense em elevar sua voz comigo ou em fazer mais nenhuma fodida exigência. Você vai fazer o que for dito por um bom tempo.

— Sim, Madame Endelle.

Alison não poderia se queixar. Ela tinha o que mais desejara, um lugar em uma sociedade que aceita a gama de poderes bizarros que ela esgrimia, e um muito gostoso e vampiro de verdade como namorado que adorava fazer amor com ela, tomando o seu sangue, e explorando sua mente. Ela ainda cambaleava ao acordar esta manhã com o seu corpo acariciando o dela, em seguida, sua língua fazendo essas coisas... bem, melhor ficar focada no trabalho que tinha em mãos.

— Não. Vá em frente — disse Endelle, tendo claramente mergulhado em sua mente. — Eu acho que você acabou de completar o meu dia.

---

[14] *Tipo de pelagem de cavalo. Também conhecidos como cavalos pintados, pela herança genética de cavalos primitivos, visto a primeira vez em imagens rupestres.*

Alison guardou seus pensamentos, bloqueando-os a fim de manter sua vida privada, privada. Ela colocou em sua mente uma lembrança mundana de outras coisas que fizera, como colocar copos na máquina de lavar louça pela manhã. Primeira linha. Lado direito.

Endelle revirou os olhos. — Você não é tão divertida.

Pratos empilhados no fundo. Precisamos de mais café desde que Kerrick prefere o seu tão forte que parece lama. Talvez comprar uma segunda cafeteira para mim. Gostaria de saber como são os supermercados aqui na Segunda Terra. Acho que trazer flores para casa esta noite.

— Basta — Endelle exclamou. — Você vai me entediar até mandar-me a sepultura se continuar com isso.

Alison sorriu. Ela estava agradecida, cheia de gratidão até a borda pela sua nova vida. Ela estava feliz por estar em frente a Aquela-Que-Deve-Viver. Não, ela não poderia se queixar, e agora, se Endelle o perguntasse, ela cairia de joelhos e beijaria os pés da mulher.

Os risos de Endelle encheram a sala. — Isso não será necessário — disse ela. Ela trinou sua risada novamente. — Tudo bem, vamos falar sobre o que eu espero de você.

Alison sentou-se à sua frente e ouviu. Aquela Que Deve Viver falou longa e eloquentemente sobre a natureza de seus deveres, que cobria tudo, desde buscar Starbucks da Terra Mortal até visitar Altos Administradores ao redor do globo. — E eu quero que você ensine aqueles idiotas nos campos de treinamento como jogar uma boa explosão de mão. Em tudo e por tudo, eu estou feliz que você veio, Alison. Espero que não tenha que dizer o quão importante é que nada do que eu diga a você a partir deste momento deixe nem essa sala e nem a sua mente. Você entende?

— É claro — disse Alison.

Endelle formou um escudo ao redor de ambas e em seguida, espalmou as mãos sobre a mesa. — Agora, vamos falar sobre Leto.



Naquela noite, Kerrick sentou-se no balcão do Blood and Bite, a música desligada por enquanto, as luzes sem piscar. Apenas alguns casais se movimentavam na pista de dança fingindo que a música ainda estava tocando.

Ele usava seu equipamento de voo, pronto para o trabalho da noite. Ele compartilhou o jantar com Alison, então compartilhou o seu corpo, mas antes que percebesse, ele estava de volta aos seus deveres como um Guerreiro de Sangue.

Ele mal tocou seu Maker's. Todos os seus irmãos se reuniram em torno dele, mas ninguém fez a pergunta que queimava no ar, tanto menos enviar anéis de fumaça até o teto.

As palavras não seriam suficientes de qualquer maneira, então ele estendeu seu braço direito e torceu-o de forma que o ferimento em seu pulso fosse visível.

— Puta merda — Luken murmurou.

— Então, você fez — exclamou Zacarias.

Santiago deu um tapa no ombro de Kerrick. — Caralho.

— É isso aí — respondeu ele. Ele balançou a cabeça. Tentou pensar o que diabos dizer a eles. Mesmo agora, ele sabia exatamente onde Alison estava... na cozinha esvaziando a máquina de lavar louça, e... ela estava cantando.

Ele suspirou.

Uma ondulação de tensão passou pelos homens. Corpos se mexeram, copos estalaram para baixo sobre o balcão. Sam moveu as garrafas para frente e para trás, recarregando copos conforme necessário. Fogo desceu pelas gargantas.

Ainda assim, os guerreiros não se afastaram dele, então ele sabia que precisava dizer algo para aliviar a intensa curiosidade. Ele abriu a boca para falar, mas as palavras falharam. Ele fez um gesto com as palma para cima e as sobrancelhas levantadas. Ele franziu a testa, fez uma careta, balançou a cabeça. Ele se sentia compelido a dizer algo a eles, mas o quê?

Paraíso, no entanto, parecia ser uma palavra muito pequena. Êxtase diminuía o sentido. Extraordinário era... bem... apenas comum demais.

Finalmente, ele disse a única coisa que fez qualquer tipo de sentido ou pôde explicar o quão completo a experiência foi para ele. — Pela primeira vez em cerca de 200 anos, eu dormi... por oito horas seguidas.

Corpos se mexeram mais uma vez, maldições sussurradas quebraram o silêncio no ar, ombros caíram, e recomeçaram os suspiros.

— Dormir — Thorne murmurou. — Bem, isso é realmente algo.

— Não me diga — Medichi ecoou.

— *Merde* — Jean-Pierre afirmou sucintamente. — Eu mataria por tantas horas de sono, todas ao mesmo tempo.



Duas manhãs mais tarde, logo após o amanhecer, após Kerrick estar em casa depois de uma noite de luta por completos vinte minutos, Alison estava reclinada na cama, os dedos enroscados novamente em seu cabelo. Ele fez amor apaixonadamente com ela e ela estava além de saciada. Ele não foi paciente o suficiente para permitir o completo breh-Hedden, mas ela suspeitava que cumprir a amplitude do ritual seria guardado para ocasiões especiais ou, no mínimo, quando a urgência, o tempo, ou a fadiga não fosse um fator a considerar.

Ela deu uma risadinha quando ele começou a beijar seu estômago, costelas e barriga enquanto ao mesmo tempo conversando com sua filha.

Ele olhou para ela. — O que você acha de Lucy? Poderíamos chamá-la Lucy.

— Por que você está pensando em nomes quando ela ainda é apenas uma bola de células replicantes?

— Porque ela é a minha bola de células replicantes e é claro que eu estou pensando em nomes. — Ele beijou sua barriga, em seguida, deu uma pequena mordida em uma das suas costelas, o que a fez se contorcer e rir um pouco mais. Ele continuava espalmando seus seios nus e ocasionalmente trocava de posição para deslocar-se e beijá-la profundamente entre as coxas, então ela suspeitava, desejava, que ele fizesse amor com ela novamente antes de adormecer durante o dia.

— Então o que você pensa sobre Lucy? — ele pressionou novamente.

Alison sorriu. — É uma ideia. — Ela torceu os dedos um pouco mais pelos seus longos cabelos de guerreiro.

— Como você pode não gostar de Lucy?

— Lucy é um nome perfeitamente adorável — afirmou.

— Mas você não está realmente comprando a ideia.

Ela suspirou. Por algum motivo ele queria que a questão do nome de sua filha fosse resolvida agora.

Alison tinha uma ideia completamente diferente, mas ela se sentia nervosa sobre levantá-la já que não fazia ideia de como ele iria recebê-la. Ela temia que o nome que ela realmente queria para sua filha fosse abrir velhas feridas em vez de prestar o respeito e a honra, o legado, que ela pretendia.

Ele se voltou para o seu estômago e ficou muito perto. Ela pensou que ele queria beijá-la novamente e se preparou para desfrutar de seus lábios em seu abdômen mais uma vez. Em vez disso, ele se dirigiu à impetuosa bola de células.

— Lucy — disse ele, aprofundando a sua voz em uma imitação realmente miserável de Darth Vader. — Eu sou o seu pai.

Alison gemeu. Herbreh era tão fodidamente insistente. Um terrível, maravilhoso, sexy, ascendido, vampiro teimoso. Quem poderia adivinhar?

Ele beijou sua barriga, em seguida, olhou para ela. — Então você não está votando pela Lucy.

Desde que ele não iria deixar o assunto passar, ela disse: — Na verdade, eu tenho outra ideia.

Ele estreitou os olhos. — O que está acontecendo? Sua frequência cardíaca aumentou. Você está preocupada com o que vai me dizer?

Ela balançou a cabeça, em seguida, disparou. — O que você acharia se chamássemos a nossa filha de Helena?

Ele piscou. Seus lábios se separaram. — Você quer que a nossa filha tenha o mesmo nome da minha segunda esposa?

Ela causou aflição a ele. Ela podia sentir isso. Ela se estendeu até ele, então, com os dedos em concha pegou o rosto dele com ambas as mãos. — Deixe-me explicar. Helena deu sua vida para estar com você, para dar bem estar. Conhecendo o que você passa, o que todos os seus irmãos guerreiros passam, eu sou extremamente grata a ela por estar com você todos aqueles

anos de sua vida. Eu gostaria que a nossa filha tivesse esse tipo de coração, este tipo de enorme coragem.

Ele pegou sua mão e beijou sua palma, um beijo longo e demorado. Ele olhou para ela, seus olhos de esmeralda cintilavam. — Você me surpreende — ele sussurrou. *Tão generosa*, viajou de sua mente até a dela. — Batizar nossa filha de Helena iria honrá-la, e nada me agradaria mais. Obrigado, Alison. Sou muito grato. Muito, muito, muito grato.

Novamente, ele beijou a palma da mão dela.

Ela olhou para a cabeça inclinada do Guerreiro sobre a sua mão. Ela o amava com todo seu coração, sua mente, sua alma.

Ela era a sua companheira.

Ela seria para sempre sua companheira.



Mais tarde, quando Kerrick adormeceu, Alison deixou o delicioso calor da cama do seu guerreiro, agora cama dela, pegou o seu novo iPhone, em seguida, mudou-se para a varanda, que dava para um enorme gramado rolando à distância. No outro extremo, à sombra de dezenas de árvores, montes enormes de madressilva estavam vivos com pardais voando para todos os lugares e conversando como loucos. O amanhecer havia quebrado sobre o Vale do sol.

Seu coração batia em pouco irregular conforme ela teclava os números para chamar sua irmã.

A voz melódica de Joy exigia saber se ela ainda estava no México.

México?

Não exatamente.

Alison envolveu seus braços ao redor do estômago enquanto lágrimas corriam de seus olhos. Ela virou-se ligeiramente para olhar na direção da cama.

Kerrick estava de costas, um braço enorme com os músculos agrupados estava jogado sobre sua cabeça, seu largo tronco nu da cintura para cima. Seu pescoço estava ferido, onde ela tomou de sua veia no dia anterior. Ela definitivamente precisava de mais prática, mas ele não estava reclamando.

— Joy — ela sussurrou, não querendo acordá-lo. — Eu precisava ligar para que você saiba...

— O quê? — Joy respirava forte, com a voz baixa também. — Diga-me, diga-me.

— Eu encontrei alguém.

Guinchos explodiram do outro lado do telefone. — E... e você fez? Quero dizer que você teve relações sexuais e que ficou tudo bem? Ninguém se machucou?

— Ninguém se machucou — ela repetiu. — E você estava tão certa. Ele é forte, muito forte, e ele pode lidar com todas as minhas estranhas forças e habilidades.

Joy gritou novamente. A voz abafada de Ryan soou no fundo. — Está tudo bem?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Lissy conheceu um homem.

— Isso é bom, mas oh, graças a Deus. Eu pensei que o cano do banheiro havia quebrado de novo.

— Quieto. Volte a dormir. — Voltando ao telefone, Joy mais uma vez falava em voz baixa. — Então ele é um fisiculturista ou o quê?

Ou o que, era a resposta.

— Não exatamente um fisiculturista.

Agora... agora para explicar sobre vampiros, asas e o mundo dimensional da ascensão.

Fim

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e eventos retratados neste romance são ou produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente.



** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.